

**MAPEAMENTO MUNDIAL DE TRADUÇÕES DO
POEMA "THE RAVEN" DE EDGAR ALLAN POE:
UM ESTUDO PRELIMINAR (1853-2017)**



PRIMEIRA EDIÇÃO

HELICLEVER BARROS DA SILVA VITORIANO

ANDRÉ LUÍS GOMES

SIDELMAR ALVES DA SILVA KUNZ

**HELCICLEVER BARROS DA SILVA VITORIANO
ANDRÉ LUÍS GOMES
SIDELMAR ALVES DA SILVA KUNZ**

**MAPEAMENTO MUNDIAL DE
TRADUÇÕES DO POEMA “THE
RAVEN” DE EDGAR ALLAN POE:
UM ESTUDO PRELIMINAR (1853-
2017)**

1ª edição

**Brasília-DF
Helciclever Barros da Silva Vitoriano
2017**

O teor deste livro foi comunicado em forma de artigo científico resumido e será publicado na *Revista Intercâmbio dos Congressos Internacionais de Humanidades (XX Congresso Internacional de Humanidades)*, ocorrido na Universidade de Brasília nos dias 17 a 20 de outubro de 2017. Cf. Disponível em:

<http://unb.revistaintercambio.net.br/sys/principal/lo18C.php?pag=:revistaintercambioA;paginas:index>.

Acesso em: 22 out. de 2017. Dois quadros de informações sobre a relação do poema “The Raven” com as artes e especificamente com o cinema também foram apresentados por Helciclever Barros da Silva Vitoriano na de forma de Comunicação Oral e submetido como artigo de Anais do *Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura, Literatura e Linguagens: Novas topografias textuais* da Universidade de Passo Fundo/RS de 4 a 6 de outubro de 2017, no bojo do artigo de minha autoria “O *Nevermore* sobrevive: uma releitura cênico-fílmica de Paulo Biscaia Filho”. Cf. Disponível em: <http://www.upf.br/uploads/Conteudo/jornada/seminario-internacional/relacao-comunicacoes-confirmadas-27-09-2017.pdf>. Acesso em: 16 out. 2017.

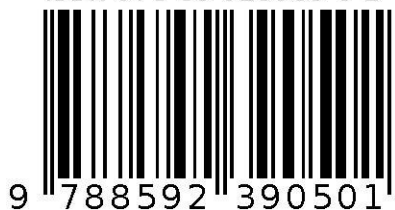


Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/).

A referida Licença não se aplica às traduções em domínio público que foram dispostas como anexos desta obra.

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-923905-0-1



Esta publicação não pode ser vendida. Distribuição gratuita.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Vitoriano, Helciclever Barros da Silva
Mapeamento mundial de traduções do poema “The Raven” de
Edgar Allan Poe: um estudo preliminar (1853-2017) /
Helciclever Barros da Silva Vitoriano, André Luís Gomes,
Sidelmar Alves da Silva Kunz. -- Brasília, 2017.
517 f.

ISBN: 978-85-923905-0-1

Orientador: André Luís Gomes.
(Literatura e Práticas Sociais) -- Universidade de Brasília, 2017.
1. Literatura. 2. Literatura Comparada. 3. Tradução. 4.
Poesia norte-americana. 5. Bibliografia. I. Gomes, André Luís.
II. Kunz, Sidelmar Alves da Silva. I. Gomes, André Luís. II.
Título.

CDU 82

Catalogação na publicação: Helciclever Barros da Silva Vitoriano

Dedicatória

*À Sandra dos Santos Vitoriano Barros, esposa para todas as horas, um amor sem fim,
eternamente feliz por viver contigo,
Ao meu Heitor Barros Vitoriano, herdeiro do que sou,
À minha querida mãe, Enedina Alves da Silva, de quem tudo herdei,
À toda minha família
Às escolas públicas do DF, em especial a Escola Classe 35, Escola Classe 40, Escola
Classe 39, todas da Ceilândia, ao Centro de Ensino Fundamental 09 do Gama,
Centro de Ensino Fundamental 04 do Gama, Centro de Ensino Médio 01 do Gama
(CG),
À Universidade de Brasília (UnB)
A todos os meus professores, com enorme afeto e gratidão.
Ao meu querido Orientador de Mestrado e de Doutorado, André Luís Gomes.*

A Edgar Allan Poe
In memoriam

Agradecimentos

Agradecemos especialmente a todos os amigos que realizaram, em momentos diferentes, leitura crítica deste trabalho, e que para não esquecer algum deles, preferimos não nomeá-los, pois sabem que estamos eternamente gratos. Também agradecemos o esforço de todos os pesquisadores do presente e do passado, legado investigativo que em parte está contemplado neste trabalho.

Prefácio

Sem dúvida o mapeamento de traduções do poema “The Raven” de Edgar Poe realizado pelos pesquisadores brasileiros Helciclever Barros da Silva Vitoriano, André Luís Gomes e Sidelmar Alves da Silva Kunz é uma contribuição ímpar para os estudos de tradução poética, assim como para os estudos comparativos literários em geral. E em razão da exuberante lista de tradutores estelares que emprestaram sua pena e esforço na conversão deste texto poético para suas línguas maternas, certamente o alcance de novos olhares e pesquisas comparadas superam os campos poético e mesmo literário, dada a relevância de “The Raven” para o diálogo entre artes como bem anotam os investigadores.

O que impressiona nesse levantamento invulgar realizado pelos pesquisadores é ousadia de colocar face a face o cânone tradutório do poema em mesmo patamar de outras traduções inovadoras, subversivas e mesmo as menos monitoradas como é o caso das que se fazem como exercício criativo em blogs da internet. O juízo crítico das qualidades das traduções cedeu lugar ao rol aberto de tradutores, traduções e retraduições. E isso se deu inclusive por questões de ordem linguística, afinal, quem poderia alegar ser exímio leitor, escritor ou tradutor em mais de cinquenta línguas? Os estudos literários brasileiros carecem de tais levantamentos bibliográficos, pois estes estudos são basilares para outras incursões. Da síntese retorna-se à análise e à crítica. A defesa dos autores de que “The Raven” é o texto poético mais traduzido do mundo, diante de um volume de mais de 700 traduções, é bem difícil de ser contestada, principalmente diante de tão robusta e exaustiva comprovação de referências. Os tradutores brasileiros, como vimos ao longo do texto, são absolutamente obcecados por este poema de Edgar Allan Poe e nesse aspecto eles filiam-se a outras tradições culturais que nutrem igual fascínio ao corvo. Certamente esse trabalho realizado com esmero orgulha a comunidade acadêmica e os fanáticos leitores de Poe, que terão acesso conjunto a informações do poema que tanto amam. Mesmo sem conhecer a maioria das línguas dos tradutores, é fantástico sentir a poesia vibrando em tantas línguas, formas poéticas, metáforas, sons e ritmos. Seguramente Edgar Allan Poe se alegraria ao ver reunida toda essa legião de guardiões de sua obra poética mais soturnamente iluminada. Seguindo os passos de Auguste Dupin, os autores desta fenomenal investigação agiram como detetives em busca das melhores e mais confiáveis fontes para o edifício de traduções que levantaram, obcecados em localizar o máximo de corvos para enriquecer esse belo mapa ornitológico, corvino.

Dr. André Luiz de Souza Filgueira
Brasília, Primavera de 2017.

Sumário

Introdução	12
1 Capítulo Primeiro: Estudo preliminar e delimitação metodológica	15
2 Capítulo Dois: breve análise dos achados sobre as traduções	21
3 Referências (em ordem alfabética por línguas)	25
3.1 Em Inglês	25
3.2 Em Português	27
3.3 Em Francês.....	31
3.4 Em Italiano	34
3.5 Em Corso.....	36
3.6 Em Espanhol	37
3.7 Em Galego.....	44
3.8 Em Alemão.....	44
3.9 Em Estoniano	46
3.10 Em Azerbaijano.....	46
3.11 Em Ucrâniano.....	47
3.12 Em Búlgaro	47
3.13 Em Russo	47
3.14 Em Islandês	48
3.15 Em Finlandês.....	48
3.16 Em Norueguês	48
3.17 Em Sueco	48
3.18 Em Dinamarquês	49
3.19 Em Holandês	49
3.20 Em Húngaro	49
3.21 Em Tcheco	50
3.22 Em Eslovaco.....	51
3.23 Em Polonês.....	51
3.24 Em Lituano.....	52
3.25 Em Árabe	52
(Egito)	52
(Iraque).....	52
(Arábia Saudita)	52
3.26 Em Turco.....	52

3.27	Em Persa-Farsi	52
3.28	Em Latim.....	53
3.29	Em Bretão.....	53
3.30	Em Gaélico-Escocês.....	53
3.31	Em Coreano.....	53
3.32	Em Basco	53
3.33	Em vietnamita	53
3.34	Em Grego	54
3.35	Em Esperanto	55
3.36	Em Letão	55
3.37	Em Macedônio	55
3.38	Em Croata.....	55
3.39	Em Sérvio.....	55
3.40	Em Esloveno	56
3.41	Em Albanês	56
3.42	Em Catalão	57
3.43	Em Yiddish.....	57
3.44	Em Chinês (ou sobre traduções chinesas)	57
3.45	Em línguas da Índia.....	57
3.46	Em Romeno.....	58
4	Principais sites da internet consultados.....	60
5	Apêndices	62
5.1	World Map of Translations of “The Raven” (Style “Midnight view”)	62
5.2	Distribution of translations of “The Raven” by Countries and Languages	63
5.3	Distribution of translations by quantity and countries	65
6	Quadro com as principais traduções brasileiras e transcrições de “The Raven” (em ordem cronológica).....	67
7	Traduções Brasileiras	67
8	Traduções Portuguesas de “The Raven”.....	69
9	Quadro – Traduções de “The Raven” para as demais línguas	70
10	Transcrições/<i>Transpoetizações</i>/<i>Adaptações</i>/<i>Intertextos</i> com <i>The Raven</i> – em várias línguas e gêneros.....	83
11	Traduções paródicas russas.....	84
12	Imitações fraudulentas (plágios)	85
13	Informações e alusões de possíveis tradutores de “The Raven” a serem confirmadas	85
14	Quadro – “The Raven” no cinema/audiovisual.....	91

15	Anexos	95
16	Traduções de “The Raven” em Domínio Público	95
17	“The Raven” by Edgar Allan Poe	96
18	Traduções de “The Raven” em domínio público	99
18.1	Tradução: Machado de Assis (1883).....	100
18.2	Tradução: Américo Lobo (1882).....	105
18.3	Tradução: Venceslau De Queiroz (1885).....	109
18.4	Tradução: Fontoura Xavier (1887).....	113
18.5	Tradução: Escragnolle Dória (1903).....	117
18.6	Tradução: Manoel de Soiza e Azevedo (1913).....	122
18.7	Tradução: Alfredo Ferreira Rodrigues (1914).....	135
18.8	Tradução: João Kopke (1916).....	140
18.9	Tradução: João Kopke (1916/1917).....	147
18.10	Tradução: Anônima (1916).....	151
18.11	Tradução: Emílio de Meneses - (1917?).....	154
18.12	Tradução: Gondin Da Fonseca (1928).....	163
18.13	Tradução: Aurélio De Lacerda (1949).....	166
18.14	<i>O Gorvo</i> P'ru Raule Juó Bananére (1924).....	172
19	(A gênese de um poema).....	174
19.1	Tradução: Mécia Mouzinho De Albuquerque (1889).....	174
19.2	Tradução: Fernando Pessoa (1924).....	178
20	La Genèse d'un Poème.....	183
20.1	Le Corbeau.....	184
20.2	Méthode de Composition par Baudelaire.....	187
20.3	Tradução: Charles Baudelaire (1853).....	198
20.4	Tradução: Stéphane Mallarmé (1875).....	201
20.5	Tradução: Maurice Rollinat (1926).....	204
20.6	Tradução: Leo Quesnel (18??).....	209
20.7	Tradução: Sir Tollemache Sinclair (1912).....	211
20.8	Tradução: William Little Hughes (1862).....	214
20.9	Tradução: Émile Lauvrière (1904?).....	218
20.10	Tradução: Ulisse Ortensi (1892).....	223
20.11	Tradução: Ernesto Ragazzoni (1896).....	228
20.12	Tradução: Francesco Contaldi (18XX).....	232
20.13	Tradução: Luigi Siciliani (1911).....	235
20.14	Tradução: Vito D. Palumbo (1903).....	240

20.15	Tradução: Ignacio Mariscal (MÉXICO) (1867?)	248
20.16	Tradução: Anônima.....	253
20.17	Tradução: Juan Antonio Pérez Bonalde (VENEZUELA) (1887)	256
20.18	Tradução: Felipe Gerardo Cazeneuve (PERU) (1890).....	260
21	Tradução: Ворон (По/Андреевский).....	264
21.1	Tradução: Ворон (По/Пальмин).....	271
21.2	Tradução: Ворон (По/Оболенский)	275
21.3	Tradução: Ворон (По/Кондратьев)	281
21.4	Tradução: Ворон (По/Неизвестный переводчик)	285
21.5	Tradução: Ворон (По/Мережковский).....	288
21.6	Tradução: Ворон (По/Бальмонт)/СС 1901 (ДО)	294
21.7	Tradução: Ворон (По/Бальмонт)/СС 1901 (ВТ).....	298
21.8	Tradução: Ворон (По/Бальмонт)/СС 1901 (ВТ:Ё)	302
21.9	Tradução: Ворон (По/Бальмонт)/1921 (ДО).....	306
21.10	Tradução: Ворон (По/Бальмонт)/1921 (ВТ:Ё).....	310
21.11	Tradução: Ворон (По/Жаботинский, 1897).....	314
21.12	Tradução: Ворон (По/Уманец)	318
21.13	Tradução: Ворон (По/Фёдоров)	324
21.14	Tradução: Ворон (По/Брюсов)	331
21.15	Tradução: Ворон (По/Жаботинский, 1931).....	336
22	Tradução de imitações russas do poema “The Raven”	340
22.1	Алтея (Голиков).....	340
22.2	Nevermore (Бухов).....	343
23	Die Philosophie dichterischen Schaffens.	346
23.1	Tradução: Elise Von Hohenhausen (1853)	357
23.2	Tradução: Alexander Neidhardt (1856)	361
23.3	Tradutor: Luise von Ploennies (1857).....	368
23.4	Tradução: Adolf Strodtmann (1862)	371
23.5	Tradução: Carl Theodor Eben (1869)	375
23.6	Tradução: Eduard Mautner (1874).....	379
23.7	Tradução: Anna Vivanti-Lindau (1878).....	383
23.8	Tradução: Betty Jacobson (1880).....	387
23.9	Tradução: Bertha Rombauer (1889).....	391
23.10	Tradução: Hedwig Lachmann (1891).....	395
23.11	Tradução: Alexander Baumgartner (1892).....	399
23.12	Tradução: Dr. Ernst Schmidt (1903).....	405

23.13	Tradução: Theodor Etzel (1908/1909)	409
24	Tradução: Iuliu Cezar Săvescu (1855)	414
24.1	Tradução: Grigore D. Pencioiu (1891).....	417
25	Tradução: Przełożyła Barbara Beaupré (1910)	422
26	Tradução: Csillag Imre (1918)	430
26.1	Tradução: Babits Mihály	434
26.2	Tradução: Kántás Balázs	437
26.3	Tradução: Kosztolányi Dezső	442
26.4	Tradução: Endrödy (1870)	445
26.5	Tradução: Lévy József.....	449
26.6	Tradução: Szász Károly (1858).....	453
26.7	Tradução: Tóth Árpád	457
27	Tradução: Dostál-Lutinov	462
28	Tradução: Павло Грабовський (1897).....	466
29	Tradução Búlgara	472
30	Tradução: Einar Benediktsson (1892/1925).....	476
31	Tradução: Henry Lee Fischer (1940)	483
32	Tradução: John F. Malta.....	490
32.1	Tradução: Herman Robbers	494
33	Tradução: Viktor Rydberg	499
34	Tradução: Valter Juva (1926).....	503
35	Tradução: Lewis Ludovicus Gidley <i>et al.</i> (1863/1866).....	507
36	Tradução: Ze'ev Jabotinsky (1914/1923/1924)	512
	Autores	515

MAPEAMENTO MUNDIAL DE TRADUÇÕES DO POEMA “*THE RAVEN*” DE EDGAR ALLAN POE: UM ESTUDO PRELIMINAR (1853-2017)

*O objetivo deste pequeno livro é contribuir para uma atualização de longa tradição que vem catalogando e contrastando as traduções do poema mais importante de Edgar Allan Poe, “The Raven” (1845). O presente estudo localizou centenas de traduções em variadas formas poéticas e perspectivas de tradução, algo que ultrapassa e desafia o entendimento sobre as orientações históricas, políticas, ideológicas e estéticas presentes em diversos países que contam com traduções do corvo poeano. A conclusão mais importante desse estudo é que muito provavelmente “The Raven” de Edgar Allan Poe é o texto poético mais traduzido do mundo, contando ao menos **700 traduções ao redor do mundo**, algo que transmigra com enorme potencial simbólico e cultural para outros campos artísticos, o que sugere muito fortemente ser este também o poema mais seminalmente intermediário da história. Ademais, propõe-se com esta pesquisa um convite para a ampliação das formas de aproximação desse riquíssimo material de tradução poética.*

Introdução

A poesia de Edgar Allan Poe é pequena em volume e grande em ressonância mundial e qualidade literária. Nosso intuito em dar continuidade a vários trabalhos investigativos pretéritos de quilate inquestionável nos pareceu inicialmente desnecessário, visto que Poe já foi muitíssimo investigado em todas as partes do globo terrestre. Contudo, a dinâmica de produções críticas e textos traduzidos se mostra muito complexa e extremamente rápida, o que justifica a constante atualização das indicações de referências de traduções, principalmente em se tratando de autor tão venerado pela crítica e pelos leitores. Nesse sentido, o principal ingrediente para avançar no debate é coragem, acrescido de vigilância e rigor metodológicos e, ao mesmo tempo, paixão pela obra do autor e pela pesquisa. Igualmente esses elementos são acionados pelo próprio exemplo de Edgar Allan Poe.

Nesse sentido, o objetivo precípua desse estudo é registrar um fenomenal volume empírico de traduções do poema “The Raven” (1845), visto ser este um texto fundamental para a atual discussão entre artes e meios, assim como para a discussão sobre tradição e tradução literárias. Nesse esforço, procuramos realizar um trabalho de pesquisa sutil e ousado, reunindo e consolidando informações e referências, em caráter preliminar, e circunscrito ao período de 1853 a 2017, sobre as aludidas traduções desse poema que foram realizadas nos últimos três séculos (XIX e XX e XXI) em diversos países. Objetiva-se também comentar breve e criticamente acerca desse riquíssimo e notável material poético produzido em várias línguas e em diferentes contextos.

O nosso estudo, singrando mares navegados por outros pesquisadores, chegou a um oceano de traduções. Procuramos assim, demonstrar empiricamente algo que intuitivamente, muitos estudiosos já desconfiavam e teorizavam, ou seja, **“The Raven” é o poema mais traduzido do mundo, o que ocorrera em um espaço temporal de apenas 172 anos.**

A conjugação de vários fatores parece explicar esse fenômeno tradutório envolvendo esse poema e que vão além das qualidades intrínsecas dele. Entre estes fatores, destacam-se: a condensação de várias tradições e estéticas poéticas no interior

desse texto poético e a síntese que este representa de toda a produção do autor e de seus postulados de teoria da arte, além da biografia de Poe, a “autopublicidade”, operada por via do ensaio *The Philosophy of Composition* (1846), assim como a preponderância gradativa da língua inglesa (dos EUA) como língua culturalmente hegemônica a partir dos séculos XVIII-XIX, o papel de Baudelaire, Mallarmé e outros poetas, influenciados por estes, em todo o mundo e que aderiram aos fundamentos norteadores da estética de Poe.

A tese poética desse poeta americano, segundo a qual o que ele objetivou criar em “The Raven” expressaria uma tradição ligada ao tema mais poético de todos os tempos, parece confirmar-se nesse volumoso e caudaloso número de traduções que o seu corvo recebeu, aquecendo-se e reaquecendo-se nesse enorme “ninho de traduções” que apresentaremos neste nosso breve ensaio.

A estratégia de Poe para compor seu corvo foi mesclar uma noção romântica de texto poético, associada incrivelmente a uma atualização do discurso poético aristotélico. Poe realizou uma equilibrada e nietzscheana (*avant la lettre*) fusão da arte, contemplando os seus dois flancos: o apolíneo e o dionisíaco, isto é, Poe utilizou procedimento criativo universalizante, racionalizante e formalmente harmônico, todos esses de vertente apolínea em paralelo à temática, atmosfera e tom do poema, todos de ordem dionisíaca, entre os quais a noite prepondera como metáfora e símbolo magno de sua tessitura poética.

Como veremos, trata-se, de fato, de um texto poético com inúmeras facetas e qualidades, o que se desdobrou em centenas de traduções e retraduições ao longo da história literária. O que fizemos nesse texto não é novo na intenção, mas nos parece ser inédito no alcance de textos e tradutores reunidos em um só estudo, alguns dos quais são pouco conhecidos ou sequer citados em estudos comparados de tradução. Apresentaremos também essa longa linhagem de tradutores em forma de quadro sintético para consulta mais direta.

Assim, levantar o universo de traduções que ora apresentamos se trata de uma missão nada trivial e muitíssimo árdua, mas que tem como intuito prestar dupla homenagem: primeiramente a Poe e, posteriormente, a seus muitos e muitos tradutores, uma legião de críticos literários, tradutores, poetas, romancistas, obstinada por integrar o poema americano em seus sistemas literários.

Também ressaltamos os trabalhos anteriores de pesquisadores que buscaram compilar as traduções, trabalhos estes que fazemos menção ao longo deste trabalho, por

terem sido fundamentais à organização das traduções que ora oferecemos¹.

Além dessa intenção laudatória de alto valor pessoal e de reconhecimento da tradição de “The Raven” para a ótica de estudos de historiografia tradutória, buscamos também subsidiar futuros estudos comparativos de várias ordens, oportunizando, em uma visada mais direta, maior acessibilidade do conjunto ou manancial de traduções do poema e de suas referências aos pesquisadores e demais interessados que almejem lançar novos olhares e perspectivas de estudos entre esses textos ou que os levem em consideração.

¹ Buscamos trabalhar nas “fissuras” inevitavelmente deixadas por estes estudos, completando esse variado mosaico de tradutores e traduções do poema. Seguramente, outros precisarão preencher as lacunas que estamos deixando também, mas poderão realizar tal tarefa com base em material aqui reunido.

1 Capítulo Primeiro: Estudo preliminar e delimitação metodológica

Em demonstração cabal do fenômeno de tradução que passou a ser “The Raven”, apresentamos nesta pesquisa um resgate preliminar das fontes bibliográficas e catalográficas dessa fortuna de traduções que se operou com base em “The Raven”.

Este mapeamento que nomeamos de “mundial” pretendeu ser o mais amplo e fidedigno possível, com vistas a alcançar a totalidade das traduções até o ano de 2017, entretanto, sabemos ser esse um esforço que não se esgota em face das contínuas aparições de experiências tradutórias com base no poema [*mater*] dos simbolistas, dos românticos e dos modernistas, além das dificuldades específicas de acesso a tantas fontes e línguas várias. Essa incursão levou-nos a contatos e contágios inesperados com línguas até então inauditas para nós.

Para tanto, procuramos nos apoiar, quando possível, em informações e referências em língua inglesa, francesa e espanhola não exatamente para confirmar os dados, mas para processar e articular esses dados de tradução levantados. Às vezes, a simples confirmação de grafia de nome do tradutor ou nacionalidade provou ser um grande desafio, tornando ainda mais doce o mel do aprendizado.

Entretanto, não fugimos de um necessário, doloroso e ao mesmo tempo prazeroso, contato imediato com as línguas dos tradutores em face de lacunas de informações presentes nas referidas bibliografias hegemônicas que versavam ou mencionavam as traduções do poema, e que, por vezes conflitavam.

Não foi, portanto, apenas um exercício de compilação de referências de tradução, algo que já seria muito relevante a nosso ver, mas se configurou em um trabalho suplementar e extenuante e que se alia ao grande esforço que outros pesquisadores fizeram acerca de investigação de autorias, datas de publicação e provas dessas referências.

De igual modo, percebemos visceralmente a necessidade premente da preservação nas referências bibliográficas da autoria e da data de publicação das traduções. Nas línguas faladas em países diferentes, o país de origem do tradutor também é informação importante, posto que, com o decurso do tempo, essa ausência de nacionalidade do tradutor pode causar problemas. O caso de traduções em língua

espanhola, por exemplo, esse aspecto é bastante relevante. Veja-se, por exemplo, o tradutor José Ramón Ballesteros que em determinadas fontes é tido por peruano, ao passo em que em outros estudos, é considerado argentino. Adiciona-se a esse problema a possibilidade não muito rara de tradutores latino-americanos publicarem suas obras em editoras espanholas ou em editoras de países da América Latina que não são a sua terra natal. Não foi somente em um ou dois momentos que nos deparamos com traduções sem estas informações cruciais, parcial ou totalmente relegadas ao esquecimento ou à imprecisão, inclusive em traduções recentes. Buscamos superar esses obstáculos, confirmando em fontes, preferencialmente bibliográficas, as datas e autorias das traduções com base em estudos de cotejo em referências diversas, privilegiando o contido nos bancos de dados de bibliotecas nacionais e repositórios, conforme detalharemos neste texto na medida do necessário.

O simples acesso a traduções do poema, mesmo sem conhecer as línguas, já nos oportuniza muito conhecimento, como, por exemplo, saber que Poe foi o primeiro escritor americano moderno a ingressar no sistema literário vietnamita, por meio de uma tradução de 1936. Outras muitas traduções do poema feitas em países asiáticos, tais como Japão, Coreia e China parecem sugerir de fato que, no Oriente, Poe é um dos escritores ocidentais mais idolatrados e estudados, e seu poema tem contribuído para o estabelecimento de uma cultura midiática e artística [*neogótica*] nessa heterogênea e diversa região do mundo.

Nessa dinâmica, temos observado também que há diversos estudos críticos ao redor do planeta buscando radiografar as traduções da obra de Poe, contudo, salvo algumas publicações de alcance mais ampliado, inclusive em face de questões ligadas à hegemonia simbólica e cultural de algumas línguas ocidentais, que ditam em suas publicações a visibilidade de produções críticas, normalmente o pesquisador encontra dificuldades para acessar traduções de determinados textos literários, ou relativamente ao conjunto dessas traduções em específico. O poema de Poe é um desses exemplos, mas foi algo que pôde ser superado pela variedade de fontes existentes sobre as aludidas traduções.

Do mesmo modo, na Rússia, o poema de Poe foi e ainda é idolatrado por romancistas, contistas, poetas, críticos literários, filósofos, cineastas, assim como por leitores em geral. Essa atração também é bem indicativa da superação de vieses ideológicos antagônicos quando o assunto é Edgar Poe e sua produção poética, narrativa e crítica.

É nesse sentido, que normalmente não temos notícias sobre traduções feitas no Vietnam, como já ressaltamos. Isso tem em parte ligação com a ideia atual de internacionalização da pesquisa científica, que ecoa uma tese majoritária segundo a qual a pesquisa é internacional se estiver redigida em inglês, de modo que todo o resto produzido nas demais línguas é material de interesse regional ou local. O inglês como língua de acesso internacional da pesquisa científica não é sinônimo de pesquisa científica de interesse internacional, ou mesmo a qualidade da pesquisa não pode estar atrelada a língua de sua disseminação como fato *a priori*. A tradição de traduzir Poe pelo mundo mostra exatamente o contrário, internacional é o que está em todos os rincões do planeta, e Poe e “The Raven” são criador e criatura plenamente internacionais, pois todos queriam experimentar em suas línguas maternas o ritmo, a sonoridade e atmosfera, enfim, a beleza evocada no e pelo poema de Poe.

Outro aspecto que nos chamou bastante atenção é a enorme quantidade de traduções potencialmente enquadradas em domínio público, especialmente nas línguas eslavas, no espanhol e no português brasileiro, língua esta última que curiosamente traduziu ou recriou poeticamente muito mais esse texto do que o que se verificou em Portugal, por exemplo. Também foi interessante reavivar traduções acantonadas por outras mais célebres (canônicas). O caso das traduções francesas é particularmente relevante nessa discussão, pois Baudelaire e Mallarmé fizeram os demais tradutores franceses caírem em profundo esquecimento, e, sem conhecer as traduções, resta pouco espaço para a renovação crítica.

Como nosso objetivo não era categorizar por questões estéticas, trouxemos à tona todas as traduções localizadas, indistintamente. Para tal, há que se reconhecer a relevância de ferramentas de pesquisa e acervos digitais, ferramentas de tradução digital, sem os quais não seria possível alcançar o resultado que ora apresentamos. Assim, foram várias as estratégias de localização de traduções nas mais variadas línguas, algumas delas entendidas como ferramentas de aproximação inicial com os textos e referências investigadas que podem ser divididos em instrumentos de sondagem e confirmações, tais como os repositórios digitais de livros, artigos e demais textos críticos ou literários e referências catalográficas, teses e dissertações acadêmicas nas várias línguas, os catálogos *online* de Bibliotecas Nacionais, bem como sites de vendas de livros propiciaram os meios mínimos necessários para esse mapeamento, tendo como foco a localização da primeira à última tradução de cada país, mesmo reconhecendo ser essa uma tarefa sempre inconclusa.

Ressalta-se que foi necessário conjugar todas as ferramentas e bases de dados para efetuar confirmações importantes a fim de oferecer um quadro o mais transparente e honesto possível das traduções. Igualmente não desconsideramos traduções publicadas por tradutores “amadores” feitas em *blogs* ou outros sites da internet, visto que cabe ao exercício crítico posterior avaliar as qualidades poéticas e estéticas dessas traduções, algo somente possível a partir do conhecimento da existência de tais traduções.

Nesse sentido, vale lembrar que Poe somente transpôs os muros do relativo provincianismo estético dos EUA do século XIX, rumo à glória e a veneração perante os poetas românticos, realistas, simbolistas, modernistas (especialmente os surrealistas) e toda a plêiade de contistas e romancistas posteriores a partir do momento em que Baudelaire e Mallarmé traduziram seu poema maior, o demonstra o poder disseminador do ofício do tradutor, mesmo que haja questionamentos sobre a qualidade da tradução, algo que nem mesmo Baudelaire pôde ficar imune. Também utilizamos para conceber esse levantamento mundial de tradutores de “*The Raven*” os extraordinários trabalhos organizados por Margarida Vale de Gato e Emron Esplin (2014), assim como as pesquisas de natureza semelhante organizadas por Lois Vines (2002), o que muito nos orientou para compor o painel inicial de tradutores de “*The Raven*”.

A despeito do amplo e consistente espectro de levantamentos e análises que esses estudos apontam e concluem sobre as referidas traduções, inclusive em mútua complementação, foi necessário avançar ainda mais nas buscas por traduções de “*The Raven*” com base em outras fontes de pesquisa, especialmente para cobrir as traduções mais recentes e outras mais, que apenas são aludidas nos referidos estudos. No caso da Grécia, por exemplo, como veremos no exposto ao longo deste quadro, foi muito importante para destacar a produção tradutória mais recente de “*The Raven*” feita pelos áticos, assim como outros países não investigados pelos citados estudos quanto ao poema “*The Raven*”, visto que nossa intenção era abranger o máximo de tradutores desse poema.

As pesquisas supracitadas organizadas por Gato e Esplin (2014) e Vines (2002) tem também baixíssima circulação nos estudos brasileiros, o que também configura lacuna que apenas a menção a estes trabalhos entre nós já nos ajuda a formular novos caminhos de investigação. Outra experiência extremamente interessante de tradução do poema deu-se na Romênia, terra da Transilvânia, não poderia deixar de bem recepcionar “*The Raven*”, e o fez em abundância tanto em prosa (sob a forte influência do *Le Corbeau* de Baudelaire e de Mallarmé) quanto em versos.

O panorama que ora apresentamos almeja complementar e enriquecer as pesquisas sobre o impacto de “The Raven” nas várias literaturas e seus sistemas literários em que este texto e seu autor se espraíram, além de oferecer um novo horizonte para estudos de tradução poética em perspectiva comparada, especialmente entre línguas normalmente não muito próximas nestes campos de pesquisa. Poe e seu poema são o elo entre elas.

Vale ainda destacar que boa parte dessas traduções do poema não é conhecida, ou apropriadamente estudada e criticada em perspectiva comparada no Brasil, ou mesmo no restante do mundo, o que por si só, já justificaria a necessidade de tal empreendimento investigativo.

No que respeita às traduções brasileiras, Elson Fróes dedicou-se a um interessante exame ao coligir as traduções de “The Raven” para a língua portuguesa em seu sítio da internet, resultando em um repositório bastante rico dessas traduções. Fica o registro de agradecimento a Fróes, pois foi com base na experiência e exemplo do trabalho dele que ambicionamos alargar o inventário de traduções do poema para uma escala mundial que, reiteramos, sempre precisará de revisões e ampliações. Esperamos que nosso esforço seja complementado ou retificado no que for necessário pelos seguidores e críticos que no mundo todo seguem a sombra vivíssima de Poe e seu corvo. Desse modo, chegamos a este estudo prévio, calcado em diversas outras pesquisas e indicações bibliográficas, na cifra incrível de ao menos **700 traduções²** do poema “The Raven”, distribuídas **em pelo menos 51 línguas e em pelo menos 66 países**, de forma que ainda não conseguimos avançar para outras regiões e continentes, como, por exemplo, para África (com especial interesse para nós nas traduções nos países africanos lusófonos e francófonos), Oceania e Ásia, pois esta última foi apenas parcialmente coberta por nós, além de se fazer necessário buscar outras fontes em países específicos de todas as regiões do planeta.

É por tudo isso que para relembrar a glória desse poema, realmente e com toda a justeza da palavra, **universal**, e em memória de Poe e dos tradutores de “The Raven”, os leitores poderão ler e sentir as traduções em domínio público, assim como o texto-fonte.

Pedimos apenas desculpas aos tradutores que por ora não conseguimos localizar,

² Desse astronômico total estão excluídas várias transposições mais “radicais” que poderiam, a depender o critério e do campo conceitual dos estudos de tradução em jogo, integrarem a lista de traduções; também foram isolados outros indícios de traduções, pois preferimos mantê-los em separado para maiores confirmações. Seguramente esse quantitativo de traduções é apenas uma parcela que precisará ser revisitada e ampliada.

em razão de nossas limitações de pesquisadores, inclusive as linguísticas. Certamente o conjunto das referências de tradução de “The Raven” constitui-se em um verdadeiro panteão de tradução poética. As informações colhidas parecem demonstrar que estamos diante não apenas do poema mais conhecido do mundo, conforme John Henry Ingram (1885) assevera: “EDGAR POE'S Raven may safely be termed the most popular lyrical poem in the world.” (INGRAM, 1885, p. VII), mas também, para tanto e em conexão a este fato, salvo provas robustas em contrário, parece ser realmente o texto poético mais traduzido de todos os tempos.

Tal hipótese já fora advogada no estudo realizado por Barreiros (2005) em ensaio sobre as traduções em língua portuguesa. Esse estudo levantou naquele momento cerca de **120 traduções**, o que já fora o suficiente para Barreiros (2005) lançar tal assertiva, que acreditamos agora confirmar. Presentemente nosso levantamento alcançou a incrível cifra, excluindo transcrições mais “radicais” e cotraduções, (para efeito de contagem, a referência é o texto traduzido e não a quantidade de tradutores, embora ainda assim possa haver oscilações em razão da variedade de disposições nas referências bibliográficas e catalográficas), de, reiteramos, **700** traduções de “The Raven”, havendo potencialmente muitas outras ainda a serem somadas nesse universo fantástico de traduções, releituras e transposições e recriações intersemióticas e intermediáticas do poema de Poe.

2 Capítulo Dois: breve análise dos achados sobre as traduções

De fato, nosso estudo parece realmente confirmar a hipótese de Barreiros, pois, segundo ele: “Os números destinam-se apenas a ilustrar a abundância de traduções existentes, que tornam “The Raven” (comparando os seus escassos 160 anos de idade com os vários milênios das epopeias homéricas ou mesmo o *Cântico* de Salomão), **o poema mais traduzido do mundo.**” (BARREIROS, 2005, p. 141, grifos nossos).

Cumpre anotar que algumas fontes nos indicaram a existência de determinadas traduções, mas em caso de dúvida, optamos por mantê-las em quadro separado para maiores esclarecimentos e confirmações.

Por fim, associa-se a este panorama singular envolto ao poema de Poe, uma série de adaptações e transposições entre os gêneros textuais, paródias e recriações poéticas, parcialmente levantadas por nós. A rigor, o número de traduções que indicamos neste estudo pode variar para mais ou para menos a depender do entendimento conceitual e do limite do que vem a ser um texto traduzido, adaptado, transposto, transmudado, retraduzido etc. O ponto é que o texto de Poe é um só. Todas as demais traduções intencionalmente mais “literais” ou não são outros textos em diálogo com o de partida de Poe. A tradução permanecerá sempre nesse jogo dialético de aproximação e afastamento em relação à fonte. Nosso objetivo não foi discutir neste nosso estudo de prospecção, portanto, de ordem introdutória, eventuais níveis de fidelidade presentes nas traduções levantadas, algo que inclusive somos contrários do ponto de vista teórico e crítico. Talvez esse olhar mais plural e inclusivo tenha ajudado a recuperar textos que estão sendo desprezados há séculos pela crítica literária e tradutória. Um exemplo claro disso é o quadro tradutório francês; embora haja várias traduções realizadas no passado e no presente, a de Baudelaire e a de Mallarmé continuam excluindo a possibilidade de haver outras boas traduções em razão do peso simbólico do cânone pontificado pelos referidos poetas franceses. Não é possível julgar o que não se conhece. Em terras brasileiras, também é perceptível uma resistência em se avaliar criticamente apenas algumas das traduções, sobretudo a de Pessoa e Machado de Assis, restringindo-se em muitos estudos a verificar qual das duas fica com “o troféu”.

Nas últimas décadas têm ganhado relevo a tradução de um ilustre desconhecido,

Milton Amado. De fato é uma excelente tradução, mas o procedimento parece o mesmo: localizando-se “fidelidades”, garante-se a “qualidade” da tradução e, a partir daí, todas as demais traduções embotam-se e seguem seu curso ao degredo.

Esse *modus operandi* tem um rival reverso, que é quanto mais “original” a tradução, melhor ela deve ser. Os dois modos tem algo em comum: o ponto de comparação é única e exclusivamente com o texto-fonte³. De fato todas as traduções serão iguais em alguns aspectos e diferentes em outros elementos e escolhas de tradução, quando postas em contraste ao texto de partida. Fato curioso é balizar, como alguns críticos do passado fizeram, a qualidade da tradução do poema de Poe não apenas pelo texto de partida, mas por outras traduções de renome. Novamente o ponto de comparação aqui é a tradução de Mallarmé e de Baudelaire. Tal exercício crítico, se ampliado pode trazer vantagens, mas se circunscrever-se a alguns pontos comparativos canônicos, leva-se novamente a pesquisa de tradução poética comparada a uma nova estagnação de possibilidades inovadoras, no que concerne ao texto de Poe.

Com esse levantamento, talvez possamos criar outros modos comparativos, inclusive deixando o “original” de Poe “descansar” algum tempo, especialmente se o critério de juízo final seja o da fidelidade. Alguns podem argumentar que desse modo, não se poderá dizer que o texto traduzido é de Poe.

O poeta de Boston foi, em realidade, *o primeiro tradutor* de seu poema maior. Traduziu-o da linguagem poética para a ensaística, e alguns teóricos, não sem razão, leem em *Philosophy of Composition* um “cripto-conto”, simulado de teoria da arte poética. Nesse cenário, seria um exercício bastante frutífero estudar alternativas de tradução entre línguas que normalmente não convivem culturalmente entre si.

Pensar o poema de Poe como uma ligação importante para o debate sobre suas traduções é algo básico de fato, mas sem a presença necessária dele como fator de decisão crítica inquestionável. Dessa forma, abrem-se muitas possibilidades de estudos sobre, por exemplo, magnetismos ideológicos contrários que convergem em traduções de “The Raven”, localizando os sinais de tais escolhas ideológicas no interior das

³ Isso explica em parte porque no caso brasileiro as traduções de Machado de Assis e Fernando Pessoa anulem o espaço de outras boas experiências de tradução do poema de Poe, pois desde leitores médios até a leitura crítica operada pelos centros de pesquisa tem-se fixado demasiadamente o interesse somente nestas traduções. Semelhante situação ocorre no caso francês, italiano, todos com muitas traduções do poema, mas que o cânone tradutório se pauta no cânone literário de origem do tradutor, vinculado normalmente ao epicentro cultural dessas línguas. A única exceção é ocorre com as traduções espanholas, visto que os tradutores normalmente lembrados tanto pela dianteira de serem os primeiros tradutores quanto pelas qualidades dessas traduções, são oriundos, de países “periféricos” hispânicos: sul-americanos (Venezuela, Chile, Argentina, Peru, Colômbia, Paraguai, etc) e norte-americanos (México).

traduções, que ainda assim apregoam uma pretensa fidelidade com o texto de partida. A partir disso, surgem outras questões, tais como: há ideologias marcadas no texto de Poe ou justamente sua opção deveria ser entendida como do tipo estritamente “arte pela arte”, e que foi isso que garantiu espaço a outras ideologias instalarem-se pela via tradutória? Ou se procede outra hipótese, que diz respeito a uma possível “neutralidade”, do texto de Poe, garantiria espaço a esse texto em tantos e variados países de culturas ideológicas tão diversificadas?

Ou, ao contrário, as posições ideológicas e estéticas inscritas no poema de Poe, combinadas, resgatam um equilíbrio entre os discursos em choque? Essas e outras tantas abordagens podem ser experimentadas quando se fala de tradução, mas cresce em progressão geométrica quando se pensa no poema exemplar de Poe. O fato mais interessante a meu juízo é ter a clareza do lugar deste poema na história das traduções entre línguas e entre as artes. Assim, esse texto poético invulgar vem atuando como um dos principais regentes simbólicos de processos contemporâneos de ligação entre as artes. Esse lugar é especial, e vem rendendo louros a variados artistas da palavra e da imagem há séculos.

Não deixa de ser irônico o fato de que Poe repassou os direitos de publicação do poema à época por 15 dólares, e hoje seu texto poético rende milhões aos empresários da cultura, tradutores e aos próprios artistas, que não raramente firmaram seus *locus* de fala em associação ao nome de Poe e à sua obra.

Muito provavelmente esse levantamento precisará de outros estudos para avançar nesse já deslumbrante quadro de traduções disponível no fim deste texto. Assim, como o cânone seleciona algumas obras e “esquece” de grande parte dos autores de determinada época, o cânone de traduções também relega à maioria das experiências transpositivas um recanto apagado e frequentemente subavaliado.

O peso do cânone é tamanho, que no caso das traduções portuguesas, a melhor tradução de “The Raven”, a de Milton Amado, não costuma alcançar a notoriedade das traduções de Pessoa e de Machado de Assis. Dessa maneira, nosso esforço foi dar nova voz a essas traduções que também são esquecidas por advirem de países culturalmente periféricos aos olhos da ótica eurocêntrica que impera em nossos estudos literários ainda hoje.

Poe extravasou essas barreiras e conseguiu manter-se onde seu próprio país, em determinados contextos históricos e políticos, não era muito bem-vindo. Um dos grandes exemplos disso, como já frisamos, é o da Rússia e de outros países eslavos,

assim como todo o leste europeu, que mesmo sob os mais ferrenhos regimes totalitários, raramente fecharam as portas para o poeta de Boston. E se por algum tempo o fizeram, logo vieram novos poetas e tradutores de “The Raven”. Certamente haverá mais condições para ampliar esse mapeamento, inclusive corrigindo eventuais equívocos de nossa parte⁴. A certeza apenas é de que há muito que se explorar teórica e criticamente com base nesse poema estelar de Edgar Allan Poe. Assim, o conjunto multivariado de traduções de “The Raven” é talvez a mais eloquente prova da força do simbolismo e do imaginário moderno chamado Edgar Poe. E essas traduções em profusão constante não são somente um índice desse imaginário. Ao contrário, é uma das espinhas dorsais que sustentam Poe e seu *Corvo* em pleno voo de cruzeiro. Criou-se assim uma tradição de tradutores dedicada a retroalimentar e redescobrir novos horizontes do imaginário delineado por Poe. Assim, traduzir “The Raven” passou a ser um rito iniciático de tradutores da língua inglesa.

Alguns países têm, mais ainda que outros, como estamos insistindo, enorme interesse pela obra de Poe, e mais ainda em traduzir o poema “The Raven”. Pesquisar todas essas motivações foge ao escopo e limite de nossas preocupações neste estudo, mas a nossa contribuição, seguramente, abre novas oportunidades explicativas sobre como um autor ou texto literário singra por mares tão diversos. A visualidade que a planificação cartográfica das traduções delineia nesse sentido é particularmente especial e ajuda na compreensão concreta da importância *sui generis* de Poe para a história mundial da literatura e da poesia. Parece haver, portanto, um duplo sentido de motivação envolvido no processo de se traduzir “The Raven”: busca-se a tradução do imaginário historicamente atribuído a Poe e seu tempo, em paralelo ao imaginário da tradução, construído no transcurso da consolidação da tradição canônica de tradutores que se operou com foco especial no aludido poema. Esses flancos de tradução, tradição e imaginário passaram a coexistir sinergicamente, contribuindo para entender o complexo, volumoso e multiforme rol de traduções e tradutores de “The Raven” de Poe. Seguramente este estudo de compilação prévia necessitará de outros para ampliação do espectro de traduções, assim como eventuais emendas nas informações de referências, buscando-se a máxima exatidão dessas informações. A partir de agora temos um volume bastante ampliado deste poema que passou a ser um verdadeiro mantra da

⁴ Críticas, sugestões e indicações sobre novas ou desconhecidas traduções do poema “The Raven”, por favor, enviar mensagem para o e-mail: helciclever@gmail.com, afim de se realizar inclusão de tais traduções em edições futuras.

cultura [neogótica] mundial. Continuemos a abrir portas e janelas, em nossos “dezembros glaciais”, com quis Machado de Assis, para outros corvos entrarem em nossos sistemas literários e corações.

Considerações finais

Por último, o esforço de muitos pesquisadores aqui coligido poderá também ofertar novos estudos literários das mais diversas orientações críticas e teóricas, inclusive oportunizando novos olhares sobre as tradições poéticas nacionais, numa perspectiva de integração mais efetiva com as demais produções literárias ao redor do globo.

Nós, pesquisadores brasileiros do campo da literatura, temos muito a aprender sobre integração cultural, especialmente em se pensando em nossos vizinhos de fronteira e de continente, detentores de longa e rica tradição literária, parcamente conhecida por nós. Poe e seu poema ícone, em face da penetração universal de ambos, nos dão, nessa direção, condições de reatar outros laços culturais.

Por enquanto, apenas ficamos com a certeza de que a paisagem de traduções que estamos reunindo ainda está incompleta, o que nos causa alegria e motivação para continuar e, ao mesmo tempo, tristeza por ainda desconhecer outros corvos e seus idealizadores. Trata-se de fato de uma pesquisa ornitológica sem fim, pois as migrações do pássaro negro de Poe entre países não têm dado mostras de diminuição, ao contrário, a cada ano amplia-se o bando de corvos em nosso céu literário, poético e tradutório.

3 Referências (em ordem alfabética por línguas)

3.1 Em Inglês

ADERMAN, Ralph M. “Poe in Rumania: A Bibliography,” III: 19-20.

BENTON, Richard P. “Edgar Allan Poe: Current Bibliography,” II: 4-12; III: 11-16; IV: 38-44.

CARLSON, Thomas C. “Romanian Translations of “The Raven”, 1985. Memphis State University e disponível em: <https://www.eapoe.org/pstudies/ps1980/p1985203.htm>. Acesso em 18 jul. 2017.

- DAMERON, J. Lasley, Thomas C. Carlson, Judy Osowski, and John E. Reilly. "Current Poe Bibliography," VI: 36-42, VIII: 4346; X: 21.27.
- DAMERON, J. Lasley, Thomas C. Carlson, and John E. Reilly. "Current Poe Bibliography," VIII: 15-21.
- DAMERON, J. Lasley, Thomas C. Carlson, John E. Reilly, and Benjamin Franklin Fisher IV. "Current Poe Bibliography." XI: 32-38; XIII: 29-34; XV: 13-18; XVI: 34-38.
- FISHER, Benjamin Franklin IV. "Fugitive Poe References: A Bibliography," XI: 13-14, 38-41, XII: 31-34, XIII: 34-36, XIV: 25-30; XV: 18-22; XVI: 7-12.
- GARDNER, Martin. In: CARROLL, Lewis. *The Annotated Alice: The Definitive Edition*. Introduction and notes by Martin Gardner. Illustrations by John Tenniel. London/New York: W. W. Norton & Company, 2000, p. 35.
- GOETZ, T. H. "Addenda: Fugitive References, Poe and France," IX: 51-52.
- INGRAM, John Henry. *POE, Edgar Allan, 1809-1849. "The Raven". With literary and historical commentary by John H. Ingram*. London: George Redway, 1885 p. VII. Disponível em: <https://hdl.handle.net/2027/umn.319510020447550>. Acesso em: 18 jul. 2017.
- LAWSON, Lewis A. "Poe and the Grotesque: A Bibliography 1695-1965," I: 9-10.
- MARRS, Robert L. "Fugitive Poe References: A Bibliography," II: 12-18.
- MARRS, Robert L. "The Fall of the House of Usher": A Checklist of Criticism Since. V: 23-24. 1960.
- OLEA FRANCO, Rafael; VICENTEÑO BRAVO, Pamela (2014) no texto "Encountering the Melancholy Swan Edgar Allan Poe and Nineteenth-Century Mexican Culture" In *Translated Poe*. Esplin and Margarida Vale de Gato (Editoras/Orgs.) (2014).
- OSOWSKI, Judy. "Fugitive Poe References: A Bibliography," III: 16-19; IV: 44-46; VIII: 21-22; IX: 49-51.
- PAVNASKAR, Sadanand R. "Poe in India: A Bibliography, V: 49-50. 1955-1969. Cf. Disponível em: <https://www.eapoe.org/pstudies/ps1980/p1984101.htm>. 28 ago. 2017.
- POE, Edgar Allan. 1809-1849. Poe, Edgar Allan, 1809-1849. *The raven. With literary and historical commentary by John H. Ingram*. London: George Redway, 1885.
- POE, Edgar Allan. *The Works of the Late Edgar Allan Poe*. With a Memoir by Rufus Wilmot Griswold and Notices of his Life and Genius by N. P. Willis and J. R. Lowell. 4 vols. 1850-56. Rptd. 1858, 1861, etc.
- POE, Edgar Allan. *The Works of Edgar Allan Poe*. 4 vols. Ed. Ingram, J. H. Edinburgh, 1874-75, 1880, etc.
- POE, Edgar Allan. *The Tales and Poems of Edgar Allan Poe*. 4 vols. Ed. Ingram, J. H. London, 1884.
- POE, Edgar Allan. *The Works of Edgar Allan Poe*. 6 vols. Ed. Stoddard, R. H. [1884], 1894.
- POE, Edgar Allan. *The Works of Edgar Allan Poe*. Newly Collected and Edited, with a Memoir, Critical Introductions, and Notes. 10 vols. Ed. Stedman, E. C., and Woodberry, G. E. Chicago, 1894-94; New York, 1914. Vol. X (Poems) separately, 1907, 1914.
- POE, Edgar Allan. *The Complete Works of Edgar Allan Poe*. (Virginia Edition.) 17 vols. Ed. Harrison, J. A. [1902]. Vol. 1 (Biography) and Vol. VII (Poems) separately, 1902. Vols. 1 and XVII (Letters) slightly revised, as Life and Letters of Poe, 1903.
- POE, Edgar Allan. *The Complete Works of Edgar Allan Poe*. 10 vols. Ed. Richardson, C. F. New York and London, [1902].
- POE, Edgar Allan. *Poems of Edgar Allan Poe*. (Muses' Library). Ed. Ingram, J. H. London, [1909].

- POE, Edgar Allan. *The Complete Poems of Edgar Allan Poe*. Ed. Whitty, J. H. Boston, 1911; also, revised and enlarged, Boston, 1917.
- POE, Edgar Allan. *The Poems of Edgar Allan Poe*. Ed. Campbell, K. Boston, [1917].
- SEGAL, Miryam. *New Sound in Hebrew Poetry: Poetics, Politics, Accent*. Bloomington/Indianapolis: Indiana University Press, 2010.
- RICHARDS, Eliza. Outsourcing “The Raven”: retroactive origins. *Victorian Poetry* 43.2 (Summer), 2005, p. 205).
- Steampunk Poe by Edgar Allan Poe, Illustrated by Zdenko Bašić and Manuel Šumberac, edited by Ellie O’Ryan and Marlo Scrimizzi, and: American Gothic: From Salem Witchcraft to H. P. Lovecraft, An Anthology, 2nd ed. edited by Charles L. Crow (review), 2011.
- VINES, Lois (Editor). *Poe abroad: influence, reputation, affinities*. Iowa City: University of Iowa Press, 1999/2002.
- WOODBIDGE, Hensley C. “Poe in Spanish America,” *Poe Newsletter*, January 1969, Vol. II, No. 1, 2:12-18. Cf. Disponível em: <https://www.eapoe.org/pstudies/ps1960/p1969105.htm>. Acesso em: 28 ago. 2017.
- WOODBIDGE, Hensley C. “Poe in Spanish America: Addenda and Corrigenda,” IV: 46.

3.2 Em Português

- ANDRADE, Carlos Drummond de. “A Visita”. In *Poesia Completa*. Rio de Janeiro: Nova. Aguilar, 2002.
- ANJOS, Augusto dos. *Augusto dos Anjos – Obra Completa*. Org. Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.
- ARAÚJO, Ricardo. *Edgar Allan Poe: um homem em sua sombra*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.
- BANANÉRE, Juó. [pseudônimo de Alexandre Ribeiro Marcondes Machado]. “O Gorvo” (Paródia) In *La Divina Incredula*, II ed., São Paulo: Folco Masucci, 1966, p. 27-28.
- BARREIROS, José C. “O que é uma boa tradução? é uma tradução bem feita. e o que é uma tradução bem feita?”. *Babilônia: revista lusófona de línguas, cultura e tradução*. 3, 2005, p. 129-145. Disponível em: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/babilonia/article/view/1759/1411>. Acesso em: 18 ago. 2017.
- BARROSO, Ivo. “O Corvo” e Suas Traduções. 2ª ed. Aumentada. Tradutores Baudelaire, Mallarmé, Didier Lamaison, Machado de Assis, Emílio de Meneses, Pessoa, Gondin, Milton Amado, Benedicto Lopes, Alexei Bueno, Jorge Wanderley et al. Rio de Janeiro: Lacerda, 2000.
- CAMPOS, Augusto de. “Transcorvo” In *Despoesia* (1979-1993). São Paulo: Perspectiva, 1994.
- CRUZ E SOUSA. *Obra Completa*. Andrade Murici. (Org.) Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.
- DAGHLIAN, 1999, p. 98 In *Fragmentos*, número 17, p. 95-111 Florianópolis/ jul - dez/ 1999.
- DOS SANTOS, Emerson Cristian Pereira. The Raven e o seu voo para a língua brasileira de sinais. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 37, n. 2, p. 132-158, maio 2017. ISSN 2175-7968. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175->

7968.2017v37n2p132>. Acesso em: 23 ago. 2017. doi: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-7968.2017v37n2p132>.

FLORES, Guilherme Gontijo; GONÇALVES, Rodrigo Tadeu. “O urubu, de Edgar Allan Poe – uma tradução-exu”. Cf. Disponível em: <https://escamandro.wordpress.com/2016/07/11/o-urubu-de-edgar-allan-poe-uma-traducao-exu/>. Acesso em: 23 ago. 2017.

GATO, Margarida Vale de. “A Standing Challenge for Changing Literary Systems” *In Translated Poe*. ESPLIN, GATO (Editors). Bethlehem/ Pensilvânia: Lehigh University Press, 2014.

GUIMARAENS, Alphonsus de. “A cabeça do corvo” *In Kiriale* (1891 - 1895).

LA REGINA, Silvia. “O CORVO”: Edgar Allan Poe e Le Letterature di Lingua Portoghese. Disponível em:

https://archive.org/stream/PoeELeLetteratureDiLinguaPortoghese/Poe%20e%20le%20letterature%20di%20lingua%20portoghese_djvu.txt. Acesso em: 15 jan. 2017.

LEITE, Sylvia Helena Telarolli de Almeida. *Chapéus de palha, panamás, plumas, cartolas: a caricatura na literatura paulista (1900-1920)*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1996, p. 171. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/up000008.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2017.

LEMINSKI, Paulo. *Toda poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

MOHALLEM, Pedro. “O Estorvo” Cf. Disponível em: <https://cinzafria.blogspot.com.br/2016/10/uma-tropicalizacao-de-edgar-poe.html>.

Acesso em: 23 ago. 2017.

POE, Edgar Allan. “O Corvo”. Trad. Venceslau de Queiroz. *In O Mequetrefe*, 1885. Cf. Disponível em:

<http://www.elsonfroes.com.br/framepoe.htm?http%3A//www.elsonfroes.com.br/mscorvo.o.htm>. Acesso em: 22 ago. 2017.

POE, Edgar Allan. “O corvo”. Edgar Allan Poe. Tradução Machado de Assis. Alberto Guerra; ilustrações Cristina Pereira de Lima (Orgs.). Presidente Prudente SP: Editora Ao Livro Técnico, 2008 [1883].

POE, Edgar Allan. “O Corvo”. Trad. Américo Lobo. *Jornal do Comércio*, Belo Horizonte, MG, 7 de agosto de 1892. *Apud Iba Mendes no site O Poeteiro*. Cf. também em:

<http://www.elsonfroes.com.br/framepoe.htm?http%3A//www.elsonfroes.com.br/alcorvo.htm> Acesso em: 22 ago. 2017.

POE, Edgar Allan. “O Corvo”. Trad. Fontoura Xavier. *In Opalas*, 1887. *Apud Iba Mendes no site O Poeteiro*. Cf.

<http://www.elsonfroes.com.br/framepoe.htm?http%3A//www.elsonfroes.com.br/fxcorvo.htm>. Acesso em: 31 ago 2017.

POE, Edgar Allan. “O Corvo”. Trad. Paulo de Magalhães. *In Aurora do Cávado*, 1887.

POE, Edgar Allan. “O Corvo”. Trad. Escragnolle Dória. *In Ateneida, números 8, 9 e 10, 1903. Apud Iba Mendes no site O Poeteiro*. Cf. Disponível em:

<http://www.elsonfroes.com.br/framepoe.htm?http%3A//www.elsonfroes.com.br/mscorvo.o.htm>. Acesso em: 22 ago. 2017.

POE, Edgar Allan. “O Corvo”. Trad. Manoel de Soiza Azevedo (sic) e. *In Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*. Ano 26, página 230, 1914.

POE, Edgar Allan. “O Corvo”. Trad. Manoel de Soiza Azevedo (sic) e. *In Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*. Ano 26, páginas 164-169, 1915. Cf.

<https://editoraanticitera.wordpress.com/category/poesia-angloamericana/>. Acesso em: 22 ago. 2017.

- POE, Edgar Allan. “O Corvo”. Trad. Alfredo F. Rodrigues. *In Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, ano de 1914, p. 230-234. Com as correções indicadas à p. 291 do mesmo volume. *Apud.* RUSSOMANO, Mozart Victor, A vida silenciosa de Alfredo Ferreira Rodrigues, *in Revista da Província de São Pedro*, RS, nº 18, dezembro de 1953, p. 54 a 58. Cf. Disponível em: <http://www.elsonfroes.com.br/framepoe.htm?http%3A//www.elsonfroes.com.br/mscorvo.htm>> Acesso em: 22 ago. 2017.
- POE, Edgar Allan. “O Corvo”. Trad. João Kopke. *In Revista do Brasil* número 13 (vol.III, janeiro de 1917). Cf. Disponível em: <http://www.elsonfroes.com.br/framepoe.htm?http%3A//www.elsonfroes.com.br/mscorvo.htm>. Acesso em: 22 ago. 2017.
- POE, Edgar Allan. “O Corvo”. Trad. Máximo das Dores. *In Engano d'Alma* (sonetos). Lisboa: Imprensa de Libanio da Silva, 1928, p. 45-62.
- POE, Edgar Allan. *Contos de imaginação e mistério*. Edgar Allan Poe. Tradução Aurélio Lacerda. Rio de Janeiro: Pinguim, 1947.
- POE, Edgar Allan. “O Corvo”. Trad. Aurélio de Lacerda. *Diário de Notícias*, 30 de outubro de 1949. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=066559&pagfis=2947&url=http://memoria.bn.br/docreader#>. Acesso em: 22 ago. 2017.
- POE, Edgar Allan. *Poemas famosos da língua inglesa*. Antologia bilíngue. Seleção, tradução e notas Oswaldino Marques. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1956.
- POE, Edgar Allan. “O corvo” (The raven). Trad. Benedicto Lopes. Rio de Janeiro: Liv. São José, 1956.
- POE, Edgar Allan. “O Corvo”. Eldorado. Annabel Lee”. Trad. Gondin da Fonseca *In Poemas da Angústia Alheia*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1956.
- POE, Edgar Allan. “O Corvo”. *In O verme vencedor e outros poemas*. Trad. Luís Augusto de Sousa. Lisboa: Organizações, 1957.
- POE, Edgar Allan. *Poemas e prosa*. Edgar Allan Poe. [organização e tradução Oscar Mendes (prosa) e Milton Amado (poesias)]. Porto Alegre: Globo, 1960.
- POE, Edgar Allan. *Ficção Completa, Poesia e Ensaio*. Tradução Milton Amado e Oscar Mendes. José Aguilar, 1965.
- POE, Edgar Allan. *Ficção Completa: poesias & ensaios*. [organização, tradução e anotações Oscar Mendes (prosa e ensaios) e Milton Amado (poesias); ilustrações Eugênio Hirsch e Augusto Iriarte Gironaz]. Rio de Janeiro: Companhia Aguilar Editora, 1965; 1986.
- POE, Edgar Allan. “O Corvo”. Trad. José Luiz de Oliveira. *In Versos Reunidos, Itu, SP, 1968*.
- POE, Edgar Allan. “O Corvo”. Trad. Benedicto Lopes. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1970.
- POE, Edgar Allan. “O Corvo”. Trad. João Costa. *In Histórias Completas de Edgar Poe* (2º vol.). Lisboa: Arcádia, 1972, p. 559-563.
- POE, Edgar Allan. *Antologia* (“O poço e o pêndulo”, “William Wilson”, “A carta roubada”, Capítulos X e XII de *História de A. G. Pym*, “O corvo”, “Annabel Lee”, “Ulalume”) *in Edgar Poe* (Coleção Gigantes da Literatura Universal). Trad. Cabral do Nascimento (antologia) e Vergílio Godinho (outros textos). Lisboa: Verbo, 1972.
- POE, Edgar Allan. *Poetas nortea-americanos* [sic]. Antologia bilíngue. Tradução e edição Paulo Vizioli. Rio de Janeiro: Lidador, 1976.
- POE, Edgar Allan. “O Corvo”. Trad. Haroldo de Campos. “O Texto-espelho (Poe, Engenheiro de Avestos)”. *In A Operação do Texto*. São Paulo: Perspectiva, 1976, p. 23-41.

- POE, Edgar Allan. "O Corvo". Trad. Rubens F. Lucchetti. *In* Coleção Contos de Terror, 1976.
- POE, Edgar Allan. "O Corvo". Trad. Emílio de Menezes. *In* *Obra Reunida*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.
- POE, Edgar Allan. "O Corvo". Trad. WOJCIECHOWSKI, Antônio Thadeu; PRADO, Roberto; PRADO Marcos; DEL GRASSI, Edilson. Ilustração de Miran *In* *Raposa*, 1985 e republicado em *Os catalépticos*, Lagarto Editores, Curitiba, 1991.
- POE, Edgar Allan. "O Corvo". Trad. Reynaldo Jardim e Marilú Silveira. *In* *Jornal Nicolau*, ano I n° 4 outubro de 1987, p. 12 e 13. Cf. Disponível em: <http://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/24474/D%20-%20VIEIRA%2C%20MARIA%20LUCIA%20VOL%20IV.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. p. 806. Acesso em: 22 ago. 2017.
- POE, Edgar Allan. "O Corvo". Trad. José Lira Ortigão. Recife: Oficina de Cordel, 1996.
- POE, Edgar Allan. "O Corvo". *In* *Suplemento Literário de Minas Gerais* n° 28. Belo Horizonte: POE, Edgar Allan. "O Corvo". *In* *Diário Oficial de Minas Gerais*. Trad. João Inácio Padilha. 1997, p. 6.
- POE, Edgar Allan. "O Corvo". Trad. Sergio Duarte. *In* *Suplemento Literário de Minas Gerais* n° 43. 1998, p. 14.
- POE, Edgar Allan. "O Corvo". Trad. Luis Carlos Guimarães. *In* *Jornal O Galo*, Natal, 1998. [com a colaboração de Aluysio Mendonça Sampaio].
- POE, Edgar Allan. "O Corvo". Trad. Aluysio Mendonça Sampaio. *In* *Revista de Literatura Brasileira*, N° 12, 1998.
- POE, Edgar Allan. "O Corvo". Trad. Edson Negromonte. *Revista Planeta Zero*, n° 1, jan/fev de 1998. Cf. <http://www.elsonfroes.com.br/framepoe.htm?http%3A//www.elsonfroes.com.br/encorvo.htm>. Acesso em: 22 ago. 2017.
- POE, Edgar Allan. *Poemas e Ensaios*. (Trad. Oscar Mendes e Milton Amado). São Paulo: Globo, 1999. 3. Ed. revista.
- POE, Edgar Allan. *O corvo, corvos e o outro corvo*. Organização e tradução Vinícius Alves. Florianópolis: Ed. UFSC: Bernúncia, 2000.
- POE, Edgar Allan. "O Corvo". Trad. André Carlos Salzano Masini. *In* MASINI, André Carlos Salzano. (Coord. Trad. e notas explicativas) Pequena Coletânea de Poesias de Língua Inglesa. [Poe, Yeats, Keats, Henley, Dickinson, Wordsworth, Stevenson, Shakespeare, E. Brontë, Frost]. Edição Bilingue. Edições do Autor, 2000.
- POE, Edgar Allan. "O Corvo". Trad. Alexei Bueno. *In* ROSA DO MUNDO. *Poemas para o Futuro*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2001, p. 1058-1061.
- POE, Edgar Allan. "O Corvo". Trad. Isa Mara Lando. *In* *CADERNOS DE LITERATURA EM TRADUÇÃO* n° 5, ed. Humanitas, 2003.
- POE, Edgar Allan. *Poética*. Edgar Allan Poe. Tradução, introdução, cronologia e notas Helena Barbas. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.
- POE, Edgar Allan. *Filosofia da Composição*. Prefácio Pedro Sússekind, Tradução Léa Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.
- POE, Edgar Allan. "O corvo": em quadrinhos. [adaptação Luciano Irrthum]. Coleção Clássicos em HQ. São Paulo: Editora Fundação Peirópolis, 2009.
- POE, Edgar Allan. *Obra Poética Completa*. Tradução Margarida Vale de Gato. Ilustrações Filipe Abranches. Lisboa: Tinta da China, 2009.
- POE, Edgar Allan. *Poemas e ensaios*. Trad. Oscar Mendes [ensaios], Milton Amado [poemas]. Notas Carmen Vera Cirne Lima. Posfácio Charles Baudelaire. São Paulo: Globo, 2009.

- POE, Edgar Allan. "O Corvo". Trad. Renato Suttana. 2010. Disponível em: <http://www.arquivors.com/eapoe2.htm>. Acesso em: 27 ago. 2017.
- POE, Edgar Allan. "O corvo". Edgar Allan Poe. Tradução Fernando Pessoa e Alexei Bueno [1980]. Ilustrações e adaptação Manu Maltez. Rio de Janeiro: Editora Scipione, 2010.
- POE, Edgar Allan, *O escaravelho de ouro e outras histórias*. Tradução de Rodrigo Breunig e Bianca Pasqualini. Porto Alegre: L&PM, 2011.
- POE, Edgar Allan. "O Corvo". Trad. Cláudio Weber Abramo. In ABRAMO, Cláudio Weber. *A espada no livro*, 1997, p. 59-63 com republicação em "O Corvo": gênese, referências e traduções do poema de Edgar Allan Poe, 2011, p 65-69.
- POE, Edgar Allan. "O Corvo". Trad. Cláudio Weber Abramo. In ABRAMO, Cláudio Weber. *O corvo: gênese, referências e traduções do poema de Edgar Allan Poe*. São Paulo: Hedra, 2011.
- POE, Edgar Allan. "O corvo". Trad. Adriana Pereira. Achados por Ricardo de Pinho Teixeira. 1ª ed. ([Porto]: Gráfica Cromotema, 2011).
- POE, Edgar Allan. "O corvo". Trad. Luiz Antonio Aguiar. Ilustrações de Ryan Price. São Paulo: Melhoramentos, 2012.
- POE, Edgar Allan. "O Corvo". Trad. Tradução Luciano Vieira Machado. In *Steampunk Poe: sete contos e o poema "O corvo"* de Edgar Allan Poe. Ilustrado por Zdenko Basic e Manuel Sumberac. São Paulo: Moderna, 2012.
- OE, Edgar Allan. "O corvo" = The raven. Trad. Thereza Christina Rocque da Motta. Rio de Janeiro: Ibis Libris, 2013.
- POE, Edgar Allan. "O Corvo". Trad. Jeison Luis Izzo. In *O Corvo e Outros Corvos*, 2014. [Amazon Kindle].
- VÁRIOS AUTORES, (LARÊDO, Filipe; SIMÕES, Andrei; FERRIC, Fernando; PATRÍCIA, Cátia; WAZLAWICK, Leo; NISHIDA, Bruno; Cassandri; ESTER, Sílvia BOSCO, Mayra; HATSCHBACH; LEMES, Matheus Cláudia, VIANCO, André; AUGUSTO, Edyr; LARÊDO, Salomão; FRANCISCO LUCCHETTI, Rubens; LEMES, Cláudia; DONADON, Willian; BENÍCIO, Alexandre; TORRALBO, Diego; DEMENECK, Ben-Hur; LEITE, Ian; FALCÃO, DUDA; KAIHATSU, C. B.; OLIVEIRA, Flávio; SÓRIA, Paula; ANTONIETA, Renata; VELOSO, Caroline Policarpo; BARBOSA, Danilo; FREIRE, Diego; CARDOSO, Marielle Pereira; PIRAS, Valentina; ANGELE, Lu; BOGÉA, John; MARCONDES, Thaty; BENTES, Mário; ARTESE, Maria Luiza; VIDAL, Luis Gustavo Temple; Novaes, Eduardo; PROENÇA, Edyr; Alvarenga, João Alfredo; FRAN, Dany e SHIMOHIO, Kelly; DANESIN, Rafael; CAVALHEIRO, Uiu; PEROSINI, Gustavo Lopes; GODOI, Bruno; CARVALHO, Cézanne Lélis de; BORTOLANZA, Carli Roger; ARA, Thais Alves; VIEIRA, Alessandra; OTÁVIO, Natanael; FREITAS, Rossemberg da Silva; SPINDLER, Roberta; FIDELES, Dan I.; PINHEIRO, Thiago; G.; Lee; GHISLERI, Janice; LIMA, Humberto Faria de; AIRES, Letícia; GOTIJO, Paulo Henrique Gomes; RABELO (Whitechapel), Arthur; MIRANDA, Wagner; AOYAMA, Zakuro; AGUIAR, Lucas de; HERPICH, Mateus). *O Corvo. Um livro colaborativo*. VÁRIOS ILUSTRADORES. Editor Filipe Larêdo. São Paulo: Empíreo, 2015. Edição do Kindle.

3.3 Em Francês

BAUDELAIRE, Charles. *Oeuvres Complètes de Charles Baudelaire*. Traductions. *Eureka. La Genèse d'un Poème. Le Corbeau. Méthode de Composition. Par Edgar Poe*.

Notice, notes et Éclaircissements de M. Jacques Crépet. Paris: Louis Conard, Libraire-Éditeur, 1936.

BLÉMONT, Emile. Deux poèmes d'Edgar Poë interprétés en vers français: Un Rêve dans un rêve [A Dream within a Dream], A xxx (To-). *Beaumarchais*, 22 mai 1881. Cf. Disponível em: <http://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb325362364>. Acesso em: 4 jul. 2017.

DELIGNE, Vincent. "Le Corbeau" d'Edgar Allan Poe. Analyse comparative partielle de trois traductions. *Équivalences*, ISSN 0751-9532, Vol. 37, N°. 1-2, 2010, p. 7-22. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4904422>. Acesso em: 27 jul. 2017.

GAUSSERON, Henri Bernard. *Le Corbeau*. Paris, Quantin, 1882. Esta tradução foi citada em levantamento de William T. Bandy, "Tentative Checklist of Translations of Poe's Works (1844-1899)," Madison, WI: Privately Printed (mimeographed pages), 1959. Cf. <https://www.eapoe.org/papers/misc1921/wtb19591.htm#pg0019>. Acesso em: 27 jul. 2017.

GAUSSERON, Henri Bernard. *Le corbeau: poème imité d'Edgar Allan Poë*. Paris: Imprimerie de A. Quantin ..., 1882.

GOUBERT, Eugene. *Le Corbeau, conte fantastique en vers*. Rennes: Oberthur, 1869. Cf. Disponível em: <http://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb311262510>. Acesso em: 3 jul. 2017.

MOISAN, J.-A. "Le Corbeau": Poème d'Edgar Poe. Traduction française équirhythmique, avec texte anglais en regard, par J.-A. Moisan, traducteur d'art". André Bruel, 1933/1939.

LEMONNIER, Léon. *Edgar Poe et les poètes français*. Paris: Éditions de la Nouvelle Revue Critique, 1932.

LAUVRIÈRE, Émile. *Edgar Allan Poe. Sa Vie et son oeuvre: Étude de Psychologie pathologique*. Paris: Félix Alcan, 1904. [Consta tradução do poema sem indicação de autoria, o que sugere fortemente já se tratar da tradução de Lauvrière. Cf. Disponível em:

<https://ia800307.us.archive.org/10/items/edgarpoe00laurrich/edgarpoe00laurrich.pdf>.

Acesso em: 14 jul. 2017.

PECASTAING, Sandy. *Poe et Baudelaire: pour une hantologie du texte*. Littératures. Université Michel de Montaigne - Bordeaux III, 2013, p. 39. Français. Disponível em: <https://tel.archives-ouvertes.fr/tel-00997440/document>. Acesso em: 26 jul. 2017.

POE, Edgar Allan. *Les poems. La genèse d'un poème*. Trad. Charles Baudelaire; Stéphane Mallarmé. Paris: Gallimard, 1982.

Journal d'Alençon em janeiro de 1853. Cf. Disponível em: <http://pt.calameo.com/read/0027669507d660a6e7567>.

POE, Edgar Allan. *Eureka: A Prose Poem* [1848], trad. fr. Eurêka. Un poème en prose, version de Charles Baudelaire, Paris: Marc Lévy, 1864, p. 223-224.

POE, Edgar Allan. *Les cloches*. Traduction libre d'Émile Blémont. Paris: Librairie de l'eau-forte, 1876.

POE, Edgar Allan. *Le Corbeau*. Albert Allenet. Poésies. In "La Jeune France", 1st aout 1879. Disponível em: <https://www.eapoe.org/papers/misc1921/wtb19591.htm>. Acesso em: 11 set. 2017.

POE, Edgar Allan. *Le Corbeau*. In GUILLEMONT, Ernest. *Oeuvres choisies*. Paris: Degorce-Cadot, 1884.

POE, Edgar. *Poésies Complètes*. Traduction Gabriel Mourey. Paris: C Dallou, 1889.

POE, Edgar Allan. *Poèmes complets; Scènes de Politian; Le Principe poétique; Marginalia*. Trad. inédite de Victor Orban; notice biographique et bibliographique par

- Alphonse Siché. Paris: L. Michaud, 1908. Cf. <http://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb31126238s>. Acesso em: 4 jul. 2017.
- POE, Edgar Allan. *Nouveaux contes étranges* [Texte imprimé] / Edgar Poe. [Trad. par Armand Masson]. Ill. de Lobel-Riche. Paris: P. Lafitte, 1911. Cf. Disponível em: <http://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb31126367n>. Acesso em: 11 set. 2017.
- POE, Edgar Allan, Edgar Poe. *Les Cloches et quelques autres poèmes*. Trad. par J. Serruys et illustrés par Edmond Dulac. Paris: H. Piazza (impr. de G. Kadar), 1913.
- POE, Edgar Allan. Edgar Poe. *Contes et poésies*. Introduction, traduction et notes par Émile Lauvrière. Paris: la Renaissance du livre, 1918.
- POE, Edgar. *Le Corbeau*. Trad. Jean George Tollemache Sinclair. In Larmes et Sourire. Poésies originales et traduites des chefs-d'oeuvre de la Poésie anglaise para Sir Jean George Tollemache Sinclair. Paris: Imprimé pour L'Auteur par MM. Chaix et C*, 1912. Cf. Disponível em: <https://ia600300.us.archive.org/22/items/larmesetsourires00sinc/larmesetsourires00sinc.pdf>. Acesso em: 4 set. 2017.
- POE, Edgar Allan. *Histoires Extraordinaires*. Traduit de l'anglais par Charles Baudelaire. La Bibliothèque Electronique du Québec. s/d. Disponível em <<http://beq.ebooksgratuits.com/vents-xpdf/Poe-1.pdf>>. Acesso em: 07/09/2014.
- POE, Edgar Allan. "Le Corbeau" In DELARUE-MARDRUS, Lucie, *Six poèmes: Ulalume, Le corbeau, La dormeuse, A Hélène, La cité dans la mer, Lénore*. Traduits en vers français par Lucie Delarue-Mardrus. Aux dépens des amateurs, 1922. E In DELARUE-MARDRUS, Lucie. *Choix de Poèmes et vers inédits, traductions*. Paris: Alphonse Lemerre, 1951.
- POE, Edgar Allan. *Six poèmes: Ulalume, le Corbeau, la Dormeuse, À Hélène, la Cité dans la mer, Lénore*. Trad. en vers français par Lucie Delarue Mardrus. Paris: impr. de Léon Pichon aux dépens des amateurs, 1922. Cf. Disponível em: <http://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb31126247r>. Acesso em: 4 jul. 2017.
- POE, Edgar. *Le Corbeau*. Trad. Xavier de Magallon. Nice: Sainte-Marguerite de la Mer, Éditions des Iles de Lérins, 1937.
- POË, Edgar. Poèmes. Traduction en vers, et vers pour vers de Pierre Pascal, 1942. Cf. Disponível em: <http://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb352826246>. Acesso em: 3 jul. 2017.
- POE, Edgar Allan. *Contes extraordinaires*. Traduction et adaptation de Armand Juin. [1re et 2e séries] [Texte imprimé]. Paris: A.-L. Guyot, (s. d.). Disponível em: <http://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb311263680>. Acesso em: 11 set. 2017.
- POE, Edgar Allan. *Poèmes d'Edgar Allan Poe*. Adaptation en vers français par Stellamaris. Illustrations de Didier Collobert. Brest: Éd. Stellamaris, DL 2014. Cf. Disponível em: <http://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb43903256b>. Acesso em: 4 jul. 2017.
- POE, Edgar Allan, traduit par Esther Paul. *Le Corbeau*. L'éveil stellaire. Drummondville: Les Éditions du Lys Bleu, 2014, p. 95-98. Cf. Disponível em: [https://ruor.uottawa.ca/bitstream/10393/36049/1/Paul Esther 2017 th%C3%A8se.pdf](https://ruor.uottawa.ca/bitstream/10393/36049/1/Paul%20Esther%202017%20th%C3%A8se.pdf). Acesso em: 19 ago. 2017.
- POE, Edgar Allan. *Contes, Essais, Poèmes*. Introduction aux essais (« Poe critique »), notes et bibliographie de Claude Richard Éditions Robert Laffont, coll. « Bouquins », 1989.
- POË, Edgar. *Le Corbeau*. Traduit par Armand Godoy. Orné d'un frontispice de Mariette Lydis. Cf. Disponível em: <http://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb321748295>. Acesso em: 4 jul. 2017.
- POE, Edgar Allan. *Dix poèmes d'Edgar Poe*. Trad. Alice Becker-Ho. Cognac: le Temps qu'il fait, 1997.

POE, Edgar Allan. *Poèmes*. Traduits de l'anglais par Stéphane Mallarmé, Jean-Marie Maguin, Claude Richard et Christophe Marchand-Kiss. Paris: Textuel, "L'œil du poète", 1997.

POE, Edgar Allan. « 'The Raven' d'Edgar Allan Poe: Présentation suivie d'une traduction nouvelle ». Université d'Orléans: *Sources*, 3 (aut. 1997), 3-8. Nouvelle version: "Lecture de 'Mort emportée,'" *Les Traductions extraordinaires d'Edgar Poe* (Mons, Belgique: Editions du CIPA, UMONS, 2010), 149-154. (Cf. Disponible em: <http://test-seebacher.lac.univ-paris-diderot.fr/repertoire/henri-justin>. Acesso em: 5 set. 2017.

POE, Edgar Allan. *Edgar Poe. Poésies complètes*. Trad. par Gabriel Mourey. Paris: "Mercure de France", 1910.

POE, Edgar Allan. *Histoires, essais et poèmes*. Éd. Jean-Pierre Naugrette et autres, 2006.

POE, Edgar Allan. *Poèmes d'Edgar Allan Poe*. Trad. Jean Hautepierre. Paris: Publibook, 2008.

POE, Edgar Allan. *Douze poèmes d'Edgar Poe*. Vers français de Jean Cadas; frontispice de Sam Jones. Perros-Guirec: Anagrammes, 2009. Cf. Disponible em: <http://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb41444762k>. Acesso em: 3 jul. 2017.

POE, Edgar Allan, traduit par Esther Paul. *Le Corbeau*. L'éveil stellaire. Drummondville: Les Éditions du Lys Bleu, 2014, p. 95-98. Cf. Disponible em: https://ruor.uottawa.ca/bitstream/10393/36049/1/Paul_Esther_2017_th%C3%A8se.pdf. Acesso em: 19 ago. 2017.

ROBIN, Armand. *Ma vie sans moi. Métamorphoses*. Paris: Gallimard, 1940.

ZEMMOUR, Joachim. *De la polysyndète anglophone à l'hypotaxe francophone: problèmes de traduction*. Thèse (Doctorat en Études Anglophones) Linguistique. Université Michel de Montaigne - Bordeaux III, 2012. Disponible em: <https://tel.archives-ouvertes.fr/tel-00812550/document>. Acesso em: 4 abr. 2017.

3.4 Em Italiano

MELANI, Constanza. *Effetto Poe: influssi dello scrittore americano sulla letteratura italiana*. Firenze: Firenze University Press, 2006, p. 277.

NENCIONI, Enrico. *Il "Corvo" di Edgardo Poe*. In *Vita Nuova*, a. I, n. 1, 20 gennaio 1889, p. 1-2.

PASCOLI, Giovanni. "Suor Virginia" (1903/1907/1932). Cf. Disponible em: https://it.wikisource.org/wiki/Primi_poemetti/Suor_Virginia. Acesso em: 24 ago. 2017.

POE, Edgar Allan. *Poesie, Filosofia del comporre, e Lettere*. Trad. it. di Gustavo Tirinelli In *Nuova Antologia*, 2a serie, vol. IV, fasc. IV, 1877.

POE, Edgar Allan. *Il Corvo*. Trad. it. di Scipione Salvotti, in Id., Milano: Da tenebre luce!, 1881.

POE, Edgar Allan. *Il Corvo*. Trad. it. di Guido Menasci, in «Vita Nuova», a. II, n. 1, 1890. Disponibile anche come estratto, Firenze, Tip. Cooperativa, 1890.

POE, Edgar Allan. *Poesie*. Trad. it. di Ulisse Ortensi, Lanciano: Carabba, 1892. Ristampe: 1915 con il titolo *Poemetti e liriche*. Cf. POE, Edgar Allan. *Il libro dei poemi*. Trad. it. di Ulisse Ortensi, Torino/Roma: Roux e Viarengo, 1902. Cf. Disponible em: <https://ia600802.us.archive.org/11/items/PoePoesie/PoePoesie.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2017.

POE, Edgar Allan. *Opere*. Trad. it. di Ernesto Ragazzoni e Federico Garrone, con diversi testi di Poe, inclusi nel loro saggio Edgar Allan Poe. *La vita e le opere*. Torino:

- Roux Frassati e Co. Editori, 1896. Cf. POE, Edgar Allan. *Poesie*. Trad. it. di Ernesto Ragazzoni, con testi contenuti nel suo *Poesie*, Torino: Chiantore, 1927, poi ripubblicato Milano: Martello, 1956. Cf. Disponível em: <https://www.iperteca.it/download.php?id=475>. Acesso em: 14 out. 2017.
- POE, Edgar Allan. *Il Corvo. O Kraulo*. Trans. in italiano e in greco salentino di Vito D. Palumbo. Calimera: V. Taube, 1903. Cf. Disponível em: <https://ia600802.us.archive.org/11/items/PoePoesie/PoePoesie.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2017.
- POE, Edgar Allan. *Poesie*. Trad. it. di Luigi Siciliani, in *Canti perfetti*. Antologia di poeti inglesi moderni, a cura di Luigi Siciliani. Milano: Riccardo Quintieri, 1911, poi in *Poeti inglesi moderni*, medesima curatela, Milano, Mondadori, 1924. Cf. Disponível em: <https://ia802605.us.archive.org/15/items/cantiperfettiant00siciuoft/cantiperfettiant00siciuoft.pdf>. Acesso em: 15 set. 2017.
- POE, Edgar Allan. *Le poesie di Edgar Poe*. Trad. it. di Federico Olivero. Bari: Laterza, 1912.
- POE, Edgar Allan. *Il Corvo*. Trad. Giuseppe Margani. Milano/Palermo/Napoli: R Sandron, 1913.
- POE, Edgar Allan. *Il Corvo*. Cf. Disponível em: http://www.aiutamici.com/PortalWeb/eBook/ebook/Edgar_Allan_Poe-Racconti.pdf. Acesso em: 12 set. 2017.
- POE, Edgar Allan. *Il Corvo*. Trad. it. di Antonio Bruno. Catania: Spampinato e Sgroi, 1932. Cf. POE, Edgar Allan. *Il Corvo e altre poesie*. Trad. it. di Antonio Bruno. Palermo: Novecento, 1990. POE, Edgar Allan. *"The Raven"*. Illustrazioni di Gustavo Doré; nella traduzione in lingua italiana, portoghese, francese e tedesca di Antonio Bruno et al. Venezia: Damocle, 2012.
- POE, Edgar Allan. *Il Corvo*. Trad. it. di Mario Praz In *Rivista d'Italia*, 15 aprile 1921, poi in *Antologia delle letterature straniere*. A cura di Mario Praz e Ettore Lo Gatto. Firenze: Sansoni, 1946. E Cf. POE, Edgar Allan. *Il corvo*. A cura di Mario Praz, Milano: Rizzoli, 1974. Cf. POE, Edgar Allan. *Il corvo; La filosofia della composizione*. Introduzione e Traduzione di Mario Praz. Illustrazioni di Gustave Dore Milano: Biblioteca universale Rizzoli, 1997/2001/2008.
- POE, Edgar Allan. *Il Corvo*. Trad. it. di Camillo Adrower, Roma: Tip. Bondi, 1933.
- POE, Edgar Allan. *Le poesie. Poemetti in prosa*. Trad. it. di Federico Olivero. Saggi critici, Bari: Laterza, 1939.
- POE, Edgar Allan. *Tutti i racconti e le poesie*. Trad. it. di Carlo Izzo, Virginia Vaquer, Aldo Traverso, A.C. Rossi, Enzo Giachino, Fernanda Pivano, Glauco Cambon. Roma: Casini, 1953 / Firenze: Sansoni, 1974 / Firenze: Le Lettere, 1990.
- POE, Edgar Allan. *Poesie scelte*. A cura e Trad. di Angelo Morelli. Firenze: La Nuova Italia, 1955.
- POE, Edgar Allan. *Poesie*. Trad. it. di Alfredo Rizzardi. Caltanissetta: Salvatore Sciascia, 1955.
- POE, Edgar Allan. *Il Corvo*. Trad. di Stéphane Mallarmé e Ettore Serra, con uno scritto di Emilio Cecchi, Milano: Ceschina, 1956.
- POE, Edgar Allan. *Il Corvo. altre poesie e La Filosofia della composizione*, con testo a fronte, a cura di Franco De Poli. Parma: Guanda, 1964/1965. Cf. POE, Edgar Allan. *La città del mare e altre poesie*. Trad. it. di Franco De Poli. Forlì. Forum, 1986.
- POE, Edgar Allan. *Tutti i racconti*. Trad. it. di Carla Apollonio, Milano: Bietti, 1969, 1972. Cf. POE, Edgar Allan. *Tutti i racconti, Il resoconto di Gordon Pym, le poesie*. Trad. it. di Carla Apollonio, Roma: Gulliver, 1985.

- POE, Edgar Allan. *Il corvo*. A cura di Alfredo Lucifero Petrosillo. Bari: Pensiero ed Arte, 1970.
- POE, Edgar Allan. *Il corvo e altre liriche*. Trad. it. in versione metrica di Guido Asvero Bottussi. Firenze: Il fauno, 1971.
- POE, Edgar Allan. *Il corvo e altre storie*. Trad. Boggi Garampelli. Milano: Guanda, 1977.
- POE, Edgar Allan. *Il corvo di Edgar Allan Poe. Saggio introduttivo, traduzioni e note di Flavio Giacomantonio*. Cosenza: Effesette, 1990.
- POE, Edgar Allan. *Tutte le poesie*, a cura di Tommaso Pisanti, Roma, Newton&Compton, 1990.
- POE, Edgar Allan. *Il corvo*. Edgar Allan Poe. Versione di A. Agriesti; con 6 litografie originali di G. Bosich. Ghilarza: Tip. ghilarzese, 1989.
- POE, Edgar Allan. *Poemi*. Trad. it. di Nello Baccetti. Torino: Edizioni Palatine, 1949.
- POE, Edgar Allan. *Il corvo e altre poesie*. Edgar Allan Poe. Trad. e presentazione di Alessandro Quattrone Colognola ai Colli: Demetra, 1997/2000/2002.
- POE, Edgar Allan. *Tutte le poesie*. Trad. e curatela di Tommaso Pisanti. Roma: Newton Compton, 1982/1990. *Tutti i racconti, le poesie e le avventure di Gordon Pym*, con una nota bibliografica di Tommaso Pisanti. Roma: Newton Compton, 1992/1997/2004. Cf. POE, Edgar Allan. *Il corvo e tutte le poesie*. A cura di Tommaso Pisanti. Roma: Grandi tascabili economici Newton, 2003/2012.
- POE, Edgar Allan. *Il corvo e altre poesie*. Trad. it. di Maurizio Cucchi e Silvana Colonna. Milano: Mondadori, 1986. Cf. POE, Edgar Allan. *Il corvo e altre poesie*. A cura di Silvana Colonna e Maurizio Cucchi. Milano: Mondadori, 1991/1995. Cf. POE, Edgar Allan. *Il corvo: 25 poesie*. Trad. Silvana Colonna; Maurizio Cucchi. Milano: Mondadori, 1999.
- POE, Edgar Allan. *O corvo, Ulalume, Annabel Lee, Il corvo, Ulalume, Annabel Lee*. Gabriele Baldini; Antonio Bruno; Elio Chinol; Paolo Collo; Annabel Lee; Trad. português Fernando Pessoa. Torino: Einaudi, 1995.
- POE, Edgar Allan. *Poesie liriche*. Trad. it. di Pietro Visconti. Milano: Signorelli, 1933.
- POE, Edgar Allan. *Il corvo*, a cura di Mario Praz, con illustrazioni di Gustave Doré, Milano, SE, 2004.
- POE, Edgar Allan. *Il corvo*. Trad. it. Silvana Stremiz, 2005. Cf. Disponível em: <https://www.pensieriparole.it/poesie/poesie-d-autore/poesia-18236>. Acesso em: 31 ago. 2017.
- POE, Edgar Allan. *Il corvo*. Trad. it. Francesca Diano, 2006. Cf. Disponível em: <https://emiliashop.wordpress.com/2011/08/24/il-corvo-di-edgar-a-poe-tradotto-da-francesca-diano/>. Acesso em: 31 ago. 2017.
- POE, Edgar Allan. *Il corvo e altre poesie*. Edgar Allan Poe. Trad. e cura di Raul Montanari. Milano: Feltrinelli, 2009/2010.
- POE, Edgar Allan. *“The Raven” Il corvo e altre poesie notturne*. Traduzione di Antonio Vacca. Milano: Lampi di stampa, 2009.
- SHAKESPEARE, William. *Venti sonetti* (dieci in versione isometrica, dieci in endecasillabi sciolti); POE, Edgar Allan. *il corvo* (in versione isometrica). Trad. Claudio Angelini; prefazione di Giuseppe G. Castorina. Roma: Pagine, 2006.

3.5 Em Corso

POE, Edgar Allan. “U corbu”: una falata in lu Maelstrom. Traduzione di Matteu Cirnensi. França: Aiacciu: stamparia di A *Muvra*, 1925. Cf. ARRIGHI, Jean-Marie.

Histoire de la Langue Corse. Paris: Editions Jean-Paul Gisserot, 2002, p. 120. Poe é um dos poucos autores traduzidos em corso. Na obra de Arrighi (2002), em relação a autores de língua inglesa, Poe é o único a figurar na referida história da língua corsa. A tradução foi publicada na revista *A Muvra* que Petru Rocca editava em Córsega. Sobre os dados de publicação, Cf. <http://www.sudoc.abes.fr/DB=2.1/SRCH?IKT=12&TRM=181837307>. Acesso em: 26 jul. 2017.

POE, Edgar Allan: *Il corsaro*. Trad. Giuseppe Recchia. Firenze: Shakespeare and Company, 1993.

3.6 Em Espanhol

ÁNGEL CASAS, Luis. *Pepe del mar, y otros poemas. Con la version ritmica de El cuervo de Poe*. La Habana, Editorial Libreria Selecta, 1948/1950.

ALFONSO, Luis. “El Cuervo [The Raven].” *Revista Iberica de Pitica, Literature, Ciencias y Artes*. I, 16 Aug. 1883), 219. Cf. Disponível em: <https://www.eapoe.org/papers/misc1921/wtb19591.htm>. Acesso em: 23 ago. 2017.

Anon. “El Cuervo [The Raven].” *El Cojo ilustrado*, I (14 April 1892), 122. Disponível em: <https://www.eapoe.org/papers/misc1921/wtb19591.htm>. Acesso em: 23 ago. 2017.

Boletín de la Academia Argentina de Letras. Tomo LXXXV, n. 309-310/2010. Buenos Aires, 2011. Disponível em:

<http://www.letras.edu.ar/wwwisis/indice/Boletin%202010%20-%20309-310.pdf>.

Acesso em: 3 jul. 2017.

BEDOYA SÁNCHEZ, Gustavo Adolfo. “El cuervo de Edgar Allan Poe en la traducción de Carlos Arturo Torres Peña (1910)”. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2012. Cf. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/nd/ark:/59851/bmc3b6n4>. Acesso em: 28 ago. 2017.

Conferir se é o mesmo texto. <https://ia800202.us.archive.org/27/items/edicionesminimas9191unse/edicionesminimas9191unse.pdf>

BERISSO, Emílio. “Remiscencias”. *Cuadernos quincenales de letras e ciências*. Buenos Aires: Samuel Glusberg (Director), 1921, p. 4.

CASTANY PRADO, Bernat. “‘El cuervo’ de Edgar Allan Poe, en la traducción de Felipe Gerardo Cazeneuve (1890)”, 2012., Biblioteca de traducciones hispanoamericanas.

Disponível em: http://www.cervantesvirtual.com/portales/traduccion_hispanoamericanas/. Acesso em: 27 ago. 2017.

DARÍO, Rubén, *Los Raros*. Volumen VI de las obras completas. Ilustraciones Enrique Ochoa. Madrid: Editorial Mundo Latino, 1905. Disponível em: <http://rubendariodigital.magazinmodernista.com/descargas/RubenDario06.pdf>. Acesso em: 3 jul. 2017.

DARÍO, Rubén, *Poesías*. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2517470/mod_resource/content/1/XIX.%20Ruben%20Dar%C3%ADo..pdf. Acesso em: 3 jul. 2017.

DIAZ, Leopoldo. *Traducciones*. Buenos Aires: [Ed.?], 1897.

DIAZ-PEREZ, Viriato. 1907. “Notas y ensayos para una traducción de El Cuervo de Edgar Poe”, *Revista del Instituto Paraguayo* 57, 322-333. Cf.

- http://www.portalguarani.com/detalles_museos_exposiciones.php?id=105&id_exposicion=457. E <http://www.biblioteca.org.ar/libros/134266.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2017.
- DOMÍNGUEZ, Manuel, 1868-1935. *El Cuervo Y Las Campanas*. Asunción: H. Kraus, 1908. (fez resenha da publicação de Viriato-Díaz).
- DOMINGUEZ, Manuel. "El Cuervo y Las Campanas", *Revista del Instituto Paraguayo* 59, 1908. P. 517-525.
- ENGLEKIRK, John E. "Crónica de "El cuervo" de Cazeneuve". *Revista hispánica moderna*. 34: 3-4, 612-625, 1968.
- ENGLEKIRK, John E. *Edgar Allan Poe in Hispanic literature*. New York: Instituto de las Españas en los Estados Unidos, 1934.
- FRABETTI, Carlo. *Nevermore*: basado en "El cuervo" de Edgar Allan Poe. Versión de Carlo Frabetti. Ilustraciones Miguel Navia. Boadilla del Monte, Madrid: SM, D.L., 2009.
- GARCÍA NIETO, Ricardo. *Diecinueve poemas y una traducción "(El cuervo de Edgar Allan Poe)"*. Sevilla: Alfar, 2012. Cf. <http://catalogo.bne.es/uhtbin/cgisirsi/?ps=vQl6zV36kg/BNMADRID/43130445/9>. Acesso em: 4 jul. 2017.
- HERNANDÉZ ROURA, Sérgio Armando. *La Recepción e influencia de Edgar Allan Poe en México (1859-1922)*. Tesis (Estudios de Doctorado en Teoría de la Literatura y Literatura Comparada), 2016. Cf. Disponível em: <http://www.tdx.cat/bitstream/handle/10803/384938/sahr1de1.pdf;jsessionid=BD6EF6543FFF0C816992607E38228BB5?sequence=1>. Acesso em: 28 ago. 2017.
- HILIODORA VALLE, Rafael. *In Revista Iberoamericana*. 1949. Cf. <http://revista-iberoamericana.pitt.edu/ojs/index.php/Iberoamericana/article/viewFile/1399/1619>. Acesso em: 27. jul. 2017.
- IBÁÑEZ SERRADOR, Narciso. *Historias Para No Dormir* (Vol. 4) 7, ediciones Julio García Peri, colección *Historias Para No Dormir*, número 4, 1970. Cf. Disponível em: <http://www.ttrantor.org/PubPag.asp?titulo=El+cuervo>. Acesso em: 31 jul. 2017.
- IBÁÑEZ MENTA, Narciso. *Poemas malditos*. Selección y traducciones Hermógenes Sáinz. Registro de sonido Alberto Navarrete e J. F. Beaudé. Dirección artística Carlos Guitart. Madrid: Sonoplay, D.L., 1968. Contenido: Cara A: Imrecación a la muerte (De como murió Trocanventos) (4'48") / Juan Ruiz, Arcipreste de Hita, siglo XIV. Balada de los ahorcados (3' 2") / François Villon, 1431-1489. Familia maldita (2'15") / Enrique Heine, 1799-1856 (versión de F. Dicenta) . El cuervo (9'08") / Edgar Allan Poe, 1810-1849 (Versión, F. Dicenta) - Cara B: El espectro (1'00") / Charles Baudelaire, 1821-1867; Las letanías de Satanás (3'34") / Charles Baudelaire . En enterramiento (1'09") / Paul Verlaine, 1844-1876 . Pesadilla (1'21") / Paul Verlaine . Una clásica noche de Walpurgis (4'49") / Paul Verlaine . Los ahogados (3'49") / Tristán Corbière, 1845-1875 . Oración de la tarde (1'13") / Arturo Ribaud. Los sedentarios (3'00") / Arturo Rimbaud . Los hambrientitos (1'30") / Arturo Rimbaud. Disponível em: <http://catalogo.bne.es/uhtbin/cgisirsi/?ps=aSTUMyXPY5/BNMADRID/167020353/9>. Acesso em: 4 jul. 2017.
- LANERO, Juan José. 2009. "Poe, Edgar Allan" en Francisco Lafarga & Luis Pegenaute (eds.), *Diccionario histórico de la traducción en España*, Madrid, Gredos, 911-916.
- LANERO FERNÁNDEZ, JUAN J.; VILLORIA, Secundino, SANTOYO, Julio-César. 50 años de traductores, críticos e imitadores de Edgar Allan Poe (1857-1913). *Livius: Revista de estudios de traducción*, nº 3, 1993. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=171234>. E <http://buleria.unileon.es/xmlui/handle/10612/6311>. Acesso em: 31 jul. 2017.

- O'CONNOR D'ARLACH, Amable. *Antes del Alba*: sonetos Amable O'Connor D'Arlach. Bolivia: Imprenta Renacimiento, 1950.
- PINO, Francisco. Traducción infiel de "El cuervo" de Edgar A. Poe. Valladolid: Junta de Castilla y León, 1997.
- POE, Edgar Allan. "El cuervo". José Agustín Quintero (s/d?).
- POE, Edgar Allan. "El cuervo". Carmela Eulate Santjurjo (s/d?).
- POE, Edgar Allan. "El cuervo". In *Eureka* (Estudio del universo material y espiritual) [Inclui *The Raven* em prosa]. s/d.
- POE, Edgar Allan. "El cuervo," version of José Ballesteros, *IPNA*, no. 24 (1954), 30-34, reprinted from "El alcoholismo en literatura. A propósito del poema 'El cuervo' de Edgardo Poe," *El correo del Perú*, no. 31 (2 Aug. 1874), 245-247; no. 32 (9 Aug. 1874), 251.
- POE, Edgar Allan. "El cuervo". Luís Alfonso. In *Revista Ibérica de Política, Literatura, Ciencias y Artes*, vol. I, 1883.
- POE, Edgar Allan. *Novelas y cuentos*. Trad. Carlos Olivera. Garnier 1884.
- POE, Edgar Allan. *El cuervo y otros poemas*. J. A. Pérez Bonalde. Buenos Aires: Renglón, 1887. Link do texto em domínio público: http://www.dominiopublico.es/libros/Edgar_Allan_Poe/Edgar%20Allan%20Poe%20-%20El%20Cuervo.pdf.
- POE, Edgar Allan. "El cuervo". [Trad.] Guillermo F. Hall. In *La Revista Ilustrada de Nueva York*, vol. XI, 1892.
- POE, Edgar Allan. *Poesias de Edgardo Allan Poe*. Buenos Aires, "La Nación", 1892. Trad. Guillermo Stock.
- POE, Edgar Allan. "El cuervo". Guillermo F. Hall. In *Revista ilustrada de Nueva York*, XI (15 Sept. 1892), 483. Disponível em: <https://www.eapoe.org/papers/misc1921/wtb19591.htm>. Acesso em: 23 ago. 2017.
- POE, Edgar Allan. *El Kuerbo*. J. A. Pérez Bonalde. Balparaiso, Enriikez, 1895.
- POE, Edgar Allan. *Cuentos de intriga y terror; El cuervo*. Traducción Jorge Antonio Mestas Pujol, Juan A. Pérez Bonalde. 1ª ed., ed. íntegra. Algete, Madrid: Mestas, 2015.
- POE, Edgar Allan. "El cuervo" de Edgar Allan Poe, Traducción de Felipe Gerardo Cazeneuve (1890)", Cf. <http://www.cervantesvirtual.com/downloadPdf/el-cuervo-de-edgar-allan-poe-en-la-traducion-de-felipe-gerardo-cazeneuve-1890/>. p. 5.
- POE, Edgar Allan. *Historias extraordinarias*. Barcelona, "Arte y Letras". Trad. E. L. de Verneuil. Ilustr. F. Xumetra, 1887.
- POE, Edgar Allan. "El cuervo". [em prosa]. Trad. Leopoldo Diaz. In *Traducciones*. Buenos Aires, 1897.
- POE, Edgar Allan. "El Cuervo". Trad. Enrique González Martínez. In *Bohemia Sinaloense*, 1898.
- POE, Edgar Allan. "El Cuervo". Trad. Ignacio Mariscal. In *El Renacimiento*, 1869.
- POE, Edgar Allan. "El cuervo," Trad. Felipe G. Cazeneuve, *IPNA*, no. 24 (1954), 35-38; reprinted from *El modernismo*, no. 6 (13 Jan. 1901), p. 63.
- POE, Edgar Allan. "Nada mas," Paraphrase version by Renato Morales, *IPNA*, no. 24 (1954), 39, reprinted from *El modernismo*, no. 13, March, 1901.
- POE, Edgar Allan. "El cuervo". Rafael M. Arizorga. In *La Unión Literaria*. Quito, 1902.
- POE, Edgar Allan. "El Cuervo". Trad. Enrique González Martínez, "El cuervo". In *Preludios*, Mazatlán, 1903.
- POE, Edgar Allan. "El cuervo". Francis J. Amy. In *Musa Bilingue*. San Juan, P. R. "El Boletín Mercantil", 1903.

- POE, Edgar Allan. "El Cuervo". In *Revista Moderna de México*. Viñeta de Julio Ruelas, 1904.
- POE, Edgar Allan. "El cuervo". Trad. Isaías Gamboa. In *Flores de otoño y otras poesías*. San José, (1904?).
- POE, Edgar Allan. "El cuervo". R. Gómez Robelo. In *En el camino*. México, 1906.
- POE, Edgardo, *El gato negro, seguido de El Cuervo-poema*. Traducción de Ramón Pomés. Ilustraciones de V. Buil. Barcelona: Roviray Chiqués, 1907.
- POE, Edgar Allan. "El cuervo". Traducción de Pedro Penzol. Valencia/Madrid: F Sempere y Campaña, (1907?).
- POE, Edgar Allan. "El cuervo". In *Aventuras de tierra y mar*. [Inclui El cuervo em prosa] Traducción de Ramón Pomes. Ilustraciones de V. Buil. Barcelona: Robira y Chiqués, (1907?).
- POE, Edgar Allan. "El cuervo". Carlos Arturo Torres. In *Poemas fantásticos*. Paris: Roger y Chernoviz, (1908?).
- POE, Edgar Allan. *Obras de Edgardo Poe*. Barcelona, s. f. Cultura popular, (1908?).
- POE, Edgar Allan. "El Cuervo". Trad. Ignacio Mariscal. In *Don Quijote* (Puebla), año III, núm. 8, 1910, p. 2-3. Tr. de Mariscal.
- POE, Edgar Allan. *Poemas*. Madrid, Primitivo Fernandez. Traductores. Carlos Arturo, Torres y J. A. Perez Bonalde. Ruben Dario (Prólogo), 1909.
- POE, Edgar Allan. "El cuervo". In *Cuentos Fantásticos*. [Inclui El cuervo]. Traducción de Antonio Muñoz Pérez. Ilustraciones y cubierta de Georges Villa. Paris: Louis-Michaud, (1911?). (Obras Maestras Universales Ilustradas).
- POE, Edgar Allan. "El Cuervo". Trad. Ignacio Mariscal. In MARISCAL, Ignacio. *Poesías*. Coleccionadas por Balbino Davalos. Madrid: Tip. de la Revista de Archivos. Olózaga, núm. I, 1911. Cf. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/descargaPdf/poesias-11/>. Acesso em: 1 set. 2017.
- POE, Edgar Allan. *Cuentos fantásticos*. Trad. Antonio Mufioz Perez. Ils. Georges Villa. Paris: Louis-Michaud, s. f. (1911?) (Obras Maestras Universales Ilustradas).
- POE, Edgar Allan. "El cuervo". In *Pacífico Magazine*, nº 29, 1915.
- POE, Edgar Allan. "El cuervo". Emilio Berriso. In *A la vera de mi senda*. Buenos Aires, 1915.
- POE, Edgar Allan. "El cuervo". Trad. de José Pablo Rivas. Estudio (Barcelona), mayo 1916, p. 220-224.
- POE, Edgar Allan. *Las campanas y otros poemas*. Buenos Aires, 1916. Trad. Carlos Arturo Torres. Eds. Minimas. 1916.
- POE, Edgar Allan. "El cuervo". José Pablo Rivas. In *Estudio*, vol. XIV. Barcelona, 1916.
- POE, Edgar Allan. "El cuervo," Trad. [?] *El hogar*, no. 346 (19 May 1916).
- POE, Edgar Allan. "El cuervo". In *Poemas completos*. Traducidos en prosa por Abel Farina. In *El Correo Liberal*, Medellín: Colombia, 1915-1916.
- POE, Edgar Allan. "El cuervo". In *Antología de líricos ingleses y angloamericanos*, 1918.
- POE, Edgar Allan. *Obras completas*. 6 vols. Trads. Emilio Carrere, R. Cansinos-Assens, José Francés, Ramón Gomez de la Serna, Andris Gonzilez-Blanco y E. Ramirez Angel. Fernando Fe 1918-1921.
- POE, Edgar Allan. "Los hechos en el caso del señor Valdemar", en *El Demócrata*, 28 de marzo de 1920, p. 14 y 18. [Incluye un proemio de Carlos Barrera, "Una bella traducción", de Manuel Carpio, poema *El Cuervo*, trad. por Manuel A. Chávez].
- POE, Edgar Allan. "La traducción de Bonalde del 'Cuervo,' de Edgard Poe," *Cosmópolis*, no. 6 (1919), 206-211.

- POE, Edgar Allan. "El cuervo". In *Libro Cuatro de Lectura*. Siver Burdett & Co., 1920.
- POE, Edgar Allan. "El cuervo". In *Antología de poetas extranjeros*. Madrid, 1920.
- POE, Edgar Allan. "El cuervo". Trad. Rafael Lozano. In *El Maestro*, 1922.
- POE, Edgar Allan. "El cuervo". R. Lozano. In *Prisma*, vol II, 1922.
- POE, Edgar Allan. "El cuervo". Álvaro Armando Vasseur. In *Hacia el Gran Silencio*. Montivideo: Claudio García, 1924.
- POE, Edgar Allan. "El cuervo,". Trad. M. Moreno-Mora, *América latina*, I (1924), 368, 370, 372, 374.
- POE, Edgar Allan. *Poesias*. Cervantes 1924. Trads. F. J. Amy, Eduardo de la Barra, N. A. Cortes, L. Diaz, Rafael Lozano, F. Maristany, J. P. Rivas y C. A. Torres. Pro1. Manuel de Montoliu. MPL: 47.
- POE, Edgar Allan. "El cuervo". *Traducciones Poéticas*. Bogotá: Ed. By Gómez Restrepo, 1926.
- POE, Edgar Allan. "El cuervo". In *traducciones poéticas*, 1926.
- POE, Edgar Allan. "El cuervo". In Joyario de Poe. Traducción y prólogo de Francisco Soto y Calvo. Buenos Aires/Mexico: "El Inca", 1927.
- POE, Edgar Allan. *Poesias*. Trads. Agustín Aguilar y Tejera y Francisco R. Ortega y Frias. Cidiz, A. Lopez, s. f. (1927?).
- POE, Edgar Allan. "El cuervo". In *Obras escogidas* [Inclui El cuervo]. Madrid: Compañía Ibero-Americana-Fernando Fe, (1928?). (Literatura universal, tomo VII). Traductores Agustín Aguilar y Tejera y Francisco R. Ortega y Frías.
- POE, Edgar Allan. "El cuervo". In Poesías. Traducidas directamente del inglés por Agustín Aguilar y Tejera y Francisco R. Ortega y Frías. Cadiz: A. López, (1927?).
- POE, Edgar Allan. *Los Poemas d'Edgar Poe*. Traducción, prólogo y notas Carlos Obligado. Buenos Aires, Viau y Zona, 1932.
- POE, Edgar Allan. *El escarabajo de oro*. Traductor Manuel Vallvé López. Ediciones Juventud. Colección Popular Fama, número 36 (1934). Cf. <http://www.ttrantor.org/AutPag.asp?autor=Vallv%E9+L%F3pez%2C+Manuel>.
- POE, Edgar Allan. "El cuervo," translated by J. A. Pérez Bonalde, *Letras del Ecuador*, nos. 50-52 (1949), 14; *Revista nacional de cultura*, no. 54 (Jan.-Feb. 1946), 50-53.
- POE, Edgar Allan. Los poemas de Edgard Poe. Buenos Aires, Viau y Zona, 1932, LXXV-322 p. Trad., prol. y notas de Carlos Obligado; *ibid.*, Espasa-Calpe 1942,
- POE, Edgar Allan. "El cuervo" Trad. Fernando Aguirre de Carcer, *Repertorio americano*, no. 1144 (15 Nov. 1952), 357-358.
- POE, Edgar Allan. "El cuervo," Trad. Carlos Obligado, *América* [Quito], nos. 54-55 (1934), 55-58.
- POE, Edgar Allan. *Poemas*. Trad. y notas de Alberto L. von Schauenberg. Buenos Aires: Edit. Orientación, 1937.
- POE, Edgar Allan. *Poesias*. Montevideo, C. Garcia y Cia., 1938, 115 p. Trads. Alberto Lasplaces, Pdrez Bonalde y C. A. Torres. Pr61. Ruben Dario.
- POE, Edgar Allan. *El cuervo, las campanas, y otros poemas*. Trad. [?] Tor 1943.
- POE, Edgar Allan. *Narraciones completas*. Traductor Julio Gómez de la Serna. Madrid: Ediciones Aguilar, número 83, 1951. (colección Joya).
- POE, Edgar Allan. *Narraciones completas*. Traductor Julio Gómez de la Serna. Madrid: Ediciones Aguilar, 1964. (colección El Lince Astuto).
- POE, Edgar Allan. *Obras selectas*. Cotraductor: F. Gutiérrez; Cotraductor: Rafael Cansinos Assens; Cotraductor: José Francés; Cotraductor: Enrique Leopoldo de Verneuill; Cotraductor: Emilio Carrère. Cotraductor: D. Navarro; Cotraductor: Andrés González Blanco. Buenos Aires: Ediciones El Ateneo, 1966.

- POE, Edgar Allan. *Edgar Allan Poe. Obras Selectas*. Colección Clásicos Inolvidables. Argentina: El Ateneo, 1966.
- POE, Edgar Allan, Raúl Mariaca G. *44 [Cuarenta y cuatro] poemas de Edgar Allan Poe*. Traducidos por Raul Mariaca G. La Paz : Cochabamba : Ed. "Los Amigos del libro", 1971. Cf. <http://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb352088534>. Acceso em: 4 jul. 2017.
- POE, Edgar Allan. *Historias extraordinarias/Poemas*. Traductor Diego Navarro. Ediciones Plaza & Janés, 1973. (colección El Arca de Papel), número 29.
- POE, Edgar Allan. *Terror suelto*. Traductor: Miguel Giménez Sales. Ediciones Molino, 1973. (colección Biblioteca Oro Terror), número 27.
- POE, Edgar Allan. *Historias extraordinarias*. Traductor Mauro Armiño. Ediciones Cedro, 1976.
- POE, Edgar Allan. *Obra completa en poesía*. Trad. de Arturo Sánchez. Madrid: Libros Río Nuevo, 1976.
- POE, Edgar Allan. *Narración de Arthur Gordon Pym*. Traductora Emiliana Lapuente. Ediciones Edival, 1978. (colección Trébol).
- POE, Edgar Allan. *Las aventuras de Arthur Gordon Pym. El cuervo*. Traductora Emiliana Lapuente. Ediciones Editores Mexicanos Unidos, 1979. (colección Literaria Universal), número 76.
- POE, Edgar Allan. *Obras inmortales*. Cotraductor: Ricardo Summers. Ediciones Edaf, (colección Obras Inmortales), 1967/1986.
- POE, Edgar Allan. *Obra completa en poesia*. Federico Revilla; Arturo Sánchez. Barcelona: Libros Río Nuevo, 1983.
- POE, Edgar Allan. *Obras*. Carlos del Pozo. Madrid: Nájera, 1983.
- POE, Edgar Allan. *Obras*. Trad. Ricardo Summers et al. Madrid: Edaf, 1986.
- POE, Edgar Allan. *Narración de Arthur Gordon Pym. El cuervo* Ilustraciones Gustave Doré. Ttraducción Emiliana Lapuente. Madrid: Gaviota, D.L., 1987.
- POE, Edgar Allan. *Ensayos y críticas*; Traducción, introducción y notas de Julio Cortázar. Madrid: Alianza Editorial, 1987.
- POE, Edgar Allan. *El cuervo*. Piedad Bonnet. Bogotá: El Ancora, 1994.
- POE, Edgar Allan. *Traducción infiel de "El Cuervo" de Edgar A. Poe*: con un poema, ocho poeturas y prólogo de Francisco Pino. Salamanca: Consejería de Educación y Cultura, 1997.
- POE, Edgar Allan. *Antología poética ilustrada*. Javier Miró. Valencia: la Mascara, 1997.
- POE, Edgar Allan. *El cuervo*. Trad. Efraim Otero Ruiz. In "El cuervo de Edgar Allan Poe", *Cuadernos americanos* XI, 1997, 1, 107-125.
- POE, Edgar Allan. *Narraciones extraordinarias*. Traductor Ramón Hervás. (3ª selección), ediciones 29, 1997. (colección Grandes Autores).
- POE, Edgar Allan. *El cuervo y otros poemas*. Cotraductores Edgardo Dobry e Andrés Ehrenhaus. Ediciones Mondadori, 1998. (colección Mitos Poesía), número 18.
- POE, Edgar Allan. *El cuervo y otros poemas*. Edgardo Dobry; Andrés Ehrenhaus. Madrid: Mondadori, 1998.
- POE, Edgar Allan. *El gato negro seguido de El cuervo*: poema. Trad. Ramón Pomés. Buil. Sevilla: Padilla Libros, 2000.
- POE, Edgar Allan. *Poesía completa*. Traductor Arturo Sánchez. Ediciones Hiperión, 2000.
- POE, Edgar Allan. *El cuervo y otros poemas*. Traductora Gabriela Stoppelman. Ediciones Errepar - Longseller, 2000. (colección Clásicos de Bolsillo), número 58.

- POE, Edgar Allan. *Poesía completa*. Cotraductora María Cándor; Cotraductor Gustavo Falaquera. Ediciones Hiperión, 2000.
- POE, Edgar Allan. *Poesía completa*. Traducción María Cándor Orduña e Gustavo Falaquera. Madrid: Hiperión, 2000.
- POE, Edgar Allan. *Antología poética*. Traducción Marcela Testadiferro. Barcelona: Astri, 2000.
- POE, Edgar Allan. *Escritos sobre poesía y poética*. Traducción de María Cándor Orduña. Madrid: Ediciones Hiperión, S.L. 2001.
- POE, Edgar Allan. *La filosofía de la composición = The philosophy of composition*. Traducción de José Luis Palomares. S.L., San Lorenzo de El Escorial, Cuadernos de Langre, 2001.
- POE, Edgar Allan. *Poesía completa*. Traductor Arturo Sánchez. Ediciones 29, 2002. (colección Ucieza).
- POE, Edgar Allan. *Poesía completa*. Traducción de Arturo Sánchez y Federico Revilla. Sant Cugat del Vallés: Ediciones 29, 1974/2002.
- POE, Edgar Allan. *Poesía completa*. Arturo Sánchez. Sant Cugat del Vallès: Ediciones 29, 2005.
- POE, Edgar Allan. *Obras completas*. 2 vols. Traducción Julio Cortázar. Barcelona: Aguilar, 2007.
- POE, Edgar Allan. *El gato negro y otros cuentos ilustrados de misterio e imaginación*. Traductor: Mauro Armiño. Ediciones Valdemar. (colección Grangaznate), número 2 (2008). Cf. Disponible em: http://www.ttrantor.org/VolPag.asp?volumen=9788477026204&titulo_volumen=El+gato+negro+y+otros+cuentos+ilustrados+de+misterio+e+imaginaci%F3n. Acceso em: 24 ago. 2017.
- POE, Edgar Allan. *A la sombra del maestro*. Traductor Ramón González Férriz. (colección Ficción). Ediciones Mosaico, 2009.
- POE, Edgar Allan. *El cuervo y otros poemas góticos*. Luis Alberto de Cuenca. Ediciones Reino de Cordelia, 2010. (colección Los Versos de Cordelia)
- POE, Edgar Allan. *Método poético y narrativo*. Traductora Magdalena Palmer. Ediciones Ellago, 2001 (colección Rescate).
- POE, Edgar Allan. "El cuervo"/"The Raven". Trad. Adolfo Muñoz, Ilustr. Javier Serrano. Prol. Luis Alberto de Cuenca; Salamanca: Editorial TATANKA, 2012.
- POE, Edgar Allan. *El cuervo = "The Raven"*. Traducción Adolfo Muñoz. Ilustraciones Javier Serrano. Prólogo Luis Alberto de Cuenca. Ttraducción del prólogo Jeremy Roe. Madrid: Tatanka Camp, D.L. 2012.
- POE, Edgar Allan. *El Cuervo y otros poemas de Edgar Allan Poe*. Trad. Alexis Figueroa. Ilustr. Fabian Rivas Belmar. Chile: Editorial Austrobórea, 2015.
- POE, Edgar Allan. *El cuervo seguido de Filosofía de la composición*. Trad. Enrique López Castellón. Ilustraciones de Francisco Bores. Madrid: Abada Editores, 2016.
- POE, Edgar Allan (1809-1849). *El cuervo y otros poemas*. Traducción Yenis Ochoa. Prólogo y presentación Francesc Ll. Cardona; [ilustrado por Gustave Doré]. Santa Perpetua de Mogoda, Barcelona: Brontes, D.L., 2016.
- POE, Edgar Allan. *El cuervo y otros poemas*. Traducción. Alexis Figueroa. Ilustraciones interiores Fabián Rivas Belmar. Santiago de Chile: Austrobórea Editores, 2016.
- POE, Edgar Allan. The Raven (1845): El cuervo. I ed. Nueva York, "La America", 1887. Trad. J. A. Perez Bonalde; 2ª ed. Buenos Aires, H. Ackermann y Cia., 1888; *El kuerbo*. Balparaiso, Franzisko Enrrikez, 1895, 29 p. Trad. J. A. Pérez Bonalde; *ibid.*,

- Arika, Chile, Karlos Kabezón, 1913, 6 p.; *ibid.*, 4 ed. Killota, F. Enrriquez, 1914, 27 p.; El cuervo. Eagle Pass, Texas, 1890, 13 p. Trad. Felipe G. Cazeneuve; - Tor 1943.
- POE, Edgar Allan. "El Cuervo": Un poema de Edgar Allan Poe (Dark Penny Dreadful n° 1). Trad. Ithan H. Grey. Kindle Edition, 2016.
- POE, Edgar Allan. *El cuervo y otros poemas*. Antonio Rivero Taravillo. Traductor. (Colección: El libro de bolsillo>Literatura). Madrid: Alianza Editorial, 2017.
- PROYECTO HELBARDOT, trans., *El Cuervo y otros poemas*: Edición bilingüe conmemorativa del bicentenario del natalicio de Edgar Allan Poe. [cotraductores Argel Corpus, Ana Elena González Treviño, Gabriel Linares, Mario Murgia, Alejandro Pacheco García y Evelio Rojas]. Mexico City: Stonehenge Books, 2009. Cf. el texto "Return to El Dorado? Poe Translated in Mexico in the Twenty-First Century" de Christopher Rollason *In Esplim e Gato* (2014).
- SASTRE, Alfonso. *El escenario diabólico* (adaptación para teatro). Ediciones Saturno, 1973. (colección Los Libros de la Frontera), número 4.
- SILES ARTÉS, José. El Cuervo de Edgar Allan Poe: ingenio y poesía. *Didáctica. Lengua y Literatura*, 2011, Vol. 23 369-379. DOI: http://dx.doi.org/10.5209/rev_DIDA.2011.v23.36324. e Cf. <http://catalogo.bne.es/uhtbin/cgisirsi/?ps=3EIN7JF4hm/BNMADRID/193400461/9>. Acceso em: 4 jul. 2017.
- STOCK, Guillermo. Poesias. Buenos Aires, "La Nación," 1892. Cf. Disponível em: <https://www.eapoe.org/papers/misc1921/wtb19591.htm>. Acceso em: 23 ago. 2017.
- ZARANDONA FERNÁNDEZ, Juan Miguel. "El cuervo" de Edgar Allan Poe, en traducción de Juan Antonio Pérez Bonalde (1887). *Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes*, 2012. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/nd/ark:/59851/bmcff4c5>.
- ZARANDONA, Juan Miguel & Pablo CARRASCOSA. "Una traducción hispano-americana de 'The Raven', de E. A. Poe: 'El cuervo', de José Antonio Pérez Bonalde", Babel AFIAL, 1996.

3.7 Em Galego

- POE, Edgar Allan. *O corvo*. Tomás González Ahola. Santiago de Compostela: Urco, 2008.

3.8 Em Alemão

- POE, Edgar Allan. *Der Rabe*. In: Magazin für die Literatur des Auslandes. Band 43. Januar bis Juni 1853. Nr. 70, 11. Juni, Seite 28.
- POE, Edgar Allan. *Der Rabe*. In: Archiv für das Studium der neueren Sprachen und Literaturen, 11. Jg, Band 19, Braunschweig: Georg Westermann, 1856.
- POE, Edgar Allan. *Der Rabe*. In: Magazin für die Literatur des Auslandes. Redigiert von J. Lehmann. Verlag von Veit & Comp., Berlin 1857. 52. Band, Juli bis Dezember. Nr. 130, 29. October, Seite 519–520.
- SPIELHAGEN, Friedrich. *Amerikanische Gedichte*. 1858, und im Supplementband Sämmtlicher Werke, siehe Fritz Hippe: Edgar Allan Poes Lyrik in Deutschland [in der 2. 1865 und 3. Auflage 1872 Amerikanische Gedichte nicht vorhanden].

- MÜLLER, Niclas (1809–1875) Buchdrucker, Liederdichter, Schriftsteller. *Der Rabe*. Übertragen von Niclas Müller. Verlag von Nic. Müller, New York 1874.
- POE, Edgar Allan. *Der Rabe*. In: Neues Wiener Theater. 35. Wien: Rosner, 1874.
- POE, Edgar Allan. *Der Rabe*. *Der Rabe*. 1. Band, 1878, Seite 355–357.
- BRUCK, Julius. *Bunte Blüthen. Scherz und Ernst in Versen*. Verlag: New York, S. Zickel, 1880.
- POE, Edgar Allan. *Der Rabe*. Ausgewählte Gedichte. Übersetzer: Hedwig Lachmann. Berlin: Verlag des Bibliographischen Bureaus, 1891.
- Der amerikanische Dichter* Edgar Allan Poe. In: Stimmen aus Maria-Laach, Herder'sche Verlagsbuchhandlung, Freiburg im Breisgau 1892 Band 42 S. 67–90.
- Disponível em: [https://de.wikisource.org/wiki/Der_Rabe_\(%C3%9Cbersetzung_Baumgartner\)](https://de.wikisource.org/wiki/Der_Rabe_(%C3%9Cbersetzung_Baumgartner)). Acesso em: 19 ago. 2017.
- POE, Edgar Allan. *Edgar Allan Poes Werke in Zehn Bänden*. Trans. Hedda Moeller-Bruck and Hedwig Lachmann, 10 vols. Minden: J.C.C. Bruns Verlag, Ed. Hedda and Arthur Moeller-Bruck, 1904.
- POE, Edgar Allan. *Werke in zehn Bänden*. Übertragen und herausgegeben von Hedda und Arthur Moeller-Bruck. Minden i.W., 1901-1904.
- In Deutsch-Amerikanische Geschichtsblätter. Herausgegeben von der Deutsch-Amerikanischen Historischen Gesellschaft von Illinois*. Vierteljahrsschrift. Jahrgang 3, Januar 1903, Heft 1, Seite 15–17.
- POE, Edgar Allan. *Edgar Allan Poe*. Trad. Hanns Heinz Ewers. Volume 42 de Die Dichtung, eine Sammlung von Monographien. Schuster & Loeffler, 1905. Cf. Disponível em: <http://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb42274289n>. Acesso em: 3 jul. 2017. Cf. também em: <http://d-nb.info/1071362372>. Acesso em: 19 ago. 2017.
- POE, Edgar Allan. *Der Rabe von Edgar Allan Poe*. Zwei metrische Übersetzungen des Gedichts von Emil Häußer und Paul Schäfenacker. (Im Anhang drei Gedichte Poe's übersetzt von Häußer.) Mannheim 1906. Cf. <http://geb.uni-giessen.de/geb/volltexte/2008/6114/pdf/Koessler-Haack-Hyss.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2017.
- POE, Edgar Allan. *Der Rabe*: Gedicht. Übers. v. A. v. Dunop, 1909.
- POE, Edgar Allan. *Der Rabe Die Psychologie d. Schaffens*. Aus d. Engl. von Otto Hauser. Weimar/ Duncker: Erscheinungsdatum, 1917.
- POE, Edgar Allan. *Ligeia und andere Novellen Sieben Gedichte Edgar Allan Poe*. Mit 14 [eingedr.] Bildbeigaben von Alfred Kubin. [Ligeia und andere Novellen übers. von Gisela Etzel. Sieben Gedichte übers. von Theodor Etzel].
- POE, Edgar Allan. *Edgar Allan Poes Werke*. Gesamtausgabe der Dichtungen und Erzählungen, Band 1: Gedichte, Herausgegeben von Theodor Etzel, Berlin: Propyläen-Verlag, [1922], S. 116-122.
- POE, Edgar Allan. *Der Rabe und andere Gedichte*. Deutsch v. Johannes von Guenther. Hannover: Erscheinungsdatum, 1947. Disponível em: <http://d-nb.info/453806783>. Acesso em: 19 ago. 2017.
- SAJTINAC, Borislav. *Labyrinthe Privé*. München, Cartoon-Caricature-Contor, 1981. Mit einem dt.-frz.-engl. Vorwort von George Moorse, vielen „Notizen, Sketchen und Cartoons“ sowie 7 Zeichnungen im Rahmen der frei erzählten Geschichte ‚Der Rabe‘ von Edgar Allan Poe. Cf. Disponível em: <http://www.antiquariat-feurer.de/images/Feurer%20Katalog%2045.pdf>.
- POE, Edgar Allan. *Gedichte. Drama. Essays*. Übers Dt. von Richard Kruse [...]. Herrsching / Pawlak: Erscheinungsdatum, 1980.

- POE, Edgar Allan. *Der Rabe: 7 Geschichten u. 3 Gedichte um Liebe u. Tod*. Michael Görden. Bergisch Gladbach: Bastei-Lübbe, 1981.
- POE, Edgar Allan: *Gedichte*. Arno Schmidt; Hans Wollschläger. München: Deutscher Taschenbuch-Verlag, 1986. POE, Edgar Allan. *Der Rabe: zweisprachig*. Trad. Ursula Wernicke. Frankfurt am Main: Insel-Verlag, 1985.
- POE, Edgar Allan. *Der Rabe. Gedichte & Essays*. Schmidt, Arno; et al. Zürich: Haffmans, 1994.
- POE, Edgar Allan. *Der Rabe*. Übertragung von Hans Wollschläger. Mit dem Essay Die Methode der Komposition in der Übersetzung von Ursula Wernicke, Frankfurt a.M., 1996.
- POE, Edgar Allan. *Der Rabe*. Kay Borowsky. Reicheneck: Aldus-Press, 1992.
- POE, Edgar Allan. *Der Rabe: zweisprachig*. Mit dem Essay "Die Methode der Komposition". Ursula Wernicke; Hans Wollschläger. Frankfurt am Main: Insel-Verlag, 1995.
- POE, Edgar Allan. *Der Rabe. Gedicht & Essay*. englisch & deutsch Trad. Christa Schuenke. Berlin: Corvinus-Press, 1996.
- POE, Edgar Allan; SHELLEY, Mary Wollstonecraft; TAYLOR, Edward. *Lyrik und Prosa* Helmut Pydde. Frankfurt am Main: Haag und Herchen, 2002. E Cf. HARDY, Thomas; POE, Edgar Allan; YEATS, William Butler. *Gedichte*. Helmut Pydde. Frankfurt am Main: Haag und Herchen, 2002.
- Hans Peter Hallwachs und Joachim Schönfeld lesen Edgar Allan Poe, *Der Rabe und andere Spukgeschichten*. Nach der Übers. von Gisela Etzel. Regie: Torsten Feuerstein; Friederike Wigger.
- ENDRÉ, Jean-Paul; SINNER, Annick. *Edgar der Rabe: eine Geschichte für Kinder und Erwachsene*. Cf. Disponível em: <http://d-nb.info/969801637>. Acesso em: 19 ago. 2017.
- Fantasia seria: per la chitarra; frei nach dem Gedicht "Der Rabe"* von Edgar Allan Poe /Widukind Reimer. Fingersatz von Christian Tilting. Disponível em: <http://d-nb.info/994557892>. Acesso em: 19 ago. 2017.
- ZYX, Hieronymus. *Edgar Allans Rabe: Gedichte in Dur und Moll*. Hrsg. von Erich Fitzbauer. Eichgraben: Graph. Zirkel, 2010. Cf. Disponível em: <http://d-nb.info/106674937X/34>. Acesso em: 21 ago. 2017.
- POE, Edgar Allan. *Der Rabe*. Herausgeber Marius Grundmann. Übersetzer Helmut Grundmann. Kindle Book, 2011.

3.9 Em Estoniano

- POE, Edgar Allan. *Poem "Ronk" ja teised luuletused*. Trad. Johannes Aavik. Tartu: Härmametsa Talu kirjastus, 2000.
- POE, Edgar Allan. *Eleonora ja teisi novella*. Urve Hanko. Tallinn: Eesti Raamat, 2002.
- POE, Edgar Allan. *Novelle*. Trad. Helga Kross. Tallinn: Avita, 2001.

3.10 Em Azerbaijano

- E. A. Po. Seçmə hekayələr: Hekayələr. red. Ş. Quliyeva; tərc. Ed. F. Uğurlu [et al.] ; rəs. E. Cabarov. Bakı: Altun Kitab, 2014.

3.11 Em Ucrainiano

Рихло О. П. (RYHLO, O.P.). *Освоєння поеми Едгара Аллана По "The Raven" в українській літературі* / О. П. Рихло // *Питання літературознавства*. - 1997.

artigo de Максим Стріха. Disponível em: <http://www.vsesvit-journal.com/old/content/view/321/41/>. Acesso em: 24 jul. 2017.

Автореферат дисертації Відтворення мовно-стилістичних особливостей творів Е.А.По в українських перекладах 2002.

3.12 Em Búlgaro

POE, Edgar Allan. *Stihotvoreniya i poemi*. Temenuga Marinova. Sofija: Srebären läv, 2001.

3.13 Em Russo

ANDREEVSKY. ("The Raven"). (*The Messenger of Europe*), II (1878), 108-127. Cf. Disponível em: <https://www.eapoe.org/papers/misc1921/wtb19591.htm>. Acesso em: 23 ago. 2017.

MEREZHKOVSKY, D. "The Raven." (*Work*), XI, 1893. Cf. Disponível em: <http://fb2bookdownload.ru/engine/download.php?id=2024>. Acesso em: 25 ago. 2017.

POE, Edgar Allan. *Sobranije sochinenij [Collected Works] 5 Vols. Trans. Konstantin Bal'mont. Vol. 2. And Vol. 1 Poemy i Skazki [Poems and Tales]*. Moscow: Scorpion, 1901.

Cf. По. Э. А. (1809-1849), Эдгар Аллан. *Ворон: [стихотворение]* / Эдгар Аллан По; [пер. с англ. К. Бальмонта и М. Зенкевича; гравюры Доре]. - Санкт-Петербург: Свое издательство, 2011.

По Э. А. *Ворон: [стихотворения и поэмы]* / Эдгар По; [пер. с англ. В. Васильева и др.]. - Санкт-Петербург : Азбука-классика, 2009.

По, Эдгар Аллан. *Ворон*. изд. подгот. В.И. Чередниченко; [Рос. акад. наук]. - Москва: Наука, 2009.

По, Эдгар Аллан. *Ворон: The raven: [стихотворения и поэмы]*. [пер. с англ.: А. Глебовская и др.; предисл., коммент.: Ю. Ковалев]. - Санкт-Петербург: Азбука: Азбука-Аттикус, 2013.

В одном из последних изданий Эдгара По у "невермор" появился как будто идеальный фонетический эквивалент – "приговор", но – увы! – в ущерб смысловому значению английского подлинника. (С)Ефим Шуман, 1999.

POE, Edgar Allan. *In Ворон* («Когда в угрюмый час ночной...»). перевод С. А. Андреевского, 1878.

POE, Edgar Allan. *In Ворон* («Раз в унылую полночь, в молчаньи немом...»). перевод Л. И. Пальмина, 1878.

POE, Edgar Allan. *In Ворон* («Да, я один, ея уж нет!...»). перевод Л. Е. Оболенского, 1879.

POE, Edgar Allan. *In Ворон*. перевод И. К. Кондратьева, 1880.

POE, Edgar Allan. *In Ворон*. анонимный перевод прозой, 1885.

POE, Edgar Allan. *In Ворон* («Погруженный в скорбь немую...»). перевод Д. С. Мережковского, 1890.

POE, Edgar Allan. *In Ворон* («Как-то в полночь, в час угрюмый, полный тягостною думой...»). перевод К. Д. Бальмонта, 1894.

POE, Edgar Allan. *In Ворон* («Как-то в полночь, утомлённый, я забылся, полусонный...»). перевод В. Е. Жаботинского, 1897.

POE, Edgar Allan. *In Ворон* («В поздний час, ночной порою...»). перевод Л. И. Уманца, 1908.

POE, Edgar Allan. *In Ворон* («Как-то ночью одинокой я задумался глубоко...»). перевод В. П. Фёдорова, 1923.

POE, Edgar Allan. *In Ворон* («Как-то в полночь, в час унылый, я вникал, устав, без силы...»). перевод В. Я. Брюсова, 1924.

POE, Edgar Allan. *In Ворон* («Как-то в полночь, утомлённый, развернул я, полусонный...»). перевод В. Е. Жаботинского, 1931.

3.14 Em Islandês

POE, Edgar Allan. "Hrafninn". Þýðandi: Einar Benediktsson. Bragarháttur: FJÓRIR: AAOBCCCbObb. Forliðabann. Klifun, 1925. Cf. Disponível em: <http://bragi.info/ljod.php?ID=3639>. Acesso em: 31 Ago. 2017.

3.15 Em Finlandês

JUVA, Valter [Suom.]. "Sata runoa: valikoituja maailmankirjallisuudesta". Porvoo: WSOY 1916.

POE, Edgar Allan. "Korppi ja Kultakuoriainen". Suom. Niilo Idman ja Yrjö Kivimies. Helsinki: Kustannus Oy Forma, 1990.

POE, Edgar Allan. "Korppi ja kultakuoriainen sekä muita kertomuksia". Suomentaneet Niilo Idman, Yrjö Kivimies ja Eero Ahmavaara. Korppi-sarja 1. WSOY 1959. (Osa novelleista ilmestynyt aikaisemmin teoksessa *Kultakuoriainen*, WSOY 1927).

POE, Edgar Allan. "Kootut Kertomukset". Suom. Jaana Kapari. Kustannusosakeyhtiö. Helsinki: teos, 2006.

3.16 Em Norueguês

BOYE, Jonas. "Poes Ravnen" i *Samtiden* 1894, p. 50-53. Cf. <https://ia601406.us.archive.org/14/items/samtidentidsskr05unkngoog/samtidentidsskr05unkngoog.pdf>. Acesso em: 15 set. 2017.

HYLEN, Hans. "Ramnen" i *Snjoklokka: egne og umsette dikt*, 1936.

BJERKE, André. "Ravnen" i *Drømmen i en drøm*. Aschehoug, 1967.

REM, Håvard. "Ravnen" i *Bak dør på gløtt*. Cappelen, 1985.

3.17 Em Sueco

POE, Edgar Allan. *Korpen och andra dikter*. Sven Christer Swahn. Tollarp: Ariel, Lund: Ellerström, 2001.

POE, Edgar Allan. "Ett fat amontillado [Det skvallrande hjärtat; Levande begravd -- William Wilson; Korpen, Kompositionens filosofi]". Översättning Måns Winberg. Efterord: Peter Glas. Lund: Bakhåll, 2007.

POE, Edgar Allan. "Korpen". Sven-Åke Gustafsson. Göteborg: Stadsteatern, 2008.

POE, Edgar Allan, "Korpen" [Elektronisk resurs]. Översättare Carl Fredrik Peterson. Mimer Bokförlag, 2014.

RYDBERG, Viktor, *Samlade dikter* [Elektronisk resurs]. Mimer Bokförlag, 2016. [den klassiska översättningen av Edgar Poes "Korpen"]

3.18 Em Dinamarquês

POE, Edgar Allan. "Ravnen: og andre digte". [Danish]. Erik Rosekamp. Denmark/Vanløse: LFL's Bladfond/Blackboard Prod, 1995.

POE, Edgar Allan. "Noveller". [ndhold: Brillerne ; Huset Ushers fald ; Ligeia ; Sandheden om M. Valdemar ; Den røde døds maske ; Det ovale portræt ; Den aflange kiste ; Ravnen ; Digtingens metodik]. udgivet med efterskrift af Henning Goldbæk. [Kbh.]: Dansklærer foreningen, 1993.

3.19 Em Holandês

"De Raaf" — 1860 — *Holland: Almanak voor 1861* (Amsterdam: Gebr. Kraay, 1860; edited and published by Mr. J. van Lennep) *Holland* (Dutch translation by Jacob van Lennep (1802-1868). Cf. Disponível em: <https://www.eapoe.org/works/info/pp073.htm>. Acesso em: 06 set. 2017.

De raaf (Edgar Allan Poe, mini-biografie). <http://www.edgarallanpoe.nl/the-raven/>. Acesso em: 23 jul. 2017.

POE, Edgar Allan. *The raven = De raaf*. Vertaald [uit het Engels] door John F. Malta. Llustrator Paul Overhaus. Weesp: De IJdoornpers, 2014.

POE, Edgar Allan. *De raaf*. August Hans den Boef. [eindred.: Sjoerd de Jong]. Amsterdam: Mets/Passatempo, 1993.

POE, Edgar Allan. *De raaf*. Gerard den Brabander. Ilustrator Jan Roëde. Utrecht: A.W. Bruna & Zoon, 1948.

"Onder de Vleugels van de Raaf: 1. Nacht (Poe-achtige gedichten)", Cf. Disponível em: <https://yoo.rs/rudi.lejaeghere/blog/onder-de-vleugels-van-de-raaf-1-nacht-1476526157.html>. Acesso em: 25 jul. 2017.

3.20 Em Húngaro

Cf. POE, Edgar Allan. (Ferencz, Győző): *A holló: versek és elbeszélések* Babits, Mihály; et al. Budapest: Európa, 2002. Cf. POE, Edgar Allan: *A holló: versek és elbeszélések*. Babits, Mihály; et al. Budapest: Európa, 2003.

POE, Edgar Allan. (Bálint, Rozsnyai): *Edgar Allan Poe versei*. Mihály Babits; et al. Budapest: Európa, 1993.

Kis János (Rábaszentandrás, 1770. szeptember 22. – Sopron, 1846. február 19.) költő, műfordító, evangélikus püspök)

3.21 Em Tcheco

HUDEČKOVÁ, Michaela. E. A. POE-RAVEN-Analysis of 16 Czech Translations: bachelor thesis. Brno: Masaryk University, Faculty of Education, Department of English language and literature. 2015. Available in: https://is.muni.cz/th/415765/pedf_b/BT-Complete_ljrkewtp.pdf. Access in: 23 ago. 2017.

POE, Edgar Allan. *Havran*. preklad Eva Lukáčová; preklad Karol Strmeň (I, II, III); preklad Vladimíra Roya; preklad Jany Kantorovej-Bálikovej (1979); preklad Valentín Beniak; preklad Jozef Urban; preklad Ľubomír Feldek. Bratislava: Petrus, 2004.

POE, Edgar Allan. *Havran a iné básne*. Básne a materiály vybrala, usporiadala, prel., doslov a chronológiu napís. Jana Kantorová-Bálikova. Il. Vladimír Gažovič], 1979. Disponível em: <http://d-nb.info/993652468>. Acesso em: 19 ago. 2017.

POE, Edgar Allan. Bejblík, Alois. *České překlady Havrana./ Havran: Šestnáct českých překladů*. Ed. Rudolf Havel. Prague: Odeon, 1985.

POE, Edgar Allan. *Havran: Šestnáct českých překladů*. Ed. Rudolf Havel. Prague: Odeon, 1985.

POE, Edgar Allan. *Havran. Šestnáct čes.překladů Alois Bejblík,; Aloys Skoumal*. Praha: Odeon [Czechoslovakia (to 1992)], 1985.

POE, Edgar Allan. *Havran. Šestnáct českých překladů*. Překlad: Jaroslav Vrchlický *et al.* Praha: Odeon 1990.

POE, Edgar Allan. *Havran; Krkavec*. Trans. Vítězslav Nezval, Miroslav Macek and Jaroslav Pospíšil. Praha: Nadace Lyry Pragensis, 1993.

POE, Edgar Allan. *The Raven = Havran*. Trans. Martin Pokorný. Praha: Emanuel Ranný, 1997.

POE, Edgar Allan. *Havran*. Trans. Jan Najser. Znojmo: Tomáš Novotný, 1999.

POE, Edgar Allan. *Havran*. Trans. Jan Najser. Praha: Tomáš Novotný, 1999.

POE, Edgar Allan. *Havran (sedmnáctý? český překlad)*. | Trans. Nataša Černá. TOTální E Magazín. WEB2U.cz, 1 September, 2002.

POE, Edgar Allan. *Havran*. Trans. Martin Kozák. Písmák: Amatérská literární tvorba. Oldřich Neuberger, 3 May 2005.

POE, Edgar Allan. *Havran*. Trans. Martin Kozák. Písmák: Amatérská literární tvorba. Oldřich Neuberger, 3 May 2005.

POE, Edgar Allan. *Havran*. Trans. Nataša Černá. TOTální E Magazín. WEB2U.cz, 15 May 2006.

POE, Edgar Allan. *Krkavec*. Trans. Filip Krajník. Divoké víno, Ludvík Hess, 19 Jan. 2006.

POE, Edgar Allan. *Krkavec*. Trans. Jan Jícha. Honza Jícha. Jan Jícha, 2008.

POE, Edgar Allan. *The Raven (překlad E. A. Poea, Marek Řezanka)*. Trans. Marek Řezanka. Písmák: Amatérská literární tvorba. Oldřich Neuberger, 25 Feb. 2008.

POE, Edgar Allan. *Krkavec*. Trans. Miroslav Macek. Macek v botách. Miroslav Macek, 2008.

POE, Edgar Allan. *Krkavec*. Trans. Tomáš Jacko. Praha: Aleš Prstek, 2008.

POE, Edgar Allan. *Krkavec: s letným přihlédnu tím k rozličným početným překladům, dbaje rákavé zvukomalby originálu*. Trans. Václav Z. J. Pinkava. Václav Pinkava, Vybrané překlady básní z angličtiny. Václav Z. J. Pinkava, 2008.

POE, Edgar Allan. *Havran*. Trans. Luboš Skopec. Dobré víno nestárne, URSIS, 2014. Skopoezie – stránky plné veršů.

POE, Edgar Allan. *The Raven/ Havran*. Trans. Ivan Petlan. Velké Losiny: Papírenská manufaktura Velké Losiny, 2014.

- POE, Edgar Allan. *Havran*. Trans. Petr Krul. Illus. Jiří Slíva. Prague: RADIX, spol. s. r. o., 2015.
- POE, Edgar Allan. *Krkavec* (často nesprávně překládaný jako "Havran"). Vojen Koreis. Brisbane: Booksplendour, 2015. Vojen Koreis; Author, Translator, Dramatist, Visual Artist, Illustrator.
- POE, Edgar Allan. *Havran*. Trad. Vrchlický, Jaroslav/Vrchlického, Jaroslava. Praha: KGB, 2009.
- POE, Edgar Allan. *Havran a jiné básně*. Trad. Nezval, Vítězslav. Praha: Dokořán, 2003/2008.
- POE, Edgar Allan. *Der Rabe*. [Aus d.Amerik.] übers. [u. hrsg.] v. Otto F. Babler. [Holzschn. u. Umschlagzeichn. v. Rudolf Michalik]. Disponível em: <http://d-nb.info/575661135>. Acesso em: 15 ago. 2017.
- PAVILÍKOVÁ, Tereza. *Czech Translations of E. A. Poe's The Raven after 1985: A Survey* (Bachelor's Diploma Thesis). Masaryk University Faculty of Arts. Department of English and American Studies 2016. Cf. https://is.muni.cz/th/413496/ff_b/Pavlikova_413496_Thesis_Final.pdf. Acesso em: 23 ago. 2017.
- RAMBOUSEK, Jiří. *Unpublished Translations of Poe's "The Raven" by František Nevrla*. Disponível em: [http://www.phil.muni.cz/plonedata/wkaa/Offprints%20THEPES%203/TPES%203%20\(249-256\)%20Rambousek.pdf](http://www.phil.muni.cz/plonedata/wkaa/Offprints%20THEPES%203/TPES%203%20(249-256)%20Rambousek.pdf). Acesso em: 11 jul. 2017.
- SAMŠIŇÁK, Karel. *Havran nebo Krkavec?* Zprávy Spolku českých bibliofilů v Praze, 1985.3/4 (1985): 94.

3.22 Em Eslovaco

- POE, Edgar Allan. *Havran*. Zlatý skarabeus. Příhody Arthura Gordona Pyma. Jana Kantorová-Báliková et al. Bratislava: Tatran [Czechoslovakia (to 1992)], 1984.
- POE, Edgar Allan. (Július Pašteka): *Havran*. Valentín Beniák; L'ubomír Feldek; Jana Kantorová-Báliková; Otakar Kořínek; Eva Lukáčová; Vladimír Roy; Marián Šidlík; Karol Strmeň; Jozef Urban. Bratislava: Petrus, 2004.
- POE, Edgar Allan. *Studňa, čo stíši smäd*. Jana Kantorová-Báliková. Bratislava: Belimex, 2005.
- POE, Edgar Allan. *Poviedky a básne*. Michal Breznický; Jana Kantorová-Báliková; Ján Vilikovský. Bratislava: Petit Press, 2006.

3.23 Em Polonês

- STUDNIARZ, Sławomir. Pięć żywotów "Kruka", czyli o polskich przekładach wiersza "The Raven" Edgara Allana Poe'go. *Acta Neophilologica* 13, 281-302, 2011. Disponível em: http://bazhum.muzhp.pl/media/files/Acta_Neophilologica/Acta_Neophilologica-r2011-t13/Acta_Neophilologica-r2011-t13-s281-302/Acta_Neophilologica-r2011-t13-s281-302.pdf. Acesso em: 12 jul. 2017. Cf. também as datas de outras traduções disponíveis em: <http://www.staff.amu.edu.pl/~grodecka/wyklady/kruk2.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2017, ancoradas no artigo de F. Lyra, *Polskie przekłady poezji Poe'a*, „Przegląd. Humanistyczny” 1972, nr 5. Cf. Traduções disponíveis em: <http://poe.republika.pl/utwory/wiersze.html#kruk>. Acesso em: 12 jul. 2017.
- POE, Edgar Allan (1809-1849). *Kruk*. tł. Gustaw Jokiel. 2009.

3.24 Em Lituano

POE, Edgar Allan (1809-1849) (Po, Edgaras Alanas). *Varnas*. Vertė Sigita Ged. Šiaurės Atėnai, geg. 22, 2004, p. 1.

PO, Edgaras Alanas. *Varnas*. Iš anglų kalbos vertė Edmundas Juškevičius. Kristinos Ingram piešinys. Nemunas, vas. 9-15 (Nr. 6), 2006, p. 7. (também em 2007)

POE, Edgar Allan. *Poezija. Ekskliuzivas*. Vertėjas Algimantas Zeikus. 2015.

3.25 Em Árabe

(Egito)

POE, Edgar Allan. *Mukhtārāt min ash`ār*. Trad. Yahya Mi`wad, Aḥmad. Al-Qāhirah: Al-Hay`ah al-Miṣrīyah al-Āmmah lil-Kitāb, 2009.

(Iraque)

POE, Edgar Allan. *الغراب / اسود غراب*. [*gharab 'aswad/ alghurab*]. [“The Raven”]. Trans. Gassan Ahmed Namiq, 2012. Available in: <http://www.aldiyarlondon.com/2012-08-09-12-36-20/15-poems/5273-2012-06-25-11-21-03>. Access in: 14 set. 2017.

(Arábia Saudita)

POE, Edgar Allan. *الغراب / اسود غراب*. [*gharab 'aswad/ alghurab*]. [“The Raven”]. Trans. Sherif Baqnah Shahrani. [Sherif Saad Baqnah Al Shahrani], 2004. Available in: <http://aljsad.org/forum4/thread31416/>. Access in: 14 set. 2017.

3.26 Em Turco

POE, Edgar Allan. “Kuzgun”. Çeviren ve derleyen: Oğuz Baykara. İstanbul: Boğaziçi Üniversitesi, 2011.

POE, Edgar Allan. “Kuzgun”. Çeviri Hande Taştekin. İstanbul: Bilge Karınca, 2012.

POE, Edgar Allan. “Bütün şiirleri”. Çeviren: Oğuz Cebeci. İstanbul: İthaki, 2013.

POE, Edgar Allan. “Eseradı başında: çizgi roman dünya klasikleri” (Orjinal hikayeler: Edgar Allan Poe). Çeviri: Kutlukhan Kutlu. İstanbul: NTV Yayınları, 2011. (Em HQ)

3.27 Em Persa-Farsi

JODEYRI, Sepideh. A translation of Edgar Allan Poe's selected poems from English into Persian. Mahriz Publications. Tehran: Iran, 2006.

POE, Edgar Allan. The Raven (a Persian Translation). Trans. Ali Fatolahi. Ilustr. Maryam Shafiei. CreateSpace Independent Publishing Platform, 2015.

3.34 Em Grego

- POW [sic], Edgar. “Το κοράκι”. Το Νέον Πνεύμα, τχ. 20 (16η Απριλίου 1894) 116-119. Η μετάφραση αυτή αναδημοσιεύτηκε στο περιοδικό του Δ. Φωτιάδη, Νεοελληνικά Γράμματα (21 Μαΐου 1938) 5, στο πλαίσιο αφιερώματος στον Π. Γιαννόπουλο [Γ.Σ. Κατσιμπαλής, Ελληνική βιβλιογραφία Έδγαρ Πόε. Α'. Τα ποιήματα. Κρίσεις και πληροφορίες, Τυπογραφείο Σεργιάδη, Αθήνα 1955, σ. 6]. Cf. Disponível em: <https://ikee.lib.auth.gr/record/270184/files/GRI-2015-14840.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2017. Disponível também em outro link da Aristotle University of Thessaloniki – Library: <http://ikee.lib.auth.gr/record/270184/files/>. Acesso em: 30 ago. 2017. Cf. também em site que congrega informações sobre o tradutor, disponível em: <http://pheidias.antibar.org/Giannopoulos/translations.html>. Acesso em: 30 ago. 2017.
- ΠΑΡΙΣΙΑΔΟΥ, Ελένη. Ο μεταφραστής Κάιζαρ Εμμανουήλ Οι δημοσιευμένες ποιητικές μεταφράσεις του. Σύγκριση, [S.I.], v. 22, p. 27-35, φεβ. 2012. ISSN 2241-1941. Διαθέσιμο από: <https://ejournals.epublishing.ekt.gr/index.php/syggkrisi/article/view/2782/2541>.
- Ημερομηνία πρόσβασης: 24 αύγ. 2017 doi:<http://dx.doi.org/10.12681/comparison.29>.
- Πόε, Έντγκαρ Άλαν. Το κοράκι. μετάφραση Δήμητρα Παντάπαση. Ο μαύρος γάτος - Η μάσκα του κόκκινου θανάτου - Το βαρέλι του Αμοντιλλάδο, 2010. Αθήνα: Εντύποις. Cf. Disponível em: [oai:nlg.gr:b.554766](http://oai.nlg.gr:b.554766). Acesso em: 24 ago. 2017.
- Έντγκαρ Άλλαν Πόε, Τό κοράκι. μετάφραση Άθανάσιος Δ. Οικονόμου. με τα χαρακτηριστικά του Gustave Doré Αθήνα: Όδός Πανός, 1998. Cf. Disponível em: [oai:nlg.gr:b.147233](http://oai.nlg.gr:b.147233). Acesso em: 24 ago. 2017.
- Πόε, Έντγκαρ Άλλαν. Το κοράκι & άλλα. μετάφραση Ε. Καλκάνη. Αθήνα: Δαμιανός, 2011. Cf. Disponível em: [oai:nlg.gr:b.573394](http://oai.nlg.gr:b.573394). Acesso em: 24 ago. 2017.
- 21 ιστορίες και «Το κοράκι»: Κατερίνα Σχινά (μετάφρ. και ανθολόγηση), εκδ. «Μεταίχμιο», Αθήνα, 2013.
- Ε. Α. Πόε, «Το Κοράκι», μτφρ. Κ. Εμμανουήλ, Ο Κύκλος, 3 (1932), σ. 117-122, αναδ. Το Κοράκι, μτφρ. Κ. Εμμανουήλ, Αθήνα, εκδ. περ. Ο Κύκλος, 1932.
- POE, Edgar Allan. “Το κοράκι”. Μεταφραστής Γιάννης Β. Ιωαννίδης. Εκδότης: Τυφλόμυγα, 2007.
- Ε. Α. Πόε, «Η Θαλασσινή Πολιτεία», μετάφραση Κ. Εμμανουήλ, Νέα Εστία, 358 (1.3.1942)
- Χρ. Ντουνιά, «Οι τύχες του Έντγκαρ Άλλαν Πόε στην Ελλάδα», Ελευθεροτυπία 28.7.2006.
- POE, Edgar, «Τὸ κοράκι» (Ὡς Ἄωτός: «Νέον Πνεῦμα», ἔτος Β', τόμ. 2, 1894, σελ. 116-119). Disponível em: <http://pheidias.antibar.org/Giannopoulos/biography.html>. Acesso em: 21 jul. 2017.
- POE, Edgar Allan. *Il Corvo. O Kraulo*. Trad. in italiano e in greco salentino di Vito D. Palumbo. Calimera: V. Taube, 1903.
- Α. Πόε, «Το Κοράκι», μτφρ. Κ. Εμμανουήλ, Ο Κύκλος, 3 (1932), σ. 117-122, αναδ. Το Κοράκι, μτφρ. Κ. Εμμανουήλ, Αθήνα, εκδ. περ. Ο Κύκλος, 1932.
- ΠΟΕ, Ε.Α., «Η φιλοσοφία της σύνθεσης [= The philosophy of composition]» (μτφ. Στ.Μπεκατώρος): Ε. Α. Πόε, τ. Α' Ποιήματα / Κριτική / Επιστολές (επιμέλ. Στ.Μπεκατώρος), Αθήνα, Πλέθρον, 1991, 165 - 178.
- Γεροντικού, Α., Δώδεκα Αριστουργήματα της Παγκόσμιας Λογοτεχνίας, Γιάννινα 1973.
- POE, Edgar Allan: *Ta poiimata*. Trad. Nikos Simiriotis. Athina: Zacharopoulos S., 2002.
- POE, Edgar Allan: *Deka epilegmena poiimata*. Aris Zavos. Athina: s.n., 2003.

POE, Edgar Allan: *Poiimata*. [Greek, Modern (1453-)]. Dimitris Choroskelis. Thessalonikī: Ekdotiki Thessalonikīs, 2008.

ZIRAS, Alexis. (Editor). *Poiish kai fantasia by Edgar Allan Poe*. Athens: Gavriilidis Publishers, 1999.

3.35 Em Esperanto

POE, E. A., "La Korvo". In G. Junqueiro, C. Neto, O. Wilde. Deklamas L. kaj I. Knoedt. En Esperanton trad. L. Knoedt. Brasília: BEL, 2002.

3.36 Em Letão

PO, Edgars. *Nodevīgā sirds*. Stāstu izlase. Rīga, "Zvaigzne", 1988.

3.37 Em Macedônio

POE, Edgar Allan. *Odbrani pesmi*. Trad. Gane Todorovski. Skopje: Kultura, [Yugoslavia (to 2002)], 1986.

3.38 Em Croata

POE, Edgar Allan. *Gavran: nova verzija* / Edgar Allan Poe. Prev. Ivan Slamnig i Antun Šoljan. Zagreb, 1961.

POE, Edgar Allan. *Gavran i druge pesme* / Edgar Alan Po. Izbor, prevod i predgovor Kolja Mićević ; crteži Vladimir Veličković. Banjaluka: Glas, 1981.

POE, Edgar Allan. *Gavran*. Zlatko Crnković; et al. Zagreb: Konzor, 1996.

POE, Edgar Allan. *Gavran*. Izabrao, za tisak priredio i predgovor napisao Zlatko Crnković; preveli Zlatko Crnković... [et al.]; ilustrirao Svjetlan Junaković. Zagreb: Konzor ; Varaždin : "Katarina Zrinski", 1996. Gavran E. A. Poea: uz 200-godišnjicu rođenja E. A. Poea. Luko Paljetak. Sadrži i pjesmu E. A. Poea: Gavran, u prijevodu Luke Paljetka: str. 14-17. Zagreb: Forum, 2010.

POE, Edgar Allan. (Bašić, Sonja). *Selected poems*. Trad. Luko Paljetak; Nikica Petrak; Ivan Slamnig; Antun Šoljan. Zagreb: Matica hrvatska, 1998.

3.39 Em Sérvio

POE, Edgar Allan. *Gavran i druge pesme*. E. A. Po. Izbor, prevod i predgovor Kolja Mićević; [crtež gavrana Vladimir Veličković]. Banja Luka: Glas, 1975.

PO, Edgar Alan. *Gavran. poređenje prevoda* / Anika Krstić. 1984.

POE, Edgar Allan. *Gavran i druge pesme*. Edgar Alan Po. Izbor i prevod Kolja Mićević; crteži Vladimir Veličković. Banja Luka: Glas, 1987.

POE, Edgar Allan. *Gavran i druge pesme*. Edgar Alan Po. Izbor i prevod Kolja Mićević; crteži Vladimir Veličković. Banja Luka: Glas, 1989.

POE, Edgar Allan. *Gavran*. Kolja Mićević. Beograd: Narodna knjiga - Alfa [Yugoslavia (to 2002)], 1996.

- PO, Edgar Allan. *Gavran* / Edgar Allan Poe; ilustracije Gistav Dore. Predgovor Isidora Sekulić. [prevod Vladeta Košutić. Priredio Žika Bogdanović]. Beograd: Ateneum, 2001.
- Gavran ili Anabel Li. Đorđe Nešić. Prikaz knjige: Nebojša Devetak: Kao kad sneg krvvari, Zagreb, 2012/2013.
- POE, Edgar Allan. *Gavran i druge pesme*. Babić Nedeljko. Članak - sastavni deo, 2005
- POE, Edgar Allan. *Gavran*. Dane Zajc. **Prevela sa slovenačkog Ana Ristović**, 2006.
- Gavran i lija. [adaptacija teksta Jasna Todorović; ilustracije Sašenjka Meljnikov-Ivanović]. Novi Sad ; Pirot : Pikom, 2006.
- POE, Edgar Allan. (Simonović, Simon). *Gavran. Filozofija kompozicije*. Trad. Jovan Ćirilov; Trifun Djukić; Vladeta Košutić; Božidar Marković; Kolja Mićević; Svetislav Stefanović; Branimir Živojinović; Nika Grujić; Milorad Popović Šapčanin. Beograd: Tanesi, 2009.
- PO, Edgar Allan. *Gavran*. Sengleskog prepevao Dejan Mihailović, 2012.
- PO, Edgar Allan. *Gavran i lisica i druge priče* = *The Raven and the Fox and Other Stories* / [prevod na srpski i engleski jezik, translated into Serbian and English Agencija Kapetanović]. Beograd: Knjiga komerc, 2013.
- PO, Edgar Allan. Prevodi Poove poeme *Gavran i Filozofija kompozicije* Igor Stolić, 2013.
- POE, Edgar Allan. Krstić, Tijana, Meljnikov-Ivanović, Sašenjka. *Gavran i lija* / [autor Tijana Krstić ; ilustracije Sašenjka Meljnikov-Ivanović]. Novi Sad: AIDT Pikom, 2016.

3.40 Em Esloveno

- POE, Edgar Allan. *Krokar: izbrano delo*. Trad. Arko, Andrej et al. Ljubljana: Mladinska knjiga [Yugoslavia (to 2002)], 1985.
- POE, Edgar Allan. *Edgar Allan Poe*. Trad. Andrej Arko. Ljubljana: Mladinska knjiga, 2000.
- POE, Edgar Allan. *Gavran*. Dane Zajc. **Prevela sa slovenačkog Ana Ristović**, 2006.

3.41 Em Albanês

- POE, Edgar Allan. *Korbi*, Fan S. Noli, "Korbi i Poes", *Revista Adriatike*, Vol. 1, Boston, Mass. Shtator, 1918, fq. 38-41. Citado em artigo de Lirak Karjagdiu que avalia as traduções de Noli de autores americanos ou de língua inglesa. Disponível em: <https://dspace.aab-edu.net/bitstream/handle/123456789/302/26-Lirak-Karjagdiu-Noli-Translator-of-English-and-American-Literatures.pdf?sequence=1>. Acesso em: 23 jul. 2017.
- Revistën Mehr Licht* Nr. 17/2001. Disponível em: <http://shtypishqiptar.blogspot.com.br/2009/10/edgar-allan-poe-hija-e-madhe-e-korbit.html?m=1>. Acesso em: 23 jul. 2017.
- POE, Edgar Allan: *Poezi dhe esse*. Thomollari, Dritan. Tiranë: Plejad, 2004.
- POE, Edgar Allan. *Poezi dhe poema*. Trad. Aleko Ballauri. Korçë: Klubi i Shkrimtarëve "Bota e Re", 2005/2006.
- POE, Edgar Allan. *Korbi*. Aleko Ballauri. Korçë: Klubi i Shkrimtarëve "Bota e Re", 2006.
- POE, Edgar Allan: *Lirika*. Aleko Ballauri. Korçë: Klubi i shkrimtarëve "Bota e Re", 2008.
- POE, Edgar Allan. *Poezi dhe poema*. Aleko Ballauri. Tiranë: Uegen, 2009.

3.42 Em Catalão

POE, Edgar Allan. *El corb i altres poemes. Filosofia de la composició*. Trad. y prólogo de Xavier Benguerel. Barcelona: Edicions del Mall, 1982.

3.43 Em Yiddish

GLANZ-LEYELES, Aaron. *Velt un vort* ('World and Word'). New York, Cyco, 1958. *Idem, Amerike un ikh* ('America and I'). New York: Der Kval, 1963. *Idem. Gedikhten un drames* ('Poems and Plays'). Introduction by Jacob Glatshsteyn. New York, Congress for Jewish Culture, 1968.

HARSHAV, Benjamin and Barbara, eds. and trans. *American Yiddish Poetry, a Bilingual Anthology*. Berkeley, University of California Press, 1986.

KISSIN, I., 1886-1950. *Lider Fun Der Milhome: Anṭologye*. Nyu-York: Bibliyotek fun Poezye un Eseyen, 1943.

POE, Edgar Allan. *Oysgeveylte yerḳ*. Nyu-York: Farlag Yidish, 1920.

3.44 Em Chinês (ou sobre traduções chinesas)

ESPLIN, EMRON; Gato, Margarida Vale de. *Translated Poe*. Edited by Emron Esplin and Margarida Vale de Gato. (Perspectives on Poe series). Includes bibliographical references and index. Bethlehem, Pensilvânia: Lehigh University Press, 2014.

FENG, Zongxin "Edgar Allan Poe in Classical and Vernacular Chinese Translations" *In Translated Poe*. Edited by Emron Esplin and Margarida Vale de Gato. (Perspectives on Poe series). Includes bibliographical references and index. Bethlehem, Pensilvânia: Lehigh University Press, 2014.

POE, Edgar Allan. Wu Ya [乌鸦, Crow] Translator Zi Yan. In *Wenxue Zhoubao* [文学周报, Literature Weekly] 100, 1923.

POE, Edgar Allan. "Five Poems by Allan Poe". Translator Zhou Xiangqin. In *Guowai Wenxue* [国外文学, Literature Abroad] 3, 1988.

3.45 Em línguas da Índia

PAVNASKAR, Sadanand R. "Indian Translations of Edgar Allan Poe: A Bibliography with a Note," *Indian journal of American Studies* (January 1971): 103-110. An expanded version of this bibliography by the same author but without the notes is found in "Poe in India: A Bibliography, 1955 - 1969," *Poe Studies* 5.2, 1972, p. 49-50.

3.46 Em Romeno⁵

- POE, Edgar Allan. *Corbul*. Traduceri în proză de I. S. Sp[artali] În: *Adevărul*. – 2, nr. 648, 1890, p. 2 [em prosa].
- POE, Edgar Allan. *Corbul*. Traducere de Gripen = G. D. Pencioiu În: *Românul literar*. – nr. 19, 1891.
- POE, Edgar Allan. *Corbul* = [The Raven]. Traducere de Gripen = G. D. Pencioiu În: *Revista ilustrată*. – nr. 8, 1892.
- POE, Edgar Allan. *Corbul*: Poemă. Traducere [anon.] în proză În: *Revista poporului*. – 3, nr. 8, 1892, p. 242-45 [em prosa].
- POE, Edgar Allan. *Corbul*: Poemă. Traducere în proză de I. D. Ghiocel În: *Independentul*. – 2, nr. 30, 1892, p.12 [em prosa].
- POE, Edgar Allan. *Corbul*. Traduceri în proză de I. Th.[eodorescu] În: *Adevărul*. – 5, nr. 1339, 1892, p. 3 [em prosa].
- POE, Edgar Allan. *Corbul*: Poem Traducere în proză de I. C. Săvescu În: *Liga literară*. – 1, nr. 7, 1893, p. 211-213 [em prosa].
- POE, Edgar Allan. *Corbul*: Poemă. Traducere în proză de Dor În: *Lumea nouă*. – 1, nr. 4, 1894, p. 2 [in prose].
- POE, Edgar Allan. *Corbul*: Poem. Traducere de Iuliu C. Săvescu În: *Liga literară*. – 2, nr. 6, 1895.
- POE, Edgar Allan. *Corbul*. Traducere de St. P. În: POE, Edgar Allan. *Scrisoarea furată. Ruina casei Usher. Pisica neagră. Portretul oval și alte Povestiri extraordinare*. Craiova: Institutul de editură Ralian și Ignat Samitca, 1896.
- POE, Edgar Allan. *Corbul*: Poemă. Traducere în proză de Dor În: *Românul*. – 42, nr. 89, 1898.
- POE, Edgar Allan. *Corbul*: Poem. Traducere în proză În: *Cronica*. – 4, nr. 833, 1904.
- POE, Edgar Allan. *Corbul* = [The Raven]. Traducere de Gripen = G. D. Pencioiu În: *Gazeta Transilvaniei*. – 67, nr. 251, 1904.
- POE, Edgar Allan. *Corbul*: Poem. Traducere în proză În: *Țara*. – 2, nr. 541, 1904, p. 2 [em prosa].
- POE, Edgar Allan. *Corbul*: Poem. Traducere în proză de Dim. C. Zavalide În: *Universul literar săptămânal*. – 23, nr. 33, 1905, p. 5 [em prosa].
- POE, Edgar Allan. *Corbul*: Poem. Traducere în proză de Radu Paltin = H. Petra-Petrescu În: *Semănătorul*. – 8, nr. 6, 1909, p. 137-40 [em prosa].
- POE, Edgar Allan. *Corbul*. Traducere de A.[Axelrad] Luca În: POE, Edgar Allan. *Moartea Roșie* =[The Masque of the Red Death]. *Cei opt Orangutani. Corbul*. București: Editura “Lumen”, [1909], p. 27-32 [em prosa].
- POE, Edgar Allan. *Corbul*. Traducere de Nicolae Dașcovici. În: POE, Edgar Allan. *Povestiri extraordinare*. București: Minerva, Institutul de Arte Grafice și Editură, 1911.
- POE, Edgar Allan. *Corbul*: Poem. Traducere în proză În: *Gazeta Transilvaniei*. – 78, nr. 267, 1915, 1915, p. 1-2 [em prosa].
- POE, Edgar Allan. *Corbul*. În: *Făt-Frumos*. – 1, nr. 4, 1915.
- POE, Edgar Allan. *Corbul*. Traducere de Alexandru Vițianu În: *Adevărul literar*

⁵A maioria dessas referências podem ser conferidas no arquivo disponível em: <https://arhiva.bibmet.ro/Uploads/Poe%20Edgar%20Allan.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2017. E de no texto “Romanian Translations of “The Raven”” (1985) de Thomas C. Carlson (Memphis State University) Disponível em: <https://www.eapoe.org/pstudies/ps1980/p1985203.htm>. Acesso em: 15 jun. 2017. Nas pequenas divergências entre essas fontes, privilegiei a primeira.

artistic. – 2, nr. 56, 18 dec. 1921, p. 2.

POE, Edgar Allan. *Corbul*. Traducere de Paul Sterian În: *Cuvîntul*. – 8, nr. 2584, 3 iul. 1932.

POE, Edgar Allan. *Corbul*. Traducere în proză de G. Murnu În: *Revista Fundațiilor Regale*. – 4, nr. 6, iun. 1937, p. 483-486.

POE, Edgar Allan. *Corbul*. Traducere de Ion Luca Caragiale În: *Viața românească*. – 29, nr. 7, iul. 1937, p. 39-44.

POE, Edgar Allan. [*Corbul*]. Traducere de Emil Gulian În: *Revista Fundațiilor Regale*. – 5, nr. 5, 1938.

POE, Edgar Allan. *Corbul*. Trans. Emil Gulian. *Poemele lui Edgar Poe*. Bucharest: Fundatia pentru Literaturași Arta “Regele Carol 11,” 1938, p. 7-14. [reprinted in *Edgar Allan Poe: Scrieri Alese*. Bucharest: Editură pentru Literatura Universala, 1963, p. 241-246, 1968, 1969, 1971].

POE, Edgar Allan. *Corbul*. Traducere de N. Parsenna În: *Gândirea*. – 22, nr. 9, nov. 1943.

POE, Edgar Allan. *Corbul*. Trans Al. T. Stamatiad. *Revista Fundațiilor Regale IV*, No. 4, 1945, p. 87-90 [em versos livres].

POE, Edgar Allan. *Corbul*. Traducere de Al. T. Stamatiad În: *Revista Fundațiilor Regale*. – 12, nr. 4, apr. 1945.

POE, Edgar Allan. *Corbul*. Traducere de P. P. Stănescu În: *Viața românească*. – 37, nr. 5-6, mai-iun. 1945.

POE, Edgar Allan. *Corbul*, în românește de Teodor Boșca În: *Tribuna*. – 2, nr. 14, 5 apr. 1958.

POE, Edgar Allan. *Corbul*. Trans. Dan Botta. *Edgar Allan Poe: Scrieri Alese*. Bucharest: Editura pentru Literatura Universala, 1963. p. 233-237. [1968, 1969, 1971].

POE, Edgar Allan. *Corbul*. Trans. Mișu Dragomir. *Cele Mai Frumoase Poozii: Edgar Allan Poe*. București: Editura Tineretului, 1964. p. 96-103.

POE, Edgar Allan. *Corbul*. în românește de Mișu Dragomir. În: POE, Edgar Allan. *Poezii și poeme*. București: Editura tineretului, 1964.

POE, Edgar Allan. *Corbul*. Traducere de Emil Gulian. În: POE, Edgar Allan. *Scrieri alese*. Traduceri (proză) de Mișu Dragomir, Ion Vinea și Constantin Vonghizas; traduceri (poezie) de Emil Gulian și Dan Botta. București: Editura pentru Literatura Universală, 1968. (Clasicii literaturii universale).

POE, Edgar Allan. *Corbul*. Traduceri de Emil Gulian; Dan Botta. În: POE, Edgar Allan. *Scrieri alese*. Traduceri (proză) de Mișu Dragomir, Ion Vinea și Constantin Vonghiazas; traduceri (poezie) de Emil Gulian și Dan Botta. București: Editura pentru Literatura Universală, 1969.

POE, Edgar Allan. *Corbul*. în românește de Petre Solomon În: *Caiet (Viața românească)*, 23, nr. 2, feb. 1970, p. xx-xxii.

POE, Edgar Allan. *Corbul*. “Gavran.” Trans. Dura Back. *Knjizevni Zivot* 3, No.2 (1970): 37-38. [em sérvio]. “Corbul.” Trans. Mihaela Hașeganu. *Luceafărul* 30, 1971, p. 5.

POE, Edgar Allan. *Corbul*. în românește de Mihaela Hașeganu În: *Luceafărul*. – 14, nr. 30, 1971.

POE, Edgar Allan. *Corbul*. Trans. Luca Ion Caragiale. *Jocul Oglinzilor: Versuri Publicate, si Inedite*. Bucharest: Editura Minerva, 1972, p. 247-253.

POE, Edgar Allan. *Corbul*. *Ulalume. Annabel Lee*. Traduceri inedite de Marcel Breslașu În: *Secolul 20*. – nr. 10, 1973.

POE, Edgar Allan. *Corbul*: O nouă versiune românească a poemului în românește de I. Cassian-Mătasaru În: *Tribuna*. – 17, nr. 46, 1973.

- POE, Edgar Allan. *Corbul*. Trans. 1. 46, 1973, p. 9.
- POE, Edgar Allan. *Corbul*. Trans. Marcel Breslasu. *Secolul XX*, 10, 1973, p. 142-144.
- POE, Edgar Allan. *Corbul*. Trans. Cassian-Matasaru. *Tribuna* 17, No. 46, 1973, p. 9.
- POE, Edgar Allan. Edgar Poe (1809-1849) sau Poemul cu edificiu în auz. *Corbul* în românește și cu o prezentare de Ștefan Augustin Doinaș În: *Tribuna*. – 18, nr. 17, 1974.
- POE, Edgar Allan. *Corbul*. Trans. Stefan Augustin Doinas. *Tribuna* 17, No. 51, 1974, p. 12.
- POE, Edgar Allan. *Corbul*. Trans. Ovidiu Bogdan. *Luceafarul* 37, 1975, p. 8.
- POE, Edgar Allan. *Corbul*: Două traduceri inedite. în românește de Ovidiu Bogdan și P. P. Stănescu În: *Luceafărul*. – 18, nr. 37, 1975.
- POE, Edgar Allan. *Corbul*. Traduceri de Emil Gulian. Dan Botta. În: POE, Edgar Allan. *Scrieri alese*. Traduceri (proză) de Ion Vinea, Mișu Dragomir și Constantin Vonghizas; traduceri (poezie) de Emil Gulian și Dan Botta. București: Editura Univers, 1979. (Clasicii literaturii universale).
- POE, Edgar Allan. *Corbul*. Trans. Stefan Augustin Doinas, *Almanahul Literar*, 1979. Bucharest Editat de Asociația Scriitorilor din București, 1980. p. 78-79.
- POE, Edgar Allan. *Edgar Poe (1809-1849) sau Poemul cu edificiu în auz*. Traducere și prezentare de Ștefan Augustin Doinaș În: *Ateneu*. – 24, nr. 12, 1987.
- POE, Edgar Allan. *Corbul*. Traduceri de G. D. Pencioiu. Iuliu Cezar Săvescu; I. L. Caragiale; Emil Gulian; George Murnu; N. Parsenna. P. P. Stănescu; Teodor Boșca; Dan Botta; Mișu Dragomir. Petre Solomon; Mihaela Hașeganu; Marcel Breslașu; I. Cassian-Mătășaru; Ovidiu Bogdan. În: POE, Edgar Allan. *Annabel Lee și alte poeme*: Versuri. București: Univers, 1987.
- POE, Edgar Allan. *Annabel Lee și alte poeme*. Prefațăși note de Liviu Cotrău. București: Univers, 1987.
- POE, Edgar Allan, *Poezie – drama*. Liviu Cotrău. Iași: Institutul European, 2001.
- POE, Edgar Allan. *Corbul și alte poeme*. Mona Mamulea. Brașov: Arania, 2001.

4 Principais sites da internet consultados

- <http://alpha.bn.org.pl/>
- <http://catalogo.bne.es>
- <http://catalogo.bnportugal.pt/>
- <http://catalogue.bnf.fr/>
- <http://danskforfatterleksikon.dk>
- <http://d-nb.info/>
- <http://explore.bl.uk/>
- <http://libris.kb.se/>
- <http://nbdb.libis.lt>
- <http://nfct.org.il/>
- <http://onlinebooks.library.upenn.edu>
- <http://opc4.kb.nl/>
- <http://runeberg.org/>
- <http://scans.library.utoronto.ca/>
- <http://trove.nla.gov.au/>

<http://www.armandrobin.org/>
<http://www.bartleby.com/>
<http://www.biblionet.gr>
<http://www.bnjm.cu/>
<http://www.cervantesvirtual.com>
<http://www.edgarallanpoe.de>
<http://www.elfikurten.com.br>
<http://www.en.nkp.cz/>
<http://www.isfdb.org/>
<http://www.letras.edu.ar/>
<http://www.library.vanderbilt.edu>
<http://www.nlg.gr/>
<http://www.nlr.ru/>
<http://www.nsk.hr/ispis-rezultata/>
<http://www.theeuropeanlibrary.org/>
<http://www.unesco.org/xtrans/>
<http://www.vbs.rs/>
<http://www.worldcat.org>
<https://archive.org/>
<https://arhiva.bibmet.ro>
<https://cylchgronau.llyfrgell.cymru/>
<https://de.wikisource.org/>
<https://ester.ester.ee/>
<https://kansalliskirjasto.finna.fi/>
<https://kasif.mkutup.gov.tr/>
<https://libri vox.org/the-raven-multilingual-by-edgar-allan-poe>
<https://libweb.cityofalbany.net/>
<https://pt.wikipedia.org/>
<https://www.bn.gov.br/explore/catalogos>
<https://www.eapoe.org/>
www.dominiopublico.gov.br/

5 Apêndices

World Map of Translations of “The Raven”



Source: by authors and based on information available in several bibliographical references and other digital sources.

5.1 World Map of Translations of “The Raven” (Style “Midnight view”)



Source: by authors and based on information available in several bibliographical references and other digital sources.

5.2 Distribution of translations of “The Raven” by Countries and Languages

Countries	Languages
United States	English (The Raven)
Brazil	Portuguese (O Corvo)
Portugal	Portuguese (O Corvo)
France	French (Le Corbeau)
Canada	French of Canada (Le Corbeau)
Spain	Spanish (El Cuervo)
Mexico	Spanish (El Cuervo)
Cuba	Spanish (El Cuervo)
Guatemala / Great Britain	Spanish (El Cuervo)
Venezuela	Spanish (El Cuervo)
Bolivia	Spanish (El Cuervo)
Colombia	Spanish (El Cuervo)
Chile	Spanish (El Cuervo)
Argentina	Spanish (El Cuervo)
Uruguay	Spanish (El Cuervo)
Paraguay	Spanish (El Cuervo)
Ecuador	Spanish (El Cuervo)
Peru	Spanish (El Cuervo)
Spain	Galician (O corvo)
Estonia	Estonian (Vares)
Azerbaijan	Azerbaijani (Quzğun)
Ukraine	Ukrainian (Ворон/Крук)
Iceland	Icelandic (Hrafninn)
Finland	Finnish (Korppi)
Norway	Norwegian (Ravnen)
Sweden	Swedish (Korpen) (Galande)
Denmark	Danish (Ravnen)
Wales	Welsh (Mae'r gigfran/Y Gigfran)
Literary language	Latin (Corvus)
Friesland/ Denmark/Germany	Frisian (De Raven)
Spain	Basque (Bela/Belea (olerkia))
Armenia	Armenian (ԱԳՌԱՎԸ)
Slovenia	Slovenian (Kroka)
Greece	Greek (το κοράκι)
Latvia	Latvian (Krauklis)

Macedonia	Macedonian (На гавран)
Croatia	Croatian (Gavran)
Lithuania	Lithuanian (Varnas)
Romania	Romanian (Corbul)
Poland	Polish (Kruk)
Brittany / France	Breton (Bran)
Corsica / France	Corsican (U Corbu)
Scotland / Nova Scotia Canada	Scottish Gaelic (Fitheach)
Italy	Italian (Il corvo)
Russia	Russian (Ворон)
Germany	German (Der Rabe)
Bulgaria	Bulgarian (Гарванѣт)
China	Chinese (乌鸦) (Wūyā)
Korea	Korean (까마귀) (galgamagwi)
Egypt / Iraq/ Saudi Arabia	Arabic (الغراب / سود غراب) [gharab 'aswad/ alghurab]
Iran	Persian (سياه كلاغ)
Japan	Japanese (鵂 / Ōgarasu) †
Vietnam	Vietnamese (Con quạ)
Israel and others	Hebrew (ברועה / "ha-'Orev")
United States and others	Yiddish (רעווען די / De Rob/Di Rob)
Turkey	Turkish (Kuzgun)
All Around the world	Into Esperanto (La Korvo)
Andorra / Catalonia and others	Catalan (Corb)
Belarus	Belarusian (крумкач)
Albania	Albanian (Korbi)
Luxembourg	Luxembourgish (Der Krab)
Netherlands	Dutch (De Raaf)
Hungary	Hungarian (A holló)
Czech Republic	Czech (Havran / Havrana/ Krkavec)
Slovakia	Slovakian (Havran)
Serbia	Serbian (Gavrana/Gavran)

Source: by authors and based on information available in several bibliographical references and other digital sources.

5.3 Distribution of translations by quantity and countries

Countries	Number of mapped translations
United States	Original text
Brazil	51
Portugal	9
France	41
Canada	2
Spain	38
Mexico	6
Cuba	2
Guatemala / Great Britain	1
Venezuela	2
Bolivia	2
Colombia	5
Chile	2
Argentina	9
Uruguay	2
Paraguay	1
Ecuador	1
Peru	2
Spain	27
Estonia	5
Azerbaijan	3
Ukraine	10
Iceland	7
Finland	2
Norway	5
Sweden	5
Denmark	8
Wales	1
Literary language (latim)	1
Friesland/ Denmark/Germany	2
Spain (Basque)	1
Armenia	3
Slovenia	9
Greece	29
Latvia	1
Macedonia	1
Croatia	8

Lithuania	3
Romania	40
Poland	12
Brittany / France	1
Corsica / France	1
Scotland / Nova Scotia Canada	1
Italy	38
Russia	59
Germany	39
Bulgaria	9
China	25
Korea	4
Egypt / Iraq/ Saudi Arabia	4
Iran	2
Japan	13
Vietnam	5
Israel and others	12
United States and others (Yiddish)	5
Turkey	4
All Around the world (Esperanto)	5
Andorra / Catalonia and others	2
Belarus	3
Albania	7
Luxembourg	1
Netherlands	18
Hungary	18
Czech Republic	29
Slovakia	9
Serbia	14
Re-translations	14
TOTAL	700

Source: by authors and based on information available in several bibliographical references and other digital sources.

6 Quadro com as principais traduções brasileiras e transcrições de “The Raven” (em ordem cronológica)⁶

7 Traduções Brasileiras		
Américo Lobo (1882/1892) ⁷	Alexei Bueno (1980)	Isa Mara Lando (2003)
Machado de Assis (1883) ⁸	José Lira Ortigão (em cordel) (1995/1996)	André Boniatti (2006)
Venceslau de Queiroz (1885)	Cláudio Weber Abramo (1997/2011)	Alskander Santos (2006)
Fontoura Xavier (1887)	Jorge Wanderley (1997)	Thereza Christina Roque da Motta (2009/2013)
Escragnolle Dória (1903)	João Inácio Padilha (1997)	Raphael Soares [Elaphar] (2010)
Alfredo F. Rodrigues (1914)	Sergio Duarte (1998)	Luiz Antonio Aguiar (2012)
Manoel de Soiza e Azevedo (1913/1914/1915)	Edson Negromonte (1998)	Luciano Vieira Machado (2012)
João Kopke (1916/1917)	Odair Creazzo Jr. (1998)	Renato Suttana (2010/2012)
Anônima (1916)	Luis Carlos Guimarães (1998)	Jeison Luis Izzo (2014)
Emílio de Menezes (1917?1980)	Aluysio Mendonça Sampaio (1998)	Bruno Palavro (2017)
Manoel José Gondin da Fonseca (1928/1956)	Vinícius Alves (1999)	Pedro Mohallem (2017)
Milton Amado (1943/1960/1985/1987)	Helder da Rocha (1999) ⁹	Wilton Bastos (2017)

⁶ Todas essas indicações de traduções estão detalhadas nas informações bibliográficas (artigos, teses, dissertações, trabalhos de conclusão de graduação etc), sítios da internet de Bibliotecas Nacionais (*National Libraries*), portais de domínio público, *blogs* de autores, arrolados nas referências de forma específica ou constantes de outras referências e estudos que compilaram tais informações de autoria de tradução.

⁷ A tradução somente foi publicada em 1892, portanto, não é possível afirmar que foi a primeira tradução brasileira, permanecendo nessa condição até prova em contrário o texto traduzido por Machado de Assis. Cf. in *Jornal do Comércio*, Belo Horizonte, MG, 7 de agosto de 1892. *Apud Iba Mendes no site [O Poeteiro](http://www.elsonfroes.com.br/framepoe.htm?http%3A//www.elsonfroes.com.br/alcorvo.htm)*. Cf. também em: <https://editoraanticitera.wordpress.com/category/poesia-angloamericana/>. Acesso em: 22 ago. 2017.

⁸ Cf. <http://machado.mec.gov.br/images/stories/pdf/poesia/maps05.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2017.

⁹ Disponível em: <http://www.helderdarocha.com.br/literatura/poe/prosa1.html>. Acesso em: 22 ago. 2017.

Aurélio de Lacerda (1949)	Eduardo Andrade Rodrigues (2000)	Emerson Cristian Pereira dos Santos (2017) (LIBRAS)
Benedicto Lopes (1956/1970)	Diego Raphael (2000)	
José Luiz de Oliveira (1968)	André Carlos Salzano Masini (2000)	
Haroldo de Campos (1975/1976)	Jorge Teles (2001) ¹⁰	
Rubens F. Lucchetti (1976) ¹¹	Carlos Primati (2002)	

Dos autores. Fonte: com base em informações do site de Elson Fróes¹² e em várias outras fontes bibliográficas e catalográficas, que confirmam a procedência e existência das referidas traduções.

Exemplos de Transcrições/Transpoetizações/Intertextos com <i>The Raven</i>
Poema “A Cabeça de Corvo” Alphonsus de Guimaraens (1891-1895)
Poema “Ave Dolorosa” (1902) de Augusto dos Anjos
Poema “Asa de Corvo” (1906) de Augusto dos Anjos
Poema “O Gorvo” de Juó Bananére (1924) (Paródia)
Poema “Pressago” de Cruz e Souza (1995, data da edição)
Trecho de “Romanceiro da Inconfidência” de Cecília Meireles (1977, da edição)
Poema “A visita” de Carlos Drummond de Andrade (1979/2002)
Poema “Insular” de Paulo Leminski (2013)
“O corvo” de Reynaldo Jardim e Marilú Silveira (1987/1988)
Poema “O corvo” (Paródia). de Antônio Thadeu Wojciechowski, Roberto Prado, Marcos Prado e Edilson Del Grassi. Ilustração de Miran.
Poema “Transcorvo de Poe” de Augusto de Campos (1992)
Poemas “Alcólicas” e “Cantares do sem nome e de Partida” de Hilda Hilst (1989/1995)
“Prefácio ao Anu” “O Anu” de Carlos Versiani (2003?/2005)
“O corvo” de Bernardo Simões Coelho (2005)

¹⁰Cf.

Disponível

em:

http://www.jorgeteles.com.br/site/index.php?option=com_content&view=article&id=79:o-corvo&catid=38:traducoes-e-adaptacoes&Itemid=2. Acesso em: 23 ago. 2017. [com a colaboração de Angela Telles-Vaz].

¹¹ Cf. *In Coleção Contos de Terror*, 1976. Confirmamos com o próprio Rubens F. Lucchetti em 2017 a autoria da tradução, tendo em vista que o próprio autor gerencia a venda de seus livros e este em específico, encontra-se esgotado. Rubens Lucchetti também figura como um dos autores de recriações do poema de Poe em obra comemorativa ao poema publicada em 2015.

¹² Cf. Disponível em: <http://www.elsonfroes.com.br/framepoe.htm>. Acesso em: 30 jun. 2017. Elson Fróes estabelece algumas distinções entre as traduções, categorizando algumas como “Inspiradas no Corvo”. Nós não fizemos tal distinção em razão de ser uma classificação problemática e que necessitaria de maiores análises e discussão teórica. As traduções apresentam-se em ordem cronológica e (?) indica relativa incerteza quanto à data de publicação. Mantive, entretanto, em separado as transposições de “The Raven” para as outras artes e traduções em outras línguas. Esse quadro de traduções não é obviamente exaustivo, pois há inúmeros textos literários em intertexto com o corvo de Poe, sendo uma tarefa contínua a inclusão de novas experiências tradutórias. No ano de 2017, por exemplo, surgiu duas novas traduções em português brasileiro, o que demonstra a necessidade de constante revisão e atualização dessa tradição translativa com base em “The Raven”.

“Outro Pássaro” de Ivan Justen Santana (2008)
Poema “O corvo” de Paulo Cesar da Costa Pinto (2015)
Poemas/Narrativas recriações de “O corvo” de VARIOS AUTORES (2015) ¹³
Poema “O Urubu” de Guilherme Gontijo Flores e Rodrigo Tadeu Gonçalves (2016)
Poema “O Estorvo” de Pedro Mohallem (2016) (Paródia)
“Estudo poético para um corvo” de Eric Ponty (s/d)

Dos autores. Fonte: com base em informações disponíveis em diversas referências bibliográficas e em outras fontes digitais.

8 Traduções Portuguesas de “The Raven”

Traduções em Português de Portugal (<i>O corvo</i>)
Paulo de Magalhães (1887) ¹⁴
Mêncina [Mécia] Mouzinho de Albuquerque (1887/1889/1890)
Fernando Pessoa (1924/1925) ¹⁵
Máximo das Dores (1928/1929)
Luís Augusto de Sousa (1957)
João Costa (1971-1972)
Cabral do Nascimento (1972)
Margarida Vale de Gato (2003/2004//2009)
Adriana Pereira (2011)
Transcrições/Transpoetizações/ Intertextos com <i>The Raven</i> em Portugal
José Duro (1898)

Dos autores. Fonte: com base em informações disponíveis em diversas referências bibliográficas e em outras fontes digitais.

¹³ Recentemente, (2015), R. F. Lucchetti e vários outros escritores lançaram uma proposta colaborativa de reescritura com base no poema poeano. Como se vê, o sistema literário brasileiro, canônico e não canônico continua realizando novas experimentações com base em “The Raven”. Trata-se de uma excelente obra com 60 intertextos recriativos de aspectos do poema de Poe (tanto em formas narrativas quanto poéticas), empreendimento que ainda contou com o trabalho de 15 ilustradores em comemoração aos 170 de publicação do texto poeano. Cf. Vários Autores (lista completa nas referências). *O Corvo. Um livro colaborativo*. Vários Ilustradores. Filipe Larêdo (Editor). São Paulo: Empíreo, 2015. Edição do Kindle.

¹⁴ *In Aurora do Cávado* (1887). “The Raven” was apparently translated in a regional newspaper, Aurora do Cávado, by one Paulo de Magalhães in June 12 1887, but I have not been able to obtain a copy of that particular number of the paper. Cf. GATO, Margarida Vale de. “A Standing Challenge for Changing Literary Systems” *In Translated Poe*. Esplin and Margarida Vale de Gato (Editoras/Orgs.). Bethlehem/Pensilvânia: Lehigh University Press, 2014. Contudo, Gato em pesquisa de campo não localizou fisicamente o livro. Assim, há apenas registro dessa tradução na obra *A tradução em Portugal* de Gonçalves Rodrigues de 1950, conforme aponta Gato (2014).

¹⁵ Texto em domínio público. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/jp000003.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2017.

9 Quadro – Traduções de “The Raven” para as demais línguas

Traduções em Francês (<i>Le Corbeau</i>)	Traduções em Italiano (<i>Il corvo</i>) ¹⁶
Anônima (1853) ¹⁷	Francesco Contaldi (1865-1903) ¹⁸
Charles Baudelaire (1853)	Gustavo Tirinelli (1877)
William Little Hughes (1862)	Anônima, atribuída a Scipione Salvotti (1881)
Eugène Goubert (1869)	Enrico Nencioni (1899)
Stephane Mallarmé (1875/1888)	Guido Menasci (1890)
Albert Allenet (1879)	Ulisse Ortensi (1892/1902/1903)
Bernard-Henri Gausseron (1882)	Ernesto Ragazzoni (1896)
Ernest Guillemot (1884)	Vito D. Palumbo (1903) (em italiano e em grego “O Kraulo”)
Victor Orban (1908/1910) ¹⁹	Raffaele Bresciano (1905)
Émile Lauvrière (1904/1917/1918)	Luigi Siciliani (1911)
Armand Masson (1911)	Federico Olivero (1912)
Jean George Tollemache Sinclair (1912)	Giuseppe Margani (1913)
Jym (1917)	Mario Praz (1921/1974/1997/2004//2008/2007/2012)
Marcelin Huc (1920)	Antonio Bruno (1932/1990/2012)
Lucie Delarue-Mardrus (1922-1951)	Pietro Visconti (1933)
Leo Quesnel (?)	Camillo Adrower (1933)
Gabriel Maurey (1910/1926)	Ennio Flaiano (1936) ²⁰

¹⁶ Cf. MELANI, Constanza. *Effetto Poe: influssi dello scrittore americano sulla letteratura italiana*. Firenze: Firenze University Press, 2006, p. 277. (A maioria das referências de tradução italiana está disponível nesta obra e nas referências da biblioteca nacional italiana, assim como na fonte inestimável de referências de traduções italianas de Poe contida no texto “La fortuna di E. A. Poe in Italia” sob a curadoria de Ada Giaccari. Cf. Disponível em: <http://ojs.uniroma1.it/index.php/StudiAmericani/article/viewFile/13382/13169>. Acesso em: 8 set. 2017.

¹⁷ Em artigo de Poulet-Malassis publicado *Journal d'Alençon* em janeiro de 1853. Cf. Disponível em: <http://pt.calameo.com/read/0027669507d660a6e7567>. E <https://www.eapoe.org/papers/misc1921/wtb19591.htm>. Acessos em: 23 ago. 2017. O próprio Baudelaire em carta ao editor do jornal, o monseieur Mallassis, critica a tradução anônima, mas ao mesmo tempo, reconhece a autoria inicial daquele: “La traduction, insérée par vous, ne représente pas avec justesse le sens et le style poétique du Corbeau.” Cf. BAUDELAIRE, Charles. *Oeuvres Complètes de Charles Baudelaire. Traductions. Eureka. La Genèse d'un Poème. Le Corbeau. Méthode de Composition. Par Edgar Poe. Notice, notes et Éclaircissements de M. Jacques Crépet*. Paris: Louis Conard, Libraire-Éditeur, 1936, p. 301. Disponível em: <http://scans.library.utoronto.ca/pdf/7/22/eurekalagensed00poe/eurekalagensed00poe.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2017.

¹⁸ Não há precisão quanto à data de publicação da tradução.

¹⁹ Além de tradutor de Poe para o francês, foi tradutor de Machado de Assis. Cf. <http://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb30852966p>. Acesso em: 4 jul. 2017. Cf. POE, Edgar Allan. *Poèmes complets; Scènes de Politian; Le Principe poétique; Marginalia*. Trad. inédite de Victor Orban; notice biographique et bibliographique par Alphonse Séché. Paris: L. Michaud, 1908. Cf. <http://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb31126238s>. Acesso em: 4 jul. 2017.

J. Serruys (1913)	Nello Baccetti (1949)
Maurice Rollinat (1926)	Carlo Izzo (1953)
Armand Godoy (1929)	Ettore Serra (1956)
J.-A. Moisan (1929/1933/1934/1939)	Carla Apollonio (1969/1985/2006)
Armand Robin (1940)	Alfredo Lucífero Petrosillo (1970)
Léon Lemonnier (1932/1949/1950)	Guido Asvero Bottussi (1971)
Suzanne d'Olivéra Jackowska (1933)	Boggi Garampelli (1977)
Xavier de Magallon (1937)	Antonio Agriesti (1989)
Henri Parisot (1968)	Tommaso Pisanti 1982/1990/1992/1997/2003/2004/2005/2012)
Pierre Pascal (1942/1970)	Maurizio Cucchi e Silvana Colonna (1986/1991/1999/2009)
Claude Richard (1989)	Giacomantonio Flavio (1990)
Alice Becker-Ho (1997/2013)	Alessandro Quattrone (1997/2000/2002)
Jean-Marie Maguin, Claude Richard e Christophe Marchand-Kiss (1997)	Benedetto Macaronio (2002)
Henri Justin (1997/2010)	Silvana Stremiz (2005)
Didier Lamaison (2000?)	Claudio Angelini (2006)
Stéphane Chabrières (2003)	Francesca Diano (2006)
Raouf Hajji (2004)	Raul Montanari (2009/2010)
Jean-Pierre Naugrette (2006)	Antonio Vacca (2009/2016)
Jean Hautepierre (2008/2009/2012)	Paul Meighan (2014)
Jean Cadas (2009)	Franco Venturi (2016)
Nicolas Blithikiotis (2010)	Cesare Sofiano (?)
Bruno Gaurier (2011) ²¹	Traduções em Russo (Ворон)²²

²⁰ Cf. Trad. Informada no site <http://rivistatradurre.it/2015/05/traduzione-e-catarsi-2/>. Acesso em: 8 set. 2017. Trata-se de tradução incompleta do poema.

²¹ Disponível em: <http://www.l3.ulg.ac.be/colloquetraduction2013/textes/damelio.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2017. Cf. Disponível em: <http://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb451012244>. Acesso em: 31 jul. 2017.

²² Yefim Shuman (1999) destaca que *"The Raven"* e seu *"Nevermore"* foram mais traduzidos e entoados na Rússia que o *To be or not to be* shakesperiano. Segundo Shuman (1999), há mais duas dúzias de traduções do poema de Poe em Russo, seguindo inclusive uma tradição também localizada na Europa, sobretudo França e Espanha, além das Américas, de ser este poema um ícone das escolas poéticas simbolistas. Relata também as dificuldades dos tradutores russos em encontrar um equivalente para o famoso refrão de Poe. Vejamos: "Ни одно художественное произведение не переводилось на русский язык так часто, как это стихотворение Эдгара По. Существует более двух десятков переводов "Ворона". Уступил даже знаменитый монолог Гамлета "Быть или не быть": его переводили "всего" шестнадцать раз. Первые русские переложения "Ворона" появились в 1878 году. А классическими считаются переводы, сделанные символистами: Бальмонтом, Мережковским, Брюсовым. Константин Бальмонт написал также очерк о жизни и творчестве американского поэта, который до сих пор продолжают использовать в качестве предисловия к сборникам избранного и собраниям сочинений Эдгара По. Разумеется, "Ворона" переводили и в советское время и продолжают переводить до сих пор. Особенно интересно проследить, как искали переводчики русский эквивалент ключевому слову "Невермор". Андреевский сто двадцать лет назад перевёл буквально: "Больше никогда!" Его современник Пальмин ограничился одним "Никогда". Брюсов и Мережковский последовали примеру Андреевского, Бальмонт – Пальмина. Однако оба варианта страдали одним существенным недостатком: пропала фонетическая нагрузка, то есть два "р" ("Невермор!"), которые позволяли Эдгару По соединить человеческую речь и воронье карканье. В 1907 году переводчик Жаботинский нашёл выход: он отказался от поисков русского аналога и оставил английский оригинал – "Невермор!" После чего поиски в этом направлении на целых полвека прекратились. Лишь в 77-ом году появился новый русский эквивалент. Василий Бетаки отдал предпочтение "каркающему" "не вернуть". В восьмидесятые

Stellamaris (2014)	S. Andrew Andreevski (1878) ²³
Armand Juin (?)	L. Palmin (1878)
Traduções em Francês do Canadá (<i>Le Corbeau</i>)	L.E.Obolensky (1879)
Paul Laurendeau (1976/2015)	Ivan Kuzmich Kondratev (1880)
Esther Paul (2014)	Gorodetsky (1885) possível nome do tradutor anônimo
Traduções em Espanhol (<i>El Cuervo</i>)²⁴	Dmitry Merezhkovsky (1890/1893)
Ignacio Mariscal (México) (1867/1869/1880/1849) ²⁵	Konstantin Balmont (1894/1985)
José Ramón Ballesteros (Peru) (1874) ²⁶	Altalena, pseudônimo de Vladimir Jabotinski (1897?1897/1907//1931). Trad. também em hebraico.
José Martí (Cuba) (1883) (tradução de estrofes)	Lev Umanets (1908)
Luis Alfonso (?) (1883)	Valery Bryusov (1905-1924)
Carlos Olivera (Argentina) (1879/1884) ²⁷	V. Fedorov (1923)
Juan Antonio Pérez Bonalde (Venezuela)	W. Bruce (1905-1924)

годы Николай Голь нашёл ещё один вариант: "всё прошло". (SHUMAN, 1999). Cf. Disponível em: <http://www.speakrus.ru/articles/theraven.htm>. Acesso em: 4 jul. 2017. Cf. Também em: <http://samlib.ru/w/woron/> e em: <http://samlib.ru/w/woron/tablevl.shtml>. Acessos em: 4 jul. 2017. E também no livro que compilou as traduções russas dos séculos XIX e XX. Cf. Disponível em: <http://www.rulit.me/author/po-edgar-allan/po-edgar-allan-voron-download-free-369059.html>. Acesso em: 24 jul. 2017.

²³ Cf. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/tradterm/article/viewFile/113340/111296>. Acesso em: 31 jul. 2017. Andreevsky. ("The Raven"). (*The Messenger of Europe*), II (1878), 108-127. Cf. Disponível em: <https://www.eapoe.org/papers/misc1921/wtb19591.htm>. Acesso em: 23 ago. 2017.

²⁴ Segundo o estudo de Englekirk (1934) havia até a publicação do referido trabalho de Englekirk mais de 45 traduções de "The Raven" em língua espanhola. Outra publicação importante sobre as traduções espanholas de "The Raven" está disponível no artigo assinado por Rafael Hiliadora Valle na *Revista Iberoamericana* (1949), Cf. <http://revista-iberoamericana.pitt.edu/ojs/index.php/Iberoamericana/article/viewFile/1399/1619>. Acesso em: 27. jul. 2017. O trabalho de Englekirk (1934) é uma referência fundamental e obrigatória para se coletar as traduções de Poe para a língua espanhola. Ainda assim, a forma pela qual o autor dispôs algumas referências de "The Raven" traz, em alguns casos, em razão de referências incompletas, certa margem de dúvida sobre quem de fato traduziu o texto poético de Poe, o que não invalida de forma alguma o trabalho de Englekirk (1934).

²⁵ Rafael Olea Franco e Pamela Vicenteño Bravo (2014) no texto "Encountering the Melancholy Swan Edgar Allan Poe and Nineteenth-Century Mexican Culture" *In Translated Poe*. Esplin and Margarida Vale de Gato (Editoras/Orgs.) (2014) alegam que a tradução de Mariscal foi realizada em 1867, embora haja outras versões posteriores produzidas pelo mesmo tradutor; portanto, seria a primeira em contraponto ao que defende Zarandona (2012, p. 3) Cf. ZARANDONA FERNÁNDEZ, Juan Miguel. "El cuervo" de Edgar Allan Poe, en traducción de Juan Antonio Pérez Bonalde (1887). *Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes*, 2012. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/nd/ark:/59851/bmcff4c5>. Acesso em: 4 jul. 2017, ancorado em Lanero (2009), Cf. LANERO, Juan José. 2009. «Poe, Edgar Allan» en Francisco Lafarga & Luis Pegenaute (eds.), *Diccionario histórico de la traducción en España*, Madrid, Gredos, 911-916. Assim, remanesce um problema em aberto essa questão sobre a primeira tradução em espanhol de "The Raven".

²⁶ Cf. Castany Prado (2012, p. 3).

²⁷ *Idem.* And: "El Orden of Tucumán". Cf. Disponível em: <https://sites.lsa.umich.edu/webbkeane/wp-content/uploads/sites/213/2016/04/Jacarus Translation.pdf>. Acesso em: 11 set. 2017.

(1887/1895/1919/1942/1944/1946/1949)	
Felipe Gerardo Cazeneuve (Peru) (1885/1890/1901)	G. Golokhvastov (1936)
Anônima (1892)	M. Zenkevich (1946/2002/2011)
Guillermo Franklin Hall Aviles (Grã-bretanha/Guatemala) (1892/1941)	Alexander Olenich-Gnenenko (1946)
Anômina (Valparaíso/Chile) (1895)	Alexander Yesenin-Volpin (1948)
Isaías Gamboa (Colômbia) (1896)	Paul Lyzhin (1952)
Leopoldo Díaz (Argentina) (1897)	Nina Voronel (1956-2001)
Rafael M. Arizorga (Equador) (1902)	B. Betaki (1972)
Francis J. Amy (1903)	Valery Ananyin (1976)
Viriato Díaz Pérez (Espanha/Paraguai) (1904)	V. Vasilyeva (2009)/ Adela Vasiloi Vasiliev (1976/2010)
Ricardo Gómez Robelo (México) (1904/1906)	M. Donskoy (1976/2004) “Don”
Ramón Pomés (Barcelona/Espanha) (1907)	V. Vasylenko (1976)
Carlos Arturo Torres Peña (Colômbia) (1910/1916)	Charles L. Edson (1963)
Agustín Aguilar y Francisco R. Ortega Frías (Cádiz) (1910/1927/1928)	Igor Golubev (2001)
Antonio Muñoz Pérez (1911) (em prosa)	Silentium Aye (2003)
(1915)	Sergey Petrov (1911-1988). Publicado em (2003)
(1918)	Nikolai Gol (1988)
Emílio Berrisso (Argentina) (1915?) ²⁸	B. Toporova/ V. Toporov (1988) ²⁹
José Pablo Rivas (Espanha) (1916)	Kosmolinskiy (1999)
Anônima (1920)	Anna Parchinskaya (1998)
Manuel A. Chávez (México) (1920)	V. Kosmolinskaya (1999)
Rafael Lozano (México) (1922)	I. Golubev (2001)
M. Moreno-Mora (1924)	Pavel Ryzhkov (2001)
Álvaro Armando Vasseur (1924)	A Balyuri (2003)
Abel Farina (1915-1916)	S. Muratov (2003)
Francisco de Soto y Calvo (Argentina) (1926/1927)	Dyck/ Dyke (2003)
Carlos Obligado (Argentina) (1932/1934/1941/1942)	Alexander Militarev (2003)
Manuel Vallvé López (Espanha) (1934)	Gennady Aminov (2004)
Alberto L. von Schauenberg	Skoffer (2005)

²⁸ Melián Lafinur (1915) destaca o papel de Berrisso como tradutor, incluindo o poema de “The Raven”. Cf. MELIÁN LAFINUR, Alvaro. 1915. *In* (BERISSO, 1921, p. IV). A data precisa da tradução é, portanto, algo a ser confirmado.

²⁹ É preciso confirmar essa tradução. Esta possível tradução foi mantida em função de Vladimir Toporov ser um dos nomes da Semiótica de Moscou-Tartu, juntamente com Yuri Lotman, o que sugere fortemente seu interesse por Poe.

(Argentina) (1937)	
Jesús Mora Vázquez (Colômbia) (1940)	Anônima (2005)
Anônima (1942)	Otto Van Dorian (2005)
Amable O'Connor D'Arlach (Bolívia) (1946/1950)	Irina Vasilevna Turchina (2006)
Luís Ángel Casas (Cuba) (1948/1950)	Dmitry Goldovsky (?)
Julio Gómez de la Serna (Espanha) (1951)	Alexander Kok (2009)
Fernando Aguirre de Carcer (Espanha) (1952)	Vladimir Il'ich Čeredničenko (2009)
Júlio Cortázar (Argentina) (1956/2007)	Valentin Savin (2010)
Carlos Alberto Torres (Argentina) (1957)	Eugene Gal'tsov (2011)
R. V. de Aynen (Argentina) (1957) ³⁰	Alexei Matyushkin (2013)
Hermógenes Sáinz (1968)	A. Glebovskaya (2013/2016)
Raul Mariaca G. (Guillén) (Bolívia) (1971)	Levitas Nikolai (2014)
Miguel Giménez Sales (1973)	Elmira Mustafayev (2014)
Diego Navarro (Espanha) (1973)	Andrew Shirokobodov (2014)
Arturo Sánchez (Espanha) (1974/2005)	Eldar Janashvili (2015)
Arturo Sánchez y Federico Revilla (Espanha) (1980/1981/1983/2002)	Elena Komarova (2015)
Anônima (1976)	S. Plotov (?)
Anônima (1977)	Traduções em Alemão (<i>Der Rabe</i>)
Emiliana Lapuente (Espanha) (1978/1980/1983/1987)	Elise von Hohenhausen (1853)
Graciela Míguez (Uruguai) (1979)	Alexander Neidhardt (1856)
Carlos del Pozo (1981/1983)	Luise von Ploennies (1857)
Anônima (1993)	Friederich Spielhagen (1859)
Piedad Bunnett / Piedad Bonnett (Colômbia) (1994)	Adolf Strodtmann (1862)
Francisco Pino (Espanha) (1997)	Anônima "Der Rabe" (1864)
Javier Miró (Espanha) (1997)	Niclas Müller (1864/1874)
Efraim Otero Ruiz (Colômbia) (1997)	Carl Theodor Eben (1869)
Ramón Hervás (1997)	Eduard Mautner (1874)
Andrés Ehrenhaus y Edgardo Dobry (Espanha) (1998)	Anna Vivanti-Lindau (1878)
María Córdor e Gustavo Falaquera (Espanha) (2000)	Fraulein Betty Jacobson (1880)
Gabriela Stoppelman (Argentina) (2000)	Bertha Rombauer (1889)
Marcela Testadiferro (Argentina) (2000)	Hedwig Lachmann (1891/1904)
Magdalena Palmer (Barcelona) (2001)	Alexander Baumgartner (1892)

³⁰ O ano dessas traduções refere-se à publicação indicada no estudo *Boletín de la Academia Argentina de Letras. Tomo LXXXV, n. 309-310/2010*. Buenos Aires, 2011. Disponível em: <http://www.lettas.edu.ar/wwwisis/indice/Boletin%202010%20-%20309-310.pdf>. Acesso em: 3 jul. 2017.

Anônima (2001)	Hedda Moeller-Bruck [Hedda Eulenberg] e Arthur Moeller-Bruck (1901-1904/1914)
Mauro Armiño (Espanha) (2008)	Ernst Schmidt (1903)
Proyecto Helbardot (UNAM) (México) (2009) (duas traduções)	Hanns Heinz Ewers (1905/2009)
J. Jaime Verniez (Espanha) (2009)	Emil Häußer (Haeusser) e Paul Schäfenacker (1906)
Ramón González Ferriz (Barcelona) (2009)	Theodor Etzel (1908/1914/1922/1966)
Carlo Frabetti (Espanha) (2009)	Adolar Eugen Pelham von Dunop (1919)
Carlos Manuel Cruz Meza (México) (2009)	Otto Hauser (1907/1917)
Luis Alberto de Cuenca (Espanha) (2009/2010)	Johannes von Guenther (1947)
José Siles Artés (Espanha) (2011)	Maria Mathi (1954)
Adolfo Muñoz (Espanha) (2012)	Hans Wollschläger (1966/1973/1989/1995) com a colaboração de Arno Schmidt
Ricardo García Nieto (Espanha/Múrcia) (2012)	Richard Kruse (1973/1976/1980)
Isaac Manuel Cuende Landa (Espanha) (2012)	Michael Görden (1981)
Yenis Adelaira Ochoa (Venezuela) (2016)	Kay Borowsky (1992)
Ithan H. Grey (Las Palmas/Espanha) (2016)	Ursula Wernicke (1989/1995)
Sarah Retter (2016)	Christa Schuenke (1996)
Enrique López Castellón (Espanha/Múrcia) (2016)	Manfred Uhlig e Ole Törner (2000)
Alexis Figueroa (Chile) (2015/2016)	Helmut Pydde (2002)
Gustavo González González (México) e Francisco Iván Solís (México) (2016)	Melchior Hala (2006)
"Pequeño Santi" (2017) ³¹	Ralf Schauerhammer (2007)
Antonio Rivero Taravillo (Espanha) (2017)	Gisela Etzel (2004/2008)
Carmela Eulate Santjurjo (s/d?)	Helmut Grundmann (2011)
José Agustín Quintero (s/d?)	Martin Thau (2012)
Tradução em Galego (<i>O corvo</i>)	Traduções Búlgaras (<i>Гарванът</i>)
Tomás González Ahola (2008)	Anton Strashimirov (1898)
Traduções em Estoniano (<i>Vares</i>)	Elin Pelin (1906)
Ants Oras (1929 e revisado em 1931)	Georgi Mihailov, George Mikhailov (1920/1945/1976)
Johannes Aavik (1930/2000)	Spas Nikolov (1967/1997)
G. Kajak (1915)	Krastan Dyankov (1976)
Helga Kross (2001)	Kristin Dimitrova e Vladimir Tredafilov (1992)

³¹Cf.

Disponível

em:

[https://es.wikisource.org/wiki/El cuervo %28Traducci%C3%B3n de Peque%C3%B1o Santi%29](https://es.wikisource.org/wiki/El_cuervo_%28Traducci%C3%B3n_de_Peque%C3%B1o_Santi%29).

Acesso em: 29 ago. 2017.

Urve Hanko (2002)	Vasil Slavov (?)
Traduções em Azerbaijano (<i>Quzğun</i>)	Luben Lyubenov (1993)
Dalğa Xatınoğlu (2013)	Temenuga Marinova (2001)
F. Uğurlu et al. (2014)	Traduções Chinesas (乌鸦) (<i>Wūyā</i>)
Osman Tuğlu (2017?)	Zi Yan (1923)
Traduções Ucrainianas (<i>Ворон/Крук</i>)	Zhan Bai-fu (1925) (The Creation Society's Creation Weekly), Guo Mo-ro (revisor)
Paul Grabowski/ Pavlo Grabovsky (1897)	Yang Hui (1927) da Sunken Bell Society
I. Petrushevich (1899)	Yu Guangzhong (1963)
M. Johansen e B. Tkachenko (1928)	Zhang Ai'ling et al (1963)
L. Mosendz (1935)	Kyu-Woong Chung (1974)
Viktor Marach (1955/2007)	Dae-Kun Kang (1983/1984)
Sviatoslav Gordinsky (1961)	Zhou Xiangqin (1988)
Kochur Grigory Porfirovich (1949/1965) (somente publica neste ano/1969)	Cao Minglun (1995/1999)
Galina Gordasevich (1985)	Sung-Young Hong (1999-2002)
Anatoly Onyshko/ Anatoliy Onyshko (1972)	Jiang Feng (1997)
O. Irvantsa (1996)	
Traduções Islandesas (<i>Hrafninn</i>)	Yang Chuanwei (1992)
Einar Benediktsson (1892/1925)	Liu Xiangyu (1999)
Matthías Jochumsson (1892), (1903, ano efetivo de publicação)	Yilin Xie Ying (2001)
Sigurjón Friojónsson (1934)	Qiū zǐ shù (2011)
Jochum Eggertsson “Skuggi”(1941)	Chinghuey Tiao (2012)
Helgi Hálfðanarson (1940?2011)	Anônima (2007)
Porsteinn frá Hamri (1985)	Anônima (2007)
Gunnar Gunnlaugsson (1986)	Jia Chen Yang (?)
Traduções Finlandesas (<i>Korppi</i>)	Traduções Coreanas (까마귀) (<i>galgamagwi</i>)
Valter Juva (1926/1916)	Kyu-Woong Chung (1974)
Nils Rudolf (Niilo) Idman (1959/1972/1990/1992)	Dae-Kun Kang (1984)
Traduções Norueguesas (<i>Ravnen</i>)³²	Jinkyung Kim (1997)
Jonas Boye (1894)	Myungok (2010)
Hans Hylén (1936)	Traduções Árabes (الغراب / سود غراب) [<i>gharab 'aswad/ alghurab</i>]
André Bjerke (1967)	Yehia Ah.med Mucawwad (2009) (Egito)
Håvard Rems (1985)	Ghada Al-halawani (2010) (Egito)
Alexander G. Rubio (1994)	Gassan Ahmed Namiq (2012) (Iraq)
Traduções Suecas (<i>Korpen</i>) (<i>Galande</i>)	Sherif Baqnah Shahrani/Sherif Saad Baqnah Al Shahrani (2004) (Saudi Arabia)
Viktor Rydberg (1877/1944)	Traduções Persas (سياه کلاغ)

³² A língua norueguesa parece ostentar uma grande variedade de termos para ‘raven’, tais como *kråke/kråka/Kråkene/Ravn*.

Sven Christer Swahn (2001)	Sepideh Jodeyri (2006)
Sven-Åke Gustafsson (2008)	Ali Fatolahi (2014)
Carl Fredrik Peterson (2014)	Traduções Japonesas (大鴉/Ōgarasu) 烏
Måns Winberg (2007)	Kōnosuke Hinatsu (1936)
Traduções Dinamarquesas (Ravnen)	Takehiko Fukunaga (1970/1979/1996) e outra versão com Yasuo Irisawa (1970/1996)
A. B. (1877-1878) ³³	Abe Tamotsu (1956/1967)
Otto Rung (1918/1928) ³⁴	Yuka Nakazato (2016)
Thøger Larsen (1948)	Shogo Kashima (1995/2009)
Henning Goldbæk (1993)	Kinji Shimada Heibonsha (1950)
Arne Herløv Petersen (1995)	Masao Nakagiri Gakken (?)
Erik Rosekamp (1995)	Wakameda Takeji (1922)
Ib Johansens (2011)	Ichiei Sato (1923)
Erik Rosekamp (1995/2007/2011)	Seiji Tanizaki (1941-1944)
Tradução Galesa (Mae'r gigfran/Y Gigfran)	Iwanami bunko (1940, editor)
T. Gwynn Jones (1877/1922) ³⁵	Hakawa Kenkichi (1947)
Tradução para o Latim (Corvus)	Hirakibunsha (1952)
Lewis Ludovicus Gidley e Robinson Thornton (1863/1866)	Traduções em Vietnamita (Con quạ)
Traduções em Frísio (De Raven)	Nguyễn Giang (1936)
Douwe Annes Tamminga (1949/1984/1985/2011)	Nguyễn Hiến Lê (1956)
Redbad Veenbaas (2008)	Ziên Hồng (Editor, 1963)
Tradução Basca (Bela/ Belea olerkia)	Hoàng Tô Mai (2015, data localizada de publicação de uma edição)
Mirande'tar Jon'ek/Jon Mirande'tar (1950)	Lý Lăng Nhân/David Lee Lang (2010)
Traduções em Armênio (ԱգռսԱվճ)	Traduções em Hebraico (העורב /“ha-‘Orev”)
Samvel Mkrtchyan (?)	Ze'ev Vladimir Jabotinsky (1914?1923/1924) com a colaboração do poeta hebreu Haim Nahman Bialik
M Vaygouny (1925/1928)	Eliyahu Ziffer (1990)
Khachik Dashtents (1937)	Joseph Tzur (?)
Traduções em Esloveno (Kroka)	Ruth Paldi (?)
Anônima (?)	David Nussbaum (1925)

³³ Tradução publicada na revista *Ude og Hjemme* de 1877-78. Cf. Disponível em: <http://danskforfatterleksikon.dk/1850u/u2395.htm>. Acesso em: 4 set. 2017. Infelizmente não foi possível localizar o nome completo do tradutor, localizado apenas como A.B. Curiosamente, essa revista ainda existe atualmente, realmente um feito notável da mídia impressa dinamarquesa.

³⁴ Cf. Disponível em: http://denstoredanske.dk/Kunst_og_kultur/Litteratur/Engelsksproget_litteratur/Amerikansk_litteratur_182_4-80/Edgar_Allan_Poe. Acesso em: 1 set. 2017.

³⁵ Cf. Disponível em: <https://cylchgronau.llyfrgell.cymru/view/1319198/1319199/8>. Acesso em: 4 set. 2017. E também citado na Tese de Doutorado disponível em: <http://e.bangor.ac.uk/10251/1/Ifan%20v.1%20PhD%202017.pdf>. Acesso em: 4 set. 2017.

Grisa Koritnik (1929)	Ido Ben-Gurion/Edo Ben-Giron (1974)
Anton Sovrè (1950)	Shmuel Friedman (1984)
Andrej Arko (1985/2000)	David Benor (?) (1992)
Jože Udovič (1991)	Hannah Nir (?) (1997)
František Benhart (1997)	Yanai Perry (?) (2008)
Dane Zajc (1997)	Reuven Weimar (2012) (editor: Yotam Benshalom)
Jože Tisnikar (1997)	Jacob Shaked (?)
Ana Ristović (2006)	Traduções em Yiddish (די ראָױען /De Rob/Di Rob)
Traduções em Grego (το κοράκι)³⁶	I. Kissin (?)
Pericles Giannopoulos (1894?1896) ³⁷	Henry Rosenblatt (1905)
K. I. Prada (1888)	“Aron Carlin” (1919)
Vito D. Palumbo (1903)	Leon Bassein e George Kussiel Gorn (1920)
Napoleon Lapathiotis (1991)	Aaron Glantz-Leyeles (?)
Kostas Ouranis / Kostas Karyotakis (2008)	Traduções Turcas (Kuzgun)
Mitsos Papanikolaou (?)	Ülkü Tamer (1988)
Kaisar Emmanouil (1932)	Oguz Cebeci (1992/1993/2003)
Elias Polichronakis (2011)	Hande Tastekin (2000/2012)
Stefan Mpekatoros (?) / G. Bekathoros (1991)	Oguz Baykara (2011)
Giorgos Blánas (2006)	Traduções em Esperanto (La Korvo)
Arseni Gerontiko (1973)	D. H. Lambert (1906)
Nikos Simiriotis (1981/2002)	Kálmán Kalocsay (?) (Poeta e tradutor húngaro)
Amira Khan (1997/2000)	Jon Willarson (1955/2009)
Peter Spandonidis, Takis Papatzonis (?) ³⁸	Leopoldo Henrique Knoedt (2002) ³⁹
Athanasios D. Economou (1998/2004)	William Auld (?)
Aris Zavos (2003)	Traduções em Catalão (Corb)
Nikolopoulou (2006)	Xavier Benguerel (1979/1982)
Giannis V. Ioannidis (2007/2010)	Miquel Forteza i Pinya (1945/1935)
A. Damianos (2007)	Traduções em Bielo-russo (κρυμκαц)
Dimitris Choroskelis (2008)	Mikhail Youzhny (2009)
Kostas Ouranis e Alexandra Lymperopoulou (2008)	Oleg Minkin (2011)

³⁶ Cf. a tradução disponível em: <http://www.24grammata.com/wp-content/uploads/2011/01/Edgar-Alan-Poe-To-Koraki.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2017.

³⁷ Cf. Edgar Pow [sic], «Το κοράκι» Το Νέον Πνεύμα, τχ. 20 (16η Απριλίου 1894) 116-119. Η μετάφραση αυτή αναδημοσιεύτηκε στο περιοδικό του Δ. Φωτιάδη, Νεοελληνικά Γράμματα (21 Μαΐου 1938) 5, στο πλαίσιο αφιερώματος στον Π. Γιαννόπουλο [Γ.Σ. Κατσίμπαλης, Ελληνική βιβλιογραφία Έδγαρ Πόε. Α'. Τα ποιήματά. Κρίσεις και πληροφορίες, Τυπογραφείο Σεργιάδη, Αθήνα 1955, σ. 6].

³⁸ Citados em Antologia editada por Alexis Ziras (1999).

³⁹ É brasileiro. Morreu em 2002 na cidade baiana de Lauro de Freitas, também sua cidade natal. Cf. E. A. Poe, G. Junqueiro, C. Neto, O. Wilde. Deklamas L. kaj I. Knoedt. En Esperanton trad. L. Knoedt. Brasília: BEL, 2002. Cf. Disponível em: http://dvd.ikso.net/revuo/Revuo_Esperanto/2002/11.pdf. Acesso em: 18 jul. 2017.

Tzina Politi (2009)	Andrey Hodonovich (2011)
Giannis Karytsas/ Kostas Katsikas (2009)	Traduções em Albanês (Korbi)
Dimitra Pantapassi (2010)	Fan Stylian Noli (1911, primeira versão) /1918 (segunda versão)?1919/ novas edições em 1999/2005) ⁴⁰
E. Kalkan (2010)	Dritan Thomallari (2001) ⁴¹
Katerina Shina (2013)	Arben Dedja (2003) ⁴²
George Varthalitis com a colaboração de Dimitris Armaos (2015)	Arjan A. Bejko (2009) ⁴³
Th. Charalambidis (2017)	Aleko Ballauri (2008/2011)
Traduções em Letão (Krauklis)	Anônima (2013)
Austra Aumale (1988)	Jozef Radi (2015)
Traduções em Macedônio (Ha zavrán)	Luxemburguês (Der Krab)
Gane Todorovsk (1956/1969)	Henry Lee Fischer (1891/1908/1940)
Traduções Croatas (Gavran)	Traduções Holandesas (De Raaf)
Aleksandar Tomić (1875)	Jacob van Lennep (1860, 1861, 1872)
Ivan Slamnig (1951) (primeira tradução)	Michel E. Barentz (1897)
Ivan Slamnig (1961) (segunda tradução totalmente diferente da primeira)	G.B. Kuitert (1899/1915)
Antun Soljan (1951) (primeira tradução)	Herman Robbers (1935)
Antun Soljan (1961) (segunda tradução totalmente diferente da primeira)	Johannes Filippus Malta (1887/1983)
Zlatko Crnković (1996)	Gerard den Brabander (1944/1948/1980/1982/1983)
Luke Paljetka (2013)	M L Huizenga (1944) ⁴⁴

⁴⁰ Primeira tradução do poema em albanês e realizada por tradutora residente nos EUA. Fez tradução também em variações dialetais albanesas. Cf. Korbi, Fan S. Noli, “Korbi i Poes”, *Revista Adriatike*, Vol. 1, Boston, Mass., Shtator, 1918, fq. 38-41. Citado em artigo de Lirak Karjagdiu que avalia as traduções de Noli de autores americanos ou de língua inglesa. Disponível em: <https://dspace.aab-edu.net/bitstream/handle/123456789/302/26-Lirak-Karjagdiu-Noli-Translator-of-English-and-American-Literatures.pdf?sequence=1>. Acesso em: 23 jul. 2017.

⁴¹ Cf. texto publicado na *revistën Mehr Licht* N. 17/2001. Cf. POE, Edgar Allan: *Poezi dhe esse*. Thomollari, Dritan. Tiranë: Plejad, 2004.

⁴² Disponível em: <http://www.trepca.net/2003/1203/031220-cl-letrat-elitarer.htm>. Acesso em: 23 jul.2017.

⁴³ Publicada em: *revistën Mehr Licht* N. 36/2009.

⁴⁴ Essa tradução tem problemas de autoria e data de publicação, mas há registros de sua ocorrência, conforme, disponível em: <http://www.edgarallanpoe.nl/the-raven/>. Acesso em: 15 jul. 2017. Outras situações de intertextualidade e tradução intersemiótica com “The Raven” na Holanda: “M.L Huizenga, een medewerker van het illegaal literair blad ‘t Spuigat (1944), zou eveneens “The Raven” hebben vertaald. Waarschijnlijk werd deze vertaling nooit gepubliceerd. Ze werd door Gerard den Brabander verdonkeremaand omdat die meende dat zijn eigen vertaling aanzienlijk beter was. – Leo van der Sterren schreef in *De Parelduiker* (2006), jaargang 11, nr. 1, een interessant stuk over zijn visie op ‘Hoe en waarom Edgar Allan Poe “The Raven” schreef van Bob den Uyl.– Jean-Paul Colin schreef het met “The Raven”-citaten aangevulde verhaal Nimmermeer dat is opgenomen in de verhalenbundel ‘Meliefje, meliefje, wat wil je nog meer’ (2014). – Petrus Hoosemans benutte het schema van “The Raven” om een parodie te schrijven over Gerard van’t Reve. Van het nogal schaarse boekje ‘G. Reve. Een herinnering’ (1979) werden 300 exemplaren gedrukt. – Van toneelschrijver Jibbe Willems verscheen in 2012 een

Jure Kastelan (2005)	Bob de Uyl (1983)
Traduções Sérvias (<i>Gavrana/Gavran</i>)⁴⁵	Carel Alphenaar (1993/1994/1999)
Nika Grujić Ognjan (1878)	Anônima (2000)
Milorad (Popović) Šapčanin (1882)	Berrie de Boer (2010)
Svetislav Stefanović (1903)	Capozzi (2011)
Jovan Ćirilov (1952)	Jibbe Willems (2012)
Trifun Đukić (1965)	Jaap van den Born (paródia) (2014)
Vladeta Košutić (1972)	Erik Bindervoet e Robbert-Jan Henkes (1998?2008)
Kolja Mićević (1972/1987/1989/1996/2002/2006)	Rudi J.P. Lejaeghere (2016)
Branimir Živojinović (1979)	Rianne Werring (2017)
Leo Držić (1986/1992)	Peter Mangelschot (2017)
Anika Krstić (1984)	Traduções Húngaras (<i>A holló</i>)
Dejan Mihailović (2012)	Károly Szász (1858)
Đorđe Nešić (2013)	Endre Ady/ Endrődy (1870)
Agencija Kapetanović (2013)	Tamás Szana (1870)
Igor Stolić (2013)	József Lévy (1882)
Traduções Lituanas (<i>Varnas</i>)	Csillag Imre (1918)
Algimantas Zeikus (2014/2015)	Tóth Árpád (1916/1949)
Sigitas Geda (2003/2004)	Mihály Babits (1959)
Edmundas Juškevičius (2006)	Kosztolányi Dezső (1913)
Traduções Romanas (<i>Corbul</i>)⁴⁶	Pásztor Árpád (1916)
Iuliu Cezar Savescu (1876/1893/1895/1903/1904)	Kántás Balázs (?) ⁴⁷
St. p. (1886)/ I.S.Spartali (1890)	Rossner Roberto (?)
Gripen (Grigore D. Pencioiu) (1891)	Harsányi Zsolt (?)
I. Thieodorescul (1892) (em prosa)	Telekes Béla (?)

moderne vertaling en bewerking van “The Raven”. Dit was naar aanleiding van de voorstelling “The Raven”/Een Requiem van Daria Bukvić voor Frascati Producties.” (Cf. no mesmo site).

⁴⁵ A diferença entre a língua sérvia e a croata, línguas eslavas de mesmo diassistema parece ser principalmente alfabética, pois a primeira utiliza o alfabeto cirílico e a segunda o latino. Essa questão passou a ser mais relevante após a dissolução da antiga Iugoslávia em 1991 em: Sérvia, Bósnia, Herzegovina, Croácia, Montenegro, Macedônia e Eslovênia. Há ainda a língua bósnia e montenegrina, que têm particularidades, mas também fazem parte desse caldeirão linguístico eslavo. Essa porção do leste europeu é complexa e fazia parte do antigo Império Austro-Húngaro e trata-se de região extremamente multicultural, multiétnica e, por isso mesmo, multilíngue. Do ponto de vista linguístico, trata-se de variações linguísticas de mesmo diassistema. O fato é que o poema de Poe é uma febre no imaginário desses povos dos Balcãs, assim como em várias regiões do mundo.

⁴⁶ Além de referências em livros e outras publicações acadêmicas, foi de fundamental importância o levantamento de Thomas C. Carlson (1985) no artigo “Romanian Translations of “The Raven” da Memphis State University e disponível em: <https://www.eapoe.org/pstudies/ps1980/p1985203.htm>. Acesso em 18 jul. 2017, que confirmou a quase totalidade das traduções indicadas em outras fontes, entre as quais se destaca o levantamento disponível em: <https://arhiva.bibmet.ro/Uploads/Poe%20Edgar%20Allan.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2017. São tradutores da prosa de Poe: Constantin Vonghizas e Ion Eugen Iovanaki "Ion Vinea" (1963/1968/1979).

⁴⁷ As traduções sem datas são mencionadas em: http://www.wikiwand.com/hu/A_holl%C3%B3. Acesso em: 20 jul. 2017. Cf. POE, Edgar Allan. (Ferencz, Győző): *A holló: versek és elbeszélések* Babits, Mihály; et al. Budapest: Európa, 2002. Cf. POE, Edgar Allan: *A holló: versek és elbeszélések*. Babits, Mihály; et al. Budapest: Európa, 2003. Cf. POE, Edgar Allan. (*Bálint, Rozsnyai*): *Edgar Allan Poe versei*. Mihály Babits; et al. Budapest: Európa, 1993.

I. D. Ghiocel (1892) (em prosa)	Franyó Zoltán (?) Ferenczi Zoltán (?)
Anônima (1892) (em prosa)	György Radó (1966)
Anônima (1893) (em prosa)	Faludy György (?)
“Dor” (1894) (em prosa)	Kozma Andor (?)
Anônimas (1904, três traduções)	Lőrinczi László (?)
Dim. C. Zavalide (1905)	Traduções Tchecas (<i>Havran / Havrana/ Krkavec</i>)⁴⁸
Radu Paltin = H. Petra-Petrescu (1909)	Vratislava Kazimír Šembera (1869)
A.[Axelrad] Luca (1909)	Jaroslava Vrchlického (1881/1890)
Nicolae Dascovici (1911)	Augustin Eugen Mužík (1885)
Anômina (1915, duas publicações)	Karel Dostál-Lutinov/ Karla Dostála-Lutinova (1918)
Alexandru Vitianu (1921)	Vítězslav Nezval (1927/1928/1993)
Paul Sterian (1932)	Otto František Babler/Otta Františka Bablera (1930/1931)
George Murnu (1937)	Jiřího Taufera/ J. Taufer (1938)
Ion Luca Caragiale (1937) (1972)	Eugen Stoklas/ Eugena Stoklasa (1939)
Emil Gulian (1938/1963/1968/1969/1971)	Rudolf Havel/ Rudolfa Havla (1946)
N. Parsenna (1943/2001)	J.B. Čapek /Jana Blahoslava Čapka (1947)
P. P. Stanescu (1945)	Kamill Resler/Kamilla Reslera (1948)
Al. T. Stamatiad (1945)	František Nevrla (1956-1957) ⁴⁹
Teodor Bosca (1958)	Svatopluka Kadlece/ Svatopluk Kadlec (1964)
Dan Botta (1963/1968/1969/1971)	Alois Bejblík/ Aloise Bejblíka/
Mihu Dragomir (1964)	Aloys Skoumal (1984/1985)
Emil Gulian e Dan Botta (1968)	Ivan Slavík/ Ivana Slavíka (1985)
Petre Solomon (1970)	Miroslav Macek (1992)
Mihaela Haseganu (1971)	Jaroslav Pospíšil (1993)
? (1973)	Martin Pokorný (1997)
I.Cassian-Matasaru (1973)	Jan Najšer (1999)
Marcel Breslasu (1973)	Nataša Černá (2002/2006)
Ovidiu Bogdan (1975)	Filip Krajník (2004/2006)
P. P. Stanescu (1975)	Martin Kozák (2005)
Mircea Ivănescu (1986)	Marek Řezanka (2008)/ Václav Z. J

⁴⁸ Há que se considerar as traduções tchecas como sendo um patrimônio poético comum também à Eslováquia, tendo em vista a história do país que fora unificado como Tchecoslováquia até 31 de dezembro de 1992. O estudo disponível em: https://is.muni.cz/th/413496/ff_b/Pavlikova_413496_Thesis_Final.pdf. Acesso em: 23 ago. 2017 realizou recenseamento bastante amplo das traduções tchecas após 1985, demarcando como permaneceu contínuo o interesse dos tradutores tchecos pelo poema de Poe, inclusive destacando a questão ligada aos vocábulos da língua tcheca para o termo “raven”. O conjunto de referências organizadas por Pavlíková (2016) encontra-se em nossas referências.

⁴⁹ František Nevrla realizou nove traduções de “The Raven”, contudo, a publicação somente foi feita em 2005. Jiří Rambousek (2005) fez peculiar estudo dessas traduções que contavam à época das traduções com o diálogo e leitura crítica de outro tradutor do poema em Tcheco, Kamill Resler. Sobre o relato e análise dessa instigante história da tradução do poema em Tcheco, Cf. RAMBOUSEK, Jiří. *Unpublished Translations of Poe's “The Raven” by František Nevrla*. Disponível em: [http://www.phil.muni.cz/plonedata/wkaa/Offprints%20THEPES%203/TPES%203%20\(249-256\)%20Rambousek.pdf](http://www.phil.muni.cz/plonedata/wkaa/Offprints%20THEPES%203/TPES%203%20(249-256)%20Rambousek.pdf). Acesso em: 11 jul. 2017.

	Pinkava (2008)
Stefan Augustin Doinas (1974/1979/1980/1987)	Tomáš Jacko (2008)
Mihai Ungheanu (2000)	Jan Jícha/Honza Jícha (2008)
Liviu Cotrau (1987/2001)	Luboš Skopec (2014)
Mona Mamulea (2001)	Ivan Petlan (2014)
“Gavran.” Dura Back (1970) ⁵⁰	Petr Krul (2015)
Traduções Polonesas (<i>Kruk</i>)	Traduções Eslovacas (<i>Havran</i>)
W. Przyborowski (1869)	Jany Kantorovej-Bálikovej/Jana Kantorová-Báliková (1979/2000/2004/2005/2006)
Zenon Przesmycki (1886)	Karola Strmeňa/Karol Strmeň: Havran I, II a III (1999/2000/2004)
L. Okręt (1889)	Valentín Beniak (1999/2000/2004)
Barbara Beaupré (1910)	Jozef Urban (1999/2000/2004)
Cz. Kozłowski (1915)	Eva Lukáčová (1999/2000/2004)
Jolanta Kozak (1995/1999) ⁵¹	Ľubomír Feldek (1999/2000/2004)
Władysław Jerzy Kasiński (1959) ⁵²	Otakar Kořínek (2004)
W. Kozaczuk (1966)	Marián Šidlík (2004)
Maciej Froński (2007/2011)	Vladimír Roy (2004)
Stanisław Barańczak (2004)	
Gustaw Jokiel (2009) ⁵³	
Tomasz Beksinski (?) ⁵⁴	
Bretão (<i>Bran</i>)	
Pêr Denez (pseudônimo de Pierre Denis) (1948) ⁵⁵	
Corso (<i>U Corbu</i>)⁵⁶	

⁵⁰ Em sérvio, mas foi feita na Romênia.

⁵¹ Há referência de data de publicação em <http://podteksty.amu.edu.pl/content/id-7-x-samotnosc-ow-pewnym-aspekcie-tekstu-kruka-ea-poego-w-swiet.html>. Contudo, em razão de citar outras traduções na mesma publicação e também citar outra publicação de 1995, há que se considerar uma das duas datas.

⁵² Sławomir Studniarz (2011, p. 282) supõe ter sido publicada no período entreguerras, em face de características comuns a outras traduções do poema no mesmo período. Cf. STUDNIARZ, Sławomir. Pięć żywotów "Kruka", czyli o polskich przekładach wiersza "The Raven" Edgara Allana Poeo. *Acta Neophilologica* 13, 281-302, 2011. Disponível em: http://bazhum.muzhp.pl/media/files/Acta_Neophilologica/Acta_Neophilologica-r2011-t13/Acta_Neophilologica-r2011-t13-s281-302/Acta_Neophilologica-r2011-t13-s281-302.pdf. Acesso em: 12 jul. 2017. Cf. também as datas de outras traduções disponíveis em: <http://www.staff.amu.edu.pl/~grodecka/wyklady/kruk2.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2017, ancoradas no artigo de F.Lyra, Polskie przekłady poezji Poe'a, „Przegląd Humanistyczny” 1972, nr 5. Cf. Traduções disponíveis em: <http://poe.republika.pl/utwory/wiersze.html#kruk>. Acesso em: 12 jul. 2017.

⁵³Cf. Disponível em: <http://alpha.bn.org.pl/search~S5?/tKruk/tkruk/1%2C74%2C115%2CB/frameset&FF=tkruk&11%2C%2C22>. Acesso em: 29 ago. 2017.

⁵⁴Fragmento lido em programa de rádio polonês. Cf. Disponível em: <http://www.krypta.whad.pl/html/rozne/kruk.htm#Jolanty%20Kozak>. Acesso em: 12 jul. 2017.

⁵⁵ *Skeud... Parabolenn*; Edgar A. Poe, tr Per Denez; 1948; niv 6; p 24. Cf. Disponível em: http://bibliotheque.idbe-bzh.org/data/cle_62/Al_Liamm_1948_niv_06-11.pdf. Acesso em: 26 jul. 2017.

⁵⁶ A língua corso ou còrsica é uma das línguas da Córsega (região sob a administração francesa), ilha do mediterrâneo próxima à Itália.

Matteu Cirenensi (1925) ⁵⁷	
Gaélico escocês (<i>Fitheach</i>)	
Seumas MacGaraidh (1940/1941/1949)	

Dos autores. Fonte: com base em informações disponíveis em diversas referências bibliográficas e em outras fontes digitais.

10 Transcrições/Transpoetizações/Adaptações/Intertextos com <i>The Raven</i> – em várias línguas e gêneros		
<p>Em Alemão Jean-Paul Endré e Annick Sinner (2002)</p> <p>Widukind Reimer (2009)</p> <p>Hieronymus Zyx (2010)</p>	<p>Em Turco Ahmet Ümit (“Kuzgun a Nazire”) (1996) (Paródia)</p> <p>Ahmet Ümit/Burçak Özlüdil (1996, paródia) (?)</p>	<p>Em Ucrainiano Dimtcho Debelyanov (Poema “Nevermore”, de 1907) Poema “Chernobil Madonna” (1988) de I. Drach traz reminiscência ao “The Raven” de Poe.</p> <p>Em Italiano Giovanni Pascoli (1876) (“Tenebre”)</p>
<p>Em Sérvio Nikola Polić (?) “<i>Noćni gost, čitajući Poeovog Gavrana</i>” [“O visitante noturno: lendo <i>O Corvo</i> de Poe”].</p> <p>Em Tcheco Jaroslav Vrchlický (1990) (Paródia)</p>	<p>Krzysztof Jaskuła (2015) Publicação do livro <i>Mój Kruk</i>, consta texto “The Night of “The Raven” (1994?), p. 48-49)</p> <p>Em grego Giorgos Seferis (1937) escreve poema “Raven” em homenagem a Poe. (ESPLIM; GATO, 2014)</p>	<p>Em Espanhol Álvaro Armando Vasseur (Uruguai) (?)</p> <p>Rubén Darío (Nicarágua) “Prólogo de El Cuervo” (1909)</p> <p>Daniel Durand “La rabia” (2006).</p> <p>“Nada mas,” (1901?1954), Paráfrase de Renato Morales</p>
<p>Em Chinês Gu Qian-ji (1925) “The Song of the Owl” (Critical Review) Wu Mi (editor)</p>	<p>Em Holandês “De raaf (Edgar Allan Poe, mini-biografie)” de August Hans den Boef) (1993) Nol van der Linden</p>	<p>Em Polonês Ludwik Kondratowicz (1908) “Kruk” Stefan Grabiński (1920) (KRUK Z PAMIĘTNIKA</p>

⁵⁷ POE, Edgar Allan. “U corbu”: una falata in lu Maelstrom. Traduzione di Matteu Cirenensi. França: Aiacciu: stamparia di *A Muvra*, 1925. Cf. ARRIGHI, Jean-Marie. *Histoire de la Langue Corse*. Paris: Editions Jean-Paul Gisserot, 2002, p. 120. Poe é um dos poucos autores traduzidos em corso. Na obra de Arrighi (2002), em relação a autores de língua inglesa, Poe é o único a figurar na referida história da língua corsa. A tradução foi publicada na revista *A Muvra* que Petru Rocca editava em Córsega. Sobre os dados de publicação, Cf. <http://www.sudoc.abes.fr/DB=2.1/SRCH?IKT=12&TRM=181837307>. Acesso em: 26 jul. 2017. A fonte indica que Matteu Cirenensi traduziu o poema por via de tradução francesa, provavelmente a de Baudelaire ou a de Mallarmé. Cf. Disponível em: <http://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb35578421c>. Acesso em: 3 jul. 2017.

Fu Dong-hua (1926) poema "The Angel of the Odd"	(epílogo a partir da tradução de J. F. Malta) (2014)	KAZIMIERZA BRZOSTA)
---	--	---------------------

11 Traduções paródicas russas

Arkady Bukhov (1915)
A.Olenich-Gnenenko (1946)
Andrei Voznesensky (1964)
Nikolai Glazkov (1973)
Igor Irtenev (1979)
Vadim Vyazmin (1988)
V.Sarishvili (1995)
B.E.K. (1998)
O. Kin (2000)
Tibul Kamchatsky (2002)
Diaz Diaz (2003)
Gane Amazon (2006)
O. Mazonka (2003)
Vasily Betaki (2007)

Dos autores. Fonte: com base em informações disponíveis em diversas referências bibliográficas e em outras fontes digitais.

Paródias em Inglês
Philip P. Cooke, poema "The Gazelle" (1845?)
Poema "A Gentle Puff" (1845) (Paródia)
J. E. Tuel, poema "PLUTONIAN SHORE, Raven Creek, In the Year of Poetry Before the Dismal Ages, A.D. 18 " (1849) (Paródia)
Robert Brough, poema "The Vulture" (1853) (Paródia)
Edmund Yates, poema "The Tankard" (1855) (Paródia)
Anônimo, poema "The Parrot" (1856) (Paródia)
Charles D. Gardette. The Fire Fiend and other Poems (1866) (Paródia)
Anônimo, poema "The Craven" (1867) (Paródia)
Henry S. Leigh poema "Chateaux D'Espagne, poema, "A Reminiscence of David Garrick and The Castle of Andalusia""(1872) (Paródia)

Rev. J. W. Scott, D.D., poema “The Dove” (1874) (Paródia)
Sarah J. Bolton (The Death of Edgar Poe” (?) (Paródia)
Charles L. Edson (1963) (Paródia)
Barba H. Henry Beard (?)(Paródia)
Hillary Gorman e Paul Havemann (1996) (Paródia)
Anônima (1996) (Paródia)
Theresa Bane (2010)

12 Imitações fraudulentas (plágios)

Samuel Fenwick versão falsa ou imitação do poema de Poe (1870)
Lizzie Doten imitação do poema de Poe (?)

Dos Autores. Fonte: Ingram (1880/1885).

13 Informações e alusões de possíveis tradutores de “The Raven” a serem confirmadas

<p>Em Francês Henri Gobard (1976) Alain Jaubert (1990) Pierre Leyris (?)</p> <p>Em Finlandês (1946)</p>	<p>Em Ucrâniano Strika Maxim (1998), Vitaliyovych, M.Tupaylo, I.Karabutenko, V. Pronenko (1983/1989/1997), Dmitry Pavlychko, E. Krizevich</p>	<p>Em Grego Apostolos Melachrinos (?), Kostis Palamas (?), George Seferis (?), Panos Panassis (?) Nicholas Episkopopoulos (?), Platão Rodokanakis (?) Paul Nirvana (?), Proimos Nikos Kazantzakis(?)</p>
<p>Em Chinês Sun Liang (1987), editor de 100 Great English Poems em chinês. Infere-se a possibilidade de tradução de “The Raven”</p>	<p>Em Japonês Motoaki Motoki / Kido Saïdo / Sadao Motoki (元木貞雄) Yuichiro Isobe (磯辺弥一郎) Masao Wada (和田正夫) Taisho (大G)</p>	<p>Em Italiano Angelo Morelli (1955)⁶⁰ Alfredo Rizzardi (1955) Franco De Poli (1964/1965) Gabriele Baldini (1995), Elio Chinol (1995), Paolo</p>

⁶⁰ Cf. POE, Edgar Allan. *Poesie scelte*. A cura e Trad. di Angelo Morelli. Firenze: La Nuova Italia, 1955. Como se trata de obra que traduziu sob o título de “poemas selecionados” de Poe, infere-se aí também “The Raven”, mas é hipótese a ser confirmada.

<p>Há indicação da existência de 10 traduções chinesas nos anos de 1940⁵⁸</p> <p>Em Yiddish (1904)</p> <p>Em Lituano K. Navakas (?) Kavaliauskas (?)</p>	<p>Em Espanhol Molino (1942) parece ser o nome da Editora ou refere-se à tradução anônima.</p> <p>Jorge Luís Borges (?)</p> <p>Salvador Elizondo y Víctor Manuel Mendiola (1998)</p> <p>Jorge Antonio Mestas Pujol (2015)</p> <p>Adolfo Bioy Casares (?)</p> <p>Guillermo Stock (Argentina) (1892/1957) (traduziu poemas de Poe, contudo, Englekirk (1934) não inclui The Raven entre essas traduções).</p> <p>Andrés González Blanco (Espanha) (1966), Emilio Carrère (Espanha) (1966), Enrique Leopoldo de Verneuil (Espanha) (1966), Rafael Cansinos Assens (Espanha) (1966), José Francés (Espanha) (1966)</p> <p>Aníbal Froufe, Francisco Álvarez. (É preciso confirmar se são tradutores ou cotradutores do poema). O que se sabe é que são tradutores da prosa de Poe.</p>	<p>Colo (1995)</p> <p>Em Esloveno Tatjana Pregl-Kobe, Pogačnik, Vladimir, Kenda, Jana, Bruna Urha</p> <p>Em Estoniano (1920)</p> <p>Em Húngaro “A holló” de Kis János (trata-se de outro poema com mesmo nome)⁶¹</p> <p>Em Alemão Julius Bruck (1880)⁶²</p> <p>Em Sueco Carl Wilhelm Böttiger (?) (parece ser na verdade um codinome do autor)</p>
---	--	---

⁵⁸ Cf. Zongxin Feng (2014): “the 1930s saw eleven works in twenty-two translations; and the 1940s saw eleven works in twelve translations. The most popular were “The Raven” with ten translations”. Cf. “Edgar Allan Poe in Classical and Vernacular Chinese Translations” In *Translated Poe*. Edited by Emron Esplin and Margarida Vale de Gato. (Perspectives on Poe series). Includes bibliographical references and index. Bethlehem, Pensilvânia: Lehigh University Press, 2014. Infelizmente, Feng (2014) não nomeia esses tradutores e o ano exato dessas específicas traduções de “The Raven” da década de 1940.

	Ricardo Summers (Cádiz) e (1967/1986)	
	Gómez Restrepo (Editor) /Rafael Pombo?(1926) ⁵⁹	

Dos autores. Fonte: com base em informações disponíveis em diversas referências bibliográficas e em outras fontes digitais.

Quadro – “The Raven” em outras artes (exceto cinema)

Título/ano	Arte
“The Raven”. Illustrations for the poem by Edgar Allan Poe de John Tenniel (1858)	Ilustrações
“The Raven” de Édouard Manet (1875)	Litografia
A Edgar Poe, Paris, G. Fischbacher (1882) de Odilon Redon	Pintura
“The Raven” de Gustave Doré (1883)	Ilustrações
Nevermore (1897) de Paul Gauguin	Pintura
“The Raven” and other poems (1910) de Poe com ilustrações de John Rea Neill	Ilustrações em edição de livro de Poe
Edgar Allan Poe, <i>Les cloches et quelques autres poèmes</i> de Edmond Dulac (1913) ⁶³	Ilustrações
“The Raven” de Charles Sanders Peirce (?) encontrado entre os escritos não publicados pelo filósofo ⁶⁴	“Arte quirográfica”

⁶¹ Cf. Disponível em: <https://moly.hu/konyvek/edgar-allan-poe-edgar-allan-poe-versei>. Acesso em: 23 ago. 2017. Kis János (“A holló”). Trata-se de outro poema homônimo com o “The Raven” de Poe, cf. Kis János (Rábaszentandrás, 1770. szeptember 22. – Sopron, 1846. február 19.) költő, műfordító, evangélikus püspök).

⁶² Cf. BRUCK, Julius. *Bunte Blüthen. Scherz und Ernst in Versen*. Verlag: New York, S. Zickel, 1880. Cf. <http://www.worldcat.org/title/bunte-bluthen-scherz-und-ernst-in-versen/oclc/10245241>. Acesso em: 23 ago. 2017.

⁵⁹ Englekirk (1934) oferece referência ambígua, deixando margem para se entender Antonio Gómez Restrepo tanto como Tradutor quanto como Editor. De fato, Restrepo foi poeta, tradutor de outros poetas de língua inglesa e historiador da literatura colombiana de prestígio. O que sugere fortemente ser ele também tradutor de “The Raven”. De todo modo, a tradução é citada por Englekirk (1934) e há lacuna quanto à autoria da aludida tradução, quanto pode ser de Restrepo quanto de Rafael Pombo, outro eminente poeta e tradutor colombiano, ou, de outro modo, trata-se de equívoco lançado por Englekirk (1934), embora este cita a obra de 1926 e não de 1917, de forma que esta última edição pode ter sido aumentada posteriormente e incluído tradução de “The Raven”, algo a se confirmar. Cf. a obra de Pombo (1917) em que Restrepo figura como editor e comentarista do trabalho de tradução de Pombo. Disponível em: <http://scans.library.utoronto.ca/pdf/4/29/traduccionespoet00pombuoft/traduccionespoet00pombuoft.pdf>. Acesso em: 11 set. 2017.

⁶³ Cf. <http://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb32536157t>. Acesso em: 4 jul. 2017.

⁶⁴ GARDNER, Martin. In: CARROLL, Lewis. *The Annotated Alice: The Definitive Edition*. Introduction and notes by Martin Gardner. Illustrations by John Tenniel. London/New York: W. W. Norton & Company, 2000, p. 35.

<i>Le Corbeau</i> (Tradução de Baudelaire) Jean Gabriel Daragnès (edição de 1918) ⁶⁵	Ilustrações
Jack Roberts (1920) ⁶⁶	Ilustrações
<i>Gouaches para "El Cuervo" de Poe</i> de Francisco Bores (1960/1965), tornado público apenas em 2017	Pintura
<i>Edgar Allan Poe: O Corvo</i> de Tasos Mantzavinos (?)	Pintura
" <i>The Raven</i> " (<i>Poe Anamorphosis</i>) de István Orosz (2006)	Ilustrações (heliogravura)
Alfred Kubin (?) ⁶⁷	Ilustrações
"The Raven" / by Edgar Allan Poe W. L. Taylor (1883-1888)	Ilustrações
" <i>The Raven</i> " de Fred Ingram (pseudônimo de Fedde Weidema) (?)	Ilustrações
<i>Le Corbeau</i> de Jean Bruller (1929) ⁶⁸ Paul Haasen (1929) graveur	Ilustrações
<i>Le Corbeau</i> de Mariette Lydis (1929) ⁶⁹	Ilustrações
Rudolf Michalik (1931) ⁷⁰	Ilustrações
Raquel Forner (1944) ⁷¹	Ilustrações
" <i>The Raven</i> " de Jan Roëde (1948)	Ilustrações
<i>Le Corbeau</i> de Paul Lemagny (1955) ⁷²	Ilustrações
" <i>The Raven</i> " de Antonio Frasconi (1959)	Ilustrações
" <i>The Raven</i> " de Nicole Depolo (?)	Ilustrações
E. McKnight Kauffer (1967) ⁷³	Ilustrações
<i>De Raaf</i> de Harry van Kruiningen (pseudônimo de Henri Adelbert Janssen) (1977)	Ilustrações
Vladimír Gažovič (1979) ⁷⁴	Ilustrações
Klaus Schiemann (1981) ⁷⁵	Ilustrações
<i>Labyrinthe Privé</i> de Borislav Sajtinac (1981) ⁷⁶	Desenhos

⁶⁵ Cf. Disponível em: <http://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb31126255c>. Acesso em: 4 jul. 2017.

⁶⁶ Cf. Jack Roberts (1920) Ilustração em Edgar Allan Poe. "The Raven" (le Corbeau) avec adaptation en vers de Marcelin Huc, 1920.

⁶⁷ Cf. Disponível em: <http://onlinebooks.library.upenn.edu/webbin/gutbook/lookup?num=50887>. Acesso em: 21 ago. 2017.

⁶⁸ Cf. Disponível em: <http://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb42393137g>. Acesso em: 3 agosto 2017.

⁶⁹ Edgar Poë. *Le Corbeau*. Traduit par Armand Godoy. Orné d'un frontispice de Mariette Lydis. Cf. Disponível em: <http://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb321748295>. Acesso em: 4 jul. 2017.

⁷⁰ Cf. Disponível em: <http://d-nb.info/575661135>. Acesso em: 19 ago. 2017.

⁷¹ Cf. Disponível em: <http://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb32536234f>. Acesso em: 4 jul. 2017.

⁷² Cf. Disponível em: <http://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb338623372>. Acesso em: 3 agosto 2017.

⁷³ Cf. Disponível em: <http://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb33138647t>. Acesso em: 3 agosto 2017.

⁷⁴ Cf. POE, Edgar Allan. Havran a iné básne. Básne a materiály vybrala, usporiadala, prel., doslov a chronológiu napís. Jana Kantorová-Bálikova. II. Vladimír Gažovič] Disponível em: <http://d-nb.info/993652468>. Acesso em: 19 ago. 2017.

⁷⁵ Cf. Disponível em: <http://d-nb.info/820132004>. Acesso em: 19 ago. 2017.

(beidseitig) illustr. OKart.	
“The Raven” de Dick Dooijes (1983)	Ilustrações
Steffen Gumpert (2004) ⁷⁷	Ilustrações
“The Raven” de Ryan Price (2006/2012) ⁷⁸	Ilustrações
Ramón Villegas (2006) ⁷⁹	Ilustrações
Eduardo Seincman música e Evandro Carlos Jardim (2007) ⁸⁰	Gravuras
Hans-Peter Oswald (2008) ⁸¹	Ilustrações
<i>To Kopáki</i> de Leonidas Christakis (2007)	Ilustrações
<i>Le Corbeau</i> (1995) ⁸² e <i>To Kopáki</i> de Hamiru Aqi (2009)	Ilustrações
<i>Douze poèmes d'Edgar Poe. Vers français</i> de Jean Cadas et frontispice de Sam Jones (2009)	Ilustrações
Javier Alcaíns (2009) ⁸³	Ilustrações
Miguel Navia (2009) ⁸⁴	Ilustrações
“The Raven” de Manu Maltez (2010)	Recriação poético-narrativa por Ilustrações
Miguel Ángel Martín (2010) ⁸⁵	Ilustrações
Serge Chamchinov (2011) ⁸⁶	Ilustrações /desenho/litografia
d'Aragues (2012) ⁸⁷	Ilustrações
“The Raven” Paul Overhaus (2014)	Ilustrações
Poèmes d'Edgar Allan Poe. Didier Collobert (2014)	Ilustrações

⁷⁶ SAJTINAC, Borislav. *Labyrinthe Privé*. München, Cartoon-Caricature-Contor, 1981. Mit einem dt.-frz.-engl. Vorwort von George Moorse, vielen „Notizen, Sketchen und Cartoons“ sowie 7 Zeichnungen im Rahmen der frei erzählten Geschichte ‚Der Rabe‘ von Edgar Allan Poe. Cf. Disponível em: <http://www.antiquariat-feurer.de/images/Feurer%20Katalog%2045.pdf>.

⁷⁷ Cf. Disponível em: <http://d-nb.info/974506052>. Acesso em: 19 ago. 2017.

⁷⁸ Cf. Disponível em: http://acervo.bn.br/sophia_web/mobile/detalhe.asp?idioma=ptbr&acesso=web&codigo=922656&tipo=1&detalhe=0&busca=1. Acesso em: 21 ago. 2017.

⁷⁹ Cf. Disponível em: http://catalogo.iib.unam.mx/F/GCV5DJ79FMCJFKBSIPLC91QBMVYCOM28EYM4MXE33X53RRC3FR-02091?func=full-set-set&set_number=002436&set_entry=000007&format=999. Acesso em: 21 ago. 2017.

⁸⁰ Cf. Disponível em: http://acervo.bn.br/sophia_web/mobile/detalhe.asp?idioma=ptbr&acesso=web&codigo=922656&tipo=1&detalhe=0&busca=1. Acesso em: 21 ago. 2017.

⁸¹ Cf. Disponível em: <http://d-nb.info/988404753>. Acesso em: 19 ago. 2017.

⁸² Cf. Disponível em: <http://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb37166047v>. Acesso em: 3 agosto 2017.

⁸³ Cf. Disponível em: <http://catalogo.bne.es/uhtbin/cgisirsi/?ps=ijCfOI09L/BNMADRID/87600408/9>. Acesso em: 3 agosto 2017.

⁸⁴ Cf. Disponível em: <http://catalogo.bne.es/uhtbin/cgisirsi/?ps=5SLyaxKtxT/BNMADRID/285440449/9>. Acesso em: 3 agosto 2017.

⁸⁵ Cf. Disponível em: <https://catalog.loc.gov/vwebv/holdingsInfo?searchId=16785&recCount=25&recPointer=25&bibId=16515323>. Acesso em: 21 ago. 2017.

⁸⁶ Cf. Disponível em: <http://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb426224343>. Acesso em: 3 jul. 2017.

⁸⁷ Cf. Disponível em: <http://d-nb.info/1017664676>. Acesso em: 19 ago. 2017.

“The Raven” de Abigail Larson (2016)	Ilustrações
El Cuervo de Cicerón García (?)	Ilustrações
El Cuervo de Javier Serrano (2012)	Ilustrações
Zdenko Basic e Manuel Sumberac (2012) ⁸⁸	Ilustrações
<i>Obra Poética Completa de Edgar Allan Poe</i> (2009) Felipe Abranches	Ilustrações
“The Raven”: Illustrated. W. L. Taylor and George T. Andrew	Ilustrações
Marta Monika Czerwinski (2014) ⁸⁹	Ilustrações
David Plunkert (2015) ⁹⁰	Ilustrações
<i>Les Poèmes d’Edgar Poe</i> William Heath Robinson (2016)	Ilustrações
Francisco Bores (2016) ⁹¹	Ilustrações
(<i>Korgu, em turco</i>) (<i>Гарванот, em macedônio</i>) de Taylan Gjuvenili (2015)	Gravuras e desenhos
<i>De Raaf</i> de Ilja Leonard Pfeijffer, Gert Jan de Vries (2008)	Composição
12 cuts and 10 etchings de Mario Prassinis (1952) ⁹²	Desenhos
Júlio Pomar (1998) ⁹³	Desenhos
Jean Laforge (2007) ⁹⁴	Registro sonoro
Byron Schiffman (s/d) ⁹⁵	Ópera/Ballet
Eugeniusz Morawski-Dabrowa - <i>poemat symfoniczny</i> (1911) ⁹⁶	Música
André Masson (1961) ⁹⁷	Realização radiofônica

⁸⁸ Cf. Disponível em: http://acervo.bn.br/sophia_web/mobile/detalhe.asp?idioma=ptbr&acesso=web&codigo=922656&tipo=1&detalhe=0&busca=1. Acesso em: 21 ago. 2017.

⁸⁹ Cf. Disponível em: <http://d-nb.info/1046383663>. Acesso em: 19 ago. 2017.

⁹⁰ Cf. Disponível em: <http://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb444378754>. Acesso em: 3 jul. 2017.

⁹¹ Cf. Disponível em: <http://catalogo.bne.es/uhtbin/cgiirsi/?ps=V2IG3zQyke/BNMADRID/9590447/9>. Acesso em: 3 jul. 2017.

⁹² Cf. Disponível em: <http://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb32536246f>. Acesso em: 3 jul. 2017.

⁹³ Cf. Disponível em: <https://catalog.loc.gov/vwebv/holdingsInfo?searchId=16920&recCount=25&recPointer=14&bibId=224019>. Acesso em: 21 ago. 2017.

⁹⁴ *Le corbeau* [Enregistrement sonore] / Edgar Allan Poe, aut.; lu par Jean Laforge Cf. <http://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb41101811w> Acesso em: 3 jul. 2017.

⁹⁵ “The Raven”. *Opéra ballet in VI acts*, based on the life and works of Edgar Poe. Music, libretto, decor and costumes by Byron Schiffman, Cf. <http://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb44003618g>. Acesso em: 3 jul. 2017.

⁹⁶ Cf. Disponível em: <http://culture.pl/pl/tworca/eugeniusz-morawski-dabrowa>. Acesso em: 4 jul. 2017. Esta magnífica canção pode ser baixada gratuitamente pelo site oficial da banda disponível em: <http://www.worldofomnia.com>. Acesso em: 4 jul. 2017.

⁹⁷ “Le cycle, jeu féérique pour grandes personnes [Document d’archives] / André Masson; d’après le poème “Le Corbeau” d’Edgar Allan Poe”. Cf. Disponível em: <http://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb40894234j>. Acesso em: 4 jul. 2017.

Canção “The Raven” do álbum <i>Tales of Mystery and Imagination</i> da Banda <i>The Allan Parsons Project</i> (1976)	Música
Banda <i>Conde e Drácula</i> (1976) ⁹⁸	Música
Banda <i>Nevermore</i> (1991)	Música
Canções “The Raven” e “Edgar Allan Poe” do álbum “ <i>The Raven</i> ” (2003) de LOU REED	Música
Álbum <i>Shadow of “The Raven”</i> da banda instrumental <i>Nox Arcana</i> (2007)	Música
“ <i>The Raven</i> ” do Álbum <i>Alive</i> da banda <i>Omnia</i> (2007) e também a canção da mesma banda chamada “ <i>Twa Corbiez</i> ” (2008)	Música
“ <i>The Raven</i> ”, faixa 2 de álbum <i>Sunday At Devil Dirt</i> Mark Lanegan e Isobel Campbell (2008)	Música
Canção “The Night of “The Raven”” (1997). Intérprete David Foster (Alemanha) ⁹⁹	Música eletrônica
Álbum “ <i>Gothic II: Night of “The Raven”</i> ” ¹⁰⁰	Música Instrumental:
<i>O corvo</i> de Luciano Irrthum (2009)	HQ
<i>Nevermore: A Graphic Adaptation of Edgar Allan Poe's Short Stories</i> de Dan Whitehead (2007)	Graphic Novel
<i>Эдгар Аллан По. Эссе. Материалы. Исследования</i> de L. Pronenko (1997)	Arte de composição caligráfica e ilustrações em livro
Richard Corben (2015) ¹⁰¹	Desenhos/HQ

Dos autores. Fonte: com base em informações do site de Elson Fróes e em pesquisas bibliográficas e em outras fontes digitais.

14 Quadro – “The Raven” no cinema/audiovisual

Título/ano	Diretor
------------	---------

⁹⁸ Cf. Banda: *Conde E Drácula* Album: ST (1976) Tá Faltando Ôme Ano: 1976. Origem: Brasil Formato: 12" Gravadora: AMC - AMCLP-5357

⁹⁹ Cf. Disponível em: <https://www.discogs.com/Magic-Affair-Night-Of-The-Raven/release/115403>.

Acesso em: 12 jul. 2017.

¹⁰⁰ Cf. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pv24Om1c0Dc>. Acesso em: 12 jul. 2017.

¹⁰¹ Cf. *Esprits des morts & autres récits / adaptation & dessins*, Richard Corben ; d'[après l'oeuvre d'Edgar Allan Poe; couleur, Richard Corben & Beth Corben Reed. Cf. Disponível em: <http://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb444113736>. Acesso em: 4 jul. 2017.

<i>Edgar Allen Poe</i> (1909)	David. W. Griffith
“ <i>The Raven</i> ” (1915) com base no livro “ <i>The Raven</i> ”: <i>The Love Story of Edgar Allan Poe</i> de George C. Hazelton	Charles Brabin
“ <i>The Raven</i> ” (1935)	Louis Friedllander
<i>Der Rabe</i> (1951)	<i>Kurt Steinwendner</i>
“ <i>The Raven</i> ” (1963)	David Corman
<i>Gavran</i> (em Croata) (1973) ¹⁰²	Nikola Djuric (de Montenegro)
<i>Vincent</i> (1982)	Tim Burton
<i>O Corvo</i> (1983)	Valêncio Xavier
<i>Der Rabe - Duell der Zauberer</i> (1984) ¹⁰³	?
<i>The Simpsons</i> (1990)	David Silverman
<i>Der Rabe</i> . Animação (1998)	Hannes Rall com a voz em <i>off</i> de Hans Paetsch
<i>Havran</i> (2000) (em Tcheco) ¹⁰⁴	Lucie Simková
“ <i>The Raven</i> ” (2000) ¹⁰⁵	Hannes Rall
<i>Le Corbeau</i> (2001) ¹⁰⁶	Frédéric Pelle
“ <i>The Raven</i> ” (2012)	James Mcteigue
<i>Nevermore - Três Pesadelos e um Delírio de Edgar Allan Poe</i> (2011) ¹⁰⁷	Paulo Biscaia Filho
<i>Edgar Allan Poe's “The Raven”</i> (2011)	Christopher Sapphire, Don Thiel
<i>Edgar Allan Poe's “The Raven”</i> (2003)	Peter Bradley
<i>Gavran</i> (em Sérvio) (2016) ¹⁰⁸	Aleksa Mirosavljevic e Luko Paljetak
<i>Gavran</i> (em Croata ¹⁰⁹) (2017) ¹¹⁰	Krunoslav Trninic e Damian Humski (roteiro)
Videos de Leituras dramáticas de “The Raven”	
Atores leitores/dramatizadores de “The Raven”	
Vincent Price, John Astin, José Mojica Marins (Zé do Caixão), Christopher Lee, Christopher Walker, James Earl Jones, Billy Drago, Aaron Quinn, Peter Bradley, Victor Civeira (Audiolibro <i>El Cuervo</i>), Pepe Mediavilla, Gustavo Adolfo Bécquer, Mariano Vicente, <i>El Cuervo</i> Audiolibro (Proyecto <i>Terror e nada más</i>), Sergio Granados, Sandro Larenas,	

¹⁰² Filme de estreia do diretor. Cf. Disponível em: http://m.imdb.com/title/tt5402674/?ref =m_fn_al_20. Acesso em: 17 ago. 2017.

¹⁰³ Disponível em: http://m.imdb.com/title/tt2237176/?ref =m_fn_al_9. Acesso em: 12 jul. 2017.

¹⁰⁴ Cf. Disponível em: http://m.imdb.com/title/tt0237301/?ref =m_fn_al_19. Acesso em: 17 ago. 2017.

¹⁰⁵ Cf. Disponível em: http://m.imdb.com/title/tt0207695/?ref =m_fn_al_7. Acesso em: 17 ago. 2017.

¹⁰⁶ Cf. Disponível em: <http://m.imdb.com/title/tt0331222/>. Acesso em: 17 ago. 2017.

¹⁰⁷ Cf. Disponível em: http://m.imdb.com/title/tt1879014/?ref =m_fn_al_10. Acesso em: 17 ago. 2017.

¹⁰⁸ Cf. Disponível em: http://m.imdb.com/title/tt5887968/?ref =m_fn_al_12. Acesso em: 17 ago. 2017.

¹⁰⁹ A diferença entre a língua sérvia e a croata, línguas eslavas de mesmo diassistema parece ser principalmente alfabética, pois a primeira utiliza o alfabeto cirílico e a segunda o latino. Essa questão passou a ser mais relevante após a dissolução da antiga Iugoslávia em 1991 em Sérvia, Bósnia, Herzegovina, Croácia, Montenegro, Macedônia e Eslovênia. Há ainda a língua bósnia e montenegrina, que têm particularidades, mas também fazem parte desse caldeirão linguístico eslavo. Essa porção do leste europeu é complexa e fazia parte do antigo Império Austro-Húngaro e trata-se de região extremamente multicultural, multiétnica e, por isso mesmo, multilíngue. Do ponto de vista linguístico, trata-se de variações linguísticas de mesmo diassistema. O fato é que o poema de Poe é uma febre no imaginário desses povos dos Balcãs, assim como em várias regiões do mundo.

¹¹⁰ Cf. Disponível em: http://m.imdb.com/title/tt6503044/?ref =m_fn_al_5. Acesso em: 17 ago. 2017.

Cortometraje, <i>El Cuervo</i> , equipo cuervo, Narciso Ibañez Serrador/Luis Penafiel.	
Séries de TV com base em “The Raven”	
<i>El Cuervo</i> - (Série de TV espanhola chamada <i>Historias pra no dormir</i> , 1968-1969), Filme para TV, Programa de TV na Islândia " <i>Hrafninn og ég</i> " (“ <i>The Raven</i> ” and I), <i>O Corvo</i> (1982)(Portugal), Karl Ágúst Úlfsson (1996)	
Referências temática/intermediática e/ou alusão intertextual a “The Raven”	Diretor
<i>Le Corbeau</i> (1943)	Henri-Georges Clouzot
<i>The Birds</i> (1963)	Alfred Hitchcock
<i>Kruk</i> (1976) ¹¹¹	Stanislaw Janicki
“ <i>The Raven</i> ”’s <i>Dance</i> (1980) ¹¹² (em finlandês)	Markku Lehmuskallio
Shadow of “ <i>The Raven</i> ” (1988) ¹¹³	Hrafn Gunnlaugsson
<i>The Crow</i> (1994)	Alex Proyas
<i>The Crow: City of Angels</i> (1996) ¹¹⁴	Tim Pope
<i>The Crow: Stairway to Heaven</i> (1998–1999) Série de TV ¹¹⁵	Bryce Zabel
<i>The Crow: Salvation</i> (2000) ¹¹⁶	Bharat Nalluri
<i>The Crow: Wicked Prayer</i> (2005) ¹¹⁷	Lance Mungia
<i>Chronicle of “The Raven”</i> (‘Jennifer’s Shadow’) (2004)	Daniel de la Vega, Pablo Parés
“ <i>The Raven</i> ”. <i>Nevermore</i> (curtametragem) (?)	Tinieblas González
<i>El cuervo</i> (1998) ¹¹⁸	René Cardona III
“ <i>The Raven</i> ” (2006)	Ulli Lommel
“ <i>The Raven</i> ” (2007)	David DeCoteau
<i>El Cuervo</i> (2007) ¹¹⁹	Richie Ercolano
Outras obras de referência e/ou alusão intermediática com “The Raven”: “ <i>The Raven</i> ” - série de televisão 1992, de David Kemper e Lupo, Frank (EUA). “ <i>The Crow: Stairway to Heaven</i> ” - uma série de televisão em 1998 com Mark Dacascos (Canadá). “ <i>Cria Cuervos</i> ” - um filme em 1976 dir. Carlos Saura (Espanha). “ <i>Corvo Branco</i> ” - um filme em 1981 com Vladimir Gostyukhin estrelado por dir. Valery Lonskaya (URSS). “ <i>Quando o corvo Flies</i> ” - um filme em 1984 dirigido por Hrafn Gunnlaugsson (Islândia).	

¹¹¹ Cf. Disponível em: <http://m.imdb.com/title/tt1495827/?ref =m fn al 8>. Acesso em: 17 ago. 2017.

¹¹² Cf. Disponível em: <http://m.imdb.com/title/tt0081012/?ref =m fn al 5>. Acesso em: 17 ago. 2017.

¹¹³ Cf. Disponível em: <http://m.imdb.com/title/tt0095346/?ref =m fn al 3>. Acesso em: 17 ago. 2017.

¹¹⁴ Cf. Disponível em: <http://m.imdb.com/title/tt0115986/?ref =m fn al 4>. Acesso em: 17 ago. 2017.

¹¹⁵ Cf. Disponível em: <http://m.imdb.com/title/tt0166425/?ref =m fn al 7>. Acesso em: 17 ago. 2017.

¹¹⁶ Cf. Disponível em: <http://m.imdb.com/title/tt0132910/?ref =m fn al 6>. Acesso em: 17 ago. 2017.

¹¹⁷ Cf. Disponível em: <http://m.imdb.com/title/tt0353324/?ref =m fn al 5>. Acesso em: 17 ago. 2017.

¹¹⁸ Cf. Disponível em: <http://m.imdb.com/title/tt0483594/>. Acesso em: 17 ago. 2017.

¹¹⁹ Cf. Disponível em: <http://m.imdb.com/title/tt1092573/>. Acesso em: 17 ago. 2017.

"Na sombra do corvo" - um filme em 1988 dirigido por Hrafna Gunnlaugsson (Islândia).

"Corvo vermelho da morte" - um filme de 1990 com Marc Singer, estrelado por dir. Kristofer Lyuis (EUA).

"E se o corvo" - um filme em 1995, com Raul Julia no papel-título, dir. Dzhonatan Senger (EUA).

"O assassino de corvos" - um filme em 1999, com Tom Berenger dir. Rowdy Herrington (EUA).

"Black Crow" - uma série de televisão em 2001 com Yuri e Tatiana Galtsev Kolganova estrelando (Rússia).

"Crows: o início" – o filme de 2007, dir. Takashi Miike (Japão).

"Crows: Continuação" - um filme em 2009 (Japão).

"Corvo" - um filme de TV em 2007, dir. Sheldon Wilson (EUA)¹²⁰.

Dos autores. Fonte: com base em informações bibliográficas e pesquisas em outras fontes digitais.

¹²⁰Cf.

Disponível

em:

https://ru.wikipedia.org/wiki/%D0%92%D0%BE%D1%80%D0%BE%D0%BD_%D1%84%D0%B8%D0%BB%D1%8C%D0%BC. Acesso em: 5 set. 2017.

15 Anexos

16 TRADUÇÕES DE “THE RAVEN” EM DOMÍNIO PÚBLICO

17 “The Raven” by Edgar Allan Poe

*Once upon a midnight dreary, while I pondered, weak and weary,
Over many a quaint and curious volume of forgotten lore—*

*While I nodded, nearly napping, suddenly there came a tapping,
As of some one gently rapping, rapping at my chamber door.*

*“’Tis some visitor,” I muttered, “tapping at my chamber door—
Only this and nothing more.”*

*Ah, distinctly I remember it was in the bleak December;
And each separate dying ember wrought its ghost upon the floor.
Eagerly I wished the morrow;—vainly I had sought to borrow
From my books surcease of sorrow—sorrow for the lost Lenore—
For the rare and radiant maiden whom the angels name Lenore—
Nameless here for evermore.*

*And the silken, sad, uncertain rustling of each purple curtain
Thrilled me—filled me with fantastic terrors never felt before;
So that now, to still the beating of my heart, I stood repeating
“’Tis some visitor entreating entrance at my chamber door—
Some late visitor entreating entrance at my chamber door;—
This it is and nothing more.”*

*Presently my soul grew stronger; hesitating then no longer,
“Sir,” said I, “or Madam, truly your forgiveness I implore;
But the fact is I was napping, and so gently you came rapping,
And so faintly you came tapping, tapping at my chamber door,
That I scarce was sure I heard you”—here I opened wide the door;—
Darkness there and nothing more.*

*Deep into that darkness peering, long I stood there wondering, fearing,
Doubting, dreaming dreams no mortal ever dared to dream before;
But the silence was unbroken, and the stillness gave no token,
And the only word there spoken was the whispered word, “Lenore?”
This I whispered, and an echo murmured back the word, “Lenore!”—
Merely this and nothing more.*

*Back into the chamber turning, all my soul within me burning,
Soon again I heard a tapping somewhat louder than before.
“Surely,” said I, “surely that is something at my window lattice;
Let me see, then, what thereat is, and this mystery explore—
Let my heart be still a moment and this mystery explore;—*

'Tis the wind and nothing more!"

*Open here I flung the shutter, when, with many a flirt and flutter,
In there stepped a stately Raven of the saintly days of yore;
Not the least obeisance made he; not a minute stopped or stayed he;
But, with mien of lord or lady, perched above my chamber door—
Perched upon a bust of Pallas just above my chamber door—
Perched, and sat, and nothing more.*

*Then this ebony bird beguiling my sad fancy into smiling,
By the grave and stern decorum of the countenance it wore,
"Though thy crest be shorn and shaven, thou," I said, "art sure no craven,
Ghastly grim and ancient Raven wandering from the Nightly shore—
Tell me what thy lordly name is on the Night's Plutonian shore!"
Quoth the Raven "Nevermore."*

*Much I marvelled this ungainly fowl to hear discourse so plainly,
Though its answer little meaning—little relevancy bore;
For we cannot help agreeing that no living human being
Ever yet was blessed with seeing bird above his chamber door—
Bird or beast upon the sculptured bust above his chamber door,
With such name as "Nevermore."*

*But the Raven, sitting lonely on the placid bust, spoke only
That one word, as if his soul in that one word he did outpour.
Nothing farther then he uttered—not a feather then he fluttered—
Till I scarcely more than muttered "Other friends have flown before—
On the morrow he will leave me, as my Hopes have flown before."
Then the bird said "Nevermore."*

*Startled at the stillness broken by reply so aptly spoken,
"Doubtless," said I, "what it utters is its only stock and store
Caught from some unhappy master whom unmerciful Disaster
Followed fast and followed faster till his songs one burden bore—
Till the dirges of his Hope that melancholy burden bore
Of 'Never—nevermore'."*

*But the Raven still beguiling all my fancy into smiling,
Straight I wheeled a cushioned seat in front of bird, and bust and door;
Then, upon the velvet sinking, I betook myself to linking
Fancy unto fancy, thinking what this ominous bird of yore—
What this grim, ungainly, ghastly, gaunt, and ominous bird of yore
Meant in croaking "Nevermore."*

*This I sat engaged in guessing, but no syllable expressing
 To the fowl whose fiery eyes now burned into my bosom's core;
 This and more I sat divining, with my head at ease reclining
 On the cushion's velvet lining that the lamp-light gloated o'er,
 But whose velvet-violet lining with the lamp-light gloating o'er,
 She shall press, ah, nevermore!*

*Then, methought, the air grew denser, perfumed from an unseen censer
 Swung by Seraphim whose foot-falls tinkled on the tufted floor.
 "Wretch," I cried, "thy God hath lent thee—by these angels he hath sent
 thee
 Respite—respite and nepenthe from thy memories of Lenore;
 Quaff, oh quaff this kind nepenthe and forget this lost Lenore!"
 Quoth the Raven "Nevermore."*

*"Prophet!" said I, "thing of evil!—prophet still, if bird or devil!—
 Whether Tempter sent, or whether tempest tossed thee here ashore,
 Desolate yet all undaunted, on this desert land enchanted—
 On this home by Horror haunted—tell me truly, I implore—
 Is there—is there balm in Gilead?—tell me—tell me, I implore!"
 Quoth the Raven "Nevermore."*

*"Prophet!" said I, "thing of evil!—prophet still, if bird or devil!
 By that Heaven that bends above us—by that God we both adore—
 Tell this soul with sorrow laden if, within the distant Aidenn,
 It shall clasp a sainted maiden whom the angels name Lenore—
 Clasp a rare and radiant maiden whom the angels name Lenore."
 Quoth the Raven "Nevermore."*

*"Be that word our sign of parting, bird or fiend!" I shrieked, upstarting—
 "Get thee back into the tempest and the Night's Plutonian shore!
 Leave no black plume as a token of that lie thy soul hath spoken!
 Leave my loneliness unbroken!—quit the bust above my door!
 Take thy beak from out my heart, and take thy form from off my door!"
 Quoth the Raven "Nevermore."*

*And the Raven, never flitting, still is sitting, still is sitting
 On the pallid bust of Pallas just above my chamber door;
 And his eyes have all the seeming of a demon's that is dreaming,
 And the lamp-light o'er him streaming throws his shadow on the floor;
 And my soul from out that shadow that lies floating on the floor
 Shall be lifted—nevermore!*

18 Traduções de “The Raven” em domínio público

**“O CORVO”
TRADUÇÕES BRASILEIRAS**

18.1 Tradução: Machado de Assis (1883)

O CORVO

(EDGAR POE)

*Em certo dia, à hora, à hora
 Da meia-noite que apavora,
 Eu, caindo de sono e exausto de fadiga,
 Ao pé de muita lauda antiga,
 De uma velha doutrina, agora morta,
 Ia pensando, quando ouvi à porta
 Do meu quarto um soar devagarinho,
 E disse estas palavras tais:
 "É alguém que me bate à porta de mansinho;
 Há de ser isso e nada mais."
 Ah! bem me lembro! bem me lembro!
 Era no glacial dezembro;
 Cada brasa do lar sobre o chão refletia
 A sua última agonia.
 Eu, ansioso pelo sol, buscava
 Sacar daqueles livros que estudava
 Repouso (em vão!) à dor esmagadora
 Destas saudades imortais
 Pela que ora nos céus anjos chamam Lenora.
 E que ninguém chamará mais.
 E o rumor triste, vago, brando
 Das cortinas ia acordando
 Dentro em meu coração um rumor não sabido,
 Nunca por ele padecido.
 Enfim, por aplacá-lo aqui no peito,
 Levantei-me de pronto, e: "Com efeito,
 (Disse) é visita amiga e retardada
 Que bate a estas horas tais.
 É visita que pede à minha porta entrada:
 Há de ser isso e nada mais."
 Minh'alma então sentiu-se forte;
 Não mais vacilo e desta sorte
 Falo: "Imploro de vós, — ou senhor ou senhora,
 Me desculpeis tanta demora.
 Mas como eu, precisando de descanso,
 Já cochilava, e tão de manso e manso
 Batestes, não fui logo, prestemente,
 Certificar-me que aí estais."*

Disse; a porta escancarou, acho a noite somente,
 Somente a noite, e nada mais.
 Com longo olhar escruto a sombra,
 Que me amedronta, que me assombra,
 E sonho o que nenhum mortal há já sonhado,
 Mas o silêncio amplo e calado,
 Calado fica; a quietação quieta;
 Só tu, palavra única e diletta,

Lenora, tu, como um suspiro escasso,
 Da minha triste boca saís;
 E o eco, que te ouviu, murmurou-te no espaço;
 Foi isso apenas, nada mais.
 Entro coa alma incendiada.
 Logo depois outra pancada
 Soa um pouco mais forte; eu, voltando-me a ela:
 "Seguramente, há na janela
 Alguma cousa que sussurra. Abramós,
 Eia, fora o temor, eia, vejamos
 A explicação do caso misterioso
 Dessas duas pancadas tais.
 Devolvamos a paz ao coração medroso,
 Obra do vento e nada mais."
 Abro a janela, e de repente,
 Vejo tumultuosamente
 Um nobre corvo entrar, digno de antigos dias.
 Não despendeu em cortesias
 Um minuto, um instante. Tinha o aspecto
 De um lord ou de uma lady. E pronto e reto,
 Movendo no ar as suas negras alas,
 Acima voa dos portais,
 Trepou, no alto da porta, em um busto de Palas;
 Trepado fica, e nada mais.
 Diante da ave feia e escura,
 Naquela rígida postura,
 Com o gesto severo, — o triste pensamento
 Sorriu-me ali por um momento,
 E eu disse: "O tu que das noturnas plagas
 Vens, embora a cabeça nua tragas,
 Sem topete, não és ave medrosa,
 Dize os teus nomes senhoriais;
 Como te chamas tu na grande noite umbrosa?"
 E o corvo disse: "Nunca mais".

*Vendo que o pássaro entendia
 A pergunta que lhe eu fazia,
 Fico atônito, embora a resposta que dera
 Dificilmente lha entendera.
 Na verdade, jamais homem há visto
 Cousa na terra semelhante a isto:
 Uma ave negra, friamente posta
 Num busto, acima dos portais,
 Ouvir uma pergunta e dizer em resposta
 Que este é seu nome: "Nunca mais".
 No entanto, o corvo solitário
 Não teve outro vocabulário,
 Como se essa palavra escassa que ali disse
 Toda a sua alma resumisse.
 Nenhuma outra proferiu, nenhuma,
 Não chegou a mexer uma só pluma,
 Até que eu murmurei: "Perdi outrora
 Tantos amigos tão leais!
 Perderei também este em regressando a aurora."
 E o corvo disse: "Nunca mais!"*

*Estremeço. A resposta ouvida
 É tão exata! é tão cabida!
 "Certamente, digo eu, essa é toda a ciência
 Que ele trouxe da convivência
 De algum mestre infeliz e acabrunhado
 Que o implacável destino há castigado
 Tão tenaz, tão sem pausa, nem fadiga,
 Que dos seus cantos usuais
 Só lhe ficou, na amarga e última cantiga,
 Esse estribilho: "Nunca mais".
 Segunda vez, nesse momento,
 Sorriu-me o triste pensamento;
 Vou sentar-me defronte ao corvo magro e rudo;
 E mergulhando no veludo
 Da poltrona que eu mesmo ali trouxera
 Achar procuro a lúgubre quimera,
 A alma, o sentido, o pávido segredo
 Das sílabas fatais,
 Entender o que quis dizer a ave do medo
 Grasnando a frase: "Nunca mais".
 Assim posto, devaneando,
 Meditando, conjeturando,*

Não lhe falava mais; mas, se lhe não falava,
 Sentia o olhar que me abrasava.
 Conjeturando fui, tranqüilo a gosto,
 Com a cabeça no macio encosto
 Onde os raios da lâmpada caíam,
 Onde as tranças angelicais
 De outra cabeça outrora ali se desparziam,
 E agora não se esparzem mais.
 Supus então que o ar, mais denso,
 Todo se enchia de um incenso,
 Obra de serafins que, pelo chão roçando
 Do quarto, estavam meneando
 Um ligeiro turíbulo invisível;
 E eu exclamei então: "Um Deus sensível
 Manda repouso à dor que te devora
 Destas saudades imortais.
 Eia, esquece, eia, olvida essa extinta Lenora."
 E o corvo disse: "Nunca mais".
 "Profeta, ou o que quer que sejas!
 Ave ou demônio que negrejas!
 Profeta sempre, escuta: Ou venhas tu do inferno
 Onde reside o mal eterno,
 Ou simplesmente náufrago escapado
 Venhas do temporal que te há lançado
 Nesta casa onde o Horror, o Horror profundo
 Tem os seus lares triunfais,
 Dize-me: existe acaso um bálsamo no mundo?"
 E o corvo disse: "Nunca mais".
 "Profeta, ou o que quer que sejas!
 Ave ou demônio que negrejas!
 Profeta sempre, escuta, atende, escuta, atende!
 Por esse céu que além se estende,
 Pelo Deus que ambos adoramos, fala,
 Dize a esta alma se é dado inda escutá-la
 No éden celeste a virgem que ela chora
 Nestes retiros sepulcrais,
 Essa que ora nos céus anjos chamam Lenora!"
 E o corvo disse: "Nunca mais".
 "Ave ou demônio que negrejas!
 Profeta, ou o que quer que sejas!
 Cessa, ai, cessa! clamei, levantando-me, cessa!
 Regressa ao temporal, regressa
 À tua noite, deixa-me comigo.

*Vai-te, não fique no meu casto abrigo
Pluma que lembre essa mentira tua.
Tira-me ao peito essas fatais
Garras que abrindo vão a minha dor já crua."
E o corvo disse: "Nunca mais".
E o corvo aí fica; ei-lo trepado
No branco mármore lavrado
Da antiga Palas; ei-lo imutável, ferrenho.
Parece, ao ver-lhe o duro cenho,
Um demônio sonhando. A luz caída
Do lampião sobre a ave aborrecida
No chão espraia a triste sombra; e, fora
Daquelas linhas funerais
Que flutuam no chão, a minha alma que chora
Não sai mais, nunca, nunca mais!*

O CORVO

18.2 Tradução: Américo Lobo (1882)

*Quando eu exausto e quase adormecido,
Da meia-noite na tristeza infinda,
Sobre in-fólio de traças carcomido,
Cabeceando, meditara ainda.
Súbito ouvi ruído semelhante
Ao de leve pancada nos umbrais;
"A minha porta bate um visitante".
Balbuciei, "é isto e nada mais".*

*Ah! bem me lembro! Era a invernia brava:
Cada faísca que no lar morria,
Sobre o chão uma sombra projetava.
Eu suspirava pela lua do dia:
Nem pelo estudo mitigada fora
A saudade das graças virginais
De quem se chama lá no céu Leonora,
E cá na terra não tem nome mais.*

*O leve e triste movimento incerto
Das cortinas da alcova me infundia
Fantásticos terrores que de certo
Eu rança dantes pressentido havia:
Meu coração pulsar ansioso vendo.
Eu fiquei repetindo: "Em meus umbrais
Alguém que se atrasou está batendo
E quer entrar: é isto e nada mais".*

*Estando já robustecida a mente,
Disse sem custo: "Oh dama, ou cavalheiro.
Mil desculpas vos peço reverente
Por não ter acudido mais ligeiro:
Eu cochilava, e vós com tal enleio
Batestes tão de manso nos umbrais
Que não cuidei ouvir-vos". Patenteio
A porta: vejo a sombra e nada mais!*

*Fito o negrume e pasmo ali me quedo,
Temendo, duvidando e até sonhando*

*O que dantes ninguém sonhara a medo;
Era o silêncio intacto, não traçando
Riscas a escuridão: ali se ouvia
Um nome, um nome, que se diz jamais.
"Leonora!" suspirei e respondia
"Leonora!" o eco ao longe e nada mais.*

*Voltei para o meu quarto, onde sentindo
Minh'alma triste se abrasar inteira,
Outra pancada fui de novo ouvindo,
Algum tanto mais forte que a primeira;
Disse: "Talvez alguma cousa exista
À janela, por fora dos vitrais;
Deixa, meu coração, que eu deite a vista
Nesse mistério; é o vento o nada mais!"*

*Abro a janela; dum só jato entrando,
Batendo as asas com um grã ruído,
Diviso um nobre corvo venerando.
Aos de imêmore eras parecido:
Nem me saudou sequer, ante mim posto.
Porém com ar e tons senhoriais.
No alto busto de Palas sobreposto
À porta, empoleirou-se, e nada mais.*

*Aquele aspecto e austera compostura,
Um riso me bailou no pensamento;
Disse mais distraído à ave escura:
"Sem crista, embora, feio a macilento,
Não és covarde, oh corvo vagabundo.
Que fugiste das sombras infernais:
Dize, como te chamas noutro mundo?"
"Nunca" responde o corvo: "Nunca mais".*

*Maravilhou-me assaz ter entendido
Minha linguagem o pássaro imperfeito.
Ainda que me houvesse respondido
De modo obscuro e sem nem um conceito:
Parece incrível que sob seu telhado
Veja o vivente em cima dos umbrais,
Sobre marmóreo busto empoleirado.
Pássaro que se chame "Nunca mais!"*

*Porém o corvo solitário, fôto
 Sobre o busto de Palas mais não disse
 — Penas imóveis — com se num dito
 Su'alma em fuga para além saísse.
 "De amigos," murmurei, "guardo lembranças
 Mortos tão cedo! Aos raios matinais
 Este me deixa como as esperanças
 D'outrora!" Disse o corvo "Nunca mais".*

*Estremeci ouvindo a frase d'ouro
 Ressoar no silêncio, após falando:
 Talvez o que ele diz seja um tesouro
 Colhido d'algum mestre miserando.
 A quem sem tréguas perseguisse a sorte,
 Até que de seus hinos festivos
 Só ficasse por cântico de morte
 Da esperança, este moto: "Nunca mais".*

*Novo sorriso me bailou à mente;
 E rodando a poltrona acolchoada.
 Sobre o veludo me sentei, em frente
 D'ave, do busto e do portal d'entrada.
 Comigo só pensando e refletindo
 No mistério, com que a desoras tais
 O tredo corvo, do passado vindo,
 Grasnava tão somente: "Nunca mais!"*

*No enigma eu atentava, e no entretanto
 Nada dizia ao pássaro agoureiro,
 Cujos olhos de fogo ardiam tanto
 Dentro em meu coração: por derradeiro,
 A cabeça descanso aonde chora
 A lâmpada seus brilhos siderais,
 Neste roxo veludo onde Lenora
 Não há de reclinar-se nunca mais!*

*Cuidei que se tornava o ar mais denso,
 E que uns anjos, roçando meu tapete,
 Turificavam misterioso incenso.
 "Desgraçado!" exclamei, "como um brinquete
 Teu Deus te há enviado ao sofrimento;
 Sente saudades menos lagrimais
 Dessa Lenora! Bebe o esquecimento!*

"Nunca" responde o corvo: "Nunca mais!"

*"Mudo profeta! réprobo!" lh'eu disse:
 "Ave ou demônio! quer tentado foras.
 Quer uma tempestade te cuspiisse
 Sozinho, mas intrépido, a desoras.
 Sobre a terra maldita, lar do pranto.
 Dize, dize-me em frases naturais:
 Neste mundo haverá balsamo santo?"
 "Nunca" responde o corvo, "Nunca mais".*

*"Mudo profeta! réprobo". Lh'eu disse:
 "Ave ou demônio! pelo céu que olhamos,
 Curvado sobre a terra com meiguice,
 E por esse Deus que ambos nós amamos,
 Dize-me se minh'alma pesarosa
 Se há de unir lá nos tálamos astrais
 À rara e pura virgem radiosa
 Que se chama Lenora?" — "Nunca mais".*

*"Seja o teu dito o signo da partida,
 Ave ou demônio?" soerguido brado:
 "Volta para o tormento da outra vida!
 Sequer me deixes negra pluma ao lado
 Por testemunho de teu dito horrendo!
 Deixa-me, e sai do busto e dos umbrais!
 Tira-me as garras com que estás comendo
 Meu coração desfeito!" — "Nunca mais!"*

*Calado, o corvo solitariamente
 Sobre o busto de Palas permanece:
 Dum demônio que sonha, o olhar se sente,
 E a luz da lâmpada que resplandece
 Ante ele, sobre o pavimento lança
 Sombras, de cujas ondas sepulcrais
 Minh'alma em sua mor desesperança
 Não há de levantar-se nunca mais!*

Adaptação ortográfica: Iba Mendes

*in Jornal do Comércio, Belo Horizonte, MG, 7 de agosto de 1892.
 Apud Iba Mendes*

O CORVO

18.3 Tradução: Venceslau De Queiroz (1885)

Uma vez, pelas desoras lúgubres da noite, enquanto, fraco e fatigado, eu meditava sobre velhos e curiosos volumes de uma doutrina antiga, enquanto, quase adormecido, toscanejava, subitamente ouvi uma pancada, como se batessem de leve à porta do meu quarto. Alguém, talvez, que me procura, pensei, e que bate-me à porta, talvez seja isso, e nada mais.

Ah! lembro-me distintamente: corria o mês de Dezembro, frio e glacial, e cada acha de lenha, acesa no fogão, desenhava no soalho um reflexo de agonia. Eu esperava a manhã, ansiosamente; há muitas horas já, em vão, pedi aos livros um instantâneo repouso à minha tristeza, essa tristeza nervosamente horrível que me acabrunha desde que perdi Lenora, honesta e graciosa virgem que os anjos no céu hoje chamam Lenora, e que no mundo ninguém mais poderá chamar, ai! nunca mais!

E o brando, triste e vago ondular do reposteiro de púrpura impressionava-me, enchia-me de terrores fantásticos, para mim desconhecidos até essa noite; afinal, para abrandar a pulsação precípite do meu peito, levantei-me, repetindo: Alguém talvez, que me procura, talvez algum retardado visitante que bate-me à porta; sim, talvez seja isso, e nada mais.

Minha alma nesse instante sentia-se mais forte. Não hesitei, pois, por mais tempo e falei, supondo que fosse alguém que batesse: — Peço-vos desculpas, eu ia adormecendo, quando vos ouvi bater-me à porta, tão docemente, tão brandamente, que fiquei ainda incerto de vos ter ouvido. — E abri a porta, de par em par; só vi trevas, e nada mais.

A perscrutar profundamente essas trevas, ali fiquei por muito tempo, estarecido de espanto, de medo e de dúvida, sonhando coisas que no mundo ninguém ainda ousara sonhar; mas o silêncio não foi perturbado, e tudo se conservou imóvel. A única palavra que ouvi sibilaram-ma aos ouvidos: Lenora! Tinha sido eu mesmo quem a balbuciara, e um eco por sua vez também repetira: Lenora. Fora isso, e nada mais.

Ao entrar de novo no quarto com a alma sobressaltada, ouvi logo uma pancada um pouco mais forte que a primeira. Com certeza, pensei comigo, com certeza, há alguma coisa entre as folhas da janela. Antes, porém, acalmemos o coração; talvez seja o vento, e nada mais.

Abri então a janela, e, com um tumultuoso batimento de asas, entrou um majestoso corvo, digno dos primeiros dias da criação. Não me fez a menor reverência, não parou, não hesitou um minuto; mas, com a sem-cerimônia de um lord ou de uma lady, empoleirou-se num busto de Palas que encimava a porta do quarto; empoleirou-se, instalou-se, e nada mais.

Esta ave de ébano, pela gravidade de seu porte e severidade de sua fisionomia, induzia-me a rir, e gracejei; — Lúgubre e velho corvo, viajor afastado das praias da Noite, ainda que a tua cabeça esteja sem crista e sem cimeira, não és certamente nenhum poltrão. Dize-me o teu nome senhorial nas caliginosas praias das regiões infernais. — O corvo respondeu: Nunca, mais!

Fiquei maravilhado. Este hediondo volátil facilmente entendera a minha pergunta, se bem que a sua resposta não tivesse um sentido perfeito e me não desse grande explicação; mas devemos convir que a homem algum jamais foi dado ver uma ave ou animal qualquer, pousado num busto esculpido em cima da porta de seu quarto, chamar-se — Nunca mais.

E o corvo empoleirado, salientemente negro e solitário, no busto branco e imóvel, proferiu essas únicas palavras, como se nelas espalhasse sua alma toda. Nada mais pronunciou, nem agitou uma pena sequer, até que eu murmurasse comigo mesmo: Há muito tempo que me abandonaram outros amigos; ele deixar-me-á também ao alvorecer do dia, como as minhas esperanças de outrora... A ave repetiu ainda: Nunca mais!

Estremeci ao ouvir esta resposta, dada com tanta justeza, e exclamei: Sem dúvida, o que esta ave pronuncia é toda a bagagem de seu saber, que recebera em casa de qualquer desamparado da fortuna, que a implacável Desgraça, persistentemente, sem tréguas, perseguira, até que as suas canções não tivessem mais que um só estribilho, até que o De profundis da sua esperança tomasse este melancólico estribilho: Nunca mais.

Mas, sempre interessado e curioso, rolei imediatamente a minha poltrona para perto da ave, do busto e da porta; e; enterrando a cabeça no espaldar aveludado, esforcei-me por encadear as ideias, indagando a razão porque esta hedionda, triste, magra e sinistra ave, digna dos primeiros dias da criação, fazia-me ouvir, crocitando, estas palavras: Nunca mais.

Assim me conservei, sonhando, conjecturando, mas não dizia uma sílaba sequer a essa ave, cujo olhar, ardendo como um clarão do inferno, queimava-me profundamente os refolhos do coração. Procurei por muito tempo atinar com a razão disto e de mais algum mistério, repousando a cabeça, negligentemente, no veludo do espaldar, que a luz da lâmpada acariciava, este veludo roxo sobre o qual, ao morno clarão dessa mesma lâmpada, tantas vezes ela repousara a cabeça de anjo, e agora... nunca mais!

Pareceu-me então que se toldava o ar, embalsamado por um turíbulo invisível que os serafins agitavam e cujas asas apenas esfrolavam o tapete do quarto. Desgraçado! bradei contra mim mesmo, o Deus de tua crença, por intermédio de seus anjos, envia-te repouso e esquecimento às saudades e angústias que te ralam o seio... Embriaga-te, pois, neste ar saturado dos perfumes do céu, e esquece para o todo sempre a tua morta Lenora. O corvo grasnou: Nunca mais!

Profeta! — exclamei, núncio de desgraças! ave ou demônio, mas sempre profeta! ainda que sejas um mensageiro do Arcaño tenebroso, ou que a tempestade te açoitasse e te fizesse naufragar, corajoso sempre, sobre esta terra deserta, povoada de fantasmas, sobre esta habitação continuamente abalroada pelo Horror, — diz-me, sinceramente, eu to suplico; existe, existe ainda, no mundo, algum bálsamo da Judeia para as minhas dores? Responde-me; eu to suplico. O corvo respondeu: Nunca mais!

Profeta! — bradei ainda, — núncio da desgraça! ave ou demônio, mas sempre profeta! por este céu arqueado sobre nossas cabeças, por este Deus que ambos nós adoramos, responde à minha alma, sobrecarregada de dor, se, no paraíso longínquo, ela poderá algum dia abraçar uma virgem santa que os anjos no céu chamam Lenora, uma bela e honesta virgem que me abandonou no mundo para cantar no céu entre as coreias místicas dos anjos.... O corvo respondeu: Nunca mais!

Ave ou demônio, esta resposta é o sinal da nossa eterna separação. — Engolfa-te, pois, na tempestade, volta às caliginosas praias das regiões infernais; não deixes cair aqui uma pena sequer como lembrança da mentira que proferiste; abandona esta inviolada solidão, deixa este busto, arranca o teu bico e as tuas garras de meu coração e precipitas-te para longe desta morada. O corvo respondeu: Nunca mais!

E o corvo, imóvel, instalou-se, para todo o sempre, sobre o lívido busto de Palas, que encimava a porta do meu quarto; e os seus olhos, cortados de quando em quando por um sinistro clarão do inferno, semelham-se aos olhos de um demônio que sonha; a luz da lâmpada, esbatendo sobre ele, projeta-lhe a sombra no soalho e, para fora do círculo desta sombra, que jaz flutuante sobre o soalho, nunca mais poderá erguer-se minha alma, nunca mais!

Adaptação ortográfica: Iba Mendes
*in O Mequetrefe, número de 20 de Abril de 1885. Apud Iba Mendes no site
O Poeteiro.*

CORVO

Ao Conde Afonso Celso

18.4 Tradução: Fontoura Xavier (1887)

Uma vez, ao bater da meia noite, quando eu meditava sobre o volume de uma doutrina ignorada, e quando mais sonolenta sentia a cabeça fatigada curvar-se sobre as suas páginas, ouvi o ruído como de alguém que batia, batia à porta de meu quarto. "É talvez uma visita, murmurei: é talvez um visitante, tardio que bate à porta do meu quarto, é isso e nada mais".

Ah! Lembro-me distintamente: era pelas neves de Dezembro, e cada brasa de fogão exalava o seu último raio de agonia. Eu anelava ardentemente que amanhecesse. Em vão tinha-me esforçado para arrancar dos livros um alívio para a minha saudade, a saudade da minha morta Leonor; saudade daquela que os anjos chamam Leonor e que na terra ninguém mais há de chamar, nunca mais!...

E a vaga e leve ondulação das cortinas penetrava todo o meu ser, enchendo-o de um terror fantástico que eu então desconhecia. Se bem que para acalmar o meu coração eu repetisse comigo mesmo: "É talvez uma visita que deseja entrar a porta do meu quarto; é talvez um visitante tardio que deseja entrar a porta do meu quarto, é isso e nada mais".

E assim, sentindo-se animado, não hesitei por mais tempo: "Senhor ou Senhora, disse quem quer que sejas, peço-vos que me perdoeis; mas o fato é que estava quase adormecido; e depois batestes tão docemente, tão docemente, viestes bater à porta do meu quarto, que eu apenas pude convencer-me que tinha ouvido..." E, abrindo-a subitamente, vi trevas e nada mais!

Perscrutando ansiosamente essas trevas, sentir-me tomado de assombros e de apreensões, imaginando sonhos que nenhum mortal jamais ousou sonhar; mas o silêncio era imóvel, e a sua imobilidade foi ainda acentuada por uma palavra, "Leonor"! Era eu que a murmurava, e o eco a seu turno repetiu essa palavra "LEONOR". Só isso e nada mais.

Voltando ao meu quarto, e sentindo dentro em mim como um incêndio na alma, ouvi de novo o ruído, um pouco mais forte que o primeiro. "Naturalmente, pensei, já alguma coisa atrás da minha janela; vejamos o que seja, desvendemos o mistério; deixemos o coração acalmar-se um instante e desvendemos este mistério: é o vento e nada mais".

Mas, abrindo-a subitamente, vejo entrar um soberbo corvo digno de eras primitivas. Sem fazer a menor reverência, sem que sequer lhe parecesse estranho o lugar onde entrava, ele não hesitou um instante, mas, com ar senhorial de um nobre, pousou tranquilamente sobre a porta do meu quarto... pousou sobre o busto de Palas que fica sobre a porta do meu quarto, pousou, recolheu as asas e nada mais.

Então, esta ave negra, não sei se pela severidade de seu aspecto ou se pelo grotesco do seu todo, induziu-me a triste imaginação a sorrir: "Se bem que sejas calvo, disse, e conservas a cabeça despida de penachos bélicos, tu não és decerto um vilão, ó lúgubre e velho corvo, viajante aportado da profunda noite de Averno!... Dize-me qual é o teu nome senhorial na profunda noite ptotoniana?... E o corvo respondeu: "Nunca mais".

Assombrou-me que esse desgraçado plumitivo tivesse tão facilmente entendido a minha pergunta; com quanto a sua resposta não fosse inteiramente satisfatória, pois devemos convir que jamais foi dado a um ser humano ver uma ave ou um animal pousado sobre a porta do seu quarto, uma ave ou animal pousado sobre o busto esculpido à porta do seu quarto, e dizendo chamar-se "Nunca mais".

Mas o corvo, pousado tranquilamente sobre o busto plácido, não proferiu senão essas palavras, como se nessas palavras ele expandisse toda a sua alma; não pronunciou nada mais e nem de leve moveu uma pena até que em murmurasse comigo mesmo: "Em chegando a manhã ele também me deixará como me deixaram as minhas velhas esperanças; outros amigos foram-se assim como ele..." E o corvo respondeu: "Nunca mais".

Sobressaltado com a sua resposta tão a propósito supus que era essa sem dúvida toda a sua bagagem literária que ele

aprendera, quem sabe! de algum infortunado, a quem a desgraça perseguira tão incessantemente e sem tréguas, que as suas canções não eram mais que este único estribilho... que o "de profundis" da sua esperança não mais que este melancólico estribilho: "Jamais, nunca mais".

Mas o corvo, induzindo o meu triste espírito a sorrir, fez-me chegar a poltrona para mais junto do busto, onde reclinado sobre o espaldar de veludo eu me esforçava por concatenar as minhas ideias, procurando o que queria dizer essa agourenta ave das antigas eras... procurando o que queria dizer essa agourenta, triste e sinistra ave das antigas eras, grasnando o seu — "Nunca mais".

E conservei-me assim por algum tempo pensando, mas já sem me dirigir mais à ave, cujos olhos ardentes parecia agora que me queimavam a alma; pois era embalde que eu me esforçava por compreendê-la, com a cabeça repousada sobre o veludo da poltrona que a luz da lâmpada acariciava... esse veludo violeta que a luz da lâmpada acariciava, e onde a cabeça dela não mais se há de reclinar, nunca mais!

E então afigurou-se-me que o ar se condensava, perfumado por um turíbulo invisível, agitado por anjos, cujos passos eu imaginava sentir sobre o tapete: "Desgraçado! murmurei; o teu Deus levou-ta para sempre, deixando a sua lembrança como tormento da tua saudade... detém-te, detém-te nessa senda e esquece de uma vez a tua morta Leonor... E o corvo respondeu: "Nunca mais".

"Profeta! exclamei; prenúncio de desgraça, ave ou demônio, mas sempre profeta! sejas embora um enviado do inferno, ou que só o acaso da tempestade tenha-te arrojado como um naufrago perdido mas ainda intrépido sobre este retiro onde o horror habita! diz-me, eu te suplico, poderei encontrar porventura um alívio à minha dor? dize-me, eu te suplico!" E o corvo respondeu: "Nunca mais".

"Profeta! Prenúncio de desgraça, ave ou demônio, mas sempre profeta! por este céu estendido sobre as nossas cabeças, por esse Deus que nós ambos adoramos, dize se a minha alma carregada de dores pode ainda abraçar num paraíso longínquo essa filha que os anjos chamam Leonor?..."

E o corvo respondeu: "Nunca mais".

"Ave ou demônio! que essas palavras sejam o adeus eterno da nossa separação. Vai-te tempestade, torna de novo à mais profunda noite do Averno! não deixeis uma única pena negra como lembrança da mentira que acabas de proferir; vai-te da minha solidão inviolável, deixa esse busto de cima, da minha porta... Arranca o teu bico que me dilacera a alma, e vai-te, espectro lutolento, para bem longe da minha porta!... E o corvo respondeu: "Nunca mais".

E o corvo imóvel, está sempre pousado, sempre pousado sobre o busto plácido de Palas, esculpido sobre a porta do meu quarto; os seus olhos são como os olhos de um demônio que sonha; a luz da lâmpada entornando-se sobre ele, projeta a sua sombra negra sobre o pavimento; e fora dessa sombra negra que gira flutuante sobre o pavimento, a minha alma jamais se poderá elevar, nunca mais!

Adaptação ortográfica: Iba Mendes

in Opalas, 1887. Apud Iba Mendes no site O Poeteiro.

O CORVO

18.5 Tradução: Escragnolle Dória (1903)

*Certa vez, ao bater de meia-noite,
Que das desoras o silêncio quebra.
Cabeceando, eu sofria o duplo açoite
Do sono e do cansaço em mole alquebra.
Em manuseio tinha alfarrábios anais
Onde velho saber lia lições
Quando à porta senti branda pancada
Mas sem o percutir dos empuxões.
Disse comigo: — Coisa de nonada...
Talvez alguém que bate ou passa, nada mais.*

*Ah! de tal hoje faça ainda memória!
Era em dias do gélido dezembro;
Cada tição do lar em ilusória
Chama se ia apagando, bem me lembro.
Ah! chegada do sol em raios triunfais
A alma deseja e quer; mas lenitivo
Nenhum dos livros meus, de tantos, dera
A morte de Lenora, Dela o vivo
Nome, dizemo-no os anjos n'alta esfera:
Na terra já ninguém o dirá: nunca mais!*

*As cortinas de seda num balouço
Sutil, num remexer sem menor vento,
Punham-me o coração em alvoroço.
Estranho e não sabido movimento.
Para acalmar do peito os tremores mortais,
Segredava-me a mim mesmo: — É, decerto,
Qualquer pessoa que demanda a porta;
Uma visita, e ela me está bem perto.
Para junto daqui já se transporta.
É uma simples visita apenas, ninguém mais.*

*Revesti a minh'alma de firmeza;
Banindo o vacilar, falei destarte:
— Senhora ou meu senhor, peço a fineza
Do seu perdão pela tardança. A parte
Da verdade no caso ei-la em razões leais:*

*Eu dormitava quando, a sua leve
Mão pelo umbral passou: mas de ligeiro
Não quis pôr-me d'espreito um golpe breve —
Abro a porta, de par em par: fronteiro
As trevas fico, fico às trevas, nada mais.*

*Esquadrinhando a sombra, largo tempo,
Três cousas sinto: enleio, assombro e medo.
Em sonhos sobre-humanos eu me atempo
A perscrutar das trevas o segredo.
De romper-se a mudez não houve ali sinais;
Uma única palavra de meu lábio.
Saiu, entrando no ar feita em mil vezes —
Lenora — murmurei; tal nome sabe-o
Meu ser Inteiro; tomam-no as velozes
Asas do eco, que diz: Lenora! — nada mais.*

*Volto ao quarto, no ser fogo fremente,
Quando ressoa uma pancada, certa.
Crescida em timbre, nítida, potente,
Que os sentidos acorda e põe de alerta,
— Alguma coisa abala os janelas; de tais
Mistérios exploremos os arcanos.
Sossega o ânimo em sustos repartido.—
Digo a mim mesmo — firma os soberanos
Ditames da razão, toma sentido,
Escuta — Zune o vento, o vento, nada mais.*

*As escâncaras deixo eu a janela,
Por onde vi entrar, com todo o assanho,
Um majestoso corvo, uma ave aquela
Digna das grandes épocas de antanho.
Não revelou detença, hesitação. Sinais
Dum lord ou duma lady tinha o corvo
Que abre as asas e, a porta se acimando,
Empoleira-se branco, feio e torvo
Sobre um busto de Palas se aninhando.
E trepado se queda, imóvel, nada mais.*

*Mas o pássaro negro deu-me riso,
Tão rígida era nele a compostura,
Grave, saturna, séria. De improviso.
Pus-me a rir da bizarra criatura*

*Que transpusera assim meus defesos umbrais;
 Depois falei: — Tu tens a crista nua.
 Chegas de longe, das noturnas praias;
 Não és um corvo pávido, mas tua
 Fama, teu nome, dize, p'ra que saias
 Do mistério. — E o senhor corvo diz: "Nunca mais!"*

*Pasmo, ouvindo tamanha maravilha
 Nas expressões estranhas do volátil,
 Embora essa resposta fosse filha
 Irracional da confusão versátil.
 Pois jamais um vivente há visto os penetrais
 Do lar transposto por um corvo triste,
 Uma ave toda negra, em mudo pouso
 Sobre um busto de bronze, de onde assiste
 A estas três coisas: paz, luto e repouso.
 Sabeis duma ave assim, de alcunha "Nunca mais"?*

*O corvo, de poleiro no alto busto.
 Nada mais disse, como se esgotado
 A alma tivesse, proferindo, a custo
 O Nunca mais fatídico e malvado.
 Calei-me, a ave calou-se; em pausas sepulcrais,
 Eu disse então: — Quantos amigos fora
 Do meu convívio conto! Este, que é novo,
 Fugitivo também se há de ir embora,
 Qual tantas esperanças sem renovo —
 Pôs-se o corvo a dizer outra vez: "Nunca mais!"*

*Um vago estremecer corre os meus nervos,
 Não de molde parece esta resposta,
 A palavra do corvo nos acervos
 Da memória talvez lhe fosse posta
 Pelo firme tratar e pelos habituais
 Conselhos d'algum mestre desditoso,
 Zurzido pelo horror do desespero.
 E tanto assim sucede que o saudoso
 Corvo um só estribilho com exagero
 Sabe, fala e repete e sempre: "Nunca mais".*

*Segundo riso já me enflora a ideia
 E sento-me, a pensar, numa poltrona,
 Tendo ante mim por única assembleia*

*A porta, o corvo e o busto de Belona.
Encadeando o fio às cismas naturais,
Busco achar uma chave para o enigma,
Resolver o sentido impenetrável
Que na memória punham por estigma
As palavras do pássaro implacável,
Sem cessar crocitando o eterno "Nunca mais".*

*Conjecturas eu formo em desafogo,
A boca se conserva taciturna:
Mas do pássaro os olhos, todos fogo.
Me requeimam naquela paz soturna.
Na rede do cismar prendo sonhos mortais
Com a cabeça pendida bem a gosto
Sobre veludos dum coxim, que ao peso
De Lenora, não mais será exposto.
Como dantes, quando ela tinha o vezo
De aí ficar. Lenora, aí ficar! Nunca mais!*

*Afigura-se o ar muito mais denso
E perfumoso, graças a invisível
Turíbulo a soltar aroma e incenso
Nas mãos de serafins, cujo frangível
Pé muito mal sofria os deslizos terrais.
— Miserável, disse eu, Deus bem me ouve,
Por seus anjos me dando a deslembrança,
O repouso melhor que jamais houve.
Bebe, oh! bebe o nepentes sem tardança.
Esquece de Lenora. — E ele diz: "Nunca mais!"*

*—Tu, augure de males, tu, profeta.
Ser infernal ou pássaro ou demônio
Já que me vens do Averno em linha reta.
Desfalcando a Satã seu patrimônio.
Já que chegaste aqui na asa dos temporais.
Procurando o refugio em domicílio
Onde mora o pavor; eu te depreco.
Dize: pôde contar-se com o auxílio
Dum bálsamo da vida? — Diz num eco
O corvo a mesma coisa, o mesmo "Nunca mais".*

*Oh! sinistro profeta de mil males,
Oh! pássaro, oh! demônio, oh! ave feia,*

*Se me queres mostrar tu quanto vales.
 Pelo empíreo que sobre nós se arqueia
 Pelo Eterno que adoro, e tu comigo, quais
 Serão as minhas esperanças, fala.
 Afirma-me se posso por agora
 Ter nos braços a virgem que na escala
 Celeste os anjos chamam de Lenora? —
 O corvo respondeu: "Não podes, nunca mais!"*

*—Esta palavra só nos causa dano
 Ave calamitosa, ser perverso.
 Volta pr'a noite. Nenhum ser humano
 Te irá buscar. Abre o voo, o universo
 É teu, é teu, regressa aos domínios fatais
 Onde saíste volta à tempestade,
 Não tenhas uma só pena partida
 Por arrha do mentir, que, de maldade,
 Me propina tua alma fementida. —
 O corvo retorquiui apenas: "Nunca mais".*

*O corvo, sem mexer as asas,
 Sobre o busto de Palas, qual vigia
 A porta do meu quarto; não se arreda
 O seu olhar; porém, vendo-o, dir-se-ia
 O olhar dum diabo imerso em cismas infernais
 A luz do candelabro dá-lhe em cheio,
 Sobre o chão os contornos lhe desenha
 Minha'alma desta sombra bem no meio
 Debalde por fugir ali se empenha
 A alma jamais se livra, oh! nunca, nunca mais!*

Adaptação ortográfica: Iba Mendes
 in *Ateneida*, números 8, 9 e 10, 1903.
 Apud Iba Mendes no site *O Poeteiro*.

O CORVO

18.6 Tradução: Manoel de Soiza e Azevedo (1913)

(Primeira versão)

*Numa noite de insônia, enfraquecido
e cansado, eu buscava aprofundar
de um velho e estranho livro o vão sentido,
quase a fronte de sono a se inclinar.
Eis que súbito escuto um som de leve,
como se alguém batesse, breve, breve,
bem de vagar à porta de meu quarto.
“É alguém que bate à porta de meu quarto.
Talvez um visitante, nada mais.
Sim, nada mais”.*

*Era uma noite fria da Dezembro;
da lareira, entre as cinzas, o clarão
mortiço e tênue (vívido me lembro)
refletia-se a espaços pelo chão.
Com que ardor ansiava pelo dia!
Embalde um lenitivo na leitura
buscava achar. Em vão, vem vão pedia
conforto à dor de haver perdido a pura
e radiosa mulher, minha Leonora,
que os anjos ainda chamam de Lenora,
que na terra esse nome, entre os mortais,
Não terá mais.*

*Se o reposteiro às vezes balouçava
num roçar de púrpura macia,
que fantástico horror me dominava,
e que vaga tristeza me invadia!
Falei, para abafar do coração
a precípite e doida pulsação:
“É alguém pedindo entrada à minha porta;
alguém se atrasou batendo à porta.
Eis o que e com certeza. Nada mais;
Sim, nada mais”.*

*Isto minh'alma um pouco reconforta
e disse logo sem mais hesitar:*

*“Quem quer que é que bata à minha porta,
senhor... senhora... queira desculpar,
pois eu estava quase adormecido
e pareceu-me até não ter ouvido
bater, roçar de leve encontro à porta”
Assim dizendo, fui abrir a porta:
Trevas havia, trevas, nada mais;
Só, nada mais.*

*No recesso das trevas mergulhando
o olhar, cheio de assombro, apavorado,
entre a dúvida e o horror, hirto, sonhando
fiquei sonho de alguém jamais sonhado
Muda e imóvel a noite, escura e morta;
e nenhum som a imensa treva corta.
Murmuro a medo o nome de Lenora,
num sussurro responde o eco — Lenora.
Apenas, nada mais.
Só, nada mais.*

*Voltando ao quarto, a alma perturbada,
ouço bater mais forte outra pancada.
“Alguma cousa, murmurei, que oscila
pelo lado de fora da janela,
a veneziana solta da tramela...
Para aquietar de todo a alma intranquila,
eu preciso sondar este mistério.
Calma! Vamos sondar este mistério.
Do vento é o sopro apenas, nada mais;
sim, nada mais”.*

*Abro a janela. Negrejante vulto
num surto entra no quarto de repente;
de asas batendo o ar ouço um tumulto;
era um corvo decrépito, imponente.
Como um senhor ou dama sobranceira
sobre um busto de Palas se empoleira,
bem em cima da porta de meu quarto;
pousa num busto à porta de meu quarto;
Toma lugar, se acalma. Nada mais,
só, nada mais.*

A rir, o negro pássaro de agouro

*a imaginação sombria me incitava;
rio do ar severo de decoro;
rio do grave aprumo que tomava.
E disse: — “Embora a poupa depenada
tenhas, não és de certo algum poltrão.
Ave rude e espectral, como és chamada,
qual teu nome no reino de Plutão?
Peregrino que vens da eterna noite,
Teu nome na região da eterna noite?”
Grasna o corvo fantástico: — Jamais!*

*Eu pasmei que a ave estúpida tivesse
tão bem minha palavra compreendido,
posto a sua resposta não dissesse
coisa alguma de acerto e com sentido.
Mas deve-se convir que a ninguém dado
fora um pássaro ver empoleirado
num busto, de seu quarto sobre a porta.
Nem consta que existisse, entre animais,
esse nome — Jamais.*

*Mudo e firme, quedou-se sobre o busto,
nada mais disse o corvo solitário,
nem se moveu, como se houvesse a custo
dito tudo do seu vocabulário.
Até que eu murmurei: — “Como passavam
outros amigos que me abandonaram,
como esperanças que se vão voando,
assim este amanhã irá voando”.
Responde o corvo lúgubre: — Jamais!
Jamais, jamais!*

*Esta pronta resposta admirou-me,
vendo tão a propósito e discreta
“Talvez, eu refleti, com este nome
todo o seu repertório se completa.
Aprendeu-o de um dono desgraçado,
a quem sem tréguas perseguiu o fado
cujo canto só tinha este estribilho,
salmeando da esperança os funerais:
Jamais, jamais!”*

Como o corvo em minh'alma despertasse

*um pensamento misterioso e torvo,
rolei uma poltrona bem em face
ao busto, em frente à porta, em frente ao corvo.
E recostei-me, pensativo e mudo,
na macia almofada de veludo.
Visões, sonhos revivi na fantasia,
pensando o que é que o corvo quereria,
rude e espectral fantasma do passado,
o que o corvo agourento do passado
quereria dizer com seu — Jamais!
Jamais, jamais!*

*Em vagas conjeturas me perdendo,
sentado e mudo, o negro corvo olhava;
e o olhar do corvo, em fogo aceso, ardendo,
o coração no peito me queimava.
Nisto eu pensava, a gosto descansando,
nos coxins de veludo repousando,
no veludo violeta em que batia,
em que o clarão da lâmpada batia,
em que Ela não repousará jamais,
ai! nunca mais.*

*Pareceu-me sentir o ar mais denso
e dos anjos ouvir roçar o passo,
como se vissem derramando incenso
de invisível turíbulo no espaço.
“O esquecimento, eu disse, ó desgraçado,
Deus enfim pelos anjos te há mandado.
Acalma esta saudade de Lenora.
Esquece, esquece a perda de Lenora!
O corvo crocitando diz: — Jamais!
Jamais, jamais!*

*“Profeta, ente de agouro, ave ou demônio,
se pelo Tentador foste mandado,
ou se trouxe-te a asa do aquitônio
a este país deserto e enfeitado,
a esta casa onde o horror mora e se esconde,
sem rebuço me diz, anda, responde:
Haverá, haverá o esquecimento,
o bálsamo haverá do esquecimento?”
Responde o corvo tétrico: — Jamais!*

Jamais, jamais!

*“Profeta, mensageiro da desgraça,
ave ou demônio da superstição,
diz, pelo céu, pela divina graça,
diz à minh'alma prenhe de aflição,
responde, diz: — No paraíso, ainda,
poderei estreitar a santa e linda,
radiosa mulher que foi Leonora,
que os anjos ainda chamam de Leonora?”
O corvo rouquejando diz: — Jamais!
Jamais, jamais!*

*Vai-te, gritei, ave ou demônio! Uivando,
leve-te o vento à noite de Plutão;
e que tuas mentiras atestando
não fique uma só pena pelo chão.
Vai-te, demônio; vai-te num momento.
Deixa inviolado o meu isolamento,
Tira o bico que o peito me trespassa,
que o coração no peito me espicaça.
Deixa esse busto sobre a minha porta;
foge, fantasma; foge dessa porta.”
Diz o corvo terrífico: — Jamais!
Jamais, jamais!*

*O corvo não se move, não se importa,
fica no busto pálido fixado;
imóvel fica sobre a minha porta,
com o olhar de um demônio condenado.
No chão, a luz da lâmpada que ondeia
do negro corvo a sombra delineia.
E minh'alma, da sombra que flutua,
eu sinto que, da sombra que flutua,
Não fugirá, não fugirá jamais.
Jamais, jamais!*

*in Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul. Ano 26, página
230, 1914.*

O CORVO

(Tradução palavra por palavra)

Uma vez, à hora triste da meia noite, eu meditava, enfraquecido e cansado, sobre alguns estranhos e curiosos volumes de uma doutrina esquecida. Enquanto cochilava, quase dormitando, súbito ouvi uma pancada, como de alguém batendo, batendo de leve à porta de meu quarto. "É algum visitante, murmurei, que bate à porta de meu quarto; é isto apenas e nada mais."

Lembro-me perfeitamente: era no frio Dezembro e cada tição moribundo espalhava um reflexo pelo chão. Eu esperava ansioso pela manhã. Em vão tinha buscado encontrar em meus livros alívio à dor, à dor de ter perdido Lenora, a rara e radiante donzela que os anjos chamam Lenora, mas que na terra não terá nome nunca mais.

O roçar sedoso, lúgubre e incerto das cortinas de púrpura me penetrava, me enchia de fantásticos terrores nunca dantes sentidos; de sorte que, para moderar as pulsações do coração, levantei-me, repetindo: "É algum visitante que solicita entrada à porta de meu quarto; algum visitante retardado que solicita entrada à porta de meu quarto. É isto e nada mais."

Então minha alma sentiu-se mais forte, e sem mais hesitar eu disse: Senhor ou senhora, com sinceridade peço desculpa; mas em verdade estava cochilando, e a pancada foi tão de leve e tão tímido viestes bater, bater à porta de meu quarto, que eu não tinha a certeza de vos ter ouvido. Escancarei então a porta. Havia a treva e nada mais.

Olhando bem fundo na treva, fiquei muito tempo tomado de espanto, de terror e de dúvida; sonhando sonhos que nenhum mortal ainda ousara sonhar. Mas nada quebrou o silêncio e nada perturbou o sossego, e a única palavra que se ouviu foi um nome murmurado — Lenora! — que eu murmurei, e num murmúrio o eco repetiu — Leonora! Apenas isto e nada mais.

Voltando ao quarto com a alma no íntimo abrasada, ouvi de novo uma pancada mais forte que a primeira. "De certo, disse, de certo e alguma cousa nas venezianas da janela.

Vamos ver o que é, vamos explorar este mistério; deixemos o meu coração acalmar-se um momento e vamos explorar este mistério. É o vento e nada mais.”

Abri então a janela e eis que, rápido e em tumulto, entrou um imponente corvo dos santos dias do passado. Não me fez a menor cortesia, nem se deteve ou hesitou um momento; porém com ademanos de um senhor ou de uma dama, empoleirou-se acima da porta de meu quarto, empoleirou-se num busto de Palas, bem em cima da porta de meu quarto. Empoleirou-se, pousou e nada mais.

Incitando o pássaro de ébano a minha sombria imaginação a sorrir, pelo grave e severo decoro do aprumo que tomava, eu disse: “Posto que o teu topete esteja cortado e aparado, não és de certo nenhum poltrão. Espectral, horrendo e velho corvo que vens das praias da Noite, diz-me qual e teu nome senhorial nas praias da Noite de Plutão!” E o corvo disse: — Jamais.

Pasmei e muito que essa ave desajeitada entendesse tão bem a palavra, ainda que a sua resposta não tivesse grande significação, nem grande propriedade; pois não se pode deixar de convir que nenhum homem vivo tivera até então a dita de ver uma ave acima da porta de seu quarto, uma ave ou outro animal sobre um busto esculpido acima da porta de seu quarto, e com semelhante nome — Jamais.

Porém o corvo, pousando solitário no busto, apenas proferiu essa única palavra, como se tivesse exalado a alma nessa única palavra. Nada mais pronunciou, nem moveu uma só pena, até que eu murmurei baixinho: — Outros amigos já me fugiram; este, pela manhã, me há de deixar, como as esperanças que já me fugiram.” O pássaro disse então: — Jamais.

Sobressaltado a esta resposta, que quebrava o silêncio tão a propósito: “Sem dúvida, disse, o que ele proferiu constitui toda a sua ciência e todo o seu repertório, aprendido de algum dono desgraçado, a quem o fado sem piedade perseguiu e perseguiu cada vez mais, a ponto que seus cantos só tiveram um estribilho, até que os salmos funerais de sua Esperança só tiveram este melancólico estribilho — Jamais,

jamais.

Como o corvo ainda incitasse a minha alma sombria a sorrir, rolei uma poltrona estofada bem em frente ao pássaro, ao busto e à porta. E recostado nos coxins de veludo, comecei a encadear fantasia com fantasia, pensando o que o agourento pássaro de outrora, o que o horrendo, desajeitado, espectral, magro e agourento pássaro de outrora queria dizer, crocitando — Jamais.

Com isto eu procurava atinar, sentado, mas sem dirigir uma sílaba ao pássaro, cujo olhar de fogo me queimava o íntimo do peito. Isto e outras cousas mais eu conjeturava, sentado, com a cabeça reclinada tranquilamente no veludo dos coxins, em que a luz da lâmpada roçava, porém em cujo veludo violeta, em que a luz da lâmpada roçava, Ela não repousará jamais.

Pareceu-me então que o ar se tornava mais denso, perfumado por invisível turíbulo, balançado por serafins cujos passos ressoavam no chão atapetado. “Desgraçado, exclamei, Deus to concedeu, mandou-te por estes anjos o repouso, o repouso e o esquecimento das saudades de Lenora! Bebe, oh! bebe esse doce esquecimento e esquece a perdida Lenora!” O corvo disse: — Jamais.

“Profeta, eu disse, ente de desgraça! — profeta sem embargo, pássaro ou demônio! Quer o Tentador te mandasse, quer a tempestade te arremessasse a estas plagas, desolado, porém ainda indômito, a este sítio deserto e encantado, a esta casa assombrada pelo Horror, diz-me a verdade, suplico-te: Existe, existe acaso o bálsamo de Galaad? Diz-me, diz-me, suplico-te”: O corvo respondeu: — Jamais.

“Profeta, eu disse, ente de desgraça! — profeta sem embargo, pássaro ou demônio! Pelo céu que se encurva acima de nós, pelo Deus que adoramos ambos, diz a esta alma carregada de mágoas, se, no longínquo Paraíso, eu poderei abraçar a santa donzela que os anjos chamam Lenora, abraçar a rara e radiante donzela que os anjos chamam Lenora.” Respondeu o corvo: — Jamais.

“Seja esta palavra o sinal da nossa separação, pássaro ou

demônio! exclamei, dando um salto; volta à tempestade e às praias da Noite de Plutão! Não deixes uma só pena negra como testemunho da mentira que tua alma proferiu! Deixa a minha solidão inviolada! Deixa esse busto acima de minha porta! Retira o teu bico do meu coração e retira a tua figura da minha porta!” O corvo disse: — Jamais.

O corvo, sem se mover, ficou pousado, ficou pousado no pálido busto de Palas, bem em cima da porta de meu quarto; e o seu olhar parecia o de um demônio pensativo. A luz da lampada, que flutuava sobre ele, projetava-lhe a sombra no chão; e minha alma dessa sombra que flutuava no chão, não poderá fugir jamais.

O CORVO

Traduções: Manoel de Soiza e Azevedo - 1913
(Tentativa de interpretação com os efeitos de rima do original)

*Meia noite silente. Eu, cansado e doente,
 de estranho livro em vão prescrutava o sentido,
 de um profundo saber, hoje morto e esquecido.
 E quase a dormir, súbito ouço tocar,
 de leve algum tocar, roçar à minha porta.
 “É alguém, disse, que vem bater à minha porta.
 É isto e nada mais; sim, nada mais.”*

*Bem vívido me lembro, era um frio Dezembro;
 cada mortíça brasa a espaços, pelo chão,
 na lareira espalhava um trêmulo clarão.
 Como a manhã tardava! Eu nos livros buscava,
 a perda em vão buscava esquecer de Lenora,
 a radiosa mulher, que é entre os anjos Lenora,
 e nome não tem mais entre os mortais.*

*Se a cortina oscilava e lento balouçava,
 ao lento roçagar da púrpura macia
 que fantástico horror me gelava e invadia!
 Para do coração calmar a pulsação:
 “É alguém, eu disse então, que bate à minha porta,
 alguém que se atrasou que bate à minha porta.
 Eis o que é, nada mais, sim, nada mais.”*

*Assim fico tranquilo e nada mais vacilo.
 “Quem quer que bate, eu disse, ou senhor ou senhora,
 desculpa espero ter por tamanha demora.
 Estava dormitando e o baque foi tão brando,
 tão de leve roçando encontro à minha porta,
 que mal o distingui.” E fui abrir a porta.
 Só trevas, nada mais. Só, nada mais.*

*Nas trevas mergulhando o olhar, fiquei pasmando,
 entre a dúvida e o horror, de assombro apavorado,
 sonhando o que jamais ninguém tinha sonhado.
 Ver em balde procuro. É mudo o espaço escuro.
 Apenas eu murmuro este nome — Lenora,*

*e o eco repete além, num sussurro — Lenora.
Apenas, nada mais; só, nada mais.*

*Ao meu quarto regresso, o coração opresso,
o espírito turbado ao contato da morte.
Ouço bater de novo e desta vez mais forte.
“Da janela, de certo, é o postigo entreaberto;
vamos a ver se acerto a causa do mistério.
Calma! Vamos sondar a causa do mistério,
É o vento, nada mais; sim, nada mais.”*

*Abro a janela. E um vulto entra e voa em tumulto;
era um corvo imponente e dos tempos de outrora.
Nem um minuto em cortesias se demora;
de dama sobranceira imitando a maneira,
num busto se empoleira, a porta de meu quarto;
de Palas sobre um busto, à porta de meu quarto,
descansa. Nada mais; só, nada mais.*

*E minh'alma sombria ao riso desafia
o corvo, e eu fico a rir do severo decoro,
do aprumo que tomava a ave negra de agouro.
E perguntei-lhe então: “Tu que não és poltrão,
na noite de Plutão, de onde vens, qual teu nome,
corvo velho, spectral e horrendo, qual teu nome?”
Responde ele: — Jamais. — Jamais, jamais.*

*Pasmei de ouvir falar o corvo secular,
fosse embora a resposta escassa de sentido.
Mas deve-se convir, não fora permitido
ver, a nenhum mortal, um corvo ou outro animal
em cima do portal de seu quarto pousado,
sobre a porta do quarto em um busto pousado,
e chamado — Jamais — de mais a mais.*

*Nada mais disse o corvo, intratável e torvo,
como se nesse esforço a alma exalasse a custo;
pousado se quedou sobre o plácido busto,
silencioso, bravio, imóvel e sombrio,
até que eu balbucio: — Amigos meus fugiram;
de manhã fugirás, como os outros fugiram.
E o corvo diz: — Jamais. — Jamais, jamais.*

*Da resposta pasmei, tão discreta a julguei.
E pensei: — Com certeza este nome irrisório
da sua sapiência é todo o repertório.
Aprendeu-o talvez de um dono a quem mercês
a sorte nunca fez, que tinha esse estribilho,
cujo canto de dor só tinha esse estribilho
de salmos funerais: — Jamais, jamais.*

*Se o corvo regougava, o riso me incitava.
Em frente à porta, em frente ao corvo, em frente ao busto,
rolei uma poltrona, e no encosto venusto
deitei, sobre o espaldar, a cabeça, a cismar,
a pensar, a cismar o que o corvo agourento
quereria, espectral, magro, feio, agourento,
dizer com seu — Jamais — jamais, jamais.*

*Disto eu buscava em vão compreender a razão,
mudo, dele fitando o olhar, que me rasgava
o peito, e o coração no peito me queimava.
E fiquei meditando, a cabeça inclinando
no encosto, fofo e brando, em que Ela adormecia,
roxo veludo em que Ela, Ela outrora dormia,
mas não dormira mais, — jamais, jamais.*

*E julguei, no ar mais denso, um perfume de incenso
sentir, que serafins queimavam nos espaços,
e ouvir-lhes no tapete abafados os passos.
Eu disse: — Desgraçado, a quem Deus há mandado
anjos que o teu passado apagassem — esquece
a perda de Lenora, a sua perda esquece.
E o corvo diz: — Jamais. — Jamais, jamais.*

*“Tu, profeta agourento, ave ou demônio odiento,
ou te mandasse o inferno, ou jogasse a lufada
do vento a este deserto, a esta casa assombrada;
diz-me: De Galaad o bálsamo e verdade
que existe; e se é verdade, anda, diz-me, responde,
que traz o esquecimento? Anda, diz-me, responde.”
Grasna o corvo: — Jamais! — jamais, jamais.*

*“Tu, profeta agourento, ave ou demônio odiento
pelo céu, pelo Deus que adoramos, responde;
a minh'alma, que a dor acabrunha, responde*

*se, no empíreo distante, eu terei um instante
nos braços a radiante, a divina Lenora,
que, entre os anjos, ainda é chamada Lenora.”
Diz o corvo: — Jamais! — jamais, jamais.*

*“Vai-te, corvo execrando, ave ou demônio. Uivando,
leve-te o vento e noite eterna de Plutão;
e que não fique só uma pena no chão
que ateste esta mentira; e teu bico retira,
do meu peito retira; oh! foge dessa porta,
deixa, deixa esse busto, e foge dessa porta!”
Diz o corvo: — Jamais! — Jamais, jamais.*

*O corvo imóvel, quedo, impassível e quedo,
no mármore do busto apoia-se nefando,
tendo o aspecto, no olhar, de um demônio sonhando.
Da lâmpada o clarão lhe recorta no chão
a sombra; e eu tento em vão da sombra que flutua
fugir; não poderei da sombra que flutua
fugir jamais, jamais! — Jamais, jamais!*

*in Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul. Ano 26, páginas 164-169, 1915.
Apud blog Editora Anticítera*

O CORVO

18.7 Tradução: Alfredo Ferreira Rodrigues (1914)

*Numa noite de insônia, enfraquecido
e cansado, eu buscava aprofundar
de um velho e estranho livro o vão sentido,
quase a fronte de sono a se inclinar;
Eis que súbito escuto um som de leve,
como se alguém batesse, breve, breve,
bem de vagar à portra de meu quarto.
"É alguém que bate à porta de meu quarto.
Talvez um visitante, nada mais.
Sim, nada mais."*

*Era uma noite fria de dezembro;
da lareira entre as cinzas o clarão,
mortiço e tênue (vívido me lembro),
refletia-se a espaços pelo chão.
Embalde um lenitivo na leitura
buscava achar. Em vão, em vão pedia
confôrto à dor de haver perdido a pura
e radiosa mulher, minha Lenora,
que os anjos ainda chamam de Lenora,
que na terra êsse nome entre os mortais,
não terá mais.*

*Se o reposteiro as vêzes balouçava,
num roçagar de púrpura macia,
que fantástico horror me dominava
e que vaga tristeza me invadia!
Falei, para abafar do coração
a precípite e doida pulsação:
"É alguém pedindo entrada à minha porta,
alguém que se atrasou batendo à porta.
Eis o que é, com certeza. Nada mais;
Sim, nada mais."*

*Isto na alma um pouco reconforta,
e disse logo, sem mais hesitar:
"Quem quer que é que bate à minha porta,
senhor... senhora... queira desculpar,*

*pois eu estava quase adormecido
e pareceu-me até não ter ouvido
bater, roçar de leve encontro à porta."
Assim dizendo, fui abrir a porta.
Trevas havia. trevas, nada mais;
só, nada mais.*

*No recesso das trevas mergulhando
o olhar, cheio de assombro, apavorado,
entre a dúvida e o horror, hirto, sonhando
fiquei sonho de alguém jamais sonhado.
Muda e imóvel a noite, escura e morta;
e nenhum som a imensa treva corta.
Murmuro a mêdo o nome de Lenora,
num sussurro responde o eco — Lenora.
Apenas, nada mais.
Só, nada mais.*

*Voltando ao quarto, a alma perturbada,
ouço bater mais forte outra pancada.
"Alguma coisa, murmurei, que ocila
pelo lado de fora da janela,
a veneziana solta da tramela...
Para aquietar de todo a alma intranquila
eu preciso sondar êste mistério.
Calma! Vamos sondar êste mistério.
Do vento é o sôpro apenas, nada mais;
sim, nada mais."*

*Abro a janela. Negrejante vulto
num surto entra no quarto de repente;
de asas batendo o ar ouço um tumulto;
era um corvo decrépito, impotente.
Como um senhor ou dama sobranceira,
sôbre um busto de Pallas se empoleira,
bem em cima da porta do meu quarto;
pousa num busto à porta de meu quarto.
Toma lugar, se acama. Nada mais,
só, nada mais.*

*A rir, o negro pássaro de agouro
a imaginação sombria me incitava;
rio do ar severo de decôro,*

rio do grave aprumo que tomava.
 E disse: — "Embora a poupa depenada
 tenhas, não és de certo algum poltrão.
 Ave rude e espectral, como és chamada,
 qual teu nome no reino de Plutão?
 Peregrino que vens da eterna noite,
 teu nome na região da eterna noite?"
 Grasna o corvo fantástico: *Jamais!*
Jamais, jamais!

*Eu pasmei que a ave estúpida tivesse
 tão bem minha palavra compreendido,
 pôsto a sua resposta não dissesse
 coisa alguma de acêrto e com sentido.
 Mas deve-se convir que a ninguém dado
 fôra um pássaro ver empoleirado
 num busto, de seu quarto sôbre a porta,
 de seu quarto pousado sôbre a porta.
 Nem consta que existisse, entre animais,
 êsse nome — *Jamais.**

*Mudo e firme, quedou-se sôbre o busto,
 nada mais disse o corvo solitário,
 nem se moveu, como se houvesse a custo
 dito tudo do seu vocabulário.
 Até que eu murmurei: — "Como passaram
 outros amigos que me abandonaram,
 como esperanças que se vão voando,
 assim êste amanhã irá voando."
 Responde o corvo lúgubre: — *Jamais!*
*Jamais, jamais!**

*Esta pronta resposta admirou-me,
 vindo tão a propósito e discreta.
 "Talvez, eu refleti, com êste nome
 todo o seu repertório se completa.
 Aprendeu-o de um dono desgraçado,
 a quem sem tréguas perseguiu o fado,
 cujo canto só tinha êste estribilho,
 melancólico e único estribilho,
 psalmeando da esperança os funerais:
*Jamais, jamais!**

*Como o corvo em minha alma despertasse
 um pensamento misterioso e torvo,
 rolei uma poltrona bem em face
 ao busto, em frente à porta, em frente ao corvo.
 E recostei-me, pensativo e mudo,
 na macia almofada de veludo.
 Visões, sonhos revii na fantasia,
 pensando o que é que o corvo queria,
 rude e spectral fantasma do passado,
 o que o corvo agourento do passado
 queria dizer com seu — Jamais!
 Jamais, jamais!*

*Em vagas conjeturas me perdendo,
 sentado e mudo, o negro corvo olhava;
 e o olhar do corvo, em fogo aceso, ardendo,
 o coração no peito me queimava.
 Nisto eu pensava, a gôsto descansando,
 nos coxins de veludo repousando,
 no veludo violeta em que batia,
 em que o clarão da lâmpada batia,
 em que ela não repousará jamais,
 ai! nunca mais!*

*Pareceu-me sentir o ar mais denso
 e dos anjos ouvir roçar o passo,
 como se viessem derramando incenso
 de invisível turíbulo no espaço.
 "O esquecimento, eu disse, ó desgraçado,
 Deus enfim pelos anjos te há mandado.
 Acalma esta saudade de Lenora,
 esquece, esquece a perda de Lenora."
 O corvo crocitando diz: — Jamais!
 Jamais, jamais!*

*"Profeta, ente de agouro, ave ou demônio,
 se pelo Tentador fôste mandado,
 ou se te trouxe a asa do aquilônio
 a êste pais deserto e enfeitado,
 a esta casa onde o horror mora e se esconde,
 sem rebuço me diz, anda, responde:
 Haverá, haverá o esquecimento,
 o bálsamo haverá do esquecimento?"*

*Responde o corvo tétrico: — Jamais!
Jamais, jamais!*

*"Profeta, mensageiro da desgraça,
ave ou demônio da superstição,
diz, pelo céu, pela divina graça,
diz à minha alma prenhe de aflição,
responde, diz: No paraíso, ainda,
poderei estreitar a santa e linda,
radiosa mulher que foi Lenora,
que os anjos inda chamam de Lenora?"
O corvo rouquejando diz: — Jamais!
Jamais, jamais!*

*"Vai-te, gritei, ave ou demônio! Uivando
leve-te o vento à noite de Plutão;
e que tuas mentiras atestando
não fique uma só pena pelo chão.
Vai-te, demônio; vai-te num momento.
Deixa inviolado o meu isolamento.
Tira o bico que o peito me trespassa,
que o coração no peito me espicaça.
Deixa êsse busto sôbre a minha porta;
foge, fantasma; foge dessa porta."
Diz o corvo terrífico: - Jamais!
Jamais, jamais!*

*O corvo não se move, não se importa,
fica no busto pálido fixado;
imóvel fica sôbre a minha porta,
com o olhar de um demônio condenado.
No chão, a luz da lâmpada que ondeia,
do negro corvo a sombra delinea.
E minha alma, da sombra que flutua,
eu sinto que, da sombra que flutua,
não fugirá, não fugirá jamais,
jamais, jamais! **

* *In Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, ano de 1914, págs. 230/234 — com as correções indicadas à pág. 291 do mesmo volume.

Apud. RUSSOMANO, Mozart Victor, A vida silenciosa de Alfredo Ferreira Rodrigues, in Revista da Província de São Pedro, RS, nº 18, dezembro de 1953, p. 54-58.

CORVO

18.8 Tradução: João Kopke (1916)

*Meia noite seria, hora triste! alquebrado
 E de tédio vencido, uma vez, debruçado
 Sobre tomo e mais tomo, em que antigos autores
 Expuseram saber, que bem raros leitores
 Têm hoje, eu meditava, o lido ponderando,
 Que em tais livros de antanho andara consultando,
 E já, do cochilar, meio ao sono passava,
 Quando ouvi de repente um bater, que soava
 À porta de meu quarto, ali à mão, baixinho
 Como o bater de quem batesse de mansinho,
 Batesse de mansinho à porta de meu quarto.
 Dentro de mim, mal o ouvi, disse eu: “A horas tais,
 Quem pode vir bater à porta do meu quarto?
 Alguém que me procura. Há de ser. Nada mais”.*

*Era então – claramente ainda hoje o relembro!
 Bem entrado era então o inclemente Dezembro;
 E seu espectro, no chão, cada brasa deixava,
 Que, aos poucos, a morrer, no lar agonizava.
 Aflito estava eu já por que nascesse o dia;
 E, em vão, dessa leitura, ao meu sofrer, queria
 Tirar alívio – alívio à crua e dura mágoa;
 Alívio, que abrandasse a enorme, funda mágoa
 De haver perdido, haver perdido, ó sim, Lenora,
 A virgem radiante, a quem saudade chora!
 A virgem peregrina, a quem os anjos chamam
 Lenora – Aquela a quem, nos coros triunfais,
 Lenora, lá no céu, os anjos ora chamam
 E nome não terá na terra nunca mais!*

*E o frouxo farfalhar, que vinha das cortinas
 De seda roxa, incerto e mesto, nas retinas
 me punha visões tais, e, na alma, tais terrores
 Que iguais nunca eu sentira; e em tão cruéis tremores
 Me entrava a sacudir que, por conter os saltos
 Ao coração – por ver quedar os sobressaltos
 Em que dúbio tremia, entrei a repetir,
 A repetir sem conta, alheio a repetir:*

*“Está alguém a bater à porta do meu quarto;
Bate alguém, certamente, à porta do meu quarto;
Alguém que me procura e quer falar. Decerto,
Alguém, que, sem querer, se atrasou. Pois que mais
Pode ser?... É alguém. Há de ser. É, decerto.
É, decerto, isto mesmo. Há de ser. Nada mais”.*

*A alma se me aquietou assim; e, então, perdendo,
Perdendo a hesitação, afoito fui dizendo:
“Quem quer que vós sejais, ou senhor, ou senhora,
Vosso perdão aqui sinceramente implora
Quem, quase a cochilar, confessa, e tão de manso
Batendo vós à porta, à porta tão de manso
Batendo, tão de manso, à porta do seu quarto,
Mal pôde perceber que à porta do seu quarto
Batíeis”. Neste ponto, à porta dirigindo
Os passos, neste ponto, agora, eu, acudindo
À porta, ao enfrentá-la, abri-a pronto busco;
E, de braço estendido, ao tocar-lhe os umbrais,
Escancaro-a de vez num movimento brusco:
Lá fora, a escuridão. E só. E nada mais.*

*E, dessa escuridão, cravando o olhar no fundo,
A revolvê-la estive, a revolver-lhe o fundo,
Surpreso, apavorado, hesitante, a sonhar
Sonhos, que não ousou ninguém jamais sonhar.
Mas, o silêncio, mudo: o mesmo sempre. E, a treva,
Calada em frente a mim, nenhum indício a treva
Me dava. Dela só, somente me chegava,
Me chegava ao ouvido em voz, que o murmurava,
Um nome, e em murmúrio, um nome só, Lenora!
Era eu que o murmurava; era eu, e já Lenora
Eis o eco a responder, Lenora repetindo;
Palavra, que só eu, na treva, entre as letais
Angústias da incerteza, em sonhos me afundindo,
Ficara a repetir. Só isso. E nada mais.*

*Voltando ao quarto, então, com a alma em fogo a arder,
Com pouco ouvi de novo, ouvi baixo bater,
Bem de leve outra vez, mas mais alto um pouquinho,
Mais alto desta vez, mais alto um bocadinho.
“É, com certeza”, eu disse, “é com certeza, agora,
Uma coisa qualquer que bate lá de fora*

*Nas gelosias. É. Mas será?... Quem o sabe?...
 Quem sabe que mistério há nisto? Quem o sabe?...
 Sossega, coração! e deixa-me que o veja;
 Que, por meus olhos, sonde o que for que ali esteja;
 Que sonde o que isto for; que o sonde por meus olhos;
 Que o mostre ao meu pavor, e, em linhas naturais,
 O fato ponha à luz, mostrando-o claro aos olhos.
 É, com certeza, o vento. O vento e nada mais.”*

*Para a janela, pois, crescendo, eu a escancarar;
 E, mal o olhar firmei, logo o vulto deparo
 De um corvo senhoril dos bons tempos de outrora,
 Que, da lufada em pós, entrando lá de fora,
 E circungira e paira e se vai, por fim, pôr,
 Sem saudar, nem deter-se ou pousar, se vai pôr,
 Com ares de fidalgo ou fidalga, assentado
 Bem por cima da porta, ao alto empoleirado
 Da porta do meu quarto, em um busto de Palas;
 Alcandorado ali sobre o busto de Palas;
 Alcandorado ali, do branco busto em cima;
 Do branco busto sobre as formas divinais.
 Nesse busto pousou, que a minha porta encima.
 Pousou; deixou-se estar. Só isso, e nada mais.*

*Ao ver dessa ave negra o modo assim severo,
 Ao ver com que decoro e com que porte austero,
 Ali, defronte a mim, tão grave procedia,
 Desfez-se num momento aquela fantasia,
 Que a mente me assaltara, e transmudou-se em riso.
 “Embora”, disse eu, pois, dando expansão ao riso,
 “Tosado, embora, cerce o teu penacho veja,
 Não quero crer que tal a covardia seja
 Tachada punição. Não és um velho corvo,
 Repelente e fatal, que foges ao céu torvo.
 Certo, um título tens e foros de grandeza;
 Tens estirpe e brasões nos reinos avernais.
 Dize, pois, qual teu nome entre a ilustre nobreza
 De Plutão?” E tornou-me o corvo: “Nunca mais”.*

*De pasmo me tomei ao ver com tal clareza
 Falar essa ave horrenda, embora, com certeza,
 Sentido não tivesse, ou pouco ou nulo alcance,
 A resposta, que deu assim tão de relance.*

*De pasmo me tomei, porquanto ninguém pode
Fugir a concordar, ninguém, na vida, pode
Dizer que outro mortal já tivesse a ventura
De ver pousar uma ave, ou outra criatura
Ao alto, sobre a porta, a porta do seu quarto;
Sobre o busto, que encime a porta do seu quarto;
Pousar, deixar-se estar e nada mais; uma ave
Horrenda, que viesse, afrontando hibernais
Rigores de procela, à noite, austera e grave,
Dizer-lhe que no inferno a chamam Nunca mais.*

*Assustou-me a resposta assim tão bem cabida,
Que rompeu a mudez até aí mantida.
Assustou-me a resposta; e, então, para explicá-la,
Eu me pus a dizer qual quem a medo fala:
“Nestas palavras só consiste certamente
O seu vocabulário; e, nelas, inconsciente,
Reproduz o que ouviu. Com certeza, a algum dono
Infeliz pertenceu. Pode ser que a algum dono
Tivesse pertencido, a quem com teimosia
Perseguisse a desgraça, e, na monotonia
Desse estribilho só, distração procurasse
As dores, que gemia – as dores sem iguais
Do seu sofrer, e a mágoa aos lábios lhe levasse,
Por desabafo e alento, o grito: “Nunca mais!”.*

*No entanto, o corvo, só, pousado sobre o busto
Quedo, pousado e só, dali de sobre o busto,
Não me deu mais que tal resposta, em que pusera
Talvez toda a sua alma. E nem ao que dissera
Mais nada acrescentou. Nem uma só das penas
Moveu. Não mais moveu de leve uma das penas
Que fosse, a não ser quando eu, mal e mal, baixinho,
E murmuro, falei, mas baixo, bem baixinho:
“Em antes dele já perdi muitos amigos:
Perdido tenho, sim, por vária vez, amigos,
Que foram sem retorno. Irá ele também
Sem retorno, assim como aos caros ideais
A esperança se foi, e, com o dia que vem,
Este irá. Grasna o corvo apenas: “Nunca mais”.*

*Porém, mais uma vez, essa ave transformando
A tristeza à minha alma em riso a transmudando,*

*Fiz rodar um assento e dela o pus em frente,
 E do busto e da porta em face justamente.
 Bem defronte lho pus; e o corpo, no veludo,
 Todo o peso largando, afundei; e já tudo
 Que estivera a pensar – idéia ou fantasia,
 Comecei a prender como elos, que queria
 Jungidos, para ver que sentido quisera
 Aquela ave ominosa à resposta, que dera,
 Inculcar; para ver se encontrava o sentido
 Que essa ave de feições e gestos espectrais
 Na resposta pusera; – achar com que sentido
 No crocitar dizia apenas: “Nunca mais”.*

*Para tal, eu, sentado, a rever, mas comigo,
 O que vira, fiquei, mas a sós, só comigo,
 Sem palavra sequer dirigir à agoureira
 Ave, que, com o olhar, qual rúbida fogueira,
 O âmagô ao coração me estava requeimando.
 No coxim de veludo a cabeça pousando,
 No coxim, que o clarão da luz como um olhar
 De cupidez voraz descia a iluminar,
 Eu, a gosto, escrutava o que quisera o corvo
 Dizer no seu falar, que tinha em tanto estorvo
 A fácil compreensão. Nesse coxim, agora,
 A fronte eu descansava, em que d’Ela jamais
 A fronte pousará qual se pousava outrora.
 Não mais se pousará, oh, nunca, nunca mais!*

*Como que o ar então me pareceu mais denso;
 A modo que um perfume ali pairou de incenso,
 Que, em turicremo vaso, ao ar silente alcançassem
 Serafins, cujos pés em cadência roçassem
 A alcatifa, que o chão de meu quarto alfaiava.
 E, pois, à inspiração, que, sobre mim baixava,
 Cedendo, a me exprobar do pavor, que sentia,
 Contra mim revoltado, em voz alta dizia:
 “Desgraçado! Teu Deus, teu Deus, por estes anjos,
 Teu Deus trégua te dá; teu Deus por estes anjos,
 Remédio à dor te manda. Esquece de Lenora
 A perda, e empina a taça, em que as dores mortais
 Tu podés afogar. Risca dessa Lenora
 Na mente o nome”. E grasna o corvo: “Nunca mais”.*

“Profeta”, eu disse então, “ave ou demônio sejas,
 Profeta mesmo assim! Quer vindo aqui tu sejas
 Atentar-me, ou lançado o sopro das borrascas
 Te houvesse a esta plaga – aflito, mas das vascas
 Do desespero livre; – ao ermo desta plaga,
 Que um poder infernal no seu eflúvio alaga;
 Ao sei deste lar, onde o terror domina –
 Se tem a dor, que assim saudade me propina,
 Lenitivo, que a acalme, oh, di-lo, que to imploro!
 Oh, dize-me se tem este luto, em que choro,
 Trégua, que ao meu sofrer as torturas abrande;
 Lenitivo, que à dor embote os seus punhais
 E, à saudade, que peno, o esquecimento mande.
 Oh, di-lo, corvo, di-lo!” E o corvo: “Nunca mais”.

“Profeta”, eu disse então, “ave ou demônio sejas,
 Profeta mesmo assim e como quer que o sejas!
 Pelo Céu, que nos cobre, e o Deus, que veneramos,
 Por tudo quanto os dois por mais caro prezamos,
 Dize, dize à minha alma, a que a dor tanto preme,
 À alma, que esta saudade infinda e crua geme,
 Dize por compaixão se, no Éden distante,
 Em seus braços verá a Virgem fulgurante;
 Aquela Virgem santa, a que, no céu, Lenora
 Chamam, e que ninguém na terra chama agora;
 A Virgem, por quem peno – a Virgem, que a saudade,
 Me traz sempre na mente em sonhos perenais!
 Oh, dize se algum dia abraçá-la, em verdade,
 Lá no céu, poderá!” E o corvo: “Nunca mais”.

“Que seja essa resposta a nossa despedida,
 Ou ave ou tentador!” bradei com a voz erguida,
 Num salto em pé me pondo. “Oh, volta à tempestade!
 Volta à noite do inferno! Em minha soledade
 Que eu fique sempre só! Não deixes uma pena,
 Nem uma pena só, nem uma negra pena
 Das tuas, em penhor desta mentira atroz,
 Que acabas de afirmar com refalsada voz!
 De sobre o busto sai! O vulto, eia, retira
 De sobre a minha porta! O adunco bico tira
 Daqui do coração, onde o cravaste! Oh, vai-te
 Embora e deixa em paz meus tristes penetrais!
 Ou ave ou tentador, deixa-me em paz! Oh, vai-te!”

E, imóvel, diz o corvo apenas: “Nunca mais!”.

*E, sem mais se mover, ali se tem pousado,
Imóvel sempre, o corvo; ali, alcandorado
De Palas sobre o busto – erguido ao alto – acima
Da porta do meu quarto – e mudo e quedo a encima!
E os olhos seus são como os olhos de um demônio
Absorto a maquirar – são olhos de um demônio!
E, da lâmpada a luz, sobre ele em cheio desce
O clarão com fulgor, que vivo resplandece,
E lhe estampa no chão a dura e negra sombra!
E minha alma, oh, horror! da treva dessa sombra,
Que flutua no chão pairando eternamente,
Minha alma do negror, que os giros infernais
Adensam no voar, que paira eternamente,
Nunca mais se há de erguer! Ai, nunca! Nunca mais!*

Fonte: A Espada no Livro

O CORVO

18.9 Tradução: João Kopke (1916/1917)

Uma vez, por volta da meia noite, hora triste, enquanto alquebrado pela fadiga e cheio de tédio, eu meditava sobre vários e vários volumes, esquisito e curioso, de letras hoje esquecidas, quando, já a cochilar, quase passava pelo sono, chegaram-me de repente, ao ouvido, umas pancadinhas repetidas como de alguém, que de mansinho batesse, batesse à porta do meu quarto. "É alguém", disse eu comigo, "é alguém, que bate à porta do meu quarto... Há de ser isso, e nada mais".

Ah, lembra-me perfeitamente! — era em Dezembro, o mês das invernais, — e cada brasa, que, por sua vez, se ia apagando, estampava no chão o seu espectro. Estava eu morto por que amanhecesse; em vão procurara tirar, dos meus livros, alívio à saudade, — saudade de Lenora, que perdera, — da rara e radiante virgem, a quem os anjos chamam Lenora. — e nome aqui na terra não terá jamais.

E o sedoso, triste, incerto farfalhar de cada pano das cortinas roxas fazia-me tremer, — enchia-me de terrores fantásticos, que nunca dantes sentira; de modo que, então, por quedar o bater ao coração, fiquei repetir: "é alguém, que bate à porta do meu quarto — alguém que a desoras vem bater À porta do meu quarto; é isso, e nada mais".

Minha alma sentiu-se, de tal após, mais forte; sem mais hesitar, então, "Senhor", disse eu, "ou senhora, peço-vos sinceramente perdão; mas a verdade é que eu ia a passar pelo sono e vós batestes tão devagarinho, tão de leve batestes, batestes à porta do meu quarto, que eu nem quase certeza tinha de o haver ouvido". E, em tal dizendo, escancarei a porta: lá fora — escuridão, e nada mais.

Fundo naquela escuridão cravando os olhos, estive por longo tempo ali, a pensar, apavorado, em dúvida, sonhando sonhos, que mortal nenhum antes de mim ousou sonhar; mas o silêncio persistia, e, de nada a escuridão, indício dava; e a única palavra, que ali se proferia, era apenas, em murmúrio, a palavra "Lenora!". Essa era eu que a murmurava, e o eco, murmurando, repetia a palavra "Lenora!"... Isto simplesmente, e nada mais.

Outra vez voltando para o quarto com a alma toda a arder dentro de mim, dali a pouco ouvi de novo bater de leve, um tanto mais alto que primeiro:

"Com certeza," disse eu, "com certeza, o que ouço agora é a gelosia da janela; vou ver o que ali há e apurar que mistério é este. Que meu coração se quede por um momento, e apure que mistério é este. É o vento, e nada mais".

Abri, então, bruscamente a janela, e, eis que, com giro e adejo vário, entrou por ela a dentro um majestoso corvo dos bons tempos de outrora. Nem a menor cortesia fez ele; nem por um instante se deteve ou parou; mas, com ares de fidalgo ou fidalga, empoleirou-se por sobre a porta do meu quarto; empoleirou-se num busto de Palas, justamente por cima da minha porta; empoleirou-se, deixou-se estar, e nada mais.

Aí, como esta ave negra cambiasse em riso a minha triste fantasia pelo grave e austero decoro, que na aparência mostrava: "Embora tosado cerce tragas o penacho, tu," disse eu, "não és, com certeza, um covarde, oh, velho corvo, lúgubre e horripilante, que andas tresmalhado das regiões da noite. Dize-me, pois, qual é o teu título de nobreza nas regiões plutônicas da noite?" Disse o corvo: "Nunca mais!"

Muito maravilhado fiquei ao ouvir esta ave desgraçada falar tão claramente, conquanto sua resposta pouco sentido, pouco alcance tivesse, porque não podemos deixar de convir em que nenhuma criatura humana nesta vida jamais teve a felicidade de ver pousado sobre a porta do seu quarto, empoleirado sobre o busto esculturado, que encima a porta do seu quarto, ave ou animal por nome "Nunca mais!"

Estranhando a mudez, que tão pertinente resposta assim interrompia: "Sem dúvida", disse eu, as palavras, que profere, são todo o cabedal, que lhes ficou da convivência com algum dono infeliz, sobre quem desastres inclementes caíram uns após outros com rapidez crescente até dar-lhe às cantigas por constante estribilho, — até que as lamentações do seu desespero se rematassem sempre pelo triste estribilho "Nunca mais! Nunca mais!"

Mas o corvo, pousado solitário sobre o plácido busto, só disse essas únicas palavras, como se a sua alma nessas únicas palavras houvesse vertido. Nada mais então disse, — nem uma pena sacudiu ate eu, mal e mal, pouco mais que murmurei: "Outros amigos já se me tem ido; ao amanhecer este me deixará como as minhas esperanças se me foram". Torna a isso, a ave: "Nunca mais!"

Cambiando, porém, o corvo novamente em sorriso toda a tristeza à minha alma, fiz de pronto rodar um assento acolchoado para defronte e da ave e

do busto e da porta; e, então, no veludo afundando; entrei a ajustar fantasia a fantasia para ver se atinava com o que esta ave de outros tempos, com o que esta feia, desengraçada, lúgubre, escaveirada e agourenta ave de outros tempos queria dizer com grasnar "Nunca mais!"

Estava eu assentado a querer com isto atinar, sem, contudo, coisa alguma dizer A ave, cujos olhos de fogo, então, me ardiam no âmagô do selo; — isto, e outras coisas mais, estava assentado a querer decifrar, com cabeça comodamente reclinada na capa de veludo do coxim sobre que a luz da lâmpada caía como um olhar cúpido, cada de veludo roxo, sobre que a luz da lâmpada caía como um olhar cúpido, e que ela não mais há de premer — ah, nunca mais!

Pareceu-me, neste ponto, que o ar se tornava mais denso, porque o perfumava um turíbulo Invisível, agitado por serafins, cujos passos ecoavam tilintantes no chão alcatifado. "Desgraçado", exclamei, teu Deus te empresta, — por estes anjos te manda trégua — trégua e olvido às saudades de Lenora! Traga, ó, traga a taça deste olvido benéfico e esquece esta Lenora que perdeste!" Disse o corvo: "Nunca mais!"

"Profeta!" disse eu, "criatura fatal! — profeta ainda assim, quer ave, quer demônio! Ou venhas incumbido de tentar-me ou te haja a tempestade, lançado a estas plagas, desolado, mas indômito sempre, — ao ermo desta terra encantada, — a este ar, que o terror assombra, — fala-me a verdade, eu to imploro, — há, há bálsamo em Gilead? dize-me, dize-me, eu to imploro!" Disse o corvo. "Nunca mais!"

"Profeta", disse eu, "criatura fatal! — profeta ainda assim, quer ave, quer demônio! Por aquele céu, que se arqueia sobre nós, — por aquele Deus, que ambos adoramos, dize a esta alma de mágoa acabrunhada, se, lá no distante Éden, abraçará ela uma virgem santificada, a quem os anjos chamam Lenora! Abraçará uma linda e radiante virgem, a quem os anjos chamam Lenora!" Disse o corvo, "Nunca mais!"

"Que sejam essas palavras o sinal da nossa despedida, ave ou Inimigo!" gritei eu, pondo-me em pé. "Volta à tempestade e às regiões plutônicas da noite! Não deixes nem uma só negra pluma em testemunho dessa mentira que a tua alma disse! Não perturbes a minha solidão! Sai-te do busto, que encima a minha porta! Tira teu bico de dentro do meu coração e tira o teu vulto de cima da minha porta!" Disse o corvo, "Nunca mais!"

E o corvo, sem se mover, ainda pousado está, ainda pousado está sobre a pálido busto de Palas, bem por cima da porta do meu quarto; e seus olhos

têm toda a aparência dos de um demônio, que está sonhando; e a luz da lâmpada, caindo sobre ele, projeta-lhe no chão a sombra; e, minha alma, dessa sombra, que está a flutuar no chão, não se erguerá nunca mais!

Adaptação ortográfica: Iba Mendes
Apud Iba Mendes no site [O Poeteiro](#)

O CORVO

18.10 Tradução: Anônima (1916)

[...]

*Abro o postigo e súbito entra, negro,
Altivo urubu-rei, tumultuoso,
Que sem mais cortesia vai voando,
Sem partir um instante, descuidoso,
Mas, circunspeto sempre como um lord,
Adejando inda acima dos portais,
Vê um busto de Palas sobre a porta
E nele pousa, e fica: e nada mais!*

*Diante de tão feio e negro vulto,
De atitude severa e ar correto,
O triste pensamento me sorri:
Oh! corvo, disse eu, corvo abjeto!
Tu, que sem medo vens das plagas negras,
Posto disfarces dons senhoriais,
Responde: "Qual teu nome? onde nasceste?"
E o corvo respondeu-me: nunca mais!*

*Aterrado fiquei; pois na verdade,
Embora tão confuso respondesse,
Entendera mui bem minha pergunta.
Coisa igual jamais sei que acontecesse!
Um pássaro, tão negro, altivo, posto
No busto que lá 'stá num dos portais,
Ouvir minha pergunta e responder
Que se chama somente: nunca mais!*

*Assim, aquele corvo, que não sabe
Dizer outra palavra que as que disse,
Quedo, lá, sem mexer nenhuma pena,
Disse tudo que sua alma resumisse.
Por fim, considere: "Tenho perdido
Tantos antigos bons e tão leais!
Perderei também este, em vindo o dia?"
E o corvo respondeu-me: nunca mais!*

*Estremeci. "Resposta tão cabida,
Tão exata!" pensei: "isso é ciência
Única que aprendeu com algum mestre
D'implacável desdita, em convivência;
Que tão tenaz castigo dó destino!
Guardar dos cantos dantes usuais
Somente o que ficou do derradeiro!
Somente este estribilho: nunca mais!"*

*De novo me sorri o pensamento;
Me sento na poltrona, em frente ao corvo;
Concentro o pensamento no mistério
Que só em desvendar eu me absorvo.
Que lúgubre, sentido? Que alma tem
segredo dos termos sepulcrais?
Agouro é o sentido dessa frase
Que o corvo grasna tanto: nunca mais?!*

*Estava meditando, em devaneio,
Calado, em conjecturas; mas sentia
Seu olhar abrasar-me, e recostado
Na poltrona, tranquilo refletia:
Neste encosto macio já outrora
Cabeça de anjo; tranças divinais
Muita vez esparziu aqui; depois...
Depois! não esparziu mais... nunca mais!*

*Parecendo-me então o ar encher-se
De incenso de turíbulo qual no espaço
Serafins invisíveis se agitassem,
Logo esta exclamação me ocorre e faço:
"Deus sensível! que dás consolo à dor,
Pungida de saudades imortais!
De Leonor ide esquecer assim tu fazes?"
Do alto disse o corvo: nunca mais!*

*"Profeta, ave, demônio, ou quer que sejas,
Profeta que tu és, dize, responde,
Ou venhas tu do Averno ou, naufragado,
Acaso o temporal aqui te esconde,
Nesta casa onde só, e tão somente,
O horror tem seus passos triunfais.
Dize: quando haverá conforto à dor?"*

E respondeu-me o corvo: nunca mais!

*"Profeta, ave, demônio, ou quer que sejas,
 Profeta que tu és, responde, fala.
 Pelo céu que se estende ao infinito,
 Por Deus que é nosso Deus, há de abraçá-la,
 Dize só: poderá minh'alma triste
 Unir-se, além dos lares sepulcrais,
 À virgem que entre os anjos é Leonor?"
 E o corvo respondeu-me: nunca mais!*

*"Profeta, ave, demônio, ou quer que sejas,
 Cala-te! e volta, já, pra tua noite!
 Regressa ao temporal donde fugiste;
 Que eu fique só aqui, mas não te acoite!
 Vai-te! leva contigo essa mentira!
 Carrega-te com as garras tão fatais
 que rasgam-me no peito a minha dor!
 E o corvo respondeu-me: nunca mais!*

*E fica ali pousado e quedo o corvo
 Sobre o busto de Palas, tão bisonho;
 Que, ao ver-lhe o duro senho carregado,
 Julga-se ver um demo em pleno sonho.
 No chão a sombra dele reproduz-se
 Perfeitamente em linhas funerais,
 E minh'alma que geme, presa e triste
 Fora dela não sai! Oh! nunca, mais!*

Adaptação ortográfica: Iba Mendes
 Apud Iba Mendes no site *O Poeteiro*.

O CORVO

18.11 Tradução: Emílio de Meneses - (1917?)

À memória de Machado de Assis

*O inexcédido e inexcédível tradutor do genial
poema de Edgar Poe, consagro esta pálida
paráfrase que em nada se aproxima e jamais
pretendeu aproximar-se da imorredoura
tradução feita pelo Mestre dos Mestres.*

I

*Desta amarga existência em certo amargo dia,
À hora da meia-noite, augural e profana,
Eu, de velha doutrina, as páginas relia
Curvo ao peso do sono e da fadiga insana.*

*Mal do meu pensamento a direção seguia
Por essa hora de horror em que da treva emana
Toda em funda hediondez, desolada e fria,
Da atra recordação, a atra saudade humana.*

*Foi assim que senti, do meu triste aposento,
Como um leve sussurro a passar, lento e lento,
E uma leve pancada a bater nos umbrais.*

*Disse comigo: é alguém que pela noite fora,
Vem, retarda visita, e retarda-se agora...
A bater mansamente à porta, nada mais!...*

II

*Ó se o recorde, e bem! numa invernia brava,
O ríspido e glacial Dezembro decorria
E, da lareira ao chão, cada brasa lançava
O supremo fulgor da sua lenta agonia.*

E eu a esperar, em vão, a aurora que tardava

*Queria, em vão, achar nessa velha teoria
Contida no volume antigo que estudava,
Um consolo sequer à dor que me pungia.*

*Em vão! consolo, em vão! à minha dor profunda
Em vão repouso, em vão! à alma que se me inunda
Desta imortal saudade aos prantos imortais.*

*Porque jamais se esquece, alma consoladora
Como essa que nos céus é chamada Eleonora,
Nome que nunca mais ouvirei, nunca mais!*

III

*Ante o vago oscilar, indefinido e brando,
Das cortinas que o vento, ao leve, sacudia,
Ia-me o coração sinistramente entrando
O sombrio terror da noite erma e sombria.*

*Um tétrico pavor que então desconhecia
E que me estrangulava o peito miserando,
A alma, sem compaixão, de dúvidas me enchia
E pouco a pouco foi meu ser avassalando.*

*Enfim, para volver à ambiciosa calma
E a coragem, de novo, amparar-se-me d'alma,
Repetia a mim mesmo estas palavras tais:*

*"Nada mais é talvez que retarda visita
Que vem de noite em fora e entrada solícita!
É visita que vem, por certo, nada mais!"*

IV

*A calma que até aí do peito me fugia
Voltou de novo ao peito e, à coragem primeira,
Não mais vacilações, não mais mente erradia!
Ao estranho rumor falo desta maneira:*

*"Como nesta ocasião o sono me prendia
E a pancada foi tal, tão leve e tão ligeira,*

*Que presto não corri; perdoai-me esta ousadia
Dama ou senhor que estais da minha porta à ombreira.*

*Tão receosamente e vagarosamente
Batestes, que não fui receber-vos contente,
Como hóspede que sois e à minha porta estais.*

*E assim falando e olhando, escancarei a porta,
Mas só encontrei naquela hora adiantada e morta,
treva! Treva somente! A treva e nada mais!*

V

*Cravo os olhos na treva e longamente a escruto,
E a treva é muda e é muda a própria ventania,
E longo tempo assim com o próprio medo luto,
De dúvida e terror povoando a fantasia.*

*Sonhos que outro mortal, como eu nunca ousaria
Sonhar, me vêm num bando esmagador e bruto.
Profunda calma aquieta a quieta calmaria,
Imóvel é o silêncio e só o silêncio escuto!...*

*A única voz humana, o único som ouvido,
É este nome, em surdina e a medo proferido;
É este nome que encerra os meus mortos ideais.*

*Sou eu quem o profere, eu que o trago na mente,
E um eco a repercutir, repete-o vagamente:
- "Eleonora! Eleonora!" É isto e nada mais!*

VI

*Entrei de novo em ânsia e ardendo a estranho fogo,
Senti que, dentro de mim, todo o meu ser ardia.
Ouvi distintamente outra pancada e, logo,
De outra pancada o som mais claro percutia.*

*A essa nova impressão, volto-me e monologo:
Talvez cousa qualquer me bata á gelosia.
Certamente que sim, pois que ludíbrio e jogo
Do pavor de mim mesmo, eu, certo, não seria!*

*Fujamos, pois, do medo ao tenebroso império!
 Ânimo, coração! sondemos o mistério,
 Se bem que a noite esteja uivando aos vendavais.*

*E continuando fui: Nada mais foi que o vento,
 Não foi mais que o feroz, não foi mais que o violento
 Sopro do furacão! Foi isso e nada mais...*

VII

*Abro a janela e vejo entrar, ruidosamente,
 Amplas asas batendo e ares de fidalguia,
 Um majestoso corvo altivo e irreverente
 Como arauto feral da noite erma e bravia.*

*Sem fazer o menor sinal de cortesia,
 Sem um gesto sequer de hesitação prudente,
 Como entraria um nobre, alta dama entraria,
 Entrou e se alojou despreocupadamente.*

*Vagaroso e solene, ar indolente e farto,
 Exatamente sobre a entrada de meu quarto,
 Seguro abrigo achou acima dos portais*

*Esta recordação até agora me enerva:
 Sobre um pálido busto antigo de Minerva,
 Rígido e senhorial, postou-se e nada mais!*

VIII

*A este pássaro audaz, de ébano a cor das penas,
 Grave na compostura e na fisionomia,
 Que ao cérebro me dava idéias mais serenas
 Que me acalmava o peito, e a sorrir me induzia.*

*Voltando-me disse eu: "Tu que te não encenas
 De altas cristas ou poupa à negra frontaria,
 Velho corvo feral que te mostras apenas,
 Certo, não és vil núncio da covardia.*

*Corvo! antigo viajor que das regiões da noite
Partiste a procurar um teto que te acoite,
Dize-me tu quais são teus títulos reais!*

*Qual a pátria ante a qual teu orgulho se ufana?
Quais as tuas regiões na noite plutoniana?...
E o corvo senhorial respondeu: "Nunca mais!..."*

IX

*Ao perceber assim que a ave me compreendia
E que dava resposta a esta pergunta estranha
Que eu, entre espanto e medo, a medo lhe fazia,
Senti, de pasmo, n'alma um peso de montanha.*

*Porque ainda quem tenha uma intuição tamanha
Capaz de perceber o que outrem mal veria,
Certo, não achará neste dédalo um guia
Para o tirar do caos em que a alma se emaranha!*

*Ninguém verá, como eu, a ave negra num busto,
Sem que a mova o receio e sem que a mova o susto,
Tranqüila espreguiçando as asas triunfais,*

*Ouvir a minha voz a lhe indagar o nome
E ante a curiosidade atroz que me consome,
Dizer-me simplesmente a frase: Nunca mais!...*

X

*A ave hedionda, entretanto, erma, a encimar o busto,
Sobre cuja brancura as asas distendia,
Como se essa palavra o sentido mais justo
Tivesse e contivesse a suprema harmonia;*

*Fosse do pensamento um invólucro augusto
Cheio de precisão e cheio de energia,
Nada mais pronunciou, nem ao menos, a custo,
Uma pluma moveu da plumagem macia.*

Eu que continha mal toda a minha saudade,

*Apenas murmurei: Amigos de outra idade
Tive, partiram; certo, assim também te vais!*

*Assim também te irás, mal rompa em luz a aurora!
Esperanças que tive, assim fostes embora!
E o corvo repetiu a frase: Nunca mais!...*

XI

*Todo o assombro em meu ser por tremor se anuncia,
Ouvindo a ave augural sem o menor estorvo,
Tal resposta me dar, com tanta analogia
Que inda agora, a lembrá-la, eco por eco a sorvo.*

*Certo a frase aprendeu na triste companhia
De algum mestre infeliz cujo destino torvo,
Da dor o escravizou da fera tirania,
E a sabe assim de cor, o foragido corvo!*

*Tantas vezes a ouviu. Tão repetidamente
O seu mestre infeliz lha fez vibrar na mente,
Que hoje a profere a rir, como a profere em ais!*

*De profundis! cruel de uma morta esperança,
Tão tristonhas canções deixaram na lembrança,
Do corvo este estribilho, este só: Nunca mais!*

XII

*Como apesar de tudo a calma conseguia
Fazer-me d'alma vir, do lábio, um riso, à tona,
Chegando-me ao portal, do corvo hospedaria,
Sentei-me e recostei-me a uma antiga poltrona.*

*Frente à frente do corvo, a alma já me sorria
E toda entregue a mim, como quem se abandona,
Busco ansioso indagar que novas me traria
O fúnebre viajor que inda hoje me emociona!*

*Procuro compreender qual o escondido gozo
Desse vil e sinistro arauto tenebroso*

Que em dois termos resume os seus vis cabedais;

*Que os seus vis cabedais de ciência e e de linguagem
Resume ao exhibir-me a tétrica plumagem
Crocitando e grasnando a frase: Nunca mais!*

XIII

*Deixo-me após ficar com quem se extasia
Entre a alucinação e a funda conjetura,
Ante a luz da razão e a névoa da utopia,
Sem nada a me apoiar a mente mal segura.*

*Nada mais pronunciei, nem um som se me ouvia
E como a um ferro em brasa, a uma horrível tortura,
Da ave ao olhar hostil e à pérfida ironia
N'alma entrou-me o terror que as almas transfigura.*

*Mas a um torpor de quem vagamente ressona,
Recosto-me ao espaldar dessa velha poltrona
Que eu para ali trouxera em ânsias infernais,*

*E vejo a luz brilhar sobre o roxo veludo
Em que por tanta vez d'Ela o semblante mudo
Brilhou, mas nunca mais brilhará! Nunca mais!*

XIV

*Sinto assim a envolver-me uma nuvem de incenso,
Solta de um incensório oculto que pendia
Das invisíveis mãos de anjos que em coro extenso,
Revoavam roçagando a ampla tapeçaria.*

*Haurindo o ar aromado e, de bálsamo, denso,
De mim para mim mesmo exclamo em gritaria:
Infeliz! Infeliz! Um Deus piedoso e imenso
Pelos anjos te manda o repouso e a alegria!*

*Do nepentes é o sumo! Ei-lo, bebe-o! Ei-lo, esquece!
Ele é a seara do bem, do esquecimento a messe!
Nele ouvirás a voz dos gozos celestiais!*

*É o nepentes ideal que Deus te manda agora!
 Bebe-o! Bebe-o olvidando a tua morta Eleonora!
 E o corvo crocitou de novo: - Nunca mais!*

XV

*Pássaro ou Satanás, ave de profecia,
 Sejas ave ou Satã, sempre hás de ser profeta!
 Venhas do teu inferno ou da brava invernia
 Que náufrago te fez, acalma esta alma inquieta.*

*Já que a noite exigiu, no vôo que te guia,
 Que caisses aqui, onde a angústia secreta,
 Onde o secreto horror tem teto ou moradia,
 Do pouco que disseste o sentido completa!*

*Dize-me, por quem és, se neste mundo triste,
 Existe algum repouso, algum consolo existe
 Para estes meus cruéis sofrimentos mortais!*

*Existe esse mendaz bálsamo da Judéia
 Que, da saudade, a dor nos arranca da idéia?
 E o corvo, inda outra vez, repetiu: Nunca mais!*

XVI

*Profeta ou Satanás, negro ser da desgraça!
 Profeta sempre atroz de negra profecia,
 Pelo azul deste céu que sobre nós se espaça,
 Pelo Deus, todo luz, que em ambos nós radia,*

*Dize a esta alma sem luz e de dúvidas baça,
 Baça de incertidão e de melancolia:
 Ser-lhe-á dado abraçar o anjo que entre anjos passa,
 E de cujo esplendor hoje o céu se atavia?*

*Ser-lhe-á dado abraçar a virgem pura e santa,
 Virgem casta e piedosa e que os anjos encanta
 Com seus gestos de encanto e encantos virginais?*

Ser-lhe-á dado abraçar, oh! dize-o sem demora,

*A rútila, a radiosa, a radiante Eleonora?
E o corvo rouquejou, roufenho: Nunca mais!*

XVII

*"Que negra palavra, enfim! de negra profecia
Do teu regresso o início ambicionado seja!
Regressa ao reino teu, à noite que te envia,
À noite plutoniana, essa que em ti negreja!*

*Volve! Cala essa voz que me fere e angustia!
Reentra no temporal, volve à tua peleja
De lá fora e não fique uma só pluma esguia
Neste chão, de tua vil plumagem malfazeja!*

*Não quero que de ti uma reminiscência
Fique nesta de dor, sagrada residência,
Sobre a qual distendeste as asas funerais!
Vai-te! Deixa da deusa a face casta e branca!
Arranca-me do seio as garras vis, arranca!"
E o corvo crocitou de novo: Nunca mais!*

XVIII

*E o corvo permanece em perpétua estadia,
Sinistro a repousar, do mármore à brancura.
Quem o contempla assim pela verdade jura
Que algum sonho feroz seu aspecto anuncia.*

*É um demônio a sonhar sonhos que o inferno cria
E que lhe enrijam mais a rija catadura,
Tal o fulgor do olhar que os olhos lhe alumia
E com que a própria sombra ele sondar procura.*

*Essa sombra que a luz da lâmpada suspensa
Faz refletir no chão, qual atra nuvem densa,
No mesmo chão negreja em linhas sepulcrais:*

*E desse âmbito negro, esse âmbito de sombra,
Minha alma que da dor da saudade se assombra,
Nunca mais sairá! Nunca mais! Nunca mais!*

Publicado no livro Últimas Rimas, 1917

O CORVO

18.12 Tradução: Gondin Da Fonseca (1928)

*Certa vez, quando, à meia-noite eu lia, débil, extenuado,
um livro antigo e singular, sobre doutrinas do passado,
meio dormindo - cabeceando - ouvi uns sons trêmulos, tais
como se leve, bem de leve, alguém batesse à minha porta.
É um visitante", murmurei, "que bate leve à minha porta.
Apenas isso, e nada mais."*

*Bem me recordo! Era em dezembro. Um frio atroz, ventos cortantes...
Morria a chama no fogão, pondo no chão sombras errantes.
Eu nos meus livros procurava - ansiando as horas matinais -
um meio (em vão) de amortecer fundas saudades de Lenora,
- bela adorada, a quem, no céu, os querubins chamam Lenora,
e aqui, ninguém chamará mais.*

*E das cortinas cor de sangue, um arfar soturno, e brando, e vago
causou-me horror nunca sentido, - horror fantástico e pressago.
Então, fiquei (para acalmar o coração de sustos tais)
a repetir: "É alguém que bate, alguém que bate à minha porta;
Algum noturno visitante, aqui batendo à minha porta;
é isso! é isso e nada mais!"*

*Fortalecido já por fim, brado, já perdendo a hesitação:
"Senhor! Senhora! quem sejais! Se demorei peço perdão!
Eu dormitava, fatigado, e tão baixinho me chamais,
bateis tão manso, mansamente, assim de noite à minha porta;
que não é fácil escutar. Porém só vejo, abrindo a porta,
a escuridão, e nada mais.*

*Perquiro a treva longamente, estarrecido, amedrontado,
sonhando sonhos que, talvez, nenhum mortal haja sonhado.
Silêncio fúnebre! Ninguém. De visitante nem sinais.
Uma palavra apenas corta a noite plácida: - "Lenora!".
Digo-a em segredo, e num murmúrio, o eco repete-me - "Lenora!"
Isto, somente - e nada mais.*

*Para o meu quarto eu volto enfim, sentindo n'alma estranho ardor,
e novamente ouço bater, bater com mais vigor.
"Vem da janela", presumi, "estes rumores anormais.
Mas eu depressa vou saber donde procede tal mistério.*

*Fica tranqüilo, coração! Perscruta, calmo, este mistério.
É o vento, o vento e nada mais!"*

*Eis, de repente, abro a janela, e esvoaça então, vindo de fora,
um Corvo grande, ave ancestral, dos tempos bíblicos, - d'outrora!
Sem cortesias, sem parar, batendo as asas noturnais,
ele, com ar de grão-senhor, foi, sobre a porta do meu quarto,
pousar num busto de Minerva, - e sobre a porta do meu quarto
quedou, sombrio, e nada mais.*

*Eu estava triste, mas sorri, vendo o meu hóspede noturno
tão gravemente repousado, hirto, solene e taciturno.
"Sem crista, embora" - ponderei -, "embora ancião dos teus iguais,
não és medroso, ó Corvo hediondo, ó filho errante de Plutão!
Que nobre nome é acaso o teu, no escuro império de Plutão?"
E o Corvo disse: "Nunca mais!"*

*Fiquei surpreso - pois que nunca imaginei fosse possível
ouvir de um Corvo tal resposta, embora incerta, incompreensível,
e creio bem, em tempo algum, em noite alguma, entes mortais
viram um pássaro adejar, voando por cima de uma porta,
e declarar (do alto de um busto, erguido acima de uma porta)
que se chamava "Nunca mais".*

*Porém o Corvo, solitário, essas palavras só murmura,
como que nelas refletindo uma alma cheia de amargura.
Depois concentra-se e nem move - inerte sobre os meus umbrais -
uma só pena. Exclamo então: "Muitos amigos me fugiram...
Tu fugiras pela manhã, como os meus sonhos me fugiram..."
Responde o Corvo: "Oh! Nunca mais!"*

*Pasmo, ao varar o atroz silêncio uma resposta assim tão justa,
e digo: "Certo, ele só sabe essa expressão com que me assusta.
Ouviu-a, acaso, de algum dono, a quem desgraças infernais
hajam seguido, e perseguido, até cair nesse estribilho,
até chorar as ilusões com esse lúgubre estribilho
de - "nunca mais! oh! nunca mais!".*

*De novo, foram-se mudando as minhas mágoas num sorriso...
Então, rodei uma poltrona, olhei o Corvo, de improviso,
e nos estofos mergulhei, formando hipóteses mentais
sobre as secretas intenções que essa medonha ave agoureira
- rude, sinistra, repulsiva e macilenta ave agoureira, -*

tinha, grasnando "Nunca mais".

Mil coisas vagas pressupus... Não lhe falava, mas sentia que me abrasava o coração o duro olhar da ave sombria. ... E assim fiquei, num devaneio, em deduções conjeturais, minha cabeça reclinando - à luz da lâmpada fulgente nessa almofada de veludo, em que ela, agora, - à luz fulgente -, não mais descansa - ah! nunca mais.

Súbitamente o ar se adensou, qual se em meu quarto solitário, anjos pousassem, balançando um invisível incensário. "Ente infeliz" - eu exclamei. - "Deus apiedou-se dos teus ais! Calma-te! calma-te e domina essas saudades de Lenora! Bebe o nepente benfazejo! Olvida a imagem de Lenora! E o Corvo disse: "Nunca mais."

"Profeta!" - brado. "Anjo do mal, Ave ou demonio irreverente que a tepestade, ou Satanás, aqui lançou tragicamente, e que te vês, soberbo, nestes desertos areais, nesta mansão de eterno horror! Fala! responde ao certo! Fala! Exite bálsamo em Galaad? Existe? Fala, ó Corvo! Fala!" E o Corvo disse: "Nunca mais."

"Profeta!" - brado. "Anjo do mal, Ave ou demonio irreverente, dize, por Deus, que está nos céus, dize! eu to peço humildemente, dize a esta pobre alma sem luz, se lá nos páramos astrais, poderá ver, um dia, ainda, a bela e cândida Lenora, amada minha, a quem, no céu, os querubins chamam Lenora!" E o Corvo disse: "Nunca mais."

"Seja essa frase o nosso adeus" - grito, de pé, com aflição. "Vai-te! Regressa à tempestade, à noite escura de Plutão! Não deixes pluma que recorde essas palavras funerais! Mentiste! Sai! Deixa-me só! Sai desse busto junto à porta! Não rasgues mais meu coração! Piedade! Sai de sobre a porta!" E o Corvo disse: "Nunca mais."

E não saiu! e não saiu! ainda agora se conserva pousado, trágico e fatal, no busto branco de Minerva. Negro demônio sonhador, seus olhos são como punhais! Por cima, a luz, jorrando, espalha a sombra dele, que flutua... E a alma infeliz, que me tombou dentro da sombra que flutua, não há de erguer-se, "Nunca mais".

O CORVO

18.13 Tradução: Aurélio De Lacerda (1949)

*Certa vez, numa noite tempestuosa, à meia-noite lúgubre e trevosa,
Eu, cabeceando, exausto e sonolento, estava a ler velhíssimos anais
De um antigo saber hoje esquecido, e cochilava, quando ouvi um ruído
Como de alguém que tivesse batido, a medo, leve, à porta do meu quarto.
"Um visitante — murmurei — decerto, está batendo à porta do meu quarto.
Deve ser isso, e nada mais".*

*Ah! bem distintamente ainda me lembro! Era no frio, gélido Dezembro;
E o fogo na lareira se apagando enchia o chão de sombras espectrais.
Que viesse a aurora, ansioso, eu desejava; em vão, nos livros meus, a ler buscava
Algun consolo à mágoa em que me achava — a mágoa atroz da perda de Lenora
A radiante e formosa criatura a quem hoje, nos céus, chamam Lenora
E nome aqui não terá mais.*

*E o sedoso, soturno sussurrar da purpúrea cortina a drapejar
Todo me arrepiava à alma trazendo uns pavores estranhos, anormais.
Querendo, então, vencer meu vão alarme, ergui-me a repetir, para acalmar-me:
"É só alguém que veio visitar-me e bate agora, assim, à minha porta.
Algun noturno visitante, alguém que chegou tarde e bate à minha porta.
É isto só — e nada mais".*

Minha alma assim se foi fortalecendo, e pude então dizer, não mais temendo:

"Senhor, senhora, quem sejas, perdão, se à tempestade, fora,
me esperais,
Tanto tempo depois de haver batido! A verdade é que eu
estava adormecido
E mal podia mesmo ter ouvido esse bater tão leve, à minha
porta.
Esse bater tão leve, tão de manso!" — E abri, então, de par
em par, a porta:
A escuridão — e nada mais!

De pé, à porta, o escuro a esquadrihar, longo tempo fiquei,
triste, a pensar,
A temer, a sonhar, sonhando ali sonhos jamais sonhados por
mortais...
Mas da noite o silêncio persistiu; nem coisa alguma entre as
trevas surgiu,
E, num leve sussurro, só se ouviu uma palavra, um nome, e foi
— Lenora!
Isto, pensando nela, eu sussurrara; e um eco repetiu depois —
Lenora!
Isto somente, e nada mais.

Entrando no meu quarto novamente, a alma abrasada numa
chama ardente,
Logo outra vez ouvi o tal bater, em pancadas mais fortes, mais
brutais.
"Foi na janela! — exclamo. — Eu bem dizia! Isto é só o furor
da ventania
Que bate da janela à gelosia. E já vou desvendar esse
mistério!
Calma-te agora, coração, sossega, e deixa-me explorar esse
mistério!
Isto é o vento, e nada mais!"

Abri então, de súbito, a janela! E voando, esvoaçando, entrou
por ela
Um velho Corvo negro, tenebroso, ave augural dos tempos
ancestrais!
Sem me saudar sequer e sem parar, pelo quarto se pôs a
esvoaçar,
Até que, como um "lord", foi pousar, orgulhoso, num busto
alvo de Palas

*Que havia sobre a porta do meu quarto, e, soberbo, no busto
alvo de Palas
Pousou, quedou-se — e nada mais.*

*Mas sucedeu que, olhando essa ave escura, um sorriso distrai
minha amargura,
Pois engraçado achei-lhe o porte altivo, as soberbas maneiras
senhoriais.
"De crista nua embora — então murmuro, — um covarde não
és, eu o asseguro,
Ó velho bicho feio, magro, escuro, escapado das praias de
Plutão!
Qual será o teu nome senhoril, lá nas noturnas praias de
Plutão?!..."
E o Corvo, disse: "Nunca mais".*

*Estranhei que ave estulta assim houvesse entendido a
pergunta, e a respondesse,
Embora fosse uma resposta estranha, aquela, proferida em
termos tais,
Porque ninguém decerto suporia, e acreditar nem mesmo eu
ousaria
Que algum mortal pudesse ver um dia um pássaro surgir à
sua porta,
Um pássaro ou qualquer outro animal, pousado sobre um
busto, à sua porta,
Tendo por nome "Nunca mais".*

*Mas o Corvo, no busto onde pousara, após aquilo, pronto, se
calara,
Como se houvesse esvaziado a alma ao proferir tais palavras
fatais.
Ficou soturno, em plácida postura, e sem mover uma só pena
escura,
Até que eu murmurei, com amargura: "Outros amigos,
quantos, já se foram!..."
Pela manhã, este se irá também, como os meus sonhos todos
que se foram..."
E o Corvo disse: "Nunca mais!"*

*Rompe o silêncio e dessa vez me assusta, essa resposta — que
era clara e justa!*

*Mas logo refleti: "É natural! São esses os seus termos habituais...
 Sabe acaso só isso, e o aprendeu de algum desventurado dono seu
 Que a sorte, sempre ingrata, ensandeceu, e a quem restou somente o estribilho
 Com que fazia os tristes funerais das mortas esperanças, o estribilho
 De "Nunca mais! ai, nunca mais!"*

*Mas como olhar o bicho distraía aquela dor sem nome que eu sentia,
 Logo girei uma poltrona e, ali imerso em deduções filosófais,
 Em frente a porta, ao busto e ao Corvo mudo afundado no plácido veludo,
 Pus-me a fantasiar, num vão estudo, a imaginar porque a ave agoureira,
 Aquela feia, negra, repulsiva, espectral e grotesca ave agoureira
 Grasnava sempre "Nunca mais".*

*E assim fiquei em sonhos, a cismar, sem nada mais, contudo, acrescentar
 A ave soturna, cujos olhos cruéis, fitos em mim, varavam quais punhais.
 E assim fiquei cismando meditando, a cabeça em repouso reclinando
 Sobre o espaldar aveludado e brando, iluminado pela luz da lâmpada,
 Esse espaldar em cuja macieza a cabeça querida, à luz da lâmpada,
 Não porá ela — nunca mais!*

*Então o ar foi ficando mais denso, ali no quarto, qual se leve incenso
 Estivessem uns anjos esparzindo — e eu lhes ouvia os passos celestiais!
 "Desgraçado! — exclamei — Deus apiedou-se! Um mensageiro Dele te trouxe
 Esquecimento, paz, alívio doce à dolorosa perda de Lenora!
 Bebe depressa o salutar nepente, e esquece! esquece a perda de Lenora!"
 E o Corvo disse: "Nunca mais!"*

*"Profeta! — então gritei — Ente do mal! Profeta, sejam duende ou animal,
Que acaso o Tentador mandou a mim ou que fugido vens dos temporais,
E assim chegaste aqui sozinho e ousado a este lar de tristezas devastado,
A este mundo de horrores assombrado — agora dize, eu peço, eu to suplico:
Bálsamo se acha, um dia, em Galaad? Acha se, enfim? Oh, dize! eu to suplico!"
E o Corvo disse: "Nunca mais!"*

*"Profeta! — continuei — Ente do mal! Profeta, sejam duende ou animal!
Pelo Deus que adoramos, eu e tu, pelas sublimes plagas celestiais,
Dize a esta alma que vês sofrendo assim se ela, no Éden, um dia, há de, por fim,
Abraçar novamente um querubim — aquela a quem nos céus chamam Lenora!
Se abraçará a excelsa criatura a quem hoje nos céus chamam Lenora!"
E o Corvo disse: "Nunca mais!"*

*"Seja, pois, isso o teu adeus! — bradei — Ave ou demônio! (e então me levantei,
Desvairado de dor). Retorna agora à tempestade e às praias infernais!
De ti uma só pena aqui não reste atestando a mentira que disseste!
Fique eu só qual estava quando vieste! Afasta-te, arreda desse busto!
Tira teu bico que me fere o peito e sai daí de cima desse busto!"
E o Corvo disse: "Nunca mais!"*

*E nunca mais se foi o Corvo horrendo! Ali o vejo, ali sempre o estou vendo,
Negro, no busto branco onde pousou, sem desse busto se arredar jamais...
E arde um fogo cruel em seu olhar, que lembra o de um demônio a meditar.*

*E a branda luz da lâmpada a oscilar põe-lhe a sombra
bailando pelo chão
E minha alma infeliz presa a esta sombra, a esta sombra que
baila pelo chão,
Não há de erguer-se — nunca mais!*

*in Diário de Notícias, 30 de outubro de 1949. Adaptação ortográfica Iba
Mendes no site O Poeteiro.*

PARÓDIA BRASILEIRA EM DOMÍNIO PÚBLICO

18.14 *O Gorvo P'ru Raule Juó Bananére (1924)*

*A NOTTE stava sombria,
I tenia a ventania,
Chi assuprava nu terrêro
Come o folli du ferrêro.*

*Io estava c'un brutto medó
Lá dentro du migno saló,
Quano a gianella si abri
I non s'imagina o ch'io vi!*

*Un brutto gorvo chi entrô,
I mesimo na gabeza mi assentô!
I disposa di pensá un pochigno,
Mi dissi di vagarigno:*

*— Come vá sô giurnaliste?
Vucê apparece chi stá triste?
— Nos signore, sô dottore...
Io stô c'un medo do signore*

*— Non tegna medo, Bananére,
Che io non sô disordiére!
— Poise intó desça di lá
I vamos acunversá.*

*Ma assí che illo descê
I p'ra gara delli io ogliê
O Raule ariconecí,
I disse p'ra elli assí:*

*— Boa noute Raule, come vá!
Intó vuce come stá
Vendosi adiscobrido o rapaise,
Abatê as aza, avuô, i disse: nunga maise!*

in La Divina Incrénca. 2ª ed. Folco Masucci, Brasil, 1966.

**“O CORVO”
TRADUÇÕES PORTUGUESAS**

O CORVO

19 (A gênese de um poema)

19.1 Tradução: Mécia Mouzinho De Albuquerque (1889)

Uma vez, à hora lugubre da meia-noite, eu meditava, fraco, fatigado, quasi adormecido, sobre muitos volumes interessantes e valiosos de uma doutrina esquecida. De repente, ouvi um ligeiro ruído, como de alguém batendo, ao de leve, à porta do meu quarto. «É alguma visita», murmurei eu, e nada mais.

Estavamos em Dezembro, lembro-me distintamente. As achas meio queimadas desenhavam no solo o reflexo da sua agonia.

Eu desejava ardentemente a manhã! Em vão pedia aos livros o esquecimento das minhas maguas... Pensava sempre n'ella, na minha Leonor perdida, na mulher rara e deslumbrante que os anjos chamam ainda Leonor e que os homens não chamam mais!

O vago sussurro dos reposteiros ondulantes penetrava-me de um terror phantastico e melancolico. Para acalmar a agitação que me assustava, levantei-me, repetindo: «É alguém que bate à minha porta, alguma visita tardia, que solicita a entrada do meu quarto; sim, é isso, e nada mais.» Então senti o espirito um pouco fortalecido, e sem hesitar mais tempo:

— Senhor, digo eu, ou senhora, tende a bondade de perdoar-me. Estava meio adormecido e bateste tão devagarinho que apenas tenho a consciencia de vos ter ouvido.

Assim dizendo, abri a porta de par em par, mas vi só trevas e nada mais!

E a prescrutal-as profundamente, fiquei muito tempo cheio de espanto, de receio e de duvida, fazendo sonhos que mortal algum jámais ousou sonhar; mas nada perturbou o silencio e a immobildade das trevas, senão um nome proferido por mim: «Leonor!» e o echo murmurando a seu turno «Leonor!» Só isto e nada mais!

Tornando a entrar no quarto, com a alma em fogo, ouvi um ruído algum tanto mais forte que o primeiro. "Ha por força alguma cousa de extraordinario nas taboinhas da minha janella; vamos vêr o que é, exploremos este mysterio.

Provavelmente, é o vento, e nada mais!"

Abri então a janella, e um corvo majestoso, digno dos antigos tempos, entrou pelo quarto a dentro, com um bater de azas tumultuoso. Sem me fazer uma simples cortezia, adeantou-se com a importancia de um lord ou de uma lady, e empoleirou-se n'um busto de Pallas, colocado justamente por cima da porta do meu quarto.

A gravidade do seu aspecto e a severidade da sua physionomia fizeram sorrir a minha triste imaginação:

— Embora tua cabeça, disse-lhe-eu, não tenha pôpa nem cimeira, não és por certo um passaro ordinario. Dize-me qual o teu nome senhorial nas costas da noite plutonica?

O corvo disse:

— Jámais.

Fiquei pasmado de vêr aquelle desengraçado volatil comprehender assim a palavra, posto que a sua resposta não tivesse um grande senso, nem respondesse de modo algum à minha pergunta; porque é preciso confessar que nunca foi dado a um homem vivo, vêr, por cima da porta de seu quarto, um passaro ou um bicho, sobre um busto esculpido, com semelhante nome: "Jámais!"

Mas o corvo, solitariamente empoleirado no busto placido, não proferiu senão aquella palavra unica, como se n'ella toda a sua alma se espargisse. Então murmurei em voz baixa:

— Todos os amigos me têm deixado: amanhã tambem este me fugirá, assim como todos os outros me fugiram, assim como voaram as minhas ridentes esperanças!

E o passaro tornou a dizer:

— Jámais!

Ao ouvir aquella resposta tanto a proposito, estremeci.

— Provavelmente, disse eu commigo mesmo, não sabe senão esta palavra. Isto elle aprendeu com algum mestre infortunado, a quem a impia desgraça perseguiu sem treguas, e cujos cantares acabaram por não ter senão aquelle melancolico estribilho, especie de De profundis de todas as suas esperanças:

— Jámais!

Mas o corvo induzindo ainda a minha alma triste a sorrir, puxei a cadeira para defronte d'elle, do busto e da porta, e comecei a ligar idéia com idéia, procurando adivinhar o que aquella ave agoureira de outros tempos, o que aquelle triste, desengraçado, sinistro, magro e agoureiro passaro de outros

tempos, queria significar com o seu Jámais!

Assim me detive um tempo, sonhando, meditando, porém sem dirigir mais a palavra ao passaro, cujo olhar ardente me abrazava até ao intimo do coração. Eu procurava adivinhar o estribilho do corvo e muitas cousas mais, com a cabeça encostada ao estofo da cadeira; esse estofo macio de velludo violeta, onde a cabeça d'ella se recostava outr'ora!... onde não se recostará jámais!

Então pareceu-me que o ar se tornava mais espesso, perfumado por um thuribulo invisivel, balouçado por seraphins, cujos passos deslisaram pelo tapete do quarto.

— Desgraçado! exclamei eu; Deus, pelos seus anjos, manda-te treguas e nepenthes contra as saudades de Leonor! Bebe, oh! bebe este bom nepenthes e esquece Leonor, perdida para sempre!

E o corvo tornou a dizer:

— Jámais!

— Propheta! disse eu de desgraça! passaro ou demonio, comtudo propheta! quer sejas um mensageiro do Tentador, ou um simples naufrago, lançado pela tempestade a esta terra deserta e enfeitiçada, a este lar de miseria e de horror, dize-me sinceramente — supplico-t'o! — é verdade que existe um balsamo da Judéa? oh! dize-m'o, dize-m'o por piedade!

O corvo respondeu:

— Jámais!

— Propheta, continuei eu, ser de desgraça! passaro ou demonio, comtudo propheta! Pelo céo que nos cobre, pelo Deus que ambos adoramos, dize-me se esta alma, esmagada pela dôr, poderá um dia, no paraíso longinquo, abraçar uma donzella santa, preciosa e deslumbrante, a quem os anjos chamam Leonor?

O corvo disse:

— Jámais!

— Sejam as tuas palavras o signal da nossa separação, passaro ou demonio! exclamei eu, pondo-me em pé. Volta à tempestade e às costas da noite plutonica! Não deixes aqui nem uma só das tuas pennas negras, em memoria da mentira que acabas de proferir. Não violes por mais tempo a minha solidão. Tira-te da minha porta, arranca o teu bico do meu coração e precipita o teu espectro para bem longe d'este quarto!

— Jámais!

E, immutavel, continúa sempre empoleirado no palido

busto de Pallas, por cima da porta do meu quarto. Os seus olhos, com um brilho demoníaco, parecem pensativos; a luz da minha lampada projecta a sua sombra sobre o solo, e além do círculo d'esta sombra, que jaz fluctuante sobre o solo, a minha alma não poderá elevar-se jámais!

Originalmente publicado por Companhia Nacional Editora, Lisboa, Portugal.

E na edição brasileira "Novellas Extraordinarias", editora H. Garnier em 1903, sem crédito de autoria da tradução.

Apud Denise Bottmann não gosto de plágio. Independentemente de debate sobre a efetiva autoria, o fato é que de todo modo o está já é de domínio público, com base numa ou noutra data de publicação.

Cf. informações disponíveis no site de Elson Fróes

O Corvo

19.2 Tradução: Fernando Pessoa (1924)

*Numa meia-noite agreste, quando eu lia, lento e triste,
Vagos, curiosos tomos de ciências ancestrais,
E já quase adormecia, ouvi o que parecia
O som de alguém que batia levemente a meus umbrais.
"Uma visita", eu me disse, "está batendo a meus umbrais.
É só isto, e nada mais."*

*Ah, que bem disso me lembro! Era no frio dezembro,
E o fogo, morrendo negro, urdia sombras desiguais.
Como eu qu'ria a madrugada, toda a noite aos livros dada
P'ra esquecer (em vão!) a amada, hoje entre hostes celestiais -
Essa cujo nome sabem as hostes celestiais,
Mas sem nome aqui jamais!*

*Como, a tremer frio e frouxo, cada reposteiro roxo
Me incutia, urdia estranhos terrores nunca antes tais!
Mas, a mim mesmo infundido força, eu ia repetindo,
"É uma visita pedindo entrada aqui em meus umbrais;
Uma visita tardia pede entrada em meus umbrais.
É só isto, e nada mais".*

*E, mais forte num instante, já nem tardo ou hesitante,
"Senhor", eu disse, "ou senhora, decerto me desculpais;
Mas eu ia adormecendo, quando viestes batendo,
Tão levemente batendo, batendo por meus umbrais,
Que mal ouvi..." E abri largos, franqueando-os, meus umbrais.
Noite, noite e nada mais.*

*A treva enorme fitando, fiquei perdido receando,
Dúbio e tais sonhos sonhando que os ninguém sonhou iguais.
Mas a noite era infinita, a paz profunda e maldita,
E a única palavra dita foi um nome cheio de ais -
Eu o disse, o nome dela, e o eco disse aos meus ais.
Isso só e nada mais.*

*Para dentro então volvendo, toda a alma em mim ardendo,
Não tardou que ouvisse novo som batendo mais e mais.
"Por certo", disse eu, "aquela bulha é na minha janela.*

*Vamos ver o que está nela, e o que são estes sinais."
Meu coração se distraía pesquisando estes sinais.
"É o vento, e nada mais."*

*Abri então a vidraça, e eis que, com muita negaça,
Entrou grave e nobre um corvo dos bons tempos ancestrais.
Não fez nenhum cumprimento, não parou nem um momento,
Mas com ar solene e lento pousou sobre os meus umbrais,
Num alvo busto de Atena que há por sobre meus umbrais,
Foi, pousou, e nada mais.*

*E esta ave estranha e escura fez sorrir minha amargura
Com o solene decoro de seus ares rituais.
"Tens o aspecto tosquiado", disse eu, "mas de nobre e ousado,
Ó velho corvo emigrado lá das trevas infernais!
Dize-me qual o teu nome lá nas trevas infernais."
Disse o corvo, "Nunca mais".*

*Pasmei de ouvir este raro pássaro falar tão claro,
Inda que pouco sentido tivessem palavras tais.
Mas deve ser concedido que ninguém terá havido
Que uma ave tenha tido pousada nos seus umbrais,
Ave ou bicho sobre o busto que há por sobre seus umbrais,
Com o nome "Nunca mais".*

*Mas o corvo, sobre o busto, nada mais dissera, augusto,
Que essa frase, qual se nela a alma lhe ficasse em ais.
Nem mais voz nem movimento fez, e eu, em meu pensamento
Perdido, murmurei lento, "Amigos, sonhos - mortais
Todos - todos já se foram. Amanhã também te vais".
Disse o corvo, "Nunca mais".*

*A alma súbito movida por frase tão bem cabida,
"Por certo", disse eu, "são estas vozes usuais,
Aprendeu-as de algum dono, que a desgraça e o abandono
Seguiram até que o entono da alma se quebrou em ais,
E o bordão de desesp'rança de seu canto cheio de ais
Era este "Nunca mais".*

*Mas, fazendo inda a ave escura sorrir a minha amargura,
Sentei-me defronte dela, do alvo busto e meus umbrais;
E, enterrado na cadeira, pensei de muita maneira
Que qu'ria esta ave agoureira dos maus tempos ancestrais,*

*Esta ave negra e agoureira dos maus tempos ancestrais,
Com aquele "Nunca mais".*

*Comigo isto discorrendo, mas nem sílaba dizendo
À ave que na minha alma cravava os olhos fatais,
Isto e mais ia cismando, a cabeça reclinando
No veludo onde a luz punha vagas sombras desiguais,
Naquele veludo onde ela, entre as sombras desiguais,
Reclinar-se-á nunca mais!*

*Fez-se então o ar mais denso, como cheio dum incenso
Que anjos dessem, cujos leves passos soam musicais.
"Maldito!", a mim disse, "deu-te Deus, por anjos concedeu-te
O esquecimento; valeu-te. Toma-o, esquece, com teus ais,
O nome da que não esqueces, e que faz esses teus ais!"
Disse o corvo, "Nunca mais".*

*"Profeta", disse eu, "profeta - ou demônio ou ave preta!
Fosse diabo ou tempestade quem te trouxe a meus umbrais,
A este luto e este degredo, a esta noite e este segredo,
A esta casa de ânsia e medo, dize a esta alma a quem atrais!
Se há um bálsamo longínquo para esta alma a quem atrais!
Disse o corvo, "Nunca mais".*

*"Profeta", disse eu, "profeta - ou demônio ou ave preta!
Pelo Deus ante quem ambos somos fracos e mortais.
Dize a esta alma entristecida se no Éden de outra vida
Verá essa hoje perdida entre hostes celestiais,
Essa cujo nome sabem as hostes celestiais!"
Disse o corvo, "Nunca mais".*

*"Que esse grito nos aparte, ave ou diabo!", eu disse. "Parte!
Torna à noite e à tempestade! Torna às trevas infernais!
Não deixes pena que ateste a mentira que disseste!
Minha solidão me reste! Tira-te de meus umbrais!
Tira o vulto de meu peito e a sombra de meus umbrais!"
Disse o corvo, "Nunca mais".*

*E o corvo, na noite infinda, está ainda, está ainda
No alvo busto de Atena que há por sobre os meus umbrais.
Seu olhar tem a medonha cor de um demônio que sonha,
E a luz lança-lhe a tristonha sombra no chão há mais e mais,*

*E a minha alma dessa sombra que no chão há mais e mais,
Libertar-se-á... nunca mais!*

Cf. Disponível em:

https://pt.m.wikisource.org/wiki/O_Corvo_%28tradu%C3%A7%C3%A3o_de_Fernando_Pessoa%29.

Acesso em: 12 set. 2017.

**“LE CORBEAU”
TRADUÇÕES FRANCESAS**

20 La Genèse d'un Poème

POE, Edgar Allan. Traduction par Charles Baudelaire . *Histoires grotesques et sérieuses*, Michel Lévy frères, 1871 (p. 334-371).

La poétique est faite, nous disait-on, et modelée d'après les poèmes. Voici un poète qui prétend que son poème a été composé d'après sa poétique. Il avait certes un grand génie et plus d'inspiration que qui que ce soit, si par inspiration on entend l'énergie, l'enthousiasme intellectuel, et la faculté de tenir ses facultés en éveil. Mais il aimait aussi le travail plus qu'aucun autre ; il répétait volontiers, lui, un original achevé, que l'originalité est chose d'apprentissage, ce qui ne veut pas dire une chose qui peut être transmise par l'enseignement. Le hasard et l'incompréhensible étaient ses deux grands ennemis. S'est-il fait, par une vanité étrange et amusante, beaucoup moins inspiré qu'il ne l'était naturellement ? A-t-il diminué la faculté gratuite qui était en lui pour faire la part plus belle à la volonté ? Je serais assez porté à le croire ; quoique cependant il faille ne pas oublier que son génie, si ardent et si agile qu'il fût, était passionnément épris d'analyse, de combinaisons et de calculs. Un de ses axiomes favoris était encore celui-ci : « Tout, dans un poème comme dans un roman, dans un sonnet comme dans une nouvelle, doit concourir au dénoûment. Un bon auteur a déjà sa dernière ligne en vue quand il écrit la première. » Grâce à cette admirable méthode, le compositeur peut commencer son œuvre par la fin, et travailler, quand il lui plaît, à n'importe quelle partie. Les amateurs du délire seront peut-être révoltés par ces cyniques maximes ; mais chacun en peut prendre ce qu'il voudra. Il sera toujours utile de leur montrer quels bénéfices l'art peut tirer de la délibération, et de faire voir aux gens du monde quel labeur exige cet objet de luxe qu'on nomme Poésie.

Après tout, un peu de charlatanerie est toujours permis au génie, et même ne lui messied pas. C'est, comme le fard sur les pommettes d'une femme naturellement belle, un assaisonnement nouveau pour l'esprit.

Poème singulier entre tous. Il roule sur un mot mystérieux et profond, terrible comme l'infini, que des milliers de bouches crispées ont répété depuis le commencement des âges, et que par une triviale habitude de désespoir plus d'un rêveur a écrit sur le coin de sa table pour essayer sa plume : Jamais plus ! De cette idée, l'immensité, fécondée par la destruction, est remplie du haut en bas, et l'Humanité, non abrutie, accepte volontiers l'Enfer, pour échapper au désespoir irrémédiable contenu dans cette parole.

Dans le moulage de la prose appliqué à la poésie, il y a nécessairement une affreuse imperfection ; mais le mal serait encore plus grand dans une singerie rimée. Le lecteur comprendra qu'il m'est impossible de lui donner une idée exacte de la sonorité profonde et lugubre, de la puissante

monotonie de ces vers, dont les rimes larges et triplées sonnent comme un glas de mélancolie. C'est bien là le poème de l'insomnie du désespoir ; rien n'y manque : ni la fièvre des idées, ni la violence des couleurs, ni le raisonnement maladif, ni la terreur radoteuse, ni même cette gaieté bizarre de la douleur qui la rend plus terrible. Écoutez chanter dans votre mémoire les strophes les plus plaintives de Lamartine, les rythmes les plus magnifiques et les plus compliqués de Victor Hugo ; mêlez-y le souvenir des tercets les plus subtils et les plus compréhensifs de Théophile Gautier, — de Ténèbres, par exemple, ce chapelet de redoutables concetti sur la mort et le néant, où la rime triplée s'adapte si bien à la mélancolie obsédante, — et vous obtiendrez peut-être une idée approximative des talents de Poe en tant que versificateur ; je dis : en tant que versificateur, car il est superflu, je pense, de parler de son imagination.

Mais j'entends le lecteur qui murmure comme Alceste : « Nous verrons bien ! » — Voici donc le poème^[1] :

20.1 Le Corbeau

« Une fois, sur le minuit lugubre, pendant que je méditais, faible et fatigué, sur maint précieux et curieux volume d'une doctrine oubliée, pendant que je donnais de la tête, presque assoupi, soudain il se fit un tapotement, comme de quelqu'un frappant doucement, frappant à la porte de ma chambre. « C'est quelque visiteur, — murmurai-je, — qui frappe à la porte de ma chambre ; ce n'est que cela, et rien de plus. »

Ah ! distinctement je me souviens que c'était dans le glacial décembre, et chaque tison brodait à son tour le plancher du reflet de son agonie. Ardemment je désirais le matin ; en vain m'étais-je efforcé de tirer de mes livres un sursis à ma tristesse, ma tristesse pour ma Lénore perdue, pour la précieuse et rayonnante fille que les anges nomment Lénore, — et qu'ici on ne nommera jamais plus.

Et le soyeux, triste et vague bruissement des rideaux pourprés me pénétrait, me remplissait de terreurs fantastiques, inconnues pour moi jusqu'à ce jour ; si bien qu'enfin, pour apaiser le battement de mon cœur, je me dressai, répétant : « C'est quelque visiteur qui sollicite l'entrée à la porte de ma chambre, quelque visiteur attardé sollicitant l'entrée à la porte de ma chambre ; — c'est cela même, et rien de plus. »

Mon âme en ce moment se sentit plus forte. N'hésitant donc pas plus longtemps : « Monsieur, — dis-je, — ou madame, en vérité j'implore votre

pardon ; mais le fait est que je sommeillais, et vous êtes venu frapper si doucement, si faiblement vous êtes venu taper à la porte de ma chambre, qu'à peine étais-je certain de vous avoir entendu. » Et alors j'ouvris la porte toute grande ; — les ténèbres, et rien de plus !

Scrutant profondément ces ténèbres, je me tins longtemps plein d'étonnement, de crainte, de doute, rêvant des rêves qu'aucun mortel n'a jamais osé rêver ; mais le silence ne fut pas troublé, et l'immobilité ne donna aucun signe, et le seul mot proféré fut un nom chuchoté : « Lénore ! » — C'était moi qui le chuchotais, et un écho à son tour murmura ce mot : « Lénore ! » — Purement cela, et rien de plus.

Rentrant dans ma chambre, et sentant en moi toute mon âme incendiée, j'entendis bientôt un coup un peu plus fort que le premier. « Sûrement, — dis-je, — sûrement, il y a quelque chose aux jalousies de ma fenêtre ; voyons donc ce que c'est, et explorons ce mystère. Laissons mon cœur se calmer un instant, et explorons ce mystère ; — c'est le vent, et rien de plus. »

Je poussai alors le volet, et, avec un tumultueux battement d'ailes, entra un majestueux corbeau digne des anciens jours. Il ne fit pas la moindre révérence, il ne s'arrêta pas, il n'hésita pas une minute ; mais, avec la mine d'un lord ou d'une lady, il se percha au-dessus de la porte de ma chambre ; il se percha sur un buste de Pallas juste au-dessus de la porte de ma chambre ; — il se percha, s'installa, et rien de plus.

Alors cet oiseau d'ébène, par la gravité de son maintien et la sévérité de sa physionomie, induisant ma triste imagination à sourire : « Bien que ta tête, — lui dis-je, — soit sans huppe et sans cimier, tu n'es certes pas un poltron, lugubre et ancien corbeau, voyageur parti des rivages de la nuit. Dis-moi quel est ton nom seigneurial aux rivages de la Nuit plutonienne ! » Le corbeau dit : « Jamais plus ! »

Je fus émerveillé que ce disgracieux volatile entendît si facilement la parole, bien que sa réponse n'eût pas un bien grand sens et ne me fût pas d'un grand secours ; car nous devons convenir que jamais il ne fut donné à un homme vivant de voir un oiseau au-dessus de la porte de sa chambre, un oiseau ou une bête sur un buste sculpté au-dessus de la porte de sa chambre, se nommant d'un nom tel que Jamais plus !

Mais le corbeau, perché solitairement sur le buste placide, ne proféra que ce mot unique, comme si dans ce mot unique il répandait toute son âme. Il ne prononça rien de plus ; il ne remua pas une plume, — jusqu'à ce que je

me prisse à murmurer faiblement : « D'autres amis se sont déjà envolés loin de moi ; vers le matin, lui aussi, il me quittera comme mes anciennes espérances déjà envolées. » L'oiseau dit alors : « Jamais plus ! »

Tressaillant au bruit de cette réponse jetée avec tant d'à-propos : « Sans doute, — dis-je, — ce qu'il prononce est tout son bagage de savoir, qu'il a pris chez quelque maître infortuné que le Malheur impitoyable a poursuivi ardemment, sans répit, jusqu'à ce que ses chansons n'eussent plus qu'un seul refrain, jusqu'à ce que le De profundis de son Espérance eût pris ce mélancolique refrain : Jamais, jamais plus !

Mais, le corbeau induisant encore toute ma triste âme à sourire, je roulai tout de suite un siège à coussins en face de l'oiseau et du buste et de la porte ; alors, m'enfonçant dans le velours, je m'appliquai à enchaîner les idées aux idées, cherchant ce que cet augural oiseau des anciens jours, ce que ce triste, disgracieux, sinistre, maigre et augural oiseau des anciens jours voulait faire entendre en croassant son Jamais plus !

Je me tenais ainsi, rêvant, conjecturant, mais n'adressant plus une syllabe à l'oiseau, dont les yeux ardents me brûlaient maintenant jusqu'au fond du cœur ; je cherchais à deviner cela, et plus encore, ma tête reposant à l'aise sur le velours du coussin que caressait la lumière de la lampe, ce velours violet caressé par la lumière de la lampe que sa tête, à Elle, ne pressera plus, — ah ! jamais plus !

Alors il me sembla que l'air s'épaississait, parfumé par un encensoir invisible que balançaient des séraphins dont les pas frôlaient le tapis de la chambre. « Infortuné ! — m'écriai-je, — ton Dieu t'a donné par ses anges, il t'a envoyé du répit, du répit et du népenthès dans tes ressouvenirs de Lénore ! Bois, oh ! bois ce bon népenthès, et oublie cette Lénore perdue ! » Le corbeau dit : « Jamais plus ! »

« Prophète ! — dis-je, — être de malheur ! oiseau ou démon, mais toujours prophète ! que tu sois un envoyé du Tentateur, ou que la tempête t'ait simplement échoué, naufragé, mais encore intrépide, sur cette terre déserte, ensorcelée, dans ce logis par l'Horreur hanté, — dis-moi sincèrement, je t'en supplie, existe-t-il, existe-t-il ici un baume de Judée ? Dis, dis, je t'en supplie ! » Le corbeau dit : « Jamais plus ! ».

« Prophète ! — dis-je, — être de malheur ! oiseau ou démon ! toujours prophète ! par ce Ciel tendu sur nos têtes, par ce Dieu que tous deux nous adorons, dis à cette âme chargée de douleur si, dans le Paradis lointain, elle pourra embrasser une fille sainte que les anges nomment Lénore,

embrasser une précieuse et rayonnante fille que les anges nomment Lénore. » Le corbeau dit : « Jamais plus ! »

« Que cette parole soit le signal de notre séparation, oiseau ou démon ! — hurlai-je en me redressant. — Rentre dans la tempête, retourne au rivage de la Nuit plutonienne ; ne laisse pas ici une seule plume noire comme souvenir du mensonge que ton âme a proféré ; laisse ma solitude inviolée ; quitte ce buste au-dessus de ma porte ; arrache ton bec de mon cœur et précipite ton spectre loin de ma porte ! » Le corbeau dit : « Jamais plus ! » Et le corbeau, immuable, est toujours installé, toujours installé sur le buste pâle de Pallas, juste au-dessus de la porte de ma chambre ; et ses yeux ont toute la semblance des yeux d'un démon qui rêve ; et la lumière de la lampe, en ruisselant sur lui, projette son ombre sur le plancher ; et mon âme, hors du cercle de cette ombre qui gît flottante sur le plancher, ne pourra plus s'élever, — jamais plus !

Maintenant, voyons la coulisse, l'atelier, le laboratoire, le mécanisme intérieur, selon qu'il vous plaira de qualifier la Méthode de composition^[2].

20.2 Méthode de Composition par Baudelaire

Charles Dickens, dans une note que j'ai actuellement sous les yeux, parlant d'une analyse que j'avais faite du mécanisme de Barnaby Rudge, dit : « Savez-vous, soit dit en passant, que Godwin a écrit son Caleb Williams à rebours ? Il a commencé par envelopper son héros dans un tissu de difficultés, qui forment la matière du deuxième volume, et ensuite, pour composer le premier, il s'est mis à rêver aux moyens de légitimer tout ce qu'il avait fait. »

Il m'est impossible de croire que tel a été précisément le mode de composition de Godwin, et d'ailleurs ce qu'il en avoue lui-même n'est pas absolument conforme à l'idée de M. Dickens ; mais l'auteur de Caleb Williams était un trop parfait artiste pour ne pas apercevoir le bénéfice qu'on peut tirer de quelque procédé de ce genre. S'il est une chose évidente, c'est qu'un plan quelconque, digne du nom de plan, doit avoir été soigneusement élaboré en vue du dénoûment, avant que la plume attaque le papier. Ce n'est qu'en ayant sans cesse la pensée du dénoûment devant les yeux que nous pouvons donner à un plan son indispensable physionomie de logique et de causalité, — en faisant que tous les incidents, et particulièrement le ton général, tendent vers le développement de l'intention.

Il y a, je crois, une erreur radicale dans la méthode généralement usitée pour construire un conte. Tantôt l'histoire nous fournit une thèse ; tantôt l'écrivain se trouve inspiré par un incident contemporain ; ou bien, mettant les choses au mieux, il s'ingénie à combiner des événements surprenants, qui doivent former simplement la base de son récit, se promettant généralement d'introduire les descriptions, le dialogue ou son commentaire personnel, partout où une crevasse dans le tissu de l'action lui en fournit l'opportunité.

Pour moi, la première de toutes les considérations, c'est celle d'un effet à produire. Ayant toujours en vue l'originalité (car il est traître envers lui-même, celui qui risque de se passer d'un moyen d'intérêt aussi évident et aussi facile), je me dis, avant tout : parmi les innombrables effets ou impressions que le cœur, l'intelligence ou, pour parler plus généralement, l'âme est susceptible de recevoir, quel est l'unique effet que je dois choisir dans le cas présent ? Ayant donc fait choix d'un sujet de roman et ensuite d'un vigoureux effet à produire, je cherche s'il vaut mieux le mettre en lumière par les incidents ou par le ton, — ou par des incidents vulgaires et un ton particulier, — ou par des incidents singuliers et un ton ordinaire, — ou par une égale singularité de ton et d'incidents ; — et puis, je cherche autour de moi, ou plutôt en moi-même, les combinaisons d'événements ou de tons qui peuvent être les plus propres à créer l'effet en question.

Bien souvent j'ai pensé combien serait intéressant un article écrit par un auteur qui voudrait, c'est-à-dire qui pourrait raconter, pas à pas, la marche progressive qu'a suivie une quelconque de ses compositions pour arriver au terme définitif de son accomplissement. Pourquoi un pareil travail n'a-t-il jamais été livré au public, il me serait difficile de l'expliquer ; mais peut-être la vanité des auteurs a-t-elle été, pour cette lacune littéraire, plus puissante qu'aucune autre cause. Beaucoup d'écrivains, particulièrement les poètes, aiment mieux laisser entendre qu'ils composent grâce à une espèce de frénésie subtile, ou d'intuition extatique, et ils auraient positivement le frisson s'il leur fallait autoriser le public à jeter un coup d'œil derrière la scène, et à contempler les laborieux et indécis embryons de pensée, la vraie décision prise au dernier moment, l'idée si souvent entrevue comme dans un éclair et refusant si longtemps de se laisser voir en pleine lumière, la pensée pleinement mûrie et rejetée de désespoir comme étant d'une nature intraitable, le choix prudent et les rebuts, les douloureuses ratures et les interpolations, — en un mot, les rouages et les chaînes, les trucs pour les changements de décor, les échelles et les trappes, — les plumes de coq, le rouge, les mouches et tout le maquillage qui, dans quatre-vingt-dix-neuf cas sur cent, constituent l'apanage et le naturel de l'histrion littéraire.

Je sais, d'autre part, que le cas n'est pas commun où un auteur se trouve dans une bonne condition pour reprendre le chemin par lequel il est

arrivé à son dénouement. En général, les idées, ayant surgi pêle-mêle, ont été poursuivies et oubliées de la même manière.

*Pour ma part, je ne partage pas la répugnance dont je parlais tout à l'heure, et je ne trouve pas la moindre difficulté à me rappeler la marche progressive de toutes mes compositions ; et puisque l'intérêt d'une telle analyse ou reconstruction, que j'ai considérée comme un desideratum en littérature, est tout à fait indépendant de tout intérêt réel supposé dans la chose analysée, on ne m'accusera pas de manquer aux convenances, si je dévoile le *modus operandi* grâce auquel j'ai pu construire l'un de mes propres ouvrages. Je choisis le Corbeau comme très-généralement connu. Mon dessein est de démontrer qu'aucun point de la composition ne peut être attribué au hasard ou à l'intuition, et que l'ouvrage a marché, pas à pas, vers sa solution avec la précision et la rigoureuse logique d'un problème mathématique.*

Laissons de côté, comme ne relevant pas directement de la question poétique, la circonstance ou, si vous voulez, la nécessité d'où est née l'intention de composer un poème qui satisfît à la fois le goût populaire et le goût critique.

*C'est donc à partir de cette intention que commence mon analyse. La considération primordiale fut celle de la dimension. Si un ouvrage littéraire est trop long pour se laisser lire en une seule séance, il faut nous résigner à nous priver de l'effet prodigieusement important qui résulte de l'unité d'impression ; car, si deux séances sont nécessaires, les affaires du monde s'interposent, et tout ce que nous appelons l'ensemble, totalité, se trouve détruit du coup. Mais, puisque, *cæteris paribus*, aucun poète ne peut se priver de tout ce qui concourra à servir son dessein, il ne reste plus qu'à examiner si, dans l'étendue, nous trouverons un avantage quelconque compensant cette perte de l'unité qui en résulte. Et tout d'abord je dis : Non. Ce que nous appelons un long poème n'est, en réalité, qu'une succession de poèmes courts, c'est-à-dire d'effets poétiques brefs. Il est inutile de dire qu'un poème n'est un poème qu'en tant qu'il élève l'âme et lui procure une excitation intense ; et, par une nécessité psychique, toutes les excitations intenses sont de courte durée. C'est pourquoi la moitié au moins du Paradis perdu n'est que pure prose, n'est qu'une série d'excitations poétiques parsemées inévitablement de dépressions correspondantes, tout l'ouvrage étant privé, à cause de son excessive longueur, de cet élément artistique si singulièrement important : totalité ou unité d'effet.*

Il est donc évident qu'il y a, en ce qui concerne la dimension, une limite positive pour tous les ouvrages littéraires, — c'est la limite d'une seule séance ; — et, quoique, en de certains ordres de compositions en prose, telles que Robinson Crusoé, qui ne réclament pas l'unité, cette limite puisse être avantageusement dépassée, il n'y aura jamais profit à la dépasser

dans un poëme. Dans cette limite même, l'étendue d'un poëme doit se trouver en rapport mathématique avec le mérite dudit poëme, c'est-à-dire avec l'élévation ou l'excitation qu'il comporte, en d'autres termes encore, avec la quantité de véritable effet poétique dont il peut frapper les âmes ; il n'y a à cette règle qu'une seule condition restrictive, c'est qu'une certaine quantité de durée est absolument indispensable pour la production d'un effet quelconque.

Gardant bien ces considérations présentes à mon esprit, ainsi que ce degré d'excitation que je ne plaçais pas au-dessus du goût populaire non plus qu'au-dessous du critique, je conçus tout d'abord l'idée de la longueur convenable de mon poëme projeté, une longueur de cent vers environ. Or, il n'en a, en réalité, que cent huit.

Ma pensée ensuite s'appliqua au choix d'une impression ou d'un effet à produire ; et ici je crois qu'il est bon de faire observer que, à travers ce labeur de construction, je gardai toujours présent à mes yeux le dessein de rendre l'œuvre universellement appréciable. Je serais emporté beaucoup trop loin de mon sujet immédiat, si je m'appliquais à démontrer un point sur lequel j'ai insisté nombre de fois, à savoir, que le Beau est le seul domaine légitime de la poésie. Je dirai cependant quelques mots pour l'élucidation de ma véritable pensée, que quelques-uns de mes amis se sont montrés trop prompts à travestir. Le plaisir qui est à la fois le plus intense, le plus élevé et le plus pur, ce plaisir-là ne se trouve, je crois, que dans la contemplation du Beau. Quand les hommes parlent de Beauté, ils entendent, non pas précisément une qualité, comme on le suppose, mais une impression ; bref, ils ont justement en vue cette violente et pure élévation de l'âme, — non pas de l'intellect, non plus que du cœur, — que j'ai déjà décrite, et qui est le résultat de la contemplation du Beau. Or, je désigne la Beauté comme le domaine de la poésie, parce que c'est une règle évidente de l'Art que les effets doivent nécessairement naître de causes directes, que les objets doivent être conquis par les moyens qui sont le mieux appropriés à la conquête desdits objets, — aucun homme ne s'étant encore montré assez sot pour nier que l'élévation singulière dont je parle soit plus facilement à la portée de la Poésie. Or, l'objet Vérité, ou satisfaction de l'intellect, et l'objet Passion, ou excitation du cœur, sont, — quoiqu'ils soient aussi, dans une certaine mesure, à la portée de la poésie — beaucoup plus faciles à atteindre par le moyen de la prose. En somme, la Vérité réclame une précision, et la Passion une familiarité (les hommes vraiment passionnés me comprendront), absolument contraires à cette Beauté qui n'est autre chose, je le répète, que l'excitation ou le délicieux enlèvement de l'âme. De tout ce qui a été dit jusqu'ici, il ne suit nullement que la passion, ou même la vérité, ne puisse être introduite, et même avec profit, dans un poëme ; car elles peuvent servir à élucider ou à augmenter l'effet général, comme les dissonances en musique, par contraste ; mais le

véritable artiste s'efforcera toujours, d'abord de les réduire à un rôle favorable au but principal poursuivi, et ensuite de les envelopper, autant qu'il le pourra, dans ce nuage de beauté qui est l'atmosphère et l'essence de la poésie.

Regardant conséquemment le Beau comme ma province, quel est, me dis-je alors, le ton de sa plus haute manifestation ; tel fut l'objet de ma délibération suivante. Or, toute l'expérience humaine confesse que ce ton est celui de la tristesse. Une beauté de n'importe quelle famille, dans son développement suprême, pousse inévitablement aux larmes une âme sensible. La mélancolie est donc le plus légitime de tous les tons poétiques.

La dimension, le domaine et le ton étant ainsi déterminés, je me mis à la recherche, par la voie de l'induction ordinaire, de quelque curiosité artistique et piquante, qui me pût servir comme de clef dans la construction du poème, — de quelque pivot sur lequel pût tourner toute la machine. Méditant soigneusement sur tous les effets d'art connus, ou plus proprement sur tous les moyens d'effet, le mot étant entendu dans le sens scénique, je ne pouvais m'empêcher de voir immédiatement qu'aucun n'avait été plus généralement employé que celui du refrain. L'universalité de son emploi suffisait pour me convaincre de sa valeur intrinsèque et m'épargnait la nécessité de le soumettre à l'analyse. Je ne le considérai toutefois qu'en tant que susceptible de perfectionnement, et je vis bientôt qu'il était encore dans un état primitif. Tel qu'on en use communément, le refrain non-seulement est limité aux vers lyriques, mais encore la vigueur de l'impression qu'il doit produire dépend de la puissance de la monotonie dans le son et dans la pensée. Le plaisir est tiré uniquement de la sensation d'identité, de répétition. Je résolus de varier l'effet, pour l'augmenter, en restant généralement fidèle à la monotonie du son, pendant que j'altérerais continuellement celle de la pensée ; c'est-à-dire que je me promis de produire une série continue d'effets nouveaux par une série d'applications variées du refrain, le refrain en lui-même restant presque toujours semblable.

Ces points établis, je m'inquiétai ensuite de la nature de mon refrain. Puisque l'application en devait être fréquemment variée, il est clair que ce refrain devait lui-même être bref ; car il y aurait eu une insurmontable difficulté à varier fréquemment les applications d'une phrase un peu longue. La facilité de variation serait naturellement en proportion de la brièveté de la phrase. Cela me conduisit tout de suite à prendre un mot unique comme le meilleur refrain.

Alors s'agita la question relative au caractère de ce mot. Ayant arrêté dans mon esprit qu'il y aurait un refrain, la division du poème en stances apparaissait comme un corollaire nécessaire, le refrain formant la conclusion de chaque strophe. Que cette conclusion, cette chute, pour avoir de la force, dût nécessairement être sonore et susceptible d'une emphase

prolongée, cela n'admettait pas le doute, et ces considérations me menèrent inévitablement à l'o long, comme étant la voyelle la plus sonore, associé à l'r, comme étant la consonne la plus vigoureuse.

Le son du refrain étant bien déterminé, il devenait nécessaire de choisir un mot qui renfermât ce son, et qui, en même temps, fût dans le plus complet accord possible avec cette mélancolie que j'avais adoptée comme ton général du poëme. Dans une pareille enquête, il eût été absolument impossible de ne pas tomber sur le mot nevermore, — jamais plus. En réalité, il fut le premier qui se présenta à mon esprit.

Le desideratum suivant fut : Quel sera le prétexte pour l'usage continu du mot unique jamais plus ? Observant la difficulté que j'éprouvais à trouver une raison plausible et suffisante pour cette répétition continue, je ne manquai pas d'apercevoir que cette difficulté surgissait uniquement de l'idée préconçue que ce mot, si opiniâtrement et monotonelement répété, devait être proféré par un être humain ; qu'en somme la difficulté consistait à concilier cette monotonie avec l'exercice de la raison dans la créature chargée de répéter le mot. Alors se dressa tout de suite l'idée d'une créature non raisonnable et cependant douée de parole, et très-naturellement un perroquet se présenta d'abord ; mais il fut immédiatement dépossédé par un corbeau, celui-ci étant également doué de parole et infiniment plus en accord avec le ton voulu.

J'étais donc enfin arrivé à la conception d'un corbeau, — le corbeau, oiseau de mauvais augure ! — répétant opiniâtrement le mot Jamais plus à la fin de chaque strophe dans un poëme d'un ton mélancolique et d'une longueur d'environ cent vers. Alors, ne perdant jamais de vue le superlatif ou la perfection dans tous les points, je me demandai : De tous les sujets mélancoliques, quel est le plus mélancolique selon l'intelligence universelle de l'humanité ? — La Mort, réponse inévitable. — Et quand, me dis-je, ce sujet, le plus mélancolique de tous, est-il le plus poétique ? — D'après ce que j'ai déjà expliqué assez amplement, on peut facilement deviner la réponse : — C'est quand il s'allie intimement à la Beauté. Donc, la mort d'une belle femme est incontestablement le plus poétique sujet du monde, et il est également hors de doute que la bouche la mieux choisie pour développer un pareil thème est celle d'un amant privé de son trésor.

J'avais dès lors à combiner ces deux idées : un amant pleurant sa maîtresse défunte, et un corbeau répétant continuellement le mot Jamais plus. Il fallait les combiner, et avoir toujours présent à mon esprit le dessein de varier à chaque fois l'application du mot répété ; mais le seul moyen possible pour une pareille combinaison était d'imaginer un corbeau se servant du mot dont il s'agit pour répondre aux questions de l'amant. Et ce fut alors que je vis tout de suite toute la facilité qui m'était offerte pour l'effet auquel mon poëme était suspendu, c'est-à-dire l'effet à produire par

la variété dans l'application du refrain. Je vis que je pouvais faire prononcer la première question par l'amant, — la première à laquelle le corbeau devait répondre : *Jamais plus*, — que je pouvais faire de la première question une espèce de lieu commun, — de la seconde quelque chose de moins commun, — de la troisième quelque chose de moins commun encore, et ainsi de suite, jusqu'à ce que l'amant, à la longue tiré de sa nonchalance par le caractère mélancolique du mot, par sa fréquente répétition, et par le souvenir de la réputation sinistre de l'oiseau qui le prononce, se trouvât agité par une excitation superstitieuse et lançât follement des questions d'un caractère tout différent, des questions passionnément intéressantes pour son cœur ; — questions, faites moitié dans un sentiment de superstition, et moitié dans ce désespoir singulier qui puise une volupté dans sa torture ; — non pas seulement parce que l'amant croit au caractère prophétique ou démoniaque de l'oiseau (qui, la raison le lui démontre, ne fait que répéter une leçon apprise par routine), mais parce qu'il éprouve une volupté frénétique à formuler ainsi ses questions et à recevoir du *Jamais plus* toujours attendu une blessure répétée d'autant plus délicate qu'elle est plus insupportable. Voyant donc cette facilité qui m'était offerte, ou, pour mieux dire, qui s'imposait à moi dans le progrès de ma construction, j'arrêtai d'abord la question finale, la question suprême à laquelle le *Jamais plus* devait, en dernier lieu, servir de réponse, — cette question à laquelle le *Jamais plus* fait la réplique la plus désespérée, la plus pleine de douleur et d'horreur qui se puisse concevoir.

Ici donc je puis dire que mon poème avait trouvé son commencement, — par la fin, comme devraient commencer tous les ouvrages d'art ; — car ce fut alors, juste à ce point de mes considérations préparatoires, que, pour la première fois, je posai la plume sur le papier pour composer la strophe suivante :

« Prophète ! — dis-je, — être de malheur ! oiseau ou démon ! toujours prophète ! par ce Ciel tendu sur nos têtes, par ce Dieu que tous deux nous adorons, dis à cette âme chargée de douleur si, dans le Paradis lointain, elle pourra embrasser une fille sainte que les anges nomment Lénore, embrasser une précieuse et rayonnante fille que les anges nomment Lénore. » Le corbeau dit : « *Jamais plus !* »

Ce fut alors seulement que je composai cette strophe, d'abord pour établir le degré suprême et pouvoir ainsi, plus à mon aise, varier et graduer, selon leur sérieux et leur importance, les questions précédentes de l'amant, et, en second lieu, pour arrêter définitivement le rythme, le mètre, la longueur et l'arrangement général de la strophe, ainsi que graduer les strophes qui devaient précéder, de façon qu'aucune ne pût surpasser cette dernière par son effet rythmique. Si j'avais été assez imprudent, dans le travail de composition qui devait suivre, pour construire des strophes plus

vigoureuses, je me serais appliqué, délibérément et sans scrupule, à les affaiblir, de manière à ne pas contrarier l'effet du crescendo.

Je pourrais aussi bien placer ici quelques mots sur la versification. Mon premier but était (comme toujours) l'originalité. Jusqu'à quel point la question de l'originalité en versification a été négligée, c'est une des choses du monde les plus inexplicables. En admettant qu'il y ait peu de variété possible dans le rythme pur, toujours est-il évident que les variétés possibles de mètre et de stance sont absolument infinies, — et toutefois, pendant des siècles, aucun homme n'a jamais fait, en versification, ou même n'a jamais paru vouloir faire quoi que ce soit d'original. Le fait est que l'originalité (excepté dans des esprits d'une force tout à fait insolite) n'est nullement, comme quelques-uns le supposent, une affaire d'instinct ou d'intuition. Généralement, pour la trouver, il faut la chercher laborieusement, et, bien qu'elle soit un mérite positif du rang le plus élevé, c'est moins l'esprit d'invention que l'esprit de négation qui nous fournit les moyens de l'atteindre.

Il va sans dire que je ne prétends à aucune originalité dans le rythme ou dans le mètre du Corbeau. Le premier est trochaïque ; le second se compose d'un vers octomètre acatalectique, alternant avec un heptamètre catalectique, — qui, répété, devient refrain au cinquième vers, — et se termine par un tétramètre catalectique. Pour parler sans pédanterie, les pieds employés, qui sont des trochées, consistent en une syllabe longue suivie d'une brève : le premier vers de la stance est fait de huit pieds de cette nature ; le second de sept et demi ; le troisième, de huit ; le quatrième, de sept et demi ; le cinquième, de sept et demi également ; le sixième, de trois et demi. Or, chacun de ces vers, pris isolément, a déjà été employé, et toute l'originalité du Corbeau consiste à les avoir combinés dans la même stance ; rien de ce qui peut ressembler, même de loin, à cette combinaison, n'a été tenté jusqu'à présent. L'effet de cette combinaison originale est augmenté par quelques autres effets inusités et absolument nouveaux, tirés d'une application plus étendue de la rime et de l'allitération.

Le point suivant à considérer était le moyen de mettre en communication l'amant et le corbeau, et le premier degré de cette question était naturellement le lieu. Il semblerait que l'idée qui doit, en ce cas, se présenter d'elle-même, est une forêt ou une plaine ; mais il m'a toujours paru qu'un espace étroit et resserré est absolument nécessaire pour l'effet d'un incident isolé ; il lui donne l'énergie qu'un cadre ajoute à une peinture. Il a cet avantage moral incontestable de concentrer l'attention dans un petit espace, et cet avantage, cela va sans dire, ne doit pas être confondu avec celui qu'on peut tirer de la simple unité de lieu.

Je résolus donc de placer l'amant dans sa chambre, — dans une chambre sanctifiée pour lui par les souvenirs de celle qui y a vécu. La chambre est

représentée comme richement meublée, — et cela est en vue de satisfaire aux idées que j'ai déjà expliquées au sujet de la Beauté, comme étant la seule véritable thèse de la Poésie.

Le lieu ainsi déterminé, il fallait maintenant introduire l'oiseau, et l'idée de le faire entrer par la fenêtre était inévitable. Que l'amant suppose, d'abord, que le battement des ailes de l'oiseau contre le volet est un coup frappé à sa porte, c'est une idée qui est née de mon désir d'accroître, en la faisant attendre, la curiosité du lecteur, et aussi de placer l'effet incidentel de la porte ouverte toute grande par l'amant, qui ne trouve que ténèbres, et qui dès lors peut adopter, en partie, l'idée fantastique que c'est l'esprit de sa maîtresse qui est venu frapper à sa porte.

J'ai fait la nuit tempêteuse, d'abord pour expliquer ce corbeau cherchant l'hospitalité, ensuite pour créer l'effet du contraste avec la tranquillité matérielle de la chambre.

De même j'ai fait aborder l'oiseau sur le buste de Pallas pour créer le contraste entre le marbre et le plumage ; on devine que l'idée du buste a été suggérée uniquement par l'oiseau ; le buste de Pallas a été choisi d'abord à cause de son rapport intime avec l'érudition de l'amant, et ensuite à cause de la sonorité même du mot Pallas.

Vers le milieu du poème, j'ai également profité de la force du contraste dans le but de creuser l'impression finale. Ainsi j'ai donné à l'entrée du corbeau une allure fantastique, approchant même du comique, autant du moins que le sujet le pouvait admettre. Il entre avec un tumultueux battement d'ailes.

« Il ne fit pas la moindre révérence ; il ne s'arrêta pas, il n'hésita pas une minute ; mais, avec la mine d'un lord ou d'une lady, il se percha au-dessus de la porte de ma chambre... »

Dans les deux stances qui suivent, le dessein devient même plus manifeste : « Alors cet oiseau d'ébène, par la gravité de son maintien et la sévérité de sa physionomie, induisant ma triste imagination à sourire : « Bien que ta tête, — lui dis-je, — soit sans huppe et sans cimier, tu n'es certes pas un poltron, lugubre et ancien corbeau, voyageur parti des rivages de la Nuit. Dis-moi quel est ton nom seigneurial aux rivages de la Nuit plutonienne ! » Le corbeau dit : « Jamais plus ! »

« Je fus émerveillé que ce disgracieux volatile entendît si facilement la parole, bien que sa réponse n'eût pas un bien grand sens et ne me fût pas d'un grand secours ; car nous devons convenir que jamais il ne fut donné à un homme vivant de voir un oiseau au-dessus de la porte de sa chambre, un oiseau ou une bête sur un buste sculpté au-dessus de la porte de sa chambre se nommant d'un nom tel que Jamais plus. »

Ayant ainsi préparé l'effet du dénouement, j'abandonne immédiatement le ton fantastique pour celui du sérieux le plus profond : ce changement de ton commence avec le premier vers de la strophe qui suit la dernière citée :

« Mais le corbeau, perché solitairement sur le buste placide, ne proféra, etc. »

À partir de cet instant, l'amant ne plaisante plus ; il ne voit même plus rien de fantastique dans la conduite de l'oiseau. Il parle de lui comme d'un triste, disgracieux, sinistre, maigre et augural oiseau des anciens jours, et il sent les yeux ardents qui le brûlent jusqu'au fond du cœur. Cette évolution de pensée, cette imagination dans l'amant, a pour but d'en préparer une analogue dans le lecteur, d'amener l'esprit dans une situation favorable pour le dénouement, qui maintenant va venir aussi rapidement et aussi directement que possible.

Avec le dénouement proprement dit, exprimé par le Jamais plus du corbeau, réponse lancée à la question finale de l'amant, — s'il retrouvera sa maîtresse dans un autre monde ? — le poème, dans sa phase la plus claire, la plus naturelle, celle d'un simple récit, peut être considéré comme fini. Jusqu'à présent, chaque chose est restée dans les limites de l'explicable, du réel. Un corbeau a appris par routine le seul mot Jamais plus, et, ayant échappé à la surveillance de son propriétaire, est réduit, à minuit, par la violence de la tempête, à demander un refuge à une fenêtre où brille encore une lumière, la fenêtre d'un étudiant plongé à moitié dans ses livres, à moitié dans les souvenirs d'une bien-aimée défunte. La fenêtre étant ouverte au battement des ailes de l'oiseau, celui-ci va se percher sur l'endroit le plus convenable hors de la portée immédiate de l'étudiant, qui, s'amusant de l'incident et de la bizarre conduite du visiteur, lui demande son nom en manière de plaisanterie et sans s'attendre à une réponse. Le corbeau, interrogé, répond par son mot habituel Jamais plus, — mot qui trouve immédiatement un écho mélancolique dans le cœur de l'étudiant ; et celui-ci, exprimant tout haut les pensées qui lui sont suggérées par la circonstance, est frappé de nouveau par la répétition du Jamais plus. L'étudiant se livre aux conjectures que lui inspire le cas présent ; mais il est poussé bientôt par l'ardeur du cœur humain à se torturer soi-même, et aussi, par une sorte de superstition, à proposer à l'oiseau des questions choisies de telle sorte, que la réponse attendue, l'intolérable Jamais plus, doit lui apporter, à lui, l'amant solitaire, la plus affreuse moisson de douleurs. C'est dans cet amour du cœur pour sa torture, poussé à la dernière limite, que le récit, dans ce que j'ai appelé sa première phase, sa phase naturelle, trouve sa conclusion naturelle, et jusqu'ici rien ne s'est montré qui dépasse les limites de la réalité.

Mais, dans des sujets manœuvrés de cette façon, avec quelque habileté qu'ils le soient, avec quelque luxe d'incidents qu'on le suppose, il

y a toujours une certaine âpreté, une nudité qui choque un œil d'artiste. Deux choses sont éternellement requises : l'une, une certaine somme de complexité, ou, plus proprement, de combinaison ; l'autre, une certaine quantité d'esprit suggestif, quelque chose comme un courant souterrain de pensée, non visible, indéfini. C'est cette dernière qualité qui donne à un ouvrage d'art cet air opulent, cette apparence cossue (pour tirer de la conversation journalière un terme efficace), que nous avons trop souvent la sottise de confondre avec l'idéal. C'est l'excès dans l'expression du sens qui ne doit être qu'insinué, c'est la manie de faire, du courant souterrain d'une œuvre, le courant visible et supérieur, qui change en prose, et en prose de la plus plate espèce, la prétendue poésie des soi-disant transcendantalistes.

Fort de ces opinions, j'ajoutai les deux stances qui ferment le poème, leur qualité suggestive étant destinée à pénétrer tout le récit qui les précède. Le courant souterrain de la pensée se laisse voir pour la première fois dans ces vers :

« Arrache ton bec de mon cœur, et précipite ton spectre loin de ma porte ! » Le corbeau dit : « Jamais plus ! »

On remarquera que les mots de mon cœur renferment la première expression métaphorique du poème. Ces mots, avec la réponse Jamais plus, disposent l'esprit à chercher un sens moral dans tout le récit développé antérieurement. Le lecteur commence dès lors à considérer le Corbeau comme emblématique ; — mais ce n'est que juste au dernier vers de la dernière stance qu'il lui est permis de voir distinctement l'intention de faire du Corbeau le symbole du Souvenir funèbre et éternel :

« Et le corbeau, immuable, est toujours installé, toujours installé sur le buste pâle de Pallas, juste au-dessus de la porte de ma chambre, et ses yeux ont toute la semblance des yeux d'un démon qui rêve ; et la lumière de la lampe, en ruisselant sur lui, projette son ombre sur le plancher ; et mon âme, hors du cercle de cette ombre qui gît flottante sur le plancher, ne pourra plus s'élever, — jamais plus ! »

1.

■ Tout ce préambule est écrit par le traducteur. — C. B.

■ Ces trois lignes sont une interpolation du traducteur. — C. B. Cf. Disponível em: https://fr.wikisource.org/wiki/Histoires_grotesques_et_s%C3%A9rieuses/La_Gen%C3%A8se_d%E2%80%99un_po%C3%A8me Acesso em: 12 set. 2017.

LE CORBEAU

20.3 Tradução: Charles Baudelaire (1853)

« Une fois, sur le minuit lugubre, pendant que je méditais, faible et fatigué, sur maint précieux et curieux volume d'une doctrine oubliée, pendant que je donnais de la tête, presque assoupi, soudain il se fit un tapotement, comme de quelqu'un frappant doucement, frappant à la porte de ma chambre. « C'est quelque visiteur, — murmurai-je, — qui frappe à la porte de ma chambre ; ce n'est que cela, et rien de plus. »

Ah ! distinctement je me souviens que c'était dans le glacial décembre, et chaque tison brodait à son tour le plancher du reflet de son agonie. Ardemment je désirais le matin ; en vain m'étais-je efforcé de tirer de mes livres un sursis à ma tristesse, ma tristesse pour ma Lénore perdue, pour la précieuse et rayonnante fille que les anges nomment Lénore, — et qu'ici on ne nommera jamais plus.

Et le soyeux, triste et vague bruissement des rideaux pourprés me pénétrait, me remplissait de terreurs fantastiques, inconnues pour moi jusqu'à ce jour ; si bien qu'enfin, pour apaiser le battement de mon cœur, je me dressai, répétant : « C'est quelque visiteur qui sollicite l'entrée à la porte de ma chambre, quelque visiteur attardé sollicitant l'entrée à la porte de ma chambre ; — c'est cela même, et rien de plus. »

Mon âme en ce moment se sentit plus forte. N'hésitant donc pas plus longtemps : « Monsieur, — dis-je, — ou madame, en vérité j'implore votre pardon ; mais le fait est que je sommeillais, et vous êtes venu frapper si doucement, si faiblement vous êtes venu taper à la porte de ma chambre, qu'à peine étais-je certain de vous avoir entendu. » Et alors j'ouvris la porte toute grande ; — les ténèbres, et rien de plus !

Scrutant profondément ces ténèbres, je me tins longtemps plein d'étonnement, de crainte, de doute, rêvant des rêves qu'aucun mortel n'a jamais osé rêver ; mais le silence ne fut pas troublé, et l'immobilité ne donna aucun signe, et le seul mot proféré fut un nom chuchoté : « Lénore ! » — C'était moi qui le chuchotais, et un écho à son tour murmura ce mot : « Lénore ! » — Purement cela, et rien de plus.

Rentrant dans ma chambre, et sentant en moi toute mon âme incendiée, j'entendis bientôt un coup un peu plus fort que le premier. « Sûrement, — dis-je, — sûrement, il y a quelque chose aux jalousies de ma fenêtre ; voyons donc ce que c'est, et explorons ce mystère. Laissons mon cœur se

calmer un instant, et explorons ce mystère ; — c'est le vent, et rien de plus. »

Je poussai alors le volet, et, avec un tumultueux battement d'ailes, entra un majestueux corbeau digne des anciens jours. Il ne fit pas la moindre révérence, il ne s'arrêta pas, il n'hésita pas une minute ; mais, avec la mine d'un lord ou d'une lady, il se percha au-dessus de la porte de ma chambre ; il se percha sur un buste de Pallas juste au-dessus de la porte de ma chambre ; — il se percha, s'installa, et rien de plus.

Alors cet oiseau d'ébène, par la gravité de son maintien et la sévérité de sa physionomie, induisant ma triste imagination à sourire : « Bien que ta tête, — lui dis-je, — soit sans huppe et sans cimier, tu n'es certes pas un poltron, lugubre et ancien corbeau, voyageur parti des rivages de la nuit. Dis-moi quel est ton nom seigneurial aux rivages de la Nuit plutonienne ! » Le corbeau dit : « Jamais plus ! »

Je fus émerveillé que ce disgracieux volatile entendît si facilement la parole, bien que sa réponse n'eût pas un bien grand sens et ne me fût pas d'un grand secours ; car nous devons convenir que jamais il ne fut donné à un homme vivant de voir un oiseau au-dessus de la porte de sa chambre, un oiseau ou une bête sur un buste sculpté au-dessus de la porte de sa chambre, se nommant d'un nom tel que Jamais plus !

Mais le corbeau, perché solitairement sur le buste placide, ne proféra que ce mot unique, comme si dans ce mot unique il répandait toute son âme. Il ne prononça rien de plus ; il ne remua pas une plume, — jusqu'à ce que je me prisse à murmurer faiblement : « D'autres amis se sont déjà envolés loin de moi ; vers le matin, lui aussi, il me quittera comme mes anciennes espérances déjà envolées. » L'oiseau dit alors : « Jamais plus ! »

Tressaillant au bruit de cette réponse jetée avec tant d'à-propos : « Sans doute, — dis-je, — ce qu'il prononce est tout son bagage de savoir, qu'il a pris chez quelque maître infortuné que le Malheur impitoyable a poursuivi ardemment, sans répit, jusqu'à ce que ses chansons n'eussent plus qu'un seul refrain, jusqu'à ce que le De profundis de son Espérance eût pris ce mélancolique refrain : Jamais, jamais plus !

Mais, le corbeau induisant encore toute ma triste âme à sourire, je roulai tout de suite un siège à coussins en face de l'oiseau et du buste et de la porte ; alors, m'enfonçant dans le velours, je m'appliquai à enchaîner les idées aux idées, cherchant ce que cet augural oiseau des anciens jours, ce que ce triste, disgracieux, sinistre, maigre et augural oiseau des anciens jours voulait faire entendre en croassant son Jamais plus !

Je me tenais ainsi, rêvant, conjecturant, mais n'adressant plus une syllabe à l'oiseau, dont les yeux ardents me brûlaient maintenant jusqu'au fond du cœur ; je cherchais à deviner cela, et plus encore, ma tête reposant à l'aise sur le velours du coussin que caressait la lumière de la lampe, ce velours violet caressé par la lumière de la lampe que sa tête, à Elle, ne pressera plus, — ah ! jamais plus !

Alors il me sembla que l'air s'épaississait, parfumé par un encensoir invisible que balançaient des séraphins dont les pas frôlaient le tapis de la chambre. « Infortuné ! — m'écriai-je, — ton Dieu t'a donné par ses anges, il t'a envoyé du répit, du répit et du népenthès dans tes ressouvenirs de Lénore ! Bois, oh ! bois ce bon népenthès, et oublie cette Lénore perdue ! » Le corbeau dit : « Jamais plus ! »

« Prophète ! — dis-je, — être de malheur ! oiseau ou démon, mais toujours prophète ! que tu sois un envoyé du Tentateur, ou que la tempête t'ait simplement échoué, naufragé, mais encore intrépide, sur cette terre déserte, ensorcelée, dans ce logis par l'Horreur hanté, — dis-moi sincèrement, je t'en supplie, existe-t-il, existe-t-il ici un baume de Judée ? Dis, dis, je t'en supplie ! » Le corbeau dit : « Jamais plus ! »

« Prophète ! — dis-je, — être de malheur ! oiseau ou démon ! toujours prophète ! par ce Ciel tendu sur nos têtes, par ce Dieu que tous deux nous adorons, dis à cette âme chargée de douleur si, dans le Paradis lointain, elle pourra embrasser une fille sainte que les anges nomment Lénore, embrasser une précieuse et rayonnante fille que les anges nomment Lénore. » Le corbeau dit : « Jamais plus ! »

« Que cette parole soit le signal de notre séparation, oiseau ou démon ! — hurlai-je en me redressant. — Rentre dans la tempête, retourne au rivage de la Nuit plutonienne ; ne laisse pas ici une seule plume noire comme souvenir du mensonge que ton âme a proféré ; laisse ma solitude inviolée ; quitte ce buste au-dessus de ma porte ; arrache ton bec de mon cœur et précipite ton spectre loin de ma porte ! » Le corbeau dit : « Jamais plus ! »

Et le corbeau, immuable, est toujours installé, toujours installé sur le buste pâle de Pallas, juste au-dessus de la porte de ma chambre ; et ses yeux ont toute la semblance des yeux d'un démon qui rêve ; et la lumière de la lampe, en ruisselant sur lui, projette son ombre sur le plancher ; et mon âme, hors du cercle de cette ombre qui gît flottante sur le plancher, ne pourra plus s'élever, — jamais plus !

Cf. Disponível em: https://fr.wikisource.org/wiki/Le_Corbeau_%28traduit_par_Charles_Baudelaire%29.

Acesso em: 12 set. 2017.

LE CORBEAU

20.4 Tradução: Stéphane Mallarmé (1875)

UNE fois, par un minuit lugubre, tandis que je m'appesantissais, faible et fatigué, sur maint curieux et bizarre volume de savoir oublié — tandis que je dodelinais la tête, somnolant presque : soudain se fit un heurt, comme de quelqu'un frappant doucement, frappant à la porte de ma chambre — cela seul et rien de plus.

Ah ! distinctement je me souviens que c'était en le glacial Décembre : et chaque tison, mourant isolé, ouvrait son spectre sur le sol. Ardemment je souhaitais le jour — vainement j'avais cherché d'emprunter à mes livres un sursis au chagrin — au chagrin de la Lénore perdue — de la rare et rayonnante jeune fille que les anges nomment Lénore : — de nom pour elle ici, non, jamais plus !

Et de la soie l'incertain et triste bruissement en chaque rideau purpural me traversait — m'emplissait de fantastiques terreurs pas senties encore : si bien que, pour calmer le battement de mon cœur, je demeurais maintenant à répéter « C'est quelque visiteur qui sollicite l'entrée, à la porte de ma chambre — quelque visiteur qui sollicite l'entrée, à la porte de ma chambre ; c'est cela et rien de plus. »

Mon âme devint subitement plus forte et, n'hésitant davantage « Monsieur, dis-je, ou Madame, j'implore véritablement votre pardon ; mais le fait est que je somnolais et vous vîntes si doucement frapper, et si faiblement vous vîntes heurter, heurter à la porte de ma chambre, que j'étais à peine sûr de vous avoir entendu. » — Ici j'ouvris, grande, la porte : les ténèbres et rien de plus.

Loin dans l'ombre regardant, je me tins longtemps à douter, m'étonner et craindre, à rêver des rêves qu'aucun mortel n'avait osé rêver encore ; mais le silence ne se rompit point et la quiétude ne donna de signe : et le seul mot qui se dit, fut le mot chuchoté « Lénore ! » Je le chuchotai — et un écho murmura de retour le mot « Lénore ! » — purement cela et rien de plus.

Rentrant dans la chambre, toute mon âme en feu, j'entendis bientôt un heurt en quelque sorte plus fort qu'auparavant. « Sûrement, dis-je, sûrement c'est quelque chose à la persienne de ma fenêtre. Voyons donc ce qu'il y a et explorons ce mystère — que mon cœur se calme un moment et

explore ce mystère ; c'est le vent et rien de plus. »

Au large je poussai le volet ; quand, avec maints enjouement et agitation d'ailes, entra un majestueux Corbeau des saints jours de jadis. Il ne fit pas la moindre révérence, il ne s'arrêta ni n'hésita un instant : mais, avec une mine de lord ou de lady, se percha au-dessus de la porte de ma chambre — se percha sur un buste de Pallas juste au-dessus de la porte de ma chambre — se percha, siégea et rien de plus.

Alors cet oiseau d'ébène induisant ma triste imagination au sourire, par le grave et sévère décorum de la contenance qu'il eut : « Quoique ta crête soit chue et rase, non ! dis-je, tu n'es pas pour sûr un poltron, spectral, lugubre et ancien Corbeau, errant loin du rivage de Nuit — dis-moi quel est ton nom seigneurial au rivage plutonien de Nuit. » Le Corbeau dit : « Jamais plus. »

Je m'émerveillai fort d'entendre ce disgracieux volatile s'énoncer aussi clairement, quoique sa réponse n'eût que peu de sens et peu d'à propos ; car on ne peut s'empêcher de convenir que nul homme vivant n'eut encore l'heur de voir un oiseau au-dessus de la porte de sa chambre — un oiseau ou toute autre bête sur le buste sculpté, au-dessus de la porte de sa chambre, avec un nom tel que : « Jamais plus. »

Mais le Corbeau, perché solitairement sur ce buste placide, parla ce seul mot comme si, son âme, en ce seul mot, il la répandait. Je ne proférai donc rien de plus : il n'agita donc pas de plume — jusqu'à ce que je fis à peine davantage que marmotter « D'autres amis déjà ont pris leur vol — demain il me laissera comme mes Espérances déjà ont pris leur vol. » Alors l'oiseau dit : « Jamais plus. »

Tressaillant au calme rompu par une réplique si bien parlée : « Sans doute, dis-je, ce qu'il profère est tout son fonds et son bagage, pris à quelque malheureux maître que l'impitoyable Désastre suivit de près et de très près suivit jusqu'à ce que ses chansons comportassent un unique refrain ; jusqu'à ce que les chants funèbres de son Espérance comportassent le mélancolique refrain de « Jamais — jamais plus. »

Le Corbeau induisant toute ma triste âme encore au sourire, je roulai soudain un siège à coussins en face de l'oiseau et du buste et de la porte ; et m'enfonçant dans le velours, je me pris à enchaîner songerie à songerie, pensant à ce que cet augural oiseau de jadis — à ce que ce sombre, disgracieux, sinistre, maigre et augural oiseau de jadis signifiait en croissant : « Jamais plus. »

Cela, je m'assis occupé à le conjecturer, mais n'adressant pas une syllabe à l'oiseau dont les yeux de feu brûlaient, maintenant, au fond de mon sein ; cela et plus encore, je m'assis pour le deviner, ma tête reposant à l'aise sur la housse de velours des coussins que dévorait la lumière de la lampe, housse violette de velours dévoré par la lumière de la lampe qu'Elle ne pressera plus, ah ! jamais plus.

L'air, me sembla-t-il, devint alors plus dense, parfumé selon un encensoir invisible balancé par les Séraphins dont le pied, dans sa chute, tintait sur l'étoffe du parquet. « Misérable, m'écriai-je, ton Dieu t'a prêté — il t'a envoyé, par ces anges, le répit — le répit et le népenthès dans ta mémoire de Lénore ! Bois ! oh ! bois ce bon népenthès et oublie cette Lénore perdue ! » Le Corbeau dit : « Jamais plus ! »

« Prophète, dis-je, être de malheur ! prophète, oui, oiseau ou démon ! Que si le Tentateur t'envoya ou la tempête t'échoua vers ces bords, désolé et encore tout indompté, vers cette déserte terre enchantée — vers ce logis par l'horreur hanté : dis-moi véritablement, je t'implore ! y a-t-il du baume en Judée ? — dis-moi, je t'implore. » Le Corbeau dit : « Jamais plus ! »

« Prophète, dis je, être de malheur ! prophète, oui, oiseau ou démon ! Par les Cieux sur nous épars — et le Dieu que nous adorons tous deux — dis à cette âme de chagrin chargée si, dans le distant Eden, elle doit embrasser une jeune fille sanctifiée que les anges nomment Lénore — embrasser une rare et rayonnante jeune fille que les anges nomment Lénore. » Le Corbeau dit : « Jamais plus ! »

« Que ce mot soit le signal de notre séparation, oiseau ou malin esprit, » hurlai-je, en me dressant. « Recule en la tempête et le rivage plutonien de Nuit ! Ne laisse pas une plume noire ici comme un gage du mensonge qu'a proféré ton âme. Laisse inviolé mon abandon ! quitte le buste au-dessus de ma porte ! ôte ton bec de mon cœur et jette ta forme loin de ma porte ! » Le Corbeau dit : « Jamais plus ! »

Et le Corbeau, sans voleter, siège encore — siège encore sur le buste pallide de Pallas, juste au-dessus de la porte de ma chambre, et ses yeux ont toute la semblance des yeux d'un démon qui rêve, et la lumière de la lampe, ruisselant sur lui, projette son ombre à terre : et mon âme, de cette ombre qui gît flottante à terre, ne s'élèvera — jamais plus !

Edgar Poe (Edgar Allan Poe) *Le Corbeau*. *The Raven*. Traduction par Stéphane Mallarmé. R. Lesclide, 1875 (p. 1-17).

Cf. Disponível em: https://fr.wikisource.org/wiki/Le_Corbeau_%28traduit_par_St%C3%A9phane_Mallarm%C3%A9%29. Acesso em: 12 set. 2017.

LE CORBEAU

20.5 Tradução: Maurice Rollinat (1926)

*Vers le sombre minuit, tandis que fatigué
 J'étais à méditer sur maint volume rare
 Pour tout autre que moi dans l'oubli relégué,
 Pendant que je plongeais dans un rêve bizarre,
 Il se fit tout à coup comme un tapotement
 De quelqu'un qui viendrait frapper tout doucement
 Chez moi. Je dis alors, bâillant, d'une voix morte :
 « C'est quelque visiteur – oui – qui frappe à ma porte :
 C'est cela seul et rien de plus ! »*

*Ah ! très distinctement je m'en souviens ! c'était
 Par un âpre décembre – au fond du foyer pâle,
 Chaque braise à son tour lentement s'émiettait,
 En brodant le plancher du reflet de son râle.
 Avide du matin, le regard indécis,
 J'avais lu, sans que ma tristesse eût un sursis,
 Ma tristesse pour l'ange enfui dans le mystère,
 Que l'on nomme là-haut Lenore, et que sur terre
 On ne nommera jamais plus !
 Et les rideaux pourprés sortaient de la torpeur,
 Et leur soyeuse voix si triste et si menue
 Me faisait tressaillir, m'emplissait d'une peur
 Fantastique et pour moi jusqu'alors inconnue :
 Si bien que pour calmer enfin le battement
 De mon cœur, je redis debout : « Évidemment
 C'est quelqu'un attardé qui, par ce noir décembre,
 Est venu frapper à la porte de ma chambre ;
 C'est cela même et rien de plus. »*

*Pourtant, je me remis bientôt de mon émoi,
 Et sans temporiser : « Monsieur, dis-je, ou madame,
 Madame ou bien monsieur, de grâce, excusez-moi
 De vous laisser ainsi dehors, mais, sur mon âme,
 Je sommeillais, et vous, vous avez tapoté
 Si doucement à ma porte, qu'en vérité
 À peine était-ce un bruit humain que l'on entende ! »
 Et cela dit, j'ouvris la porte toute grande :*

Les ténèbres et rien de plus !

*Longuement à pleins yeux, je restai là, scrutant
 Les ténèbres ! rêvant des rêves qu'aucun homme
 N'osa jamais rêver ! stupéfait, hésitant,
 Confondu et béant d'angoisse – mais, en somme,
 Pas un bruit ne troubla le silence enchanté
 Et rien ne frissonna dans l'immobilité ;
 Un seul nom fut soufflé par une voix : « Lenore ! »
 C'était ma propre voix ! – l'écho, plus bas encore,
 Redit ce mot et rien de plus !
 Je rentrai dans ma chambre à pas lents, et, tandis
 Que mon âme, au milieu d'un flamboyant vertige,
 Se sentait défaillir et rouler, – j'entendis
 Un second coup plus fort que le premier. – Tiens ! dis-je,
 On cogne à mon volet ! Diable ! je vais y voir !
 Qu'est-ce que mon volet pourrait donc bien avoir ?
 Car il a quelque chose ! allons à la fenêtre
 Et sachons, sans trembler, ce que cela peut être !
 C'est la rafale et rien de plus !*

*Lors, j'ouvris la fenêtre et voilà qu'à grand bruit,
 Un corbeau de la plus merveilleuse apparence
 Entra, majestueux et noir comme la nuit.
 Il ne s'arrêta pas, mais plein d'irrévérence
 Brusque, d'un air de lord ou de lady, s'en vint
 S'abattre et se percher sur le buste divin
 De Pallas, sur le buste à couleur pâle, en sorte
 Qu'il se jucha tout juste au-dessus de ma porte...
 Il s'installa, puis rien de plus !*

*Et comme il induisait mon pauvre cœur amer
 À sourire, l'oiseau de si mauvais augure,
 Par l'âpre gravité de sa pose et par l'air
 Profondément rigide empreint sur sa figure,
 Alors, me décidant à parler le premier :
 « Tu n'es pas un poltron, bien que sans nul cimier
 Sur la tête, lui dis-je, ô rôdeur des ténèbres,
 Comment t'appelle-t-on sur les rives funèbres ? »
 L'oiseau répondit : « Jamais plus ! »
 J'admirai qu'il comprît la parole aussi bien
 Malgré cette réponse à peine intelligible
 Et de peu de secours, car mon esprit convient*

*Que jamais aucun homme existant et tangible
Ne put voir au-dessus de sa porte un corbeau,
Non, jamais ne put voir une bête, un oiseau,
Par un sombre minuit, dans sa chambre, tout juste
Au-dessus de sa porte installé sur un buste,
Se nommant ainsi : « Jamais plus ! »*

*Mais ce mot fut le seul que l'oiseau proféra
Comme s'il y versait son âme tout entière,
Puis, sans rien ajouter de plus, il demeura
Inertement figé dans sa raideur altière,
Jusqu'à ce que j'en vinsse à murmurer ceci :
– Comme tant d'autres, lui va me quitter aussi,
Comme mes vieux espoirs que je croyais fidèles,
Vers le matin il va s'enfuir à tire-d'ailes !
L'oiseau dit alors : « Jamais plus ! »*

*Sa réponse jetée avec tant d'à-propos
Me fit tressaillir. « C'est tout ce qu'il doit connaître,
Me dis-je, sans nul doute il recueillit ces mots
Chez quelque infortuné, chez quelque pauvre maître
Que le deuil implacable a poursuivi sans frein,
Jusqu'à ce que ses chants n'eussent plus qu'un refrain,
Jusqu'à ce que sa plainte à jamais désolée
Comme un De profundis de sa joie envolée,
Eût pris ce refrain : « Jamais plus ! »
Ainsi je me parlais, mais le grave corbeau,
Induisant derechef tout mon cœur à sourire,
Je roulai vite un siège en face de l'oiseau,
Me demandant ce que tout cela voulait dire.
J'y réfléchis, et, dans mon fauteuil de velours,
Je cherchai ce que cet oiseau des anciens jours
Ce que ce triste oiseau, sombre, augural et maigre,
Voulait me faire entendre en croassant cet aigre
Et lamentable : « Jamais plus ! »*

*Et j'étais là, plongé dans un rêve obsédant,
Laisant la conjecture en moi filer sa trame,
Mais n'interrogeant plus l'oiseau dont l'œil ardent
Me brûlait maintenant jusques au fond de l'âme,
Je creusais tout cela comme un mauvais dessein,
Béant, la tête sur le velours du coussin,
Ce velours violet caressé par la lampe,*

*Et que sa tête, à ma Lenore, que sa tempe
Ne pressera plus, jamais plus !*

*Alors l'air me sembla lourd, parfumé par un
Invisible encensoir que balançaient des anges,
Dont les pas effleuraient le tapis rouge et brun,
Et glissaient avec des bruissements étranges.
Malheureux ! m'écriai-je, il t'arrive du ciel,
Un peu de népenthès pour adoucir ton fiel,
Prends-le donc ce répit qu'un séraphin t'apporte,
Bois ce bon népenthès, oublie enfin la morte !
Le corbeau grinça : « Jamais plus ! »
Prophète de malheur ! oiseau noir ou démon,
Criai-je, que tu sois un messenger du diable,
Ou bien que la tempête, ainsi qu'un goémon
T'ait simplement jeté dans ce lieu pitoyable,
Dans ce logis hanté par l'horreur et l'effroi,
Valeureux naufragé, sincèrement, dis-moi,
S'il est, s'il est sur terre un baume de Judée,
Qui puisse encor guérir mon âme corrodée ?
Le corbeau glapit : « Jamais plus ! »*

*Prophète de malheur, oiseau noir ou démon,
Par ce grand ciel tendu sur nous, sorcier d'ébène,
Par ce Dieu que bénit notre même limon,
Dis à ce malheureux damné chargé de peine,
Si dans le paradis qui ne doit pas cesser,
Oh ! dis-lui s'il pourra quelque jour embrasser
La précieuse enfant que tout son corps adore,
La sainte enfant que les anges nomment Lenore ?
Le corbeau gémit : « Jamais plus ! »*

*Alors, séparons-nous ! puisqu'il en est ainsi,
Hurlai-je en me dressant ! rentre aux enfers ! replonge
Dans la tempête affreuse ! Oh ! pars ! ne laisse ici,
Pas une seule plume évoquant ton mensonge !
Monstre ! fuis pour toujours mon gîte inviolé,
Désaccroche ton bec de mon cœur désolé !
Va-t-en ! bête maudite, et que ton spectre sorte
Et soit précipité loin, bien loin de ma porte !
Le corbeau râla : « Jamais plus ! »*

Et sur le buste austère et pâle de Pallas,

*L'immuable corbeau reste installé sans trêve ;
Au-dessus de ma porte il est toujours, hélas !
Et ses yeux sont en tout ceux d'un démon qui rêve ;
Et l'éclair de la lampe, en ricochant sur lui,
Projette sa grande ombre au parquet chaque nuit ;
Et ma pauvre âme, hors du cercle de cette ombre
Qui gît en vacillant – là – sur le plancher sombre,
Ne montera plus, jamais plus !*

Disponível em: https://fr.wikisource.org/wiki/Le_Corbeau_%28traduit_par_Maurice_Rollinat%29.
Acesso em: 12 set. 2017.

Le Corbeau

20.6 Tradução: Leo Quesnel (18??)

Le poete est, pendant une sombre nuit de decembre, assis dans bibliotheque, au milieu de ses livres, auxquels il demande vainement l'oubli de sa douleur. Une vague somnolence appesantit ses yeux rougis par les larmes.

Un leger bruit le reveille. C'est quelqu'un qui frappe a la porte, sans doute ? Que lui importe ? Sa tete retombe.

Un autre bruit se fait entendre. C'est la tapisserie que, du dehors ; quelqu'un souleve peut-etre ? Que lui importe ? Il se rendort.

On frappe encore : " Entrez ! " dit-il ; mais personne n'entre. Il se leve enfin et va voir a la porte. Il n'y a rien que la silence.

Il se rassied, anxieux et surpris. Nouvel appel du visiteur myste'rieux et invisible ! Imposant silence a son cceur, tout rempli de l'image de Ignore : " Il faut," dit-il, " Que je de'couvre ce mystere ! Ah ! 'est le vent qui ge'missait, je pense ! " Et il ouvre la porte toute grande pour lui livrer passage.

Un gros corbeau, battant des ailes, entre aussitot, comme le maitre du lieu, et va se percher sur un buste de Minerve. Son air grave arrache un sourire au jeune homme melancolique : " Oiseau d'ebene," lui dit-il, " quel est ton nom sur le rivage de Pluton ? "

Et le corbeau rdpond : " Nevermore."

Etonnd d'une rdponse si sage, le poete lui dit : "Ami inconnu, tu me quitteras demain comme les autres, peut-etre ? "

Mais le corbeau re'pond : " Nevermore."

" Ah ! " sans doute, oiseau, tu ignores le sens du mot que tu prononces ? Et c'est de quelque maître affligé comme moi, qui avait, lui aussi, perdu à jamais son bonheur, qui t'a appris à dire : " Nevermore ? " Ah ! Lenore, toi qui foulais ce tapis que je foule, qui touchais ces coussins que je touche, qui animais ces lieux de ta présence, n'y reviendras-tu plus ? " Et le corbeau répond : " Nevermore."

Une fumée d'encens se répand dans la chambre, sortie d'un encensoir qu'un séraphin balance. " C'est ton Dieu qui l'envoie, sans doute, pour endormir par ce parfum, dans ma mémoire, le nom douloureux de Ignorance ? " "

Et le corbeau répond : " Nevermore."

" Prophète de malheur, ange ou démon, que la tempête a secoué sur ces rives, dis-moi, je t'en supplie, si l'on trouve en enfer le baume de l'oubli ? " Et le corbeau répond : " Nevermore."

" Oh ! dis-moi si dans le ciel Tame d'un amant désolé peut-être un jour a Tame d'une vierge sainte que les anges appellent Lenore ? " "

Et le corbeau répond : " Nevermore."

Et jamais le corbeau n'est descendu de ce buste de Minerve, dont il couronne le front pensif. Ses yeux de démon s'enfoncent sans cesse dans les yeux du poète. Son spectre, agrandi chaque nuit par la lumière des lampes, couvre les murs et les planchers, et l'amant infortuné ne lui échappera plus ! Nevermore.

LE CORBEAU

20.7 Tradução: Sir Tollemache Sinclair (1912)

*Jadis, vers l'heure sombre de minuit, triste et lassé,
 Quand, faible et mélancolique, je pensais au passé,
 En lisant une page étrange, curieuse et obscure,
 De connaissances oubliées, de peine bien dure.
 Comme je remuais la tête, presque sommeillant,
 Soudain l'on frappa à la porte, un coup retentissant.
 Comme si l'on frappait par plaisir, même en plaisantant,
 On frappa à la porte de ma chambre avec ardeur.
 Alors je murmurais à part : « C'est quelque visiteur
 Qui frappe à la porte de ma chambre à coups soutenus.
 Seulement cela, et rien de plus ! »
 Alors j'allai ouvrir la porte au milieu de la nuit,
 Quand, avec de légers mouvements et sans aucun bruit,
 Un grand corbeau majestueux sortit alors de l'ombre,
 Des jours purs et saints d'autrefois dans la grise pénombre.
 Il ne fit aucun salut, et de moi rien ne quêtâ,
 Ne resta pas calme une minute, et ne s'arrêta,
 Mais comme un grand seigneur, ou comme une dame, il entra.
 Vola sur la porte de ma chambre si sombre, hélas !
 Et se percha fièrement sur un buste de Pallas,
 Sur la porte de ma chambre aux panneaux bien vermoulus,
 Se percha et s'assit, rien de plus.
 Or cet importun oiseau couleur d'ébène, en changeant
 Mes tristes idées, me fit sourire faiblement,
 Par son grave et austère décorum et par le soin
 De la contenance qu'il gardait là-bas dans son coin.
 « Quoique ta crête soit courte et que tu sois bien rusé,
 Sur nulle lâcheté, pour entrer, tu ne t'es basé.
 Horrible et hideux corbeau que je hais, là-bas perché ;
 Errant loin du rivage sombre de ton lieu natal.
 Dis-moi, sans mensonge, quel est ton grand nom seigneurial.
 Sur la plage Plutonienne de la nuit sans vertus. »
 Le corbeau répondit : « Jamais plus. »
 Mais l'affreux corbeau, toujours perclié solitairement.
 Sur ce buste calmement perché, disait fièrement
 Ces simples mots, comme si son âme était éveillée.
 Dans ces seuls mots il épancha sa subtile pensée.
 Rien de plus que tout cela alors il ne murmurait.*

*Pas une seule plume sur son dos ne s'agitait.
 Jusqu'à ce qu'en peine je dis, comme cela durait : — « J'eus beaucoup
 d'autres amis, jadis, aimés tendrement,
 Un matin, il me quittera, sans délai, promptement,
 Comme nos espoirs passés se sont envolés, déçus. »
 Or l'oiseau répétait : « Jamais plus ! »
 Par le silence rompu à la fin presque étonné,
 Et par sa simple réponse vaguement mystifié :
 Sans doute, me disais-je, ce qu'il murmure là-haut
 Est tout ce qu'il connaît, et même son unique mot,
 Appris de quelque maître malheureux, presque dément,
 Qui subit quelque désastre impitoyable, vraiment,
 Désastre qui le suivit très vite et rapidement,
 Et de qui les chants contenaient en ses notes si fortes
 Seulement le dur regret de ses espérances mortes,
 Avec ce fardeau mélancolique et parfois confus
 Du temps qui ne sera jamais plus.
 « Prophète, lui dis-je, chose de mal, toujours méchant,
 Prophète, que tu sois oiseau, ou bien diable péchant.
 Soit que tu fus envoyé par Satan en sa colère,
 Ou que l'orage te lança de l'enfer sur la terre,
 Le coeur en rage, et cependant tout à fait indompté,
 Sur ce sol désert, magique, et sans aucune bonté,
 là même, chez moi, objet d'horreur et effronté,
 Dis-moi vraiment, je t'implore, effrayant et vain fantôme,
 N'y a-t-il pas, n'y a-t-il pas en Galaad de baume ?
 Dis-le moi, dis-le-moi, je t'implore, corbeau intrus ! »
 Le corbeau répondit : « Jamais plus ! »
 « Ah ! que ce mot soit notre signe d'adieu cependant.
 Triste oiseau ou démon de l'enfer, dis-je, en m'écartant,
 Va-t-en loin d'ici dans la tempête, être maudit.
 Oh ! Retourne vers le rivage Plutonien de la nuit,
 Et ne laisse aucune plume noire en signe visible
 Du mensonge que ton âme a dit, mensonge risible,
 Laisse-moi dans ma solitude affreuse, être nuisible !
 Quitte le buste au-dessus de ma porte, et sois damné !
 Et retire ton bec maudit de mon coeur torturé !
 Et ta forme de sur ma porte aux angles bien aigus. »
 Le corbeau répondit : « Jamais plus ! y^
 Le corbeau maudit, jamais ne s'envolant, méfiant,
 Encore assis, encore assis, et toujours défiant.
 Sur le buste de Pallas à la chevelure d'ambre.
 Reste toujours au-dessus de la porte de ma chambre,*

*Et ses yeux ont tout l'aspect envieux et le ton si vert
De ceux d'un démon qui dort, mais l'oeil à moitié ouvert.
La lumière d'une lampe le montre à découvert,
Dessine parfois son ombre sur le parquet si sombre,
Et mon âme vague du dehors de cette triste ombre
Qui flotte sur le parquet, mon âme aux espoirs perdus,
Oh ! ne sera libre jamais plus !*

Cf. Disponível em:
<https://ia600300.us.archive.org/22/items/larmesetsourires00sinc/larmesetsourires00sinc.pdf>, Acesso em:
12 set. 2017. p. 219-220.

LE CORBEAU

20.8 Tradução: William Little Hughes (1862)

I

Un soir, par un triste minuit, tandis que faible et fatigué, j'allais rêvant à plus d'un vieux et bizarre volume d'une science oubliée, tandis que sommeillant à moitié, je laissais pencher ma tête de çà, de là, j'entendis quelqu'un frapper, frapper doucement à la porte de ma chambre. « C'est un visiteur, murmurai-je, qui frappe à la porte de ma chambre — Ce n'est que cela et rien de plus. »

II

Ah ! je m'en souviens comme d'hier ; — c'était pendant le froid décembre, et chaque tison isolé dessinait, en expirant, son fantôme sur le parquet. Je souhaitais vivement le jour ; — en vain j'avais cherché dans mes rêves l'oubli de mes peines, l'oubli de ma Lénore perdue, — de l'incomparable et rayonnante jeune fille que les anges nomment Lénore Et qu'ici-bas, on ne nomme plus.

III

Et le bruissement triste, soyeux et incertain de mes rideaux violets me fit tressaillir, — me causa de fantastiques terreurs jamais ressenties jusqu'alors ; de sorte que, pour calmer les battements de mon cœur, j'allais me répétant : « C'est quelque visiteur qui veut entrer, quelque tardif visiteur qui veut entrer dans ma chambre — Un visiteur et rien de plus. »

IV

Enfin mon âme reprit courage ; sans plus hésiter : « Monsieur, dis-je, ou bien Madame, je vous demande mille pardons ; mais le fait est que je sommeillais, et vous avez frappé si doucement, vous avez frappé, frappé si faiblement à la porte de ma chambre, que c'est à peine si je suis sûr d'avoir bien entendu. » À ces mots, j'ouvris la porte toute grande... L'obscurité et rien de plus !

V

Le regard plongé dans les ténèbres, je restai là, surpris, effrayé, plein de doutes, rêvant ce que jamais mortel n'avait osé rêver auparavant ; mais rien n'interrompit le silence, pas un bruit révélateur, sauf un seul mot dit à voix basse, le mot : « Lénore ? » J'avais murmuré ce mot, — l'écho en murmurant me renvoya le mot « Lénore ! » — Ce seul mot, pas un de plus.

VI

Rentrant dans la chambre, l'âme en feu, bientôt j'entendis frapper un peu plus fort qu'auparavant. « Bien sûr, me dis-je, on a frappé au volet de ma

fenêtre. Voyons ce que c'est, explorons ce mystère ; — calme-toi un moment, mon cœur, que j'éclaircisse ce mystère. —

C'est le vent et rien de plus. »

VII

Ici, je poussai le volet, — alors entra chez moi, avec maint frémissement et maint battement d'ailes, un superbe corbeau, un corbeau des temps bibliques. Il ne m'adressa pas le plus léger salut ; sans s'arrêter ni hésiter un seul instant, mais avec un air de grand seigneur ou de grande dame, il alla se percher sur la porte de ma chambre, — se percher sur un buste de Pallas, juste au-dessus de la porte de ma chambre, —

S'y percha, s'y installa et rien de plus.

VIII

Alors, comme l'oiseau d'ébène amusait ma peine et me faisait sourire par le roide et grave décorum de la contenance qu'il gardait : « malgré ta tête chauve et déplumée, toi, lui dis-je, tu n'as pas l'air d'un poltron, ô maigre, sombre et vénérable corbeau, échappé des rives de la Nuit. Peut-on savoir de quel nom on t'honore sur la rive plutonienne ? »

« Jamais ! » répliqua le corbeau, « Jamais plus ! »

IX

Je fus grandement émerveillé d'entendre ce disgracieux volatile parler aussi clairement, bien que sa réponse eût peu de sens et bien peu d'à-propos ; — car, il faut en convenir, jamais mortel ne fut assez heureux pour voir un oiseau de cette espèce s'installer au-dessus de sa porte, — un oiseau ou tout autre animal se percher sur le buste sculpté au-dessus de sa porte,

Et répondre au nom « Jamais plus ! »

X

Mais le corbeau, montant sa garde solitaire sur le buste aux traits placides, ne prononça que ce seul mot, comme s'il y eût épanché son âme tout entière. Il ne dit pas autre chose, pas une de ses plumes ne s'agita. Mais comme je venais à peine de murmurer : « Bien des amis ont pris leur vol, — demain, lui aussi s'en ira par le chemin qu'ont pris mes espérances ! »

L'oiseau répéta : « Jamais plus ! »

XI

À cette réponse si opportune qui venait rompre le silence, je me sentis tressaillir de nouveau. « Sans doute, me dis-je, sans doute il me débite la somme de son savoir ; c'est l'élève de quelque maître infortuné que le malheur impitoyable a poursuivi sans relâche, jusqu'à ce que ses chansons n'eussent plus qu'un seul refrain, — jusqu'à ce que le glas de ses espérances ne sonnât plus qu'un sinistre refrain :

« Jamais ! Jamais plus ! »

XII

Comme le corbeau amusait ma peine et m'arrachait un sourire, je roulai soudain mon fauteuil en face de l'oiseau, du buste et de la porte. M'enfonçant dans le velours, je me mis à enchaîner une pensée à l'autre, me demandant ce que cet oiseau des temps bibliques, cet oiseau de présage, ce corbeau sombre, disgracieux, maigre et de mauvais augure, voulait dire en croassant ainsi :

« Jamais ! Jamais plus !

XIII

Cherchant à sonder ce mystère, mais sans adresser une syllabe à l'oiseau, dont le regard de feu me consumait le cœur, — tout occupé de ce rêve et de bien d'autres, je m'allongeai, la tête doucement reposée sur le coussin de velours où tombaient les rayons de ma lampe, sur le coussin de velours violet qu'éclairaient les rayons de ma lampe, Mais qu'Elle ne pressera jamais plus.

XIV

Alors je crus sentir dans l'air plus dense les parfums d'un invisible encensoir, balancé par de Séraphins dont les pas tombaient avec un bruit métallique sur le parquet tapissé^[11]. « Infortuné, m'écriai-je, ton Dieu t'annonce un peu de répit ; — par ces messagers, ton Dieu t'envoie du répit et l'oubli des souvenirs de ta Lénore. Bois, oh ! bois ce doux népenthès et cesse de pleurer ta Lénore. »

Le corbeau répéta : « Jamais plus ! »

XV

« Prophète, m'écriai-je, hôte de malheur ! Oiseau ou démon, prophète pourtant sous forme d'oiseau, que tu sois un envoyé du Tentateur, ou que la tempête te pousse, tourmenté mais non effrayé, vers ma solitude ensorcelée, — vers mon foyer hanté par les Terreurs, n'importe ! — Dis-moi franchement, je l'implore, — est-il un baume pour ma souffrance ! Réponds, réponds, je t'en supplie. »

Le corbeau répéta : « Jamais plus ! »

XVI

« Prophète, redis-je, hôte de malheur ! Oiseau ou démon, prophète pourtant sous forme d'oiseau ! Par le ciel arrondi sur nos têtes, par le Dieu que tous deux nous adorons, dis à mon âme accablée de douleur si, dans un lointain Éden, elle reverra une sainte jeune fille, une incomparable et rayonnante jeune fille que les anges nomment Lénore. »

Le corbeau répondit : « Jamais plus ! »

XVII

« Que ce mot soit le signal de ton départ, oiseau ou démon ! criai-je en me redressant d'un bond. Reprends ton vol à travers l'orage, regagne la rive plutonienne ! Ne laisse pas ici une plume noire pour me rappeler le mensonge que tu viens de proférer ! Abandonne-moi à ma solitude, quitte

ce buste au-dessus de ma porte ; retire ton bec de mon cœur, retire ton spectre de mon seuil. »

Le corbeau répéta : « Jamais plus ! »

XVIII

*Et le corbeau, immobile, demeure perché, toujours perché sur le buste blanc de Pallas, juste au-dessus de ma porte ; son regard est celui d'un démon qui rêve, et la lumière de la lampe, qui l'inonde, dessine son ombre sur le parquet ; de cette ombre qui tremble sur le parquet, mon âme
Ne sortira jamais plus !*

1.

Whose foot-falls tinkled on the tufted floor.

Cf. Disponível em:

https://fr.wikisource.org/wiki/Contes_in%C3%A9dits_%28Poe%29/Po%C3%A9sies/Le_Corbeau.

Acesso em: 12 set. 2017.

“Le Corbeau”

20.9 Tradução: Émile Lauvrière (1904?)

*Une fois, en un minuit lugubre, tandis que je m'appesantissais, faible
 [et fatigué,]
 Sur maint étrange et curieux volume d'une science oubliée,
 Tandis que je dodelinais de la tête, presque assoupi, soudain se fit
 [un heurt]
 Comme de quelqu'un frappant doucement, frappant à la porte de ma
 [chambre.]
 C'est quelque visiteur, murmurai-je, qui frappe à la porte de ma
 Cela seul et rien de plus. » [chambre;]
 Ah! distinctement je me souviens que c'était dans le glacial décembre,
 Et que chaque tison mourant projetait nettement son ombre sur le
 [plancher.]
 Avec quelle ardeur je souhaitais le matin ; c'est en vain que j'avais
 [voulu demander]
 A mes livres un sursis à ma douleur, ma douleur d'avoir perdu Lénore,
 Cette rare et radieuse jeune fille que les anges nomment Lénore,
 Et qui n'aura de nom, ici-bas, jamais plus.
 Et le soyeux, triste et vague bruissement des rideaux de pourpre
 Me faisait tressaillir, m'emplissant de fantastiques terreurs inconnues
 [jusqu'alors,]
 Si bien que, pour calmer le battement de mon cœur, je me levai,
 [répétant ;]
 (v C'est quelque visiteur qui sollicite l'entrée à la porte de ma chambre,
 Quelque tardif visiteur qui sollicite l'entrée à la porte de ma chambre ;
 C'est cela, et rien de plus. »
 Aussitôt mon âme se trouva plus forte; et, n'hésitant plus désormais,
 « Monsieur, dis-je, ou Madame, en vérité j'implore votre pardon ;
 Mais le fait est que je somnolais, et vous êtes venu si doucement frapper,
 Si faiblement vous êtes venu tapoter à la porte de ma chambre
 Que j'étais à peine sûr de vous avoir entendu ; » et j'ouvris alors la
 Ténèbres dehors et rien de plus. [porte toute grande :]
 Au fond (le ces ténèbres plongeant un regard perçant; longtemps je
 [me tins là à m'étonner, à m'effrayer]
 A douter, à rêver des rêves qu'aucun mortel n'osa encore jamais rêver;
 Mais le silence ne fut point troublé, et l'immobilité ne donna point de
 Et le seul nom proféré fut un nom chuchoté : « Lénore ? » [signe,]
 C'est lui que je chuchotai, et un écho à son tour murmura le mot
 Ce fut tout, et rien de plus. [Lénore; »*

*Rentrant dans ma chambre, toute mon âme en feu.
 Bientôt j'entendis encore un heurt un peu plus fort qu'auparavant ;
 « Sûrement, dis-je, sûrement il y a quelqu'un à la jalousie de ma
 Voyons donc ce que c'est, et explorons ce mystère ; [fenêtre ;]
 Laissons mon coeur se calmer un moment et explorons ce mystère :
 C'est le vent et rien de plus. »
 Là-dessus je poussai le volet, et voilà qu'avec 'maint frôlement et
 [battement d'ailes]
 Entre un majestueux Corbeau des saints jours d'autrefois.
 Il ne lit pas la moindre révérence ; il ne s'arrêta ni ne s'attarda un
 [instant ;]
 -Mais, avec un port de seigneur ou de grande dame se percha au-
 [dessus de la porte de ma chambre,]
 Il se percha sur un buste de Pallas, juste au-dessus de la porte de
 Il s'y percha, s'installa et rien de plus. [ma chambre ;]
 Alors cet oiseau d'ébène, induisant ma triste âme à sourire
 Par le grave et sévère décorum qu'à sa physionomie il donnait :
 ((liien que ta crête soit rase et tondue, non, lui dis-je, tu n'es certes
 [pas un poltron,]
 Antique et affreusement lugubre Corbeau qui t'en viens errer des
 [rivages de la nuit ;]
 Dis-moi quel est ton nom de seigneur au rivage plutonien de la nuit ! »
 Le Corbeau dit : « Jamais plus ! »
 Je m'émerveillai fort que ce disgracieux volatile comprit si bien la
 Uuoique sa réponse n'eût que peu de sens et d'à-propos : [parole,]
 Car il faut bien convenir que nul homme vivant
 i\eût jamais l'heur de voir un oiseau au-dessus de la porte de sa
 [chambre]
 Un oiseau ou une bête sur un buste sculpté au-dessus de la porte de
 Oui eût pour nom : « Jamais plus. » [sa chambre,]
 Maisle Corbeau, perché solitairement sur le buste placide, ne prononça
 Que ce seul mot, comme si en ce seul mot il épanchait toute son âme
 Une prononça pas un autre mot, n'agita pas une plume,
 Jusqu'à ce que je me risquasse à murmurer : « D'autres amis ont
 [déjà fui,]
 Demain, lui aussi me quittera, comme mes espérances déjà enfuies. ->
 Alors Toiseau dit : « Jamais plus ! »
 Alarmé du nouveau silence qui suivit une réponse si pleine d'à-propos.
 « Sans doute, dis-je, ce qu'il débite là est tout son bagage de savoir".
 Pris à quelque maître infortuné que l'impitoyable désastre
 N'a cessé de suivre et de poursuivre de plus en plus près jusqu'à ce
 [que ses chants n'eussent plus qu'un refrain,]
 Jusqu'à ce que les chants funèbres de son Espérance n'eussent plus*

*«Jamais, jamais plus. » [que ce mélancolique refrain :j
 Mais le Corbeau, induisant encore toute mon âme à sourire,
 Je m'empressai de rouler un siège à coussins en face de l'oiseau et
 [du buste et de la porte;]
 Puis, m'enfonçant dans le velours, je me pris à enchaîner
 Songerie à songerie, pensant à ce (pie ce sinistre oiseau des anciens
 [jours,]
 Ce que cet affreux, disgracieux, funèbre, maigre et sinistre oiseau
 [des anciens jours]
 Voulait dire par son croassement : « Jamais plus ! »
 Je restais ainsi, cherchant à deviner, mais sans adresser un mot
 A l'oiseau dont les yeux de feu me brûlaient maintenant jusqu'au
 [fond du coeur ;]
 Je restais à deviner cela et bien autre chose, ma tête reposant à l'aise
 Sur la doublure du coussin que dévorait la lueur de la lampe,
 La doublure de velours violet que dévorait la lueur de la lampe.
 Et qu'E//e ne pressera, ah ! jamais plus !
 Alors il me sembla que l'air s'épaississait, parfumé par un encensoir
 [invisible]
 Que balançaient des séraphins dont les pas tintaient sur l'épais tapis
 [de la chambre]
 i(Malheureux, mécriai-je, ton Dieu t'a donné, il t'a envoyé par les
 [anges]
 Du répit, du répit et du népenthès en tes souvenirs de Lénore !
 Bois, oh ! bois ce bon népenthès, et oublie cette Lénore perdue! >'
 Le corbeau dit : « Jamais plus ! »
 « Prophète! dis-je, être de malheur ! oiseau ou démon, toujours pro-
 [phète]
 (Jue tu sois envoyé par le Tentateur, ou jeté sur ce rivage par la
 [tempête]
 Désolé, quoique intrépide, sur cette déserte terre ensorcelée.
 En ce logis par l'horreur hanté, dis-moi sincèrement, je t'en supplie:
 Est-il, existe-t-il un baume en Galéad'? dis, dis-moi, je t'en supplie! »
 Le Corbeau dit : « Jamais plus ! »
 «Prophète ! dis-je, être de malheur ! oiseau ou démon toujours pro-
 [phète,]
 Par le ciel qui se déploie au-dessus de nos têtes, par ce Dieu que tous
 [deux nous adorons,]
 Dis à cette âme de chagrin chargée si, dans l'Eden lointain,
 Elle doit étreindre une vierge sainte que les anges nomment Lénore,
 Etreindre une rare et radieuse vierge que les anges nomment Lénore. »
 Le Corbeau dit : « Jamais plus ! »
 « Que cette parole soit le signal de notre séparation, oiseau ou démon !*

[hurlai-je en me dressant]

*Rentre dans la tempête, retourne au rivage plutonien de la nuit;
Ne laisse pas de plume noire en gage du mensonge qu'a proféré ton
[âme ;]*

*Laisse inviolée ma solitude ! quitte ce buste au-dessus de ma porte,
Arrache ton bec de mon coeur, et précipite ton spectre loin de ma
Le Corbeau dit : u Jamais plus ! » [porte. »]*

*Mais le corbeau, sans broncher, aiège encore, siège toujours,
Sur le pâlebusLede Pallasjuste au-dessus de la porte de ma chambre.
Et ses yeux ont toute la semblance de ceux d'un démon qui rêve,
Et la lueur de la lampe, ruisselant sur lui, projette son ombre sur le
[plancher]*

*Et mon âme, hors de cette ombre qui git, flottante, sur le plancher.
Ne s'élèvera jamais plus !*

POE, Edgar Allan. Edgar Poe. *Contes et poésies*. Introduction, traduction et notes par Émile Lauvrière.
Paris: la Renaissance du livre, 1918.

LAUVRIÈRE, Émile. *Edgar Allan Poe. Sa Vie et son oeuvre: Étude de Psychologie pathologique*. Paris:
Félix Alcan, 1904. [Consta tradução do poema sem indicação de autoria, o que sugere fortemente já se
tratar da tradução de Lauvrière.

Cf. Disponível em: <https://ia800307.us.archive.org/10/items/edgarpoe00laurrich/edgarpoe00laurrich.pdf>.
Acesso em: 14 jul. 2017.

**TRADUÇÕES ITALIANAS
“IL CORVO”**

Il Corvo

20.10 Tradução: Ulisse Ortensi (1892)

Il Corvo

*Una volta verso una mezzanotte tetra mentre
io meditava stanco ed annoiato sopra alcuni strani
e curiosi volumi di antica e dimenticata erudizione*

mentro io dondolava il capo quasi dormendo,

*improvvisamente udii un colpo, come di qualcuno
leggermente picchiante — picchiante all'uscio della
camera mia « Egli è qualche visitatore, io dissi,
picchiante all'uscio della camera mia*

solamente questo e « Nulla più. »

*Ah ! distintamente io ricordo, egli era nel freddo
dicembre e ciascun tizzo di bracia morente che si
staccava disegnava il suo spettro sul pavimento (1).
Ardentemente io desiderava il domani; vanamente
io aveva domandato in prestito ai miei libri la
cessazione dell'afflizione — dell'afflizione per la
perduta Lenore — per la rara e raggiante vergine
che gli angeli chiamano Lenore —*

senza nome qui per sempre. —

(1) Così il Neucioni.

*Ed il setoso triste incerto ronzo di ciascuna
porporata cortina mi faceva rabbrivire, mi empiva
di fantastici terrori mai prima sentiti; di maniera
che ora per acquetare i battiti del cuore io andava
ripetendo: « Egli è qualche visitatore supplicante
entrata sull'uscio della camera mia — qualche
tardo visitatore supplicante l'entrata all'uscio della
camera mia*

— questo egli è e nulla più.

Immediatamente il mio spirito diventò più forte, nè più a lungo titubando: « Signore, io dissi, o Signora veramente io imploro il vostro perdono; — ma il fatto è ch'io era sonnecchiante e così leggermente siete venuto a picchiare e così piano voi siete venuto a picchiare — a picchiare all'uscio della camera mia che io a stento era sicuro di avervi inteso — Qui spalancai per tutta la sua larghezza la porta: —

Vera ténébra e nulla più.

Eiccando lo sguardo profondo nel buio, lungamente io stetti meravigliandomi, impaurendomi, dubitando, fantasticando sogni che nessun mortale prima aveva osato fantasticare; ma il silenzio era continuo e l'oscurità non dava segno e la parola sola ivi pronunciata era la bisbigliata parola « Lenore » — questa io bisbigliai e un'eco mormorò di rimando la parola « Lenore » —

Meramente questo e nulla più.

Ritornando nella camera, tutto il mio spirito ardente dentro di me, presto io ascoltai di nuovo un colpo, alquanto più forte di prima. « Sicuramente, io dissi, questo è qualche cosa alla mia

finestra ingraticciata. Ch'io vegga, allora, ciò che v'ò da esplori questo mistero — che si calmi il mio cuore un momento e questo mistero esplori; — È il vento e nulla più ». —

Interamente qui io spalancava l'imposta, quando, con molte celie ed agitamenti v'entrò un altiero corvo dei santi giorni del tempo antico. Egli non rese il menomo inchino, non un istante esso cessò o s'arrestò — ma con ciera di signore o signora, si posò sull'uscio della camera mia — si posò sopra un busto di Pallade proprio sull'uscio della camera mia —

si posò, e stette e nulla più. —

Allora questo uccello d'ebano allettando la mia triste fantasia nel sorriso, per il grave, e severo decoro della continenza che esso aveva: « Quantunque la tua cresta sia spogliata e rasa, tu », io dissi, « sicuramente non sei codardo, cadaverico, orrido ed antico Corvo errante lontano dalla Notturna - riva — dimmi qual' è il tuo nobile nome nelle !Plutoniane rive della Notte! »

Disse il Corvo « Mai più »

Molto mi meravigliai nel sentire discorrere così franco questo sgarbato uccello, sebbene la sua risposta poco dicendo — poco a proposito cadesse; perohè non è nostra colpa convenire che nessun essere umano vivente mai fu ancora fortunato di vedere un uccello sull'uscio della camera sua, uccello o bestia sopra il busto scolpito sull'uscio della camera sua

con tal nome come « Mai più »

Ma il corvo sedendo solitariamente sopra quel placido busto diceva solamente quell' unica parola come se egli l' anima sua in quest' unica parola versasse — Nulla più allora egli disse, non una! piuma allora egli agitò, finché io più che a stento articolai: « Altri amici sono fuggiti innanzi; domani egli mi abbandonerà come le mie speranze che sono volate innanzi. »

Allora l' uccello disse « Mai più »

Trasalendo al silenzio interrotto da replica così attamente proferita « Senza dubbio, io dissi, ciò che esso pronuncia è suo solamente fornito e messo in serbo, appreso da qualche sventurato padrone che impietoso sfortunio perseguitò fortemente e perseguitò ancor più fortemente fino a che i suoi canti portarono un ritornello, fino a che i funebri

canti della sua Speranza il melanconico ritornello portarono

del « Mai — mai più »

Ma il Corvo ammaliando ancora tutta la mia triste anima al sorriso, direttamente io voltai una sedia a cuscini in fronte all' uccello, al busto ed alla porta; poscia sul velluto affossandomi, io occupai me stesso a pensare, fantasia dentro fantasia, a pensare che cosa questo uccello disgraziato, spettrale, scarno ed uccello del tempo antico di sinistro augurio avesse voluto dire

gracchiando « Mai più »

Questo, io sedetti occupato a congetturare, però nessuna sillaba esprimendo all' uccello i fieri occhi del quale ora cadevano nel mezzo del mio petto: questo e più io sedetti divinando, con la mia testa

comodamente rechina stilla copertura di velluto del cuscino che la lampada illumina (ardentemente) dall'alto — ma la fodera di velluto violetto del quale dalla lampada illuminata (ardentemente), Ella non premerà,

ah! « Mai più »

Allora mi sembrò che l' atmosfera divenisse più densa, profumata da un invisibile incensiere agitato da Serafini, i piedi dei quali posantisi sul pavimento risuonavano sul tappeto — « Miserabile, io gridai — il tuo Dio t' ha prestato — per questi angeli ti ha mandato riposo — riposo e panacea per le tue memorie di Lenore ! Bevi, oh bevi questa buona panacea e dimentica questa perduta Lenore! » Disse il Corvo « Mai più »

Profeta, io dissi, creatura del male ! — profeta sempre, se uccello o diavolo ! — sia che il Tentatore t' inviò, o sia che tempesta ti sbalzò qui arrenato, desolato, ancora non domito in questa landa

incantata, in questa casa visitata dall'orrore, dimmi veramente, io imploro — v'è — v'è balsamo in Gilead? — dimmi — dimmi — io imploro! »
Disse il Corvo « Mai più »

« Profeta » io dissi, « creatura del Male, profeta sempre, sia uccello o demone! Per questo cielo che pesa sù noi — per quel Dio che noi ambo adoriamo, di, quest'anima aggravata dal dolore se in un lontano Eden, abbraccerà una fanciulla santificata che gli angeli chiamano Lenore — abbraccerà una rara e raggianti vergine che gli angeli chiamano Lenore » —

Disse il Corvo « Mai piu »

« Sia questa parola il nostro segno di separazione, uccello o demone! » io parlai levandomi d'un tratto — « Ricacciati nella tempesta e nelle Plutoniche rive della Notte — Non lasciare nessuna piuma nera come un pegno di quella menzogna che la tua anima ha detto! — Lascia la mia solitudine non interrotta! — lascia il busto sull'uscio della camera mia! distacca il tuo becco dal mio cuore e getta la tua figura lontano dalla mia porta! »
Disse il Corvo « Mai più »

Ed il Corvo senza più muoversi tuttora è posato, tuttora è posato sul pallido busto di Pallade proprio sull'uscio della camera mia ed i suoi occhi hanno ogni somiglianza con quelli di un demone che è sognante, e la luce della lampada cadendo sù lui, proietta l'ombra sua sul pavimento; e l'anima mia da quell'ombra che si stende fluttuando sul pavimento non sarà ritolta — « Mai più »

Il Corvo

20.11 Tradução: Ernesto Ragazzoni (1896)

*Una volta, a mezzanotte, mentre stanco e affaticato
 meditavo sovra un raro, strano codice obliato,
 e la testa grave e assorta — non reggevami piú su,
 fui destato all'improvviso da un romore alla mia porta.
 5«Un viatore, un pellegrino, bussava — dissi — alla mia porta,
 solo questo e nulla piú!»*

*Oh, ricordo, era il dicembre e il riflesso sonnolento
 dei tizzoni in agonia ricamava il pavimento.
 Triste avevo invan l'aurora — chiesto e invano una virtù
 10a' miei libri, per scordare la perdita mia Lenora,
 la raggianti, santa vergine che in ciel chiamano Lenora
 e qui nome or non ha piú!*

*E il severo, vago, morbido, ondeggiare dei velluti
 mi riempiva, penetrava di terrori sconosciuti!
 15tanto infine che, a far corta — quell'angoscia, m'alzai su
 mormorando: «È un pellegrino che ha battuto alla mia porta,
 un viatore o un pellegrino che ha battuto alla mia porta,
 questo, e nulla, nulla piú!».*

*Calmo allor, cacciate alfine quelle immagini confuse,
 20mossi un passo, e: «Signor — dissi — o signora, mille scuse!
 ma vi giuro, tanto assorta — m'era l'anima e quassù
 tanto piano, tanto lieve voi bussaste alla mia porta,
 ch'io non sono ancor ben certo d'esser desto». Aprii la porta:
 un gran buio, e nulla piú!*

*25Impietrito in quella tenebra, dubitoso, tutta un'ora
 stetti, fosco, immerso in sogni che mortal non sognò ancora!
 ma la notte non dié un segno — il silenzio pur non fu
 rotto, e solo, solo un nome s'udì gemere: «Lenora!»
 Io lo dissi, ed a sua volta rimandò l'eco: «Lenora!»
 30Solo questo e nulla piú!*

*E rientrai! ma come pallido, triste in cor fino alla morte
 esitavo, un nuovo strepito mi riscosse, e or fu sì forte
 che davver, pensai, davvero — qualche arcano avvien quaggiù,*

qualche arcan che mi conviene penetrar, qualche mistero!
 35 *Lasciam l'anima calmarsi, poi scrutiam questo mistero!*
Sarà il vento e nulla più!

*Qui dischiusi i vetri e torvo, — con gran strepito di penne,
 grave, altero, irruppe un corvo — dell'età la più solenne:
 ei non fece inchin di sorta — non fe' cenno alcun, ma giù,
 40 come un lord od una lady si dicesse alla mia porta,
 ad un busto di Minerva, proprio sopra alla mia porta,
 scese, stette e nulla più.*

*Quell'augel d'ebano, allora, così tronfio e pettoruto
 tentò fino ad un sorriso il mio spirito abbattuto:
 45 e, «Sebben spiumato e torvo, — dissi, — un vile non sei tu
 certo, o vecchio spettral corvo della tenebra di Pluto?
 Quale nome a te gli araldi dànno a corte di Re Pluto?»
 Disse il corvo allor: «Mai più!».*

*Mi stupii che quell'inafausto disgraziato augello avesse
 50 la parola, e benché quelle fosser sillabe sconnesse,
 trasalii, ché, in niuna sorta — di paese fin qui fu
 dato ad uom di contemplare un augel sopra una porta,
 un augello od una bestia aggrappata ad una porta
 con un nome tal: «Mai più!».*

*55 Ma severo e grave il corvo più non disse e stette come
 s'egli avesse messo tutta quanta l'anima in quel nome:
 sopra il busto, appollaiato — non parlò, non mosse più
 finché triste ebbi ripreso: «Altri amici m'han lasciato!
 il mattin non sarà giunto ch'egli pur m'avrà lasciato!».
 60 Disse allor: «Mai più! mai più!».*

*Scosso al motto ch'or sì bene s'era apposto al mio pensiero,
 «Certo, — dissi, — queste sillabe sono tutto il suo sapere!
 e chi a tale ritornello — l'addestrò, forse quaggiù
 sarà stato sì infelice ch'ogni canto suo più bello
 65 come un requiem, non aveva ogni canto suo più bello
 a finir che in un mai più!»*

*Ma un pensier folle ancor voltomi a un sorriso il labbro torvo:
 scivolai su un seggiolone fino in faccia al busto e al corvo,
 e qui, steso nel velluto — presi intento a studiar su
 70 cosa mai volesse dire quel ferale augel di Pluto,*

*quel feral, sinistro, magro, triste, infausto augel di Pluto
col suo lugubre: «Mai più!».*

*Così assorto in fantasie stetti a lungo, e sempre intento
all'augello i di cui sguardi mi riempivan di spavento,
75 non osai più aprire labro — sprofondato sempre giù
fra i cuscini accarezzati dal chiaror di un candelabro
fra i cuscini rossi ov'ella, al chiaror di un candelabro,
non verrà a posar mai più!*

*Allor parvemi che a un tratto si svolgesse in aria, denso
80 e arcan, come dal turibolo d'un angelo, un incenso.
«O infelice, dissi, è l'ora! — e infin ecco la virtù
e il nepente che imploravi per scordar la tua Lenora!
Bevi, bevi il filtro e scorda! scorda alfin questa Lenora!»
Mormorò l'augel: «Mai più!».*

*85 «O profeta — urlai — profeta, spettro o augel, profeta ognora!
o l'Averno t'abbia inviato — o una raffica di bora
t'abbia, naufrago, sbalzato — a cercar asil quaggiù,
in quest'antro di sventure, di' al meschino che t'implora,
se qui c'è un incenso, un balsamo divino! egli t'implora!»
90 Mormorò l'augel: «Mai più!».*

*«O profeta — urlai — profeta, spettro o augel, profeta ognora!
per il ciel sovra noi teso, per l'Iddio che noi s'adora
di' a quest'anima se ancora — nel lontano Eden, lassù,
potrà unirsi a un'ombra cara che chiamavasi Lenora!
95 a una vergine che gli angeli ora chiamano Lenora!»
Mormorò l'augel: «Mai più!».*

*«Questo detto sia l'estremo, spettro o augello — urlai sperduto.
Ti precipita nel nembo! torna ai baratri di Pluto!
non lasciar piuma di sorta — qui a svelar chi fosti tu!
100 lascia puro il mio dolore, lascia il busto e la mia porta!
strappa il becco dal mio cuore! t'alza alfin da quella porta!»
Disse il corvo: «Mai, mai più!»*

*E la bestia ognor proterva — tetra ognora, è sempre assorta
sulla pallida Minerva — proprio sopra alla mia porta!
105 Il suo sguardo sembra il guardo — d'un dimon che sogni, e giù
sui tappeti il suo riflesso tesse un circolo maliardo,*

*e il mio spirito, stretto all'ombra di quel circolo maliardo
non potrà surger mai più!*

Nota

Quando il Corvo uscì la prima volta, nel 1845, in un numero di febbraio della American Review, era firmato «Quarles». Il poema richiamò immediatamente l'attenzione del pubblico, ma per qualche tempo l'autore rimase sconosciuto. Poë allora era ricevuto nella più scelta società letteraria di Nuova York, fra gli artisti e gli uomini di lettere che settimanalmente miss Anna C. Linch, celebre autrice, raccoglieva intorno a sé nel suo sontuoso appartamento di Waverley Place, e la parola calda, immaginosa, le eleganti maniere, l'aspetto distinto del nostro autore, affascinarono ognuno e gli cattivarono la simpatia e la benevolenza generale. In una di queste riunioni, Poë, richiesto dai suoi ospiti, recitò il Corvo, ed in tal modo egli disse quelle strofe della febbre, dell'allucinazione, della disperazione che l'uditorio, elettrizzato, sentì che egli doveva esserne l'autore. La paternità del poema fu svelata e la fama del poeta surse più alta che mai. Un critico americano, il prof. Henry Shepherd di Baltimora, dopo aver assegnato a Poë un posto fra i classici, ed aver collocato il suo nome fra quelli di Milton, di Ben Jonson, di Herrick, di Shelley, di Keats, analizzando il Corvo, così si esprime: «Nessuna composizione poetica nella nostra lingua raccoglie, come questa, una più ricca, una più armoniosa combinazione di metri e di rime. Ogni singola vocale, ogni singola consonante, ricercata con cura, collocata secondo il suo valore, dà al verso una sonorità magnifica, solenne, prolungantesi al di là delle parole, e la penetrazione, la fluidità delle liquide, non è solo caratteristica nella trovata del ritornello: «Nevermore» (mai più), ma in tutto il poema; la loro scorrevole dolcezza, sottolineata da molli cadenze, rivela quale conoscenza avesse il poeta delle intime armonie che sono la base dell'umano linguaggio e quale abilità egli avesse nel trattarle ed adattarle al pensiero». La continuità del ritmo, per cui l'idea, che si svolge severa di verso in verso, non incontra intoppi; l'imponenza della rima triplicata; la purezza, l'evidenza dello stile; l'allitterazione propria agli scaldi scandinavi e ai bardi sassoni, rinnovata; l'interesse sempre sostenuto in progressione drammatica dal principio alla fine; la stessa grafica delineazione, fanno del Corvo una composizione perfetta e degna di essere posta in alto fra le più nobili creazioni dell'intelletto umano di tutti i tempi, di tutte le lingue.

E. R.

Il Corvo

20.12 Tradução: Francesco Contaldi (18XX)

*Mentre, debole e stanco, verso la mezzanotte
scorrea d'antico libro pagine strane e dotte
sonnecchiando, ad un tratto come un picchio ascoltai,
un lieve, un gentil picchio de la mia stanza all'uscio.
– E` qualcuno che picchia de la mia stanza all'uscio,
e non altro, – pensai.*

*Ricordo. Era il dicembre freddo, e ogni tizzo lento
si spegnea disegnando l'ombra sul pavimento.
Il dì solo anelavo – dacchè invano cercai
oblio nei libri al duolo per la morta Leonora –
per te, raggianti vergine, che in ciel chiaman Leonora,
e qui nome non hai.*

*E il triste incerto fremito de le rosse cortine
tema ignota e fantastica m'incutea senza fine,
sì che, a calmare i battiti del cuore, io mi levai;
indi: – E` qualcun che picchia de la mia stanza all'uscio,
qualcun che varcar vuole de la mia stanza l'uscio,
non altro, – mormorai.*

*Calmato allor lo spirito, senza esitare ancora:
– Da voi perdono imploro, signor – dissi – o signora;
ma il fatto è che dormivo, e voi pur piano assai
picchiaste, così lieve della mia stanza a l'uscio,
che avervi udito appena mi pare. – Ed aprii l'uscio;
ma sol bujo trovai.*

*Dubbio e timor nel bujo m'assalsero, e stupito
restai, sogni seguendo che mai uomo ha seguito;
ma ognor silenzio e tenebre intorno a me scrutai,
sol bisbigliosi un motto, il nome di Leonora!
Lo dissi io stesso, e l'eco rimormorò: Leonora!
Sol questo e nulla mai.*

*Tornando nella camera con lo spirito agitato,
ecco il picchio ripetersi d'un tratto e più spiccato.
– Oh! certo è a la finestra che battono, – esclamai, –
è là, su la persiana; scopriamo un tal mistero...
tregua un istante, o cuore; scopriamo un tal mistero...
Sarà il vento, – pensai.*

*A spalancar le imposte mossi, e, agitando l'ale,
entrò un bel corvo antico in aria trionfale.*

*Non fe' saluto alcuno, arrestossi mai,
finché, come un padrone, posò lì sopra l'uscio,
di Pallade su un busto, proprio lì sopra a l'uscio.
Fermossi e l'osservai.*

*E allor lassù mirando quel nero uccello assiso,
il suo grave contegno mi diè lieve un sorriso.
– Rasa hai la cresta, – dissi, – ma un vinto non sarai.
Corvo spettral che vieni tristo dai regni bui,
parla, qual' è il tuo nome, laggiù nei regni bui?
E il corvo: Non più mai!*

*Gran meraviglia io m'ebbi quell'uccello ad udire,
benché il motto s'incerto poco volesse dire;
ma pur quella fantastica parvenza io l'accettai,
poiché vedea l'uccello giù, al di sopra dell'uscio,
bestia o uccello, sul busto giù al di sopra dell'uscio,
col nome: Non più mai!*

*Ma non disse oltre il corvo, fermo sul busto e assorto,
come se pronunziando quel motto ei fosse morto.
Nulla s'intese, e alcuna piuma non mosse mai,
infìn ch'io ripetei: – Altri fuggiron via;
ei pur n'andrà siccome le mie speranze via.*

*E l'uccello: Non mai!
Atterrito da l'arida risposta così adatta:
– Oh, senza dubbio – dissi – d'un corvo qui si tratta,
al quale un infelice padron stretto ne' guai,
cantando con le lugubri nenie le sue meschine
speranze, in ritornello avrà insegnato infine
quel triste: Non più mai!*

*E poiché l'alma al riso moveami ancor l'aspetto
del corvo, il seggiolone volsi a lui dirimpetto,
e tosto dietro a innumeri fantasie mi lanciai
per saper che volesse quel triste antico uccello,
quello sgraziato e magro, spettrale antico uccello
dir con il suo Non mai!*

*Così fantasticando stetti, senza parlare;
ma dai suoi occhi il cuore io mi sentia bruciare;
un pezzo stetti, e il capo sul velluto appoggiai
del sedil, che la lampada irradiava da l'alto,
la violacea stoffa irradiata da l'alto,
ch'Ella ha lasciato ormai.*

*Allor dei passi d'angeli udir mi parve e denso
L'aere intorno farsi d'indivisibile incenso.
– Malvagio, a mezzo d'angeli ti manda Iddio, – gridai –*

*riposo da le assidue memorie di Leonora;
bevi l'oblio, dimentica la perduta Leonora!*

Disse il corvo: Non mai!

*Profeta, – io feci, – e sempre tal, sia uccello o infido
spettro, ti spinga l'Erebo o la tempesta al lido, –
tu che su questa terra desolata ten vai,
per la mia tetra casa; dimmi schietto, t'imploro:
v'è pace almeno in Galaad? ...dimmi, dimmi, t'imploro!*

E il corvo: Non più mai!

*Profeta – io ripetetti, – sia uccello o spettro errante –
Dimmi, pel Dio che adori, per quel ciel scintillante:
potrà in un Eden lunge l'anima triste assai
trovar la dolce vergine che chiamano Leonora,
la vergine che gli angeli ora chiaman Leonora?*

Disse il corvo: Più mai!

*Demone o uccello, parti, – proruppi allora, – ai boschi
torna, fra le tempeste, di Pluto ai regni foschi,
né una penna in ricordo di quel che detto or hai
resti! a la solitudine mi lascia, e sgombra via
dal busto! Oh, il becco levami dal core, e sgombra via!*

Disse il corvo: Non mai!

*E là, senza più muoversi, rimane esso a guardare,
fermo sul busto pallido, de l'uscio al limitare.
Sembrano di sognante demoni gli occhi, e i rai
del lume ognor disegnano l'ombra sul pavimento,
né l'alma da quell'ombra lunga sul pavimento
sarà libera mai!*

Il Corvo.

20.13 Tradução: Luigi Siciliani (1911)

Con le membra stanche e rotte,
 Riflettendo a mezzanotte
 Sopra alcuni libri strani
 D'una scienza antica e morta.
 Sonnacchiavo tentennando,
 Quando udii il picchio blando
 Come d'uno che bussando
 Stesse sopra la mia porta.
 « È un visitatore », dissi,
 « Ch'ora batte la mia porta —
 Solo questo e nulla piti ».

Fu nel livido decembre,
 Nettamente mi rammento,
 E ogni tizzo disegnava
 Col suo spettro il pavimento.
 Sospirando l'alba molto,
 Chiesto aveva il cuor mio stolto
 Che dai libri a lui ritolto
 Fosse il pianto d'Eleonora,
 Della vergine raggianti
 Detta in Cielo Eleonora —
 Sen«a nome in terra più.

M frusciare triste, incerto,
 Delle tende porporine
 Mi scoteva e mi colmava
 Di terrori senza line;
 Tal che il palpito del cuore
 Per fermare ed il tremore
 Dissi : « È un visitatore
 Ch'ora batte la mia porta —
 Un visitatore tardo
 Ch'ora batte la mia porta; —
 Solo questo e nulla più ».

Fonte il cuor mio divenuto,
 Io d'un tratto, risoluto :
 « Il perdono », dissi allora,
 « O Signore oppur Signora,
 Vostro imploro; ma davvero.

*Sonnecchiando, non udivo
 Chiaro il battito leggero
 Della stanza sulla porta,
 E dubbioso stavo». Apersi
 Larga quindi la mia porta: —
 L'ombra c'era e nulla più.
 E nell'ombra allor spiando
 Mi fermai meravigliando,
 Tratto in mezzo ad ansii sogni
 Non sognati sino allora;
 Ma il silenzio fu immutato,
 Non dall'ombra un segno dato,*

*E fu sola una parola
 Sussurraita, «Eleonora!»
 Io la dissi, e un eco intorno
 Mormorava : « Eleonora ! »
 Solo questo e nulla più !
 Nella stanza ritornando
 E nell'anima bruciando,
 Tosto udii picchiar di nuovo,
 Ma di prima men leggero.
 « Certo », dissi, « certo è alcuno
 Ch'ora batte la vetrata;
 Io veder voglio quest'imo,
 Penetrare tal mistero —
 Abbia pace un poco il cuore,
 Penetrando tal mistero; —
 Forse è il vento, nulla più».
 Spalancai così le imposte :
 Dopo molti giri e volte,
 S'avanzò solenne un Corvo,
 Un dei santi antichi tempi;
 Non fé' cenno di saluto;
 Non ristette tm sol minuto;
 Ma con piglio risoluto
 Si fermò sulla mia porta —
 Sopra un busto di Minerva
 Messo sopra la mia porta —
 Quivi stette e nulla più.*

*E movendo ad un sorriso
 Quell'uccel nero il mio viso,*

*Coli decoro serio e grave
 Che dal suo contegno effonde,
 « Benché già sulla tua testa »,
 Dissi a lui, « non porti cresta,
 Vii non giungi, orrendo Corvo,
 Della Notte dalle sponde; —
 Parla, quale è il tuo gran nome
 Della Notte sulle sponde?»
 Dissie il Corvo allor: « Mai più ».*

*Mi stupii tail bestia sconcia
 Nell'udir parlare acconcia;
 E benché la sua risposta
 Poco senso e peso apporta,
 Pure male si concede
 Che umano essere vivente
 Si rallegrì, quando vede
 Della stanza sulla porta,
 Bestia o uccello messo sopra
 Busto scuiko sulla porta,
 Con un rkomie tal: « Mai più».*

*Ma sedendo allora torvo
 Sopra il bianco busto il Corvo,
 Disse sol quella parola,
 Quasi ch'essa tutto esprima
 E nient'altro mormorava —
 E non penna egli agitava —*

*Sino a quando iio sospirava :
 « Altri amici di lui prima !
 Domani egli partirà, —
 Come i sogni miei già prima».*

Disse il Corvo allor : « Mai più».

*Scosso or io dalla risposta
 Molto bene al detto opposta,
 « Senza dubbio questa voce
 Sola», dissi, «ha nel cervello,
 E l'apprese da un maestro
 Che a sfuggire non fu destro
 La sventura che incalzava,
 Fin che un solo ritornello
 Ebbe il canto alila speranza
 Morta — il triste ritornello
 Di « Mai più ! mai più ! mai più 1 »*

*Pur di nuovo ad mi sorriso
 Triste fu mosso il mio viso.
 Una soffice poltrona
 Pongo a fronte della porta,
 Sul velluto mi distiando,
 Cosa a cosa connettendo;
 E pensando quelil'orrendo
 Corvo della gente morta —
 Oueiraustero. rude, magro
 Corvo della gente morta
 Cosa voglia con « Mai più».*

*Tutto assorto a meditare,
 Senza sillaba fiatare
 Verso il Corvo i cui rossi occhi
 Or m'ardevano nel cuore,
 Stetti questo e più pensando,
 Il mio capo reclinando.
 Sul cuscino di velluto
 Della lampada al chiarore.
 Sul cuscino violetto
 Della lampada al chiarore,
 Ch'ella non premerà più.
 L'aer parve allor più denso,
 Come se da Serafini
 Camminando per la stanza
 Sparsio intorno fosse incenso,
 E gridai : « Misero, a te
 Manda Iddio gli angeli, a te.
 Con la paoe e col nepente
 Pel ricordo d'Eleonora!
 Bevi, bevi il buon nepente,
 E dimentica Eleonora! »
 Disse il Corvo allor : « Mai più ! »
 Gli risposi : « Reo flagello ! —
 Sii tu demone od uccello ! —
 T'abbia spinto la tempesta
 Od il Tentatore oscuro,
 Salo ma non sgomentato,
 In un luogo ammalciato*

*Dall'Orrore frequentato —
 Dimmi invero ti scongiuro —*

*C'è un conforto in Paradiso —
 Dimmi, dimmi, ti scongiuro! »
 Disse il Corvo allor : « Mai più »,
 Gli risposi : « Reo flagello ! —
 Sii tu demone od uccello ! —
 Per il Ciclo su noi steso —
 Per il Dio che noi si adora —
 Di' a quest'anima affannata
 Se lontano in Paradiso
 La fanciulla angelicata
 Detta in Cielo Eleonora
 Stringerà, la vergin santa
 Detta in Cielo Eleonora».
 Disse il Corvo allor : « Mai più ».
 «La paroila da te udità
 Ci sia segno di partita »,
 Gli gridai balzando, « indietro !
 Toma tra la gente morta!
 Non lasciare penna o segno
 D'un mentire tanto indegno!
 Ch'io qui resti solo in pace ! —
 Lascia il busto sulla porta;
 Leva il becco dal mio cuore.
 La tua forma dalla porta ! »
 Disse il Corvo allor : « Mai più ».*

*Ed il Corvo non fu scosso,
 DaJ suo posto non s'è mosso
 Là sul busto di Minerva
 Messo in sommo della porta;
 Ad un demone sognante
 Il suo occhio è somig-liante,
 E la lampada tremante
 L'ombra sua sul pavimento
 Versa, e il mio cuore dall'ombra
 Sparsa sopra il pavimento
 Non si leverà — mai più !*

Il Corvo / Kraulo (em italiano e grego salesiano)

20.14 Tradução: Vito D. Palumbo (1903)

*Una volta, è un pezzo, ed era in sul mezzo d'una nera
Notte, ch' io studiavo un vecchio curioso libro e su
Non reggevo il capo greve per il sonno, ecco, odo un breve
Rumor, come un raspar lieve lieve dietro la mia porta.
— Una visita, pensai; e si picchia alla mia porta.
Sarà questo e nulla più. —*

*Mia foràn, ehi podhi, io mia nitta skotinì,
C' emeléto 's quài hard ena kunto 'mbropaléo :
Èsto na-na na me pari ipuno ce òsso mu 'là.ni
Sa ti strane ce tutzéane essadia sadia sti porta.
— Tispos è' ce ste' tutzei, ipa vo, 'tumpi sti porta.
Tuo-n e' n' a' ce tipo pleo. —*

*Lo ricordo, era d'inverno, di dicembre; ancora scemo
Dei tizzoni che spegneansi l'ombre andare su e giù ;
Mentre invano io sospiravo l'alba e stogliermi tentavo
Dalla pena che provavo ripensando la Lenora,
La raggianti unica ch'ora in ciel chiamano Lenora
E qui nome non ha più.*

*Tùo' stannù sappu 'o toro, ion decembri c' io fsihró;
Ce ta kàrvuna pu svinnatto ósso-n guadha' spa merito
Asciu màvru -tromerù. O iso lùstro tù pormi
Posso kànte ! Meletonta, mi penséfso sti Lenora
Evò jìirone, stili ória pù 'i dèmi angeli Lenora
C' ettù noma 'en ehi pléo.*

*Il frusciar serico fine delle tende porporine
Mi colmava di terrori non provati ancor qua giù;
Cosi che, per acquetare il mio cuore, a replicare
Presi: — È certo qualche visita: e si picchia alia mia porta.
Una visita un po' tarda: e si picchia alla mia porta.
Questo è, certo, e nulla più. —*

*Eruscò lafrà lafrà ta porteria rotinà,
 C' evò tosson efariamo, pu en ifsera ti leo.
 Ce na sviso ti -fotia pu 'ste moce ti -kardia,
 lpa pale fonarà: — Tispos ene 'mpi sti pòrta :
 Tispos è' pu me pai vriskonta, ce tuzzei tumpi sti -porta.
 Tuo-n e' n'à', ce tipo pleo. —*

*Il coraggio racquietai in tal modo, e allor gridai :
 — Mio Signor, Signora, scusi; ma si piano fin qua su
 È venuta, ed ha picchiato cosi piano, eh' io, assonnato.
 Non mi sono proprio addato si picchiasse alla mia porta.
 Proprio non mi sono addato. — Ed apersi la mia porta.
 Buio pesto e nulla più.*

*Lèonta ius, ékama l ardia, ce volontà olo-n e' mia,
 Ipa: — Ispu ise su, fsihòrisi su jureo; ma vo 'en esteo:
 Esto' na na me ngravefsi; ce su, pale, sto tutzeysi,
 Tósson èzafse 'sadia, sto tutzeysi 'mpi sti -porta,
 Pu 'vò en ikusa kalà. — Pirta c' énifsa ti -porta.
 Skotinà ce tipo pleo.*

*A guardar nell'aria scura stetti un pezzo con paura :
 Mi pareva sognare un sogno non sognato mai qua giù
 Da un mortai. Tacea la notte, e le tenebre interrotte
 Non fur che da queste poche fioche sillabe « Lenora ».
 Le proffersi io stesso, e l' eco replicò piano : « Lenora ».
 Questo solo e nulla più.*

*Tosso 'meno. Kanonò e' 'me citto skotinó.
 Ce mu Tani ti toro dóftion ipuno pu, leo,
 Tispo è tube donta mai : de foni d' adho simai ;
 Tipo, seru ena sa mùrmuro pu ipe tutto lo, « Lenora
 Evo t' ùpa; o nekkò-n vótise essadia 'sadia: « Lenora
 Tuo, ce tipo tipo pleo,*

*Tornai dentro., e nel tornare il cervel sentia bruciare,
 E di nuovo udii picchiare; ma più forte e come su.
 — Certo, dissi, questa fiata stan picchiando alla vetrata.
 Lascia un po' veder ; chiarire proprio vo' questo mistero ,
 Per avere il cor tranquillo; vo' chiarir questo mistero.
 Sarà il vento e nulla più. —*

*Klinno ce jurizo 'mpi vràzònta, c' eci pu 'ci,
 Pale o tuzzo-n es t'afiti, ma pleo ferma, atto merco
 Pu anu. — Aftia ste mu ruscóune? Sti 'fenestra ste' tuzzéune;
 Arte è certo, ipa; e' - na dume pròbbio ti è tutto misteri,
 Na mu 'reguelse e kardia; na do ti è tutto misteri.
 Anemo è, ce tipo pleo.*

*Corro ed apro pauroso; e che vedo! un lezioso
 Corvo nero dignitoso e dei tempi d' Esaù,
 Senza fare un complimento, senza l'ombra di sgomento,
 E con F aria d' un signore, entra e va verso la porta.
 E di Pallade su un busto, eh' era sopra la mia porta
 S' appollaia, e nulla più.*

*Pao na nilso, ce sto nifsi, si toro ! — 'S kaló mu difsi ! —
 Ma ena sakko smorfiane, ena Kràulo 'mbropaleo,
 Senza tipoti na pi, ce malcà na Jaristi,
 Tosso mbike san aftendi, petase cirtea sti 'porta,
 Ce anu s ena busto pu ihe, tis Pallida, anu sti 'porta,
 Mbasunefiti ; tipo pleo.*

*Al veder quell' uccel nero cosi nobile e severo,
 Mi venia quasi da ridere; e mi volsi e dissi: O tu,
 Ancorché cosi spiumato abbia il ciuffo, un malcreato
 Non devi esser: ma scappato sei dal regno di Plutone?
 Dimmi, dimmi quale è il nome eh' hai nel regno di Plutone?
 Disse il corvo : « Mai più »,*

*Satti pu ida itto pudhi ecipanu sa trudhi,
 — Min alissia, en ghia jelasi ; c' è mu stei, ipa. Deteo ! —
 Dopo t' ùpa : — Ise fserò ce mo kókkalo junnò,
 Ma kalòs e' •nìse, m' olo t' irte', 'fénete, pu kau
 Ston anfierno, atto Plutuna; pò' se leu, •pemma, 'cikàu? —
 Ipe o Kràulo : « Mai pleo ».*

*Ch' io dovessi assai stupire, crederete, nell' udire
 Quel lezioso augello dire tal risposta, sebben su
 Non vi fosse da contare pel valore; ma, mi pare
 Che a nessuno ebbe a toccare di mirare su una porta
 Bestia o augello, sopra un busto collocato su una porta,
 Con tal nome « Mai più ».*

Torontato ti votà ce mà lòja kasarà

*Mu mili, òsson irta c'èmina. De ti vo, pale, ste' leo
 Ti ta lójatu ihan ena nóima sketto: ma 's lcanena
 Pisteo n' àntise na di kairameno anu sti porta
 S' ena busto ena pudhi oi ffinò panu sti 'porta
 M' utto noma « Mai pleo ».*

*Stava il Corvo appollaiato su quel busto, nè fiatato
 Avea più, come esalato con i detti di più su
 Il suo spirito avesse a un tratto : non un motto, non un atto,
 Fin eh' io mormorai: — Volarono tanti e tanti amici via,
 Tante mie speranze : aneli' egli domattin volerà via. —
 Disse il Corvo : « Mai più ».*

*Sa' pu t' ihe' rcerosonta mà diu lòja pu i he punta,
 Iso Ivràulo pleon 'è milise, c' este tosto: stei ce steo !
 Cino e siato cino e inili, kundu lei, c' en efsehili,
 Sopu en ipa vo 'sadia: — Iha tossus filu evo,
 Ce oli pirta 'j pai tuos puru, kundu us filu - pu iha vo.
 Votà cino : « Mai pleo ».*

*Io rimasi stupefatto a un rispondere si adatto.
 — Saran certo queste sole le parole che sai tu,
 Mormorai: t'avrà educato un padrone seguitato
 Da un Disastro dispietato; e i suoi canti un ritornello,
 Delle sue Spemi le nenie avean preso un ritornello,
 Questo « Mai mai più ». —*

*Kuènta cino ti mu dì mia risposta-n iu kalì,
 Ipa : — Certo utta diu loja fseri tuos, evò pisteo ;
 C' e' nu tàmasa cinù ena afs' ittus aftebu
 Pu o -kulusa e Sorta mavri: c' ihe vàlonta tornedhi
 Es ta moroloia òs ponottu ihe vàlonta tornedhi
 Utto « Mai mai pleo ». —*

*Benchè triste, quella rea bestia al riso mi movea.
 Tiro una poltrona e siedo proprio in faccia a lui la su ;
 Ed in quella sprofondato, penso qual significato
 Possa aver di quel dannato tristo antico orrido augello,
 Di quel tetro allampanato tristo antico orrido augello
 Il gracchiare « Mai più ».*

*M' olo ti esto' mi 'kardia gomai dipi ce fotia
 Mòrte o jéglio : mia -poltrona sirno ambrò-n ambrò ce steo*

*Probbio Taceffrunte 'ci pu mbasune itto pudhi.
 Ce òsson eddro ti ciofàlimmu na noiso cìso Kràulo
 Ti è pu iseles na pi, iso mavro tristo Kràulo,
 M' itta lòia « Mai pleo ».*

*Me ne stavo li seduto e fantasticavo, muto,
 Contemplando il Corvo, il cui occhio ardente Uno giù
 Nei precordi mi bruciava, e d' indovinar cercava
 Questo ed altro, il capo chino sul cuscin, sotto la lampa,
 Sul cui pallido velluto Ella, al lume della lampa,
 Non lia posi mai più.*

*Eston ius eci Kaimmeno, kanononta itto hameno
 Pu m' animai mòce i -kardia. Steo ce tipoti 'e -tu leo.
 Ma pao trénta ti dolali min u na mantefso, ti ciofali
 Pu 'kumbò anu sto koscini fse velluto, kau sti lampa,
 Sto koscini pu e sozeste Cini mai 'tukau sti 'lampa
 (Na kumbisi mai pleo !*

*Ecco, intanto, farsi greve l'aria, come al fumo lieve
 Del turibolo d'un angelo, i cui passi io sentia giù
 Pel tappeto molle; ed io grido: — È l'angelo di Dio
 Colla calma, col nepente pel pensiero di Lenora!
 Bevi, obliala, finalmente! la perduta tua Lenora. —
 Gracchiò il Corvo: « Mai più ».*

*Stèonta ius eci pu ci 'aria jetti pleo pivni
 Sappu ih' òmbonta enas angelo — iu mu fani, c ius pisteo —
 Mo censieri. Evò è 'to -torone, ma tes potimàettu enòne;
 Ce osso fònasa : — Irte e ora, na scerrefso ti Lenora !
 O Teò mu mbiefti o nubbio jò pensieri tì Lenora ! —
 Ipe o Kràulo : « Mai pleo ».*

*— O profeta, allor gridai, sia demonio o augel di guai,
 Ma profeta sempre, o il vento o l'Inferno fin qua su
 A cascar t' abbia mandato in quest' angol desolato,
 Dall'Orror, solo abitato, dimmi il vero, di, t'imploro,
 Pel mio duol v'è al mondo un balsamo? dimmi il vero, di, t'imploro! -
 Gracchiò il Corvo : « Mai più ».*

*— O profeta ù demoniu, oi pudhi tù demoniu
 Prama panta ù demoniu, pemmu lio, pemmu, tu leo,*

*Oi atton Diàvalo iso mbiao stutto spitin disertao,
 Oi attonànemo fermeno, pemmu, so jureo jà hari,
 la to pònammu ehi barzamo ? Ehi? pémmuto jà hari! —
 Ipe o Kràulo : « Mai pleo ».*

*— O profeta, allor gridai, sia demonio o augel di guai,
 Per il ciel su noi disteso, pel Signore di là su,
 Di al mio spirito doloroso se nell' Eden radiososo
 Abbracciar potrò la santa che in ciel chiamano Lenora?
 La fanciulla radiante che in ciel chiamano Lenora? —
 Gracchiò il Corvo: « Mai più ».*

*— O profeta ù demoniu, oi pudhi tu demouiu,
 Jon anghera pu stei pànama, jò Teo pu vo pisteo
 Ce su puru, e' na mu pi mi usi mavrimu fsihi
 Ecipanu mbrazzosi sozi mai ma ti 'Lenora,
 Mo korasi t' orio pu angeli ecipaun leu' Lenora?
 Ipe o Kràulo : « Mai pleo ».*

*Sorsi allora e gli gridai : — Questo detto, augel di guai,
 Ci divida: torna al turbine del plutonio regno giù;
 Nè lasciar piuma che attesti le menzogne che dicesti ;
 Non turbar più la mia pace ; via dal busto sulla porta ;
 Togli il becco dal mio cuore e il tuo aspetto dalla porta. —
 Gracchiò il Corvo : « Mai più » ».*

*— Uso lo, tristo pudhi, vòtisa, érkete sto pi
 Mas efseshorizi. Sire kau sto spitissu o paleo,
 Ston Anfierno, ce mi pai ce na fiki' j;'i simai
 Atta fsematasu manku pinna; Ilo pu 'citti porta:
 Sire o pizzo atti -kardiammu, mi -se do pleo e' 'citti porta. —
 Ipe o Kràulo : « Mai pleo ».*

*E l'Augel della malora non si mosse, ed è là ancora,
 Là, di Pallade sul busto, alla porta mia là su :
 E il suo sguardo il guardo pare d' un dimon dietro a sognare;
 E la mia lampa, battendo su di lui, ne manda giù
 L'ombra; nè l'anima mia può da quell'ombra là giù
 Distaccarsi mai più.*

*C' iso Kràulo, pu itto vrai, mu stei ci, c' 'è pai c' 'è pai
 Pu cipanu 'citti porta. C' itto annnàittu skiantateo
 'En ammiazi ammai pudbin ; èn' ammai tu demoniu*

*Pu quai -s' ipunu tori C' 'i fshimmu atton asciottu
Pu cimesa guadhi e lampa, 'i fshimmu atton asciottu
E ti 'sirno mai pleo.*

Disponível em: <https://ia800802.us.archive.org/35/items/PoeILCorvo/PoeILCorvo.pdf>. Acesso em: 10 out. 2017.

**“EL CUERVO”
TRADUÇÕES ESPANHOLAS**

El Cuervo

(Traducido libremente de Edgard A. Poe.)

20.15 Tradução: Ignacio Mariscal (MÉXICO) (1867?)

*Reina la medianoche; calma fúnebre
Se tiende en pos ¡del recio temporal:
Cansado al fin de recorrer volúmenes
De mi estancia en la triste soledad,
Al sueño me rendía, cuando, súbito,
Un sonido me viene á despertar.
"Alguien está-llamando en el vestíbulo:
Importuna visita!—exclamo—¡ Bah!
¡ Será algún necio amigo de ^farándulas;
Un necio, y nada más!"*

*Pasado ya el turbión, en ayes lúgubres
De lejos se oye el viento suspirar»;
Sobre el tapiz imágenes fantásticas
Arroja la luz trémula del gas:
Vanamente en los libros iin narcótico
A mi acerbo dolor pensé encontrar,
Que hasta mi sueño acibaró la pérdida
De esa adorada, angélica beldad
Que al cielo para siempre huyó, dejándome
Tormento y nada más.*

*Meditando seguí: el rumor del céfiro,
Las cortinas de seda al agitar,
Me hacía estremecer, y un terror pánico
Teníame clavado en mi sitial,
Repitiendo con aire incierto, estúpido,
Sin dominar por ello mi ansiedad,
Sin dar yo mismo á mis palabras crédito:
"Es alguien que me viene á visitar
Y toca suavemente en el vestíbulo:
Eso es, eso es no más."*

*De repente sentí llenarme de ánimo
Y esforzando el acento más y más,
"Caballero ó señora—grité impávido—:
Allá voy; usted ha de dispensar:*

*Es el caso que estaba ya durmiéndome
 Cuando de su venida la señal
 Confusa y débil resonó en mi tímpano;
 Tan suave fué que usted comprenderá...
 Allá voy." Y la puerta abrí con ímpetu:
 ¡ Tinieblas, nada más!*

*Largo tiempo miré el espacio lóbrego,
 Temblando receloso al comenzar,
 Absorto al fin en sueño atrevidísimo,
 Cual nunca lo soñara otro mortal.
 Reinaba hondo silencio por los ámbitos
 Del universo en calma sepulcral:
 Sólo mi voz lo interrumpió "¡Felicitas!
 Gritando en la vacía inmensidad,
 Do un eco flébil repitió "¡Felicitas!"
 Un eco y nada más.
 A mi estancia volví cual ciego autómeta,
 Con sólo un movimiento maquinal,
 Y al punto á sonar vuelve toque rispido
 Que su origen trazó con claridad.
 "Vaya, vaya—exclamé—, rio en el vestíbulo,
 Por la ventana alguno quiere entrar.
 Veamos, que no tocan los espíritus
 De ese modo: el misterio penetrar
 Es preciso; de espantos ya dejémonos;
 Será el viento no más."*

*En esto á la ventana llevo rápido,
 Y de golpe Ja abrí de par en par;
 A poco revolando entró en mi cámara
 Negro cuervo de aspecto funeral,
 Y sin más ceremonia ni preámbulo
 Que un vuelo silencioso, circular,
 Sobre un busto de Palas, grave, tétrico,
 Paróse en filosófico ademán:
 Posado allí quedó con aire estólido,
 Posado y nada más.*

*Tan serio continente en aquel pájaro
 Parecióme fingida gravedad,
 Y su actitud á risa provocándome,
 Así con desenfado empecé á hablar:*

*"Por tu calva y tu gusto mitológico
Te reconozco al fin, ave infernal:
Cuervo más viejo que Saturno, prófugo
Del reino de la Noche, dime ya
Cuál es tu nombre en la región plutónica",
Y él respondió: "Jamás."*

*A tan clara respuesta quedé atónito,
De un cuervo no pudiéndola esperar,
Si bien al pronto parecióme bárbara,
Sin sentido, ó sin mucha urbanidad;
Pues en verdad no pudo figurárseme
Que un adverbio de tiempo y nada más
Bastara á contestarme, ó que el ridículo
Avechueho que hiciera pedestal
Del sacro busto de una diosa olímpica,
Se nombrara "Jamás."*

*En tanto el cuervo, taciturno, tétrico,
Quedó sin otro acento articular,
Cual si el que lo animaba negro espíritu
En un vocablo comprendiera ya.
Ni un movimiento en su plumaje de ébano,
Ni un rumor descubriría al animal;
Hasta que dije con acento lánguido:
"Lo haré mi amigo y pronto volará;
Me dejará cual me dejaron pérfidos..."
El prorrumpió: "Jamás."*

*Asustóme al oír tan pronta réplica,
Que ya no pareció casualidad:
"Tal vez—dije—'la ciencia de este pájaro
Tiene esa voz por único caudal,
Y la aprendió de un loco ó de una víctima
Del infortunio... Mísero! trovar
Quizá no pudo su canción monótona
Sin esa muletilla, y por final
De cada estrofa recalcó fatídico
Ese Jamás, jamás."*

*Así pensé, y el misterioso cárabo
Volvió mi fantasía á recrear
Y á contemplar me puse busto y pájaro,*

*Tendido muellemente en un diván,
Imaginando en posición tan cómoda
Cuanto pudo Ja mente cavilar,
Sin penetrar en el sentido místico
(Ni siquiera entendí el gramatical)
Que daba á su graznido el ave exótica
Al repetir "jamás".*

*En medio á aquel delirio ni una sílaba
Dejaba yo á mis labios escapar;
Miraba al cuervo y su mirar flamígero
Mí mente convertía en un volcán.
Débil, exhausto, mi cabeza lánguida
Reclinaba en la pluma del sofá,
Y á su contacto mi cerebro mórbido
Evocaba una imagen celestial.
En vano; ya el diván su torma angélica
No ¡ha de oprimir jamás.*

*Mas al punto un aroma preciosísimo
De incienso comenzóme á circundar,
Y el eco me arrulló de blanda música
Que ahuyentaba del seno todo afán.
"Desdichado—clamé—, el Señor benéfico
Te envía con sus angeles la paz:
Apura, apura el delicioso bálsamo, i
Y cese tan continuo lamentar,
Olvida para siempre á tu Felicitas..."
Gritó el cuervo: "Jamás."*

*"Profeta de dolor, inmundo oráculo,
Ministro aterrador de Satanás,
Ora te envíe Belcebú del Tártaro
Y te arrojara aquí la tempestad
Para engañarme con falaz pronóstico
O el destino infalible revelar,
Dime—exclamé—, por compasión á un mísero
Responde: ¿ tendrá término mi mal ?
Yo te conjuro por tu dios: respóndeme";
Y él contestó: "Jamás."*

*"Profeta de dolor, inmundo oráculo,
Ministro aterrador de Satanás,*

*Por ese cielo de esplendor magnífico,
 Por su Dios que obedecen tierra y mar,
 Dime si de la tumba tras el límite,
 En la región de inmensa claridad,
 Al fin he de encontrar á mi Felicitas
 Y absorto en su belleza virginal,
 A par de los querubes darle un ósculo..."*
 El respondió: "Jamás."

*"Esta sea—grité—la prenda única
 De nuestra despedida, ave nna:
 Húndete pronto en el profundo báratro,
 Tumbos dando al furor del huracán.
 No dejes ni una pluma que en mi cámara
 Me recuerde tu horóscopo fatal.
 Vuela ya de ese busto y del vestíbulo;
 Suelta, suelta; tu garra pertinaz
 Mi alma rompe: retírate, retírate..."*
 Y él contestó: "Jamás."

*Y desde aquella noche el cuervo lóbrego,
 Posado allí, clavado siempre está
 Sobre ese busto de la diosa, pálido,
 Que le sirve de eterno pedestal.
 Fiero demonio vigilando al reprobó,
 No aparta de mí un punto su mirar,
 Larga sombra arrojando, negra, fúnebre.
 Do muere el sol y el ilumino so gas...
 ¡ Ay! de esta 'sombra que enlutó mi espíritu
 ¿ No he de salir ?—¡ Jamás!
 1867.*

El cuervo (T.Libre)

20.16 Tradução: Anônima

*Cierta noche aciaga, cuando, con la mente cansada,
meditaba sobre varios libracos de sabiduría ancestral
y asentía, adormecido, de pronto se oyó un rasgido,
como si alguien muy suavemente llamara a mi portal.
"Es un visitante -me dije-, que está llamando al portal;
sólo eso y nada más."*

*¡Ah, recuerdo tan claramente aquel desolado diciembre!
Cada chispa resplandeciente dejaba un rastro espectral.
Yo esperaba ansioso el alba, pues no había hallado calma
en mis libros, ni consuelo a la pérdida abismal
de aquella a quien los ángeles Leonor podrán llamar
y aquí nadie nombrará.*

*Cada crujido de las cortinas purpúreas y cetrinas
me embargaba de dañinas dudas y mi sobresalto era tal
que, para calmar mi angustia repetí con voz mustia:
"No es sino un visitante que ha llegado a mi portal;
un tardío visitante esperando en mi portal.
Sólo eso y nada más".*

*Mas de pronto me animé y sin vacilación hablé:
"Caballero -dije-, o señora, me tendréis que disculpar
pues estaba adormecido cuando oí vuestro rasgido
y tan suave había sido vuestro golpe en mi portal
que dudé de haberlo oído...", y abrí de golpe el portal:
sólo sombras, nada más.*

*La noche miré de lleno, de temor y dudas pleno,
y soñé sueños que nadie osó soñar jamás;
pero en este silencio atroz, superior a toda voz,
sólo se oyó la palabra "Leonor", que yo me atreví a susurrar...
sí, susurré la palabra "Leonor" y un eco volviólala a nombrar.
Sólo eso y nada más.*

*Aunque mi alma ardía por dentro regresé a mis aposentos
pero pronto aquel rasgido se escuchó más pertinaz.
"Esta vez quien sea que llama ha llamado a mi ventana;
veré pues de qué se trata, que misterio habrá detrás.
Si mi corazón se aplaca lo podré desentrañar.
¡Es el viento y nada más!".*

*Mas cuando abrí la persiana se coló por la ventana,
agitando el plumaje, un cuervo muy solemne y ancestral.*

*Sin cumplido o miramiento, sin detenerse un momento,
con aire envarado y grave fue a posarse en mi portal,
en un pálido busto de Palas que hay encima del umbral;
fue, posóse y nada más.*

*Esta negra y torva ave tocó, con su aire grave,
en sonriente extrañeza mi gris solemnidad.*

*"Ese penacho rapado -le dije-, no te impide ser osado,
viejo cuervo desterrado de la negrura abisal;
¿cuál es tu tétrico nombre en el abismo infernal?"*

Dijo el cuervo: "Nunca más".

*Que una ave zarrapastrosa tuviera esa voz virtuosa
sorprendióme aunque el sentido fuera tan poco cabal,
pues acordaréis conmigo que pocos habrán tenido
ocasión de ver posado tal pájaro en su portal.*

*Ni ave ni bestia alguna en la estatua del portal
que se llamara "Nunca más".*

*Mas el cuervo, altivo, adusto, no pronunció desde el busto,
como si en ello le fuera el alma, ni una sílaba más.*

*No movió una sola pluma ni dijo palabra alguna
hasta que al fin musité: "Vi a otros amigos volar;
por la mañana él también, cual mis anhelos, volará".*

Dijo entonces : "Nunca más".

*Esta certera respuesta dejó mi alma traspuesta;
"Sin duda - dije-, repite lo que ha podido acopiar
del repertorio olvidado de algún amo desgraciado
que en su caída redujo sus canciones a un refrán:
"Nunca, nunca más".*

*Como el cuervo aún convertía en sonrisa mi porfía
planté una silla mullida frente al ave y el portal;
y hundido en el terciopelo me afané con recelo
en descubrir qué quería la funesta ave ancestral
al repetir: "Nunca más".*

*Esto, sentado, pensaba, aunque sin decir palabra
al ave que ahora quemaba mi pecho con su mirar;
eso y más cosas pensaba, con la cabeza apoyada
sobre el cojín purpúreo que el candil hacía brillar.
¡Sobre aquel cojín purpúreo que ella gustaba de usar,
y ya no usará nunca más!.*

*Luego el aire se hizo denso, como si ardiera un incienso
mecido por serafines de leve andar musical.*

*"¡Miserable! -me dije-. ¡Tu Dios estos ángeles dirige
hacia ti con el filtro que a Leonor te hará olvidar!*

¡Bebe, bebe el dulce filtro, y a Leonor olvidarás!"

Dijo el cuervo: "Nunca más".

"¡Profeta! -grité -, ser malvado, profeta eres, diablo alado!

¿Del Tentador enviado o acaso una tempestad

trajo tu torvo plumaje hasta este yermo paraje,

a esta morada espectral? ¡Mas te imploro, dime ya,

dime, te imploro, si existe algún bálsamo en Galaad!"

Dijo el cuervo: "Nunca más".

"¡Profeta! -grité -, ser malvado, profeta eres, diablo alado!

Por el Dios que veneramos, por el manto celestial,

dile a este desventurado si en el Edén lejano

a Leonor, ahora entre ángeles, un día podré abrazar".

Dijo el cuervo: "¡Nunca más!"

"¡Diablo alado, no hables más!", dije, dando un paso atrás;

¡Que la tromba te devuelva a la negrura abisal!

¡Ni rastro de tu plumaje en recuerdo de tu ultraje

quiero en mi portal! ¡Deja en paz mi soledad!

¡Quita el pico de mi pecho y tu sombra del portal!"

Dijo el cuervo: "Nunca más".

Y el impávido cuervo osado aún sigue, sigue posado,

en el pálido busto de Palas que hay encima del portal;

y su mirada aguileña es la de un demonio que sueña,

cuya sombra el candil en el suelo proyecta fantasmal;

y mi alma, de esa sombra que allí flota fantasmal,

no se alzará... ¡nunca más!.

El Cuervo

20.17 Tradução: Juan Antonio Pérez Bonalde (VENEZUELA) (1887)

*Una fosca media noche, cuando en tristes reflexiones,
 sobre más de un raro infolio de olvidados cronicones
 inclinaba soñoliento la cabeza, de repente
 a mi puerta oí llamar:
 como si alguien, suavemente, se pusiese con incierta
 mano tímida a tocar:
 «Es—me dije—una visita que llamando está a mi puerta:
 eso es todo y nada más!»
 ¡Ah! Bien claro lo recuerdo: era el crudo mes del hielo,
 y su espectro cada brasa moribunda enviaba al suelo.
 Cuán ansioso el nuevo día deseaba, en la lectura
 procurando en vano hallar
 tregua a la honda desventura de la muerte de Leonora,
 la radiante, la sin par
 vírgen pura a quien Leonora los querubes llaman, hora
 ya sin nombre... ¡nunca más!
 Y el crujido triste, incierto, de las rojas colgaduras
 me aterraba, me llenaba de fantásticas pavuras,
 de tal modo que el latido de mi pecho palpitante
 procurando dominar,
 «es, sin duda, un visitante—repetía con instancia—
 que a mi alcoba quiere entrar:
 un tardío visitante a las puertas de mi estancia..
 eso es todo, y nada más!»*

*Paso a paso, fuerza y bríos
 fue mi espíritu cobrando:
 «Caballero—dije—o dama:
 mil perdones os demando;
 mas, el caso es que dormía,
 y con tanta gentileza
 me vinisteis a llamar,
 y con tal delicadeza
 y tan tímida constancia
 os pusísteis a tocar,
 que no oí»—dije—y las puertas
 abrí al punto de mi estancia;
 ¡sombras sólo y...
 nada más!*

*Mudo, trémulo, en la sombra por mirar haciendo empeños,
 quedé allí, cual antes nadie los soñó, forjando sueños;
 más profundo era el silencio, y la calma no acusaba
 ruido alguno... Resonar
 sólo un nombre se escuchaba que en voz baja a aquella hora
 yo me puse a murmurar,
 y que el eco repetía como un soplo: ¡Leonora...!
 esto apenas, ¡nada más!
 A mi alcoba retornando con el alma en turbulencia,
 pronto oí llamar de nuevo,—esta vez con más violencia,
 «De seguro—dije—es algo que se posa en mi persiana;
 pues, veamos de encontrar
 la razón abierta y llana de este caso raro y serio,
 y el enigma averiguar.
 ¡Corazón! Calma un instante, y aclaremos el misterio...
 —Es el viento—y nada más!»
 La ventana abrí—y con rítmico aleteo y garbo extraño
 entró un cuervo majestuoso de la sacra edad de antaño.
 Sin pararse ni un instante ni señales dar de susto,
 con aspecto señorial,
 fué a posarse sobre un busto de Minerva que ornamenta
 de mi puerta el cabezal;
 sobre el busto que de Palas la figura representa,
 fué y posóse—¡y nada más!
 Trocó entonces el negro pájaro en sonrisas mi tristeza
 con su grave, torva y seria, decorosa gentileza;
 y le dije: «Aunque la cresta calva llevas, de seguro
 no eres cuervo nocturnal,
 viejo, infausto cuervo obscuro, vagabundo en la tiniebla...
 Díme:—«¿Cuál tu nombre, cuál
 en el reino plutoniano de la noche y de la niebla?...»
 Dijo el cuervo: «¡Nunca más!».»
 Asombrado quedé oyendo así hablar al avechucho,
 si bien su árida respuesta no expresaba poco o mucho;
 pues preciso es convengamos en que nunca hubo criatura
 que lograrse contemplar
 ave alguna en la moldura de su puerta encaramada,
 ave o bruto reposar
 sobre efigie en la cornisa de su puerta, cincelada,
 con tal nombre: «¡Nunca más!».»
 Mas el cuervo, fijo, inmóvil, en la grave efigie aquella,
 sólo dijo esa palabra, cual si su alma fuese en ella
 vinculada—ni una pluma sacudía, ni un acento*

se le oía pronunciar...

*Dije entonces al momento: «Ya otros antes se han marchado,
y la aurora al despuntar,
él también se irá volando cual mis sueños han volado.»*

Dijo el cuervo: «¡Nunca más!»

*Por respuesta tan abrupta como justa sorprendido,
«no hay ya duda alguna—dije—lo que dice es aprendido;
aprendido de algún amo desdichado a quien la suerte
persiguiera sin cesar,
persiguiera hasta la muerte, hasta el punto de, en su duelo,
sus canciones terminar
y el clamor de su esperanza con el triste ritornelo
de jamás, ¡y nunca más!»*

*Mas el cuervo provocando mi alma triste a la sonrisa,
mi sillón rodé hasta el frente al ave, al busto, a la cornisa;
luego, hundiéndome en la seda, fantasía y fantasía
dime entonces a juntar,
por saber qué pretendía aquel pájaro ominoso
de un pasado inmemorial,
aquel hosco, torvo, infausto, cuervo lúgubre y odioso
al graznar: «¡Nunca jamás!»*

*Quedé a questo investigando frente al cuervo, en honda calma,
cuyos ojos encendidos me abrasaban pecho y alma.*

*Esto y más—sobre cojines reclinado—con anhelo
me empeñaba en descifrar,
sobre el rojo terciopelo do imprimía viva huella
luminosa mi fanal—*

*terciopelo cuya púrpura ¡ay! jamás volverá élla
a oprimir—¡Ah! ¡Nunca más!*

*Parecióme el aire, entonces,
por incógnito incensario
que un querube columpiase
de mi alcoba en el santuario,
perfumado—«Miserable sér—me dije—Dios te ha oído,
y por medio angelical,*

*tregua, tregua y el olvido del recuerdo de Leonora
te ha venido hoy a brindar:*

¡bebe! bebe ese nepente, y así todo olvida ahora.

Dijo el cuervo: «¡Nunca más!»

*«Eh, profeta—dije—o duende,
mas profeta al fin, ya seas
ave o diablo—ya te envíe
la tormenta, ya te veas*

*por los ábregos barrido a esta playa,
 desolado
 pero intrépido a este hogar
 por los males devastado,
 dime, dime, te lo imploro:
 ¿Llegaré jamás a hallar
 algún bálsamo o consuelo para el mal que triste lloro?»
 Dijo el cuervo: «¡Nunca más!»
 «¡Oh, Profeta—dije—o diablo—Por ese ancho combo velo
 de zafir que nos cobija, por el mismo Dios del Cielo
 a quien ambos adoramos, dile a esta alma adolorida,
 presa infausta del pesar,
 sí jamás en otra vida la doncella arrobadora
 a mi seno he de estrechar,
 la alma virgen a quien llaman los arcángeles Leonora!»
 Dijo el cuervo: «¡Nunca más!»*

*«Esa voz,
 oh cuervo, sea
 la señal
 de la partida.*

*grité alzándome:—¡Retorna,
 vuelve a tu hórrida guarida,
 la plutónica ribera de la noche y de la bruma!...
 de tu horrenda falsedad
 en memoria, ni una pluma dejes, negra, ¡El busto deja!
 ¡Deja en paz mi soledad!
 ¡Quita el pico de mi pecho! De mi umbral tu forma aleja...»
 Dijo el cuervo: «¡Nunca más!»
 Y aún el cuervo inmóvil, fijo, sigue fijo en la escultura,
 sobre el busto que ornamenta de mi puerta la moldura...
 y sus ojos son los ojos de un demonio que, durmiendo,
 las visiones ve del mal;
 y la luz sobre él cayendo, sobre el suelo arroja trunca
 su ancha sombra funeral,
 y mi alma de esa sombra que en el suelo flota... ¡nunca
 se alzaré... nunca jamás!
 FIN.*

“El Cuervo”

20.18 Traducción: Felipe Gerardo Cazeneuve (PERU) (1890)

*La noche lóbrega estaba—yo en vigilia meditaba
Cabizbajo sobre in-fólios de olvidada tradición,
Y rendido á un cabeceo, oigo de pronto un golpeo
Llamando á mi puerta quedo—quedo y sin repercusión.
—Algún visitante, dije, que llama á mi habitación,
Nada mas es este son.*

*Sí; lo recuerdo patente, era en Diciembre inclemente
Cada tizón esfumaba su fantasma aterrador,
Ansioso estaba del día, que vanamente pedía
A los libros el olvido, el olvido ;ay! de Leonor,
De la virgen pura y bella, entre los ángeles flor,
Ya en el mundo sin olor.*

*Colgadura que crujía de pavor me estremecía,
Cual nunca antes en mis venas el espanto penetró,
Y queriendo el sobresalto dominar, repetía alto:
—Algún visitante fué, visitante que tocó,
Visitante retardado que aquí á mi puerta llamó,
Eso fué lo que sonó.*

*Fortaleciendo, al fin, mi alma y repuesta ya la calma,
—Señor, digo, ó bien, Señora, perdonad mi distracción,
Pero, entre sueño y velada, apenas vuestra llamada,
Apenas vuestro golpeo se sintió en mi habitación—
De par la puerta abro entonces y espero la aparición:
Todo oscuro en la mansión.*

*A la oscuridad mirando, ralo estuve allí temblando,
Con visiones no soñadas por mortal en su terror,
Mas todo en silencio estaba, la quietud alli reinaba
Y una voz solóse oía que murmuraba LEONOR,
ILKONORCSC eco decía, mas Yo era el murmurador,
Ese era todo el rumor.*

*A mi cuarto vuelvo adusto, trémulo y lleno de susto
Y el reclamo oigo de nuevo, que es mas recio ya esta vez,
—Por cierto, digo, por cierto, en mi ventana el concierto
Repercute de los golpes que alarman mi timidez—•*

*Descubramos el misterio y recobre mi altivez:
Fué el viento en el ajimez.*

*La persiana lau/.o afuera, y éntrase -*i 11 mucha espera
Lucio cuervo cual tiguwMi conseja inmemorial.
No me hizo Su Señoría la mas simple cortesía.
Sino con aire de hidalgo ó de dama señorial,
Sílbese á uii busto de Palas colocado en el umbral
Y se sienta el Tal por Cual.*

*Movió burlona sonrisa, mi la/, demudada aprisa
Viendo al pájaro tan serio y con tanta gravedad,
— Aunque pelón y rapado, tu no estás preocupado.
Avechucho vagabundo que huyes de la tempestad.
¿Cual es tu nombre, le, dije, de Pinto en lareyedad?
— ".famas" contestó en verdad.*

*Hecho prodigioso y raro, qm; una ave hablase tan claro,
Aunque al caso no viniese su respuesta original,
Pero, de nadie se cuenta, ni nadie ejemplo presenta.
í)e cuadrúpedo ó avechucho q(ie montado en el umbral
De iuiapuert.il, se nombrase, sobre busto escultural,
•'.Tainas" en tono genial.*

*Kl cuervo no se movía, ni otro vocablo decía.
Uno mismo repitiendo con profunda convicción.
Nada distinto parlaba, ni las plumas encrespaba,
Hasta que exclamé yo recio:—De amigos la procesión
Se ausentó, y así KL también volará cual ilusión.
—Jamás, <lió en contestación.*

*Con respuesta tan cumplida, la mude/, interrumpida,
Prorrumpí:—No tiene duda que no sabe nada mas.
Su amo tué algún desgraciado, de desastres abrumado,
Que adoptara el estribillo, cuando de Anas á Caitas,
De decir entristecido: Nunca te recobrarás.
Jamás. Jamás y Jamás!*

*Pero, mientras mas veía al cuervo, mas me reía,
Un sillón rodando entonces frente al ave y al umbral
Húndome en el terciopelo y en inferir me desvelo
Con porfiado fantaseo la causa pretermortal
De que una ave de este agüero profiriera tanto tal*

"Jamás" extrae atura!.

*Sentado así contemplaba al animal, no le hablaba,
Y sus ojos relumbrantes me. causaban opresión,
Con el cerebro metido entre el espaldar mullido.
El raso viola inundando de azul reberveración.
Raso que no sentiría de KI.LA otra vez la presión.
Jamás, su tierna impresión.*

*De incensario que no asoma, surge entonces suave aroma
Cual si blando fuera oreado por celeste, serafín,
—Miserio, tu Dios, rae digo, por medio de ángel amigo
Alivio te concedió, tregua y olvido por fin
A tu pesar por Leonor, tu perdido querubín.
—Jamás, reza el cuervo ruin.*

*—Profeta, vate inclemente, ave ó diablo, aunque vidente,
A tentármete han enviado, ó te trajo el huracán
A este sitio desolado, á este paraje encantado,
Hogar dó reina el horror, ¿estas penas durarán?
Dime si algún lenitivo en este mundo tendrán?
—Jamás, repitió su afán.*

*—Profeta, vate inclemente, ave.ó diablo, aunque vidente,
Por el cielo te conjuro y por Dios que es nuestro autor,
A que alivies mi alma opresa, con la esperanza y promesa
Que abrazará en el Edén á la radiosa Leonor,
A lá virgen pura y bella, entre los ángeles flor,
—Jamás, su mismo tenor.*

*—Aparta, grito al instante y alzóme, airado el semblante,
Fuera, bestia! á la borrasca y á la noche de Pintón
No quede una negra pítima, que. aquí testimonio asuma
De tu mendaz vaticinio. Deja el busto y mi mansión;
Deje tu forma mi puerta; tu pico, mi corazón.
—Jamás, su conlettaeión .*

*Y sin aletear, plegado, el cuervo sigue sentado
De Minerva sobre el busto colocado en el umbral.
Con los ojos relumbrando, cual un demonio soñando,
Su sombra trasmite al suelo ¡a claridad del fanal,
¿Será libre mi alma un día de esta visión infernal?
JAMAS, la voz sepulcral.*

“Ворон”
TRADUÇÕES RUSSAS

Ворон (Поэма)

автор Эдгар Поэ, пер. Сергей Аркадьевич Андреевский

21 Tradução: Ворон (По/Андреевский)

Язык оригинала: английский. Название в оригинале: *The Raven*, 1845. — Из цикла «Стихотворения. 1878-1885.». Опубл.: 1878^[1]. Источник: С. А. Андреевский. Стихотворения. 1878-1885. — С.-Петербург: Типография А. С. Суворина. Эртелев пер., д. 11-2, 1886. — С. 268-278.

Ворон

ПОЭМА

Когда в угрюмый час ночной,
 Однажды, бледный и больной,
 Над грудой книг работал я,
 Ко мне, в минуту забытья,
 Невнятный стук дошел извне,
 Как будто кто стучал ко мне,
 Тихонько в дверь мою стучал —
 И я, взволнованный, сказал:
 «Должно быть так, наверно так —
 То поздний путник в этот мрак
 Стучится в дверь, стучит ко мне
 И робко просится извне
 В приют жилища моего:
 То гость — и больше ничего».

То было в хмуром декабре.
 Стояла стужа на дворе,
 В камине уголь догорал
 И, потухая, обливал
 Багряным светом потолок;
 И я читал... но я не мог
 Увлечься мудростью страниц...
 В тени опущенных ресниц
 Носился образ предо мной
 Подруги светлой, неземной,
 Чей дух средь ангельских имен
 Ленорой в небе наречен,
 Но здесь, исчезнув без следа,
 Утратил имя — навсегда!

А шорох шелковых завес
 Меня ласкал — и в мир чудес
 Я, будто сонный, улетал,
 И страх, мне чуждый, проникал
 В мою встревоженную грудь.
 Тогда, желая чем-нибудь
 Биенье сердца укротить,
 Я стал рассеянно твердить:
 «То поздний гость стучит ко мне
 И робко просится извне,
 В уют жилища моего:
 То гость — и больше ничего».

От звука собственных речей
 Я ощутил себя храбрей
 И внятно, громко произнес:
 «Кого бы случай ни принес,
 Кто вы, скажите, я молю,
 Просящий входа в дверь мою?
 Простите мне: ваш легкий стук
 Имел такой неясный звук,
 Что, я клянусь, казалось мне,
 Я услышал его во сне».
 Тогда, собрав остаток сил,
 Я настежь дверь свою открыл:
 Вокруг жилища моего
 Был мрак — и больше ничего.

Застыв на месте, я впотьмах
 Изведал снова тот же страх,
 И средь полночной тишины
 Передо мной витали сны,
 Каких в обители земной
 Не знал никто — никто живой!
 Но все по-прежнему кругом
 Молчало в сумраке ночном,
 Лишь звук один я услышал:
 «Ленора!» кто-то прошептал...
 Увы! я сам то имя звал
 И эхо нелюдимых скал
 В ответ шепнуло мне его,
 Тот звук — и больше ничего.

Я снова в комнату вошел
 И снова стук во мне дошел
 Сильней и резче, — и опять
 Я стал тревожно повторять:
 «Я убежден, уверен в том,
 Что кто-то скрылся за окном.
 Я должен выведать секрет,
 Дознаться, прав я или нет?
 Пускай лишь сердце отдохнет, —
 Оно, наверное, найдет
 Разгадку страха моего:
 То вихрь — и больше ничего».

С тревогой штору поднял я —
 И, звучно крыльями шумя,
 Огромный ворон пролетел
 Спокойно, медленно — и сел
 Без церемоний, без затей,
 Над дверью комнаты моей.
 На бюст Паллады взгромоздясь,
 На нем удобно поместясь,
 Серьёзен, холоден, угрюм,
 Как будто полон важных дум
 Как будто прислан от кого, —
 Он сел — и больше ничего.

И этот гость угрюмый мой
 Своею строгостью немой
 Улыбку вызвал у меня.
 «Старинный ворон!» молвил я,
 «Хоть ты без шлема и щита,
 Но видно кровь твоя чиста,
 Страны полуночной гонец!
 Скажи мне, храбрый молодец,
 Как звать тебя? Поведай мне
 Свой титул в доблестной стране,
 Тебя направивший сюда?»
 Он каркнул: — «Больше — никогда!»

Я был не мало изумлен,
 Что на вопрос ответил он.
 Конечно, вздорный этот крик

Мне в раны сердца не проник;
 Но кто же видел из людей
 Над дверью комнаты своей,
 На белом бюсте, в вышине,
 И наяву, а не во сне,
 Такую птицу пред собой,
 Чтоб речью внятною людской
 Сказала имя без труда,
 Назвавшись: Больше — никогда?!

Но ворон был угрюм и нем.
 Он удовольствовался тем,
 Что слово страшное сказал, —
 Как будто в нем он исчерпал
 Всю глубь души — и сверх того
 Не мог добавить ничего.
 Он все недвижимым пребывал,
 И я рассеянно шептал:
 «Мои надежды и друзья
 Давно покинули меня...
 Пройдут часы, исчезнет ночь —
 Уйдет и он за нею прочь,
 Увы, и он уйдет туда!..»
 Он каркнул: — Больше никогда!

Такой осмысленный ответ
 Меня смутил. «Сомненья нет»,
 Подумал я: "печали стон
 Им был случайно заучен.
 Ему внушил припев один
 Его покойный господин.
 То был несчастный человек,
 Гонимый горем целый век,
 Привыкший плакать и грустить,
 И ворон стал за ним твердить
 Слова любимые его,
 Когда из сердца своего
 К мечтам, погибшим без следа,
 Взывал он: «Больше никогда!»

Но ворон вновь меня развлек,
 И тотчас кресло я привлек
 Поближе к бюсту и к дверям

Напротив ворона — и там,
 В подушках бархатных своих,
 Я приютился и затих,
 Стараясь сердцем разгадать,
 Стремясь добиться и узнать,
 О чем тот ворон думать мог,
 Худой, уродливый пророк,
 Печальный ворон древних дней,
 И что таил в душе своей,
 И что сказать хотел, когда
 Он каркал: «Больше никогда?»

И я прервал беседу с ним,
 Отдавшись помыслам своим,
 А он пронизывал меня
 Глазами, полными огня —
 И я над тайной роковой
 Тем глубже мучился душой,
 Склонившись на руку челом...
 А лампа трепетным лучом
 Ласкала бархат голубой,
 Где след головки неземной
 Еще, казалось, не остыл,
 Головки той, что я любил,
 И что кудрей своих сюда
 Не склонит больше никогда!..

И в этот миг казалось мне,
 Как будто в сонной тишине
 Курился ладан из кадил,
 И будто рой небесных сил
 Носился в комнате без слов,
 И будто вдоль моих ковров.
 Святой, невидимой толпы
 Скользили легкие стопы...
 И я с надеждою вскричал:
 «Господь! Ты ангелов прислал
 Меня забвеньем упоить...
 О! дай Ленору мне забыть!»
 Но мрачный ворон, как всегда,
 Мне каркнул: — Больше никогда!

«О, дух иль тварь, — предвестник бед,

Печальный ворон древних лет!»
 Воскликнул я... «Будь образ твой
 Извергнут бурей ночной
 Иль послан дьяволом самим,
 Я вижу — ты неустрашим:
 Поведай мне, молю тебя:
 Дает ли жалкая земля,
 Страна скорбей — дает ли нам
 Она забвения бальзам?
 Дождусь ли я спокойных дней,
 Когда над горестью моей
 Промчатся многие года?»
 Он каркнул: — Больше никогда!

И я сказал: «О, ворон злой,
 Предвестник бед, мучитель мой!
 Во имя правды и добра,
 Скажи во имя божества,
 Перед которым оба мы
 Склоняем гордые главы,
 Поведай горестной душе,
 Скажи, дано ли будет мне
 Прижать к груди, обнять в раю
 Ленору светлую мою?
 Увижу ль я в гробу немом
 Ее на небе голубом?
 Ее увижу ль я тогда?»
 Он каркнул: — Больше никогда!

И я вскричал, рассвирепев:
 "Пускай же дикий твой припев
 Разлуку нашу возвестит,
 И пусть твой образ улетит
 В страну, где призраки живут
 И бури вечные ревут!
 Покинь мой бюст и сгинь скорей
 За дверью комнаты моей!
 Вернись опять ко тьме ночной!
 Не смей пушинки ни одной
 С печальных крыльев уронить,
 Чтоб мог я ложь твою забыть!
 Исчезни, ворон, без следа!..»
 Он каркнул: — Больше никогда!

*Итак, храня угрюмый вид,
Тот ворон все еще сидит,
Еще сидит передо мной,
Как демон злобный и немой;
А лампа яркая, как день,
Вверху блестит, бросая тень —
Той птицы тень — вокруг меня,
И в этой тьме душа моя
Скорбит, подавлена тоской,
И в сумрак тени роковой
Любви и счастья звезда
Не глянет — больше никогда!!.
Из второго издания сборника (1898) автор перевод этой поэмы
исключил. (Прим. ред.)*

Cf. Disponível em:

https://ru.wikisource.org/wiki/%D0%92%D0%BE%D1%80%D0%BE%D0%BD_%28%D0%9F%D0%BE%D0%90%D0%BD%D0%B4%D1%80%D0%B5%D0%B5%D0%B2%D1%81%D0%BA%D0%B8%D0%B9%29#cite_ref-1

21.1 Tradução: Ворон (По/Пальмин)

Ворон (из Эдгара Поэ)

автор Эдгар Поэ (1809-1849), пер. Лиодор Иванович Пальмин

Ворон

(из Эдгара Поэ)

*Раз в унылую полночь, в молчаньи немом
Над истлевшим старинного тома листком
Задремав, я поник головою усталой...
Слышу в дверь мою легкий и сдержанный стук:
Верно в комнату просится гость запоздалый...
Нет, все тихо и немо вокруг.*

*Тьмою вечер декабрьский в окошко зиял,
От углей, потухавших свет бледный дрожал,
Тщетно в книге искал я забвенья печали
О моей незабвенной, утраченной мной,
Что архангелы в небе Ленорой назвали,
Что давно позабыта землей...*

*Каждый шорох чуть слышный в ночной тишине
Фантастическим страхом, неведомым мне,
Леденил мою кровь, и, чтоб сердца биенье
Успокоить, сказал я: «то в дверь мою стук
Запоздалого гостя, что ждет приглашенья...»
Но — все тихо и немо вокруг.*

*В этот миг, ободрившись, сказал я смелей:
«Кто там: гость или гостя за дверью моей?
«Я заснул и не слышал, прошу извиненья,
«Как стучали вы в дверь, слишком тих был
ваш стук,
«Слишком тих...» отпер двери я в это мгно-
венье —
Только тьма и молчанье вокруг.*

*Долго взоры вперял я во мраке густом,
Полный страхом, сомненьем, и грезил о том,
Что незримо и страшно для смертного взора,*

*Но в молчаньи один только слышался звук —
Только вторило эхо мой шепот: «Ленора!»
И безмолвно все было вокруг.*

*Весь волненьем тревожным невольно объят,
Только в комнату я возвратился назад,
Слышу, стук повторился с удвоенной силой.
Что бояться? не лучше ль исследовать звук?
Это в раму стучит, верно, ветер унылый...
Все спокойно и тихо вокруг.*

*Я окно отворил; вот, среди тишины,
Статный ворон, свидетель святой старины,
С трепетанием крыльев ворвался и гордо
Прямо к бюсту Паллады направился вдруг
И, усевшись на нем с видом знатного лорда,
Осмотрелся безмолвно вокруг.*

*Гордой поступью, важностью строгих очей
Рассмешил меня ворон и в грусти моей.
«Старый ворон! уже без хохла ты... однако,
Путник ночи, тебя не смирили года...
Как зовут тебя в царстве Плутонова мрака?»
Ворон громко вскричал: «никогда».*

*С изумленьем услышал я птицы ответ,
Хоть ума в нем и не было сильных примет,
Но ведь все согласятся с моими словами.
Что за дивное диво сочтешь без труда,
Если птицу на бюсте найдешь над дверями,
С странной кличкой такой: «никогда»...*

*Но не вымолвил ворон ни слова потом,
Весь свой ум будто вылив в том слове одном.
Неподвижен он был и промолвил в тиши я:
Завтра утром ты бросишь меня без следа,
Как другие друзья, как надежды былые!..
Ворон снова вскричал: «никогда.»*

*Как ответ мне, тот крик прозвучал в ти-
шине;
Это все, что он знает, подумалось мне, —
Верно, перенял он у гонимого силой*

Злой судьбы, чьих надежд закатилась звезда,
Панихиду по грезам — припев тот унылый:
«Никогда, никогда, никогда!»

Вопреки неотвязчивым думам моим,
Все смешил меня ворон; усевшись пред ним
В бархат мягкого кресла, я впал в размыш-
ленье:

Ворон, вещий когда-то в былые года,
Ворон вещий и мрачный, какое значенье
Скрыто в крике твоём: «никогда»?

Так безмолвно я в думах моих утопал,
Птицы огненный взгляд в сердце мне прони-
кал,

В мягком кресле прилег я спокойно и ловко,
А на бархат свет лампы чуть падал, о да!
Этот бархат лиловый своею головкой
Не нажмет уж она никогда!

Вдруг отрадно мне стало, как будто святым
Фимиамом незримый пахнул серафим...
О, несчастный! я молвил, то мне провиденье
Шлет отраду в приют одинокий сюда!
О Леноре утраченной даст мне забвенье!..
Ворон снова вскричал: «никогда!»

О, пророк, злой вещун, птица ль, демон ли ты,
Ада ль мрачный посол, иль, во мгле темноты
Пригнан бурей ты с берега грозного моря.
О, скажи, дальний гость, залетевший сюда:
Отыщу ль я бальзам от сердечного горя?
И вещун прокричал: «никогда!»

Птица ль, демон ли ты, все ж пророк, вестник
злой,
Молви мне: в царстве Бога, что чтим мы с
тобой,
В отдаленном раю, сбросив бремя печали,
Не сольюсь ли я с милой, воспрянув туда,
С чудной девой, что в небе Ленорой назвали?
Птица вскрикнула вновь: «никогда!»

*Птица ль, демон ли ада — воскликнул я — прочь!
Возвратись же опять в мрак и в бурную ночь!...
Не оставь здесь пера в память лжи безотрадной,
Одинокий приют мой покинь навсегда,
Вынь из сердца разбитого клюв кровожадный!
Ворон крикнул опять «никогда!»*

*И над дверью моей неподвижно с тех пор
Блещет ворона черного демонский взор,
В бледных лампы лучах силуэт его темный
Предо мной на полу распостерт навсегда,
И из круга той тени дрожащей огромной
Не воспрянет мой дух никогда!*

Cf. Disponível em:

https://ru.wikisource.org/wiki/%D0%92%D0%BE%D1%80%D0%BE%D0%BD_%28%D0%9F%D0%B%D0%9F%D0%B0%D0%BB%D1%8C%D0%BC%D0%B8%D0%BD%29 . Acesso em: 12 set. 2017.

21.2 Tradução: Ворон (По/Оболенский)

Ворон (Поэма Эдгара Поэ)

автор Эдгар Аллан По (1809—1849), пер. Леонид Егорович Оболенский.

Язык оригинала: английский. Название в оригинале: The Raven, 1845.. — Дата создания: 1879, опублик.: 1879^Ш. Источник: Л. Е. Оболенский. Последние поэмы (Не вошедшие в первый том). С.Петербург. Типолитография Месника и Римана. Бассейная ул., 50. 1887.

Ворон

Поэма Эдгара Поэ

*Да, я один, ея уж нет!
Всю ночь не сплю! Мерцает свет
От лампы в комнате моей,
А я один, один, больной,
С моей гнетущею тоской...
Но вдруг неясный слышу звук,
Как будто в дверь раздался стук.
Как сердце замерло опять!
О чем? Кого теперь мне ждать?
О, нет ея! Кому придти?!
То путник, сбившийся с пути,
Набрел на запоздалый свет...
Кого мне ждать? Возврата нет!*

*Зимой то было: за стеной
Мятели раздавался вой,
Светил камина огонек
На мой уютный уголок,
Мерцанье красное кругом
Он разливал под потолком;
Но ни тепло, ни кучи книг
Любимых, умных, но сухих
Моей тоски не облегчат.
Ленора, где твой кроткий взгляд?
Зачем очей небесных свет
Угас? Зачем возврата нет!?*

*Но отчего ж стеснилась грудь?
Зачем не в силах я вздохнуть?
И шорох шелковых завес*

Меня уносит в мир чудес?
 Кого я жду? Зачем испуг?
 О чем забилось сердце вдруг?..
 Я стал растерянно шептать,
 Чтоб сердце бедное унять:
 «Кого мне ждать? Кому придти?
 То путник, сбившийся с пути
 Забрел на запоздалый свет:
 Кого мне ждать? — Возврата нет!»

И звуки тех бессвязных слов
 Мне бодрость возвратили вновь.
 Я, с дрожью в голосе, сказал:
 «Кто там? Кто в дверь мою стучал?
 Простите, если долго вас
 Я ждать заставил в поздний час.
 Так легок был ваш тихий стук,
 Что этот смутный, слабый звук
 Казался мне каким-то сном,
 Иль грезой в сумраке ночном».
 Я встал и двери отворил,
 Но мрак кругом один царил,
 И буря выла мне в ответ,
 А я шептал: возврата нет!

И снова страх объял меня:
 Вдали ни звука, ни огня...
 И снова смутною толпой
 Восстал в душе видений рой:
 Погибших счастья минут,
 Которых люди не поймут.
 Но вдруг среди чудных, сладких грез,
 «Ленора!» где-то раздалось.
 Я задрожал, но понял вдруг,
 Что это сам сказал я вслух,
 Что эхо принесло ответ
 Среди тьмы ночной... Возврата нет!

Опять присел к камину я,
 Но вновь стеснилась грудь моя:
 Я слышал ясно, что теперь
 Стучат сильнее, но не в дверь,
 Стучат в закрытое окно,

Звенело жалобно оно.
 Шептал тревожно я опять:
 «Кто б это мог в окно стучать?
 Есть непременно кто-то там!
 Кому ж стучаться по ночам?
 Не страх ли это? Отдохну,
 Тогда загадку я пойму,
 Быть может, это только бред,
 Иль ветра вой... Возврата нет!»

Открыл я фортку у окна,
 И вот ко мне, как ночь темна,
 Большая птица ворвалась
 И тихо в комнате взвилась.
 То черный, мрачный ворон был,
 Как будто полный адских сил.
 (Так был угрюм он и суров).
 Он сделал несколько кругов,
 На бюст Паллады тихо сел
 И злобно, холодно глядел.
 То молчаливый был сосед:
 Сидит, глядит... Возврата нет!

Сдержать улыбки я не мог,
 Так был он важен, мрачно строг.
 С ним начал я болтать, шутя:
 «Скажи, откуда ты летя,
 Меня сегодня посетил?
 В какой стране ты прежде жил?
 Хоть без щита ты и без лат,
 Но говорит мне важный взгляд,
 Что древен твой высокий род,
 Какой же титул он дает?
 И как зовут тебя?» В ответ
 Он каркнул мне: — Возврата нет! —

Был удивлен, конечно, я,
 Что птица говорит моя,
 Хотя ответ на мой вопрос
 Мне утешенья не принес:
 В нем смысла не было, но все ж
 По телу пробежала дрожь,
 Так странно было над собой

На бюсте видеть в час ночной
 Ту птицу черную и знать,
 Что птица может смело дать
 На языке людей ответ,
 Что имя ей: «возврата нет».

А ворон был, как ночь угрюм,
 Как будто полный мрачных дум.
 И так торжественно молчал,
 Как будто слов, что он сказал —
 Довольно было для того,
 Что б душу выразить его,
 А я опять шептал в тоске:
 «Да, все исчезло вдалеке,
 Ушли надежды и друзья,
 И одинок, покинут я,
 И ворон улетит чуть свет...»
 И каркнул он: «возврата нет»

Я был теперь опять смущен:
 Ответил так разумно он,
 Как будто понял мысль мою?!..
 Все вздор! Фантазии даю
 Я много воли! Этот крик
 Был заучен им; он привык
 К нему когда-то; может быть,
 Ему пришлось с страдальцем жить,
 Который этот тяжкий стон
 Твердил, печалью удручен,
 Твердил, под гнетом дум и бед,
 Лишь слова два: возврата нет!

Но все ж он развлекал меня,
 И, подложив в камин огня,
 Я в кресле бархатном своем
 К нему подвинулся. Вдвоем
 Мы так сидели. Я смотрел
 Ему в глаза и все хотел
 Узнать по виду, по глазам,
 Каким он предался мечтам,
 О чем он важно думать мог,
 О чем он каркал, как пророк,
 Имел ли смысл его ответ.

И мрачный крик: возврата нет?

*Но он по-прежнему молчал
И взором огненным сверкал,
Как будто пронизать насквозь
Меня хотел им, и лилось
Сиянье лампы на ковер,
На бархат кресла, где мой взор
Блуждал, с мечтами о былом...
С тоскою вновь в уме моем,
Я видел ясно пред собой,
На спинке кресла голубой,
Головки нежной милый след
И кудри... О, возврата нет!*

*И мне казалось, что кругом
В тревожном воздухе ночном
Пронесся нежный фимиам:
Я тихий шелест слышал там —
Вдоль стен и радужных ковров,
Я слышал мягкий шум шагов,
Мне мнилось, ангелы сошли
В жилище бренное земли...
Я вскрикнул: «Господи, ко мне
Не ты ль в полночной тишине
Прислал тут рой небесных сил,
Чтоб он покой мне возвратил,
Забывать заставил...» Но в ответ
Я слышу крик: «возврата нет!»*

*То каркнул ворон, и ему
Я закричал: «О, кто б сквозь тьму,
Тебя, предвестник бед и слез,
Ко мне в жилище не занес,
Хоть демон сам, поведай мне,
Могут ли снова в тишине
Когда-нибудь забыться я?
Дает ли скорбная земля
Забвенью нам когда-нибудь?
Когда покинет эту грудь
Безумной муки тяжкий след?»
И каркнул он: «возврата нет!»*

Я стал молить тогда его:
 «Во имя Бога самого,
 Во имя истины святой
 Поведай мне, мучитель мой,
 Когда принять захочет Бог
 Меня в небесный свой чертог,
 Увижу ль там Ленору я!
 Прильнет ли милая моя
 Хоть там опять к груди моей?
 Увижу ль я ее очей
 Былой, лазурный, кроткий свет?..»
 И каркнул он: «возврата нет!»

И, в исступленьи, крикнул я:
 «Будь трижды проклят: речь твоя
 Разлуку вечную сулит!
 Невыносим мне мрачный вид
 И твой коварный, злой язык!
 Ступай отсюда прочь! Пусть крик
 Звучит твой там, в ночной стране,
 Где мчатся тени лишь одне,
 Где бури вечные ревут...
 Не оставляй снежинки тут
 Ты с крыльев траурных своих,
 Что б мог забыть я снова их,
 Забыть твой лживый, злой ответ!..»
 А ворон вновь: «возврата нет!»

И все сидит, не улетел,
 Сидит, как прежде, злобен, смел,
 Как демон мрачен, горд и нем...
 Он жить остался здесь совсем.
 От лампы тень его кругом
 Лежит на мне, лежит на всем,
 Что вокруг меня, и в той тени,
 В той тьме — страданья лишь одни!..
 Сдавило сердце у меня...
 В душе померкшей нет огня
 И не проникнет счастья свет
 Сквозь тень и тьму... возврата нет!

1879 г.

Впервые опубликовано: «Свет», 1879, № 11, с. 254—262. (Прим. ред.)

21.3 Tradução: Ворон (По/Кондратьев)

Ворон (Из Эдгара Поэ)

автор Эдгар Поэ, пер. Иван Кузьмич Кондратьев

Язык оригинала: английский. Название в оригинале: *The Raven*, 1845.. — Опубл.: 1880.

Источник: Мирской толк. 1880, № 12, С.136-137.

ВОРОН

Из Эдгара Поэ

*В глухую полночь, в тишине,
При бледно-трепетном огне,
Над старой книгой, обветшалой,
Поник я головой усталой...
За дверью стук раздался вдруг;
То, видно, путник запоздалый...
Но — тихо было все вокруг.*

*Стоял декабрь. Уже давно
Зияла ночь в мое окно.
Искал я тщетно в книжной пыли
Забвенья. Думы мои были
О той, кого я так любил,
Кого уж нет, кого забыли,
Но я, увы, не позабыл!*

*Чуть слышный шорох в тишине
В тот странный миг казался мне
Идущей тенью привиденья;
Чтоб сердца удержатъ биенье,
Я говорил: «то, верно, друг,
За дверью ждущий приглашенья...»
Но — тихо было все вокруг.*

*Я ободрился и сказал:
«Кто там? Я стука не слышал,
Прошу простить — вздремнул немного.
Кто б ни был ты — под кров убогий
Войди, приветствуй мой досуг,
Вот дверь. Стою я у порога...»
Но — тихо было все вокруг.*

И долго я глядел во тьму,
 Со страхом думая: кому
 Не страшен мрак — могила взора,
 Сопутник горя и позора!
 К чему ж мой трепетный испуг?
 «Не ты ль пришла, Элеонора?»
 Но — тихо было все вокруг.

Волненьем тягостным объят,
 Пришел я в комнату назад.
 Стук повторился с новой силой,
 «Нет, то не призрак девы милой —
 Святой, душевный мой недуг, —
 То в раму ветер бьет унылый...»
 Но — тихо было все вокруг.

Окно я быстро распахнул.
 Вдруг ворон крыльями взмахнул,
 Влетел — и, кинув гордо взгляды
 Вокруг, он сел на бюст Паллады
 Среди глубокой тишины.
 Напрасно! Здесь тебе не рады,
 Пернатый вестник старины!

Зачем ты в хижину мою
 Ворвался вдруг? Но я даю
 Тебе приют, ночной гуляка...
 А стар ты, ворон, стар! Однако,
 В тебе бессилья нет следа.
 Как звать тебя, пришлец из мрака?
 Он глухо каркнул: «никогда!»

Не странно ль! ворон дал ответ!
 Что за неведомый привет?
 Вот былей новая страница:
 Мне былью стала небылица.
 Но все ж, не диво ли, когда
 Сидит в углу, на бюсте, птица
 С мудреной кличкой «никогда!»

Он, сидя, неподвижен был,
 И тихо я проговорил:
 «Ты не поймешь моей печали!

Исчезнув завтра в синей дали,
 Меня ты бросишь навсегда,
 Как в жизни все меня бросали». —
 Он глухо каркнул: «никогда!»

И прозвучал ответом мне
 Тот крик в угрюмой тишине
 Должно быть, у того, кто силой
 Гоним был, без надежд; без милой,
 Чья закатилась заезда, —
 Подслушал он припев унылый,
 Припев холодный: «никогда!»

Я сел пред вороном. Хотя
 Я слушал крик его шутя,
 Но впал невольно в размышленье:
 Вещун, вселявший страх, сомненье
 В мой ум, в минувшие года,
 Какое вещее значенье
 Таится в слове: «никогда»?

Не смерть ли? Да? О, может быть,
 Ей здесь не время было жить!
 С душой и сердцем робкой лани,
 Она чуждалась нашей брани.
 Была ей страсть людей чужда...
 О, не нажать ей этой ткани
 Своей головкой никогда!

И стало мне отрадно вдруг:
 Как будто горный дух вокруг,
 Разлил и жизнь, и наслажденье.
 И я сказал: то провиденье
 Мне шлет чрез ворона сюда
 О ней, утраченной, забвенье...
 Он глухо каркнул: «никогда!»

«Посол ли ты, пророк ли ты,
 Иль демон злой из темноты,
 Иль, с бурей бешеною споря,
 Ты пригнан ею, пригнан с моря,
 Как гонит нас, людей, нужда!
 Скажи: уйду ли я от горя?»

Он глухо каркнул: «никогда!»

*«О, вестник, посланный судьбой!
Мы царство Бога чтим с тобой, —
Скажи, — в раю, под негой вечной,
Где светоч жизни бесконечной,
Когда и я приду туда, —
Сольюсь ли там с своей сердечной?»
Он глухо каркнул: «никогда!»*

*«О, злой вещун! поди ты прочь!
Уйди опять в глухую ночь,
Под этот свод небес громадный!
На что мне крик твой безотрадный!
Покинь приют мой навсегда,
Из сердца вынув клюв свой жадный!»
Он снова каркнул: «никогда!»*

*И на стене моей с тех пор
Его ужасный блещет взор,
И силуэт зловецкий, темный,
В лучах моей лампы скромной,
Стал черной тенью навсегда,
И, вот, из тени той огромной
Мой дух не встанет никогда!...*

Cf. Disponível em:

https://ru.wikisource.org/wiki/%D0%92%D0%BE%D1%80%D0%BE%D0%BD_%28%D0%9F%D0%BE%D0%9A%D0%BE%D0%BD%D0%B4%D1%80%D0%B0%D1%82%D1%8C%D0%B5%D0%B2%29

29. Acesso em: 12 set. 2017.

21.4 Tradução: Ворон (По/Неизвестный переводчик)

Ворон

автор Эдгар Аллан По (1809-1849), переводчик неизвестен

Язык оригинала: английский. Название в оригинале: The Raven. — Опубл.: 1845 (ориг.), 1885 (перевод).

Раз, когда я в глухую полночь, бледный и утомленный, размышлял над грудой драгоценных, хотя уже позабытых ученых фолиантов, когда я в полусне ломал над ними себе голову, вдруг послышался легкий стук, как будто кто-то тихонько стукнул в дверь моей комнаты. «Это какой-нибудь прохожий, — пробормотал я про себя, — стучит ко мне в комнату, — прохожий, и больше ничего». Ах, я отлично помню. На дворе стоял тогда студёный декабрь. Догоравший в камине уголь обливал пол светом, в котором видна была его агония. Я страстно ожидал наступления утра; напрасно силился я утопить в своих книгах печаль по моей безвозвратно погибшей Леноре, по драгоценной и лучезарной Леноре, имя которой известно ангелам и которую здесь не назовут больше никогда.

И шорох шелковых пурпуровых завес, полный печали и грез, сильно тревожил меня, наполнял душу мою чудовищными, неведомыми мне доселе страхами, так что в конце концов, чтобы замедлить биение своего сердца, я встал и принялся повторять себе: «Это какой-нибудь прохожий, который хочет войти ко мне; это какой-нибудь запоздалый прохожий стучит в дверь моей комнаты; это он, и больше ничего».

Моя душа тогда почувствовала себя бодрее, и я, ни минуты не колеблясь, сказал: «Кто бы там ни был, умоляю вас, простите меня ради Бога; дело, видите, в том, что я вздремнул немножко, а вы так тихо постучались, так тихо подошли к двери моей комнаты, что я едва-едва вас расслышал». И тогда я раскрыл дверь настежь, — был мрак и больше ничего.

Всматриваясь в этот мрак, я долгое время стоял, изумленный, полный страха и сомнения, грезя такими грезами, какими не дерзал ни один смертный, но молчанье не было прервано и тишина не была нарушена ничем. Было прошептано одно только слово «Ленора», и это слово произнес я. Эхо повторило его, повторило, и больше ничего. Вернувшись к себе в комнату, я чувствовал, что душа моя горела как в огне, и я снова слышал стук, — стук сильнее прежнего.

«Наверное, — сказал я, — что-нибудь кроется за ставнями моего окна; посмотрю-ка, в чем там дело, разужнаю секрет и дам передохнуть немножко своему сердцу. Это — ветер, и больше ничего».

Тогда я толкнул ставни, и в окно, громко хлопая крыльями, влетел величественный ворон, птица священных дней древности. Он не

выказал ни малейшего уважения; он не остановился, не запнулся ни на минуту, но с миною лорда и леди взгромоздился над дверью моей комнаты, взгромоздился на бюст Паллады над дверью моей комнаты, — взгромоздился, уселся и... больше ничего.

Тогда эта черная, как эбен, птица важностью своей поступи и строгостью своей физиономии вызвала в моем печальном воображении улыбку, и я сказал: «Хотя твоя голова и без шлема, и без щита, но ты все-таки не трусь, угрюмый, старый ворон, путник с берегов ночи. Поведай, как зовут тебя на берегах плутоновой ночи». Ворон каркнул: «Больше никогда!»

Я был крайне изумлен, что это неуклюжее пернатое создание так легко разумело человеческое слово, хотя ответ его и не имел для меня особенного смысла и ничуть облегчил моей скорби; но, ведь, надо же сознаться, что ни одному смертному не было дано видеть птицу над дверью своей комнаты, птицу или зверя над дверью своей комнаты на высеченном бюсте, которым было бы имя Больше никогда!

Но ворон, взгромоздившись на спокойный бюст, произнес только одно это слово, как будто в одно это слово он излил всю свою душу. Он не произнес ничего более, он не пошевелился ни единым пером; я сказал тогда себе тихо: «Друзья мои уже далеко улетели от меня; наступит утро, и этот так же покинет меня, как мои прежние, уже исчезнувшие, надежды». Тогда птица сказала: «Больше никогда!»

Весь задрожал я, услышав такой ответ, и сказал: "Без сомнения, слова, произносимые птицею, были ее единственным знанием, которому она научилась у своего несчастного хозяина, которого неумолимое горе мучило без отдыха и срока, пока его песни не стали заканчиваться одним и тем же припевом, пока безвозвратно погибшие надежды не приняли меланхолического припева: «никогда, никогда больше!»

Но ворон снова вызвал в моей душе улыбку, и я подкатил кресло прямо против птицы, напротив бюста и двери; затем, углубившись в бархатные подушки кресла, я принялся думать на все лады, старался разгадать, что хотела сказать эта вещая птица древних дней, что хотела сказать эта печальная, неуклюжая, злополучная, худая и вещая птица, каркая свое: «Больше никогда!»

Я оставался в таком положении, теряясь в мечтах и догадках, и, не обращаясь ни с единым словом к птице, огненные глаза которой сжигали меня теперь до глубины сердца, я все силился разгадать тайну, а голова моя привольно покоилась на бархатной подушке, которую ласкал свет лампы, — на том фиолетовом бархате, ласкаемом светом лампы, куда она уже не склонит своей головки больше никогда!

Тогда мне показалось, что воздух начал мало-помалу наполняться клубами дыма, выходявшего из кадила, которое раскачивали серафимы, стопы которых скользили по коврам комнаты.

«Несчастный! — вскричал я себе. — Бог твой чрез своих ангелов дает тебе забвение, он посылает тебе бальзам забвения, чтобы ты не вспоминал более о своей Леноре! Пей, пей этот целебный бальзам и забудь погибшую безвозвратно Ленору!» Ворон каркнул: «Больше никогда!»

«Пророк! — сказал я, — злосчастная тварь, птица или дьявол, но все-таки пророк! Будь ты послан самим искусителем, будь ты выкинут, извергнут бурей, но ты — неустрашим: есть ли здесь, на этой пустынной, полной грез земле, в этой обители скорбей, есть ли здесь, — поведай мне всю правду, умоляю тебя, — есть ли здесь бальзам забвения? Скажи, не скрой, умоляю!» Ворон каркнул: «Больше никогда!»

«Пророк! — сказал я, — злосчастная тварь, птица или дьявол, но все-таки пророк! Во имя этих небес, распростертых над нами, во имя того божества, которому мы оба поклоняемся, поведай этой горестной душе, дано ли будет ей в далеком Эдеме обнять ту святую, которую ангелы зовут Ленорой, прижать к груди мою милую, лучезарную Ленору!» Ворон каркнул: «Больше никогда!»

«Да будут же эти слова сигналом к нашей разлуке, птица или дьявол! — вскричал я, приподнявшись с кресла. — Иди снова на бурю, вернись к берегу плутоновой ночи, не оставляй здесь ни единого черного перышка, которое могло бы напомнить о лжи, вышедшей из твоей души! Оставь мой приют неоскверненным! Покинь этот бюст над дверью комнаты. Вырви свой клюв из моего сердца и унеси призрачный образ подальше от моей двери!» Ворон каркнул: «Больше никогда!»

И ворон, неподвижный, все еще сидит на бледном бюсте Паллады, как раз над дверью моей комнаты, и глаза его смотрят, словно глаза мечтающего дьявола; и свет лампы, падающий на него, бросает на пол его тень; и душа моя из круга этой тени, колеблющейся по полу, не выйдет больше никогда!

Переводчик неизвестен, 1885

Примечания

Перевод прозой неизвестного автора — в кн.: Повести, рассказы, критические этюды и мысли. М., 1885. Возможно, этот анонимный переводчик — И. Городецкий (см.: Либман В. А. Американская литература в русских переводах и критике. Библиография 1778—1975. М., Наука, 1977, с. 195)

Cf. Disponível em:

https://ru.wikisource.org/wiki/%D0%92%D0%BE%D1%80%D0%BE%D0%BD_%28%D0%9F%D0%BE/%D0%9D%D0%B5%D0%B8%D0%B7%D0%B2%D0%B5%D1%81%D1%82%D0%BD%D1%8B%D0%B9_%D0%BF%D0%B5%D1%80%D0%B5%D0%B2%D0%BE%D0%B4%D1%87%D0%B8%D0%BA%29. Acesso em: 12 set. 2017.

21.5 Tradução: Ворон (По/Мережковский)

Материал из Википедии — свободной библиотеки

Ворон (Поэма Эдгара Поэ)

автор Эдгар Поэ (1809-1849)., пер. Дмитрий Сергеевич Мережковский

Язык оригинала: английский. Название в оригинале: The Raven, 1845. — Опубл.: 1890. Источник: Северный Вестник. 1890, № 11

ВОРОН

Поэма Эдгара Поэ

Погруженный в скорбь немую
 и усталый, в ночь глухую,
 Раз, когда поник в дремоте
 я над книгой одного
 Из забытых миром знаний,
 книгой полной обаяний, —
 Стук донесся, стук нежданный
 в двери дома моего:
 «Это путник постучался
 в двери дома моего,
 Только путник —
 больше ничего».

В декабре — я помню — было
 это полночью унылой.
 В очаге под пеплом угли
 разгорались иногда.
 Груды книг не утоляли
 ни на миг моей печали —
 Об утраченной Леноре,
 той, чье имя навсегда —
 В сонме ангелов — Ленора,
 той, чье имя навсегда
 В этом мире стерлось —
 без следа.

От дыханья ночи бурной
 занавески шелк пурпурный
 Шелестел, и непонятный
 страх рождался от всего.
 Думал, сердце успокою,

*все еще твердил порою:
 «Это гость стучится робко
 в двери дома моего,
 Запоздалый гость стучится
 в двери дома моего,
 Только гость —
 и больше ничего!»*

*И когда преодолело
 сердце страх, я молвил смело:
 «Вы простите мне, обидеть
 не хотел я никого;
 Я на миг уснул тревожно:
 слишком тихо, осторожно, —
 Слишком тихо вы стучались
 в двери дома моего...»
 И открыл тогда я настежь
 двери дома моего —
 Мрак ночной, —
 и больше ничего.*

*Все, что дух мой волновало,
 все, что снилось и смущало,
 До сих пор не посещало
 в этом мире никого.
 И ни голоса, ни знака —
 из таинственного мрака....
 Вдруг «Ленора!» прозвучало
 близ жилища моего....
 Сам шепнул я это имя,
 и проснулось от него
 Только эхо —
 больше ничего.*

*Но душа моя горела,
 притворил я дверь несмело.
 Стук опять раздался громче;
 я подумал: «Ничего,
 Это стук в окне случайный,
 никакой здесь нету тайны:
 Посмотрю и успокою
 трепет сердца моего,
 Успокою на мгновенье*

*трепет сердца моего.
 Это ветер, —
 больше ничего.*

*Я открыл окно, и странный
 гость полночный, гость нежданный,
 Ворон царственный влетает;
 я привета от него
 Не дождался. Но отважно, —
 как хозяин, гордо, важно
 Полетел он прямо к двери,
 к двери дома моего,
 И вспорхнул на бюст Паллады,
 сел так тихо на него,
 Тихо сел, —
 и больше ничего.*

*Как ни грустно, как ни больно, —
 улыбнулся я невольно
 И сказал: «Твое коварство
 победим мы без труда,
 Но тебя, мой гость зловецкий,
 Ворон древний, Ворон вещий,
 К нам с пределов вечной Ночи
 прилетающий сюда,
 Как зовут в стране, откуда
 прилетаешь ты сюда?»
 И ответил Ворон:
 «Никогда».*

*Говорит так ясно птица,
 не могу я надивиться.
 Но казалось, что надежда
 ей навек была чужда.
 Тот не жди себе отрады,
 в чьем дому на бюст Паллады
 Сядет Ворон над дверями;
 от несчастья никуда, —
 Тот, кто Ворона увидел, —
 не спасется никуда,
 Ворона, чье имя:
 «Никогда».*

Говорил он это слово
 так печально, так сурово,
 Что, казалось, в нем всю душу
 изливал; и вот, когда
 Недвижим на изваяньи
 он сидел в немом молчаньи,
 Я шепнул: «Как счастье, дружба
 улетели навсегда,
 Улетит и эта птица
 завтра утром навсегда».
 И ответил Ворон:
 «Никогда».

И сказал я, вздрогнув снова:
 «Верно, молвить это слово
 «Научил его хозяин
 в дни тяжелые, когда
 Он преследуем был Роком,
 и в несчастьи одиноком,
 Вместо песни лебединой,
 в эти долгие года
 Для него был стон единый
 в эти грустные года —
 Никогда, — уж больше
 никогда!»

Так я думал и невольно
 улыбнулся, как ни больно.
 Повернул тихонько кресло
 к бюсту бледному, туда,
 Где был Ворон, погрузился
 в бархат кресел и забылся....
 «Страшный Ворон, мой ужасный
 гость, — подумал я тогда —
 Страшный, древний Ворон, горе
 возвещающий всегда,
 Что же значит крик твой:
 «Никогда?»

Угадать стараюсь тщетно;
 смотрит Ворон безответно.
 Свой горящий взор мне в сердце
 заронил он навсегда.

И в раздумьи над загадкой,
 я поник в дремоте сладкой
 Головой на бархат, лампой
 озаренный. Никогда
 На лиловый бархат кресел,
 как в счастливые года,
 Ей уж не склоняться —
 никогда!

И казалось мне: струило
 дым незримое кадило,
 Прилетели Серафимы,
 шелестели иногда
 Их шаги, как дуновенье:
 «Это Бог мне шлет забвенье!
 Пей же сладкое забвенье,
 пей, чтоб в сердце навсегда
 Об утраченной Леноре
 стерлась память — навсегда!...»
 И сказал мне Ворон:
 «Никогда».

«Я молю, пророк зловецкий,
 птица ты иль демон вещей,
 Злой ли Дух тебя из Ночи,
 или вихрь занес сюда
 Из пустыни мертвой, вечной,
 безнадежной, бесконечной, —
 Будет ли, молю, скажи мне,
 Будет ли хоть там, куда
 Снизойдем мы после смерти, —
 сердцу отдых навсегда?»
 И ответил Ворон:
 «Никогда».

— Я молю, пророк зловецкий,
 птица ты иль демон вещей,
 «Заклинаю небом, Богом,
 отвечай, в тот день, когда
 Я Эдем увижу дальный,
 Обниму ль душой печальной
 Душу светлую Леноры,
 той, чье имя навсегда
 В сонме ангелов — Ленора,

*лучезарной навсегда?»
И ответил Ворон:
«Никогда».*

*«Прочь! — воскликнул я, вставая, —
демон ты иль птица злая.
Прочь! — вернись в пределы Ночи,
чтобы больше никогда
Ни одно из перьев черных
не напомнило позорных,
Лживых слов твоих! Оставь же
бюст Паллады навсегда,
Из души моей твой образ
я исторгну навсегда!»
И ответил Ворон:
«Никогда».*

*И сидит, сидит с тех пор он
там, над дверью черный Ворон,
С бюста бледного Паллады
не исчезнет никуда.
У него такие очи,
как у Злого Духа ночи,
Сном объятого; и лампа
тень бросает. Навсегда
К этой тени черной птицы
пригвожденный навсегда, —
Не воспрянет дух мой —
никогда!*

Июнь, 1890 г.

Cf. Disponível em:
https://ru.wikisource.org/wiki/%D0%92%D0%BE%D1%80%D0%BE%D0%BD_%28%D0%9F%D0%B E/%D0%9C%D0%B5%D1%80%D0%B5%D0%B6%D0%BA%D0%BE%D0%B2%D1%81%D0%BA% D0%B8%D0%B9%29. Acesso em: 12 set. 2017.

21.6 Tradução: Ворон (По/Бальмонт)/СС 1901 (ДО)

Материал из Википедии — свободной библиотеки
 Ворон (По/Бальмонт)

Воронь

авторь Эдгарь Алланъ По (1809—1849), пер. Константинъ
 Дмитриевичъ Бальмонтъ (1867—1942)

Колокольчики и
 колокола →

Языкь оригинала: англійскій. Названіе въ оригиналѣ: The Raven. — Оубл.: 1845 (оригиналь), 1894 (переводъ). Источникъ: Собраніе сочиненій Эдгара По. — Москва: Книгоиздательство «Скорпіонъ», 1901. — Т. 1

ВОРОНЬ.

*Какъ то въ полночь, въ часъ угрюмый, полный тягостною думой,
 Надъ старинными томами я склонялся въ полуснѣ,
 Грезамъ страннымъ отдавался, вдругъ неясный звукъ раздался,
 Будто кто-то постучался — постучался въ дверь ко мнѣ.
 5 „Это вѣрно“, прошепталъ я, „гость въ полночной тишинѣ,
 „Гость стучится въ дверь ко мнѣ“.*

*Ясно помню... Ожиданья... Поздней осени рыданья...
 И въ каминѣ очертанья тускло тлѣющихъ углей...
 О, какъ жаждалъ я разсвѣта! Какъ я тщетно ждалъ отвѣта
 10 На страданье, безъ привѣта, на вопросъ о ней, о ней,
 О Ленорѣ, что блистала ярче всѣхъ земныхъ огней,
 О свѣтилѣ прежнихъ дней.*

*И завѣсъ пурпурныхъ трепетъ издавалъ какъ будто лепетъ,
 Трепетъ, лепетъ, наполнявшій темнымъ чувствомъ сердце мнѣ.
 15 Непонятный страхъ смиряя, всталъ я съ мѣста, повторяя:
 „Это только гость, блуждая, постучался въ дверь ко мнѣ,
 „Поздній гость пріюта проситъ въ полуночной тишинѣ, —
 „Гость стучится въ дверь ко мнѣ“.[2]*

*подавивъ свои сомнѣнья, побѣдивши опасенья,
 20 Я сказалъ: „Не осудите замедленья моего!
 „Этой полночью ненастной я вздремнулъ, и стукъ неясный
 „Слишкомъ тихъ былъ, стукъ неясный, — и не слышалъ я его,
 „Я не слышалъ“ — тутъ раскрылъ я дверь жилища моего: —
 Тьма, и больше ничего.*

*25 Взоръ застылъ, во тьмѣ стѣсненный, и стоялъ я изумленный,
 Снамъ отдавшись, недоступнымъ на землѣ ни для кого;
 Но какъ прежде ночь молчала, тьма души не отвѣчала,
 Лишь — „Ленора!“ — прозвучало имя солнца моего, —*

*Это я шепнулъ, и эхо повторило вновь его, —
30 Эхо, больше ничего.*

*Вновь я въ комнату вернулся — обернулся — содрогнулся, —
Стукъ раздался, но слышнѣе, чѣмъ звучалъ онъ до того.
„Вѣрно, что-нибудь сломилось, что-нибудь пошевелилось,
„Тамъ за ставнями забилось у окошка моего,
35 „Это вѣтеръ, усмирю я трепеть сердца моего, —
„Вѣтеръ, больше ничего“.*

*Я толкнулъ окно съ рѣшеткой, — тотчасъ важною походкой
Изъ-за ставней вышелъ Воронъ, гордый Воронъ старыхъ дней,
Не склонился онъ учтиво, но, какъ лордъ, вошелъ спѣсиво,
40 И, взмахнувъ крыломъ лѣниво, въ пышной важности своей,
Онъ взлетѣлъ на бюстъ Паллады, что надъ дверью былъ моей,
Онъ взлетѣлъ — и стѣлъ надъ ней.*

*Отъ печали я очнулся и невольно усмѣхнулся,
Видя важность этой птицы, жившей долгіе года.
45 „Твой хохоль оципанъ славно, и глядишь ты презабавно“,
Я промолвилъ „но скажи мнѣ: въ царствѣ тьмы, гдѣ Ночь всегда,
„Какъ ты звался, гордый Воронъ, тамъ, гдѣ Ночь царитъ всегда?“
Воронъ крикнулъ: „Никогда“.
[3]*

*Птица ясно отвѣчала, и хоть смысла было мало,
50 Подивился я встѣмъ сердцемъ на отвѣтъ ея тогда.
Да и кто не подивится, кто съ такой мечтой сроднится,
Кто повѣритъ согласится, чтобы гдѣ-нибудь когда —
Стѣлъ надъ дверью — говорящій безъ запинки, безъ труда —
Воронъ съ кличкой: „Никогда“.*

*55 И, взирая такъ сурово, лишь одно твердилъ онъ слово,
Точно всю онъ душу вылилъ въ этомъ словѣ „никогда“,
И крылами не взмахнулъ онъ, и перомъ не шевельнулъ онъ,
Я шепнулъ: „Друзья сокрылись вотъ ужъ многіе года,
„Завтра онъ меня покинетъ, какъ Надежды, навсегда“.
60 Воронъ каркнулъ: „Никогда“.*

*Услыхавъ отвѣтъ удачный, вздрогнулъ я въ тревогѣ мрачной,
„Вѣрно, былъ онъ“, я подумалъ, „у того, чья жизнь — Бѣда,
„У страдальца, чьи мученья возростали, какъ теченье
„Рѣкъ весной, чье отреченье отъ Надежды навсегда*

65 „Въ пѣснь вылилось — о счастья, что, погибнувъ навсегда,
Вновь не вспыхнетъ никогда“.

Но, отъ скорби отдыхая, улыбаясь и вздыхая,
Кресло я свое придвинулъ противъ Ворона тогда,
И, склонясь на бархатъ нѣжный, я фантазіи безбрежной
70 Отдался душой мятежной: „Это — Воронъ, Воронъ, да.
„Но о чемъ твердитъ зловѣщій этимъ чернымъ „Никогда“
Страшнымъ крикомъ „Никогда“.

Я сидѣлъ, догадокъ полный и задумчиво-безмолвный,
Взоры птицы жгли мнѣ сердце, какъ огнистая звѣзда,
75 И съ печалью запоздалой, головой своей усталой,
Я прильнулъ къ подушкѣ алой, и подумалъ я тогда:
Я одинъ, на бархатъ алый та, кого любилъ всегда,
Не прильнетъ ужъ никогда.

[4]

Но, постой, вокругъ темнѣетъ, и какъ будто кто-то вѣетъ,
80 То съ кадилъницей небесной Серафимъ пришелъ сюда?
Въ мигъ неясный упоенья я вскричалъ: „Прости, мученье!
„Это Богъ послалъ забвенье о Ленорѣ навсегда,
„Пей, о, пей скорбей забвенье о Ленорѣ навсегда!“
Каркнулъ Воронъ: „Никогда“.

85 И вскричалъ я въ скорби страстной: „Птица ты, иль духъ
ужасный,
„Искусителемъ-ли посланъ, иль грозой прибитъ сюда, —
„Ты пророкъ неустрашимый! Въ край печальный, нелюдимый,
„Въ край, Тоскою одержимый, ты пришелъ ко мнѣ сюда!
„О, скажи, найду-ль забвенье, я молю, скажи, когда?“
90 Каркнулъ Воронъ: „Никогда“.

„Ты пророкъ“, вскричалъ я, „вѣщій! Птица ты иль духъ зловѣщій,
„Этимъ Небомъ, что надъ нами — Богомъ, скрытымъ навсегда —
„Заклинаю, умоляя, мнѣ сказать, — въ предѣлахъ Рая
„Мнѣ откроется-ль святая, что средь ангеловъ всегда,
95 „Та, которую Ленорой въ небесахъ зовутъ всегда?“
Каркнулъ Воронъ: „Никогда“.

И воскликнулъ я, вставая: „Прочь отсюда, птица злая!
„Ты изъ царства тьмы и бури, — уходи опять туда,
„Не хочу я лжи позорной, лжи, какъ эти перья, черной,

*100 „Удались же, духъ упорный! Быть хочу — одинъ всегда!
 „Вынь свой жесткій клювъ изъ сердца моего, гдѣ скорбь — всегда!“
 Каркнулъ Воронъ: „Никогда“.*

*И сидитъ, сидитъ зловѣщій, Воронъ черный, Воронъ вѣщій,
 Съ бюста блѣднаго Паллады не умчится никуда,
 105 Онъ глядитъ, уединенный, точно Демонъ полусонный,
 Свѣтъ струится, тѣнь ложится, на полу дрожитъ всегда,
 И душа моя изъ тѣни, что волнуется всегда,
 Не возстанетъ — никогда!*

Cf. Disponível em:

https://ru.wikisource.org/wiki/%D0%92%D0%BE%D1%80%D0%BE%D0%BD_%28%D0%9F%D0%BE/%D0%91%D0%B0%D0%BB%D1%8C%D0%BC%D0%BE%D0%BD%D1%82%29/%D0%A1%D0%A1_1901_%28%D0%94%D0%9E%29. Acesso em: 12 set. 2017.

21.7 Tradução: Ворон (По/Бальмонт)/СС 1901 (ВТ)

Материал из Викитеки — свободной библиотеки

< [Ворон \(По/Бальмонт\)](#)

Ворон

автор Эдгар

Аллан По

(1809—1849),

пер.

Константин

Дмитриевич

Бальмонт

(1867—1942)

Язык оригинала: английский. Название в оригинале: The Raven. — Опубл.: 1845 (оригинал), 1894 (перевод).

ВОРОН.

*Как-то в полночь, в час угрюмый, полный тягостною думой,
Над старинными томами я склонялся в полусне,
Грезам странным отдавался, вдруг неясный звук раздался,
Будто кто-то постучался — постучался в дверь ко мне.
5 «Это верно», прошептал я, «гость в полночной тишине,
Гость стучится в дверь ко мне».*

*Ясно помню... Ожиданья... Поздней осени рыданья...
И в камине очертанья тускло тлеющих углей...
О, как жаждал я рассвета! Как я тщетно ждал ответа
10 На страданье, без привета, на вопрос о ней, о ней,
О Леноре, что блистала ярче всех земных огней,
О светилах прежних дней.*

*И завес пурпурных трепет издавал как будто лепет,
Трепет, лепет, наполнявший темным чувством сердце мне.
15 Непонятный страх смиряя, встал я с места, повторяя:
«Это только гость, блуждая, постучался в дверь ко мне,
Поздний гость приюта просит в полуночной тишине, —
Гость стучится в дверь ко мне».*

[2]

*подавив свои сомненья, победивши опасенья,
20 Я сказал: «Не осудите замедленья моего!
Этой полночью ненастной я вздремнул, и стук неясный
Слишком тих был, стук неясный, — и не слышал я его,
Я не слышал» — тут раскрыл я дверь жилища моего: —
Тьма, и больше ничего.*

25 Взор застыл, во тьме стесненный, и стоял я изумленный,
 Снам отдавшись, недоступным на земле ни для кого;
 Но как прежде ночь молчала, тьма душе не отвечала,
 Лишь — «Ленора!» — прозвучало имя солнца моего, —
 Это я шепнул, и эхо повторило вновь его, —
 30 Эхо, больше ничего.

Вновь я в комнату вернулся — обернулся — содрогнулся, —
 Стук раздался, но слышнее, чем звучал он до того.
 «Верно, что-нибудь сломилось, что-нибудь пошевелилось,
 Там за ставнями забилось у окошка моего,
 35 Это ветер, усмирю я трепет сердца моего, —
 Ветер, больше ничего».

Я толкнул окно с решеткой, — тотчас важною походкой
 Из-за ставней вышел Ворон, гордый Ворон старых дней,
 Не склонился он учтиво, но, как лорд, вошел спесиво,
 40 И, взмахнув крылом лениво, в пышной важности своей,
 Он взлетел на бюст Паллады, что над дверью был моей,
 Он взлетел — и сел над ней.

От печали я очнулся и невольно усмехнулся,
 Видя важность этой птицы, жившей долгие года.
 45 «Твой хохол оципан славно, и глядишь ты презабавно»,
 Я промолвил «но скажи мне: в царстве тьмы, где Ночь всегда,
 Как ты звался, гордый Ворон, там, где Ночь царит всегда?»
 Ворон крикнул: «Никогда».
 [3]

Птица ясно отвечала, и хоть смысла было мало,
 50 Подивился я всем сердцем на ответ ее тогда.
 Да и кто не подивится, кто с такой мечтой сроднится,
 Кто поверить согласится, чтобы где-нибудь когда —
 Сел над дверью — говорящий без запинки, без труда —
 Ворон с кличкой: «Никогда».

55 И, взирая так сурово, лишь одно твердил он слово,
 Точно всю он душу вылил в этом слове «никогда»,
 И крылами не взмахнул он, и пером не шевельнул он,
 Я шепнул: «Друзья сокрылись вот уж многие года,
 Завтра он меня покинет, как Надежды, навсегда».
 60 Ворон каркнул: «Никогда».

Услыхав ответ удачный, вздрогнул я в тревоге мрачной,
 «Верно, был он», я подумал, «у того, чья жизнь — Беда,
 У страдальца, чьи мученья возрастали, как течение
 Рек весной, чье отречение от Надежды навсегда
 65 В песне вылилось — о счастье, что, погибнув навсегда,
 Вновь не вспыхнет никогда».

Но, от скорби отдыхая, улыбаясь и вздыхая,
 Кресло я свое придвинул против Ворона тогда,
 И, склонясь на бархат нежный, я фантазии безбрежной
 70 Отдался душой мятежной: «Это — Ворон, Ворон, да.
 «Но о чем твердит зловецкий этим черным «Никогда»,
 Страшным криком «Никогда».

Я сидел, догадок полный и задумчиво-безмолвный,
 Взоры птицы жгли мне сердце, как огнистая звезда,
 75 И с печалью запоздалой, головой своей усталой,
 Я прильнул к подушке алой, и подумал я тогда:
 Я один, на бархат алый та, кого любил всегда,
 Не прильнет уж никогда.

[4]

Но, постой, вокруг темнеет, и как будто кто-то веет,
 80 То с кадилницей небесной Серафим пришел сюда?
 В миг неясный упоенья я вскричал: «Прости, мученье!
 Это Бог послал забвенью о Леноре навсегда,
 Пей, о, пей скорей забвенью о Леноре навсегда!»
 Каркнул Ворон: «Никогда».

85 И вскричал я в скорби страстной: «Птица ты, иль дух ужасный,
 Искусителем ли послан, иль грозой прибит сюда, —
 Ты пророк неустрашимый! В край печальный, нелюдимый,
 В край, Тоскою одержимый, ты пришел ко мне сюда!
 О, скажи, найду ль забвенью, я молю, скажи, когда?»
 90 Каркнул Ворон: «Никогда».

«Ты пророк», вскричал я, «вещий! Птица ты иль дух зловецкий,
 Этим Небом, что над нами — Богом, скрытым навсегда —
 Заклинаю, умоляя, мне сказать, — в пределах Рая
 Мне откроется ль святая, что средь ангелов всегда,
 95 Та, которую Ленорой в небесах зовут всегда?»
 Каркнул Ворон: «Никогда».

*И воскликнул я, вставая: «Прочь отсюда, птица злая!
Ты из царства тьмы и бури, — уходи опять туда,
Не хочу я лжи позорной, лжи, как эти перья, черной,
100 Удались же, дух упорный! Быть хочу — один всегда!
Вынь свой жесткий клюв из сердца моего, где скорбь — всегда!»
Каркнул Ворон: «Никогда».*

*И сидит, сидит злоеций, Ворон черный, Ворон веций,
С бюста бледного Паллады не умчится никуда,
105 Он глядит, уединенный, точно Демон полусонный,
Свет струится, тень ложится, на полу дрожит всегда,
И душа моя из тени, что волнуется всегда,
Не восстанет — никогда!*

Cf. Disponível em:

https://ru.wikisource.org/wiki/%D0%92%D0%BE%D1%80%D0%BE%D0%BD_%28%D0%9F%D0%BE%D0%91%D0%B0%D0%BB%D1%8C%D0%BC%D0%BE%D0%BD%D1%82%29/%D0%A1%D0%A1_1901_%28%D0%92%D0%A2%29. Acesso em: 12 set. 2017.

21.8 Tradução: Ворон (По/Бальмонт)/СС 1901 (ВТ:Ё)

Материал из Викитеки — свободной библиотеки
<Ворон (По/Бальмонт)

Ворон
автор Эдгар Аллан
По (1809—1849),
пер. Константин
Дмитриевич
Бальмонт (1867—
1942)

Колокольчики
и колокола →

Язык оригинала: английский. Название в оригинале: The Raven. — Опубл.: 1845 (оригинал), 1894 (перевод)

ВОРОН.

*Как-то в полночь, в час угрюмый, полный тягостною думой,
Над старинными томами я склонялся в полусне,
Грёзам странным отдавался, вдруг неясный звук раздался,
Будто кто-то постучался — постучался в дверь ко мне.
5 «Это верно», прошептал я, «гость в полночной тишине,
Гость стучится в дверь ко мне».*

*Ясно помню... Ожиданья... Поздней осени рыданья...
И в камине очертанья тускло тлеющих углей...
О, как жаждал я рассвета! Как я тщетно ждал ответа
10 На страданье, без привета, на вопрос о ней, о ней,
О Леноре, что блистала ярче всех земных огней,
О светилах прежних дней.*

*И завес пурпурных трепет издавал как будто лепет,
Трепет, лепет, наполнявший тёмным чувством сердце мне.
15 Непонятный страх смиряя, встал я с места, повторяя:
«Это только гость, блуждая, постучался в дверь ко мне,
Поздний гость приюта просит в полуночной тишине, —
Гость стучится в дверь ко мне».*

[2]

*подавив свои сомненья, победивши опасенья,
20 Я сказал: «Не осудите замедленья моего!
Этой полночью ненастной я вздремнул, и стук неясный
Слишком тих был, стук неясный, — и не слышал я его,
Я не слышал» — тут раскрыл я дверь жилища моего: —
Тьма, и больше ничего.*

25 Взор застыл, во тьме стеснённый, и стоял я изумлённый,

Снам отдавшись, недоступным на земле ни для кого;
 Но как прежде ночь молчала, тьма душе не отвечала,
 Лишь — «Ленора!» — прозвучало имя солнца моего, —
 Это я шепнул, и эхо повторило вновь его, —
 30 Эхо, больше ничего.

Вновь я в комнату вернулся — обернулся — содрогнулся, —
 Стук раздался, но слышнее, чем звучал он до того.
 «Верно, что-нибудь сломилось, что-нибудь пошевелилось,
 Там за ставнями забилось у окошка моего,
 35 Это ветер, усмирю я трепет сердца моего, —
 Ветер, больше ничего».

Я толкнул окно с решёткой, — тотчас важною походкой
 Из-за ставней вышел Ворон, гордый Ворон старых дней,
 Не склонился он учтиво, но, как лорд, вошёл спесиво,
 40 И, взмахнув крылом лениво, в пышной важности своей,
 Он взлетел на бюст Паллады, что над дверью был моей,
 Он взлетел — и сел над ней.

От печали я очнулся и невольно усмехнулся,
 Видя важность этой птицы, жившей долгие года.
 45 «Твой хохол оципан славно, и глядишь ты презабавно»,
 Я промолвил «но скажи мне: в царстве тьмы, где Ночь всегда,
 Как ты звался, гордый Ворон, там, где Ночь царит всегда?»
 Ворон крикнул: «Никогда».

[3]

Птица ясно отвечала, и хоть смысла было мало,
 50 Подивился я всем сердцем на ответ её тогда.
 Да и кто не подивится, кто с такой мечтой сроднится,
 Кто поверить согласится, чтобы где-нибудь когда —
 Сел над дверью — говорящий без запинки, без труда —
 Ворон с кличкой: «Никогда».

55 И, взирая так сурово, лишь одно твердил он слово,
 Точно всю он душу вылил в этом слове «никогда»,
 И крылами не взмахнул он, и пером не шевельнул он,
 Я шепнул: «Друзья сокрылись вот уж многие года,
 Завтра он меня покинет, как Надежды, навсегда».
 60 Ворон каркнул: «Никогда».

Услыхав ответ удачный, вздрогнул я в тревоге мрачной,

«Верно, был он», я подумал, «у того, чья жизнь — Беда,
У страдальца, чьи мученья возрастали, как течение
Рек весной, чьё отречение от Надежды навсегда
65 В песне вылилось — о счастье, что, погибнув навсегда,
Вновь не вспыхнет никогда».

Но, от скорби отдыхая, улыбаясь и вздыхая,
Кресло я своё придвинул против Ворона тогда,
И, склонясь на бархат нежный, я фантазии безбрежной
70 Отдался душой мятежной: «Это — Ворон, Ворон, да.
«Но о чём твердит зловецкий этим чёрным «Никогда»,
Страшным криком «Никогда».

Я сидел, догадок полный и задумчиво-безмолвный,
Взоры птицы жгли мне сердце, как огнистая звезда,
75 И с печалью запоздалой, головой своей усталой,
Я прильнул к подушке алой, и подумал я тогда:
Я один, на бархат алый та, кого любил всегда,
Не прильнёт уж никогда.

[4]

Но, постой, вокруг темнеет, и как будто кто-то веет,
80 То с кадилъницей небесной Серафим пришёл сюда?
В миг неясный упоенья я вскричал: «Прости, мученье!
Это Бог послал забвенью о Леноре навсегда,
Пей, о, пей скорей забвенью о Леноре навсегда!»
Каркнул Ворон: «Никогда».

85 И вскричал я в скорби страстной: «Птица ты, иль дух ужасный,
Искусителем ли послан, иль грозой прибит сюда, —
Ты пророк неустрашимый! В край печальный, нелюдимый,
В край, Тоскою одержимый, ты пришёл ко мне сюда!
О, скажи, найду ль забвенью, я молю, скажи, когда?»
90 Каркнул Ворон: «Никогда».

«Ты пророк», вскричал я, «вещий! Птица ты иль дух зловецкий,
Этим Небом, что над нами — Богом, скрытым навсегда —
Заклинаю, умоляя, мне сказать, — в пределах Рая
Мне откроется ль святая, что средь ангелов всегда,
95 Та, которую Ленорой в небесах зовут всегда?»
Каркнул Ворон: «Никогда».

И воскликнул я, вставая: «Прочь отсюда, птица злая!

*Ты из царства тьмы и бури, — уходи опять туда,
 Не хочу я лжи позорной, лжи, как эти перья, чёрной,
 100 Удались же, дух упорный! Быть хочу — один всегда!
 Вынь свой жёсткий клюв из сердца моего, где скорбь — всегда!»
 Каркнул Ворон: «Никогда».*

*И сидит, сидит злоеший, Ворон чёрный, Ворон вещей,
 С бюста бледного Паллады не умчится никуда,
 105 Он глядит, уединённый, точно Демон полусонный,
 Свет струится, тень ложится, на полу дрожит всегда,
 И душа моя из тени, что волнуется всегда,
 Не восстанет — никогда!*

Cf. Disponível em:

https://ru.wikisource.org/wiki/%D0%92%D0%BE%D1%80%D0%BE%D0%BD_%28%D0%9F%D0%BE/%D0%91%D0%B0%D0%BB%D1%8C%D0%BC%D0%BE%D0%BD%D1%82%29/%D0%A1%D0%A1_1901_%28%D0%92%D0%A2:%D0%81%29. Acesso em: 12 set. 2017.

21.9 Tradução: Ворон (По/Бальмонт)/1921 (ДО)

Материал из Википедии — свободной библиотеки

< [Ворон \(По/Бальмонт\)](#)

Воронъ.

авторъ Эдгаръ Алланъ По (1809—1749), пер. Константинъ Дмитриевичъ Бальмонтъ (1867—1942)

← [Озимандія. Сонетъ](#) [Изъ Мировой Поэзии](#) (1921) [Колокольчики и колокола](#) →

Язык оригинала: английскій. Название въ оригиналѣ: The Raven. — Дата создания: 1845, пер. 1894, опубл.: 1845. Источникъ: К. Д. Бальмонт. Из Мировой Поэзии — Берлин: Изд. Слово, 1921. — С. 73—79.

ВОРОНЪ.

*Как-то въ полночь, въ часъ угрюмый, полный тягостною думой,
Надъ старинными томами я склонялся въ полуснѣ,
Грезамъ страннымъ отдавался, вдругъ неясный звукъ раздался,
Будто кто-то постучался — постучался въ дверь ко мнѣ.
«Это, верно», прошептала я, «гость въ полночной тишинѣ,
«Гость стучится въ дверь ко мнѣ»».*

*Ясно помню... Ожиданье... Поздней осени рыданья...
И въ каминѣ очертанья тускло тлѣющихъ углей...
О, какъ жаждалъ я разсвѣта! Какъ я тщетно ждалъ отвѣта
На страданье, безъ привѣта, на вопросъ о ней, о ней,
О Ленорѣ, что блистала ярче всѣхъ земныхъ огней,
О свѣтилѣ прежнихъ дней.*

*И завѣсъ пурпурныхъ трепеть издавалъ какъ будто лепетъ,
Трепетъ, лепетъ, наполнявшій темнымъ чувствомъ сердце мнѣ.
Непонятный страхъ смиряя, встала я съ мѣста, повторяя:
«Это только гость, блуждая, постучался въ дверь ко мнѣ,
«Поздній гость пріюта проситъ въ полуночной тишинѣ, —
Гость стучится въ дверь ко мнѣ»».*

*подавивъ свои сомнѣнья, побѣдивши опасенья,
Я сказала: «Не осудите замедленья моего!
«Этой полночью ненастной я вздремнул, и стук неясный
«Слишкомъ тихъ былъ, стук неясный, — и не слышалъ я его,
«Я не слышал...» — тут раскрылъ я дверь жилища моего; -
Тьма, и больше ничего.*

*Взоръ застылъ, во тьмѣ стѣсненный, и стоялъ я изумленный,
Снамъ отдавшись, недоступнымъ на землѣ ни для кого;*

Но какъ прежде ночь молчала, тьма души не отвѣчала,
Лишь — «Ленора!» — прозвучало имя солнца моего, —
Это я шепнулъ, и эхо повторило вновь его,
Эхо, больше ничего.

Вновь я въ комнату вернулся — обернулся — содрогнулся, —
Стукъ раздался, но слышнѣе, чѣмъ звучалъ онъ до того.
«Вѣрно, что-нибудь сломилось, что-нибудь пошевелилось,
«Тамъ за ставнями забилось у окошка моего,
«Это вѣтеръ, усмирю я трепеть сердца моего, —
«Вѣтеръ — больше ничего».

Я толкнулъ окно съ рѣшеткой, — тотчасъ важною походкой
Изъ-за ставней вышел Воронъ, гордый Воронъ старыхъ дней,
Не склонился онъ учтиво, но, какъ лордъ, вошелъ спѣсиво,
И, взмахнувъ крыломъ лѣниво, въ пышной важности своей,
Онъ взлетѣлъ на бюстъ Паллады, что надъ дверью былъ моей,
Онъ взлетѣлъ — и сѣлъ надъ ней.

Отъ печали я очнулся и невольно усмѣхнулся,
Видя важность этой птицы, жившей долгіе года.
«Твой хохоль оципанъ славно, и глядишь ты презабавно»,
Я промолвилъ «но скажи мнѣ: въ царствѣ тьмы, гдѣ Ночь всегда,
«Какъ ты звался, гордый Воронъ, тамъ, гдѣ Ночь царитъ всегда?»
Молвилъ Воронъ: «Никогда».

Птица ясно отвѣчала, и хотъ смысла было мало,
Подивился я всѣмъ сердцемъ на отвѣтъ ея тогда.
Да и кто не подивится, кто съ такой мечтой сроднится,
Кто повѣритъ согласится, чтобы гдѣ-нибудь когда —
Сѣлъ надъ дверью — говорящій безъ запинки, безъ труда —
Воронъ съ кличкой: «Никогда».

И взирая такъ сурово, лишь одно твердилъ онъ слово,
Точно всю онъ душу вылилъ въ этомъ словѣ «Никогда»,
И крылами не взмахнулъ онъ, и перомъ не шевельнулъ онъ, —
Я шепнулъ: «Друзья сокрылись вотъ ужъ многіе года,
«Завтра онъ меня покинетъ, какъ Надежды, навсегда».
Воронъ молвилъ: «Никогда».

Услыхавъ отвѣтъ удачный, вздрогнулъ я въ тревогѣ мрачной.
«Вѣрно, былъ онъ», я подумалъ, «у того, чья жизнь — Бѣда,
«У страдальца, чьи мученья возростали, какъ теченье

*«Рѣчь весной, чье отречение от Надежды навсегда
«Въ пѣснь вылилось - о счастье, что, погибнувъ навсегда,
Вновь не вспыхнетъ никогда».*

*Но, отъ скорби отдыхая, улыбаясь и вздыхая,
Кресло я свое придвинуль противъ Ворона тогда,
И, склонясь на бархат нѣжный, я фантазиі безбрежной
Отдался душой мятежной: «Это — Воронъ, Воронъ, да.
«Но о чемъ твердить зловѣщій этимъ чернымъ „Никогда“,
Страшнымъ крикомъ: „Никогда“».*

*Я сидѣль, догадокъ полный и задумчиво-безмолвный,
Взоры птицы жгли мнѣ сердце, как огнистая звѣзда,
И съ печалью запоздалой, головой своей усталой
Я прильнулъ къ подушкѣ алой, и подумалъ я тогда:
Я одинъ, на бархатъ алый та, кого любилъ всегда,
Не прильнетъ ужь никогда.*

*Но, постой, вокругъ темнѣетъ, и какъ будто кто-то вѣет,
То съ кадилъницей небесной Серафимъ пришелъ сюда?
Въ мигъ неясный упоенья я вскричалъ: «Прости, мученье!
«Это Богъ послалъ забвенье о Ленорѣ навсегда,
«Пей, о, пей скорбей забвенье о Ленорѣ навсегда!»
Каркнулъ Воронъ: «Никогда».*

*И вскричалъ я въ скорби страстной: «Птица ты, иль духъ ужасный,
«Искусителемъ ли посланъ, иль грозой прибитъ сюда, —
«Ты пророкъ неустрашимый! Въ край печальный, нелюдимый,
«Въ край, Тоскою одержимый, ты пришелъ ко мнѣ сюда!
«О, скажи, найду-ль забвенье, я молю, скажи, когда?»
Каркнулъ Воронъ: «Никогда».*

*«Ты пророкъ», вскричалъ я, «вѣщій! Птица ты иль духъ зловѣщій,
«Этимъ Небомъ, что надъ нами — Богомъ, скрытымъ навсегда —
«Заклинаю, умоляя, мнѣ сказать, — въ предѣлахъ Рая
«Мнѣ откроется-ль святая, что средь ангеловъ всегда,
«Та, которую Ленорой въ небесахъ зовутъ всегда?»
Каркнулъ Воронъ «Никогда».*

*И воскликнулъ я, вставая: «Прочь отсюда, птица злая!
«Ты изъ царства тьмы и бури, — уходи опять туда,
«Не хочу я лжи позорной, лжи, какъ эти перья, черной,
«Удались же, духъ упорный! Быть хочу — одинъ всегда!»*

*«Вынь свой жесткий клювь изъ сердца моего, гдѣ скорбь — всегда!»
Каркнулъ Воронъ: «Никогда».*

*И сидитъ, сидитъ зловъщій Воронъ черный, Воронъ въщій,
Съ бюста блѣднаго Паллады не умчится никуда.
Онъ глядитъ, уединенный, точно Демонъ полусонный,
Свѣтъ струится, тѣнь ложится, на полу дрожитъ всегда.
И душа моя изъ тѣни, что волнуется всегда,
Не возстанетъ — никогда!*

Cf. Disponível em:

https://ru.wikisource.org/wiki/%D0%92%D0%BE%D1%80%D0%BE%D0%BD_%28%D0%9F%D0%BE%D0%91%D0%B0%D0%BB%D1%8C%D0%BC%D0%BE%D0%BD%D1%82%29/1921_%28%D0%94%D0%9E%29. Acesso em: 12 set. 2017.

21.10 Tradução: Ворон (По/Бальмонт)/1921 (ВТ:Ё)

Материал из Википедии — свободной библиотеки

Ворон (По/Бальмонт)

Ворон

автор Эдгар Аллан По (1809—1849), пер. Константин Дмитриевич Бальмонт (1867—1942)

Озимандия. Сонет Из мировой поэзии (1921) Колокольчики и колокола

Язык оригинала: английский. Название в оригинале: The Raven. — Дата создания: 1845, пер. 1894, опубл.: 1845. Источник: К. Д. Бальмонт. Из Мировой Поэзии — Берлин: Изд. Слово, 1921. — С. 73—79.

Ворон

*Как-то в полночь, в час угрюмый, полный тягостною
думой,
Над старинными томами я склонялся в полусне,
Грёзам странным отдавался, вдруг неясный звук раздался,
Будто кто-то постучался — постучался в дверь ко мне.
«Это верно», прошептал я, «гость в полночной тишине,
Гость стучится в дверь ко мне».*

*Ясно помню... Ожиданья... Поздней осени рыданья...
И в камине очертанья тускло тлеющих углей...
О, как жаждал я рассвета, как я тщётно ждал ответа
10 На страданье, без привета, на вопрос о ней, о ней,
О Леноре, что блистала ярче всех земных огней,
О светилах прежних дней.*

*И завес пурпурных трепет издавал как будто лепет,
Трепет, лепет, наполнявший тёмным чувством сердце мне.
Непонятный страх смиряя, встал я с места, повторяя: —
«Это только гость, блуждая, постучался в дверь ко мне,
Поздний гость приюта просит в полуночной тишине —
Гость стучится в дверь ко мне».*

*Подавив свои сомненья, победивши опасенья,
20 Я сказал: «Не осудите замедленья моего!
Этой полночью ненастной я вздремнул, и стук неясный
Слишком тих был, стук неясный, — и не слышал я его,
Я не слышал» — тут раскрыл я дверь жилища моего: —
Тьма, и больше ничего.*

*Взор застыл, во тьме стеснённый, и стоял я изумлённый,
Снам отдавшись, недоступным на земле ни для кого;*

Но как прежде ночь молчала, тьма душе не отвечала,
 Лишь — «Ленора!» — прозвучало имя солнца моего, —
 Это я шепнул, и эхо повторило вновь его, —
 30 Эхо, больше ничего.

Вновь я в комнату вернулся — обернулся — содрогнулся, —
 Стук раздался, но слышнее, чем звучал он до того.
 «Верно, что-нибудь сломилось, что-нибудь пошевелилось,
 Там, за ставнями, забилося у окошка моего,
 Это ветер, усмирю я трепет сердца моего, —
 Ветер, больше ничего».

Я толкнул окно с решёткой, — тотчас важною походкой
 Из-за ставней вышел Ворон, гордый Ворон старых дней,
 Не склонился он учтиво, но, как лорд, вошёл спесиво,
 40 И, взмахнув крылом лениво, в пышной важности своей,
 Он взлетел на бюст Паллады, что над дверью был моей,
 Он взлетел — и сел над ней.

От печали я очнулся и невольно усмехнулся,
 Видя важность этой птицы, жившей долгие года.
 «Твой хохол оципан славно и глядишь ты презабавно»,
 Я промолвил, «но скажи мне: в царстве тьмы, где ночь
 всегда,
 Как ты звался, гордый Ворон, там, где ночь царит
 всегда!»
 Молвил Ворон: «Никогда».

Птица ясно отвечала, и хоть смысла было мало,
 50 Подивился я всем сердцем на ответ её тогда.
 Да и кто не подивится, кто с такой мечтой сроднится,
 Кто поверить согласится, чтобы где-нибудь когда —
 Сел над дверью — говорящий без запинки, без труда —
 Ворон с кличкой: «Никогда».

И, взирая так сурово, лишь одно твердил он слово,
 Точна всю он душу вылил в этом слове «Никогда»,
 И крылами не взмахнул он, и пером не шевельнул он,
 Я шепнул: «Друзья сокрылись вот уж многие года,
 Завтра он меня покинет, как надежды, навсегда».
 60 Ворон молвил: «Никогда».

*Услыхав ответ удачный, вздрогнул я в тревоге мрачной,
«Верно, был он», я подумал, «у того, чья жизнь — Беда,
У страдальца, чьи мученья возрастали, как течение
Рек весной, чьё отречение от Надежды навсегда
В песне вылилось о счастье, что, погибнув навсегда,
Вновь не вспыхнет никогда.»*

*Но, от скорби отдыхая, улыбаясь и вздыхая,
Кресло я своё придвинул против Ворона тогда,
И, склонясь на бархат нежный, я фантазии безбрежной
70 Отдался душой мятежной: «Это — Ворон, Ворон, да.
«Но о чём твердит злоеущий этим чёрным «Никогда»,
Страшным криком «Никогда».*

*Я сидел, догадок полный и задумчиво-безмолвный,
Взоры птицы жгли мне сердце, как огнистая звезда,
И с печалью запоздалой, головой своей усталой,
Я прильнул к подушке алой, и подумал я тогда: —
Я один, на бархат алый та, кого любил всегда,
Не прильнёт уж никогда.*

*Но постой, вокруг темнеет, и как будто кто-то веет,
80 То с кадилницей небесной Серафим пришёл сюда?
В миг неясный упоенья я вскричал: «Прости, мученье,
Это Бог послал забвенье о Леноре навсегда,
Пей, о, пей скорей забвенье о Леноре навсегда!»
Каркнул Ворон: «Никогда».*

*И вскричал я в скорби страстной: «Птица ты иль дух
ужасный,
Искушителем ли послан, иль грозой прибит сюда, —
Ты пророк неустрашимый! В край печальный, нелюдимый,
В край, Тоскою одержимый, ты пришёл ко мне сюда!
О, скажи, найду ль забвенье, я молю, скажи, когда?»
90 Каркнул Ворон: «Никогда».*

*«Ты пророк», вскричал я, «вещий! Птица ты иль дух
злоеущий,
Этим Небом, что над нами — Богом скрытым навсегда —
Заклинаю, умоляя, мне сказать, — в пределах Рая
Мне откроется ль святая, что средь ангелов всегда,
Та, которую Ленорой в небесах зовут всегда?»*

Каркнул Ворон: «Никогда».

*И воскликнул я, вставая: «Прочь отсюда, птица злая!
Ты из царства тьмы и бури, — уходи опять туда,
Не хочу я лжи позорной, лжи, как эти перья, чёрной,
100 Удались же, дух упорный! Быть хочу — один всегда!
Вынь свой жёсткий клюв из сердца моего, где скорбь —
всегда!»*

Каркнул Ворон: «Никогда».

*И сидит, сидит злоеший, Ворон чёрный, Ворон веший,
С бюста бледного Паллады не умчится никуда,
Он глядит, уединённый, точно Демон полусонный,
Свет струится, тень ложится, на полу дрожит всегда,
И душа моя из тени, что волнуется всегда,
Не восстанет — никогда!*

Примечания

- x Стихотворение впервые опубликованное в газете «Evening Mirror» 29 января 1845 г. сразу произвело сенсацию. Русские переводы «Ворона» делались, начиная с 1878 года, и в настоящее время насчитывают более двух десятков. Классическими считаются переводы, сделанные Бальмонтом, Мережковским, Брюсовым, Зенкевичем. Перевод К. Д. Бальмонта сделан в 1894 г.

Cf. Disponível em:

https://ru.wikisource.org/wiki/%D0%92%D0%BE%D1%80%D0%BE%D0%BD_%28%D0%9F%D0%B E/%D0%91%D0%B0%D0%BB%D1%8C%D0%BC%D0%BE%D0%BD%D1%82%29/1921_%28%D0%92%D0%A2:%D0%81%29. Acesso em: 12 set. 2017.

21.11 Tradução: Ворон (По/Жаботинский, 1897)

Материал из Викитеки — свободной библиотеки

Ворон

автор Эдгар Аллан По (1810—1849), пер. В. Е. Жаботинский (1880—1940)

Язык оригинала: английский. Название в оригинале: The Raven. — Оpubл.: 1845 (ориг.). • Перевод Владимира (Зеева) Евгеньевича Жаботинского (1880—1940) осуществлён в 1897 году. В 1931 Жаботинский, под псевдонимом Altalena, опубликовал второй вариант перевода.

Ворон

*Как-то в полночь, утомлённый, я забылся, полусонный,
Над таинственным значеньем фолианта одного;
Я дремал, и всё молчало... Что-то тихо прозвучало —
Что-то тихо застучало у порога моего.
Я подумал: «То стучится гость у входа моего —
Гость, и больше ничего».*

*Помню всё, как это было: мрак — декабрь — ненастье выло —
Гас очаг мой — так уныло падал отблеск от него...
Не светало... Что за муки! Не могла мне глубь науки
Дать забвенья о разлуке с девой сердца моего, —
О Леноре, взятой в Небо прочь из дома моего, —
Не оставив ничего...*

*Шелест шёлка, шум и шорох в мягких пурпуровых шторах —
Чуткой, жуткой, странной дрожью проникал меня всего;
И, смиряя страх минутный, я шепнул в тревоге смутной:
«То стучится бесприютный гость у входа моего —
Поздний путник там стучится у порога моего —
Гость, и больше ничего».*

*Стихло сердце понемногу. Я направился к порогу,
Воскликая: «Вы простите — я промедлил оттого,
Что дремал в унылой скуке — и проснулся лишь при стуке,
При неясном, лёгком звуке у порога моего». —
И широко распахнул я дверь жилища моего —
Мрак, и больше ничего.*

*Мрак бездонный озирая, там стоял я, замирая
В ощущеньях, человеку незнакомых до того;*

Но царила тьма сурово средь безмолвия ночного,
 И единственное слово чуть прорезало его —
 Зов: «Ленора...» — Только эхо повторило мне его —
 Эхо, больше ничего...

И, смущённый непонятно, я лишь шаг ступил обратно —
 Снова стук — уже слышнее, чем звучал он до того.
 Я промолвил: «Что дрожу я? Ветер ставни рвёт, бушуя, —
 Наконец-то разрешу я, в чём здесь скрыто волшебство —
 Это ставень, это буря: весь секрет и волшебство —
 Вихрь, и больше ничего».

Я толкнул окно, и рама поддалась, и плавно, прямо
 Вышел статный, древний Ворон — старой сказки божество;
 Без поклона, смело, гордо, он прошёл легко и твёрдо, —
 Воспарил, с осанкой лорда, кверху входа моего
 И вверху, на бюст Паллады, у порога моего
 Сел — и больше ничего.

Оглядев его пытливо, сквозь печаль мою тоскливо
 Улыбнулся я, — так важен был и вид его, и взор:
 «Ты без рыцарского знака — смотришь рыцарем, однако,
 Сын страны, где в царстве Мрака Ночь раскинула шатёр!
 Как зовут тебя в том царстве, где стоит Её шатёр?»
 Каркнул Ворон: «Nevermore».

Изумился я сначала: слово ясно прозвучало,
 Как удар, — но что за имя «Никогда»? И до сих пор
 Был ли смертный в мире целом, в чьём жилище опустелом
 Над дверьми, на бюсте белом, словно призрак древних пор,
 Сел бы важный, мрачный, хмурый, чёрный Ворон древних пор
 И назвался «Nevermore»?

Но, прокаркав это слово, вновь молчал уж он сурово,
 Точно в нём излил всю душу, вновь замкнул её затвор.
 Он сидел легко и статно — и шепнул я еле внятно:
 «Завтра утром невозвратно улетит он на простор —
 Как друзья — как все надежды, улетит он на простор...»
 Каркнул Ворон: «Nevermore».

Содрогнулся я при этом, поражён таким ответом,
 И сказал ему: «Наверно, господин твой с давних пор
 Беспощадно и жестоко был постигнут гневом Рока

*И отчаялся глубоко и, судьбе своей в укор,
Затвердил, как песню скорби, этот горестный укор —
Этот возглас: «Nevermore...»*

*И, вперяя взор пытливый, я с улыбкою тоскливой
Опустился тихо в кресла, дал мечте своей простор
И на бархатные складки я поник, ища разгадки, —
Что сказал он, мрачный, гадкий, гордый Ворон древних пор, —
Что хотел сказать злоеущий, хмурый Ворон древних пор
Этим скорбным: «Nevermore...»*

*Я сидел, объятый думой, неподвижный и угрюмый,
И смотрел в его горящий, пепеляющий душу взор;
Мысль одна сменялась новой, — в креслах замер я суровый,
А на бархат их лиловый лампа свет лила в упор, —
Ах, на бархат их лиловый, озарённый так в упор,
Ей не сесть уж — nevermore!*

*Чу!.. провеяли незримо, словно крылья серафима —
Звон кадила — благовонья — шелест ног о мой ковёр:
«Это Небо за моления шлёт мне чашу исцеленья,
Благо мира и забвенья мне даруя с этих пор!
Дай! — я выпью, и Ленору позабуду с этих пор!»
Каркнул Ворон: «Nevermore».*

*«Адский дух иль тварь земная, — произнёс я, замирая, —
Ты — пророк. И раз уж Дьявол или вихрей буйный спор
Занесли тебя, крылатый, в дом мой, ужасом объятый,
В этот дом, куда проклятый Рок обрушил свой топор, —
Говори: пройдёт ли рана, что нанёс его топор?»
Каркнул Ворон: «Nevermore».*

*«Адский дух иль тварь земная, — повторил я, замирая, —
Ты — пророк. Во имя Неба, — говори: превыше гор,
Там, где Рай наш легендарный, — там найду ль я, благодарный,
Душу девы лучезарной, взятой Богом в Божий хор, —
Душу той, кого Ленорой именует Божий хор?»
Каркнул Ворон: «Nevermore».*

*«Если так, то вон, Нечистый! В царство Ночи вновь умчись ты» —
Гневно крикнул я, вставая: «Этот чёрный твой убор
Для меня в моей кручине стал эмблемой лжи отныне, —
Дай мне снова быть в пустыне! Прочь! Верни душе простор!*

*Не терзай, не рви мне сердца, прочь, умчися на простор!»
Каркнул Ворон: «Nevermore».*

*И сидит, сидит с тех пор он, неподвижный чёрный Ворон,
Над дверьми, на белом бюсте, — так сидит он до сих пор,
Злыми взорами блистая, — верно, так глядит, мечтая,
Демон, — тень его густая грузно пала на ковёр —
И душе из этой тени, что ложится на ковёр,
Не подняться — nevermore!
1897*

Cf. Disponível em:

https://ru.wikisource.org/wiki/%D0%92%D0%BE%D1%80%D0%BE%D0%BD_%28%D0%9F%D0%BE/%D0%96%D0%B0%D0%B1%D0%BE%D1%82%D0%B8%D0%BD%D1%81%D0%BA%D0%B8%D0%B9,1897%29. Acesso em: 12 set. 2017.

21.12 Tradução: Ворон (По/Уманец)

Материал из Википедии — свободной библиотеки

Ворон

автор Эдгар Аллан По (1809-1849), пер. Лев Игнатъевич Уманец

Язык оригинала: английский. Название в оригинале: The Raven, 1845. — Источник: Необыкновенные рассказы и избранные стихотворения в переводе Льва Уманца. С иллюстрациями. Типография Т-ва И. Д. Сытина в Москве. 1908. • См. также переводы Пальмина, Мережковского, Брюсова, Жаботинского и Андреевского.

Ворон

*В поздний час, ночной порою
Я склонился головою
Над старинной книгой, в мраке
Кабинета моего,
И в дремоте безмятежной
Вдруг услышал стук я нежный,
Словно кто стучал небрежно
В дверь жилища моего.
«Гость стучится, — прошептал я, —
В дверь жилища моего, —
Гость — и больше ничего!..»*

*Был декабрь, — я помню это, —
И камин мой вдоль паркета
Сыпал в сумрак кабинета
Искры блеска своего.
И рассвета ждал я страстно...
Утешения напрасно
Я искал, — то скорбь всевластно,
Скорбь за друга моего...
О Леноре той прекрасной, —
В небе имя ей Ленера
На земле же — ничего.*

*Мрачный шорох шторы красной
Навевал мне страх ужасный, —
Страх суровый, ужас новый
В сумрак сердца моего.
Трепет сердца подавляя,
Все стоял я, повторяя:
«Гость стоит там, ожидая,
У жилища моего, —*

Поздний гость там, ожидая
 У жилища моего —
 Гость — и больше ничего!»

Бодрость в сердце ощущая,
 Ни минуты не теряя,
 Я вскричал: «Ты гость иль гостья, —
 Жду прощенья твоего:
 Я дремал так безмятежно,
 Ты же там стучал так нежно,
 Так тихонько, так небрежно
 В дверь жилища моего...»
 И при этом отворил я
 Дверь жилища моего...
 Мрак — и больше ничего!..

В мрак смотрел я, изумленный...
 Долго я стоял, смущенный,
 Даже в грезах раньше смертный
 Не испытывал того!
 Тишина была немая,
 Без ответа, гробовая,
 Слышал имя лишь тогда я, —
 Имя друга моего.
 Я шептал: «Ленора!» Эхо
 Повторяло звук его, —
 Звук — и больше ничего!

Я вернулся в мрак алькова...
 Вся душа пылать готова...
 Стук раздался громче снова
 У жилища моего.
 — Не в окно ль стучат рукою?
 Тайну я сейчас открою,
 Трепет сердца успокою, —
 Трепет сердца моего!..
 Усмирись же на минуту,
 Трепет сердца моего!..
 Ветер — больше ничего!

И в окно влетает с шумом
 Громким, мрачным и угрюмым,
 Вдруг священный, древний Ворон

*В мрак жилища моего.
Птица гордая влетела
Так уверенно и смело,
Словно важный лорд, — и села
В мраке дома моего.
На Паллады бюст, над дверью
Кабинета моего...
Села — больше ничего!..*

*Ворон черный и угрюмый
Разогнал печали думы,
У меня улыбку вызвал
Видом сумрачным тогда
«Вижу шлем твой почернелый
В жарких битвах уцелелый!
Мчится ль Ворон древний, смелый,
Из страны Ночей сюда?
Там какое имя носишь,
Где Плутон царит всегда?»
Ворон каркнул: «Никогда!..»*

*Каркнул ясно и сурово!
Я дивиться начал снова,
Впрочем, смысла в звуке слова
Не нашел я и следа.
Но досель, по крайней мере,
Кто ж видал, чтоб птицы, звери,
Сев на бюст у самой двери,
Произнести могли б тогда...
На скульптурный бюст у двери
Сев, сказать могли б тогда
Это слово: «Никогда»?*

*И, сказавши это слово,
Замолчала птица снова,
Словно в этом слове вылив
Душу всю свою тогда, —
Звуков вновь не издавая,
Неподвижная, немая...
И в тоске шептал тогда я.
«Без друзей я навсегда,
Вот и он умчится завтра,
Как надежды, без следа!..»*

Ворон каркнул: «Никогда!»

*И смущен я был при этом
Тем осмысленным ответом,
И сказал я: «Это слово
Заучил он в те года,
Как его хозяин злою
Был преследуем судьбою,
И порою пел с тоскою
Средь невзгоды и труда
Гимн надежды погребальный
В час невзгоды и труда:
— Никогда, о, никогда!..»*

*Все же Ворон мой угрюмый
Разогнал печали думы...
Кресло к двери кабинета
Пододвинул я тогда
И, в подушках утопая,
От мечты к мечте витая,
Так лежал я, размышляя:
Что хотел сказать тогда
Мрачный, древний, вещий Ворон, —
Что хотел сказать тогда,
Прокричавши: «Никогда!»*

*Так сидел я, размышляя,
И молчал я, а немая
Птица жгла мне взглядом сердце,
Молчалива и горда.
И сидел я, погруженный
В думы с головой, склоненной
В бархат, лампой озаренный,
И мечтал о ней тогда, —
Что головкой полусонной
В бархат кресла вновь сюда
Не склонится никогда.*

*А вокруг носились волны
Аромата, неги полны,
И незримых серафимов
Слышал я шаги тогда —
— Ворон Божьей рукою*

Послан с ангельской толпою!
 Ты приносишь весть покоя,
 Чтоб забыл я навсегда
 О Леноре в миг покоя
 Позабыл я навсегда!
 Ворон каркнул: «Никогда!»

— Вестник мрачный и кровавый!
 Птица ты иль дух лукавый,
 Послан Демоном иль бурей
 Занесен ты был сюда?
 Не смирился ты доньше
 В очарованной пустыне,
 В доме, преданном кручине!
 Раз ответь мне навсегда,
 Есть ли там бальзам забвенья?
 Ты скажи мне навсегда?
 Ворон каркнул: «Никогда!»

— Ворон мрачный и кровавый!
 Птица ты иль дух лукавый,
 О, ответь мне ради Неба,
 Ради Страшного Суда:
 Дух мой, скорбью изнывая,
 Встретить там, в преддверье рая,
 Ту, которая, блистая
 Светом, унеслась туда?
 То Ленора, — то святая, —
 Унеслась она туда!
 Ворон каркнул: «Никогда!»

— Разлучит нас это слово, —
 Я вскричал, вскочив, сурово, —
 Мчись обратно, в сумрак бури,
 В мрак Плутона, навсегда,
 Не роняй здесь перьев черных,
 Чтоб не помнить слов тлетворных,
 Злобных, лживых и позорных!
 Бюст покинув, мчись туда,
 И, мое покинув сердце,
 Ты исчезни навсегда!
 Ворон каркнул: «Никогда!»

*И сидит, не улетая,
Все немая, все немая
Птица там, над самой дверью,
Как сидела и тогда,
Устремив свой взор склоненный,
Словно демон полусонный,
И от лампы, там зажженной,
Тень отбросила сюда.
И мой дух средь этой тени
Ниспадающей сюда,
Не воспрянет никогда!..*

1908

Cf. Disponível em:
https://ru.wikisource.org/wiki/%D0%92%D0%BE%D1%80%D0%BE%D0%BD_%28%D0%9F%D0%BE/%D0%A3%D0%BC%D0%B0%D0%BD%D0%B5%D1%86%29. Acesso em: 12 set. 2017.

21.13 Tradução: Ворон (По/Фёдоров)

Материал из Википедии — свободной библиотеки

Ворон

автор Эдгар Аллан По (1809—1849), пер. Василий Павлович Фёдоров (1883—1942)

Язык оригинала: английский. Название в оригинале: The Raven. — Оpubл.: 1845 (оригинал), 1923 (перевод). Источник: Эдгар По. Поэмы и стихотворения в переводах с оксфордского издания 1909 г. Вас. Федорова. — Москва: Первина, 1923. • См. также переводы других авторов

ВОРОН

[9]

*Как-то ночью одинокой
я задумался глубоко
Над томами черной магии,
забытой с давних пор.
Сон клонил, — я забывался...
Вдруг неясный звук раздался,
Словно кто-то постучался —
постучался в мой затвор...
— „Это гость, — пробормотал я, —
постучался в мой затвор,
Запоздалый визитер...“*

[10]

*Ясно помню тот декабрьский
Лютый ветер, холод адский,
Эти тени — по паркету
черной бахромы узор, —
Как меня томило это,
как я с книгой ждал рассвета
В страшной скорби без просвета —
без просвета по Линор,
По утраченной недавно
светлой, ласковой Линор,
Невозвратной с этих пор.*

*Вдруг забило неприятно
сердце в страхе под невнятный
Шорох шопотный пурпуровых
моих тяжелых штор;
Чтоб унять сердцебиенье,*

сам с собою без смущенья
 Говорил я, весь — волнение:
 — „То стучится в мой затвор
 Запоздалый гость, — смущенно
 он стучится в мой затвор,
 Этот поздний визитер“.

[11]

Взяв себя немного в руки,
 крикнул я в ответ на стуки:
 — „О, пожалуйста, простите, —
 я сейчас сниму затвор!
 Задремал я... рад... приятно...
 но стучались вы невнятно,
 Было даже непонятно —
 непонятно: стук ли, вздор?..
 А теперь я различаю —
 это точно — стук, не вздор!..
 Дверь открыл: ночной простор.

Никого! В недоуменьи,
 с новым страхом и в смущеньи
 От неведомых предчувствий,
 затаившийся, как вор,
 Я смотрел, на все готовый,
 в сумрак холода ночного,
 И шепнул одно лишь слово,
 слово-шепот, в ночь, „Линор“...
 Это я сказал, но где-то
 эхо вторило: „Линор“...
 Тихий, жуткий разговор.

[12]

Я захлопнул дверь. Невольно
 сердце сжалось острой болью.
 Сел... и скоро вновь услышал
 тот-же звук: тор-тор... тор-тор...
 — „А-а, — сказал я: — так легка мне
 вся загадка: стук недавний —
 Дребезжанье старой ставни...
 только ветер... мелочь... вздор...
 Нет, никто там не стучался, —
 Просто ставни... зимний вздор...

Мог бы знать и до сих пор“.

*Быстро встал, — окно открыл я.
Широко расставив крылья,
Крупный ворон — птица древняя —
в окно ко мне, в упор,
Вдруг вошел, неторопливо
всхохлил перья, и красивым
Плавным взлетом, горделиво,
— словно зная с давних пор, —
Пролетел, на бюст Паллады сел...
как будто с давних пор
Там сидел он, этот Ворон.
[13]*

*Сколько важности! Бравады!
хохотал я до-упаду:
— „Ну, неожиданный гость, привет вам!
Что-ж, садитесь! Разговор
Я начну... Что много шума
натворил ты здесь, угрюмый
Ворон, полный древней думы?
— Ну, скажи — как бледный хор
Называл тебя? — в Аиде
бестелесных духов хор?
Ворон крикнул: Nevermore“.*

*Я вскочил от удивленья:
новое еще явление! —
Никогда не приходилось
мне слышать подобный вздор!
— Вы забавны, Ворон-птица, —
только как могло случиться
Языку вам обучиться
и салонный разговор
Завязать, седлая бюсты?
Что-ж, продолжим разговор,
Досточтимый Nevermore“ ...
[14]*

*Но на белом четко-черный
он теперь молчал упорно,
Словно душу всю излил*

*в едином слове ворон-вор!
 И опять понурый, сгорблен,
 я застыл в привычной скорби,
 Все надеясь: утро скорбь
 утишит... Вдруг, в упор,
 Неожиданно и властно,
 с бюста белого, в упор
 Птичий голос: „Nevermore“*

*Вздрогнул я: ответ угрюмый
 был в том крике мне на думы!
 Верно ворону случилось часто
 слышать, как повтор,
 Это слово... звук не нежный...
 Знать, его хозяин прежний,
 Зло обманутый в надеждах,
 повторял себе в укор,
 Обращаясь безотчетно к ворону,
 ронял укор
 Безысходным Nevermore.*

[15]

*Весь во власти черной тени,
 в жажде предосуществлений,
 Я теперь хотел жестоко
 с этой птицей жуткий спор
 Завязать, — придвинул кресло
 ближе к бюсту... и воскресла —
 — Там в мозгу моем, воскресла
 словно грозный приговор
 Логика фантасмагорий
 странно слитых в приговор
 С этим криком Nevermore...*

*И теперь меня глубоко
 волновали птицы рока —
 Птицы огневые очи
 устремленные в упор.
 Свет от лампы плавно лился,
 он над вороном струился...
 Я мучительно забылся, —
 мне казалось: с вечных пор
 Этот черный хмурый ворон*

здесь, со мной, с извечных пор
Со зловецим *Nevermore*.

[16]

Словно плавное кадило
в кабинете воскурило
Финнами, и туманы
наплывали с алых штор.
Простонал я: „Дух угрюмый,
что томишь тяжелой думой?
Обмани предвечным шумом
крыльев черных, и Линор
Позабыть совсем дай мне —
дай забыть мою Линор!
Крикнул ворон „*Nevermore*“.

— Прорицатель! Вестник горя!
Птица-дьявол из-за моря!
За душой моею выслал Ад
тебя? — Хватай же, вор!
Ветер... злая ночь... и стужа...
В тихом доме смертный ужас
Сердце рвет он, этот ужас,
строит склеп мне выше гор...
Ну, хватай! Ведь после смерти
позабуду я Линор!
Крикнул ворон „*Nevermore*“
[17]

— Прорицатель! Вестник горя!
Птица-дьявол из-за моря!
Там, где гнутся своды неба,
есть же божий приговор!
Ты скажи — я жду ответа —
там, за гранью жизни этой
Прозвучит ли речь привета
иль пройдет хоть тень Линор —
Недостижной здесь навеки,
нежной, ласковой Линор?
Крикнул ворон „*Nevermore*“.

В непереносимой муке
я стонал: „О, пусть разлуки

— Будет знаком это слово,
 мой последний приговор!
 — Вынь из сердца клюв жестокий,
 ворон, друг мой, — одиноко
 — Улетай в Аид далекий,
 сгинь в неведомый простор,
 — Населенный привиденьями
 аидовый простор!“
 Крикнул ворон „Nevermore“.
 [18]

И злоеущий, и сердитый,
 все сидит он и сидит он,
 Черный ворон на Палладе,
 охраняя мой затвор...
 И от лампы свет струится...
 И огромная ложится
 От недвижной этой птицы
 на пол тень... И с этих пор
 Для души моей из мрака
 черной Тени — с этих пор —
 Нет исхода — Nevermore.
 [19]

ПРИМЕЧАНИЕ

[21]

Ворон с некоторыми незначительными варьациями перепечатан в февр. книжке *Amer Whib Review* 1845 и в июньской *Broadway Journal* в том же году.

Дата написания

- 1) Уильям Элиот Гриффис в *Note Journal* от 5 ноября 1884 сообщает, что Эдгар По упоминал о поэме, называемой Ворон, еще летом 1842 в разговоре с 2-жей Барайт, которой и показывал рукопись тем-же летом.
- 2) Розенбах, в сообщении сделанном в *American* от 26 февр. 1887, относит написание Ворона на зиму 1843—44 года. Он читал Ворона задолго до напечатания у Грахама. По, передавая эту поэму жаловался на крайнюю нужду в деньгах, говоря, что его жена и теща едва ли не умирают с голода. [22] Компания — Грахам, Годли, Мак-Микель и др. — поэму забраковали, но все же собрали 15 долларов из чувства сострадания.
- 3) Ф. Г. Фэйрфильд в октябрьской книжке *Scribner's Magazine* за 1875: „По после обеда отправлялся из Нью-Йорка в свой фордамский уголок, где его не тревожил городской шум, пил там чай и работал

до поздней ночи. В ту пору его жена, Виргиния, была при смерти; материальное положение было из рук вон плохо — не хватало даже на лекарства. В один из этих тяжелых вечеров, уже в одиннадцатом часу, Эдгар вышел из дому, забрел в свой уголок, и набросал Ворона. Этот набросок он принес тогда же для просмотра Г-же Клем, и в ту же ночь обработал всю поэму“.

Фэйрфильд прибавляет: — „Это рассказал мне один знакомый, со слов г-жи Клем, в конце 1865 г.; летом 1867 я имел случай повстречаться с самой г-жей Клем и проверить истинность рассказа. Помимо версии г-жи Клем, Фэйрфильд приводит еще рассказ капитана Дю-Соль, бывшего в ту пору в весьма дружеских отношениях с Эдгаром, согласно которому Ворон написан среди [23]веселой компании собиравшейся в погребеке Уэльша на Анстрите за кружкой пива.

Дю-Соль говорит, что вся поэма была написана строфа за строфой в один вечер с перерывами для шуток и советов по поводу каждой отдельной строфы.

Выслушивая отдельные замечания, По соответственным образом поправлял или дополнял отдельные места. Таким образом вся поэма являет собой коллективное стихотворение.

Cf. Disponível em:

https://ru.wikisource.org/wiki/%D0%92%D0%BE%D1%80%D0%BE%D0%BD_%28%D0%9F%D0%BE/%D0%A4%D1%91%D0%B4%D0%BE%D1%80%D0%BE%D0%B2%29. Acesso em: 12 set. 2017.

21.14 Tradução: Ворон (По/Брюсов)

Материал из Википедии — свободной библиотеки

← Страна	Ворон	Спящая
СНОВ	<i>автор Эдгар Аллан По (1809—1849), пер. Валерий Яковлевич Брюсов</i>	→

Язык оригинала: английский. Название в оригинале: The Raven. — Из цикла «*Эдгар По. Полное собрание поэм и стихотворений. (1924)*». Опул.: 1845 (ориг.). Источник: *Эдгар По* Полное собрание поэм и стихотворений. Перевод и предисловие Валерия Брюсова с критико-библиографическим комментарием. — Москва-Лениград: Государственное издательство "Всемирная литература". Ленинград. Моховая, № 36, МСМХХIV. — С. 57-60 • Перевод Валерия Яковлевича Брюсова осуществлён в 1905—1924 годах.

Ворон

*Как-то в полночь, в час унылый, я вникал, устав, без силы,
Меж томов старинных, в строки рассужденья одного
По отвергнутой науке, и слышал смутно звуки,
Вдруг у двери словно стуки, — стук у входа моего.
«Это — гость, — пробормотал я, — там, у входа моего.
Гость, — и больше ничего!»*

*Ах! мне помнится так ясно: был декабрь и день ненастный,
Был как призрак — отсвет красный от камина моего.
Ждал зари я в нетерпенье, в книгах тщетно утешенье
Я искал в ту ночь мученья, — бденья ночь, без той, кого
Звали здесь Линор. То имя... Шепчут ангелы его,
На земле же — нет его.*

*Шелковистый и не резкий, шорох алой занавески
Мучил, полнил темным страхом, что не знал я до того.
Чтоб смирить в себе биенье сердца, долго в утешенье
Я твердил: «То — посещение просто друга одного.»
Повторял: «То — посещение просто друга одного,
Друга, — больше ничего!»*

*Наконец, владея волей, я сказал, не медля боле:
«Сэр иль Мистрисс, извините, что молчал я до того.
Дело в том, что задремал я, и не сразу слышал я,
Слабый стук не разобрал я, стук у входа моего.»
Говоря, открыл я настежь двери дома моего.
Тьма, — и больше ничего.*

*И, смотря во мрак глубокий, долго ждал я, одинокий,
Полный грез, что ведать смертным не давалось до того!
Все безмолвно было снова, тьма вокруг была сурова,
Раздалось одно лишь слово: шепчут ангелы его.
Я шепнул: «Линор», и эхо — повторило мне его,
Эхо, — больше ничего.*

*Лишь вернулся я несмело (вся душа во мне горела),
Вскоре вновь я стук слышал, но ясней, чем до того.
Но сказал я: «Это ставней ветер зыблет своенравней,
Он и вызвал страх недавний, ветер, только и всего,
Будь спокойно, сердце! Это — ветер, только и всего.*

Ветер, — больше ничего!»

*Растворил свое окно я, и влетел во глубь покоя
Статный, древний Ворон, шумом крыльев славя торжество.
Поклониться не хотел он; не колеблясь, полетел он,
Словно лорд иль лэди, сел он, сел у входа моего,
Там, на белый бюст Паллады, сел у входа моего,
Сел, — и больше ничего.*

*Я с улыбкой мог дивиться, как эбеновая птица,
В строгой важности — сурова и горда была тогда.
«Ты, — сказал я, — лыс и черен, но не робок и упорен,
Древний, мрачный Ворон, странник с берегов, где ночь всегда!
Как же царственно ты прозван у Плутона?» Он тогда
Каркнул: «Больше никогда!»*

*Птица ясно прокричала, изумив меня сначала.
Было в крике смысла мало, и слова не шли сюда.
Но не всем благословенье было — ведать посещение
Птицы, что над входом сядет, величава и горда,
Что на белом бюсте сядет, чернокрыла и горда,
С кличкой «Больше никогда!»*

*Одинокий, Ворон черный, сев на бюст, бросал, упорный,
Лишь два слова, словно душу вылил в них он навсегда.
Их твердя, он словно стынул, ни одним пером не двинул,
Наконец, я птице кинул: «Раньше скрылись без следа
Все друзья; ты завтра сгинешь безнадежно!..» Он тогда
Каркнул: «Больше никогда!»*

*Вздрогнул я, в волненьи мрачном, при ответе столь удачном.
«Это — все, — сказал я, — видно, что он знает, жив года
С бедняком, кого терзали беспощадные печали,
Гнали в даль и дальше гнали неудачи и нужда.
К песням скорби о надеждах лишь один припев нужда
Знала: больше никогда!»*

*Я с улыбкой мог дивиться, как глядит мне в душу птица.
Быстро кресло подкатил я, против птицы, сел туда:
Прижимаясь к мягкой ткани, развивал я цепь мечтаний,
Сны за снами; как в тумане, думал я: «Он жил года,
Что ж пророчит, вещей, тощий, живший в старые года,*

Криком: больше никогда?»

*Это думал я с тревогой, но не смел шепнуть ни слога
Птице, чьи глаза палили сердце мне огнем тогда.
Это думал и иное, прислонясь челом в покое
К бархату; мы, прежде, двое так сидели иногда...
Ах! при лампе, не склоняться ей на бархат иногда
Больше, больше никогда!*

*И, казалось, клубы дыма льет курильница незримо,
Шаг чуть слышен серафима, с ней вошедшего сюда.
«Бедный! — я вскричал, — то богом послан отдых всем
тревогам,
Отдых, мир! чтоб хоть немного ты вкусил забвенья, — да?
Пей! о, пей тот сладкий отдых! позабудь Линор, — о, да?
Ворон: «Больше никогда!»*

*«Веций, — я вскричал, — зачем он прибыл, птица или демон?
Искусителем ли послан, бурей пригнан ли сюда?
Я не пал, хоть полн уныний! В этой за́клятой пустыне,
Здесь, где правит ужас ныне, отвечай, молю, когда
В Галааде мир найду я? обрету бальзам когда?»
Ворон: «Больше никогда!»*

*«Веций, — я вскричал, — зачем он прибыл, птица или демон?
Ради неба, что над нами, часа страшного суда,
Отвечай душе печальной: я в раю, в отчизне дальней,
Встречу ль образ идеальный, что меж ангелов всегда?
Ту мою Линор, чье имя шепчут ангелы всегда?»
Ворон: «Больше никогда!»*

*«Это слово — знак разлуки! — крикнул я, ломая руки.
Возвратись в края, где мрачно плещет Стиксова вода!
Не оставь здесь перьев черных, как следов от слов позорных!
Не хочу друзей тлетворных! С бюста — прочь, и навсегда!
Прочь — из сердца клюв, и с двери — прочь виденье навсегда!»
Ворон: «Больше никогда!»*

*И, как будто с бюстом слит он, все сидит он, все сидит он,
Там, над входом, Ворон черный, с белым бюстом слит всегда!
Светом лампы озаренный, смотрит, словно демон сонный.
Тень ложится удлинено, на полу лежит года, —*

*И душе не встать из тени, пусть идут, идут года, —
Знаю, — больше никогда!*

Ворон. Поэма была написана осенью 1844 г.; Эдг. По долго предлагал ее разным журналам, но безуспешно; впервые она была напечатана в «Evening Mirror», 20 января 1845 г.; позднее перепечатана в изд. 1845 г., в его повторениях и многих других. Эта поэма сразу получила огромную популярность, и Эдгара По стали называть «певцом Ворона». По другим известиям наброски «Ворона» восходят еще в 1843 или даже 1842 г. (*Прим. перев.*)

Cf. Disponível em:

https://ru.wikisource.org/wiki/%D0%92%D0%BE%D1%80%D0%BE%D0%BD_%28%D0%9F%D0%BE/%D0%91%D1%80%D1%8E%D1%81%D0%BE%D0%B2%29. Acesso em: 12 set. 2017.

21.15 Tradução: Ворон (По/Жаботинский, 1931)

Материал из Викитеки — свободной библиотеки

Ворон

автор Эдгар Аллан По (1809—1849), пер. В. Е. Жаботинский (1880—1940)

Язык оригинала: английский. Название в оригинале: The Raven. — Оpubл.: 1845 (ориг.). • Второй вариант перевода Владимира (Зеева) Евгеньевича Жаботинского, опубликованный в 1931 г. под псевдонимом Altalena. См. также перевод 1897 г.

Ворон

*Как-то в полночь, утомленный, развернул я, полусонный,
Книгу странного ученья (мир забыл уже его) —
И взяла меня дремота; вдруг я вздрогнул отчего-то —
Словно стукнул тихо кто-то у порога моего.
«То стучится, — прошептал я, — гость у входа моего —
Путник, больше ничего».*

*Ясно помню всё, как было; осень плакало уныло,
И в камине пламя стыло, под золой почти мертво...
Не светало... Что за муки! Не принес дурман науки
Мне забвенья о разлуке с девой сердца моего —
О Леноре: в Божьем хоре дева сердца моего —
Здесь, со мною — никого...*

*Шелест шелка, шум и шорох в мягких пурпуровых шторах
Жуткой, чуткой странной дрожью пронизал меня всего;
И, борясь с тревогой смутной, заглушая страх минутный,
Повторил я: «Бесприютный там у входа моего —
Поздний странник постучался у порога моего —
Гость, и больше ничего».*

*Стихло сердце понемногу. Я направился к порогу,
Воскликая: «Вы простите — я промедлил оттого,
Что дремал в унылой скуке и проснулся лишь при стуке —
При неясном легком звуке у порога моего».
И широко распахнул я дверь жилища моего:
Мрак, и больше ничего.*

*Мрак бездонный озирая, там стоял я, замирая,
Полный дум, быть может, смертным не знакомых до того;
Но царила тьма сурово средь безмолвия ночного,
И единственное слово чуть прорезало его —
Зов: «Ленора...» — Только эхо повторило мне его —*

Эхо, больше ничего.

*И, встревожен непонятно, я лишь шаг ступил обратно —
Снова стук, уже слышнее, чем звучал он до того.
Я промолвил: «Это ставнем на шарнире стародавнем
Хлопнул ветер; вся беда в нем, весь секрет и колдовство.
Отпереть — и снова просто разрешится колдовство:
Ветер, больше ничего».*

*Распахнул я створ оконный — и, как царь в палате тронной,
Старый, статный черный Ворон важно выплыл из него;
Без поклона, плавно, гордо, он вступил легко и твердо, —
Воспарил, с осанкой лорда, к верху входа моего —
И вверху на бюст Паллады у порога моего
Сел — и больше ничего.*

*Черный гость на белом бюсте, — я, глядя, сквозь дымку грусти
Усмехнулся — так он строго на меня смотрел в упор.
«Вихрь измял тебя, но, право, ты взираешь величаво,
Словно князь ты, чья держава — ночь Плутоновых озер.
Как зовут тебя, владыка черных адовых озер?»
Он прокаркал: «Nevermore».*

*Изумился я немало: слово ясно прозвучало —
«Никогда»... Но что за имя? И бывало ль до сих пор,
Чтобы в доме среди пустыни сел на бледный бюст богини
Странный призрак черно-синий и вперил недвижный взор, —
Старый, хмурый, черный Ворон, мрачный, веющий, тяжкий взор,
И названье: «Nevermore»?*

*Но, прокаркав это слово, вновь молчал уж он сурово,
Словно всю в нем вылил душу — и замкнул ее затвор.
Он сидел легко и статно, и шепнул я еле внятно:
«Завтра утром невозвратно улетит он на простор —
Как друзья — как все надежды — улетит он на простор...»
Каркнул Ворон: «Nevermore».*

*Содрогнулся я при этом, поражен таким ответом,
И сказал ему: «Наверно, господин твой с давних пор
Беспощадно и жестоко был постигнут гневом Рока,
И, изверившись глубоко, Небесам послал укор,
И твердил взамен молитвы этот горестный укор,
Этот возглас — «Nevermore»...*

Он чернел на белом бюсте; я смотрел с улыбкой грусти —
 Опустился тихо в кресла — дал мечте своей простор;
 Мчались думы в беспорядке — и на бархатные складки
 Я поник, ища разгадки: что принес он в мой шатер —
 Что за правду мне привел он в сиротливый мой шатер
 Этим скорбным «Nevermore»?

Я сидел, объятый думой, молчаливый и угрюмый,
 И смотрел в его горящий, пепелящий душу взор.
 Мысль одна сменялась новой; в креслах замер я, суровый,
 И на бархат их лиловый лампа свет лила в упор...
 Не склониться ей на бархат, светом залитый в упор,
 Не склониться — «Nevermore»...

Чу — провеяли незримо словно крылья серафима —
 Звон кадила — волны дыма — шорох ног о мой ковер...
 «Это небо за моленья шлет мне чашу исцеленья,
 Чашу мира и забвенья, сердцу волю и простор!
 Дай — я выпью и забуду, и верну душе простор!»
 Каркнул Ворон: «Nevermore».

«Адский дух иль тварь земная, — произнес я, замирая, —
 Кто бы, сам тебя ли дьявол или вихрей буйный спор,
 Ни занес, пророк пернатый, в этот дом навек проклятый,
 Над которым в час утраты грянул Божий приговор, —
 Отвечай мне: есть прощенье? Истечет ли приговор?»
 Каркнул Ворон: «Nevermore!»

«Адский дух иль тварь земная, — повторил я, замирая, —
 Отвечай мне: там, за гранью, в Небесах, где всё — простор,
 И лазурь, и свет янтарный, — там найду ль я, благодарный,
 Душу девы лучезарной, взятой Богом в Божий хор, —
 Душу той, кого Ленорой именует Божий хор?»
 Каркнул Ворон: «Nevermore!»

Я вскочил: «Ты лжешь, Нечистый! В царство Ночи вновь умчись ты,
 Унеси во тьму с собою ненавистный свой убор —
 Этих перьев цвет надгробный, черной лжи твоей подобный, —
 Этот жуткий, едкий, злобный, пепелящий душу взор!
 Дай мне мир моей пустыни, дай забыть твой клич и взор!»
 Каркнул Ворон: «Nevermore!»

*И сидит, сидит с тех пор он, неподвижный черный Ворон —
Над дверьми, на белом бюсте он сидит еще с тех пор,
Злыми взорами блистая, — верно, так, о злом мечтая,
Смотрит демон; тень густая грузно пала на ковер,
И душе из этой тени, что ложится на ковер,
Не подняться — «Nevermore»...*

1931

Cf. Disponível em:
https://ru.wikisource.org/wiki/%D0%92%D0%BE%D1%80%D0%BE%D0%BD_%28%D0%9F%D0%BE/%D0%96%D0%B0%D0%B1%D0%BE%D1%82%D0%B8%D0%BD%D1%81%D0%BA%D0%B8%D0%B9,_1931%29. Acesso em: 12 set. 2017.

22 Tradução de imitações russas do poema “The Raven”

22.1 Алтея (Голиков)

Материал из Википедии — свободной библиотеки

Алтея (На мотив из Эдгара По)

автор *Владимир Митрофанович Голиков*

Из цикла «*Стихотворения*». Опубл.: 1896^[1]. Источник: В. М. Голиков. Стихотворения. — Москва: Издание П. С. Эйбушитца. Типо-Литография торг. дома А. С. Клименков и К°. Арбат, дом Платонова, 1900.

Алтея

(На мотив из Эдгара По)[2]

I

*В башне древнего аббатства, члены рыцарского братства,
Мы сидели и молчали возле Круглого стола.
Над окрестностью суровой разливался свет багровый
Сквозь узорчатые грани красноватого стекла;
Свет багровый разливался, шорох странный раздавался...
Мы сидели и молчали возле Круглого стола.*

II

*В тусклом свете ветхой залы рдели в кубках, как кристаллы,
Драгоценные напитки монастырских погребов.
Рядом с нами в тесном круге наши милые подруги
Робко ждали нежных взглядов, нежных слов от женихов,
Но сурово мы молчали; было тихо в мрачной зале
И не видно было взглядов, и не слышно было слов...*

III

*Мы смотрели на Артура, на красавца трубадура,
С боязливым подозреньем мы смотрели на него.
Сжав чело свое руками, сумасшедшими глазами
Он смотрел перед собою и не видел ничего;
Он, казалось, был в испуге, без красавицы подруги
Он покинул древний замок, замок деда своего...*

IV

*И воскликнул я, бледнея: «Где ж прекрасная Алтея,
Наша радость, наше солнце, солнце Круглого стола?
Где, Артур, твоя невеста? Отчего свободно место
В башне славного аббатства возле Круглого стола?» —
И ответил он, бледнея: «Я не знаю, где Алтея,
Я не знаю, где Алтея, солнце Круглого стола!...*

V

Мне, однако, говорили, что лежит она в могиле,
 Пораженная коварно вероломною рукой;
 В древнем замке, в темном склепе, вся закованная в цепи,
 Вся завернутая в саван, в бледный саван гробовой,
 Цепenea, холодея, спит прекрасная Алтея,
 Плачет жалобно и стонет, и качает головой»...

VI

И сверкая гневным взором, мы воскликнули с укором:
 «Ты убил, убил, безумец, это нежное дитя!» —
 Посмотревши с удивленьем, он ответил нам с презреньем:
 «Да, товарищи, убито это нежное дитя.
 Я убил свою Алтею, но невинен я пред нею, —
 Не убийца вероломный, а суровый мститель я!...»

VII

Он замолк; полны печали, мы чего-то ожидали,
 В ветхой башне замирали горделивые слова;
 Пламя свечек трепетало; ночь томительно молчала;
 Только где-то, как ребенок, тихо плакала сова...
 Вдруг толпа пошевельнулась, занавеска колыхнулась,
 Дверь качнулась, из-за двери показалась голова,
 С мертвой бледностью камен, с нежным профилем Алтеи,
 Показалась из-за двери роковая голова!

VIII

И от ужаса бледнея, мы сидели, цепenea
 И вошла сама Алтея, в белом саване своем,
 Оставляя след кровавый, обвитая цепью ржавой,
 И сказала: «Ты — убийца!... но простила я!... Пойдем!...»
 И, шатаясь, тихо встал он, тихо вышел и пропал он,
 И таинственно пропал он в бледном сумраке ночном...

IX

В башне старого аббатства, члены рыцарского братства,
 Часто, часто мы пируем возле Круглого стола;
 Над окрестностью суровой тускло льется свет багровый
 Сквозь узорчатые грани красноватого стекла;
 Свет багровый тускло льется, шорох странный раздается...
 Мы сидим и ждем Артура возле Круглого стола.

X

*Но напрасно, — нет Артура, нет красавца трубадура!
Не придет он в нашу башню с тихой песней о былом...
В древнем замке, в темном склепе, обхватив руками цепи,
На коленях пред Алтеей спит Артур тяжелым сном...
Тени их над нами веют, и печально сиротеют
Два незанятые места за покинутым столом.*

1.

■ первое стихотворение опубликовано в 1896 году в «Русской мысли», № 4 (Прим. ред.).

■ Ютив стихотворения позаимствован из поэмы «Ворон» (1845) Эдгара По (Прим. ред.).

Cf. Disponível em:
https://ru.wikisource.org/wiki/%D0%90%D0%BB%D1%82%D0%B5%D1%8F_%28%D0%93%D0%BE%D0%BB%D0%B8%D0%BA%D0%BE%D0%B2%29. Acesso em: 12 set. 2017.

22.2 Nevermore (Бухов)

Материал из Википедии — свободной библиотеки

"Nevermore" (Из Эдгара По)

автор *Аркадий Сергеевич Бухов*^[1]

Опубл.: 1915. Источник: Всемирная панорама, №316-19, 8 мая 1915. Военный номер. С. 14

"NEVERMORE"

Из Эдгара По[2]

*Поздней ночью, утомленный
Болтовней с одним ослом,
Желчный, едко-раздраженный,
Я бесился за столом:
За стеною беспрестанно,
Как минутных стрелок бег,
Некий муж с какой-то Анной
Говорил о счастье нег...
Умолял, грозил, ругался:
Значит, Анна холодна...
Я не знал, куда деваться
Для работы и для сна.
Ворон крикнул мне: весна!*

*

*Утром — странная зевота,
В голове какой-то нуд.
Спать — безумная охота,
Мысли дикие ползут...
За стеною неустанно
Кто-то ходит в три ноги:
Верно, Анна. Ведьма-Анна.
Одевайся — и беги...
Этой ночью Анна тоже
Будет страшно холодна...
Я молюсь — о, дай ты, Боже,
Уступила бы она...
Ворон крикнул мне: весна!*

*

*Нынче то же.. Те же крики,
Те же стоны и мольбы...
Кто-то алчный, злой и дикий
Испытует перст судьбы.*

*Стой!.. Опять бросай работу...
Шум и крики — не могу!..
О, несчастный, бедный кто-то.
Погоди, я помогу:
И, безумием обаятый,
Я стучу — трещит стена:
Анна! Анна! Черт проклятый,
Да не будь же холодна!
Ворон крикнул мне: весна!...*

А. Б.

1.

Авторство А. С. Бухова предположительно. (Прим. ред.)

Пародия на стихотворение Эдгара По «Ворон» (1845). (Прим. ред.).

Cf. Disponível em:

https://ru.wikisource.org/wiki/Nevermore_%28%D0%91%D1%83%D1%85%D0%BE%D0%B2%29.

Acesso em: 12 set. 2017.

**“DER RABE”
TRADUÇÕES ALEMÃS**

23 Die Philosophie dichterischen Schaffens. (Analyse des „Raben.“)

Charles Dickens sagt in einem mir vorliegenden Billett, anspielend auf eine Analyse, die ich einst von dem Mechanismus seines „Barnaby Rudge“ gab: „Ist Ihnen beiläufig bekannt, dass Godwin seinen „Caleb Williams“ rückwärts schrieb? Er verstrickte zuerst seinen Helden in ein Netz von Schwierigkeiten, die den zweiten Band bilden, und dann erst sah er sich nach einer genügenden Erklärungsweise für das Geschehene um.“ Ich kann mir nicht denken, dass Godwin genau dies Verfahren einschlug (und in der That stimmt auch sein eigenes Bekenntnis über diesen Punkt nicht ganz mit der Ansicht des Herrn Dickens überein); aber der Verfasser von „Caleb Williams“ war ein viel zu kunstverständiger Mann, um nicht den Vortheil einzusehn, der sich aus einem mindestens sehr ähnlichen Verfahren herleiten lässt. Nichts liegt mehr auf der Hand, als dass jede poetische Verwicklung, die ihres Namens würdig ist, bis zu ihrer schließlichen Lösung ausgearbeitet sein muss, bevor man sie zu Papier zu bringen versucht. Nur wenn man den Ausgang beständig im Auge hat, kann man einer Verwicklung den unerlässlichen Stempel der Folgerichtigkeit [31] und der Begründung aufprägen, indem man alle Vorfälle, und namentlich den Ton des Ganzen, der Entwicklung des dichterischen Planes dienstbar macht.

Es herrscht, wie mir scheint, ein gründlicher Irrthum in der Art, wie man gewöhnlich eine Roman-Erzählung zu Stande bringt. Entweder bietet Einem die Geschichte ein Thema – oder ein Tagesereignis giebt dasselbe an die Hand – oder bestenfalls sucht der Verfasser eine Reihe spannender Vorfälle zu ersinnen, die bloß die Grundlage seiner Erzählung bilden, – wobei er dann in der Regel mit Schilderungen, Gesprächen oder eigener Reflexion die Lücken der wirklichen oder erfundenen Handlung ausfüllt, die sich von Seite zu Seite bemerklich machen.

Ich beginne lieber damit, die Wirkung in Betracht zu ziehn. Indem ich immer die Anforderung der Originalität vor Augen behalte (denn Derjenige betrügt sich selbst, der auf einen so einleuchtenden und so leicht erreichbaren Quell des Interesses verzichten will), frage ich mich zum Ersten: „Welche von den unzähligen Wirkungen oder Eindrücken, für die Herz, Geist oder Seele empfänglich sind, soll ich für den vorliegenden Fall auswählen?“ Nachdem ich mich erstens für eine Novelle, und zweitens für eine recht lebhaft wirkung entschieden, überlege ich, ob ich letztere besser durch die Handlung oder durch den Ton – ob durch gewöhnliche Handlung und besonderen Ton, oder durch das Umgekehrte, oder durch Eigenthümlichkeit der Handlung wie des Tones – erreichen kann, und blicke dann nach solchen Kombinationen der Handlung oder des Tones

umher (oder vielmehr in mich hinein), die am geeignetsten sind, mir die gewünschte Wirkung herbeiführen zu helfen.

Ich habe mir oftmals gedacht, einen wie interessanten Journalaufsatz ein Schriftsteller schreiben könnte, der sich vornähme, – d. h. der es vermöchte, – Schritt vor Schritt die Geistesprocesse zu schildern, durch welche irgend eine seiner [32] Produktionen ihren höchsten Grad von Vollendung erreichte. Wesshalb die Welt nie einen solchen Aufsatz zu Gesichte bekam, wüsste ich nicht mit Bestimmtheit zu sagen; vielleicht war indess die schriftstellerische Eitelkeit mehr als irgend ein anderer Grund bei dieser Unterlassung im Spiele. Die meisten Schriftsteller – besonders die Dichter – suchen uns lieber einzureden, dass sie durch eine Art edlen Wahnsinns – eine intuitive Verzückung – ihre Werke erschaffen, und sie würden ganz gewiss davor schaudern, das Publikum einen Blick hinter die Koulissen thun zu lassen, einen Blick auf den unreifen Zustand der mühevoll ausgearbeiteten, hin und her schweifenden Gedanken, – auf den Umstand, dass die wahre Absicht ihnen erst im letzten Augenblicke deutlich ward, – auf die zahllosen Gedankenblitze, die nicht zu vollständiger Reife und Klarheit gelangten, – auf die völlig gereiften Einfälle, die man verzweiflungsvoll als unbrauchbar fahren ließ, – auf die sorgsame Auswahl oder Verwerfung, – auf die Noth des Ausfeilens und der Einschlebung mancher Stellen, – mit einem Wort, auf die Trieb- und Schwungräder, – die Maschinerie des Scenenwechsels, – die Leitersprossen und Dämonsversenkungen, die Hahnenfedern, die rothe Schminke und die schwarzen Pflästerchen, welche in neunundneunzig unter hundert Fällen die Requisiten des literarischen Schauspielers sind.

Ich bin mir andererseits wohl bewusst, dass der Fall durchaus nicht gewöhnlich ist, in welchem ein Schriftsteller sich überhaupt im Stande sieht, die Stufen, auf denen er zu seinen Resultaten gelangt ist, noch einmal zurückzuwandeln. In der Regel werden die bunt durch einander auftauchenden Gedanken in ähnlich ungeordneter Weise verfolgt und wieder vergessen.

Mir für meine Person verursacht es weder eine Abneigung der angedeuteten Art, noch die geringste Schwierigkeit, mir das stufenweise Fortschreiten irgend einer meiner Produktionen [33] ins Gedächtnis zurückzurufen; und da das Interesse einer Analyse oder Rückerschaffung, wie ich sie als wünschenswerth bezeichnet habe, ganz unabhängig von dem wirklichen oder vermeintlichen Interesse an dem analysierten Gegenstande ist, wird man es mir nicht als unziemlich auslegen, wenn ich den modus operandi schildere, durch welchen dies oder jenes meiner eigenen Werke zu Stande kam. Ich wähle den „Raben“ als die bekannteste meiner Produktionen. Es ist mein Wunsch, dem Leser klar zu machen, dass keine Zeile dieses Gedichtes dem Zufall oder einer Intuition entsprungen ist, dass das Werk Stufe nach Stufe mit der Bestimmtheit und strengen

Folgerichtigkeit eines mathematischen Problems seiner Vollendung zuschritt.

Lassen wir, als irrelevant für das Gedicht an sich, den Umstand, oder sagen wir: die Nothwendigkeit, außer Acht, welche zum Ersten die Absicht veranlasste, überhaupt ein Gedicht zu schreiben, das zugleich dem volksthümlichen und dem kritisch gebildeten Geschmack entspräche. Wir beginnen also mit dieser Absicht.

Zuvörderst kam die Frage der Ausdehnung in Betracht. Ist ein schriftstellerisches Werk zu lang, als dass man es auf einmal zu Ende lesen kann, so müssen wir nothgedrungen auf die sehr erhebliche Wirkung verzichten, welche sich aus der Einheit des Eindrucks herleiten lässt; denn falls man die Lektüre in einer zweiten Sitzung beenden muss, treten die Angelegenheiten der Welt dazwischen, und jeder Totaleindruck wird von vornherein zerstört. Da jedoch, ceteris paribus, kein Dichter auf irgend Etwas verzichten kann, das seine Absicht zu fördern vermag, so wäre nur noch zu bedenken, ob etwa in der größeren Länge irgend ein Vortheil liegt, welcher den damit verbundenen Verlust der Einheit aufwäge. Hier antworte ich sofort: Nein. Was wir ein langes Gedicht nennen, ist in Wirklichkeit nur eine Reihenfolge mehrerer [34] kurzen, – d. h. mehrerer kurzen poetischen Wirkungen. Es ist unnöthig nachzuweisen, dass ein Gedicht nur insofern ein solches ist, als es, die Seele erhebend, dieselbe intensiv erregt; und alle intensiven Erregungen sind einer physischen Nothwendigkeit zufolge von kurzer Dauer. Aus diesem Grunde ist mindestens die Hälfte des „Verlorenen Paradieses“ ihrem Wesen nach Prosa, – eine Reihenfolge poetischer Erregungen, naturgemäß mit den entsprechenden Abspannungen untermischt, – und dem Ganzen entgeht wegen seiner übergroßen Länge das höchst wichtige Element eines Kunstwerks: der Totaleindruck oder die Einheit der Wirkung.

Es scheint also einleuchtend, dass es für alle literarischen Kunstwerke, was ihre Länge betrifft, eine bestimmte Grenze giebt – die Grenze, ihre Lektüre auf einmal beenden zu können, – und dass man diese Grenze, obschon sie bei gewissen Klassen prosaischer Schöpfungen, wie „Robinson Crusoe,“ (wo keine Einheit erforderlich ist), ohne Nachtheil überschritten werden mag, bei einem Gedichte füglich nie überschreiten darf. Innerhalb dieser Grenze stehe die Länge eines Gedichts in mathematischem Verhältnis zu seinem Werthe, – mit anderen Worten: zu der Erregung oder Erhebung, – und noch anders ausgedrückt: zu dem Grade echter poetischer Wirkung, den es hervorzubringen im Stande ist; denn es liegt auf der Hand, dass die Kürze in direkter Proportion zu der Intensität der beabsichtigten Wirkung stehen muss, – und zwar mit dem einzigen Vorbehalt, dass ein gewisser Grad von Ausdehnung unbedingt nöthig ist, um überhaupt eine Wirkung hervorzubringen.

Indem ich sowohl diese Erwägungen wie jenen Grad von Erregung im Auge behielt, der mir nicht über dem Niveau des volksthümlichen, aber auch nicht unter dem Niveau des kritisch gebildeten Geschmacks zu liegen schien, fand ich sogleich die, meiner Ansicht nach, geeignete Länge für mein [35] zu schaffendes Gedicht, – eine Länge von ungefähr hundert Zeilen. In Wirklichkeit misst dasselbe hundert und acht.

Mein nächster Gedanke richtete sich auf die Wahl des Eindrucks oder der Wirkung, die hervorgebracht werden sollte; und hier will ich gleich bemerken, dass ich während der Ausarbeitung des Planes mir stets die Absicht vor Augen hielt, mein Werk allgemeiner Anerkennung würdig zu machen. Es würde mich zu weit von meinem jetzigen Thema ablenken, wollte ich hier einen Satz erörtern, den ich schon oft vertheidigt habe, und den man poetischen Leuten gar nicht erst zu beweisen braucht, – den Satz, meine ich, dass die Schönheit das einzig berechnete Gebiet der Dichtung ist. Ein paar Worte jedoch zur Erläuterung meiner wahren Ansicht, die einige meiner Freunde arg missdeutet haben. Das zugleich intensivste, erhebendste und reinste Vergnügen entspringt, meine ich, aus der Betrachtung des Schönen. Wenn die Menschen von Schönheit sprechen, so meinen sie in der That nicht, wie man wohl annimmt, eine Eigenschaft, sondern eine Wirkung – sie reden, kurz gesagt, gerade von jener intensiven und reinen Erhebung der Seele (nicht etwa des Geistes oder des Herzens), deren ich erwähnt habe, und die man in Folge der Betrachtung „des Schönen“ erfährt. Nun bezeichne ich lediglich deshalb die Schönheit als das Gebiet der Dichtung, weil es eine einleuchtende Kunstregel ist, dass man Wirkungen aus direkten Ursachen herleiten, – dass man ein Objekt durch die geeignetsten Mittel erreichen soll, – und Niemand war noch so kurzsichtig, zu leugnen, dass die eigenthümliche Erhebung, um die es sich handelt, am leichtesten mittelst der Dichtung zu erreichen sei. Nun lässt sich das Objekt Wahrheit, oder die Befriedigung des Geistes, und das Objekt Leidenschaft, oder die Erregung des Herzens, allerdings bis zu gewissem Grade in der Poesie, aber doch viel leichter in der Prosa erreichen. In der That, die Wahrheit verlangt eine hausbackene Deutlichkeit, [36] und die Leidenschaft eine derbe Natürlichkeit (die von echter Leidenschaft Entflammten werden mich verstehen), welche durchaus jener Schönheit widerstreiten, die nach meiner festen Ansicht die Erregung oder angenehme Erhebung der Seele ist. Es folgt durchaus nicht aus irgend einem dieser Sätze, dass die Leidenschaft oder selbst die Wahrheit nicht in ein Gedicht eingeführt, und sogar mit Nutzen eingeführt werden mag – sie können ja zur Verdeutlichung dienen oder, wie Dissonanzen in der Musik, durch den Kontrast die allgemeine Wirkung verstärken – allein der echte Künstler wird immer darauf sinnen, sie erstlich dem vorherrschenden Zweck in genügender Art unterzuordnen, und sie zweitens so viel wie

möglich mit jener Schönheit zu umkleiden, welche die Atmosphäre und das Wesen der Dichtung ist.

Indem ich also die Schönheit als mein Gebiet betrachtete, bezog sich meine nächste Frage auf den Ton ihrer edelsten Offenbarung – und alle Erfahrungen haben gelehrt, dass dieser Ton ein Ton der Wehmuth sei. Schönheit jeglicher Art in ihrer höchsten Entwicklung rührt unfehlbar das empfindsame Gemüth bis zu Thränen. Wehmuthvolle Trauer ist folglich der berechtigteste aller poetischen Töne.

Nachdem so die Länge, das Gebiet und der Ton festgestellt waren, schlug ich den Weg der üblichen Schlussfolgerung ein, um irgend eine künstlerische Pikanterie zu finden, die mir als Grundton bei der Konstruktion des Gedichtes dienen, – einen Zapfen, auf dem der ganze Bau sich drehen könne. Sorgfältig alle gewöhnlichen künstlerischen Wirkungen – oder richtiger: Effekte im Bühnensinne – überdenkend, konnte ich nicht umhin, sofort zu bemerken, dass keiner so allgemein angewandt worden wie der Effekt des Refrains. Die Allgemeinheit seiner Anwendung überzeugte mich genügend von seinem erheblichen Werthe und überhob mich der Nothwendigkeit, ihn einer Analyse zu unterwerfen. Ich betrachtete ihn jedoch mit Rücksicht auf seine weitere Ausbildungsfähigkeit, [37] und sah bald, dass er sich noch in einem unentwickelten Zustand befinde. Wie man sich seiner durchschnittlich bedient, ist der Refrain oder Kehrreim nicht nur auf die lyrische Strophe beschränkt, sondern sein Eindruck beruht auf der Macht der Eintönigkeit, sowohl im Klang wie im Gedanken. Das Behagen entspringt einzig aus dem Gefühl der Gleichförmigkeit, – der Wiederholung. Ich beschloss, die Wirkung zu vermannigfaltigen und dadurch zu erhöhen, indem ich im Allgemeinen der Monotonie des Klanges treu bliebe, während ich die des Gedankens stets variierte, d. h. ich nahm mir vor, beständig neue Wirkungen durch Variation der Anwendung des Refrains hervorzubringen, indem letzterer selbst meist unverändert bliebe.

Als ich hiemit im Reinen war, sann ich zunächst über die Natur meines Refrains nach. Da seine Anwendung oft variiert werden sollte, war es einleuchtend, dass der Refrain selbst kurz sein müsse; denn bei einem längeren Satze wäre die häufige Variation der Anwendung auf eine unüberwindliche Schwierigkeit gestoßen. Die Leichtigkeit der Variierung würde selbstverständlich im Verhältnis zu der Kürze des Satzes stehn. Dies brachte mich sofort auf den Gedanken, dass ein einzelnes Wort der beste Refrain sei.

*Jetzt erhob sich die Frage nach dem Charakter des Wortes. Da ich mich für einen Refrain entschieden hatte, folgte daraus natürlich die Eintheilung des Gedichtes in Strophen, wobei der Refrain den Schluss jeder Strophe bilde. Dass solch ein Schluss, um kräftig zu wirken, klangvoll und von anhaltendem Nachdruck sein müsse, lag außer Zweifel; und diese Erwägungen führten mich unvermeidlich auf das lange **O** als den*

klangvollsten Vokal, in Verbindung mit **R** als demjenigen Konsonanten, der sich am gedehntesten aussprechen lässt.

Nachdem der Klang des Refrains solcherart festgestellt, wurde es nöthig, ein Wort zu suchen, das diesen Klang verkörpere [38] und gleichzeitig jener wehmuthvollen Trauer möglichst entspräche, die meiner Absicht nach den Ton des Gedichts ausmachen sollte. Bei derartigem Suchen hätte man ganz unmöglich das Wort: „nevermore“ („nimmermehr“) übersehn können. Es war in der That das allererste, welches sich darbot.

Das nächste Erfordernis war ein plausibler Vorwand für den beständigen Gebrauch des einen Wortes „Nimmermehr.“ Indem ich sofort die Schwierigkeit wahrnahm, einen genügend vernünftigen Grund für dessen stete Wiederholung zu ersinnen, konnte ich nicht umhin, zu bemerken, dass diese Schwierigkeit einzig aus der Annahme entsprang, das Wort werde so beständig und monoton von einem menschlichen Wesen gesprochen; – ich konnte, in der Kürze gesagt, nicht umhin, zu bemerken, dass die Schwierigkeit in der Aufgabe liege, diese Monotonie mit dem Gebrauch der Vernunft von Seiten des Geschöpfes, welches das Wort wiederhole, in Einklang zu bringen. Hiedurch ward ich also unmittelbar auf ein nicht mit Vernunft begabtes, der Sprache fähiges Geschöpf hingeführt; und sehr natürlicher Weise fiel mir zuerst ein Papagei ein, der aber sofort wieder durch einen Raben als ein gleichfalls der Sprache fähiges und ungleich mehr dem beabsichtigten Tone entsprechendes Thier verdrängt ward.

Ich war jetzt so weit in meinem Entwurf vorgeschritten, dass ich einen Raben hatte – einen Vogel von ominöser Bedeutung – der eintönig das Wort „Nimmermehr“ am Ende jeder Strophe wiederholte, in einem Gedicht von wehmuthvollem Tone, und circa hundert Zeilen lang. Da ich nun keinen Augenblick das Ziel höchster Vollendung in jedem Betracht außer Augen ließ, fragte ich mich: „Was ist von allen wehmuthvollen Gegenständen, nach der allgemeinen Ansicht der Menschen, der wehmuthvollste?“ – „Der Tod,“ lautete selbstverständlich die Antwort. „Und wann,“ fragte ich, „ist dieser wehmuthvollste aller Gegenstände am poetischsten?“ Nach dem vorhin schon ausführlicher Entwickelten [39] verstand sich hier die Antwort gleichfalls von selbst: – „Wenn er am nächsten mit der Schönheit in Verbindung steht; der Tod eines schönen Weibes ist unzweifelhaft der poetischste Gegenstand von der Welt – und eben so sehr steht es außer Zweifel, dass die Lippen eines Geliebten, der sie verloren, sich vor allen andern für solch einen Gegenstand eignen.“

Ich hatte jetzt die beiden Vorstellungen eines Liebenden, der um seine verstorbene Geliebte klagt, und eines Raben, der beständig das Wort „Nimmermehr“ wiederholt, mit einander zu kombinieren. Ich hatte Dies zu thun, indem ich meines Vorsatzes eingedenk bliebe, bei jeder Gelegenheit

die Anwendung des wiederholten Wortes zu variieren; allein die einzig verständige Art einer solchen Kombination war die Vorstellung, dass der Rabe das Wort als Antwort auf die Fragen des Liebhabers spräche. Und hier sah ich sogleich den Vortheil, der sich mir für den gewünschten Effekt böte, – für den Effekt einer beständigen Variation der Anwendung des Refrains. Ich sah ein, dass ich die erste Frage des Liebenden – die erste Frage, auf welche der Rabe: „Nimmermehr“ antworten sollte – dass ich diese erste Frage zu einer ganz gewöhnlichen machen könne, – die zweite schon weniger, – die dritte noch weniger gewöhnlich, und so fort, – bis zuletzt der Liebende, durch den schwermüthigen Charakter des Wortes selbst, durch dessen häufige Wiederholung, und durch die Erinnerung an den ominösen Ruf, in welchem der Vogel steht, der es ausspricht, – bis er zuletzt, durch alles Dieses aus seiner anfänglichen Gleichgültigkeit aufgestört, abergläubisch erregt wird und Fragen von ganz andrer Bedeutung – Fragen, deren Lösung sein Herz leidenschaftlich begehrt – wild hervorstößt, halb abergläubisch und halb in jener Art Verzweiflung, die Freude daran findet, sich selbst zu quälen, – nicht eigentlich weil er an den prophetischen oder dämonischen Charakter des Vogels glaubt (der, wie die Vernunft^[WS 1] ihm sagt, nur ein durch Übung erlerntes Wort wiederholt), sondern weil [40] er ein wahnwitziges Vergnügen daran findet, seine Fragen so zu stellen, dass ihm das erwartete „Nimmermehr“ die reizvollste, weil unerträglichste, Trauer gewährt. Indem ich den Vortheil begriff, welcher sich mir hiedurch darbot – oder sich mir eigentlich im Verlauf der Konstruktion meines Gedichtes aufdrängte, – stellte ich in Gedanken zuerst die Klimax oder Schlussfrage fest – diejenige Frage, auf welche zum letzten Mal: „Nimmermehr“ geantwortet werden sollte, – eine Antwort, die dem Frager den erdenklich höchsten Grad von Trauer und Verzweiflung bereiten müsste.

Hier also, darf ich sagen, begann das Gedicht – mit dem Ende, womit alle Kunstwerke beginnen sollten; – denn hier, an diesem Punkt meiner Betrachtungen, setzte ich zuerst die Feder an, und verfasste folgende Strophe:

„Düstrer Bote!“ frug voll Zweifel ich, „ob Vogel oder Teufel!
Bei dem Himmel droben, bei dem Gott, den ich, wie du, verehr’:
Find’ ich, sprich! an Eden’s Thoren wieder einst, die ich verloren,
Jene Maid, die man Lenoren jetzo nennt im Engelsheer, –
Die Geweihte, die Lenoren jetzt man nennt im Engelsheer?“ –
Sprach der Rabe: „Nimmermehr.“

Ich verfasste, an diesem Punkt angelangt, diese Strophe, erstlich um, nach Feststellung der Klimax, die vorhergehenden Fragen des Liebenden besser in Bezug auf ihren Ernst und ihre Wichtigkeit variieren und steigern zu können, – und zweitens, um den Rhythmus, das Versmaß^[WS 2], die Länge und die allgemeine Anordnung der Strophen zu bestimmen, – sowie ferner,

um die Strophen, welche vorhergehen sollten, in solcher Art abzustufen, dass keine derselben diese an rhythmischer Wirkung überträfe. Wäre ich bei dem späteren Schaffen im Stande gewesen, stärkere Strophen zu verfassen, so hätte ich dieselben [41] ohne Bedenken vorsätzlich abgeschwächt, damit sie nicht den Steigerungseffekt beeinträchtigten.

Und hier ist wohl der geeignete Platz, einige Worte über den Versbau vorzubringen. Mein erstes Ziel (wie gewöhnlich) war Originalität. Der Grad, bis zu welchem man dieselbe beim Versbau vernachlässigt hat, ist eines der unerklärlichsten Dinge von der Welt. Zugegeben, dass der bloße Rhythmus geringer Abwechslung fähig sei, liegt es doch auf der Hand, dass die möglichen Abwechslungen des Versmaßes und der Strophenbildung geradezu unerschöpflich sind – und dennoch hat seit Jahrhunderten Niemand in Bezug auf den Versbau etwas Originelles geleistet, oder anscheinend je zu leisten gedacht. Die Wahrheit ist, dass Originalität (außer bei ganz ungewöhnlich begabten Menschen) keineswegs, wie Manche wähnen, eine Sache des Instinkts oder der Intuition ist. In der Regel muss sie, wenn man sie erreichen will, mühsam gesucht werden, und obschon sie ein positiver Vorzug höchsten Ranges ist, erfordert ihre Erlangung doch weniger Erfindungs- als Negierungskraft.

Selbstverständlich mache ich weder in Bezug auf den Rhythmus noch auf das Versmaß des „Raben“ einen Anspruch auf Originalität. Ersterer ist trochäisch – letzteres ist ein akatalektischer Oktameter, abwechselnd mit einem katalektischen Heptameter, der im fünften Verse refrainartig wiederholt wird, und endend mit einem katalektischen Tetrameter. Minder pedantisch ausgedrückt: – die überall angewandten Versfüße (Trochäen) bestehen aus einer langen Silbe, auf die eine kurze folgt; die erste Strophenzeile besteht aus acht solcher Füße, – die zweite aus sieben und einem halben (der Wirkung nach: sieben und zwei Drittel), – die dritte aus acht, – die vierte aus sieben und einem halben, – die fünfte eben so, – die sechste aus drei und einem halben. Nun ist jede dieser Zeilen, einzeln genommen, früher schon angewandt worden, und was „der Rabe“ an Originalität besitzt, verdankt [42] er lediglich ihrer Verbindung zu einer Strophe; nichts dieser Versverbindung auch nur entfernt Ähnliches ist je versucht worden. Die Wirkung dieser Originalität der Versverbindung wird durch andere ungewöhnliche und einige ganz neue Effekte unterstützt, die aus einer erweiterten Anwendung des rhythmischen Princips und der Alliteration entspringen.

Der nächste Punkt, den ich in Betracht ziehen musste, war die Art und Weise, wie ich den Liebenden und den Raben zusammenbringen sollte – und es handelte sich hier zuvörderst um die Lokalität. Als eine solche schien sich ein Wald oder das freie Feld am natürlichsten darzubieten; – es ist mir indess stets vorgekommen, als sei ein bequemer Überblick des Raumes durchaus nothwendig, um die Wirkung des geschilderten

Ereignisses zu isolieren – er umrahmt gleichsam das Bild. Er hat eine unbestreitbare geistige Kraft, die Aufmerksamkeit konzentriert zu erhalten, und ist natürlich nicht mit der bloßen Einheit des Orts zu verwechseln.

Ich beschloss daher, den Liebenden in sein Zimmer zu versetzen, – in ein Zimmer, das ihm durch Erinnerungen an sie, die es oftmals betreten, heilig sei. Das Zimmer wird als ein reich möbliertes dargestellt, in Folge der oben entwickelten Ansicht, dass Schönheit die einzige wahrhaft poetische Aufgabe sei.

Nachdem die Lokalität also bestimmt war, musste ich jetzt den Vogel hineinführen – und der Gedanke, ihn durchs Fenster hineinzuführen, ergab sich von selbst. Der Einfall, den Liebenden zuerst glauben zu lassen, das Schwirren der Rabenflügel wider den Fensterladen sei ein „Klopfen“ an der Thür, entsprang aus dem Wunsche, die Neugier des Lesers durch Verlängerung derselben zu steigern, sowie aus der Absicht, nebenher den Effekt zu benutzen, dass der Liebende beim Aufstoßen der Thür Alles dunkel findet und sich daher halb und halb einbildet, es sei der Geist seiner Geliebten, welcher geklopft habe.

[43] Ich ließ die Nacht stürmisch sein, einmal damit der Rabe mit Grund Einlass suche, und zweitens um des Effekts willen, dass sie mit der (materiellen) Heiterkeit des Zimmers kontrastiere.

Ich ließ den Vogel ebenfalls wegen des Kontrastes zwischen dem weißen Marmor und dem schwarzen Gefieder sich auf die Pallasbüste setzen. Auf die Büste hatte mich selbstverständlich der Vogel gebracht, und die Büste der Pallas wählte ich einestheils als am besten zu dem Gelehrtenstande des Liebenden passend, anderentheils wegen des volltönenden Klanges im Worte „Pallas“ selbst.

Auch in der Mitte des Gedichts habe ich mich der Macht des Kontrastes bedient, um den zuletzt empfangenen Eindruck zu verstärken. Zum Beispiel, dem Eintritt des Raben ist ein phantastischer Anstrich verliehen, der so nahe wie irgend zulässig war, an das Scherzhafte streift. Er schreitet „gravitätisch schwirrend“ in das Zimmer.

Nicht mit einem Gruß bedacht' er mich, kein Dankeszeichen macht' er, Vornehm stolz zur Ruhe bracht' er sein Gefieder, regenschwer.

In den beiden folgenden Strophen ist die Absicht noch deutlicher zu erkennen:

Und der schwarze Vogel machte, dass ich trotz der Trauer lachte,
So possierlich ernst und finster saß ob meiner Thüre er.

„Ob dein Kamm auch kahl geschoren, bist als Feigling nicht geboren,
Alter Rabe, der verloren irrt im nächt'gen Schattenmeer, –

[44]

Sprich, wie bist du denn geheißen im pluton'schen Schattenmeer?“ –

Sprach der Rabe: „Nimmermehr.“

*Und den Unhold mit Erstaunen hört' ich also deutlich raunen,
Ob die Antwort auch geschienen wenig tief und inhaltschwer;
Denn wir müssen wohl gestehen, dass es Keinem noch geschehen,
Einen Vogel je zu sehen, der vor ihm gesessen wär' –
Der auf einer Büste über seiner Thür gesessen wär',
Mit dem Namen „Nimmermehr.“*

Nachdem in solcher Art für die Wirkung des schließlichen Ausgangs gesorgt worden war, ließ ich sofort den phantastischen einem ernsteren Tone Platz machen, der bereits in der nächstfolgenden Strophe mit der Zeile beginnt:

Doch der Rabe auf der Büste sprach das eine Wort, als wüsste etc.

Von diesem Zeitpunkte an scherzt der Liebende nicht mehr, – ja, erblickt nicht einmal etwas Phantastisches mehr in dem Benehmen des Raben. Er spricht von ihm als von einem „gespenstisch finstern Vogel“ und fühlt sein „Feuerauge“ ihm „brennend am tiefsten Herzen zehren“. Dieser Umschwung des Denkens oder der Einbildungskraft auf Seiten des Liebenden soll einen ähnlichen Umschwung auf Seiten des Lesers bewirken, – sein Gemüth in die rechte Stimmung [45] für die schließliche Entwicklung versetzen, die jetzt so rasch und so direkt wie möglich herbeigeführt wird.

Mit der eigentlichen Pointe – mit der Antwort des Raben: „Nimmermehr!“ auf die schließliche Frage des Liebenden, ob er seine Geliebte in einer andern Welt wiederfinden werde – mag das Gedicht in seiner alltäglichen Phase – der einer bloßen Erzählung – sein Ende erreicht haben. Alles bewegt sich bis jetzt innerhalb der Grenzen des völlig Erklärlichen, – des Wirklichen. Ein Rabe, der durch Übung das einzige Wort „Nimmermehr“ erlernt hat und seinem Besitzer entfliegen ist, wird zur Nachtzeit durch einen heftigen Sturm veranlasst, Schutz an einem Fenster zu suchen, durch das ein Licht schimmert, – an dem Stubenfenster eines jungen Gelehrten, der halb über einem Buche brütet, halb von seiner verstorbenen Geliebten träumt. Als das Fenster auf das schwirrende Anschlagen der Flügel des Vogels geöffnet wird, wählt dieser sich den geeignetsten Sitz, nicht gerade in unmittelbarer Nähe des jungen Gelehrten, der, sich über den Vorfall und über das seltsame Benehmen seines Gastes amüsierend, ihn scherzhaft, und ohne eine Antwort zu erwarten, nach seinem Namen fragt. Der angeredete Rabe spricht als Antwort sein gewöhnliches Wort: „Nimmermehr,“ – ein Wort, das sofort ein Echo in dem schwermuthvollen Herzen des jungen Gelehrten findet, der gewisse Gedanken, die der Vorfall in ihm wachruft, laut ausspricht, und über das wiederholte „Nimmermehr“ des Vogels abermals erstaunt. Er erräth jetzt freilich den Zusammenhang, wird jedoch, wie ich vorhin erklärte, durch den selbstquälerischen Trieb der menschlichen Natur und zum Theil auch durch Aberglauben veranlasst, dem Vogel solche Fragen

vorzulegen, die ihm, dem Liebenden, durch die vorauszusehende Antwort: „Nimmermehr“ den intensivsten Reiz der Trauer bereiten werden. Damit, dass er sich dieser Selbstquälerei in extremster Weise hingibt, hat die Erzählung in ihrer ersten oder alltäglichen Phase, wie [46] ich mich ausdrückte, ihren natürlichen Abschluss erreicht, und bis hierher sind die Grenzen des Wirklichen nicht überschritten.

Allein bei Stoffen, die mit noch so großer Geschicklichkeit oder mit noch so lebhaftem Aufputz an Handlung in dieser Weise behandelt werden, bleibt immer eine gewisse Härte oder Nacktheit zurück, die das künstlerische Auge verletzt. Zwei Dinge sind unumgänglich notwendig: – erstens ein gewisser Grad allgemeiner Anwendbarkeit; und zweitens ein gewisser Inhalt zwischen den Zeilen, – ein, wenn auch noch so unbestimmter, Unterstrom tieferer Bedeutung. Besonders der Letztere verleiht einem Kunstwerke so viel von jener prächtigen Fülle, die wir nur allzugern mit dem Idealen verwechseln. Es ist das Übermaß der geheimen, zwischen den Zeilen auszusprechenden Bedeutung – es ist die Verkehrtheit, diese zur augenfälligen Hauptsache, statt zum verborgenen Unterstrom des Gedichtes zu machen – was die sogenannte Poesie der sogenannten transcendentalen Dichter in Prosa (und obendrein von der plattesten Art) verwandelt.

Diese Ansicht festhaltend, fügte ich dem Gedichte die beiden Schlusstrophen hinzu, – welche so der ganzen vorausgehenden Erzählung einen tieferen Sinn geben. Der geheime Unterstrom der Gedanken wird erst erkennbar in den Zeilen:

„Fort! und rei aus meinem Herzen deines Schnabels scharfen Speer!“ –

Sprach der Rabe: „Nimmermehr!“

Man wird bemerken, dass die Worte: „aus meinem Herzen“ den ersten metaphorischen Ausdruck in dem Gedicht enthalten. Sie machen, in Verbindung mit der Antwort: „Nimmermehr,“ die Seele geneigt, einen tieferen Sinn in Allem zu suchen, was vorher erzählt worden ist. Der Leser fängt jetzt an, den Raben als symbolisch anzusehn – allein erst in der allerletzten Zeile der allerletzten Strophe tritt die [47] Absicht, ihn zum Symbol trauervoller und niemals endender Erinnerung zu machen, deutlich hervor:

Und der Rabe, schwarz und dunkel, sitzt mit krächzendem Gemunkel

Noch auf meiner Pallasbüste ob der Thür bedeutungsschwer.

Seine Dämonaugen glühen unheilvoll mit wildem Sprühen,

Seiner Flügel Schatten ziehen an dem Boden breit umher;

Und mein Herz wird aus dem Schatten, der mich einhüllt weit umher,

Sich erheben – nimmermehr!

■ Vorlage: Vernunft

■ Vorlage: Vermaß

Der Rabe
Von Edgar Poe

23.1 Tradução: Elise Von Hohenhausen (1853)

*Traurig saß ich, überwacht, einsam noch um Mitternacht,
Unter alten Folianten, von vergang'nen Zeiten schwer,
Und ich, fast entschlafen, nickte, da ich hörte, wie es pickte,
Pickte wie ein leises Klopfen an der Kammerthüre – Wer?*

5

*Kömmt besuchend, sprach ich leise, noch in später Nacht daher?
Ein Besuch ist's und nichts mehr.*

*Ja, ich weiß genau es noch, war es im Dezember doch,
Feuerschein strömt auf den Boden aus des Ofens Kohlenthor,
Und ich dachte, wär's doch Morgen, und vergebens wollt' ich borgen*

10

*Von den Büchern and'res Denken, als an das, was ich verlor.
An das Engelskind im Himmel, einstens meine Leonor'.
Ach, ich blieb doch wie zuvor.*

*Meiner Fenster Purpurkleid rauschte in der Dunkelheit,
Mich erfüllend, mir enthüllend unbekanntes Geisterdräu'n.*

15

*Meinen Herzschlag zu bezähmen, sagt ich mir: Du sollst Dich schämen,
Was soll dieses Geistergrauen? Muß es ein Besuch doch seyn,
Der noch spät Einlaß begehret, fasse Dich und ruf: Herein!
Kann es doch nichts And'res seyn.*

Meine Seele wurde stark, und ich fühlte Herz und Mark,

20

*Faßte mich und sagte: Sir oder Missis oder Miß!
O, vergebt, daß ich nicht hörte, als Eu'r Klopfen mich beehrte,
Denn ich nickte eingeschlafen. Ja, so war es ganz gewiß,
Und mit ungestümem Drange ich weit auf die Kammer riß
Und sah nichts als Finsterniß.*

25

*Da nun starrt' ich stumm hinein, schaudernd, fürchtend und allein,
Träumte, wie noch niemals, wachend, wie ich nimmer mir getraut,
Doch es blieb das dunkle Schweigen, hatte keinen Geisterzeugen,
Als die Seele, als des Herzens allertiefsten Klagelaut,
Den dem Echo ich so oft schon, wie auch jetzt, einsam vertraut,*

30

Leonore meine Braut!

*Ich ging wiederum hinein, meine Seele Glut und Pein,
 Und ich hörte wieder klopfen, stärker, lauter als vorher:
 Das ist an des Fensters Gittern, und ich sollte davor zittern?
 Ich will öffnen, will es wissen, was da rasselt ahnungsschwer.*

35

*Bebe, meine bange Seele, bebe nicht, mein Herz, so sehr,
 Ach, der Wind ist's und nichts mehr.*

*Und als ich das Fenster schloß, flog ein Rabe, schwarz und groß.
 Wie aus einer heiligen, längst verklung'nen Sagenzeit,
 Nicht auf meine Stimme hörend und von mir auch nichts begehrend,*

40

*Flatternd hin und her vor mir durch der Kammer Dunkelheit,
 Setzt sich auf Minervens Büste über meine Thüre breit,
 Sitzt da wie in stillem Leid.*

*Furcht und Grau'n verging in mir, sah ich ihn auf meiner Thür
 So verhüllt in tiefes Schweigen, so gespenstisch stumm und hehr.*

45

*Ist Dein Haupt Dir auch geschoren, bist als Krähe nicht geboren,
 Sprach ich. Sage dunkler Vogel, kamst Du aus dem Lethe her?
 Und was ist Dein Name dorten in der Geister Nebelmeer?
 Und er sagte: Nimmermehr.*

Wie ich staunte, daß er sprach, sagte seine Töne nach,

50

*Dachte: Hat ein menschlich Wesen außer mir wohl das geseh'n,
 Daß nach einer Weisheitsbüste einem Vogel so gelüste.
 Und daß dieser Nimmermehr nun nicht will von dannen geh'n,
 Kann ich ihn doch nicht bewegen, von der Stelle abzusteh'n;
 Dieses ist wohl nie gescheh'n.*

55

*Und der Rabe blieb und war auf der Büste immerdar,
 Sprach das einz'ge Wort noch aus mit der ganzen Seele Macht:
 Nimmermehr! Da saß er schweigend, und ich fragte zu ihm neigend:
 Willst Du jetzt nicht von mir lassen? Du entfliehst doch über Nacht,
 Wie die Freunde, wie die Hoffnung, die einst hat bei mir gewacht.*

60

Nimmermehr! darauf er sagt.

*Wie das eine laute Wort scheuchte tiefe Stille fort,
Er vielleicht nur Solches spricht, wie es ihm sein Herr gelehrt,
Der auch einsam war und leidend und von aller Freude scheidend,
Bis sein Herz und auch sein Leben von dem Unglück ward zerstört*
65

*Und des herben Schmerzes Fülle bald auch seinen Sang beschwert,
Nimmermehr das Glück begehrt.*

*Meiner Seele Dunkelheit klärte sich zu Heiterkeit,
Und ich nahm ein Polsterkissen, legte vor die Thür es hin,
Ließ mich auf den Sammet nieder in Gedanken für und wider,*
70

*Was will dieser dunkle Vogel aus der Zeiten Anbeginn?
Was ist des gekräczten Wortes dunkler, unheilvoller Sinn,
Denn ein Sinn liegt doch darin.*

*Und so trieb ich still und bang, forschenden Gedankengang,
Während seine Feueraugen brannten Wehe in mein Herz,*
75

*Meine Lampe, roth entflammet, färbte meiner Polster Sammet
Blutig roth, wie einst, als sie legte d'rauf ihr Haupt voll Schmerz,
Und dann schlummerte sie leise, und dann ging sie himmelwärts.
Ach, es war vergang'nen März.*

Plötzlich fühlt' ich heit're Luft, mich umwallte Weihrauchduft,
80

*Engeltritte hört' ich schweben in dem Zimmer allgemach:
Bist Du wohl ein Gottgesandter, kamst vom Himmel, Unbekannter?
Fragt' ich, willst Du Lethe bringen? O behalt sie, denn ich mag
Nicht vergessen, nur verschmerzen, diesen herben Schicksalsschlag.
Nimmermehr! der Rabe sprach.*

85

*Sandte der Versucher Dich, Dämon Vogel, sprach nun ich,
Bist ein Teufel Du vielleicht und gewißlich ein Prophet?
Kamst Du aus des Kummers Lande, schwebst an einem Zauberbande?
Giebt's Balsam in Gilead und erringt ihn das Gebet?
Kann ich glauben, daß Lenore einst mir wiederaufersteht?*

90

Nimmermehr! der Rabe kräht.

*Du Prophet, Du böser Geist, bei dem Gott, der es verheißt,
Bei der Sonne heil'gem Licht, das so Dir wie mir bald tagt,*

*Sage, wird in Edens Auen einst mein Aug' den Engel schauen.
Um den meine bange Seele immerfort auf Erden klagt?*

95

*Gieb mir Antwort, weil ich habe, kühn zu fragen Dich gewagt.
Nimmermehr! der Rabe sagt.*

*Satan! hebe Dich von mir, Vogeldämon, Lügenthier,
Fort in Sturm und Nacht hinaus, lass' mir meine Einsamkeit,
Lasse von der Weisheitsbüste, daß nicht länger dort sich brüste*
100

*Solch' ein Dämon, der gekommen aus der Hölle Dunkelheit
Und schlug seine scharfe Kralle tief in meines Herzens Leid.
Nimmermehr! der Rabe schreit.*

*Wie so zürnend auch mein Wort, doch der Rabe ging nicht fort,
Sitzt da immer still und stumm auf der Büste kaltem Stein,*
105

*Und im Auge glühen Teufel mit der Hölle Furcht und Zweifel.
Ach! sein Schatten ragt so düster in der Lampe Purpurschein,
Meine Seele wird, ich fürchte, sich von dieses Schattens Dräu'n
Nimmermehr wohl ganz befrei'n.*

Der Rabe

23.2 Tradução: Alexander Neidhardt (1856)

*Einst in mitternächt'ger Stunde,
Als ob lang vergess'ner Kunde
Ich in alten, netten Bänden*

Grübelte, das Herze schwer,

5

*Und ich nickend kaum noch wachte,
Plötzlich ich zu hören dachte
Klopfen an der Thür es sachte.*

*„Ein Besucher ist es, der
Angeklopft!“ so sagt' ich murmelnd,*

10

*„Ein Besucher ist es, der
Klopft, – nur dies – und sonst nichts mehr.“ –*

*O mir dünkt noch völlig klar es –
In Decembers Bleiche war es –
Sterbend jeder Aschefunken*

15

*Malte Geister rings umher;
Heiß ersehnte ich den Morgen,
Denn umsonst strebt' ich zu borgen
Aus den Büchern Trost für Sorgen*

Um Lenore, die nicht mehr;

20

*Um das strahlend holde Mädchen,
So genannt im Engelheer –
Hier einst namenlos so sehr.^[1]*

*Und das dunkle, traurig-milde
Rauschen seidnen Vorhangs füllte*

25

*Mich mit Schauer, mit phanthast'schem
Grausen, nie gefühlt vorher;
So daß, meines Herzens Schlagen
Zu besänft'gen, ich mit Zagen*

Wiederholte: „Anzufragen,

30

Ob nicht unwillkommen er,

*Klopft noch später ein Besucher,
Ob nicht unwillkommen er,
Einlaß wünschend – sonst nichts mehr!“*

*So mein Herz zur Ruhe bracht' ich –
35*

*Und nicht länger zögernd sagt' ich:
„Monsieur oder Madame – wahrlich,
Um Vergebung bitt' ich sehr;
Doch die Wahrheit ist, ich wachte
Kaum noch recht, – und so ich dachte,
40*

*Da ihr klopftet nur so sachte,
Mich getäuscht hat mein Gehör!“
Drauf die Thüre öffnet' weit ich –
Ja – mich täuschte mein Gehör –
Nacht war draußen – sonst nichts mehr!
45*

*Tief dann in das Dunkel schauend,
Stand ich lange, staunend, grauend,
Zweifelnd, träumend, wie noch nimmer
Sterblicher gewagt vorher;
Aber Nichts brach's tiefe Schweigen,
50*

*Und das Dunkel gab kein Zeichen;
Nur „Lenore“ klang's im weichen
Flüsterlaute leis daher.
Ich sprach selbst es, und ein Echo
Klang „Lenore!“ leis daher –
55*

Einzig dies – und sonst nichts mehr!

*Mich zurück in's Zimmer ziehend,
Meine Seele tief erglühend,
Hört' ich wieder bald ein Pochen,
Etwas lauter, als vorher.
60*

*„Sicher, sprach ich, ist es, daß es
An das Fenster klopfte, – lass' es
Darum mich erforschen, was es, –
Schweig', mein Herz, daß ich erklär'
Dies Geheimniß, nur 'ne kleine
65*

*Weile, daß ich es erklär',
's ist der Wind – und sonst nichts mehr!“*

*Oeffnet' drauf ich's Fenstergatter,
Als in's Zimmer mit Geflatter
Stattlich schritt herein ein Rabe
70*

*Aus vergangnen Zeiten hehr;
Nicht zum Gruß sich beugt', noch bog er,
Keinen Augenblick verzog er,*

[186]

*Nein, vornehmer Miene flog er
Ueber meine Thür', wo er
75*

*Saß, auf einer Büst' der Pallas,
Grad' ob meiner Thür', wo er
Saß sich spreizend – sonst nichts mehr.*

*Und der nächt'ge Vogel machte,
Daß mein trübes Herze lachte
80*

*Ueber's würdige Decorum
Seiner Mien', gedankenschwer.
„Ob gestutzt dir, sagt' ich, immer
Sei der Kamm, bist du doch nimmer
Alter Rab', gespenstig grimmer,
85*

*Zieh'nd vom nächt'gen Strande her;
Sag', welch' stolzen Namen trägst du
Vom Pluton'schen Strande her?“
Sprach der Rabe: „Nimmermehr!“*

*Ob des täpp'schen Vogels war ich,
90*

*Sehr erstaunt, als also klar ich
Hört' ihn sprechen, ob die Antwort
Dunkel auch, bedeutungsleer;
Denn ich mußte mir gestehen,
Wie es wohl noch nie geschehen,
95*

*Daß ein Sterblicher gesehen
Solchen Vogel, steif und hehr,
Sitzend auf der Büste über*

*Seiner Thüre, steif und hehr,
Der geheißen: Nimmermehr!*

100

*Doch der Rabe, dort alleine,
Einsam sitzend, sprach das eine
Wort nur, als ob seine Seele*

*In dies Wort gegossen wär';
Weiter Nichts hervor er brachte,
105*

*Kein Geräusch' 'ne Feder machte,
Bis ich, kaum gemurmelt, sagte:*

*„Andre Freunde floh'n vorher!
Morgen wird er mich verlassen,
Wie mein Hoffen mich vorher!“*

110

Sprach der Rabe: „Nimmermehr!“

*Ich erschrak, als ward gebrochen
Durch das Wort, so klar gesprochen,
Jetzt die Stille: „Sicher, sagt' ich,*

*All sein Vorrath ist's, den er
115*

*Aufgeschnappt bei einem armen
Meister, welchem ohn' Erbarmen
Unglück folgte, bis des Armen*

*Lieder mit dem Wort, so schwer,
Schlossen all, und seines Hoffens
120*

*Grablied mit dem Wort, so schwer,
Schloß mit: Nimmer-Nimmermehr!“*

*Doch da stets der Rabe machte
Daß mein krankes Herze lachte,
Alsogleich mit meinem Polster*

125

*Nach der Thüre macht' ich Kehr;
Dann auf's Kissen nieder sank' ich,
Träume so an Träume schlang ich,
Und vertiefend mich, dacht' lang ich,*

*Was der Vogel ungefähr,
130*

Der gespenst'ge, hagre, grimme

*Unglücksvogel ungefähr
Meine, krächzend: Nimmermehr.*

*Also grübelnd, sinnend lag ich;
Doch kein Wort zum Vogel sprach ich,
135*

*Dessen feur'ge Augen brannten
Mir in's tiefste Herz – und schwer
Von Gedanken, ließ ich neigen
Sich mein Haupt dann auf den weichen
Sammt des Kissens, daß der bleichen
140*

*Lampe Schimmer mich nicht stör',
Auf den Sammt, darauf sich neigen,
Daß sie's Lampenlicht nicht stör',
Sie ach, wird doch nimmermehr!*

*Dann schien süßer Duft zu mengen
145*

*Mit der Luft sich, als ob schwängen
Engel ein unsichtbar Rauchfaß,
Deren Fußtritt träte hehr;
„Armer! rief ich, Gott dir wendet
In den Engeln, dir gesendet,
150*

*Trost zu, daß dein Leid geendet
Um Lenore; leer' drum, leer'
Des Vergessens Trank – gedenke
Ihrer nimmer, leer' ihn, leer!“
Sprach der Rabe: „Nimmermehr!“
155*

[187]
*„Du Prophet, sprach' ich, ohn' Zweifel
Dies, ob Engel, oder Teufel,
Sprich, ob der Versucher sandt' dich,
Ob dich Sturm hat von dem Meer
Einsam, aber ohne Zagen
160*

*An dies öde Land verschlagen,
In das Haus des Grams – und sagen
Sollst du mir – ich bitt' dich sehr:
Gibt's – o gibt es Trost in Gilead?
Sag's getreu – ich bitt' dich sehr!“*

165

Sprach der Rabe: „Nimmermehr!“

*„Du Prophet, sprach ich, ohn' Zweifel
Dies, ob Engel, oder Teufel,
Bei dem Himmel ob uns, bei dem
Gott, dem geben wir die Ehr':*

170

*Künde dieses Herzens Bangen,
Ob in fernem Reich umfängen
Wird 'ne Maid all sein Verlangen,
Die „Lenore“ im Engelheer
Heißt, – das strahlend holde Mädchen,*

175

So genannt im Engelheer?“

Sprach der Rabe: „Nimmermehr!“

*„Sei dies' Wort des Scheidens Zeichen!
Zu der Nacht Pluton'schen Reichen
Fort – zum Sturm, ob Vogel oder
180*

*Teufel, schrie ich, fort! und stör'
Meine Einsamkeit nicht, – keine
Schwarze Feder, die an deine
Lüg' gemahn', laß' hier, – alleine
Laß' mich, – von der Büst', o hör'
185*

Fort mit dir! und deine Krallen

Nimm aus meiner Brust, o hör'!“

Sprach der Rabe: „Nimmermehr!“

*Und der Rabe, wankend nimmer,
Sitzt noch immer, sitzt noch immer
190*

Auf der Pallas weißer Büste

*Ueber meiner Thür'; – als wär'
Er ein Dämon, traumbefangen,
Scheint sein Aug' – und seine langen
Schatten wirft die Lamp' im bangen
195*

Dämmer an der Wand umher;

*Und mein Herz aus diesem Schatten,
Lagernd um mich dicht umher,
Wird sich heben – Nimmermehr!*

1.

Im Original ist auch hier, wie in allen andern Strophen, der Schlußreim *more*, nämlich *evermore*. Im Deutschen gibt es keine Reime mit „mehr“ für immer, ewig, – und so wird die *einzig*e Abweichung von der Form nicht zu streng beurtheilt werden.

Der Rabe

23.3 Tradutor: Luise von Ploennies (1857)

*Mitternacht umwob mich schaurig, als ich einsam saß und traurig
Bei Folianten, die mir manchen dunklen Traum heraufbeschworen.
Ich entschlief, doch unterbrochen ward mein Schlummer durch ein Pochen.
Wer ist's, der so spät (so fragt' ich) sich hierher zu mir verloren? –*

5

*Ein Besuch wird's sein (so sagt' ich), der sich spät hierher verloren.
Oder täuschten mich die Ohren?*

*Ach, die Nacht vergeß' ich nimmer! denn Dezember war's, und immer
Düstrer huschten durch mein Zimmer Schatten, die mein Traum geboren.
Sehnlich hofft' ich auf den Morgen, die Folianten wollten borgen*

10

*Keine Lethe meinen Sorgen, meinen Sorgen um Lenoren;
Um das schöne, lichte Mädchen, das bei Engeln weilt, Lenoren,
Das der Erde ging verloren.*

*Auf der seidnen Vorhäng' Rauschen muß' ich, leis' erbebend, lauschen,
Geisterschrecken, mich zu necken, kamen, von der Angst beschworen.*

15

*Zu beschwichtigen das Pochen meines Herzens, laut gesprochen
Hatt' ich nochmals diese Worte: Wer hat sich hierher verloren?
Wer ist's, der zu meiner Pforte sich so spät hierher verloren? –
Oder täuschten mich die Ohren? –*

Stärker fühlt' ich mich geworden von den lautgesprochenen Worten;

20

*Herr (so sagt' ich) oder Dame, um Vergebung, seid beschworen,
Wißt, ich schlief, als mich erweckte neues Pochen, das mich schreckte,
Das mich fast wie Täuschung neckte – Täuschung, die ein Traum geboren.*

–

*Weit die Thüre öffnend, stand ich drauf in Dunkelheit verloren,
Nichts war da – nur Trug der Ohren! –*

25

*In das Dunkel blickt' ich schweigend, stand, mich angstvoll vorwärts
neigend,
Zweifeln, fürchtend, das zu schauen, was vielleicht mein Wahn geboren.
Doch die Nacht blieb undurchbrochen, nur mein Herze fühlt' ich pochen,*

*Als ich leis' das Wort gesprochen: Kam der Gruß wohl von Lenoren?
Drauf das Echo wiederholte, geisterhaft drang mir's zu Ohren:*

30

Von Lenoren! –

*Und zurück ins Zimmer wandte ich den Schritt, mein Herze brannte;
Plötzlich, stärker als zuvor, drang das Pochen mir ins Ohr. –
Sicher, sagt' ich, hört' ich's klopfen, oder waren's Regentropfen? –
Ich will sehn, warum das Klopfen meine Fenster sich erkor.*

35

*Still, mein Herz, hör auf zu klopfen, bis ich diesen Ton beschwor.
Hat der Wind getäuscht mein Ohr?*

*Rasch das Fenster öffnend, schaute ich ein Ding, vor dem mir graute,
Denn es kam herein ein Rabe, gleich der Nacht, die ihn geboren,
Kam herein so gravitätisch, feierlich, fast majestätisch,*

40

*Setzte sich, ein dunkler Fetisch, auf den Thron, den er erkoren:
Auf der Büste einer Pallas, die er sich zum Thron erkoren,
Saß er starr, wie halb erfroren.*

*Saß wie Ebenholz so dunkel, und der Augen wild Gefunkel,
Das so starr auf mich gerichtet, schien mich glühend zu durchbohren.*

45

*Sprach ich da: Von welchem Hügel kommst du, mit zerriß'nem Flügel,
Geisterhafter, grimmer Rabe, kommst du von des Orkus Thoren?
Sag, bei welchem finstren Namen nennen dich, die dort verloren?
Leise krächzt er da: Verloren!*

Darauf wieder schweigend saß er auf der Büste, bald vergaß er

50

*Dieses Wort, das ich gesprochen, saß, als wie im Traum verloren.
Nicht aufs lei'este sich regend, keine Feder nur bewegend,
Und ich dachte, er wird bleiben, bis der lichte Gang der Horen
Diesen Finstern wird verbannen, bis sich Nacht in Licht verloren.
Wieder krächzt er da: Verloren.*

55

*Aufgeschreckt durch dieses Krächzen, durch das leise, heisre Aechzen,
Sprach ich: einzig dies zu sprechen, scheint der Finstre auserkoren.
Ach, vielleicht von einem Dichter, den das Leid verfolgte, spricht er,
[520]*

*Den das Dunkel immer dichter eingehüllt, bis er verloren
Alle süßen Hoffnungslichter, ach von Einem, der geboren*

60

Für das Trauerwort: Verloren.

*Dieses traurig überdenkend, dann auf ihn die Blicke lenkend,
Sah ich den Geheimnißvollen, mich mit glüh'ndem Aug' durchbohren.
Ich versank in tiefe Träume, legte auf des Kissens Säume
Meine Stirn: ach diese Räume (sprach ich) sind zum Leid erkoren,*

65

*Nimmer wiegen diese Kissen, nimmer, nimmermehr Lenoren,
Nur zum Leid bin ich geboren.*

*Dunkler von der Nacht umrungen fühlt' ich sie von Duft durchdrungen,
Ward ein Weihrauchfaß geschwungen, unsichtbar? – durch alle Poren
Drang der Duft, – ich rief: Erbarmen haben Engel mit mir Armen,*

70

*Hüllen ein in duft'ge Lethe meinen Kummer um Lenoren!
Trink, mein Herz, die duft'ge Lethe, und vergiß, die du verloren.
Wieder krächzt er da: Verloren! –*

*Ein Prophet wohl ohne Zweifel (rief ich), Vogel, oder Teufel!
Such ein Nachtquartier da draußen in den grünen Sykomoren.*

75

*Doch vorher will ich dich fragen, ja vorher sollst du mir sagen,
Sieh, ich fleh' dir ohne Zagen: werd' ich wiedersehn Lenoren?
Wiedersehn im fernen Eden, jene süße Maid, Lenoren?
Und der Rabe sprach: Verloren!*

Sei dies Wort dein Abschiedszeichen! Vogel, Teufel! du mußt weichen!

80

*In des Sturms Umarmung schwing dich, in die Nacht, die dich geboren!
Dir vom nächtigen Gefieder falle keine Feder nieder,
Nimmer, nimmer, stör mich wieder! fort vom Platz, den du erkoren!
Heb hinweg die glüh'nden Augen, die mein Innerstes durchbohren!
Wieder sprach er da: Verloren!*

85

*Und so sitzt er, nicht sich regend, keine Feder nur bewegend,
Sitzt, den Blick auf mich gerichtet, scheint mich glühend zu durchbohren.
Und mir ist, als ob er wühle mir im innersten Gefühle.
Denn mein Haupt auf dunklem Pfühle, hat sein Aug' als Ziel erkoren.
Immer wird sein Schatten dichter, leise spricht er: Von Lenoren,
Die verloren!*

Der Rabe

23.4 Tradução: Adolf Strodtmann (1862)

*Einst zur Nachtzeit, trüb und schaurig, als ich schmerzsmüd und traurig
Saß und brütend sann ob mancher seltsam halbvergessnen Lehr', –
Als ich fast in Schlaf gefallen, hörte plötzlich ich erschallen
An der Thür ein leises Hallen, gleich als ob's ein Klopfen wär'.*

*„'S ist ein Wanderer wohl,“ so sprach ich, „der – verirrt von ungefähr, –
Ein Verirrter, sonst Nichts mehr.“*

*In der rauhesten Zeit des Jahres, im Decembermonat war es,
Flackernd warf ein wunderbares Licht das Feuer rings umher.
Heiß ersehnte ich den Morgen; – aus den Büchern, ach! zu borgen*

*War kein Trost für meine Sorgen um die Maid, geliebt so sehr,
Um die Maid, die jetzt Lenore wird genannt im Engelsheer –
Hier, ach, nennt kein Wort sie mehr!*

*Jedes Rascheln, jedes Rauschen in des seidnen Vorhangs Bauschen
Weckt' in mir ein ängstlich Grausen, das ich nie gefühlt vorher,*

*Also dass, mein Herzenspochen zu betäuben, ich gesprochen:
„Ei, wer sollte jetzt wohl pochen, wenn es nicht ein Wanderer wär'“? –
Ja, ein Wanderer, der an meiner Thür verirrt von ungefähr –
Das wird's sein, und sonst Nichts mehr.“
Und ermuthigt jetzo stand ich auf, und Kraft und Ruhe fand ich;*

„Um Verzeihung, Herr,“ so sprach ich, „oder Dame, oder wer!

Presently my soul grew stronger; hesitating then no longer,

„Sir,“ said I, „or Madam, truly your forgiveness I implore;

*Ängstlich in das Dunkel starrend blieb ich stehn, verwundert, harrend,
Träume träumend, die kein armer Erdensohn geträumt vorher.
Doch nur von des Herzens Pochen ward die Stille unterbrochen,
Und als einz'ges Wort gesprochen ward: „Lenore?“ kummerschwer,
Selber sprach ich's, und: „Lenore!“ trug das Echo zu mir her, –*

Nur dies Wort, und sonst Nichts mehr.

*Und zurückgekehrt ins Zimmer, stürmisch aufgereggt wie nimmer,
Hört' ich bald ein neues Klopfen, etwas lauter als vorher.
„Sicher an dem Fensterladen pocht' es – wohl, es kann nicht schaden,*

Dass ich suche nach dem Faden, der dies Räthsel mir erklär', –

*Still, mein Herz, ein Weilchen, dass ich dieses Räthsel mir erklär'!
'S ist der Wind, und sonst Nichts mehr!“*

*Auf riss ich das Fenster klirrend – siehe, gravitätisch schwirrend
Schritt ein Rabe, groß und mächtig, in das Zimmer zu mir her.
Nicht mit einem Gruß bedacht' er mich, kein Dankeszeichen macht' er,*

*Vornehm stolz zur Ruhe bracht' er sein Gefieder, regenschwer,
Flog auf eine Pallasbüste ob der Thüre sacht und schwer,
Saß dort still, und sonst Nichts mehr.*

*Und der schwarze Vogel machte, dass ich trotz der Trauer lachte,
So possierlich ernst und finster saß ob meiner Thüre er.*

*„Ob dein Kamm auch kahl geschoren, bist als Feigling nicht geboren,
Alter Rabe, der verloren irrt im nächt'gen Schattenmeer!*

*Sprich, wie bist du denn geheißen im pluton'schen Schattenmeer?“
Sprach der Rabe: „Nimmermehr.“*

Und den Unhold mit Erstaunen hört' ich also deutlich raunen,

*Ob die Antwort auch geschienen wenig tief und inhaltschwer;
Denn wir müssen wohl gestehen, dass es Keinem noch geschehen,
Einen Vogel je zu sehen, der vor ihm gesessen wär',
Der auf einer Büste über seiner Thür gesessen wär',
Mit dem Namen „Nimmermehr.“*

*Doch der Rabe auf der Büste sprach das eine Wort, als wüsste
Dies er nur, als ob sein ganzes Herz darin ergossen wär'.
Nichts, das weiter ihn erregte, keine Feder er bewegte,
Bis ich leis die Lippen regte: „Andre Freunde flohn seither –
Morgen wird auch er entfliehen, wie die Hoffnung floh seither.“*

Sprach der Vogel: „Nimmermehr.“

*Als die Stille unterbrochen jenes Wort, so klug gesprochen,
Dacht' ich: Was er sagt, ist sicher seine ganze Mähr' und Lehr',
Die er seinem Herrn, dem armen, abgelauscht, den ohn' Erbarmen
Schlug das Unglück, bis der warmen Hoffnung Stern erlosch im Meer,
65*

*Bis von einer Trauerklage alle seine Lieder schwer,
Von der Klage: „Nimmermehr!“*

*Immer noch der Rabe machte, dass ich trotz der Trübsal lachte;
Einen Sammetsessel endlich rollt' ich näher zu ihm her.
In die Polster mich versenkend, sann ich, Arm in Arm verschränkend,*

*Träumrisch nach, bei mir bedenkend, was von dieses Vogels Mähr',
Was der Sinn von des gespenstisch finstern Vogels Krächzen wär',
Der da schnarrte: „Nimmermehr.“*

Also düstern Sinnes pflag ich, doch kein Wort zum Vogel sprach ich,

Ob sein Feuerauge brennend mir am tiefsten Herzen zehr'.

*Dies und mehr wünscht' ich zu wissen, meine Brust von Schmerz zerrissen,
Als ich ruht' auf sammtnen Kissen, überstrahlt vom Lichte hehr,
Ach, auf diesen sammtnen Kissen, überstrahlt vom Lichte hehr,
Ruhet sie jetzt nimmermehr!*

Schwül dann ward und qualmig enge um mich her die Luft, als schwänge

*Unsichtbare Weihrauchfässer, wandelnd leis, ein Seraphsheer.
„Gott hat Trost für dich erkoren durch die Engel, lichtgeboren!“
Rief ich, – „o vergiß Lenoren, die dein Herz geliebt so sehr!
Athme auf, vergiss Lenoren, die geliebt du allzu sehr!“ –
Sprach der Rabe: „Nimmermehr!“*

*„Düstrer Bote!“ frug voll Zweifel ich, „ob Vogel oder Teufel, –
Ob dich der Versucher sandte, ob der Sturm dich jagte her, –*

*Du, der nimmer mich verschonet, der im Unholdslande wohnt,
Wo das nächt'ge Grauen thronet, künde mir, was ich begehrt':
Ist kein Balsam denn in Gilead? – künde, was ich heiß begehrt'!“*

Sprach der Rabe: „Nimmermehr!“

*„Düstrer Bote!“ frug voll Zweifel ich, „ob Vogel oder Teufel!
Bei dem Himmel droben, bei dem Gott, den ich, wie du, verehr’:
Find’ ich, sprich! an Eden’s Thoren wieder einst, die ich verloren,
Jene Maid, die man Lenoren jetzo nennt im Engelsheer, –*

*Die Geweihte, die Lenoren jetzt man nennt im Engelsheer? –
Sprach der Rabe: „Nimmermehr!“*

*„Vogel oder Teufel, hebe dich hinweg!“ so rief ich, „schwebe
Wieder in den Sturm zurück und in das nächt’ge Schattenmeer!
Keine Feder lass als Zeichen mir der Lüge sonder Gleichen!*

*Sollst von meiner Thür entweichen! von der Büste fort dich scher!
Fort! und reiß aus meinem Herzen deines Schnabels scharfen Speer!“ –
Sprach der Rabe: „Nimmermehr!“*

*Und der Rabe, schwarz und dunkel, sitzt mit krächzendem Gemunkel
Noch auf meiner Pallasbüste ob der Thür bedeutungsschwer.*

*Seine Dämonaugen glühen unheilvoll mit wildem Sprühen,
Seiner Flügel Schatten ziehen an dem Boden breit umher;
Und mein Herz wird aus dem Schatten, der mich einhüllt weit umher,
Sich erheben – nimmermehr!*

Der Rabe

23.5 Tradução: Carl Theodor Eben (1869)

*Mitternacht umgab mich schaurig, als ich einsam, trüb und traurig,
Sinnend saß und las von mancher längstverklung'nen Mähr' und Lehr' –
Als ich schon mit matten Blicken im Begriff, in Schlaf zu nicken,*

Hörte plötzlich ich ein Ticken an die Zimmerthüre her;

*„Ein Besuch wohl noch,“ so dacht' ich, „den der Zufall führet her –
Ein Besuch und sonst Nichts mehr.“*

*Wohl hab' ich's im Sinn behalten, im Dezember war's, im kalten,
Und gespenstige Gestalten warf des Feuers Schein umher.
Sehnlich wünscht' ich mir den Morgen, keine Lind' rung war zu borgen*

*Aus den Büchern für die Sorgen – für die Sorgen tief und schwer
Um die Sel'ge, die Lenoren nennt der Engel heilig Heer –
Hier, ach, nennt sie Niemand mehr!*

*Jedes Rauschen der Gardinen, die mir wie Gespenster schienen,
Füllte nun mein Herz mit Schrecken – Schrecken nie gefühlt vorher;*

*Wie es bebte, wie es zagte, bis ich endlich wieder sagte:
„Ein Besuch wohl, der es wagte, in der Nacht zu kommen her –
Ein Besuch, der spät es wagte, in der Nacht zu kommen her;
Dies allein und sonst Nichts mehr.“*

Und ermannt nach diesen Worten öffnete ich stracks die Pforten:

*„Dame oder Herr,“ so sprach ich, „bitte um Verzeihung sehr!
Doch ich war mit matten Blicken im Begriff, in Schlaf zu nicken,
Und so leis scholl Euer Ticken an die Zimmerthüre her,
Daß ich kaum es recht vernommen; doch nun seid willkommen sehr!“ –
Dunkel da und sonst Nichts mehr.*

*Düster in das Dunkel schauend stand ich lange starr und grauend,
Träume träumend, die hienieden nie ein Mensch geträumt vorher;
Zweifel schwarz den Sinn bethörte, Nichts die Stille draußen störte,
Nur das eine Wort man hörte, nur „Lenore?“ klang es her;
Selber haucht' ich's, und „Lenore!“ trug das Echo trauernd her –*

Einzig dies und sonst Nichts mehr.

*Als ich nun mit tiefem Bangen wieder in's Gemach gegangen,
Hört' ich bald ein neues Pochen, etwas lauter als vorher.
„Sicher,“ sprach ich da mit Beben, „an das Fenster pocht' es eben,
Nun wohlan, so laß mich streben, daß ich mir das Ding erklär' –*

*Still, mein Herz, daß ich mit Ruhe dies Geheimniß mir erklär'
Wohl der Wind und sonst Nichts mehr.“*

*Riß das Fenster auf jetzunder, und herein stolzirt' – o Wunder!
Ein gewalt'ger, hochbejahrter Rabe schwirrend zu mir her;
Flog mit mächt'gen Flügelstreichen, ohne Gruß und Dankeszeichen,*

*Stolz und stattlich sonder Gleichen, nach der Thüre hoch und hehr –
Flog nach einer Pallasbüste ob der Thüre hoch und hehr –
Setzte sich und sonst Nichts mehr.*

*Und trotz meiner Trauer brachte er dahin mich, daß ich lachte,
So gesetzt und gravitätisch herrscht' auf meiner Büste er.*

*„Ob auch alt und nah dem Grabe,“ sprach ich, „bist kein feiger Knabe,
Grimmer, glattgeschor'ner Rabe, der Du kamst vom Schattenheer –
Sprich, Welch' stolzen Namen führst Du in der Nacht pluton'schem Heer?“
Sprach der Rabe: „Nimmermehr.“*

Ganz erstaunt war ich, zu hören dies Geschöpf mich so belehren,

*Schien auch wenig Sinn zu liegen in dem Wort bedeutungsleer;
Denn wohl Keiner könnte sagen, daß ihm je in seinen Tagen
Sonder Zier und sonder Zagen so ein Thier erschienen wär',
Das auf seiner Marmorbüste ob der Thür gesessen wär'
Mit dem Namen „Nimmermehr.“*

*Dieses Wort nur sprach der Rabe dumpf und hohl, wie aus dem Grabe,
Als ob seine ganze Seele in dem einen Worte wär'.*

*Weiter Nichts ward dann gesprochen, nur mein Herz noch hört' ich
pochen,
Bis das Schweigen ich gebrochen: „Andre Freunde floh'n seither –
Morgen wird auch er mich fliehen, wie die Hoffnung floh seither.“*

Sprach der Rabe: „Nimmermehr!“

*Immer höher stieg mein Staunen bei des Raben dunklem Raunen,
Doch ich dachte: „Ohne Zweifel weiß er dies und sonst Nichts mehr;
Hat's von seinem armen Meister, dem des Unglücks finstre Geister
Drohten dreist und drohten dreister, bis er trüb und trauerschwer –*

*Bis ihm schwand der Hoffnung Schimmer, und er fortan seufzte schwer:
„O nimmer – nimmermehr!“*

[Z]

*Trotz der Trauer wieder brachte er dahin mich, daß ich lachte;
Einen Armstuhl endlich rollte ich zu Thür und Vogel her.
In den sammt'nen Kissen liegend, in die Hand die Wange schmiegend,*

*Sann ich, hin und her mich wiegend, was des Wortes Deutung wär' –
Was der grimme, finst're Vogel aus dem nächt'gen Schattenheer
Wollt' mit seinem „Nimmermehr.“*

*Dieses saß ich still ermessend, doch des Vogels nicht vergessend,
Dessen Feueraugen jetzo mir das Herz beklemmten sehr;*

Und mit schmerzlichen Gefühlen ließ mein Haupt ich lange wühlen

*In den veilchenfarb'nen Pfühlen, überstrahlt vom Lichte hehr –
Ach, in diesen sammtnen Pfühlen, überstrahlt vom Lichte hehr –
Ruhet s i e jetzt nimmermehr!*

Und ich wähte, durch die Lüfte wallten süße Weihrauchdüfte,

*Ausgestreut durch unsichtbare Seraphshände um mich her.
„Lethe,“ rief ich, „süße Spende schickt Dir Gott durch Engelshände,
Daß sich von Lenoren wende Deine Trauer tief und schwer!
Nimm, o nimm die süße Spende und vergiß der Trauer schwer!“
Sprach der Rabe: „Nimmermehr!“*

*„Gramprophet!“ rief ich voll Zweifel, „ob Du Vogel oder Teufel!
Ob die Hölle Dich mir sandte, ob der Sturm Dich wehte her!
Du, der von des Orkus Strande – Du, der von dem Schreckenlande
Sich zu mir, dem Trüben, wandte – künde mir mein heiß Begeh:
Find' ich Balsam noch in Gilead! ist noch Trost im Gnadenmeer?“*

Sprach der Rabe: „Nimmermehr!“

„Gramprophet!“ rief ich voll Zweifel, „ob Du Vogel oder Teufel!

*Bei dem ew'gen Himmel droben, bei dem Gott, den ich verehr' –
Künde mir, ob ich Lenoren, die hienieden ich verloren,
Wieder find' an Edens Thoren – sie, die throhnt im Engelsheer –*

*Jene Sel'ge, die Lenoren nennt der Engel heilig Heer!“
Sprach der Rabe: „Nimmermehr!“*

*„Sei dies Wort das Trennungszeichen! Vogel, Dämon, Du mußt weichen!
Fleuch zurück zum Sturmesgrauen, oder zum pluton'schen Heer!
Keine Feder laß zurücke mir als Zeichen Deiner Tücke;*

*Laß allein mich dem Geschicke – wage nie Dich wieder her!
Fort und laß mein Herz in Frieden, das gepeinigt Du so sehr!“
Sprach der Rabe: „Nimmermehr!“*

*Und der Rabe weicht nimmer – sitzt noch immer, sitzt noch immer
Auf der blassen Pallasbüste ob der Thüre hoch und hehr;*

*Sitzt mit geisterhaftem Munkeln, seine Feueraugen funkeln
Gar dämonisch aus dem dunkeln, düstern Schatten um ihn her;
Und mein Geist wird aus dem Schatten, den er breitet um mich her,
Sich erheben – nimmermehr!*

Der Rabe

23.6 Tradução: Eduard Mautner (1874)

*Mitternacht war's, öd' und schaurig,
Müde saß ich da und traurig,
Grübelnd ob vergilbten Blättern, tauchend in der Sagen Meer:
Schon begann ich einzunicken, plötzlich hörte ich ein Picken,*

*Wie ein leises, leises Ticken von der Zimmerthüre her:
„Ein verspäteter Besucher!“ lallte meine Zunge schwer,
Das allein ist's und nichts mehr.*

*O, ich hab' es wohl behalten:
Im Dezember war's, im kalten,*

*Im Kamin gespenstig wallten Flammen sterbend hin und her,
Sehnlichst hofft ich von dem Morgen die Erlösung von den Sorgen,
Von dem Kummer, tief geborgen, um das Mädchen rein und hehr;
Die Verklärte, die Lenore, grüßt der Engel sel'ges Heer,
Hier nennt sie kein Name mehr.*

*Bang und zitternd muß' ich lauschen
Meines seid'nen Vorhangs Rauschen
Es erfüllte mich mit Schauern, ahnungs- und entsetzensschwer;
Zu beschwichtigen dies Bangen, sprach ich scheinbar unbefangen:
„Einlaß will von mir verlangen in mein Zimmer irgend wer,*

*Ein verspäteter Besucher, diese, jener, irgend wer:
Das allein ist's und nichts mehr!“*

*Endlich konnt' ich mich ermannen,
Und, um diesen Spuck zu bannen,
Rief ich: „O verzeiht mein Zaudern, schöne Dame oder Herr!*

*Wahrlich ich begann zu nicken und so leise war das Picken,
So bescheiden war das Ticken von der Zimmerthüre her,
Daß ich's kaum vernahm“; hier zog ich rasch zurück den Riegel schwer:
Draußen Nacht und sonst nichts mehr!*

In die öde Leere starrend,

*Stand ich staunend, schauernd, harrend,
Träume träumend so entsetzlich, wie kein Mensch geträumt vorher:
Und das Schweigen ward gebrochen nur durch meines Herzens Pochen,
Wie von Geistermund gesprochen, weht ein Hauch, ein Name her,
Und das Echo gab ihn wieder, diesen Namen rein und hehr,*

„Leonor“ und sonst nichts mehr!

*Wieder rafft' ich mich zusammen,
All' mein Wesen stand in Flammen,
In mein Zimmer tretend, hört' ich pochen lauter als vorher;
„Ruhig“ sprach ich, „will ich bleiben; poch nur an die Fensterscheiben,*

*Zu ergründen dieses Treiben, dies Geheimniß ist nicht schwer;
Ruhe! Ruhe! zu ergründen dies Geheimniß ist nicht schwer:
's ist der Wind und 's ist nichts mehr.“*

*Rasch nun öffne ich die Scheiben:
Siehe da! mit Flattern, Sträuben,*

*Trat herein ein mächt'ger Rabe mit der Krallen scharfer Wehr,
Keinen Augenblick verzog er, seine schwarzen Flügel bog er,
Ueber meine Thüre flog er, nahm den Platz ein, der dort leer,
Auf der Büste der Minerva über meiner Thüre quer,
Flog und saß und that nichts mehr.*

*Dieses schwarzen Vogels Hocken
Wußt' mir Lächeln zu entlocken,
Seine Würde war so drollig, daß der Ernst mir ward zu schwer;
Und so rief ich: „Alter Knabe, grimmer, unheimlicher Rabe!
Sage mir, nach welcher Labe trieb die Sehnsucht dich hieher*

*Und wie ist dein Herrenname in der Nacht gespenst'gem Heer?“
Krächzt der Rabe: „Nimmermehr“.*

*Dieses Vogels tolle Launen
Setzten wirklich mich in Staunen,
Denn, ob auch die kurze Antwort nicht besonders inhaltsschwer,*

*Dennoch wird man eingestehen: selten hat man noch gesehen
Solchen Vogels Federn wehen, dort, wo noch ein Plätzchen leer,
Auf der Büste der Minerva, über einer Thüre quer,
Mit dem Namen: „Nimmermehr“.*

Doch des Raben dunkler Schemen

*Ließ kein andres Wort vernehmen
Gleich als ob sein finstres Wesen ganz an sonst'gem Inhalt leer.
Schweigend starrte er im Kreise, keine Feder regt er leise,
Und ich sprach in trüber Weise: „And're Freunde floh'n vorher;
Morgen wirst du mich verlassen, wie mein Hoffen floh vorher!“*

Krächzt der Rabe: „Nimmermehr“.

*„Rabe“, rief ich, „dieses eine
Wort ist, scheint es, all' das Deine,
Sonst ist deine rauhe Kehle wohl an Worten gänzlich leer,
Der dich einst besaß, den fingen sicherlich des Unglücks Schlingen,*

*Bis er müde von dem Ringen, aufgab jede Gegenwehr,
Bis die Losung der Verzweiflung galt, der Sorgen schwarzem Herr:
Ach! die Losung: Nimmermehr.“*

*Doch so ernsthaft blieb der Rabe,
Daß ich fast gelächelt habe,*

*Und ich rollte ihm 'genüber den bequemen Lehnstuhl her,
Mich in seinen Sammet senkend, meine Phantasien lenkend,
Blieb ich sitzen, überdenkend: daß es zu errathen schwer,
Was er meint der Todtenvogel, über meiner Thüre quer
Mit dem ew'gen: „Nimmermehr“.*

*Träumend saß ich Stund' auf Stunde,
Doch kein Wort kam mir vom Munde,
In mein Herz der Rabe sandte seines Blickes glüh'nden Speer
Und mein Haupt sank wie zerrissen, von dem Ahnen, Träumen, Wissen,
In des Lehnstuhl's Purpurkissen, Lampenlicht floß d'rüber her;*

*Ach in diesem Purpurkissen mit dem Lichtschein d'rüber her
Wird sie lehnen nimmermehr!*

*Plötzlich wallt es in den Lüften
Wie von schweren Weihrauchdüften,
Gleich als ob das Rauchfaß schwänge sel'ger Geister liches Heer,*

Und ich rief, wie im Gebete: „Sendest du mir Trank der Lethe,

*Um den ich so brünstig flehte, sendest du Vergessen, Herr?
Soll Lenoren ich vergessen, schlürf' ich diesen Becher leer?
Krächzt der Rabe: „Nimmermehr“.*

Zornig rief ich, voll von Zweifel:

*„Bist du Vogel oder Teufel?
Bist Prophet du, bist Versucher, wirbelt dich der Nachtwind her?
Sprich! und ich will mich ermannen, die Verzweiflung will ich bannen,
Die mich grimmig reißt von dannen in des Wahnsinns nächt'ges Meer,
Sage: ist mir Trost beschieden jenseits über'm Sternenheer?“*

Krächzt der Rabe: „Nimmermehr“.

*„Ob du Vogel oder Teufel,
Bist Prophet doch ohne Zweifel,
Nun so sag' mir bei dem Ew'gen: ist sein weiter Himmel leer?
Oder fühlet Gott Erbarmen, kann, die kalt und todt, erwarmen,*

*Soll im Eden ich umarmen jenes Mädchen rein und hehr,
Die Verklärte, die Lenore, grüßt der Engel sel'ges Heer?“
Krächzt der Rabe: „Nimmermehr“.*

*Schnell empor riß Zorn und Haß mich:
„Vogel, Teufel! jetzt verlaß mich,*

*Schwinde hin in Nacht und Nebel, Spuck aus dem Gespensterheer,
Keine Feder lasse liegen, Einsamkeit soll mich umschmiegen,
Und dein Lügenwort verfliegen; laß der Thüre Balken leer,
Nimm die Kralle mir vom Herzen, laß der Thüre Balken leer!“
Krächzt der Rabe: „Nimmermehr“.*

*Und der Rabe rührt sich nimmer,
Sitzt noch immer, immer, immer
Auf der Büste der Minerva über meiner Thüre quer;
Seine starren Augen funkeln wild dämonisch gleich Karfunkeln,
Auf den Teppich seinen dunkeln Schatten wirft die Lampe her;*

*Und es kann die trübe Seele aus dem ew'gen Schattenmeer
Sich erheben nimmer mehr.*

Der Rabe

23.7 Tradução: Anna Vivanti-Lindau (1878)

*Einst, zu mitternächt'ger Stunde, saß ich bei der Lampe Schein,
Und in alten Schriften blätternd, schlief ich müde beinah' ein.
Horch! Da drang ein leises Klopfen sacht doch deutlich an mein Ohr.
Ueber das Geräusch verwundert, fuhr voll Staunen ich empor.*

5

*„Welcher Gast“, ich sprach es flüsternd, „kommt so spät noch zu mir her?
'S ist ein Gast, und sonst nichts mehr.“*

*Winter war's; der Sturmwind brauste, und der Kohlen düst're Gluth
War fast im Kamin verglommen. Ich erinnere mich's noch gut.
Heiß ersehnte ich den Morgen, denn in keinem Buche fand*

10

*Lind' rung ich des heißen Schmerzes, daß Lenore mir entschwand.
Leonore, die Verklärte, die nun über'm Sternenheer
Weilt, – auf Erden ach, nicht mehr! –*

*In den seidenen Gardinen rauschte es geheimnißvoll;
Mich durchrieselte ein Schauer, und vor Furcht das Herz mir schwoll.*

15

*Um des Herzens banges Pochen zu beschwicht'gen, sagt' ich mir:
„'S ist ein Gast, der Einlaß fordernd, leise klopft an meine Thür.
Nein, von keiner andern Ursach' rührt das leise Klopfen her,
'S ist ein Gast, und sonst nichts mehr.“*

Und ich raffte mich zusammen, öffnete die Thür und rief:

20

*„Werther Herr, verehrte Dame, o! verzeih'n Sie mir, ich schlief.
Deshalb glaubt' ich kaum, es käme Jemand noch so spät zu mir,
Denn Sie klopfen gar so leise, gar so leis' an meine Thür.“
Suchend blickt' ich in das Dunkel, aber Alles öd' und leer, –
Tiefe Stille – sonst nichts mehr.*

25

*Furchtbewegt und voll Erstaunen starrt' ich lauschend in die Nacht;
Träume träumend, die zu träumen nie ein Sterblicher gewagt.
Doch die Dunkelheit erfüllte banges Schweigen grauenvoll;
Bis der Name „Leonore“ wie ein leiser Hauch erscholl;
Selber hatt' ich ihn geflüstert, und ein Echo dumpf und schwer*

30

Tönt: „Lenore“, sonst nichts mehr.

Voller Schreck schloß ich die Thüre; horch! Da dringet an mein Ohr
Wiederum das leise Klopfen, etwas lauter als zuvor.

„Diesmal war es keine Täuschung; an das Fenster pocht es sacht“,
Rief ich, „will doch einmal sehen, wer noch kommt in später Nacht.

35

Wer noch kommt zu nächt'ger Stunde. Still, mein Herz, klopf' nicht so sehr!
'S ist der Wind, und sonst nichts mehr.“

Und ich öffnete die Laden; sieh! Da schreitet in's Gemach
Mit bedächt'gem Schritt ein Rabe und mit lautem Flügelschlag.

Würdigt stolz mich keines Grußes und verweilet nicht bei mir;
40

Fliegt, als wär' er hier zu Hause, über meine Stubenthür;
Auf den Helm der Göttin Pallas, auf das Haupt Minerva's hehr
Setzt er sich, und sonst nichts mehr.

Ungeachtet meines Kummers mußst' ich lächeln, denn das Thier
Blickte mit so ernster Miene und so feierlich nach mir.

45

„Ob dir gleich der Kamm geschoren, kannst du doch kein Feigling sein,
Geisterhafter, alter Rabe, denn du kamst gar kühn herein.

Nenne dich, der du aus Pluto's dunklem Schattenreich kamst her“,
Sprach der Rabe: „Nimmermehr.“

Sehr erstaunt' ich, als ich hörte, daß das Thier so deutlich sprach,
50

Wenn gleich wenig Sinn in seiner wunderlichen Antwort lag.
Denn ein Jeder wird gestehen, daß noch nie solch' seltsam Thier
Ueber einer Thür gegessen, wie der alte Rabe hier,
Der bedächtig niederblickte von der Büste zu mir her,
Und sich nannte: „Nimmermehr.“

55

Doch der Rabe, ruhig weilend auf Minerva's Büste dort,
Schwieg, als hätt' er seine Seele ausgehaucht in jenem Wort.
Stumm und regungslos erschien er. Da sprach leis' ich vor mich hin:
„Viele Freunde sind geschieden; morgen wird auch er entflieh'n.
Wie die Hoffnung mir entschwunden, so verläßt mich wohl auch er.“

60

Sprach der Rabe: „Nimmermehr.“

Ganz erstaunt fuhr ich zusammen, als die Antwort ich vernahm.
 „Sicherlich, das Wort ist“, dacht' ich, „Alles was er sprechen kann.
 Und er hat es ohne Zweifel oft von seinem Herrn gehört,
 Der entschwund'nes Glück beweinte, das sich von ihm abgekehrt.
 65

Bis gleich einer Todtenklage dieses Wort, so kummerschwer,
 Tönte: „Nimmer, nimmermehr.“

Wieder muß' ich leise lächeln, war mir gleich nicht froh zu Sinn,
 Und ich schob mir einen Sessel nahe vor den Raben hin.
 Auf das samm'tne Polster sinkend, dachte ich darüber nach,
 70

Warum dieser Unglücksvogel stets das eine Wort nur sprach,
 Das so trostlos klang und trübe, seltsam, schaurig, unheilschwer,
 Dieses: „Nimmer, nimmermehr.“

Doch ich ließ kein Wort verlauten; stille, sinnend blickt ich bang
 Nach dem Raben, dessen Auge sengend bis in's Herz mir drang.
 75

Auf dem weichen Polster ruhend, saß ich da gedankenvoll,
 Und der Lampe Silberschimmer milden Scheines mich umquoll.
 „Ach, auf diesen samm'tnen Kissen“, dacht' ich und ich seufzte schwer,
 „Ruht sie nimmer, nimmermehr!“

Plötzlich war's, als ob das Zimmer süßer Weihrauchduft durchdrang,
 80

Und wie eines Engels Fußtritt, leis' es auf dem Teppich klang.
 „Armer! – Gott hat dir gesendet Lind' rung für dein krankes Herz“,
 Rief ich, „schlüpf' die süße Labe und vergiß den herben Schmerz
 Um Lenoren, die Verlorne. Gräm dich länger nicht so sehr.“
 Krächzt der Rabe: „Nimmermehr!“

85

„Unhold“, rief ich, „Unheilkünder! Hat der Böse dich gesandt?
 Sag' mir Rabe oder Dämon, warf der Sturm dich an dies Land?
 Elend und verlassen weil' ich an dem Ort des Schreckens hier,
 Aber unverzagten Muthes; darum, Rabe, sage mir:
 Heilt das Jenseits uns're Wunden? Dessen nur gieb mir Gewähr.“
 90

Krächzt der Rabe: „Nimmermehr.“

„Unhold“, rief ich, „Unheilkünder! Bei dem Himmel droben sprich;

*Bei dem Gotte, dem wir Beide Ehrfurcht weihen, du und ich
Werd' ich die verklärte Heil'ge, die so früh der Erd' entschwand,
In elysischen Gefilden einst in einem bessern Land*

95

*Wiedersehen, wieder grüßen, selig über'm Sternenheer? "
Krächzt der Rabe: „Nimmermehr!“*

*„Sei dies Wort das Trennungszeichen“, rief ich zorn- und
schreckensbleich.*

*„Fort, hinaus in Sturmesbrausen! Fort in Pluto's Schattenreich!
Laß als Merkmal deiner Lügen keine schwarze Feder mir;*

100

*Laß mich Einsamen in Frieden; fort, du Unhold, fort von hier!
Zieh' zurück den scharfen Schnabel aus der Brust mir, kummerschwer. "
Krächzt der Rabe: „Nimmermehr.“*

*Und der Rabe rührt sich nimmer, stille sitzt er immer, immer
Auf der stillen Büste droben, überströmt vom Lampenschimmer.*

105

*Und sein Aug' ist von dämonisch-träumerischer Gluth erhellt;
Von der Lampe Licht umflossen auf den Flur sein Schatten fällt.
Und auf meine Seele lagert sich der Schatten düster, schwer. –
Ach, und weicht nimmermehr!*

Der Rabe

23.8 Tradução: Betty Jacobson (1880)

*Einst um Mitternacht, gar schaurig, sass ich brütend müd und traurig
Ueber seltsam krausen Büchern, bergend halbvergess'ne Lehr;
Fast schon nickt' ich schlafbefangen, plötzlich draussen kam's gegangen,
Kam wie leise suchend näher, tappte an der Thür umher:*

5

*„'s ist ein Gast wohl,“ murr't ich leise, „tappend an der Thür umher;
Nur ein später Gast, – was mehr?“ –*

*Deutlich ist mir's noch geblieben, im December war's, dem trüben,
Geisterhaft verlöschend hüpfen Funken im Kamin umher,
Heiss herbei sehnt' ich den Morgen, denn aus Büchern Trost zu borgen*

10

*Für den Kummer um Lenore, war mein Herz zu trüb und schwer;
Um Lenoren, die nur Engel droben nennen, licht und hehr! –
Ach, hier nennt sie Niemand mehr!*

*Und das leise Rascheln, Rauschen, wie von seidnen Vorhangs Bauschen,
Füllte mich mit Angst und Grauen, das ich nie gekannt bisher.*

15

*Deutlich fühlt' mein Herz ich schlagen, musste zu mir selber sagen:
„Jemand kommt mich zu besuchen, tappt nun an der Thür umher –
Noch ein später Gast will Einlass, suchend tappt er hin und her;
Nur ein später Gast, was mehr?“ –*

Als besiegt des Herzens Zagen, fing ich deutlich an zu fragen;

20

*„Ob ihr Herr seid oder Dame, um Verzeihung bitt' ich sehr,
Denn ich war so schlafbefangen, und so leis kamt ihr gegangen,
Dass ich zweifle, ob ich wirklich Schritte hörte hier umher“, –
Hier riss ich die Thür auf, draussen – Alles finster, still und leer!
Tiefes Dunkel, und nichts mehr!*

25

*Unverwandt ins Dunkel starrend, stand ich lange, zweifelnd, harrend;
Sann und träumte, wie wohl nimmer Sterbliche geträumt bisher;
Aber lautlos war das Schweigen, Niemand kam sich mir zu zeigen,
Nur ein einzig Wort erklang wie flüsternd aus der Ferne her;
Leise rief ich's: „Leonore!“ – Echo tönte trüb und schwer! –*

30

Dieses Wort, und sonst nichts mehr! –

*Rückwärts trat ich nun ins Zimmer, zagend schlug mein Herz noch immer,
Und schon wieder hört ich's draussen lauter trippeln hin und her;
Diesmal schien das dumpfe Klingen von dem Fenster her zu dringen:
„Dies Geheimnis, ich ergründ' es, schlägt mein Herz auch noch so sehr;
35*

*Still mein Herz, ergründen will ich's, birgt es sich auch noch so sehr; –
's ist der Wind nur, und nichts mehr!“ –*

*Auf schob ich den Fensterriegel, da – mit leisem Schlag der Flügel,
Kam hereinstolzirt ein Rabe, wie aus altersgrauer Mär,
Ohne mit dem Kopf zu nicken, ohne nur sich umzublicken,
40*

*Flog er auf die Pallasbüste, die geschmückt mit Helm und Wehr
Uebern Thürgesimse glänzte, setzte drauf sich oben her;
Sass, und rührte sich nicht mehr.*

*Und mir war's, als wollten fliehen meine trüben Phantasien
Vor dem Raben, der so ernst und gravitatisch blickte her.
45*

*„Ist dein Kopf auch kahlgeschoren, nicht zu grausem Spuk erkoren
Bist du, bist kein grimmes Schreckbild von dem nächtlich düstern Meer,
Sprich, wie ist dein hoheitsvoller Name dort an Pluto's Meer?“ –
Sprach der Rabe: „Nimmermehr!“ –*

*Als ich dieses Wort vernommen, hat mich Staunen überkommen,
50*

*Schien das Wort auch ohne Absicht und als Antwort inhaltsleer;
Denn wer wüsste wohl zu sagen, ob es je in unsern Tagen
Einem Sterblichen begegnet, dass ein Rabe flog daher,
Der zum Sitz die Pallasbüste sich erkor mit Helm und Wehr,
Und sich nannte: „Nimmermehr!“ –*

55

*Und der Rabe sass alleine auf der Büste, sprach das eine
Wort nur aus, als ob es seiner Seele ganzer Inhalt wär',
Liess sonst keinen Laut vernehmen, leblos sass er wie ein Schemen,
Bis ich leise murmelnd sagte: „Morgen, sicher, flieht auch er,
Wie die Freunde mich verliessen, wie die Hoffnung floh vorher!“*

60

Doch da sprach er: „Nimmermehr!“

Nun die Stille war gebrochen durch dies Wort so klug gesprochen,

„Ohne Zweifel,“ sagt' ich, „blieb es übrig ihm aus alter Lehr',
 Einst gehört von einem Meister, den des Unheils böse Geister
 Hart und härter stets bedrängten, bis sein Lied von Klagen schwer,
 65

Bis das Grablied seiner Hoffnung, nur von düstrer Klage schwer,
 Tönte: „Nimmer-nimmermehr!“ –

Doch die trüben Phantasieen vor dem Raben mussten fliehen,
 Und so schob vor Thür und Vogel einen Sessel ich daher,
 Sinnend Haupt in Händen wiegend, mich ins sammtne Polster schmiegend
 70

Sucht ich's forschend zu ergrübeln, was der Rabe ungefähr
 Was der grimme, geisterhafte, ernste Vogel ungefähr,
 Meinte mit dem „Nimmermehr!“ –

Tief in Sinnen so versunken, starrt' ich in des Feuers Funken,
 Und ich mied des Vogels Auge, das gleich einem feur'gen Speer
 75

Mir ins Herz drang; die Gedanken schweiften durch des Lebens Schranken,
 In die sammtnen Polster presste ich mein Haupt so müd und schwer, –
 In die Polster, drauf der Lampe Schimmer flackert hin und her,
 Lehnt ihr Haupt sich nimmermehr!

Da durchwürzt mit einem Male wie aus einer Räucherschale
 80

Schien die Luft, als schritten Engel Weihrauch spendend vor mir her;
 „Ja, ein Gott hat euch gesendet, mir durch Seraphim gesendet,
 Leonoren zu verschmerzen, Trostes lindernde Gewähr! –
 Trink, o trink den Trank aus Lethe, sei Vergessen noch so schwer!“
 Sprach der Rabe: „Nimmermehr!“

85

„Du Prophet, o schrecklich Wesen, Vogel oder Freund des Bösen,
 Sandte dich die Hölle oder warf ein Sturmwind dich hieher?
 Hoffnungslos, doch ohne Zagen, will noch einmal ich dich fragen
 Nach verborgnem Geisterlande, – gieb, o Schrecklicher, Gehör:
 – Find ich Balsam einst in Gilead? – Sprich, o sprich und gieb Gehör!“

90

Sprach der Rabe: „Nimmermehr!“

„Du Prophet, o schrecklich Wesen, Vogel oder Freund des Bösen,
 Bei dem Himmelszelt dort oben, bei des Höchsten Sternenheer,
 Stille meines Herzens Flehen, sprich, ob einst in Edens Höhen
 Ich Lenoren wiederfinde, jene Einz'ge rein und hehr –

95

*Engel nennen sie Lenore, jene Heil'ge rein und hehr.“ –
Sprach der Rabe: „Nimmermehr!“*

*„Sei dies Wort das Abschiedszeichen,“ schrie ich, „fort! In Nacht
entweichen*

*Magst du, Dämon, in die Sturmnacht fort zu Pluto's schwarzem Meer!
Keine Feder vom Gewande lass der Lüge hier zum Pfande,
100*

*Lass mich ungestört und einsam, lass die Büste droben leer,
Zieh den Pfeil aus meinem Herzen, lass den Platz dort oben leer!“
Sprach der Rabe: „Nimmermehr!“*

*Und der Rabe, ohne Regen, ohn' ein Glied nur zu bewegen,
Hockt auf Pallas' bleicher Büste, starr und schwelgend wie vorher;
105*

*Seiner Dämonaugen Funken leuchten wie in Traum versunken,
Seinen Schatten wirft die Lampe schwarz und lang ins Zimmer her,
Und die Seele kann dem Schatten, der am Boden schwankt umher,
Nicht entfliehen – nimmermehr! –*

Der Rabe

23.9 Tradução: Bertha Rombauer (1889)

*Einst in mitternächt'ger Stunde, müde, suchend Wissenskunde
Aus so manchem sonderbaren, alten Band vergeß'ner Zeit,
Als ich fast entschlummert nickte, hört' ich plötzlich wie es pickte,
Als ob jemand höflich wollte klopfen an des Hauses Thor.*

5

*Ein Besuch, so dacht' ich, ist es, klopfend an des Hauses Thor,
So allein vernahm's mein Ohr.*

*O ich hab' es treu behalten, im Dezember war's, dem kalten,
Und die Kohlen im Verglimmen warfen lange Schatten vor.
Eifrig wünschte ich den Morgen, denn vergebens wollt' ich borgen
10*

*Von den Büchern End' der Sorgen, Kummers Ende um Lenor,
Sie, die einst so heiter strahlte, Engel nennen sie Lenor,
Hört nicht mehr den Ruf Lenor!*

*Und der rothen Seide Bauschen, der Gardinen wallend Rauschen,
Quälte, füllte mich mit Schrecken, wie ich nie gefühlt zuvor,
15*

*So daß meine Angst zu stillen, laut ich sprach mit festem Willen:
Ein Besuch, erbittend Einlaß, steht an meines Hauses Thor,
Ein Besuch, der sich verspätet, steht an meines Hauses Thor,
So allein vernimmt's mein Ohr.*

*Schnell verschwand der Seele Schaudern, und nicht länger wollt' ich
zaudern,*

20

*Herr, sagt' ich, oder Madame, ihr Verzeihen mir zuvor,
Aber ich war fast entschlafen, als mein Ohr die Laute trafen,
Und so leise war ihr Klopfen, Klopfen an des Hauses Thor,
Daß ich kaum es hören konnte, – und hier öffnet' ich das Thor,
Finster war's wie nie zuvor.*

25

*In das Dunkel stierend stand ich, Staunen, Zweifel, Furcht empfand ich,
Träumte Träume, wie geträumt sie nie ein Sterblicher zuvor.
Tiefes Schweigen ohne Gleichen, tiefe Stille, nicht ein Zeichen,
Nur das einz'ge Wort gesprochen, nur das leise Wort, Lenor,
Dieses flüstert' ich, – das Echo gab zurück das Wort Lenor,*

30

Und sonst nichts vernahm mein Ohr.

*Als ich mich ins Zimmer wandte, heiß mir's in der Seele brannte,
Klopft es wieder, deutlich hört' ich's, aber lauter als zuvor,
Dort ist etwas, sagt' ich schauernd, dort an meinem Fenster lauernd,
Laßt mich sehen das Geheimniß, zieh'n es an das Licht hervor,*

35

*Still, mein Herz, eine Sekunde, daß ich's zieh' ans Licht hervor,
'S ist der Wind, der klopft ans Thor.*

*Auf schlug ich das Fenster klirrend, als ein Rabe, flatternd, schwirrend
In mein Zimmer trat mit Würde, wie aus heil'ger alter Zeit.*

Nicht den kleinsten Knix er machte, mit den Flügeln schlagend sachte,

40

*Mit der Miene einer Herrin, eines Herrn flog er empor,
Flog auf eine Pallas Büste, von der Thüre schau'nd hervor,
Flog und setzte sich davor.*

*Und verbergend meinen Schauer, lächelte ich trotz der Trauer,
Lächelt' ob dem ernsten, strengen Anstand, den er kehrt hervor.*

45

*Ob dein Kopf geschor'n sich zeige, sagt' ich, bist du doch nicht feige,
Grimm'ger, garst'ger alter Rabe, kommend von der Schatten Thor,
Sag', was ist dein hoher Name, dort an Plutos düsterm Thor?
Niemals mehr, – krächzt er hervor.*

Wenn auch linkisch deine Weise, sprichst du klar doch, sagt' ich leise,

50

*Ob auch wenig Sinn und Aufschluß aus der Antwort geht hervor,
Möchte ich doch jeden fragen, und ein jeder sollte sagen,
Ob schon gleichen Schmuck getragen seines Zimmers Thür und Thor?
Vieh und Vogel, auf der Büste, an des Hauses Thür und Thor,
Niemals mehr, – genannt zuvor.*

55

*Doch der Rab' saß auf dem Steine, auf der stummen Büst', alleine
Rief dies Wort, – als ob die Seele er mit diesem Wort verlor,
Weiter nichts, nicht für noch weder, er bewegte keine Feder,
Bis ich leise murmelnd sagte, and're floh'n davon zuvor,
Morgen wird er mich verlassen, so spricht mir mein Hoffen vor.*

60

Niemals mehr! stieß er hervor.

*Angstvoll daß die Still' gebrochen, durch die Antwort rasch gesprochen,
Dacht' ich, zweifellos sagt' er nur, was er wußte lang' zuvor,
Aufgefaßt von Meisters Munde, den des Unglücks harte Stunde
Hat verfolgt, weit, immer weiter, bis er sich das Wort erkor,
65*

*Und im Liede düster klagend, suchte sich das Wort hervor
Niemals mehr, – als Schluß hervor.*

*So das Thier der Trauer wehrte, meinen Schmerz in Lächeln kehrte,
Schnell rollt' ich die weichen Kissen mir vor Vogel, Büst' und Thor,
In den weichen Sammetkissen sucht' hervor ich all mein Wissen,
70*

*Reihte Bild an Bilder, forschend, was die Absicht von zuvor
Dieses dürr gespenst'gen Vogels, was er wohl gemeint zuvor,
Krächzend, Niemals mehr, mir vor.*

*Und so saß ich rathend, sinnend, doch kein Wort mir abgewinnend,
An den Vogel, dessen Auge stach, als ob es mich durchbohr'.
75*

*Dies noch mehr saß ich erwägend, meinen Kopf zurücke legend
Auf das Kissen, hell beleuchtet, dessen Sammt rings sah hervor,
Ach nie mehr wird dieses Kissens Sammet pressen wie zuvor,
Niemals mehr Sie wie zuvor.*

*Da schien dicht die Luft zu werden, Wesen, nicht daheim auf Erden,
80*

*Düfte spendend, hörbar schreitend, däuchte mir, vernahm mein Ohr,
Elender! schrie ich, Gott wandte sich zu mir, als er sie sandte,
Läßt in Gnade mich vergessen die verlorene Lenor,
Wirf von dir dein mild Bedauern und vergesse sie, Lenor.
Niemals mehr, krächzt Er hervor.*

85

*Prophet, rief ich, Ding des Schlechten! Vogel! Teufel, nicht will rechten
Ich mit dir, ob du Verführer, ob der Sturm dich trieb hervor.
Zweifellos ist es dort wüste, öd' am Strand der Zauberküste
Deiner Schreckensheimath, sag' mir, o gieb Wahrheit meinem Ohr,
Giebt es Balsam in Gilead, Wahrheit, Wahrheit meinem Ohr!
90*

Niemals mehr, krächzt er hervor.

Prophet! rief ich, ohne Zweifel bist Prophet, Thier oder Teufel,

*Bei dem Himmel der uns decket, Gott, zu dem wir sehn empor,
Sag', wird sich die Seel' entringen dieses Kummers, werd' umschlingen
Dort im Eden noch die Maid ich, Engel nennen sie Lenor.*

95

Niemals mehr, stieß er hervor.

*Sei dies Wort des Scheidens Zeichen, Vogel, Teufel, denn entweichen
Sollst du, packen dich zurücke, hin nach Plutos nächt'gem Thor,
Keine Feder dir entfliege als Erinn' rung an die Lüge,
Die du sprachst, nur laß mich einsam und verlaß die Büst' am Thor,*

100

*Nimm den Stachel aus dem Herzen, deine Form von meinem Thor,
Niemals mehr! krächzt er hervor.*

*Und der Rabe rührt sich nimmer, sitzt noch immer, sitzt noch immer,
Auf der bleichen Pallasbüste, schau'nd vor meiner Thür hervor,
In dem Aug' des Bösen Tücke, starres Träumen in dem Blicke.*

105

*Von der Lampe Licht umflossen legt der Schatten sich auf's Thor,
Auch auf meiner Seele liegen Schatten dicht, wie nie zuvor,
Nie mehr hebend sich empor.*

Der Rabe

23.10 Tradução: Hedwig Lachmann (1891)

*Eines Nachts aus gelben Blättern mit verblichnen Runenlettern
Tote Mähren suchend, sammelnd, von des Zeitenmeers Gestaden,
Müde in die Zeilen blickend und zuletzt im Schlafe nickend,
Hört' ich plötzlich leise klopfen, leise doch vernehmlich klopfen
5*

*Und fuhr auf erschrocken stammelnd: „Einer von den Kameraden,“
„Einer von den Kameraden!“*

*In dem letzten Mond des Jahres, um die zwölfte Stunde war es,
Und ein wunderbar Rumoren klang mir fort und fort im Ohre,
Sehnlichst harrete ich des Tages, jedes neuen Glockenschlages,
10*

*In das Buch vor mir versenken wollt' ich all mein trüb' Gedenken,
Meine Träume von Lenoren, meinen Schmerz um Leonore,
Um die tote Leonore.*

*Seltsame, phantastisch wilde, unerklärliche Gebilde,
Schwarz und dicht gleich undurchsicht'gen, nächtig dunklen
Nebelschwaden
15*

*Huschten aus den Zimmerecken, füllten mich mit tausend Schrecken,
So daß ich nun bleich und schlotternd, immer wieder angstvoll stotternd,
Murmelte, mich zu beschwicht'gen: „Einer von den Kameraden,“
„Einer von den Kameraden!“*

*Als bald aber mich ermannend, fragt' ich jede Scheu verbannend,
20*

*Wen der Weg noch zu mir führe: Mit wem habe ich die Ehre,
Hub ich an weltmännisch höflich, Sie verzeihen, ich bin sträflich,
Daß ich Sie nicht gleich vernommen, seien Sie mir hochwillkommen,
Hiemit öffnet' ich die Thüre – nichts als schaudervolle Leere,
Schwarze, schaudervolle Leere.*

25

*Lang in dieses Dunkel starrend, stand ich fürchtend, stand ich harrend,
Fürchtend, harrend, zweifelnd, staunend, meine ganze Seel' im Ohre –
Doch die Nacht blieb ungelichtet, tiefes Schwarz auf Schwarz geschichtet,
Und das Schweigen ungebrochen, und nichts weiter ward gesprochen,
Als das Eine flüsternd, raunend: das gehauchte Wort „Leonore“,*

30

Das ich flüsterte: „Leonore!“

*In mein Zimmer wiederkehrend und zum Sessel flüchtend, während
Schatten meinen Blick umflorten, hörte ich von neuem klopfen,
Diesmal aber etwas lauter, gleichsam kecker und vertrauter.
An dem Laden ist es, sagt' ich, und mich zu erheben wagt' ich,
35*

*Sprach mir Muth zu mit den Worten: Sicher sind es Regentropfen,
Weiter nichts als Regentropfen.*

*Und ich öffnete: Bedächtig schritt ein Rabe groß und nächtig
Mit verwildertem Gefieder in's Gemach und gravitatisch
Mit dem ernstesten Kopfe nickend, flüchtig durch das Zimmer blickend,
40*

*Flog er auf das Thürgerüste und auf einer Pallasbüste
Ließ er sich gemächlich nieder, saß dort stolz und majestätisch,
Selbstbewußt und majestätisch.*

*Ob der herrischen Verfahrens und des würdigen Gebahrens
Dieses wunderlichen Gastes schier belustigt, sprach ich: Grimmer
45*

*Unglücksbote des Gestades an dem Flußgebiet des Hades,
Du bist sicher hochgeboren, kommst du gradewegs von den Thoren
Des plutonischen Palastes? Sag' wie nennt man dich dort? „Nimmer“
Hört' ich da vernehmlich: „Nimmer!“*

*Wahrlich, ich muß eingestehen, daß mich seltsame Ideen
50*

*Bei dem dunklen Wort durchschwirrten, ja, daß mir Gedanken kamen,
Zweifel vom bizarrsten Schlage, – und es ist wohl keine Frage,
Daß dies wunderbarlich Begebniß ein vereinzelt Erlebniß:
Einen Raben zu bewirthen mit solch ominösem Namen,
Solchem ominösen Namen.*

55

*Doch mein düsterer Gefährte sprach nichts weiter und gewährte
Mir kein Zeichen der Beachtung. Lautlos stille ward's im Zimmer,
Bis ich traumhaft, abgebrochen (halb gedacht und halb gesprochen)
Raunte: A n d r e Freunde gingen, morgen hebt auch er die Schwingen,
Läßt dich wieder in Umnachtung. Da vernahm ich deutlich „Nimmer“,
60*

Deutlich und verständlich: „Nimmer“.

*Stutzig über die Repliken, maß ich ihn mit scheuen Blicken,
Sprechend: Dies ist zweifelsohne sein gesamter Schatz an Worten,
Einem Herren abgefangen, dem das Unglück nachgegangen,
Nachgegangen, nachgelaufen, bis er auf dem Trümmerhaufen
65*

*Seines Glücks dies monotone „Nimmer“ seufzte allerorten.
Jederzeit und allerorten.*

*Doch der Rabe blieb possierlich würdevoll und unwillkürlich
Mußt' ich lächeln ob des Wichtes: Aldann mitten in das Zimmer
Einen sammtnen Sessel rückend und mich in die Polster drückend,
70*

*Sann ich angesichts des grimmen, dürren, ominösen, schlimmen
Künders göttlichen Gerichtes, über dieses dunkle „Nimmer“,
Dieses räthselhafte „Nimmer“.*

*Dies und anderes erwog ich, in die Traumeslande flog ich,
Losgelöst von jeder Fessel. Von der Lampe fiel ein Schimmer
75*

*Auf die violetten Stühle und auf meinem sammt'nen Pfühle
Lag ich lange, traumverloren, schwang mich auf zu Leonoren,
Die in diesen sammtnen Sessel nimmermehr sich lehnet, nimmer,
Nimmer, nimmer, nimmer, nimmer.*

*Plötzlich ward es in mir lichter, und die Luft im Zimmer dichter,
80*

*Als ob Weihrauch sie durchwehte. Und an diesem Hoffnungsschimmer
Mich erwärmend, rief ich: Manna, Manna, schickst du Gott, Hosianna!
Lob ihm, der dir Gnade spendet, der dir seine Engel sendet,
Trink', o trink' aus dieser Lethe und vergiß Lenore! „Nimmer“,
Krächzte da der Rabe „Nimmer“.*

85

*„Nachtprophet, erzeugt vom Zweifel, seist du Vogel oder Teufel,
Triumphierend ob der Sünder Zähneklappern und Gewimmer –
Hier aus dieser dürren Wüste, dieser Stätte geiler Lüste,
Hoffnungslos, doch ungebrochen und noch rein und unbestochen,
Frag' ich dich, du Schicksalskünder: Ist in Gilead Balsam?“ „Nimmer“,
90*

Krächzte da der Rabe „Nimmer“.

*„Nachtprophet, erzeugt vom Zweifel, seist du Vogel oder Teufel,
Bei dem göttlichen Erbarmen, löscht nicht diesen letzten Schimmer!
Sag' mir, find ich nach dem trüben Erdenwallen einst dort drüben
Sie, die von dem Engelschore wird geheißen Leonore?*

95

*Werd ich sie dort nicht umarmen, meine Leonore? „Nimmer“,
Krächzte da der Rabe „Nimmer“.*

*Feind, du lügst, heb' dich von hinnen, schrie ich auf beinah von Sinnen,
Dorthin zieh', wo Schatten wallen unter Winseln und Gewimmer,
Kehr' zurück zum dunklen Strande, laß kein Federchen zum Pfande
100*

*Dessen, was du prophezeitest, daß du diesen Ort entweihetest,
Nimm aus meiner Brust die Krallen, hebe dich von hinnen! „Nimmer“,
Krächzte da der Rabe „Nimmer“.*

*Und auf meinem Thürgerüste, auf der bleichen Pallasbüste,
Unverdrossen, ohn' Ermatten sitzt mein dunkler Gast noch immer.
105*

*Sein Dämonenauge funkelt und sein Schattenriß verdunkelt
Das Gemach, schwillt immer mächt'ger und wird immer grabesnächtger –
Und aus diesem schweren Schatten hebt sich meine Seele nimmer –
Nimmer, nimmer, nimmer, nimmer. –*

Der Rabe

23.11 Tradução: Alexander Baumgartner (1892)

*Mitternacht war's, dumpf und schaurig.
 Als ich müd' und matt noch träumte
 Ueber sonderbaren Büchern,
 Weisheit längst verscholl'ner Zeit –*
 5

*Als ich nickte, fast entschlummert;
 Plötzlich da erscholl ein Klopfen,
 Wie wenn einer leise pochte,
 Pocht' an meiner Zimmerthür.
 „Ein Besucher ist's,“ so brummt' ich,*
 10

*„Pochend an der Zimmerthür –
 Das nur ist's und weiter nichts.“*

*Ach! Genau ich mich entsinne,
 Im December war's, dem fahlen.
 Jede Kohle sterbend malte*
 15

*Ihr Gespenst hin auf die Flur.
 Sehrend wünscht' ich, es wär' Morgen;
 Denn vergeblich in den Büchern
 Sucht' ich Trost in meiner Trauer
 Um die todte Leonor,*
 20

*Um die Maid, die selt'ne, lichte,
 Engel nennen sie Lenor
 Namenlos hier immerdar.*

*Jedes düst're, vage Rauschen
 In des Purpurvorhangs Seide*
 25
*Füllte schrill mich mit phantast'schen
 Schrecken, nie gefühlt zuvor.
 Um das Klopfen meines Herzens
 Drum zu stillen, wiederholt' ich:
 „Ein Besucher ist's, der fordert*
 30

Einlaß an der Zimmerthür,

Das nur ist's und weiter nichts. "

*Jetzt ward meine Seele muth'ger,
Und ich zauderte nicht länger.
„Madam oder Herr!“ so sprach ich,
35*

*„Um Vergebung bitt' ich sehr,
Aber ich war eingeschlummert,
Als so leis Sie kamen klopfen,
Als so schwach Sie kamen pochen,
Pochen an der Zimmerthür,
40*

*Daß ich glaubte, mich zu täuschen – –“
Weit riß ich die Thür nun auf
Dunkel nur und weiter nichts.*

*Tief hinein ins Dunkel starrend,
Stand ich lange, staunend, fürchtend,
45*

*Zweifelnd, Wunderträume träumend,
Die ich früher nie gewagt.
Doch rings blieb es todtenstille,
Und die Stille gab kein Zeichen,
Und kein Wort erscholl, nur eines,
50*

*Das ich lispelte: „Lenor!“
Und ein Echo bracht' mein Lispeln
Dummpfer mir zurück: „Lenor!“
Dies allein – und weiter nichts.*

*Und ich ging zurück ins Zimmer,
55*

*In mir brannte heiß die Seele,
Wied'rum hörte ich das Pochen
Etwas lauter als zuvor.
„Sicher,“ sprach ich, „sicher ist das
Etwas an dem Fenstergitter.
60*

*Laß mich sehen, was es da gibt,
Und dem Räthsel forschen nach;
Laß mein Herz ein wenig rasten
Und dem Räthsel forschen nach:
's ist der Wind und weiter nichts. "*

65

*Offen macht' ich nun den Laden,
 Als mit Rascheln und Geflatter
 Kam herein ein mächt'ger Rabe
 Wie aus alter, heil'ger Zeit.
 Nicht den kleinsten Knix er machte,
 70*

*Kein Minütchen blieb, noch ruht' er,
 Vornehm, gleich Lord oder Lady,
 Flog er nach der Zimmerthür,
 Flog auf der Minerva Büste
 Just ob meiner Zimmerthür.*

75

Flog und saß – und weiter nichts.

*Dann entlockt' der schwarze Vogel
 Meinem düstern Geist ein Lächeln*

*Durch die ernste, strenge Würde,
 Die sein Wesen trug zur Schau.*

80

*„Ist dein Kamm dir auch geschoren,“
 Sprach ich, „bist du doch nicht feige,
 Grimmer, alter Geisterrabe,
 Wandernd aus dem Reich der Nacht.
 Welchen hohen Namen trügst du*

85

*In der Nacht pluton'schem Reich?“ –
 Sprach der Rabe: „Nimmermehr.“*

*Sehr erstaunt hört' ich den plumpen
 Vogel mir so deutlich sprechen,
 Ob auch wenig Sinn die Antwort,*

90

*Wenig Wichtigkeit besaß.
 Denn wir müssen doch gestehen,
 Daß kein Mensch lebt, der noch jemals
 Einen Vogel hat gesehen
 Ueber seiner Zimmerthür,*

95

*Vogel – Thier – auf einer Büste –
 Just ob seiner Zimmerthür –
 Mit dem Namen: „Nimmermehr.“*

*Doch der Rabe, auf der stillen
Büste sitzend, sprach dies eine
100*

*Wort nur, gleichsam seine Seele
Legend in das eine Wort.
Nichts ließ weiter er vernehmen,
Keine Feder ließ er rascheln,
Bis ich endlich lauter murrte:
105*

*„And're Freunde längst mich floh'n,
Morgen wird auch er mich lassen,
Wie mein Hoffen schwand bevor.“
Sprach der Vogel: „Nimmermehr.“*

*Stauend hörte ich das Schweigen
110*

*Durch so treffend Wort gebrochen.
„Traun,“ sprach ich, „was er geäußert,
Ist sein ganzes Kapital,
Aufgerafft bei einem Lehrer,
Dem das Unglück auf den Fersen
115*

*Herzlos immer näher rückte,
Bis ein einzig Lied ihm blieb,
Bis der Hoffnung Trauermärsche
Wichen dem Verzweiflungslied:
„Nimmermehr – ach, nimmermehr!“
120*

*Doch der Rabe noch entlockte
Meinem düstern Geist ein Lächeln,
Stracks rollt' ich den Polstersessel
Hin vor Vogel, Büste, Thür.*

*Dann mich in den Sammet senkend,
125*

*Spann ich Traum an Traum, bedenkend,
Was das grimme, geisterhafte,
Plumpe, hag're Unglücksthier
Meinte mit dem „Nimmermehr.“*

*Dieses sucht' ich zu ergründen,
130*

*Doch verrathend keine Silbe
Vor dem Thier, dess' Feueraugen
Brannten mir durch Mark und Bein.
Dies und mehr saß ich erwägend,
Mit dem Haupt bequem mich lehnend*
135

*Auf des Kissens Sammethülle,
Das die Lampe matt beschien,
Dessen Purpursammethülle
Mit dem matten Glanz darüber
Sie wird drücken nimmermehr.*
140

*Dann schien mir, ich athme Weihrauch,
Duftend aus verborg'nen Schalen;
Engel schwangen sie; ihr Fußfall
Tönte auf der weichen Flur.
„Aermster!“ rief ich, „Gott gewährt dir*
145

*Jetzt durch seine Engelsboten
Linderung und süße Labe
In der Trauer um Lenor.
Schlürfe, schlürf die süße Labe
Und vergiß, vergiß Lenor!“*
150

Sprach der Rabe: „Nimmermehr.“

*„Seher!“ sprach ich, „böses Wesen!
Seher, ob Thier oder Teufel!
Ob dich der Versucher sandte
Oder Sturm verschlug zu mir,*
155

*Traurig, aber unerschrocken
In dies spukgequälte Oedland,
In dies Heim, wo Schreckniß waltet,
Ich beschwör' dich, sag mir klar,
Gibt'S in Gilead, gibt es Hoffnung? – –*
160

*Ich beschwör dich, sag mir's klar!“
Sprach der Rabe: „Nimmermehr.“*

*„Seher!“ sprach ich, „böses Wesen!
Seher, ob Thier oder Teufel!
Bei dem Himmel uns zu Häupten,*

165

Bei Gott, der uns beide schuf,
 Sag der schmerzbelad'nen Seele,
 Wird sie einst im fernen Eden
 Selig nah'n der Maid, der heil'gen,
 Engel heißen sie Lenor,

170

Selig nah'n der Maid, der hehren,
 Engel nennen sie Lenor.“
 Sprach der Rabe: „Nimmermehr.“

„Sei dies Wort Signal zum Scheiden,
 Vogel oder Teufel!“ schrie ich.

175

„Kehr hinaus in Sturm und Wetter,
 In der Nacht plutonisch Reich!
 Laß zurück mir keine Feder
 Als ein Zeichen deiner Lüge,
 Laß allein mich, ungebrochen

180

Von der Büste komm herab!
 Fort! aus meinem Herz den Schnabel!
 Fort! von meiner Thür dein Bild!“
 Sprach der Rabe: „Nimmermehr.“

Und der Rabe, nicht sich mucksend,
 185

Sitzt noch immer, sitzt noch immer
 Auf Minerva's blasser Büste
 Just ob meiner Zimmerthür.
 Und sein Auge sticht so bohrend,
 Wie ein Dämon auf der Lauer,

190

Und die Lampe, ihn beleuchtend,
 Malt sein Schattenbild am Grund – –
 Und nie wird sich wieder heben
 Aus dem Schattenbild am Grund
 Meine Seele – nimmermehr!

Der Rabe

23.12 Tradução: Dr. Ernst Schmidt (1903)

*Mitternacht war's, trüb' und schaurig, als ich einstmals mild und traurig
Sinnend saß bei vielen Bänden von verlor'ner Weisheit schwer –
Nickend, fast in Schlaf verfallen, hört' ich leises Klopfen schallen,
Schwach und kaum vernehmlich hallen, wie von meiner Thüre her.*

5

*„Ein Besuch ist's,“ sprach ich leise, „der vorsichtig kommt daher –
Dies nur ist's und sonst nichts mehr.“*

*Im Dezember war's, im kalten – nie vergeß ich's – und es wallten
Von der Aschengluth Gestalten, geisterhafte, um mich her.
Heiß sehnt' ich herbei den Morgen, keinen Trost fand ich geborgen*

10

*In den Büchern für der Sorgen Qual um Sie, die strahlend hehr
Uns entschwand, und die Lenore nennt der Engel heilig Heer –
Ach, hienieden Niemand mehr.*

*Bei dem heimlich leisen Rauschen in des seidnen Vorhangs Bauschen
Ueberfiel mich tiefes Grausen, wie ich nie gefühlt vorher;*

15

*So, des Herzens wildes Schlagen niederkämpfend, zwang zu sagen
Ich mich ohne weit'res Fragen: „Ein Besuch wohl kommt daher.
Ja, ein später Gast nur ist es, Einlaß nur ist sein Begeh'r –
Dieses ist's und sonst nichts mehr.“*

Mich ermannend aus den Träumen, sprach ich ohne läng'res Säumen:

20

*„Ob nun Herr, ob Dame, wirklich um Vergebung bitt' ich sehr;
Nah' d'ran war ich, einzunicken, als in solchen Augenblicken
Euer Klopfen klang wie Ticken, es zu deuten war mir schwer.
D'rum vergebt!“ Hier stieß ich rasch die Thüre auf und vor mir her
Draußen Nacht und sonst nichts mehr.*

25

*Starr in dieses Dunkel schauend, stand ich lange zweifelnd, grauend,
Träume brütend, wie zuvor sie nie gewagt ein Sterblicher;
Doch die Stille gab kein Zeichen, ungebrochen blieb das Schweigen,
Nur „Lenore“ klang's in weichen Flüstertönen zum Gehör.
Ich sprach's selber, und ein Echo hallt es leise wieder her –*

30

Dies allein, nichts weiter mehr.

(Hier fehlen in der Schmidt'schen Uebertragung Verse 6–11. die sich leider nicht haben auffinden lassen. Wir geben sie in der Uebersetzung von Herrn E. F. L. Gauß.)

* * *

*In die Kammer wiederkehrend, meiner Seele Feuer wehrend,
Hört ich abermals das Klopfen, etwas lauter als vorher.
„Sicher,“ sagt ich, „sicher etwas klopft an meinem Fensterladen;*

*Das Geheimniß zu errathen, laß mich nachseh'n was und wer –
35
Laß das Herz mir leiser schlagen, daß ich höre was und wer; –
'S ist der Wind und sonst nichts mehr.“*

*Heftig stieß ich auf den Schragen, als mit Puff und Flügelschlagen,
Schritt herein ein würd'ger Rabe aus der heil'gen Zeit längst her.
Ohne Grüßen schritt der Kühne, wie ein Held tritt auf die Bühne,
40*

*Und mit würdevoller Miene schwebt er auf mit Flügeln schwer,
Setzt sich auf die Pallasbüste über meine Thüre her –
Saß und schwieg und sonst nichts mehr.*

*Und des schwarzen Gastes Fächeln nöthigte mir ab ein Lächeln,
Durch den Ernst in seinen Zügen, durch den Anstand ernst und hehr.
45*

*„Finster Du, wie aus dem Grabe“ sagt' ich „hast nicht Memmengabe,
Geisterhafter alter Rabe, wandernd nächtlich hin und her,
Sag, was ist dein hoher Name an des Plato düstrem Meer?“
Sprach der Rabe: „Nimmermehr.“*

*Und ich wunderte mich weidlich als der plumpe Vogel deutlich
50*

*Antwort gab, zwar ohne Meinung, deren Sinn zu deuten wär'.
Denn wir müssen wohl gestehen, daß wir keinen noch gesehen,
Dem solch Wunder je geschehen, einen Vogel ernst und hehr
Oder Bestie zu erblicken hoch auf seiner Büste schwer
Mit dem Namen „Nimmermehr.“*

55

Doch der Rabe einsam hockend auf der Büste, nimmer stockend,

*Sprach nur dies, als würde dadurch seine Seele leer.
Weiter nichts am Vogel regt sich, keine Feder selbst bewegt sich –
Bis ich seufzte: „Hoffnung legt sich, and're Freunde kamen her –
Und sie haben mich verlassen! Morgen kommt, dann geht auch er.“*
60

Sprach der Vogel: „Nimmermehr!“

* * *

*Stauend, wie das Wort des Raben konnt' den Sinn so passend haben,
Sagt' ich: „Sicher, was er spricht ist seines Wissens ganze Lehr',
Aufgepickt aus lauten Klagen seines Herrn in Unglückstagen,
Die ihn tief in's Elend jagen, bis ihm blieb nichts weiter mehr;*
65

*Bis das Grablied seiner Hoffnung wiederhallte trauerscher,
Hallte: „Nimmer – Nimmermehr!“*

*Doch des Raben keck Benehmen ließ vergessen mich mein Grämen,
Und so schob ich einen Armstuhl näher vor den Vogel her.
Meinen Kopf gestützt auf's Kissen, quält' ich mich, nun doch zu wissen,
70*

*Tief versenkt in tollen Schlüssen, was des Vogels Meinen wär' –
Was der Rabe, geisterhaft und schrecklich schon von Alters her,
Meinte krächzend: „Nimmermehr.“*

*Dieses sucht' ich zu ergründen, ohne durch ein Wort zu künden
Es dem Vogel, dessen glühend Auge brannt' in's Herz mir schwer;
75*

*Dies und mehr noch wollt' ich wissen, meinen Kopf, von Gram zerrissen,
Pressend auf das sammtne Kissen, hell vom Lichtschein d'rüber her.
Ach, auf diesem sammtnen Kissen, hell vom Lichtschein d'rüber her,
Wird Sie ruhen nimmermehr!*

*Plötzlich schien mir's, süße Düfte füllten dicht um mich die Lüfte,
80*

*Und ich hörte, wie von Engeln, leise Schritte um mich her.
„Gott,“ rief ich, „schickt dir Nepenthe durch die Engel, daß sich wende
Gnädig dein Geschick, daß ende deiner Leiden Last so schwer.
Dankbar schlürf', o schlürf' Nepenthe, nie gedenk Lenorens mehr!“
Sprach der Rabe: „Nimmermehr!“*

85

„Vogel,“ rief ich, „oder Teufel! – Doch Prophet mir ohne Zweifel!

*Ob dich der Versucher sandte, ob der Sturm dich warf daher,
Ohne Trost, doch ohne Zagen, in dies öde Land verschlagen,
In dies Heim von Schreckenstagen – Auskunft gib auf mein Begeh –
Giebt es Balsam noch in Gilead, Rettung aus der Qualen Meer? “
90*

Sprach der Rabe: „Nimmermehr!“

*„Vogel,“ rief ich, „oder Teufel! – Doch Prophet mir ohne Zweifel!
Bei dem Gott, zu dem wir beten, du und ich – bei'm Sternenheer –
Sag' der Seele gramzertreten, ob einst in dem fernen Eden
Sie ihr wird entgegentreten, die der Engel heilig Heer
95*

Nennt Lenore – Sie, die Sel'ge, dort in Eden strahlend hehr? “

Sprach der Rabe: „Nimmermehr!“

*„Sei's mit diesem Wort zu Ende! Vogel oder Teufel, wende
Dich zum Sturme wieder“ schrie ich, „und zu Plutos nächt'gem Meer!
Keine Feder laß als Zeichen deines Geists, des lügenreichen,
100*

*Laß mich einsam hier verbleichen, schände nicht die Büste mehr;
Zeuch' hinweg, zerfleisch' mein Herz nicht durch dein Treiben um mich
her.“*

Sprach der Rabe: „Nimmermehr!“

*Und der Rabe ohne Regung, keine Feder in Bewegung,
Sitzt noch immer, sitzt noch immer auf der Büste still und hehr;
105*

*Die dämonisch traumhaft matten Augen glühen, und sein Schatten
Fällt hin auf des Bodens Matten. Meine Seele freudenleer,
Wird aus diesem dunklen Schatten, der da zittert hin und her,
Sich erheben – nimmermehr!*

Anmerkungen (Wikisource)

Gauß, Ernst Franz Ludwig, Vorstand der Chicagoer öffentlichen Bibliothek, früherer evangelischer Pfarrer, literarisch tätig auf dem Gebiet der geistlichen und Gelegenheitsdichtung, Übersetzungen deutscher Dichtungen ins Englische; * Stuttgart 31. August 1842; † Chicago 23. Dezember 1907
Deutsch-Amerikanische Geschichtsblätter 8, 41. In: Biographische Jahrbücher und Deutscher Nekrolog. Band 12. 1907, Totenliste 1907, S. 29* [Internet Archive](#)

Der Rabe

23.13 Tradução: Theodor Etzel (1908/1909)

*Einst in dunkler Mitnachtstunde, als ich in entschwundner Kunde
Wunderlicher Bücher forschte, bis mein Geist die Kraft verlor
Und mir's trübe ward im Kopfe, kam mir's plötzlich vor, als klopfe
Jemand leis ans Tor, als klopfe – klopfe jemand sacht ans Tor.*

5

*»Irgend ein Besucher«, dacht' ich, »pocht zur Nachtzeit noch ans Tor –
Weiter nichts« – so kommt mir's vor. –*

*Oh ich weiß, es war in grimmer Winternacht, gespenstischen Schimmer
Jagte jedes Scheit durchs Zimmer, eh es kalt zu Asche fror.*

Tief ersehnte ich den Morgen, denn umsonst war's Trost zu borgen

10

*Aus den Büchern für das Sorgen um die einzige Lenor',
Um die wunderbar Geliebte – Engel nannten sie Lenor' –
Die für immer ich verlor.*

*Die Gardinen rauschten traurig, und ihr Rascheln klang so schaurig,
Füllte mich mit Schreck und Grauen, wie ich nie erschrak zuvor.*

15

*Um zu stillen Herzens Schlägen, Herzens Zittern, Herzens Zagen,
Mußt' ich murmelnd nochmals sagen: »Ein Besucher klopft ans Tor –
Ein verspäteter Besucher klopft um Einlaß noch ans Tor.«
Sprach ich meinem Herzen vor.*

Alsobald ward meine Seele stark und folgte dem Befehle,

20

*»Herr«, so sprach ich, »oder Dame, ach verzeihen Sie, mein Ohr
Hat Ihr Pochen kaum vernommen, denn ich war schon schlafbenommen,
Und Sie sind so sanft gekommen – sanft gekommen an mein Tor:
Wußte kaum den Ton zu deuten – « und ich sperrte auf das Tor: –
Nichts als Dunkel stand davor.*

25

*Starr in dieses Dunkel spähend, stand ich lange, nicht verstehend,
Träume träumend, die kein ird'scher Träumer je gewagt zuvor,
Doch es herrschte ungebrochen Schweigen, aus dem Dunkel krochen
Keine Zeichen, und gesprochen ward nur zart das Wort »Lenor« –
Zart von mir gehaucht, – wie Echo flog zurück das Wort »Lenor«.*

30

Nichts als dies vernahm mein Ohr. –

*Wandte mich zurück ins Zimmer, und mein Herz erschrak noch schlimmer
Da ich wieder klopfen hörte, etwas lauter als zuvor.*

*»Sollt' ich«, sprach ich, »mich nicht irren, hörte ich's am Fenster klirren,
Oh, ich werde bald entwirren dieses Rätsels dunklen Flor –*

35

*Herz, sei still, ich will entwirren dieses Rätsels dunklen Flor,
Wind wohl machte da Rumor.«*

*Offen warf ich nun die Schalter – flatternd kam herein ein alter
Stattlich großer schwarzer Rabe, wie aus heiliger Zeit hervor.*

Machte keinerlei Verbeugung, keine kleinste Dankbezeigung,

40

*Flog in edelmännischer Neigung zu dem Pallasaupt empor,
Grade über meiner Türe auf das Pallasaupt empor –*

Sass – und stumm war's wie zuvor. –

*Doch das wichtige Gebahren dieses schwarzen Sonderbaren
Löste meines Geistes Trauer bald zu lächelndem Humor.*

45

*»Ob auch schäbig und geschoren, kommst du,« sprach ich, »unverfroren,
Niemand hat dich herbeschworen aus dem Land der Nacht hervor.*

Tu mir kund, wie heißt du, Stolzer, aus Plutonischem Land hervor?«

Sprach der Rabe: »Nie du Tor.«

Daß er sprach so klar verständlich – ich erstaunte drob unendlich,

50

Kam die Antwort mir auch wenig sinnvoll und erklärend vor.

Denn noch nie war dies geschehen: Über seiner Türe stehen

Hat wohl keiner noch gesehen solchen Vogel je zuvor,

Über seiner Stubentüre auf der Büste je zuvor,

Mit dem Namen »Nie du Tor.«

55

Doch ich hört' in seinem Krächzen seine ganze Seele ächzen,

War auch kurz sein Wort und brachte er auch nichts als dieses vor.

Unbeweglich sah er nieder, rührte Kopf nicht noch Gefieder,

Und ich murrte, murmelnd wieder: »Wie ich Freund und Trost verlor,

Werd ich morgen ihn verlieren – wie ich alles schon verlor.«

60

Sprach der Rabe: »Nie du Tor.«

*Seine schroff gesprochenen Laute klangen passend, daß mir graute,
 »Aber«, sprach ich, »nein, er plappert nur sein einzig Können vor,
 Das er einem Herrn entlauschte, dessen Pfad ein Unstern rauschte,
 Bis er letzten Mut vertauschte gegen trüber Lieder Chor –*

65

*Bis er trostlos trauerklagte in verstörter Lieder Chor
 Mit dem Kehrreim »Nie du Tor«.*

*Da der Rabe das bedrückte Herz zu Lächeln mir berückte
 Rollte ich den Polsterstuhl zur Büste, Tür und Vogel vor,
 Sank in Sammsitz, nachzusinnen, Traum mit Träumen zu verspinnen,*

70

*Über solchen Tiers Beginnen: was er wohl gewollt zuvor –
 Was der alte finstergrimme Vogel wohl gewollt zuvor
 Mit dem Krächzen »Nie du Tor«.*

*Saß, der Seele Brand beschwichtend, keine Silbe an ihn richtend,
 Seine Feueraugen wühlten mir das Innerste empor.*

75

*Saß und kam zu keinem Wissen, Herz und Hirn schien fortgerissen,
 Lehnte meinen Kopf aufs Kissen lichtbegossen – das Lenor
 Pressen sollte – lila Kissen, das nun nimmermehr Lenor
 Pressen sollte wie zuvor!*

*Dann durchrann, so schien's die schale Luft ein Duft aus Weihrauchschale
 80*

*Edler Engel, deren Schreiten rings vom Teppich klang empor.
 »Narr!« so schrie ich, »Gott bescherte dir durch Engel das begehrte
 Glück Vergessen: das entbehrte Ruhen, Ruhen vor Lenor!
 Trink, oh trink das Glück: Vergessen der verlorenen Lenor!«
 Sprach der Rabe: »Nie du Tor!«*

85

*»Weiser!« rief ich, »sonder Zweifel Weiser! – ob nun Tier, ob Teufel –.
 Ob dich Höllending die Hölle oder Wetter warf hervor,
 Wer dich nun auch trostlos sandte oder trieb durch leere Lande
 Hier in dies der Höll' verwandte Haus – sag, eh' ich dich verlor:
 Gibt's – oh gibt's in Gilead Balsam? – sag mir's, eh ich dich verlor!«*

90

Sprach der Rabe: »Nie du Tor.«

*»Weiser!« rief ich, sonder Zweifel Weiser! – ob nun Tier ob Teufel. –
 Schwör's beim Himmel uns zu Häupten – schwör's beim Gott, den ich*

erkor –

*Schwör's der Seele so voll Grauen: soll dort fern in Edens Auen
Ich ein strahlend Mädchen schauen, die bei Engeln heißt Lenor –
95*

Sie, die Himmlische, umarmen, die bei Engeln heißt Lenor?«

Sprach der Rabe: »Nie du Tor.«

»Sei dies Wort dein letztes, Rabe oder Feind! Zurück zum Grabe.

Fort! zurück in Plutons Nächte!« schrie ich auf und fuhr empor.

*»Laß mein Schweigen ungebrochen! Deine Lüge, frech gesprochen,
100*

Hat mir weh das Herz durchstoßen. – Fort, von deinem Thron hervor!«

Heb' dein Wort aus meinem Herzen – heb dich fort, vom Thron hervor!«

Sprach der Rabe: »Nie du Tor.«

Und der Rabe rührt sich nimmer, sitzt noch immer, sitzt noch immer

Auf der blassen Pallasbüste, die er sich zum Thron erkor.

105

Seine Augen träumen trunken wie Dämonen traumversunken,

Mir zu Füßen hingesunken droht sein Schatten tot empor.

Hebt aus diesem meine Seele jemals wieder sich empor? –

Niemals mehr – oh, nie du Tor!

**“CORBUL”
TRADUÇÕES ROMENAS**

24 Traduc o: Iuliu Cezar Săvescu (1855)

Corbul

*Sunase miezul nopții, pierdut în cugetare,
 Mai răsfoiam volume, uitate și bizare,
 Când cineva la ușe bătu ușor, ușor.
 Era cam prin Decembrie, murindul foc, din umbre
 Fantastice pe ziduri, svârlea contururi sumbre,
 Iar eu cătam, zădarnic, în cărți vreun ajutor.
 La chinurile mele, la vechiul meu amor
 La dânsa, tot la dânsa zbura a mea gândire,
 La palida Lenora, a cărei strălucire
 În lume n-are seamăn, și căreia, în cer,
 Chiar îngerii, Lenora îi zic. Dar ce mister,
 Căci totul, chiar mișcarea perdelei de mătase,
 O strașnică teroare în nervii mei băgase,
 Și ca să-mi țin curajul, în mine singur zic:
 “O fi vr’o cunoștință și altceva nimic!”
 Și fără-a pierde vreme, strigai: “Vă cer iertare,
 “Aproape adormisem când ați bătut,
 Și-n stare n-am fost s-aud și apoi băteți încet de tot!”
 Deschid, mă uit, dar nimeni, și să pătrund nu pot
 A nopții întunecime. Ce vis ciudat mă-nșeală?
 Strigai încet: Lenora!” Ecoul, cu sfială
 Repetă scumpul nume, și altceva nimic!
 Am reintrat în casă, dar făr’ a pierde vreme
 Același sunet vine, din nou să mă recheme.
 Bătaia era clară. De astă dată-mi zic:
 “S-aude la fereastră, acuma, deci, urmează
 “Să luminăm misterul ce-atât mă torturează,
 “Și să vedem, nu-i vântul? ...” Deschid, un corb măreț,
 Bătând frumos din aripi, se năpusti în casă,
 Și fără plecăciune, ca un baron se lasă
 Pe bustul divei Pallas, privindu-mă-ndrăzneț.*

*În fața unui oaspe cu mutră de cucernic,
 Și negru ca ebenul, cercasem în zadar
 Să stăpânesc un zâmbet, apoi, cu glas puternic,
 Strigai: “Pe țărmiile nopții ce nume prințiar
 Ai tu?” El, la-ntrebare, răspunse: “Niciodată!”*

Răspunsul, pentru mine, era fără-nțele,
 Și cine-avu prilejul a întâlni vreodată
 O pasăre lugubră, și noaptea mai ales
 Când este în putere, să șadă cocoțată
 Pe bustul divei Pallas, s-o cheme "Niciodată!"

Dar corbul numai două cuvinte-avu de zis
 Și parcă-ntregu-i suflet în ele și-a închis!
 Atunci șoptii: "Mulți alții s-au dus de lângă mine,
 "Din cei iubiți; ca mâine și dânsul va zbura.
 "Și dânsul se va prinde în tristele ruine,
 "Ca stolul de iluzii ce-atât mă-nconjura!"
 Iar pasărea sinistră răspunse: "Niciodată!"

Desigur, aste vorbe le-a învățat vreodată
 De la un om de soartă și ceruri prigonit,
 Un om fără iluzii și-atâta de zdrobit
 Încât, văzându-și viața de soartă blestemată,
 Nu mai putea să spere în lume: "Niciodată!"
 Trăsei, în a lui față, un scaun și-ncercai
 Să aflu ce-nțelege o pasăre ciudată
 Și slabă, și stingheră, și tristă, fără grai,
 Printr-un refren ce vecinic răsună: "Niciodată!"

Nu-i mai vorbii, căci ochii ca flacăra-i ardeau
 Și cu săgeți nestinse în suflet mă izbeau.
 Și ca să-i aflu gândul, am stat în nemișcare
 Pe scaunul de plisă, albastru-violet,
 Pe care se rășfrânge lumina-ncet încet,
 Lumina sepulcrală din lampa suspendată,
 Ce n-o va mai aprinde Lenora: "Niciodată!"

Atunci oftai mai liber, părea că prin văzduh
 Plutește ca parfumul, al îngerilor duh;
 "Oh! Crud și mizerabil! – strigai atuncia – Domnul
 Din toată omenirea pe mine m-a ales?
 Oh! Bea, fără nesațiu, divinul Nephemés
 Și uită pe Lenora, pe scumpa răposată!"
 Iar corbul, grav și rece, răspunse: "Niciodată!"

"Profete sau mai bine tu pasăre-a pieirii,
 "Tu pasăre sau demon, în numele iubirii,

*“Fiindcă Satan te mână în casa-mi dezolată,
 “Răspunde-mi se mai află balsamuri la Gadei?”
 Dar pasărea lugubră răspunse: “Niciodată!”*

*“Tu pasăre sau demon, profet, te jur pe zei,
 “Pe zeii-n care credem și eu și tu cu mine,
 “Oh, spune, al meu suflet așteaptă de la tine.
 “Voi mai vedea în ceruri pe tânăra curată,
 “Lenora?” Însă corbul răspunse: “Niciodată!”
 “Te du, răcnii atuncea, și lasă-mă, te du
 “Acolo unde Pluton, azilul îți dădu.
 “Un fulg să nu rămână din carnea-ți blestemată,
 “Să-mi mai aducă-aminte minciuna ce mi-ai spus.
 “Mă lasă-n pustnicie, atâta am de spus.”
 Dar corbul și acuma răspunde: “Niciodată!”*

*Și corbul, mut și rece, cu aripile grele,
 Pe bustul divei Pallas, deasupra ușii mele,
 Încremenit rămase, iar ochii lui de foc
 Lucesc ca ai Satanei și al luminii joc,
 Pe scânduri îi răsfrânge lumina blestemată,
 Ce nu se va mai șterge acum și “Niciodată!”*

1855

Cf. Disponivel em: https://ro.wikisource.org/wiki/Corbul_din_Edgar_Poe. Acesso em: 12 set. 2017.

CORBUL

24.1 Traduc o: Grigore D. Pencioiu (1891)

Într-o noapte-nfrico at ,
 Trist, cu mintea sbuciumată,
 Stam la sfat cu amintirea unor timpuri din trecut,
 C nd de-o crudă oboseală
 Adormisem o clipeală.
 Nu  tiu, cine-ncet la u e c  bătea mi s-a părut,
 "Vreun pribeag ce r t ce te pe la u a mea - îmi zic -
 Vreun pribeag  i alt nimic".

Era frig. Ploua într-una;
  n Decembre era luna;
 Un filf ietor jeratec r sp ndea un foc pripit,
 Ah, de-ar trece noaptea iute,
 Căci prin c r i, prin foi pierdute
 Cat zadarnic m ng iere după fata ce-am iubit,
 După fata, ce "Lenora"  ngera ii to i  i zic,
 Ah!  i-aicea nu-i nimic!

Orice sgomot, orice  oapte,
  n acea grozavă noapte,
 De tepta în mine-o spaimă nesim it  p n-aici;
 Ca să aflu u urare,
  ncepui în gura mare
 Să vorbesc: "de n-ar fi oare un pribeag, ce poate fi? -
 Da, pribeag ce r t ce te pe la u a mea, îmi zic.
 Asta e -  i alt nimic".

U urat de-o grea povară,
 Dau, degrab, să ies afară.
 "M  ierta i - zic tare - Doamnă, Domnule sau cine ai fi -
 Dar să crezi, de oboseală
 Adormisem o clipeală
  i-ai bătut prea-ncet la u e că abia se auzi"
 Intră - zic  i deschid u a - intră-odată - iar i zic,
  ntuneric, alt nimic.

 mpietrit de-o groază-ad nc ,

Privesc noaptea, privesc încă,
 Visînd vise nevisate încă de vreun muritor.
 Auzeam în pacea-ntinsă,
 Bătînd inima-mi învinsă
 Și-un cuvînt șoptit: "Lenora", dureros și zdrobitor,
 Îl șoptisem eu; - ecoul mi-l repetă cînd îl zic;
 Dar atît și alt nimic.

Intru iar. Ploua într-una
 Eram trist ca-ntotdeauna,
 Cînd din nou același sgomot tot mai clar îl înțeleg
 Le fereastră e. Mai bine
 Aș cerca, gîndesc în mine,
 Să pătrund această taină și enigma s-o dezleg;
 "Liniștește-te, n-ai frică, inimă sărmană - zic -
 Bate vîntul - nu-i nimic".

Și degrab, zicînd aceasta,
 Prind curaj, deschid fereastra,
 Înăuntru văd că intră un corb negru și robust;
 Nu-mi dădu l-a lui venire
 Nici un semn de mulțumire,
 Maiestos și grav s-așează lîngă ușe pe un bust,
 Plin de ploaie se tot strînge și se face tot mai mic;
 Doar atît și alt nimic.

Și cum stam, privind într-una,
 Deși trist ca-ntotdeauna,
 Începui să rîd, văzîndu-l cît de mîndru mă privea.
 "Ești bătrîn, dar văd prea bine
 Că n-ai pic de frică-n tine,
 Spune-mi, în împărăția lui Pluton cum te chema
 Corb bătrîn, ce-n miezul nopții rătăcești prin lumea toată?"
 Corbul zise: "Niciodată".

Ascultîndu-l cum vorbise,
 Spaima morții mă-mpietrise,
 Căci deși răspunsu-acesta ne-nțeles ar fi oricui,
 Drept vorbind, în lumea toată,
 Nimănuia, niciodată
 Nu i s-a-ntîmplat să-i intre un corb noaptea-n casa lui,
 Care mîndru să-l privească cu vederea-nflăcărată
 Și să-l cheme: "Niciodată."

Corbul vorba-și întrerupse,
 Par-atît, atît știuse,
 Parcă-ntreaga lui făptură se topise-ntr-un cuvînt;
 Împietrit și mut rămase,
 Cum pe bust se așezase,
 Făr' să miște fulg de pene, făr' să zică alt cuvînt,
 Pînă cînd rupsei tăcerea: "Ai sburat cu alții-n ceată?"
 Corbul zise: "Niciodată."

Îmi suna prin minte încă,
 Vorba corbului adîncă
 Și-mi zisei, Asta-i, pesemne, toată învățătura lui,
 Ce - desigur - el o are
 De la biet stăpîn-său, care
 Dureros lovit de soartă, fără știrea nimănui,
 Și-a cîntat nenorocirea și durerea-adînc săpată
 Cu refrenul: "Niciodată."

Și cum stam, privind într-una,
 Deși trist ca-ntotdeauna
 Începui să rîd. În fine, pe-un fotoliu am căzut
 Și cu brațe-ncrucișate
 M-am lăsat atunci pe spate,
 Cugetînd la corbul, care rămăsese iarăși mut,
 Cugetînd să pot pătrunde taina lui nemăsurată
 Și cuvîntul: "Niciodată."

Și gîndind, gîndind întruna,
 Eram trist ca-ntotdeauna:
 Ochii lui ca două flăcări drept în suflet mă ardeau, -
 Și gîndind, mi-aduc aminte
 De atîtea dulci cuvinte,
 Cînd pe perna de mătasă odihnind, mi le șoptea
 Ea, Lenora, ce de mine n-ar fi vrut să se despartă,
 N-ar fi vrut, ah! niciodată.

Împrejurul meu se-nalță
 O fantastică viață
 Și privesc, plutind în ceruri îngerii din infinit;
 "Dumnezeu puternic, mare,
 Îmi trimite îndurare"
 Am strigat. "De-acuma uită pe Lenora ce-ai iubit,

*Te ridică iar și uită pe Lenora adorată; -
Corbul zise: "Niciodată!"*

*"Demon, spirit de urgie,
De ești corb, de ești stafie,
Pe-acel Dumnezeu, la care se închină mare, mic,
Spune drept: în lumea l-altă
Voi putea găsi vreodată
Pe iubita, ce Lenora îngerașii toți îi zic,
Pe Lenora ce am pierdut-o, pe Lenora adorată?"
Corbul zise: "Niciodată."*

*Demon, spirit de urgie,
De ești corb, de ești stafie,
Fugi, dispari de dinainte-mi, sboară la lăcașul tău, -
Și să nu-mi lași, ca dovadă
De minciuna ta să-ți cadă
Nici un fulg. Te-ntoarce-n haos, sboară de pe bustul meu,
Și din inima-mi rănită scoate-ți ghiara sîngerată."
Corbul zise: "Niciodată."*

*Și de-atunci, de-atunci, într-una,
Corbul stă, ca-ntotdeauna,
Așezat pe bust, de-asupra, negru, nemișcat și greu;
Ochii-i roșii, ca de sînge,
Drept în suflet mă străpunge,
Umbra aripelor negre se întinde tot mereu;
Biata inimă, zadarnic spre scăpare drum își cată, -
N-o să scape - niciodată!*

(Romînul literar, 1891, nr. 19, p. 146)

Cf. Disponivel em: <https://sites.google.com/site/theravencorbul/home/pencioiu-grigore-d>. Acesso em: 12 set. 2017.

**“KRUK”
TRADUÇÕES POLONESAS**

Kruk

25 Tradução: Przełożyła Barbara Beaupré (1910)

*Raz w godzinie widm północnej
 Rozważałem w ciszy nocnej
 Mądrość dawnych ksiąg przestawnych
 Zapomnianych dzisiaj już.
 W tem znużoną chyląc głowę,
 Na pożółkłe karty owe
 Słyszę oto w nocną ciszę
 Kołatanie do drzwi, tuż.
 Gość to myślę, u podwoi,
 Zapóźniony u drzwi stoi.
 Pragnie wejść choć późno już.
 Gość, lecz jaki? Któżby? Któż...?*

*Grudzień to był wichrem śpiewny,
 Lampy mojej blask niepewny
 Kładł u stóp mych cienie drżące
 Jak gasnących płatki róż.
 Chciałem, nim dnia wróci białość
 W starych księgach uśpić żałość,
 Za promienną, rzadką dziewczę
 Gdzieś zniknioną w blaskach zórz.
 Za straconą, oplakaną
 Dziś Lenorą w Niebie zwaną
 Co w dal senną, bezimienną
 Poszła i nie wróci już.*

*Słyszę smętne snując mary
 Purpurowej szum kotary.
 Fantastycznym zdjęty lękiem
 Nie wiem, co mam myśleć już.
 Tłumiąc trwożne serca bicie
 Chciałem lęk ów uśpić skrycie
 Powtarzając: „U podwoi
 Gość spóźniony jakiś stoi,
 Pragnie wejść choć późno już
 Cóż innego? Cóżby? Cóż?*

*Wreszcie płonnej zbywszy trwogi
 Bez wahania szedłem w progi,
 Gdzie u wnijscia, mego przyjscia
 Czeką gość wśród nocnych burz.
 — Panie! — rzekłem — czy też Pani!
 Wasze lekkie kołatanie
 Tak ostrożne, ciche, trwożne,
 Ledwie do mnie doszło już.
 Bylem senny, śniłem może,
 Raczcie wejść, wnet drzwi otworzę.
 Otworzyłem, lecz na dworze
 Nic, prócz nocnych wichrów, burz.*

*Nie śmiać wejść w te pustki ciemne
 Stałem długo... Sny tajemne...
 Marząc, jakich nikt śmiertelny...
 W taką noc nie wyśni już.
 A przedemną ciemność głucha,
 Wicher tylko z jękiem dmucha,
 Niosąc jedno imię smętne,
 Tej, co zgasła w blaskach zórz.
 Imię to Len o r a! śpiewne,
 Wyrzekł ktoś... To ja zapewne
 Sam je rzekłem w tę noc burz
 Bo któż inny? Któżby, Któż?*

*Więc na miejsce wracam dawne,
 By znów badać księgi sławne
 Lecz znów słyszę, w nocną ciszę
 Kołatanie, bliżej, tuż!
 Czując żar płonący w łonie
 Myślę:... „chyba w nocnej toni
 Wicher w szyby okien dzwoni,
 Wichr, co jęczy w tę noc burz.
 Okno w ciemną noc otworzę
 Wicher w szyby dzwoni może
 Cóż innego! Cóżby? Cóż?*

Otworzyłem. I wnet potem
 Szumnym, pewnym, równym lotem
 Czarnopióry kruk wspaniały
 Prosto ku mnie leciał już.
 Ni się wstrzymał, ani zbaczał,
 Ku drzwiom moim lot zataczał
 Gdzie u góry biust Pallady
 Jak domowy świeci stróż.
 Na Pallady posąg biały
 Wzleciał czarny kruk wspaniały
 Czarnopióry demon burz.

Nie chcąc by gość hebanowy
 Przejrzał z marzeń mych osnowy
 Nawał mętnych myśli smętnych
 Co mój duch obległy już.
 Rzekłem siląc się na żarty:
 — Choć czub nosisz mocno zdarty,
 Wiem, żeś nie jest zwykłym kurem
 Co przy ziemi gdacze tuż.
 Tyś wędrowny kruk prastary
 Co piekielne rzucił mary
 Z Plutonowych spiesząc wzgórz
 Powiedz jak cię tam nazwano?
 Jakie nosisz wśród nich miano
 A kruk rzecze:
 — Nigdy już!

Lęk ogarnął mnie bezradny,
 Na ten dziw tak bezprzykładny,
 Że się do mnie ten twór ptasi
 Tak odrazu ozwał już.
 Bo pomyślcie tylko sami!
 Jak to dziwnie!? gdzieś nad drzwiami
 Kędy biały biust Pallady
 Jak domowy świeci stróż
 Widzieć taki twór ponury,
 Wyszły, straszny, czarnopióry
 Co się zowie:
 — Nigdy już!

Na popiersiu cicho tkwiący
 Siedział czarny kruk milczący
 Jakby w słowie, które wyrzekł
 Całą duszę zawarł już.
 Więc ja w smętnej rzekłem mowie:
 — Jak odbiegli mnie druhowie
 Jak nadziei jasne gońce,
 W zmierzch wieczornych zgasty zórz,
 Tak nim ranny brzask zaświeci
 Gość skrzydlaty mnie odleci!
 A kruk rzecze:
 — Nigdy już!

Słyszac znów tak trafną mowę,
 Rzekłem wznosząc trwożnie głowę,
 Gdzie nad cichą biel posągu
 Wzleciał czarny demon w róz.
 — Bez wątpienia, w słów twych treści
 Echo się dalekie mieści,
 Myśli smętnych, mar natrętnych,
 Co obległy w tę noc burz,
 Pewien duch, którego śladem,
 Idzie troska z czołem bladym,
 Wiecznie za nim kroczy tuż
 By w niezmiennej mu kolei
 Nucić zgastych pieśń nadziei
 Jedną zwrotkę:
 — Nigdy już!

Lecz znów chciałem pokryć śmiechem
 Lęk i smutek. Więc z pospiechem
 Odwróciłem krzesło w stronę
 Gdzie posepny zasiadł w róz
 Potem twarzą w twarz patrzący,
 Jąłem sam rozważać drżący,
 Co chciał rzec ten cicho tkwiący
 Czarnopióry poseł burz?
 Jakie mógł złowrózbné mary?
 Snuć upiorny kruk prastary

*Kracząc swoje:
— Nigdy już!*

*Na poręczy wsparłem głowę
Wciąż domysły snując nowe,
Już nie rzekłszy nic do ptaka,
Co nad biustem siedząc tuż
Oczy we mnie wpił błyszczące,
Jako żagwie dwie płonące,
Paląc serce mego łona
Jak pożarnych ogniem zórz.
I tak w dziwnych mar osnowie
Czoło wsparłem o wezłowie
Gdzie się kładły mętne blaski
Jak opadłych płatki róż.
Na wezłowiu głowę kładę,
Gdzie Lenory czoło blade
Już nie spocznie nigdy już!*

*Naraz w nocnej ciszy łonie
Słodkie się rozeszły wonie,
Jakby mięko, cicho ręką
Ktoś wonności rozlał kruż,
Chłonąc wonnych dym kadzideł,
Usłyszałem jakby skrzydeł,
jakby lekkich stóp anielskich
Cichy szelest blisko, tuż!
— Panie! — rzekłem — Ty łask zdroje
Przez anioły szlesz mi swoje,
Balsamicznych lek nektarów
Gdzieś z niebiańskich zsyłasz zórz.
Przychyl ustom wonnej czary,
Bym przepomniał smętnej mary
A ból we mnie zmilknie stary
A kruk rzecze:
Nigdy już!*

*— Kruku! — rzekłem — Hej wróżbito!
Czarnych potęg zły najmito!
Powiedz czyś ty twór śmiertelny*

Czy piekielnych mocy wróż?
 Z jakich burz niezłękłych gromem
 Nad tym smętnym zwisłeś domem
 Jakby nocnych wichrów złomem,
 Z Plutonowych zwiany wzgórz.
 Powiedz błagam wrózu stary!
 Czy te rajskich wód nektary?
 Czy ta Serafinów dłonią
 Kołysana wonna kruż
 Zniszczy we mnie żalu piętno,
 Za Lenory marą smętną
 A kruk rzecze:
 Nigdy już!

— Kruku! — rzekłem znów — wróżbito!
 Czarnych potęg zły najmito!
 Niewiem czyś ty twór śmiertelny?
 Czy piekielnych posel burz?
 Lecz na święte Niebios godło
 Co z nicości nas wywiodło
 Powiedz, błagam dziwny ptaku!
 Z Plutonowych zwiany wzgórz
 Mów! czy ból mój i tęsknota,
 Za Edeńskie spłyną wrota,
 Gdzie Lenory duch promienny
 Wród niebiańskich gości zórz
 Czy w Edeński kraj daleki
 Wnijdę złączon z nią na wieki?
 A kruk rzecze:
 — Nigdy już!

Więc gniew we mnie wezbrał mocny
 I krzyknąłem: ptaku nocny!
 Niech cię znów na zrab piekielny
 Grom niezłękłych niesie burz.
 Zwiń te skrzydła co się ścielą
 Nad posągu cichą bielą.
 Zdejm mi z serca dziób twój ptasi
 Co jak ostry razi nóż.
 Niechaj kłamny byt twój zgaśnie
 Jak przebrzmiałych echo baśni,

*Snem śmiertelnym cicho zaśnij!
 W bezpamiętnych toni mórz.
 Precz odemnie! W kraj daleki
 Odejdź ztąd, lub zgiń na wieki
 A kruk rzecze:
 — Nigdy już!*

*I wciąż siedzi cicho tkwiący
 Czarnopióry kruk milczący
 Kędy blady biust Pallady
 Jak domowy świeci stróż.
 A wzrok jego w snów pomroce
 Błyskiem dziwnych skier migoce
 Jak sennego wzrok demona,
 Co z piekielnych spłynął wzgórz.
 Lampy mojej światłość blada
 Na twór ptasi cicho pada
 Czarnopióre cienie drżące
 U stóp moich kładąc tuż.
 A z tych cieni co się włóczą
 U stóp moich marą kruczą
 już mnie żadne moce władne
 Nie wyzwolą
 Nigdy już!*

Cf. Disponível em: https://pl.wikisource.org/wiki/Kruk_%28Poe,_1910%29. Acesso em: 12 set. 2017.

**“A HOLLÓ”
TRADUÇÕES HÚNGARAS**

A holló

26 Tradução: Csillag Imre (1918)

*Szellemórán elmerengve, elmerülve gyászkeservbe,
Búsan ültem, mint ki csábos mély titok nyomára vár.
Kába fővel álmodoztam... halk nesz ébreszt... fölriadtam:
Ablakomra zápor koppan?... Megzörrent a zár talán?...
"Vándor utas téved erre," gondolám, - s ajtómon áll,
Éj sötéten más se jár."*

*Jól emlékezem reája, bús december-éjszakára,
Szénparázs tüzelve lángol, lobbanón mint szellemárny.
Pirkadó hajnalra vágyva, ócska könyvem szertetarva,
Hív szerelmemért ez árva szívem enyhet nem talál.
Égi angyal fönt Lenóra... Elragadta bösz Halál...
Szent e név és nincs ma már!*

*Zúgva libben függöny szárnya, mint kísértet síri árnya,
S vérfagyasztó rémületbe ejt a néma borzadály.
Bátorítva gyáva szívem, biztatóan szóltam így:
"Vándor utas ez, ki hiven éji vackot kérve vár.
Ő az ott, ki nyitja ajtóm s zörg kezében künn a zár,
Erre senki más se jár."*

*Megnyugodva, eltökélve kérdezém - ... -: küszöbre lépve:
"Szól, ki jár itt? Úr-e? Hölgy-e? Hol hazád és mit kívánsz?
M megbocsáss, ha késlekedve nyílik ajtó halk neszedre,
Búslakodtam elmerengve, sejtve sem, hogy künn te vársz."
S tárva-nyitva áll az ajtó: "Kóbor utas térj be már!"
...S néma Éj vak csöndje vár...*

*Síri csöndbe semmisülve, kábulattal elgyötörve,
Álmodtál, tébolyálmot, mint halandó senki más...
Bűvös-átkos szellemóra! Vak-siket ma könnyre-szóra!...
Csak e drága név "Lenóra" méla Éjben esdve száll...
Sírva hívja őt a Viszhang, kit e lélek visszavár,
S nem felelhet ő ma már...*

*Kis lakomba visszatérve, sápadozva, lázban égve,
Koppanással, zörrenővel bánt a lárma újra már.*

Ablak zárja rázva roppan "Tél viharja tombol ottan?
 - Így tűnődöm zaklatottan. - Nincs ma hit csodába, már!
 Csöndesülj te árva szívem, megnyugodsz te végre már:
 Szélviharra zörg a zár."

Ablakszárny csikorogva tárul, s rémmeséim hajdanából
 Éjsötéten ím beszárnyal vén kopott hollómadár.
 Mit se félve, szét se nézve, szárnycsapással célhoz érve
 Fölkereng ajtóm fölébe s hetykemód reája száll,
 Pallasz ódon mellszobrára rátelepszik, lesbe áll,
 S ott megülve, csöndbe' vár.

Mint sötét ébenfabálvány gunnyad ott magányos árván,
 Ünnepeyles furcsa göggel, s bús mosollyal gúnyolám:
 "Vén csupaszfejű barátom, kéregetve jársz e tájon?
 Megkopott a toll csuhádon, mért nem ülsz Styx partinál?
 Mért jövel te Mit kutatsz te? Mondd neved meg végre már!"
 S károg erre: "Kár ma már!"

Bámulám a rémes hangot. Károgás mit tőle hallok!...
 Vad madár hogy szóra értsen, emberésznek mily talány!
 Mint varázsos gyermekálom, megzavart e látományom,
 S eltűnődve elcsodálom: Éji szörny ajtómra száll,
 Hófehér Athéne-főre, mint a Végzet örül áll,
 S búsan károg: "Kár ma már!"

Ült az agg mogorván, meg se rezzen fönt a szobrán,
 S nem tudám, hogy károgása lelke titka, mit kitár,
 "Ennyi mind a bölcsessége," - eltűnődtem lesve, félve, -
 "Egy hivem volt,... vége... vége!... Holt reményem tűnve száll,
 S ím beszáll egy rút ígézet, s reggel újra messze jár"...
 Szól a holló: "Kár ma már!"

Újra fölriaszt e válasz. Szóbeszéd ez? Károgás csak?...
 Bár - ki tudja? - így tanulta tán a gyászos rabmadár?...
 Üldözé urát az Élet, büszke álma semmivé lett,
 Gyilkolák a vak remények... szenvedésben nincs határ...
 Sírba tért dicső szerelme, gyászdalát elsírta már,
 S mást se szól, mint: Kár ma már!...

Ám a holló mint a Végzet, mint a síri gyászkiáltást,
 Guggon ülve szembe vélem, rémszemét mereszti rám.
 Én a széken - félig ébren - elborongva nézem... nézem...

*S hang nekül tünődve kérdem: "Mely talány e bús madár?
Nincs-e vágya? Nincs-e álma? Nálam itt mi végre vár?
S mért kesergi: "Kár ma már!..."*

*Igy merengtem egymagamban, izgatódva, kábulatban,
Míg a holló búvszemével rámtüzelt, mint lángsugár.
Fáradottan hátradültem, méla csönd honolt körültem,
S enyhe lámpafény derülten rezge székem vánkosán,
Melynek ő már nem nyugodhat színes-fényes bársonyán,
Nem nyugodhat rajta már!*

*S tömjénillat mintha szállna, s égi angyal sírva járna,
Lágyan tépve földi útján, míg lakomra rátalál...
"Ó te boldog! Ó te árva! Búfelejtés, csókja vár ma,
Hogy ne emlékezz reája, s földi vágyad tűnne már!
Kóstolj Léthe szent vizéből, s kinkeserved sírba száll!"...
Szól a bús hang: "Kár ma már!"*

*"Jósmadár az Éj honábul, zord enyészet pitvarául!
Belzebub hírével jársz-e szélvihartól úzve tán?
Átok éri ezt a házat, gyászos árnyak rája szállnak...
Jóslatoddal híradást adj! Mondd: a Végzet mit kíván?
Nincs-e balzsam Gileádban? Mondd: e földön rám mi vár?"
Szól a holló: "Kár ma már!"*

*"Jósmadár az Éj honábul, zord enyészet pitvaráról,
Bús, magányos, bűvös állat! Mondd: e szív reményt se várhat?
Boldog élet int-e nékem!... Földereng-e rám az Éden?...
Rátalálok fönt az Égben?... Égi angyal ő ma már,...
Üdvözülni véle vágyom!... Szólj: Lenóra vár-e rám?...
Szól a bús hang: "Kár ma már!"*

*"Távozz, démon, mindörökre!"... Fölzokogtam elgyötörve. -
"Károgó pokolszülötte, bús hazádba visszaszállj!
Egy pihéd se hagyd emlékül bős hazug te, kísértésül!
Gúnyolódva vársz kevélyül, Plútó szörnye rém-madár?...
Csőröd szívem rágja, tépi!... Szállj el innen!... Szállj ki már!"...
Szól a holló: "Kár ma már!"*

*És a holló meg se rezzen, szárnya tolla meg se lebben,
Fönt a Pallasz ősi szobrán, mely az ajtón díszül áll.
Csillogó démon-szemével búvvarázsba ejti lényem,
S lent a bágyadt lámpafényen lopva terjeng szét az árny...*

*Holt remények... Fáj az Élet... Éjbe vész a fénysugár...
Kár ma élni, kár ma már!*

Cf. Disponível em:

https://hu.wikisource.org/wiki/A_holl%C3%B3_%28Csillag_Imre_ford%C3%ADt%C3%A1sa%29.

Acesso em: 12 set. 2017.

A holló

26.1 Tradução: Babits Mihály

*Egyszer – unt éjfél közelgett – bóbiskoltam elfelejtett
tudományok furcsa könyvén, ellankadva, terhesen,
fejem csügge... egyre jobban... s im egyszerre ajtóm roppan,
mintha egy kéz félve koppan – dobban ajtóm csöndesen.
S szóltam: „Éji vendég toppan küszöbömre csöndesen:
– az lehet, más semmisem.”*

*Ah, jól emlékszem valóban! Tél volt, bús december hóban,
szellemét a szén hunyóban földre himzé véresen.
Lassan nyult az éji óra; könyvem nem nyujtott a búra
enyhülést, óh holt Lenóra, érted, égi kedvesem,
kit a mennyekben Lenóra néven hívnak, kedvesem,
– itt lenn nincs már neve sem.*

*S bibor kárpit selyme rezzen, bizonytalan zajra zizzen;
fájó, vajú, sohasem ismert félés kinját érzem.
S míg szívem dobbanva retten, mind ismétlem önfeledten:
„Éji vándor vár ijedten ajtóm előtt, azt hiszem –
késett vendég kér ijedten bebocsátást, azt hiszem:
– az lehet, más semmisem.”*

*Most kicsit magamhoz térvén nem haboztam, így beszélvén:
„Jó uram, vagy drága hölgyem, ne akadjon fenn ezen:
tény hogy kissé szundítottam, és ön olyan halkán koppan:
s amint könnyű lépte dobban – koppan ottkünn csöndesen,
szinte képzeletnek vélném” – s ajtót tártam csöndesen:
– künn az éj, más semmisem.*

*Hosszan néztem ott az éjbe bámulva, kételkedve, félve,
álmodva amilyet nem mert még álmodni senkisémet;
de a csöndesség töretlen, s a homály nem ad jelet, nem
hangzik más szó, mint egyetlen név: „Lenóra!” – kedvesem
neve, melyet én rebegtem, s visszanyögte édesen
a visszhang – más semmisem.*

*Visszamenve a szobába – lelkem ég, a fejem kába –
ujra koppanást hallottam, már nem is oly csöndesen.
„Valamitől bizonyára megzörrent az ablak zára:
rá kell jönnöm az okára, nosza” – mondtam – „meglesem!*

Nyughass, szívem, pillanatra, míg e rejtélyt meglesem:

– csak a szél, más semmitem... ”

*S széttárván a rácsos táblát, íme, furcsán verve szárnyát
egy nagy, őskort-látott Holló szállt be rajta peckesen.*

*Rám se biccent, meg se hökkent, csak jött, mint egy idecsöppent
ur vagy hölgy: ajtómrá röppent s megtelepült odafenn –
ott egy vén Pallas-szobor volt, a madár megült ezen,
ült, csak ült, – és semmitem.*

*Akkor bánatom mosolyra csalta furcsa ében tolla,
ahogy ott morc méltósággal ült nagy ünnepélyesen.*

*„Bár megtépve, zord kóborló”, – szóltam – „te se vagy utolsó,
éji partok küldte Holló: ur-neved hadd kérdezem:
hogyan hívnak, ha ottlenn röpködsz a plutói bús vizen?”
– Szólt a Holló: „Sohasem.”*

*Néztem a szárnyas bolondot, hogy egy szót ily jól kimondott
s válaszolt szavamra – bárha nem is túl-értelmesen:
meg kell adni, ilyet élő még nem ért, hogy egy beszélő
madár ajtaja fölé jő s rátelepszik kényesen –
ajtó fölött egy szoborra rátelepszik peckesen,
– és a neve: „Sohasem”!*

*De a Holló fönn a szobron csak ez egy szót mondta folyton,
mintha abba volna lelke beleöntve teljesen.*

*Másképp csőrét nem nyitotta s szárnyait sem mozdította;
s nyögtem: „Hozzám senkitem hü, még szívem reménye sem:
majdcsak elhagy e madár is – nem lesz reggel nyoma sem!”
– Szólt a Holló: „Sohasem.”*

Megdöbbsentem hogy talál az elsirt szóra ez a válasz:

*„Persze” – mondtam – „ennyi ennek kincse tára összesen;
tán egy régi bús gazdája oktató, kit sors viszálya
dult és mart, míg síró szája erre járt rá, másra sem –
holt remények gyászadalához nincs is jobb rim semmitem,
– mint hogy: „Soha – sohasem!”*

*De a bölcs madár mosolyra csalta méla lelkem újra
és egy zsöllyét görditettem szembe, hogy majd ott lesem;
s bársonyába besüppedve képzeletet képzeletre
halmoztam: hogy hol szerezte s mért ismétli vészesen –
ez a baljós vén vad holló mért ismétli rémesen*

ezt a szót, hogy: „Sohasem.”

*Ezen tűnődtem magamban, noha egy betűt se mondtam
a madárhoz – s már szívembe furt a két fém-éli szem.
Óh ha titkát eltalálnám! S így fejem ledőlt a párnán,
melynek bársonyára lámpám fénye hullott kékesen,
violaszín bársonyára, melyen óh! már kedvesem
nem pihen meg sohasem.*

*Most, úgy tetszett, langy szellő kel s lengve titkos füstölőkkel
angyaltánc a szőnyeg bolyhát csiklandozta kéjesen:
„Bús szív!” – nyögtem – „égi vendég szállt le hozzád: lám a szent Ég
angyalokkal küld nepenthét, elfeledni kedvesem:
idd, óh idd e hűs nepenthét és feledd el kedvesem!”
– Szólt a Holló: „Sohasem.”*

*„Jós!” – hörögtem – „választ kérek! jós, madár vagy gonosz lélek!
– Sátán küldött vagy vihar vert hozzám, én nem keresem,
ki büszkén, bár megtépázva, érkezted e puszta házba,
hol rémek dúlnak csatázva – mondd meg nékem kegyesen:
van-e balzsam Gileádban? megenyhül-e zord sebem?”
– Szólt a Holló: „Sohasem.”*

*„Jós!” – hörögtem – „választ kérek! jós, madár vagy gonosz lélek!
Hiszen egy égbolt borul ránk s egy Urunk van odafenn:
mondd meg, vár-e még e búra messze mennyben édes óra,
vár-e majd a szent Lenóra ölelése odafenn?
kit az angyalok Lenóra néven hívnak odafenn?”
– Szólt a Holló: „Sohasem.”*

*„Legyen hát e szód utolsó!” – szöktem föl – „sátán vagy holló!
Menj, röpködj az éjviharban, a plutói bús vizen!
Itt ne hagyd egy árva tollad, nehogy arról rágondoljak,
mit hazudtál e szobornak vállán ülve peckesen!
Tépd ki csőrödet szívemből s hagyj magam, mig elveszem!
– Szólt a Holló: – „Sohasem!”*

*És a szárnya meg se lendül, és csak fent ül, és csak fent ül,
fent ajtóm fölött a Pallas sápadt szobrán, csöndesen.
Álmodó rémhez hasonló szemmel ül a szörnyű Holló,
míg a lámpafény elomló árnyát veti rémesen
s lelkem e padlómon-ingó árnyba fullad csöndesen:
nem szabadul – sohasem.*

A holló

26.2 Tradução: Kántás Balázs

Egy bús, hideg éji órán hosszan ültem
 Gondolkodván
 Fejemben nem győztem látni millió
 emlék hadát
 Könyvhegy felett ülve halkán szinte már
 Elbóbiskoltam
 Amikor valami koppant, s rájöttem, kint
 vendég vár...
 „Látogató” – suttogtam én – „s bebocsáttatásra vár...
 Csak az lehet, senki más...”

Ó, emlékszem, december volt, hófelhőkkel takart égbolt,
 szomorú, mégis oly szép volt
 Minden apró hópehely elolvadt szobám
 Ablakán
 Vártam már a hajnal pírjét, éji bánatom
 gyógyírjét
 Mert az átkos éj eszembe juttatta
 Szép Lenóráam...
 Őt, kit én úgy szerettem, a bájos,
 angyalarcú lányt
 Névtelen örökre már...

Szél kapott a függönyökbe, mindegyik lilán
 Megrebbent
 Testem túlvilági rémség, zord félelem
 járta át
 Szívem oly sebesen dobbant, úgy éreztem,
 Majd szétrobban
 „Vendég e késői órán, ki kint ajtóm
 Előtt áll...
 Kései vendég csupán, ki bebocsátásomra
 Vár.
 Az lesz csak, és semmi más...”

Összeszedve bátorságom kikiáltottam
 Az ajtón
 „Uram, hölgyem, bárki is vagy, lépj be,

Ajtóm nyitva áll...
 A megtiszteltetés oly nagy, lépj be hát,
 Hisz odakint fagy
 Tovább magadat ne kéresd, rajta, bátran
 Lépj be hát!
 Csak a te hangod hallhattam...” – az ajtó
 Már nyitva állt
 Kint sötétség, semmi más...

Ott álltam a sötét éjben, csodálkozva
 Megremegtem
 Lelkemet látomások, félelmek hada
 Jártá át
 A csend megtöretlen maradt, semmibe szálltak a
 szavak
 Egy nevet ismételt ajkam, „Lenóra?” -kérdeztem
 halkán
 E nevet visszhangozta a kinti, sötét
 Némaság
 „Lenóra...” és semmi mást...

Visszamentem a szobába, égetett a
 Bánat lángja
 Kintről újra zajt hallottam, a szobát nesz
 Jártá át
 „Valami van az ablakban...” – mondtam magam elé halkán
 Bátorságom összeszedvén újra elhagytam
 szobám
 „Hadd fejtem meg hát e rejtélyt végre
 Valahára már!”
 Kint a szél, és semmi más...

Szobám ablakát kinyitván belibbent egy
 Éjsötét árny:
 Holló röppent a szobámba s Athéné
 Szobrára szállt
 Mereven ült, megdermedve, két szemével
 Végigmérve
 Ő volt hát a rejtély nyitja, e furcsa, vén
 Gyászmadár
 Ő volt hát, ki előbb a halálfélelmet
 Hozta rám
 Ült és bámult rám csupán...

Megváltoztak bent a dolgok, észrevettem,
 Hogy mosolygok
 Mélyen elgondolkodtatott e messziről
 Jött madár
 „Kit tisztelhetek hát önben, miért keres
 E késő éjen?
 Mi szél fújta erre önt, bemutatkozhatna
 Talán...
 Becses nevét, kedves uram, megtudhatnám
 Végre hát?”
 Felelt a holló: „Sohamár.”

Mélyen elcsodálkoztam a furcsa néven,
 Elállt szavam
 Elmémbe millió talány, száz kérdés
 Válaszra várt
 Megfejtteni próbáltam hát furcsa látogatóm
 Titkát...
 Nem rettentett, inkább csak
 Meglepett e látogatás...
 Szobromra telepedett egy furcsa, gyászos
 szörnymadár
 Ilyen névvel: „Sohamár...”

Egy szót tudott, azt suttogta, ismételte,
 Mondta, mondta
 A sejtelmes sohamár szó léte értelmévé
 Vált
 Egyetlen szó, egyetlen út, egy hangsor, és
 Semmi más...
 Halkan megszólaltam: „Engem biz nagyon sokan
 Elhagytak már
 Reggel te is elrepülsz, mint száz reményem tovaszállt...”
 Felelt a holló: „Sohamár!”
 Ő károgott önfeledten, én magamban elmélkedtem
 „Biztosan szomorú ember, kit emészt a bánattenger
 Akié e furcsa, gyászos, örült
 Kísértetmadár
 Ezért ismétli e zord szót, mivel soha
 Meg nem áll
 Csőre emiatt folyton e reménytelen
 szóra jár:

Soha, soha, sohamár... ”

*Én még mindig nem rettegetem, magamban
Kissé nevettem
S leültem hát vele szembe egy fotelt
odatolván
Kényelembe helyezkedvén ő csak engem bámult hetykén
Mozdulatlan és hangtalan percekig
Néztük egymást
Feszült csend lett úrrá rajtunk, mindkettőnk
Csak egyre várt...
Nem szólt, s mégis... Sohamár!*

*Egyre azon gondolkodtam, mit jelent e
Komor mondat
Ő csak egyre nézett... szeme most már
Dermesztővé vált
A homályos lámpafényben csak énrám meredt
Az éjben
Úgy éreztem, átjár a belőle kitörő
Sugár
S újra Órá emlékeztem, szívem bánat
Járta át...
Nem tér vissza... Sohamár!*

*Ekkor hirtelen eszméltem, a valóba
visszatértem
Még mindig rám nézett e bizarr, fekete
Gyászszeráf
„Persze!” – szóltam – így kell legyen, hiszen másként lehetetlen...
Hogy hírt hozz holt Lenórámról, az Úr
Küldött énhozzám!
Mondd, barátom, látom őt még? Van még remény, mondd el hát!”
Felelt a Holló: „Sohamár!”*

*„Jós vagy!” – mondtam – „égi hírnök, akár madár légy, vagy ördög!
Tudom, mi másért volnál itt, tudom, híreket
Hozál!
Felelj végre, gyászos hírnök, bármit mondasz,
Bárki küldött
Tudom, hírt hozál, felelj hát, visszatér
Szép Lenórámm?
Látom őt még majd e létben, szerelme még*

Újra vár?”

Felelt a holló: „Sohamár!”

„Persze, hogy is gondolhattam, hisz ő elment, hisz ő meghalt...

Ám te mégis itt vagy, s tudom, valamilyen

Hírt hozál!

Felelj hát, egy másik létben vár-e

Földöntúli éden

Hol újra átöllehetem hõn szeretett

Lenóráám?

Felelj hát, egy új életben látom

Szívem angyalát?

Felelt a Holló: „Sohamár!”

„Légy átkozott, sötét angyal!!!” – kiáltottam

Őrült hanggal

„Kelj útra végre az éjben, te átkozott

Látomás!

Tűnj el vissza, honnan jöttél, bűnhődj, miért

Meggyötörtél!

Hagyj itt engem a sötétben, hadd öljön

Meg a magány!

Tépd ki szívemből véres csőröd, és ne térj

Vissza már!

Felelt a holló: „Sohamár!”

És Holló el nem repül, ott ül most is,

ott ül, ott ül

szobromról mereven bámul, rám néz, és csak

egyre vár

Démonként lelkem gyötörve, reményeim összetörve

A homályos lámpafényben rám vetül

a sötét árny

Lelkem csak sötétségben él, kint is csak

örök éj vár

Nem száll tova... Sohamár!

A holló

26.3 Tradução: Kosztolányi Dezső

*Egyszer elmúlt régen éjjél, ültem álmos lámpafénynél
Régi, bűvös foliánszon tétovázott a kezem,
S hogy nehéz fejem lehajtom, észrevétlen koppan ajtóm,
Roppan félve és sóhajtón, zaj motoz a reteszen,
"Éji vándor - így susogtam - az babrál a reteszen,
Az lehet, más senkisésem."*

*Téli idő volt, bús december, aminőt nem ért meg ember,
Nőtt az árnyék, lomha tenger, a parázstól veresen.
Lelkem a bánattól óván olvastam az éji órán,
Hogy feledjem holt Lenorám fényes-régi kedvesem,
Már az angyalok között van fényes-égi kedvesem,
Itt lenn nincsen neve sem.*

*Most a függöny bibor öble megborzad, zizeg zörögve,
Félelemnek töre szúrja - fúrja által a szívem.
Nyugtatom és egyre dobban, várok és ver egyre jobban:
"Éji vándor áll ajtómban, az motoz a reteszen,
Éji vendég vár ajtómon, az babrál a reteszen:
Az lehet, más semmisésem."*

*Hirtelen felbátorultam és hadartam elborultan:
"Megbocsásson jó uram, vagy asszonyom, de azt hiszem
Álmos, fáradt voltam roppant és az ajtóm csöndbe roppant,
A babráló, halk, lopott hang nem hallatszott sebtiben."
Erre felnyitom az ajtót - szétvigyázva sebtiben: -
Künn az éj, más semmisésem.*

*A sűrű sötétbe nézek, álmodok vadat, merészet,
Mint az örült, mint a részeg, bódorogva kétesen.
Csöndes az éjjéli óra, szám susogja csak: "Lenóra"
S a visszhang a drága szóra halkán hívja kedvesem,
Hívja-hívja, hívogatja, szólogatja kedvesem
A visszhang, más semmisésem.*

*A szobámba már fehérén mentem vissza, forrt a vérem,
Mert az ablak zára koppant, roppant újra érdesen.
"Meg kell tudnom minden áron, hogy mi zörren ott a záron,
Most az ablakot kitárom, az okát megkeresem,*

*Csöndesülj szív, tébolyult szív, az okát megkeresem:
Zúg a szél, más semmitem".*

*Nyílik az ablak s az árnyal méltóságosan beszárnyal
Óriási lomha szárnyal egy vén holló peckesen.
S mintha mi se volna ebben a viharál sebesebben
A szobám szobrára lebben s úgy ül ott, mint a lesen,
Pallas szobrán mozdulatlan ül, csak ül, mint a lesen:
Nem történik semmitem.*

*Én nevettem őt, hogy éber tollal talpig feketében
Göggösen guggolt a szobron és szóltam fölényesen:
"Bár alig van rajtad toll, ó fergetegvert csúnya holló,
Bús heroldhoz vagy hasonló, mondd, mért jöttél édesem?
Mondd meg nékem, a pokolban, hogy neveztek, édesem:?"
Szólt a Holló: "Sohasem".*

*És a Holló vár komorlón a fehér és néma szobron
S ez egy szóba lelke rezgett, reszketett rejtelmesen
Mást se mond, csak ül meredten, meg se rezzen, meg se retten,
Végre halkán ezt rebegtem: "Nem örök a csoda sem,
Minden elszállt, ez is elszáll - nem örök a csoda sem -"
A madár szólt: "Sohasem".*

*Felriadtam, mert oly száraz, kurta-furcsa volt e válasz
"Bamba szajkó", így beszéltem, "nincsen egy ép sora sem.
Bús különc volt a gazdája, bizton az kapatta rája,
Folyton erre járt a szája és hörgött keservesen.
Benne lelke átka zörgött s hörgött keservesen,
Hogy már többé "Sohasem".*

*Még nevettem, hogy az ében Holló ott ül feketében
S párnás, mély zsöllém elébe gördítettem sebesen,
Bojttal-rojttal elmotoztam és a zsibbadt csöndbe hosszan
Tépelődtem, álmodoztam, mért néz e két csodaszem,
Mért mered rám e két sanda, kúsza, kósza csodaszem,
Mért károgja: "Sohasem".*

*Lestem a sötét madárra, szóttanul vigyázva-várva,
S a szemével a szívembe szúrt le - fúrt le tüzesen,
Süppedő bársonyra dültem s a violafény köd-ülten
Lengedezve szállt körültem, himbálgatta mécsesem,
Itten ült ő, itt e párnán, pislogott a mécsesem*

S ah, nem ül le, Sohasem!

*Most egyszerre száz ezüsből angyalok csapatja füstöl,
Száll a tömjén, cseng a léptük, trilláz a nesz édesen,
"Angyalok, hát végre Isten elküldött, hogy megsegítsen,
Elfeledni régi kincsem, eltemetni kedvesem
Elfeledni, eltemetni régi-égi kedvesem!"
Szólt a Holló: "Sohasem."*

*"Jós! felelj nekem", könyörgök, "bármi légy, angyal vagy ördög,
Kit szobámba vert az orkán és kísértesz rémesen,
Mondd meg itt e szörnyű házban - hol a Rémekkel csatáztam -
Hol a Borzalom s a Láz van - nincs sebemre moha sem?
Nincs-e - nincs-e - ír szivemre? nincs gyógyító moha sem?"
Szólt a Holló: "Sohasem."*

*"Jós! felelj nekem", könyörgök, "bármi légy, angyal vagy ördög,
Kérlek a Mindenhatóra, mondd meg végre kegyesen,
Lát-e engem még a Kedves, aki most a mennybe repdes,
Hajlik-e még e szerelmes szívre régi kedvesem,
Hajlik-e még e szerelmes szívre égi kedvesem?"
Szólt a Holló: "Sohasem".*

*"Pusztulj innen a pokolba" ordítottam fuldokolva,
"Szállj a károgó viharba, vár a bús Éj Partja lenn!
Egy tollad se hagyd itt, vidd el, és ne ölj kétségeiddel!
Károgasodat te hidd el! Ne maradjon nyoma sem!
Tépd ki csőröd a szivemből, ne maradjon nyoma sem!
Szólt a Holló: "Sohasem."*

*És a Holló meg se moccan, néz reám meredve hosszan,
A szoborról, a komorról tűz reám két tompa szem.
Úgy ül, mint egy omladék, mélyen alvó éji démon,
A padlón a lámpa vékony sávja himbál csöndesen:
Nő az éjjel, nő az árnyék, terjed egyre csöndesen
S nem virrad meg - sohasem!*

Cf. Disponível em:

https://hu.wikisource.org/wiki/A_holl%C3%B3_%28Kosztol%C3%A1nyi_Dezs%C5%91_ford%C3%A1sa%29. Acesso em: 12 set. 2017.

A holló

26.4 Tradução: Endrödy (1870)

*Egyszer ne"ma, rideg éjen ültem elmerülve melyen
 Álmodozva valamely rég elfelejtett éneken . . .
 Bólingattam félálomban, im egyszerre ajtóm koppan.
 Félénk lepes zaja dobban, dobban halkan, csöndesen
 "Latogató gondolám ki ajtóhoz jött csöndesen,
 Az lesz, egyéb semmisem.*

*Ah ! oly jól emlékszem még én : késő volt, de-
 cember végén,*

*Minden üszök hamvig égvén árnya rezgett rémesen.
 Ugy vártam s késett a hajnal ! könyveim bár nagy
 halommal -
 Nem birtak a fájdalommal, értted, elhalt kedevsem !
 Kit Lenoranak neveznek az angylok odafen,
 Itt örökre névtelen !*

*De az ajtó s ablakoknak függönyei mind susogtak,
 S ismeretlen réműlettel foglalák el kebelem.
 S hogy legyőzhessem magamban a félelmet, váltig
 mondtam :
 " Latogató csak, ki ott van ajtdm előtt csöndesen,
 Valami elkéseet utas, vár az ajtón csöndesen ;
 Az lesz, egyéb semmisen ! "*

*Kinyitám az ajtó szárnyát és azonnal nyilatán át
 Százados holló csapott be, komoran, nehézkesen,
 A nálkiül, hogy meghajolna, sem köszönve, se nem
 szólva,
 Mintha az ur ő lett volna, csak leszállt negédesen.
 Ajtóm felett egy szobor volt, arra szállt eg} 7 nesen,
 Rászallt, ráült nesztelen !*

*A setét madár mikep ül, nem nézhettem mosoly
 nélkül,
 Komoly, büszke méltósággal ült nagy ünnepelyesen.
 Bár ütött-kopott ruhába, gondolám nem vegy te
 kába,*

Vén botor, nem jössz hiába, éj lakodból oda-len ;
 Szólj ! nerved mi, hogyha honn vagy alvilági helyeden ?
 Szólt a madár : " Sohasem ! "

Csak bámultam e bolondot, hogy oly tiszta hangot
 mondott,
 Bár szavában, bizonyára, kevés volt az értelem.
 De páldatlán ily madar, mely szobádba mit négy fal
 zár el,
 Ajtódnak folébe száll fel, s ott ül jó magas helyen,
 S nevét mondja, hogyha kérded, biztos helyén ülve fen ;
 És a neve : " Sohasem."

És a holló ülve helybe, csak az egy szót ismételte,
 Mintha abban volna lelke kifejezve teljesen.
 Azután egyet se szóla, meg se rezzent szárnya tolla,
 S én sűgám (inkább gondolva) : " Minden elhagy,
 istenem !
 Marad-e csak egy barátom ? Lehet-e reménylenem ? "
 A madár szolt : "Sohasem."

Megrendültem, hogy talál az én sohajomra a válasz,
 Ámde ezt sugá a kétely nem tud ez mást, ugy

hiszem.

Erre tanítá gazdája, kit kitartó sors viszálya
 Addig üldö, addig hánya, míg ezt dallá szüntelen
 Tört reménye omladekin ezt sohajtá szüntelen :
 " Soha soha sohasem ! "

Rám a holló merön nézve, engem is mosolyra készíté.
 S oda ültem ellenébe, ő meg szembe állt velem.
 Én magam pamlagra vetve, képzeletről képzeletre
 Szálla elmém önfeledve, és azon törém fejem :
 Hogy e rémes, vijjogó, vad, kopott holló szüntelen
 Mért kiáltja : " Sohasem ? "

Ezt találgatám magamban, a holló előtt azonban
 Róla egy hangot se mondtam, s ő csak nézett
 mereven.

S kedvesem nevét sohajtván, féjem a vánkossra hajtám,
 Melynek puha bársony habján rezg a mécsfeny kétesen ;
 Melynek puha bársony hábját érinteni kedvesem

Ah ! nem fogja sohasem !

*S mintha most a szagos légbe' láthatatlantömjén égne
S angyaloknak zengne lépte szétszórt virág-
kelyheken . . .*

*'Ah rebegtem tán az isten küld angyalt, hogy
megenyhítsen,
S melyre földön balzsam nincsen, a bú feledve legyen!
Idd ki a felejtés kelyhét, büd enyhet lei csöppiben ! '*
Szólt a holló : " Sohasem ! "

*' Jós kiálték bár ki légy te, angyal, ördög, madár
képbe,
Vagy vihartól üzetél be pihenni ez enyhelyen !
Bár elhagyva, nem leverve, kifáradva a keservbe,
Most felelj meg nékem erre, könnyörgök s követelem :
Van-e balzsam Gileádban s én valaha föllelem?'*
Szólt a holló: " Sohasem ! "

*' Jos ! kiálték bár ki légy te, angyal, ördög madár-
képbe,
Hogyha van hited az égbe, és egy istent félsz velem :
Szólj e szívhez keservében, lesz-e amá boldog éden,
A hol egyesítve légyen, kedvesével, végtelen,
Kit Lenorának neveznek az angyalok odafen ? '*
Szólt a holló: "Sohasem!"

*' Menj tehát, pusztulj azonnal ! ' kiálték ra fájda-
lommal
' Veszz örökre semmiségbe, a pokoli éjjelen !
Ne maradjon itt egyetlen toll, emlékeztetni engem,
Hogy fölverted néma csendem, szállj tovább, szállj
hirtelen,
Vond ki körmödet szívemből, bar szakadjon véresen ! '*
Szólt a holló: "Sohasem!"

*S barna szárnya meg se lendül, mind csak ott ül, mind
csak fent ül,
Akármerre fordulok, csak szemben ül mindig velem,
Szemei meredt világa, mint kísértet rémes árnya,
S körülötte a bús lámpa fénye reszket kétesen,
S lelkem ah ! e néma árnytól, mely körüllebeg
rémesen*

Nem menekszik sohasem !

Cf. Disponível em:
https://archive.org/stream/ravenwithliterar00poeuoft/ravenwithliterar00poeuoft_djvu.txt. Acesso em:
12 set. 2017.

A holló

26.5 Tradução: Lévay József

*Egyszer néma rideg éjen ültem elmerülve mélyen
 Álmodozva valamely rég elfelejtett éneken...
 Bólingattam félálomban - ím egyszerre ajtóm koppan,
 Félénk lépés zaja dobban - dobban halkan, csöndesen.
 "Látogató - gondolám - ki ajtómhoz jött csöndesen,
 Az lesz, egyéb semmisem."*

*Ah! oly jól emlékszem még én: - késő volt, december végén,
 Minden üszök hamvig égvén - árnya rezgett rémesen.
 Úgy vártam s késett a hajnal! Könyveim - bár nagy halommal -
 Nem bírtak a fájdalommal - érted, elhalt kedvesem!
 Kit Lenórának neveznek az angyalok odafenn,
 Itt örökre névtelen!*

*De az ajtó s ablakoknak függönyei mind susogtak,
 S ismeretlen rémülettel foglalák el kebelem.
 S hogy legyőzhessem magamban a félelmet, váltig mondtam:
 "Látogató csak, ki ott van, ajtóm előtt csöndesen,
 Valami elkésett utas vár az ajtón csöndesen; -
 Az lesz, egyéb semmisem!"*

*S lelkem rögtön megerősbüil, kikelvén a kétkedésbüil,
 S "Uram" - szólék, - "vagy nemes hölgy! bocsásson meg kegyesen,
 Megvallom itt bólingattam, kegyed meg oly szépen, halkan,
 Lehető legfinomabban kopogtatott csendesen,
 Alig tudtam: jól hallék-e?" S ajtót nyitok sebesen -
 - Nagy sötét, más semmisem!*

*S kibámulva a sötétbe, csodálkozva, várva, félve,
 Álltam, álmot látva, mit még sohsem látott földi szem;
 De a csönd még egyre tartta, nesz, se' szó azt nem zavarta,
 Csak az egy "Lenóra"-hangra (amint halkan tördelem)
 Csak az egy "Lenóra"-hangra szólt a visszhang szüntelen;
 - Csak e hang, más semmisem!*

*S visszafordulék szobámba - egész lelkem izzó lángba',
 S újra hallom amint dobban - most már jobban kiveszem.
 "Úgy van, bizonyára" - mondtam - "valami van ablakomban,*

*Hadd nézem meg: mi az ottan? - most e titkot kilesem -
Nyugton légy egy percre szívem - most e titkot kilesem!"
- Csak a szél, más semmisem!*

*Kinyitám az ablak szárnyát - és azonnal nyílatán át
Százados holló csapott be, komoran, nehézkesen.
Anélkül hogy meghajolna, sem köszönve se' nem szólva,
Mintha az úr ő lett volna, csak leszállt negédesen,
Ajtóm felett egy szobor volt, arra szállt egyenesen,
Rászállt, ráült nesztelen!*

*A setét madár mikép ül, nem nézhettem mosoly nélkül,
Komoly büszke méltósággal ült nagy ünnepélyesen.
- Bár ütött-kopott ruhába' - gondolám - nem vagy te kába,
Vén botor, nem jössz hiába, éjلاكობól oda-lenn,
Szólj! neved mi, hogyha honn vagy alvilági helyeden?
Szólt a madár: "Sohasem!"*

*Csak bámultam e bolondot, hogy oly tiszta hangot mondott,
Bár szavában, bizonyára, kevés volt az értelem.
De példátlan ily madár, mely szobádba, mit négy fal zár el,
Ajtódnak fölébe száll fel - s ott ül jó magas helyen,
S nevét mondja, hogyha kérded, biztos helyén ülve fenn;
És a neve: "Sohasem."*

*És a holló ülve helybe' csak az egy szót ismételve,
Mintha abban volna lelke kifejezve teljesen.
Azután egyet se szóla, - meg se' rezzent szárnya tolla,
S én sugám (inkább gondolva): "Minden elhagy, istenem!
Marad-é csak egy barátom? Lehet-é reménylenem?"
A madár szólt: "Sohasem."*

*Megrendültem, hogy talál az én sóhajomra a válasz,
Ámde - ezt sugá a kétely - nem tud ez mást, úgy hiszem.
Erre tanítá gazdája, kit kitartó sors viszálya
Addig üldé, addig hánya, míg ezt dallá szüntelen -
Tört reménye omladékin ezt sohajtá szüntelen:
"Soha - soha - sohasem!"*

*Rám a holló merőn nézve, engem is mosolyra készíté,
S oda ültem ellenébe, ő meg szembe ült velem.
Én magam' pamlagra vetve, képzeletről képzeletre
Szálla elmém önfeledve, és azon törém fejem':*

*Hogy e rémes, vijjogó, vad, kopott holló, szüntelen
Mért kiáltja "sohasem"?*

*Ezt találgatám magamban, a holló előtt azonban
Róla egy hangot se' mondtam, s ő csak nézett mereven.
S kedvesem nevét sohajtván, fejem' a vánkosra hajtám,
Melynek puha bársony habját - érinteni kedvesem
Ah! nem fogja sohasem!*

*S mintha most a szagos légbe' - láthatatlan tömjén égne
S angyaloknak zengne lépte - szétszórt virágkelyheken...
"Ah - rebegtem - tán az isten küld angyalt, hogy megennyhítsen,
S melyre földön balzsam nincsen - a bú feledve legyen!
Idd ki a felejtés kelyhét, búd enyhet lel csöppiben!"
Szólt a holló: "Sohasem!"*

*"Jós! - kiálték - bárki légy te, angyal, ördög madárképbe',
Vagy vihartól üzetél be, pihenni az enyhelyen!
Bár elhagyva, nem leverte - kifáradva a keservbe',
Most felelj meg nékem erre, könyörgök s követelem:
Van-e balzsam Gíleádban - s én valaha föllelem?"
Szólt a holló: "Sohasem!"*

*"Jós! - kiálték - bárki légy te, angyal, ördög madárképbe'
Hogyha van hited az égbe' - és egy istent félsz velem:
Szólj e szívhez keservében, - lesz-e ama boldog éden,
Ahol egyesítve légyen, kedvesével, végtelen, -
Kit Lenórának neveznek az angyalok odafenn?"
Szólt a holló: "Sohasem!"*

*"Menj tehát, pusztulj azonnal!" - kiálték rá fájdalommal,
"Vessz örökre semmiségbe, a pokoli éjjelen!
Ne maradjon itt egyetlen toll, emlékeztetni engem,
Hogy fölverted néma csendem - szállj tovább, szállj hirtelen,
Vond ki körmedet szivemből, bár szakadjon véresen!"
Szólt a holló: "Sohasem!"*

*S barna szárnya meg se lendül, mind csak ott ül, mind csak fent ül,
Akármerre fordulok, csak szemben ül mindig velem.
Szemei meredt világa, mint kísértet rémes árnya,
S körülötte a bús lámpa fénye reszket kétesen,
S lelkem - ah! e néma árnytól, mely körüllebeg rémesen -
Nem menekszik - sohasem!*

Cf. Disponível em:

https://hu.wikisource.org/wiki/A_holl%C3%B3szek_ford%C3%A9rt%C3%A9se. Acesso em: 12 set. 2017.

A holló

26.6 Tradução: Szász Károly (1858)

*Egyszer néma rideg éjen ültem elmerülve mélyen
 Álmodozva valamely rég elfelejtett éneken...
 Bólingattam félálomban - ím egyszerre ajtóm koppan,
 Félénk lépés zaja dobban - dobban halkan, csöndesen.
 "Látogató - gondolám - ki ajtómhoz jött csöndesen,
 Az lesz, egyéb semmisem."*

*Ah! oly jól emlékszem még én: - késő volt, december végén,
 Minden üszök hamvig égvén - árnya rezgett rémesen.
 Úgy vártam s késett a hajnal! Könyveim - bár nagy halommal -
 Nem bírtak a fájdalommal - érted, elhalt kedvesem!
 Kit Lenóranak neveznek az angyalok odafenn,
 Itt örökre névtelen!*

*De az ajtó s ablakoknak függönyei mind susogtak,
 S ismeretlen rémülettel foglalák el kebelem.
 S hogy legyőzhessem magamban a félelmet, váltig mondtam:
 "Látogató csak, ki ott van, ajtóm előtt csöndesen,
 Valami elkésett utas vár az ajtón csöndesen; -
 Az lesz, egyéb semmisem!"*

*S lelkem rögtön megerősbüil, kikelvén a kétkedésbüil,
 S "Uram" - szólék, - "vagy nemes hölgy! bocsásson meg kegyesen,
 Megvallom itt bólingattam, kegyed meg oly szépen, halkan,
 Lehető legfinomabban kopogtatott csendesen,
 Alig tudtam: jól hallék-e?" S ajtót nyitok sebesen -
 - Nagy sötét, más semmisem!*

*S kibámulva a sötétbe, csodálkozva, várva, félve,
 Álltam, álmot látva, mit még sohsem látott földi szem;
 De a csönd még egyre tartta, nesz, se' szó azt nem zavarta,
 Csak az egy "Lenóra"-hangra (amint halkan tördelem)
 Csak az egy "Lenóra"-hangra szólt a visszhang szüntelen;
 - Csak e hang, más semmisem!*

*S visszafordulék szobámba - egész lelkem izzó lángba',
 S újra hallom amint dobban - most már jobban kiveszem.
 "Úgy van, bizonyára" - mondtam - "valami van ablakomban,*

*Hadd nézem meg: mi az ottan? - most e titkot kilesem -
Nyugton légy egy percre szívem - most e titkot kilesem!"
- Csak a szél, más semmisem!*

*Kinyitám az ablak szárnyát - és azonnal nyílatán át
Százados holló csapott be, komoran, nehézkesen.
Anélkül hogy meghajolna, sem köszönve se' nem szólva,
Mintha az úr ő lett volna, csak leszállt negédesen,
Ajtóm felett egy szobor volt, arra szállt egyenesen,
Rászállt, ráült nesztelen!*

*A setét madár mikép ül, nem nézhettem mosoly nélkül,
Komoly büszke méltósággal ült nagy ünnepélyesen.
- Bár ütött-kopott ruhába' - gondolám - nem vagy te kába,
Vén botor, nem jösz hiába, éjلاكობól oda-lenn,
Szólj! neved mi, hogyha honn vagy alvilági helyeden?
Szólt a madár: "Sohasem!"*

*Csak bámultam e bolondot, hogy oly tiszta hangot mondott,
Bár szavában, bizonyára, kevés volt az értelem.
De példátlan ily madár, mely szobádba, mit négy fal zár el,
Ajtódnak fölébe száll fel - s ott ül jó magas helyen,
S nevét mondja, hogyha kérded, biztos helyén ülve fenn;
És a neve: "Sohasem."*

*És a holló ülve helybe' csak az egy szót ismételve,
Mintha abban volna lelke kifejezve teljesen.
Azután egyet se szóla, - meg se' rezzent szárnya tolla,
S én sugám (inkább gondolva): "Minden elhagy, istenem!
Marad-é csak egy barátom? Lehet-é reménylenem?"
A madár szólt: "Sohasem."*

*Megrendültem, hogy talál az én sóhajomra a válasz,
Ámde - ezt sugá a kétely - nem tud ez mást, úgy hiszem.
Erre tanítá gazdája, kit kitartó sors viszálya
Addig üldö, addig hánya, míg ezt dallá szüntelen -
Tört reménye omladékin ezt sohajtá szüntelen:
"Soha - soha - sohasem!"*

*Rám a holló merőn nézve, engem is mosolyra készít,
S oda ültem ellenébe, ő meg szembe ült velem.
Én magam' pamlagra vetve, képzeletről képzeletre
Szálla elmém önfeledve, és azon törém fejem':*

*Hogy e rémes, vijjogó, vad, kopott holló, szüntelen
Mért kiáltja "sohasem"?*

*Ezt találgatám magamban, a holló előtt azonban
Róla egy hangot se' mondtam, s ő csak nézett mereven.
S kedvesem nevét sohajtván, fejem' a vánkosra hajtám,
Melynek puha bársony habját - érinteni kedvesem
Ah! nem fogja sohasem!*

*S mintha most a szagos légbe' - láthatatlan tömjén égne
S angyaloknak zengne lépte - szétszórt virágkelyheken...
"Ah - rebegtem - tán az isten küld angyalt, hogy megennyhítsen,
S melyre földön balzsam nincsen - a bú feledve legyen!
Idd ki a felejtés kelyhét, búd enyhet lel csöppiben!"
Szólt a holló: "Sohasem!"*

*"Jós! - kiálték - bárki légy te, angyal, ördög madárképbe',
Vagy vihartól üzetél be, pihenni az enyhelyen!
Bár elhagyva, nem leverve - kifáradva a keservbe',
Most felelj meg nékem erre, könyörgök s követelem:
Van-e balzsam Gíleádban - s én valaha föllelem?"
Szólt a holló: "Sohasem!"*

*"Jós! - kiálték - bárki légy te, angyal, ördög madárképbe'
Hogyha van hited az égbe' - és egy istent félsz velem:
Szólj e szívhez keservében, - lesz-e ama boldog éden,
Ahol egyesítve légyen, kedvesével, végtelen, -
Kit Lenórának neveznek az angyalok odafenn?"
Szólt a holló: "Sohasem!"*

*"Menj tehát, pusztulj azonnal!" - kiálték rá fájdalommal,
"Vessz örökre semmiségbe, a pokoli éjjelen!
Ne maradjon itt egyetlen toll, emlékeztetni engem,
Hogy fölverted néma csendem - szállj tovább, szállj hirtelen,
Vond ki körmedet szivemből, bár szakadjon véresen!"
Szólt a holló: "Sohasem!"*

*S barna szárnya meg se lendül, mind csak ott ül, mind csak fent ül,
Akármerre fordulok, csak szemben ül mindig velem.
Szemei meredt világa, mint kísértet rémes árnya,
S körülötte a bús lámpa fénye reszket kétesen,
S lelkem - ah! e néma árnytól, mely körülheng rémesen -
Nem menekszik - sohasem!*

Cf. Disponível em:
https://hu.wikisource.org/wiki/A_holl%C3%B3sz_K%C3%A1roly_ford%C3%A1sa. Acesso em: 12 set. 2017.

A holló

26.7 Tradução: Tóth Árpád

*Egyszer egy bús éjjéltájon, míg borongtam zsongva, fájón
S furcsa könyvek altatgattak, holt mesékből vén bazár,
Lankadt fõm már le-ledobbant, mikor ím valami koppant,
Künn az ajtón mintha roppant halkan roppanna a zár.
„Vendég lesz az”, így tûnõdtem, „azért roppan künn a zár,
Az lesz, más ki lenne már?”*

*Óh, az emlék hogy szíven ver: padlómon a vak december
Éjén fantom rejtelmekkel húnyt el minden szénsugár,
És én vártam: hátha virrad s a sok vén betûvel írt lap
Bánatomra hátha írt ad, szép Lenórámmal halva bár,
Fény leánya, angyal-néven szép Lenórámmal halva bár,
S földi néven senki már.*

*S úgy tetszett: a függöny leng és bíborán bús selymû zengés
Fájó, vajú, sohse sejtett torz iszonyt suhogva jár —,
Rémült szívem izgatottan lüktetett s én csitítottam:
„Látogató lesz az ottan, azért roppan künn a zár,
Késõ vendég lesz az ottan, azért roppan künn a zár,
Az lesz, más ki lenne már?”*

*Visszatérve lelkem mersze, habozásom elmúlt persze,
S „Uram”, kezdtem, „avagy Úrnõm, megbocsátja ugyebár,
Ámde tény, hogy már ledobbant álmos fõm és Ön meg roppant
Halkan zörgött, alig koppant: alig roppant rá a zár,
Nem is hittem a fülemnek.” S ajtót tártam, nyílt a zár,
Éj volt künn, más semmi már.*

*S mély homályba elmeredtem, szívvel, mely csodákra retten,
Látást vártam, milyet gyáva földi álmom sose tár,
Ám a csend, a nagy, kegyetlen csend csak állott megszegetlen,
Nem búgott más, csak egyetlen szó: „Lenóra!”, - halk, sóvár
Hangan én búgtam: „Lenóra!” s visszhang kelt rá, halk, sovár,
Ez hangzott s más semmi már.*

*S hogy szobámba visszatértem s még tüzelt javába vérem,
Hirtelen, már hangosabban, újra zörrent némi zár,
S szóltam: „Persze, biztosan csak megzörrent a rácsosablak,
No te zaj, most rajtakaplak, híres titkod most lejár,*

*Csitt, szívem, még csak egy percig, most a nagy titok lejár,
Szél lesz az, más semmi már!”*

*Azzal ablakom kitártam s íme garral, hetyke-bátran
Roppant Holló léptetett be, mesebeli vén madár,
S rám nem is biccentve orrot, meg sem állt és fennen hordott
Csőrrel ladyt s büszke lordot mímelt s mint kit helye vár,
Ajtóm felett Pallasz szobrán megült, mint kit helye vár —,
Ült, nem is moccanva már.*

*S ahogy guggolt zordon, ében méltóságú tollmezében,
Gyászos kedvem mosolygóra váltotta a vén madár —,
S szóltam: „Bár meg vagy te nyesve, jól tudom, nem vagy te beste,
Zord Holló vagy, ős nemes te, éji part küld, vad határ,
Mondd, mily néven tisztel ott lenn a plutói, mély, vad ár?”
S szólt a Holló: Sohamár!*

*Ámultam, hogy ferde csőrén ilyen tártan, ilyen pőrén
Kél a hang, okos, komoly szó alig volt a szava bár,
Ám el az sem hallgatandó, hogy nem is volt még halandó,
Kit, hogy felnézett, az ajtó vállán így várt egy madár,
Ajtajának szobra vállán egy ilyen szörny, vagy madár,
Kinek neve: „Sohamár”.*

*S fenn a csöndes szobron ülve az a Holló egyedül e
Szót tagolta, mintha lelke ebbe volna öntve már;
Nem nyílt más ígére ajka, nem rebbent a toll se rajta,
S én szólék, alig sóhajtván. „Majd csak elmegy, messziszáll,
Mint remények, mint barátok...holnap ez is messziszáll.”
S szólt a Holló: „Soha már!”*

*Megriadtam: csendziláló replikája mily találó —,
„Úgy lesz”, szóltam, „ennyit tud csak” s kész a szó- és igetár,
Gazdájának, holmi hajszolt, bús flótásnak búra ajzott
Ajkán leste el e jajszót, mást nem is hallhatva már,
Csak remények gyászdalát, csak terhes jajt hallhatva már,
Ezt, hogy „Soha - soha már!”*

*S gyászos kedvem újra szépen felmosolygott s párnás székem
Szemközt húztam, ott, ahol várt ajtó, szobor és madár;
És a lágy bársonyra dőlten tarka eszmét sorra szöttem,
Elmerengtem, eltünődtem: mily borongó nyitra jár,
Átkos, ős, vad, furcsa Hollóm titka mily bús nyitra jár,*

Mért károgja: „Soha már!”

*Ekként ültem, szöve-fejtve bús eszméket s szót se ejtve,
Míg a madár szeme izzott, szívemig tüzelve már,
S fejtve titkot, szöve vágyat, fejem halkan hátrabágyadt,
Bársonyon keresve ágyat, mit lámpám fénykörbe zár,
S melynek bíborát, a lágyat, mit lámpám fénykörbe zár,
Ő nem nyomja —, soha már!*

*Ekkor, úgy rémlett, a légnék sűrűjén, látatlan égnek
Füstölők s a szőnyeg bolyhán angyaltánc kél s muzsikál;
„Bús szív”, búgtam, „ím, a szent Ég szállt le hozzád, égi vendég
Hoz vigaszt és önt nepenthét, felejtést ád e pohár!
Idd, óh idd a hús nepenthét, jó felejtés enyhe vár!”
S szólt a Holló: „Soha már!”*

*„Látnok!” nyögtem, „szörnyű látnok, ördög légy, madár, vagy átok!
Sátán küldött, vagy vihar vert most e puszta partra bár,
Tépetten is büszke lázban, bús varázstól leigáztan,
Itt e rémek-járta házban mondd meg, lelkem szódra vár —,
Van...van balzsam Gileádban?...mondd meg —,lelkem esdve vár...”
S szólt a Holló: „Soha már! ,,*

*„Látnok!”, búgtam, „szörnyű látnok, ördög légy, madár, vagy átok!
Hogyha istent úgy félsz mint én s van hited, mely égre száll,
Mondd meg e gyászterhes órán: messze mennyben vár-e jó rám,
Angyal-néven szép Lenórám, kit nem szennyez földi sár,
Átölel még szép Lenórám, aki csupa fénysugár?”
Szólt a Holló: „Soha már!”*

*„Ez legyen hát búcsúd!”, dörgött ajkam, „menj, madár, vagy ördög,
Menj, ahol vár vad vihar rád és plutói mély határ!
Itt egy pelyhed se maradjon, csöpp setét nyomot se hagyjon,
Torz lelked már nyugtot adjon! hagyd el szobám, rút madár!
Tépd ki csőröd a szivemből! hagyd el ajtóm, csúf madár!”
S szólt a Holló: „Soha már!”*

*S szárnyán többé toll se lendül, és csak fent ül, egyre fent ül,
Ajtóm sápadt Pallaszáról el nem űzi tél, se nyár,
Szörnyü szemmel ül a Holló, alvó démonhoz hasonló,
Míg a lámpa rájaomló fényén roppant árnya száll,
S lelkem itt e lomha árnyból, mely padlóm elöntve száll,
Fel nem röppen — soha már!*

Cf. Disponível em:

https://hu.wikisource.org/wiki/A_holl%C3%B3%28T%C3%B3th%20C3%A1rp%C3%A1d_ford%C3%A1d%C3%A1sa%29. Acesso em: 12 set. 2017.

**“HAVRAN” / “KRKAVEC”
TRADUÇÕES TCHECAS**

27 Tradução: Dostál-Lutinov

*Bylo jednou v půlnoc charou. Nad knihou jsem dumal starou,
plnou bájí dávných časů. Znaven byl jsem, sláb a chor.
Jak jsem klímal, skoro dřímал, klepání jsem jakés vnímal,
kliku světnice kdos jímal, jak by stál tam u závor.
„Jakás návštěva,“ jsem mumlal, „kdosi klepe u závor.
Jenom to — a žádný vzdor.“*

*Ano. Dobře pamatuji: V prosinci, kdy vichry dují,
na podlahu vyzařuje z kamen duši tlící bor.
Toužebně jsem čekal rána. Marně duše, utýrána,
chtěla býti uhýčkána ze svých smutků pro Lenor —
po ztracené dívce zářné, zvané anděly Lenor.
Beze jména zde ten tvor.*

*Hedvábné tu divné šusty, jimiž hnul se závoj hustý,
snuly ve mně zmatek pustý, netušených příšer chór,
takže, abych zjistil buchot svého srdce v temnu hluchot,
říkal jsem: To žádá průchod návštěvník tam u závor,
návštěva jen žádá průchod pozdní u mých u závor.
To jest to — a žádný vzdor.*

*Duch můj zas nabývá síly. Neváhaje pak ni chvíli:
„Pane,“ zavolám, „či paní, promiňte můj nepozor!
Stalo se, že jsem si zdřímнул. Než jsem spánek z očí vymnul,
tluku jsem si sotva všimnul jemného tak u závor.
Jemně tak jste zaklepali! Nuž, jen dále ve prostor!“ —
Všude tma — a nikde tvor.*

*Dlouho stál jsem, upíraje oči do nočního kraje,
žasna v hrůze, zabrán do snů, jakých nesnil člověk skor.
Nic však ticha nerozvalo, mlčení se neozvalo,
jediné jen slůvko válo, šepotané v tmu: „Lenor!“
To jsem šeptnul, ozvěna pak šeptla nazpět zas: „Lenor!“
Jenom to — a žádný tvor.*

*Vrátil jsem se do pokoje. Zahořelo srdce moje,
zase slyším zaklepání hlasitěji nežli skor.
„Jistě,“ pravím, „jistě kdosi v mřížce oken mých se hlásí,
podívám se, kdo to asi? Taj ten děsí na úmor!
Na chvílku buď, srdce, ticho! Nelekej se na úmor!*

Vítr to — a žádný tvor. “

*Prudce zdvih jsem okenice: Rozkřídlen tu do světlice
vážný, statný havran kráčí, starých bohů matador.
Beze všeho upejpání, bez úklony, bez postání,
jako lord neb velká paní sed si dveří nad otvor,
na Pallady bustu sedl, nade dvěře, nad otvor
usadil se divný tvor.*

*Ebenový pták se choval vážně tak, se naparoval,
že mi úsměv vyluzoval, trhal mého smutku flór.
„Chochol,“ dí, „máš ostríhaný, jistě nejdeš za havrany,
za chmurnými za satany, co se rodí z noci hor.
Pověz mi své lordské jméno z Plutonovy noci hor! —
„Sluji Nikdy — Nevermore.“*

*Zachvěl jsem se celý žasem nad tím zřejmým lidským hlasem,
ač mi nebyl zcela jaseň toho ptáka odhovor,
to však přiznati jsem musil, málokdo že asi zkusil,
by se nade dvěře spustil v pokoji mu taký tvor,
pták či zvíře by si sedlo nad Pallady snivý zor
s divným jménem: ‚Nevermore‘.*

*Ale havran osamělý sedí na mé sochy běli,
jedno slovo kráká smělý celou duší v jeden chór;
víc slov ani nezapípnul. Rozmach jeho křídel schlípnul,
tak jsem úsměškem jej štípnul: „Jiných přátel zmizel sbor,
prchly sny — i ty se zítra, brachu, vrátíš do svých hor!“ —
Ale pták dí: „Nevermore!“*

*Žasna, že tak trefně umí odpovídat na mé dumy,
pravím: „Patrně co mluví, naučil se tento tvor
u jakéhos nešťastníka, ježto sklála sudby dýka,
takže jeden refrén vzlyká všechněch jeho písni chór,
takže, pohřbiv naděj, říká jeden refrén na úmor:
Marný vzdor je. „Nevermore!“*

*Smuten jsem, můj starý hošku, ale smát se musím trošku,
usedám si na lenošku, k bustě, ptáku zvedám zor.
Ponořiv se do sametu, myšlenek svých pásma pletu,
badám, hádám, co as chce tu zlověstný ten starý tvor?
Co as přišerný ten zlobný, vyhublý chce říci tvor
krákoraje: „Nevermore“?*

*Tak tu sedím, badám, hádám, ani slova nevykládám
ptáku, jenž, co na dně duše spřádám, vrývá tam svůj lesklý zor.
Tak tu sedím, sním a bádám, na aksamit hlavu skládám;
na polštář svit lampy padá jako vzpomínkový flór,
v polštář sametový padá místo Ní jen smutku flór — —
Ona — nikdy! Nevermore!*

*Pak jsem cítil dým a vůně. Rostly v kaditelně lůně,
jimiž mával neviděný Serafínů letmých sbor.
„Ubožáku,“ volám křiče, „anděly Bůh seslal z výše,
dal ti pít z Nepenthy čiše zapomnění na Lenor!
Vypij čiš tu milosrdnou zapomnění na Lenor!“
Havran však: „Ne! Nevermore!“*

*„Proroku!“ dím neocháble, „věštče, ptáku, nebo d'áble!
Ať tě pokušitel náhle vrh sem nebo vichor z hor,
kdo tě zavál sem až ke mně do té nehostinné země,
kde dlím sklíčen, ne však zničen, kde jde hrůza na obzor,
rci, zda najdu v Gileadu balzám ran svých!? Jsem tak chor!“
Havran zase: „Nevermore!“*

*„Proroku!“ dím, „bouřliváku! Ať už d'áble nebo ptáku!
Při nebi, jež klene dálku, při Bohu, jež vzývá tvor,
rci mé duši, náhlé k pádu, zdali najdu v dálném Hádu,
zda tu svatou dívku najdu, zvanou anděly ‚Lenor‘,
zda tam obejmu tu zářnou, zvanou anděly ‚Lenor?‘“ —
Havran krákl: „Nevermore!“*

*„Dosti! Dost už toho slova!“ křik jsem. „Ptáku, d'áble, znova
vrať se tam, kde Plutonova říše tmí se v noci hor!
Nezanech tu pířka ani na památku svého lhaní!
Neruš mého vzpomínání! Slétni z busty za obzor!
Vyjmi zobaň z mého srdce! Klid' se dolů za obzor!“ —
Havran krákl: „Nevermore!“*

*Bez pohnutí havran sedí, tiše sedí, slova nedí,
z bledé Pallady dál hledí nade dveřmi ve prostor.
Sedí jako v hníždě svém on. Oči, jak když hledí démon.
Lampa nad ním vrhá temno jeho stín sem ve prostor,
na podlahu stín se vrhá. Zpod stínu můj duch, tak chor
nevzchopí se — nevermore!*

Cf. Disponível em: https://cs.wikisource.org/wiki/Havran_%28p%C5%99eklad_Dost%C3%A1l-Lutinov%29. Acesso em: 12 set. 2017.

“БОРОН/КРЬК” TRADUÇÃO UCRANIANA

28 Tradução: Павло Грабовський (1897)**Крук**

Вкінець змучений журбою,
Раз північною добою
Я схилився, задрімав
Над одним старинним твором,
Над забутим мислі взором,
Що велику славу мав.
Коли чую: стук роздався,
Стук роздався з двору мого...
Подорожній заблукався
Та прибивсь до двору мого,
Подорожній — більш нічого.
Близько грудня се творилось,
Кругом пільмою все крилось;
Меркло вугілля в печі.
Ждав я ранку, ждав я світу:
Ні привіту, ні одвіту;
Занудився я ждучи...
Хоча б звістка об Ленорі,
Що втекла життя земного,
Об Ленорі, ясній зорі,
Звістка з миру потайного...
Дождання — більш нічого.
Тужно вила хуртовина,
Розвівалася запина
Пурпурова на вікні,
Шамотіла, ляк будила.
Кажу вставши: що за сила?
Що за враг? Страхи дурні.
Зараз серце втихомирю:
Гість лучився — от і всього;
Кому бути в таку чквирю
За дверима дому мого?
Гість приплудний — більш нічого.
Тож лякатись задаремно.
«Вибачайте: так нечемно
Я загаявсь, бо здрімнув;
Не розчуло зразу вухо:
Тихий гук донісся глухо,

Я уваги не звернув».
Проказав та й пометнувся
Я за двері дому мого,
Пометнувся та й жахнувся:
Зирк — навколо дому мого
Ніч похмура — більш нічого.
Нігде іскра не заблисла;
Туча звисла; серце стисла
Така туга дошкульна,
Що ні одна душа в світі.
Не здолає зрозуміти, —
Тії туги світ не зна.
Враз «Ленора» віддалося —
Любе мення сонця мого...
Сам шепнув я: розляглося,
Залунало з шепту мого,
Залунало — більш нічого.
Тяжко в грудях защеміло;
Припер двері я несміло.
Знову стук, та вже чутніш.
Думка: тріснуло де-небудь,
Ворухнулося що-небудь,
Вітер б'є в шибки буйніш...
Таємниця? Ніякої...
Відки взятись, як і з чого?
Плід уяви навісної...
Годі ж, годі, кат зна чого!
Вихор знявся — більш нічого.
Пхнув вікно я: гість північний,
Крук днедавній, крук одвічний,
З-за віконниці вліта.
От влітає: постать горда,
Як буває тільки в лорда,
Не вклонився, не віта;
Махнув крильми з чуттям влади,
Махнув байдуже до всього
Він та й сів на бюст Паллади
Над дверима дому мого,
Сів поважно — більш нічого.
От діждався собі лиха...
Усміхнувся тут я стиха:
Крук у всій своїй писі!
«Твого чуба вскуб хтось зручно,

А поводишся бундючно...
 Як же звали тебе всі
 Там, у вічнім пеклі Ночі,
 Де не знають дня ніколи,
 Де тьма Ночі сліпить очі,—
 Як ти звався?» Крук поволі
 Відповів на те: «Ніколи!»
 Мов людина — от дивниця —
 Відказала мені птиця,
 Хоч без глузду, та дарма:
 Крук балака справді чудно,
 Понять віри навіть трудно,
 Непостижно для ума.
 Гей, не жди собі відради,
 Не шукай добра, відколи
 В тебе сів на бюст Паллади
 Хижий Крук, віщун недолі.
 Крук, що зветься скрізь «Ніколи».
 Вік прокракав так розлучно,
 Одногучно, але влучно,
 Мовби душу виливав,
 А сидів — не ворухнеться,
 Пером злегка не тріпнеться...
 Я тим часом міркував:
 «Згибло братство... все загине...
 Мрій розвіялось доволі...
 Так і він мене покине,
 Пурхне ранком в чисте поле...»
 Крук відрік на те: «Ніколи!»
 Запитався я тремтяче:
 «Що за назву мана кряче,
 Мов не знає інших слів?
 Десь її колишній владних,
 Бідолашний який страдник,
 У тім слові разом злив:
 Безнадійність, думи журні,
 Всі пригоди, що збороли
 Як у повідь хвилі бурні,
 Поривання, що схололи,—
 Злив, безщасний, в тім «Ніколи».
 Коло уст у мене знишка
 Знов забігала усмішка;
 Я присунувсь, я пример,

Без сил спершишсь на оксамит...
 Щось снувалось... вже й не тямить
 Голова моя тепер...
 «Крук... та що ж,— гадав я в кріслі,
 Страшний Крук, що чинить болі,
 Що труїть всі людські мислі,
 Простирає зла приполи,—
 Що ж віщує тим «Ніколи»?»
 Розв'язання ждав я марно;
 Крук мовчав, дивився хмарно,
 Грізним зором мене пік.
 На подушку в ту годину
 Зліг я — мукам нема впину...
 Не злягати вже повік
 На оксамит масаковий,
 Не злягати вже ніколи
 Моїй галоньці чудовій,—
 Жалкував я мимоволі:
 Не припасти більш ніколи.
 Хмара диму заходила,
 Заходила, мов з кадила...
 Що се? Ангел спочуття?
 «Згинь, напасна потороче!
 Сам бог визволити хоче,
 Посилає забуття.
 Швидше ж пити його буду,
 Щоб не згадувать Ленори:
 Все, що давить, скину, збуду;
 Пам'ять зітреться Ленори!..»
 Крук відрік на те: «Ніколи!»
 «Гей, прорічнику, мій жаху,
 Лихий демоне чи птаху!
 Тебе вихром принесло,
 Чи дух ночі спокусливий
 Тебе шле в наш край журливий,
 Де панують смерть та зло?
 Та скажи: чи є злік ранам
 Там, де всі по божій волі
 Всі ми будем; забуття нам
 Чи дадуть хоч ті околи?»
 Крук відрік на те: «Ніколи!»
 «Гей, прорічнику зловіщий!
 Чи ти птах, чи демон віщий,—

Богом, скритим від усіх,
 Вкупі з небом, заклинаю;
 Ти скажи: в надземнім раю,
 Межи ангелів святих,
 Чи зустрінусь я з душею
 Незабутньої Ленори,
 Чи побачусь там із нею,
 Що скрашає райські доли?»
 Крук відрік на те: «Ніколи!»
 Хто б не був ти: птах брехливий
 А чи Демон, Дух злосливий,
 Геть від мене! Геть туди,—
 Проказав я, з місця вставши.—
 Геть — де Пекло Ночі завше,
 Не вертайсь мені сюди!
 Чорніш пір'я твоя злоба,
 Твоя лжа, твоє «ніколи»;
 З мого серця вийми дзьоба;
 Щезни лютий!» Крук поволі
 Відповів на те: «Ніколи!»
 З того часу над дверима,
 Мов примара невмолима,
 Крук насуплений сидить...
 Ні спочинку, ні поради:
 Не спурхає він з Паллади,
 Сонним Демоном глядить.
 Горить світло; тремтять тіні
 Від дверей, хвилюють доли;
 Топнуть очі в тім тремтінні;
 Мре від його дух мій кволий.
 Мре — не збудиться ніколи.

Cf. Disponível em:

https://uk.wikisource.org/wiki/%D0%94%D0%BE%D0%BB%D1%8F_%28%D0%B7%D0%B1%D1%96%D1%80%D0%BA%D0%B0%29/%D0%9A%D1%80%D1%83%D0%BA. Acesso em: 12 set. 2017.

“ΓΑΡΒΑΗΪΤ”
TRADUÇÃO BÚLGARA

“ГАРВАНЪТ”

29 Tradução Búlgara

Гарванът

*В късна нощ - преди години - сам над книгите старинни,
безотраден, вниквах, жаден, в знания незнайни тук; -
скръбен, търсех без сполука мир във тайната наука -
но оборен в сънна скука, чух внезапно бавен звук.*

*А пурпурните коприни на завесите старинни
пълнеха нощта пустинна с ужаси при всеки звук.
Примълнял до изнемога, в зло предчувствие, в тревога,
аз се ободрявах строго: - "Някой гост дошъл е тук!
Туй е някой гост нечакан, закъснял без покрив тук;
някой гост - и никой друг!"*

*И дори с внезапна дързост тръгнах към вратата бързо,
като казах: "Извинете! Да! Дочух аз смътен звук; -
но унесен дремех в скука, а тъй слаб и тих бе звука,
че когато се почука, аз не се опомних тук..." -
И отворих, за да видя кой тъй късно чука тук? -
Вън бе мрак - и никой друг!*

*И в бездънний мрак загледан, трепнех вцепенен и бледен
в странни сънища, що никой смъртен не познава тук.
Но отекна в миг в простора като звук на бог от хора
глух и тъжен зов "Ленора" - от скръбта ми свят отзвук.
То бе моят зов "Ленора" - и на него чух в отзвук
само ек - и никой друг!*

*Но унесен в мисли скъпи, в стаята едва пристъпих,
чух - и този път по-силно - пак таинствения звук -
"В прозореца непрестанно удря някой клон случайно
и във тази нощ потайна ужаси вселява тук.
О, на тази страшна тайна, знам, причината е тук -
вятърът - и никой друг! "*

*През завесата пурпурна блъснах прозореца бурно
и през него в миг се втурна с горд полет и рязък звук
гарванът от мойто златно и свещено Безвъзвратно -*

*и във моята стая пуста, тъкмо над вратата тук -
върху бюста на Палада кръг изви и кацна тук
гарванът - и никой друг!*

*И стоях аз в него вгледан, а той върху бюста бледен
бе от лорд по-горд и важен, че започнах разговор:
"Нямаш ти качул разкошен, но не си страхлив, а мощен,
гост от край, де в мрак всенощем бродят Сенки странен хор.
Как те Сенките наричат в черния Плутонов хор?"
Той програкна: "Nevermore!"*

*Чух, но своя слух не вярвах и учуден, поглед впервах; -
не намирах - и пак дирех смисъл в този отговор. -
Никой смъртен - уверявам! - не е бивал посещаван
в късна полунощ от гарван, гост неканен с огнен взор;
на вратата му да кацне, да пронизва с огнен взор
и да грака: "Nevermore!"*

*Не последва грак повторно: тъй замлъкна тежко, морно,
сякаш своя дух упорно вля в тоз странен разговор.
Ала слаб да го разгатна, промълвих едва понятно:
"Той ще хвъркне безвъзвратно пак във синия простор -
както всичко - безвъзвратно! - пак далеч от моя взор!"
Грак отвърна: "Nevermore!"*

*Този отговор таинствен бе умел, но бе единствен,
сякаш го е чул от клетник, който сам и в разговор
е повтарял в скръб и горест, като припев в черна орис,
орис на беди и горест, на неволи и позор -
с укор спрямо своята орис на неволя и позор
и той беше: "Nevermore!"*

*Бях учуден, изненадан, а той все тъй горд и хладен
впил бе - строг и безпощаден - във душа ми огнен взор.
Взех кресло и седнах мрачен. И размислях озадачен
има ли, макар невзрачен, смисъл в този отговор?
Що предсказва, горд и мрачен, той в своя отговор
с туй зловещо "Nevermore!"*

*И във спомени погълнат, мислех и седях безмълвно
сам пред тоя дух прокълнат от Плутоновия хор.
Ах! - в креслото осветено нявга двама ний блажено
смеехме се оживено тук след весел разговор. -*

*Но в креслото осветено няма пак, склонила взор,
тя да седне: - "Nevermore!"*

*В миг... по меките килими сякаш стъпки чух незрими -
сякаш стъпват серафими, пратени от божий хор.
- "То в скръбта ти за Ленора бог на ангелите с хора
миг забравя ти изпраца! - викнах аз с възраждан взор. -
Пий и забрави Ленора! - Спри с надежда в бога взор!"
Грак отвърна: "Nevermore!"*

*"О! - извиках, в страх обзетан. - Птица, ил дух на Демон,
ти предсказваш! - О, кажи ми, гост, дошъл от друг простор,
в тоя дом на ад превърнат, дом от ужаса обгърнат,
дето радостта посьрна и погасна моят взор,
в Галаад утеха нявга ще ли види моят взор?"
Той предсказа: "Nevermore!"*

*От надежди изпреварван, викнах аз, готов да вярвам:
"- Предскажи, о древен Гарван - там, зад синия простор,
дето божий Рай сияе, ще ли видя и узная
взетата от бога в Рая в ангелския светъл хор,
що зовът Ленора в Рая ангелите в божий хор?" -
Той отвърна: "Nevermore!"*

*"Не! - извиках, пламнал в огън. - Този грак е твойто сбогом!
Чуй! Иди си ти отново в черния Плутонов хор!
Не оставай знак за спомен тук от теб, о вероломен!
Остави ме сам бездомен! - Махай се от моя взор!
Чуй! Изтръгвай от сърце ми своя клон и своя взор!" -
Той програкна: "Nevermore!"*

*И стои над бюста бледен, тъй зловещо в мен загледан,
сякаш Демон всепобеден влива своя огнен взор.
Бди с тържествена осанка - и над всичко хвърля сянка.
И от тази сянка, скрила и лазури, и простор -
знам - уви! - душата няма - към лазури и простор! -
пак да литне: - "Nevermore!"*

“*HRAFNINN*”
TRADUÇÃO ISLANDESA

30 Tradução: Einar Benediktsson (1892/1925)

1.

*Yfir mold sig miðnótt breiddi,
mæddur, krankur huga eg leiddi
fyrri manna forn og kynleg
fræði ýms er ræktu þeir.
Höfgi mér á hvarma þægt sé
heyrist mér þá líkt og vægt sé
drepíð högg á dyrnar, – hægt sé
drepíð léttum fingri. „Heyr.
Það er gestur,“ þuldi' eg lágt,
„við þrepskjöld dyr að knýja, heyr;
aðkomandi, ekki meir.“*

2.

*Þetta var á Ýlisóttu,
aldrei gleymi eg þeirri nóttu;
skaust um gólfið skuggi hljótt og
Skalf í glæðum arinfeyr.
Birtu þráði eg; bætur réði
bók mín engin döpru geði.
Leónóru, lífs míns gleði,
lík til grafar báru þeir.
Hún með englum ljósum lifir,
ljúfa nafnið geyma þeir,
nafn sem menn ei nefna meir.*

3.

*Skrjáfaði í skarlatstjöldum,
skulfu kögur huldum völdum;
hrolli ollu, engu sinni
áður kunnum, gnýir þeir.
Hjartslátt setti að mér illan,
og eg margtók til að stilla hann:
„Þetta er gestur. Gjörsla vill hann,
gengið sé til dyra, heyr.
Seint á ferli er þar einhver
úti fyrir dyrum, heyr.
Aðeins það og ekki meir.“*

4.

Óx mér þor, svo eg að bragði
 opnum dyrum sló og sagði:
 „Eg bið, maður eða kona,
 afsakanir mínar heyr.
 Sannlega því svo er varið,
 sofna var eg, þá var barið
 og um hurðu fingrum farið,
 furðu léttir voru þeir;
 naumast urðu högg á hurðu
 heyrð, svo léttir voru þeir.“ –
 Auðn og myrkur, ekkert meir!

5.

Undrandi með ógn í hjarta
 út ég starði í húmið svarta;
 draum þann fyrr ei dreyma þorði
 dauðlegan neinn jarðarleir.
 Ríkti þögn í rökkurtómi,
 rofin engum minnsta hljómi.
 Heiti eitt í hálfum rómi,
 hennar sem í moldum þreyr,
 nefndi eg milli næmra veggja,
 nafnið aftur kváðu þeir,
 þetta eina orð, ei meir.

6.

Ég var sestur aftur inni,
 eldur brann í sálu minni,
 er þá barið öðru sinni
 enn, og nokkuð glegggra. „Heyr,
 glugginn er það öllu heldur,
 að ég hygg sem þessu veldur;
 af því hann er illa felldur,
 ónáða mig brestir þeir.
 Sláðu, hjarta, hægt á meðan
 hygg ég að hvort smellir þeir
 eru vindþot eða meir.“

7.

Opnum þá ég hlera hrindi
 hoppar inn út næturvindi,
 aldinn hrafn en blakkir breiðir
 berja loftið vængir tveir.

*Þessi hræfugl herralegi
húsráðanda kvaddi eigi
né eitt spor hann vék úr vegi
en vatt sér upp á mynd úr leir,
sem ég átti yfir dyrum
oná Pallasmynd úr leir,
settist upp og ekki meir.*

8.

*Eg var hryggur í þann tíma
og þó lá mér við að kíma
er ég krumma kæki leit, svo
kringilegir voru þeir.
„Þótt ei hamur þinn sé fagur,
þú ert“, sagði ég, „ekki ragur.
Þaðan, forn og furðu magur
fugl, þú komst, sem ljósið deyr.
Greindu mér þitt hefðarheiti
heima þar, sem ljósið deyr.“
Innir hrafnninn: „Aldrei meir.“*

9.

*Gól mér krákur orð í eyra,
undrum sætir slíkt að heyra,
þó að lítil þýðing væri
í þessu svari: Aldrei meir.
Því menn játa, vil ég vona,
að varla maður eða kona
nokkur hafi séðan svona
sitja fugl á hvítum leir,
yfir dyrum sitja svona
svartan fugl á hvítum leir
er sig nefndi „Aldrei meir.“*

10.

*Heyrði eg orð úr hægum sessi
hann ei mæla fleiri en þessi,
eins og hefði hinsta andvarp
hrafnsins verið „Aldrei meir.“
Hljóður sat hann, hreyfðist varla –
í hljóði mæli eg þá, að kalla:
„Sá ég víkja vini alla;
vonir svíkja eins og þeir;*

Þessi fugl, hann fer á morgun
frá mér burtu eins og þeir.“
Enn kvað hrafnninn: „Aldrei meir.“

11.

Forviða eg á fuglinn horfði,
féll það svar svo vel í orði;
„Eflaust“, sagði eg, „orðaförða
á ei meiri hrævageir.
Þetta er mæðumanns af tungu
máltak lært í böli þungu,
sem þau orð í eyrum sungu,
eltu líkt og skuggar tveir,
klukkuhljómar sárra sorga,
sviknra vona skuggar tveir,
raunaorðin: Aldrei meir.,,

12.

Þótt mig harmur bitur bíti
brosandi ég stólnum ýti
út að dyrum; uppi lít ég
eira fugl á hvítum leir.
Læt mig svo í sæti detta
saman grun við grun ég flétta:
„Til hvers mundi þylja þetta
þrámalugur vængjafreyr,
hvað helst meina mun sá forni
myrki, leiði vængjafreyr
með þeim orðum: Aldrei meir?.,

13.

Leita ég að sönnum svörum,
sit og mæli ei orð af vörum;
hvarmasteinar hvassir brenna
hrafns mér innst í brjósti tveir.
Mér að silkisvæfli eg halla,
sinni þungu gátur fjalla;
geislar ljóss um flosið falla, –
frá mér liðna báru þeir
hana sem þar hvíldist fyrrum.
Hún úr kaldri dauðans eir
hverfur aftur – aldrei meir.

14.

Finnst mér þá sem ilmker andi
 angan þungri og loftið blandi.
 Segi eg hátt: „Þar svifu um gólfíð
 serafim með brugðinn geir.
 Englum með þinn herra hefur
 hingað sent þig, krummanefur.
 Fró og líkn sem frið mér gefur,
 fró og líkn mér bera þeir.
 Teyga huggun harms og gleymdu
 henni sem í moldum þreyr.“
 Innir hrafninn: „Aldrei meir.“

15.

„Spáfugl“, sagði eg, „fúli fjandi
 fugls í líki, vondi andi,
 hvort þér Satan hratt til strandar
 hingað eða næturþeyr,
 kominn ertu að auðu landi,
 ógnum fylltu, í töfrabandi;
 greið þó andsvör óhikandi
 einni spurning minni: Heyr,
 er í Gileað ennþá balsam?
 Eg bið spurning þessa heyr.“
 Innir hrafninn: „Aldrei meir.“

16.

„Spáfugl“, sagði eg, „fúli fjandi
 fugls í líki, vondi andi,
 særi eg þig við himinhátign
 hans sem djúpt við lútum tveir.
 Segðu mér hvort sorgum slegin
 sálin þessi hinum megin
 muni fá að faðma mey er
 fullsæl nú með englum þreyr,
 faðma undurfríða mey er
 fullsæl nú með englum þreyr?“
 Innir hrafninn: „Aldrei meir.“

17.

„Herm þau orð í hinsta sinni“,
 hrópa eg þá í bræði minni;
 „snúðu heim þars eilíf ýlir

*eyðinótt í veikum reyr.
 Enga fjöður eg vil finna
 enga minning lyga þinna;
 burtu! lát mig einan inni,
 ólánsblakki hrævageir.
 Tak þinn svip úr sálu minni
 og svarta mynd af hvítum leir. “
 Innir hrafnninn: „Aldrei meir. “ –*

18.

*Hrafnninn situr, hrafnninn situr,
 hljóður, kyrr og aldrei flytur,
 fyrir mínum augum er hann
 yfir hurð á bleikum leir,
 líkur allri ógn og firnum,
 illri vætt með köldum glyrnum;
 geislar á hann glitra og stirna,
 á gólfíð mynd hans bregða þeir.
 En mín sál við svarta skuggann,
 sem á gólfíð bregða þeir,
 skilur aldrei – aldrei meir!*

Cf. Disponível em: <http://bragi.info/ljod.php?ID=3639>. Acesso em: 12 set. 2017.

**“DER KRAB”
TRADUÇÃO LUXEMBURGUESA**

31 Tradução: Henry Lee Fischer (1940)

*Middernachd wars unn schaurisch,
 Isch war furschbaar mied unn traurisch
 Iwwer viel so alde Bischer
 Voll vunn gonz fergessner Lehr;
 Un ich hab so halwer g'schlummert -
 Hot's uff ä'mol so gebummert -
 So wie's macht wonn's bissel dunnert -
 Daß es rappelt on de Dheer;
 „'S isch en B'sucher,“ saach isch zu mer
 Selwert, - „Kloppt an moinre Deer -
 Des iss alles was isch heer.“*

*Un so wie ich misch erinner',
 War's so oofongs in em Winner,
 Un ä jeder gliehend Zinner
 werft soin Schadde uff em Flur;
 Unn isch hab gewinnscht 's weer moorsche,
 Awer do war nix zu boorsche
 Aus de Bischer – nix wie Sorsche -
 Sorsche for moi lieb Lenor';
 Ach, dass noch bai mer weer!
 Die Engel henn se g'nennt Lenor' -
 jetz isse nomelos fer immermehr.*

*Unn ich war so halb im Zwaifel -
 Hinner'm Vorhong hockt de Daifel,
 Unn es war mer ängscherlich,
 Schauderig unn schrecklich weh,
 Grad als wonn mit jedem Droppe
 Blut, moi Herz dhet shtärker kloppe -
 Denk isch, „do will ener shtoppe
 Iwwer Nacht – vellaischt aa zwää -
 Denk isch, Alder, du konnschd kloppe,
 Oder machscht dai's Weges geh -
 Grad so isch's unn garnix meh.*

*Awwer jetzterd faß ich's Herze -
 Denk, isch will des Ding abkerze -
 Saach isch „Alder“ oder „Aldi“*

*Isch kann des Kloppe net ferschteh.
 Awwer ich war schwer im Kopp, unn
 Wie du bischt so kumme kloppe -
 Hett mer kenne Hoor ausroppe,
 Wonn isch's so hett kenne schtoppe -
 Grad des Kloppe, unn net meh“
 Donn mach ich die Dheer uff, wait -
 Do war nix als Dunkelhaid.*

*Dief unn Dunkelhaid geguggd,
 Unn ich habb geglaabt es schpuckt;
 Gezwaifelt haww isch, halb gedräänd
 Wie isch habb's noch nie zuvor;
 Nie so schtill als wie es jetz war,
 Nie so dunkel als es jetz war,
 Un dess äänzisch Wort wu g'schwätzt war,
 War's gepischpert Wort, „Lenor““
 Hab's gepischpert un net mäi;
 Un des Echo lais, „Lenor““
 Haww isch g'heert, un des alläi.*

*Donn war's widder schdill unn schdumm,
 Doch, so g'schwindt ich dreh' misch rum,
 Haww isch's widder heere kloppe,
 Bissel lauter wie zuvor;
 Sag ich zu mer selwert, „O,
 Ebbes kloppt am Fenschter do,
 Awer halt emol bai Jo!
 Isch geh d'ra un vissidir;
 Brav, mai Herz, isch hab die Kunscht,
 Daifeldreck unn Hexeschmier“ -
 'S war de Wind unn garnix sunscht!*

*Näggschdens, mach ich uf de Laade,
 Bringd's nix, dhut's doch aa känn Schade!
 Unn zum Fenschder noi gedappt
 Kummt so'n alter schwarzer Krabb!
 Saachd kää Wort – net mol „wie geht's?“
 Net „was maggschd?“ un net „wie schtet's?“
 Gar net zaudrig und net bleed,
 Hockt sich uff moi Kammerdeer -
 Uff ä Bild, dort in de Heeh -
 Grad dort uff de Schtuwwedeer,*

Hockt de Vochel, un net meh.

*Doch, so rädselhafde Sache
henn mich halwer lache mache;
Hockt er dort als wie en Parre,
Iwwer moiner Schtuwwedeer;
Saach isch, „alter schwarzer, g'schorner,
In de alde Zait geborner -
Was wääß isch vellaischd, valorner -
'S wunnert mich so arrisch sehr,
Wer du bischt, wu kummscht du heer?
Saach mer, saach mer, wie du hääscht;
Saachd de Vochel, „Nimmermehr.“*

*Gonz erschdaunt war isch zu heere
So en Vochel mir so lehre;
Doch die Antwort in dem mään isch,
War ned graad so e große Lehr,
Unn en jeder kann's beleesche
Das noch kenner so en Seesche
Emol g'hatt hot uff soi Weesche -
So enn Vochel – so e Ehr -
Vochel oder Dier uff Bilder,
iwwer soiner Schtuwwedeer,
Mitem Nome „Nimmermehr!“*

*Hockt er awwer, dort allänisch
Saachd mer awwer, doch so wänisch
Grad ä Wort, als wonn soi Seel'
In dem Wort verboorsche weer!
Unn er saachd kä onner Wort -
Schtumm, unn schtimmlos hockt er dort;
Saach isch, „monsche Fraind sinn fort,
Unn sie kummen nimmie heer;
Unn bis Moorsche gehschd du aa,
Wie die Hoffnung unn die Ehr,“
Saachd de Vochel „Nimmermehr.“*

*Un ich hab mich frisch verwunnert
Iwwer so e dunk'li Antwort;
„Ohne Zwaifel, was er preddischd,“
Saach isch, „isch soi ganzi Lehr,
Die er vunn soim Määschder g'lernt hot,*

Den e Uuglick, v'laicht, erzernt hot -
 Valorni Frucht wu er geerndt hot,
 Bis soi Kummerlascht so schweer war,
 Un soi Trauerlied un Lehr war,
 'S melancholisch, arg unn schweer,
 Nimmermehr', ach, nimmermehr!“

Denk isch, du witt mich bedriehsche
 Mit so schwarze Vochelsliehsche;
 'S hot misch g'lächeld, unn isch hock misch
 Vor denn Vochel onn die Deer;
 Hock misch uff e Sommetkisse,
 Uff enn Schduhl – so hawwisch misse -
 Denk ich, doch, jetz will isch's wisse
 Meh vun dere Vochels-Lehr -
 Was der grimmisch, schrecklich Vochel
 Wu mer prophezait doheer,
 Määnd do mit soim „Nimmermehr.“

Wunner als un roth baizaite,
 Was des Ding meschd forbedaite,
 Wail soi helle, schwarze Aache
 Henn moi Herz gerihrt so sehr;
 Des, un meh meschd isch doch wisse
 Schwaischend hock isch uff moim Kisse -
 Allunruhisch war moi G'wisse,
 Wail die Helling schtrahlt, ung'fähr,
 Nimmer iwwer die Begleeding
 Wu so wie isch effders heer,
 Sie geruuht hot, nimmermehr.

Donn hot's g'schaint als wonn die Luft
 Schweerer weer unn sieß mit Duft;
 Unn isch heer gonz laise Trappe
 Kumme uffem Deppisch heer;
 „Uuglicksmensch!“ haww isch gekrische,
 „Faule Fisch sinn do dezwische,
 Ruh! ach Ruh!“ haww isch gekrische,
 „Unn fergess se immermehr!
 Drink, ach drink en guude Troppe,
 Unn fergess se immermehr!“
 Kraischt de Vochel „Nimmermehr!“

*Falsch Prophet, du ohne Zwaifel,
 Uuglicksvochel odder Daifel,
 Misch zu plooeche unn zu quäle -
 Wu zum Daifel kummscht du her?
 Warum dhuscht du mich besuche?
 Was hoscht du bai mir zu suche?
 Witt mich in die Hell verfluche?
 Mit doim ew'sche „nimmermehr“?
 Saach mer's, odder geh vummer -
 Odder du grigschd Hexeschmeer!
 Saachd de Vochel, „Nimmermehr!“*

*Falsch Prophet, unn alles beeses
 Was du bischt, de Daifel wees es;
 Bai demm Himmelsbloo, do owwe -
 Allem gut, un schlechts, - ich schweer -
 „Wegg mit all so Uuglicksmensche,“
 Kraisch isch - „weck mit Foorschd unn Bonge -
 Ruh! ach Ruh! - kennd mer se doch erlonge -
 Un fergess die Trauer schweer -
 Drink, ach, drink en guude Troppe,
 Unn fergess se immermehr!“
 Kraischd de Vochel, „Nimmermehr!“*

*Jetzt will isch der ebbes saache -
 „Naus mit dir du Uuglicksklaache -
 Mach disch widder z'rick in's Wedder
 Un des Hellehunde Heer;
 Loss zurick kää schwarzi Fedder -
 Liegschd als wie des Dunnerwedder -
 Fliesch zu doine falsche Gedder,
 Vunn dort iwwer moinre Deer;
 Nimm doin Schnawwel aus moim Herz -
 Isch schieß disch mit moim alde G'wehr!“
 Saachd de Vochel, „Nimmermehr!“*

*Unn der Ketzter isch net g'floche -
 Hockt als noch so schwarz dort owwe,
 Uff dem Pallasbildel dort -
 Grad dort iwwer moiner Deer;
 Unn soi schwarze Aache, sehn isch,
 Unn die Lompehelling, schtreemisch,
 Schmaißt ihrn Schadde um mic*

*h heer,
Unn moi Seel, for aus dem Schadde,
Wu so schwebt do um misch heer,
Heebt sisch nimmer, NIMMERMEHR.*

Pennsylvania German verse: an anthology of representative selections in the dialect popularly known as Pennsylvania Dutch with an introduction by Harry Hess Reichard Norristown, Pa.: Pennsylvania German society, 1940 (Pennsylvania-German Society: Proceedings and addresses 48,2) (S. 68-70). Henry Lee Fischer (Iwwersetzung): *Der Krab* uf Archive.org.

Cf. Disponível em: https://pfl.wikipedia.org/wiki/De_Krabb. Acesso em: 12 set. 2017.

**“DER RAAF”
TRADUÇÕES HOLANDESAS**

32 Tradução: John F. Malta

*In een nacht toen 't buiten woedde, en ik peinzend, mat en moede,
Nadacht over 't schoone en goede van een lang vergeten leer;
En mijn hoofd begon te knikken, hoorde ik plotseling iets tikken,
Dat mij uit mijn slaap deed schrikken. "Wie zou 't wezen in dat weer?
Een bezoeker klopt daar," dacht ik, "aan mijn kamer in dat weer;
Dat slechts is het, en niets meer."*

*Middernacht had juist geslagen, toen mij oogen scheemrend zagen,
Hoe in 't vlamvend vuur met vlagen, schimmen dwarlden heen en weer.
'k Haakte vurig naar den morgen; 'k vond geen boek dat mijne zorgen
Wegdreef. Voor mijn oog verborgen, opgevoerd naar hooger sfeer
was Lenore, schoon en stralend, opgevoerd naar hooger sfeer;
Hier, helaas! voor mij niet meer!*

*Ritslend werd als voor mijn oogen zachtjes het gordijn bewogen;
'k voelde nu mijn vrees verhoogen, nooit zoo sterk gevoeld weleer,
Dat ik sprak, om aan het beven van mijn hart wat rust te geven;
"Een bezoeker klopt daar even, die wat laat komt dezen keer,
Een of andere bezoeker, die wat laat komt dezen keer;
Dat slechts is het, en niets meer."*

*'k Voelde nu mijn moed herleven; en ik sprak van vrees ontheven:
"Zeker zult gij mij vergeven 't lange wachten in dat weer;
'k zat als sluimerend te knikken en zoo zachtjes kwaamt gij tikken,
Dat gij mij deedt wakker schrikken door uw kloppen dezen keer;
Kom dus binnen, Heer of Dame! na uw koppen dezen keer."
Duisternis! en ook niets meer.*

*Lang bleef ik in 't duister staren; doch ik kon 't mij niet verklaren.
't was mij of het droomen waren, die geen sterveling had weleer.
Niets kwam nu de stilte breken; en de stilte gaf geen teeken.
En ik kon slechts 'n woord spreken; 'k riep dan naam der dierbre weer,
'k Riep: "Lenore!" vlug gaf de echo mij het woord "Lenore!" weer,
Dat alleen, en ook niets meer.*

*'k Vloog ontsteld daarop naar binnen, als beroofd van al mijn zinnen;
Daar ging 't kloppen weer beginnen, nu wat luider dan weleer.
'k Hoorde 't vreemd getik daar buiten, duidelijk aan mijn vensterruiten.
"k Wil," zoo dacht ik, "'t raam ontsluiten en mijn hart wordt rustig weer;
Ja! ik zal 't geheim doorgronden en mijn hart wordt rustig weer.*

't Was de wind, en ook niets meer."

*"Nu een stout besluit genomen!" 't Venster oopnend zonder schromen,
Zie 'k een Raaf naar binnen komen, deftig schuddend wiek en veer;
Niet in 't minst scheen 't beest te dralen; en als kwam het mij verhalen
Van dat oord waar geesten dwalen, liet het zich toen statig neer
Boven op een beeld van Pallas, aan mijn deur zich statig neer;
Zat daar stil, en deed niets meer.*

*Hoe door smart ook neergebogen, 't vreemde van des vogels oogen
Had mij tot een lach bewogen en ik sprak toen tot hem weer:
"Vogel! met uw vreemde trekken en uw kruin met kale plekken,
Wil mij, zoo gij kunt, ontdekken of gij komt van 't schimmenheer?
En mij zeggen hoe de naam is, dien gij draagt in 't schimmenheer?"
En de Raaf zei: "Nimmermeer."*

*Vreemd klonk mij die stem in de ooren, want ik had nog nooit te voren
En zoo duidelijk kunnen hooren als die Raaf sprak dezen keer;
Ook had ik nog nooit gelezen dat 'n enkel menschlijk wezen
Soms een vogel zag als dezen, strijken op een buste neer,
Zulk een zonderlingen vogel, strijken op een buste neer,
Met den naam van: "Nimmermeer."*

*Lang bleef ik gespannen wachten en naar een verklaring trachten;
Doch het dier gaf zijn gedachten met dat 'ne woord slechts weer;
Het gaf verder taal noch teeken, had geen veer zelfs gladgestreken.
'k Ging toen tot mij zelve spreken: "Alles vlood van mij weleer;
Als het daagt vertrekt die vogel, als mijn hoop vervloog weleer."
En de Raaf zei: "Nimmermeer."*

*Schoon verrast dat woord te hooren, dat de stilte kwam verstoren,
Dacht ik: "Zoo sprak 't dier te voren, zeker bij zijn vroegren Heer,
Die, door ramp op ramp geslagen, tot hij grafwaarts werd gedragen
Altijd maar zijn leed bleef klagen met dezelfde woorden weer
En wanhopig dan herhaalde steeds diezelfde woorden weer,
Altijd klagend: 'Nimmermeer!'"*

*'t Dier, op 't beeld nog steeds gezeten, deed mij haast mijn leed vergeten;
En nu trachtend meer te weten, viel ik in mijn leustoel neer,
Liet mijn zinnen zich verdiepen, dat zij visioenen schiepen,
Die mij luid in de ooren riepen wat dat beest van 't schimmenheer,
Wat die zwarte, nare vogel uit het donkre schimmenheer
Meende met zijn "Nimmermeer."*

*'k Liet zoo mijn gedachten zweven zonder 't beest 'n woord te geven,
 Voor wiens oogen ik moest beven als ik ze aanzag telkens weer;
 En in diep gepeins verloren, dacht ik weer aan mijn Lenoren,
 Die op d'eigen stoel te voren 's avonds zat zoo meenge keer,
 Op dien stoel met zijden zitting, waar zij zat zo meengen keer,
 Rusten zal, ach! nimmermeer.*

*'t Werd toen scheemrend voor mijn oogen, alsof serafs uit den Hoogen,
 Op hun knien diep gebogen, wierook brandden God ter eer.
 'k Sprak toen: "Zij zijn mij gezonden, balsem brengend voor mijn wonden;
 'k Heb verlichting nu gevonden, eens zie ik Lenore weer;
 'k Zie, na al mijn leed en droefheid, eenmaal nog Lenore weer."
 En de Raaf zei: "Nimmermeer!"*

*'k Sprak toen: "Raadselachtig wezen, dat de toekomst mij komt lezen,
 Moet 'k hier Satans listen vreezen, of wierp u een stormvlaag neer?
 Vogel! zelf door schrik verbijsterd, in dit huis door ramp geteisterd;
 Wordt mijn hartewond bepleisterd, vindt zij nog genezing weer?
 Is er balsem voor die wonde; vindt zijn nog genezing weer?"
 En de Raaf zei: "Nimmermeer!"*

*'k Vroeg weer: " Onbegrijpelijk wezen, dat de toekomst mij komt lezen,
 Bij den Hemel onvolprezen! Bij den hoogen Hemelheer!
 Vind ik, mag ik 't nog gelooven, in het Paradijs daarboven,
 Waar geen dood haar komt ontrooven, eenmaal nog Lenore weer?
 Vind ik eenmaal daar die zaalge, dierbre maagd Lenore weer?"
 En de Raaf zei: "Nimmermeer!"*

*'k Riep toen: "'k Wil geen woord meer hooren! Vogel, die mijn rust komt
 storen,
 Keer door 't stormweer als te voren naar het donkre schimmenheer!
 Laat geen veer hier als een teeken van uw schandlijk leugenspreken,
 Dat mijn eenzaamheid kwam breken; en verlaat mij kamer weer!
 Houdt nu op mijn ziel te kwellen en verlaat mijn kamer weer!"
 En de Raaf zie: "Nimmermeer!"*

*En de vogel, nimmer wijkend en geen enkle veer verstrijkend,
 Zit nog altijd, ernstig kijkend, op het borstbeeld als weleer.
 Somschijnt hij ook te droomen; en als de avond is gekomen,
 En zijn schim wordt waargenomen bij het lamplicht telkens weer,
 Voelt mijn ziel van 't zware schijnsel, dat haar schrik geeft telkens weer,
 Zich ontslagen nimmermeer!*

De raaf

32.1 Tradução: Herman Robbers

*Eens, in somber nachtelijk' uren, mijmrend, tobbend, moe van turen
In zoo menig vreemd en zeldzaam boekdeel vol vergeten leer,
Wijl 'k al bijna slapend nikte, plotsling was 't of iemand tikte,
Met een nagel krabbend pikte op mijn kamerdeur, en wêer.
'Een bezoeker nog,' zoo bromde 'k, 'kloppend aan mijn deur, en wêer, -*

*Dat 's 't alléén - niet meer, niet méér'.
O, wat heugenis begint er! 't Was December, guur en winter,
Als een schim staat iedre sinter stervend in den haard mij voor.*

*Rustloos reikhalsde 'k naar morgen, had vergeefs gezocht te borgen
Uit lectuur respijt van zorgen, worgend zorgen om Lenoor,
Om het sterre-stralend wezen - d'eng'len heeten haar Lenoor -
Hiér voor d'eeuwigheid te loor!*

*En het vaag, droef ritslend deinen van mijn zijdene gordijnen
Rilt en kilt mij door 't gebeente met een schrik gekend nooit éér.
Zoo herhaal 'k, om 't bonzend kloppen van 't benarde hart te stoppen:
'Een bezoeker die nog op en aan mijn deur is, vragend zeer
Dringend dat 'k hem toegang toesta - láát bezoek nog, op mijn eer! -
Dat zal 't zijn - niets meer, niets méér!'*

*'t Woord werkt' op mijn geest verstalend, zoodat 'k nu niet langer dralend
Uitriep: 'k Smeek oprecht vergeving, U mevrouwe of mijnheer;*

[p. 36]

Maar van slaaprigheid ik nikte, toen gij daar zoo zachtjes tikte,

*'t Was of slechts een nagel pikte, pikte aan mijn deur, en wêer,
Zoodat nauwlijks ik u hoorde!' - 'k Open wijd de deur dit keer....
Daar was duisternis - niets meer!*

*'k Stond er, diep in 't duister lezend, mij verwonderend en vreezend,
Twijflend, droomend als geen sterv'ling dorst te droomen ooit te voor,
Maar de stilte wou niet breken, ook het duister gaf geen teeken,
't Eenig woord dat 'k hoorde spreken was 't gefluisterd woord: Lenoor.*

*Ik was 't die het uitsprak; d'echo murmelde terug: Lenoor!....
't Ging in 't ledige te loor....*

*In de kamer weer belandend - heel mijn binnenste stond brandend -
Weldra hoorde 'k wêer een tikken, ietwat luider nu dan éér.
'k Weet al,' riep ik, 'dit is in de latten van mijn raam of blinden,
'k Wil gaan zien, ik zal het vinden; dit mysterie heeft een keer!....
Laat mijn hart dan nu toch stil zijn; dit mysterie heeft een keer! -
't Is de wind - niets meer, niets méér!'*

*Open wierp ik nu de luiken, toen met fladderen en duiken
Binnenstapte 'n raaf zoo statig als in d'eeuwen van weleer;
Niet de minste buiging makend, geen moment zijn intocht stakend,
Maar alsof van hoogmoed blakend, streek hij in zijn zwarteid nêer,
Op een Pallasbuste in 't midden van de deurlijst streek hij nêer,
Greep zich vast en zát - niets meer!*

*Toen werd mijn droefgeestig wezen tot een stillen lach beleden
Door het ernstig streng decorum van dat ebbenhouten heer.
'k Zei: 'Deed men uw kruin afschaven, gij zijt niet van 't slag der slaven,*

[p. 37]

*Grimmig griez'le oude Rave, stammend van het Nachtelijk Meer!
Zeg mij hoe uw hooge naam is aan het Onderwereldsch Meer!
Sprak de Rave: 'Nimmermeer!'*

*'k Schrok verbaasd dat zulk een huiverwekkend beest sprak, klaar en
zuiver,
Schoon zijn antwoord weinig zin had, weinig duiding, beeld of leer;
Toe zal elk toch moeten geven, dat geen schepsel Gods, om 't even
Wie, ooit zitten zag en leven, boven deurlijst, balk of beer,
'n Vogel op gebeeldhouwd marmer, dat daar staat tot Pallas 'eer,
Met een naam als Nimmermeer!*

*Maar de Rave, zittend' eenzaam op die buste, ongemeenzaam,
Sprak dat enkele woord als streek er heel zijn zielsgeheim in neer.
Verder geen geluid ontruischt er aan 't gevederd dier, zoo duister,
Tot ik nauwelijks meer dan fluister: And're zijn ontvloden éér, -
Morgen zal ook hij mij laten, als mijn hoop vervloog weleer!
Sprak de vogel: 'Nimmermeer!'*

Vreemd ontsteld bij 't bruuske breken van de stilte door dit spreken:

*'Dit is zonder twijfel,' zeide 'k, 't een'ge wat hij kent, niets meer!
't Woord eens meesters, wien rampzalig 't lot vervolgde duizendmalig,
Wreed en dringend, nimmer dralig, totdat geen refrein hem meer
Overbleef voor d'eeuw'gen klaagzang van zijn hoop en van zijn deer
Dan dit ééne: Nimmermeer!*

*Maar wijl nog de Raaf mijn wezen tot een glimlach hield belezen,
Rolde 'k recht een stoel, gekussend, tot voor deur en borstbeeld neer;
Dan beproefde 'k, zinkend in den fulpen zetel, te verbinden
Beeld met beeld en zoo te vinden wat dit spooksel van weleer,
Wat dit grimmig, onheilspellend, zwarte spooksel van weleer
Wilde met zijn 'Nimmermeer!'*

[p. 38]

*Dus ik zat, verdiept in 't gissen, kon thans geen syllabe missen
Voor het beest wiens vuur'ge oogen brandden in mijn boezem neer;
Door mijn hersens 't raadsel deunde, wijl 'k mijn hoofd gemakkelijk steunde,
Op fluweelen kussens leunde, waar het lamplicht langs gleed, teer -
Violet fluweelen kussens, waar het lamplicht langs gleed, teer,
Zij, ach! rust er nimmermeer....*

*Dan, mij docht, de lucht werd dichter, wierook geurde, aldoor lichter
't Vat gezwaaid door hen wier voetstap tinkt' in 't ongeziene neer.
'Stumper,' schreeuwde 'k, 'God verwent u, door zijn engelen hij kent u
Korting toe, verlossing zendt u God van heug'nis - 't felle zeer! -
Aan Lenore.... Zwelg, o zwelg nu tooverdrank voor 't brandend geer!
Sprak de Rave: 'Nimmermeer!'*

*'Ong'luksPELLER, deernislooze, toch profheet, 't zij beest of booze,
't Zij u de Verleider leidde of stormen stortten hier ter nêr,
Gij, berooid', maar onvervaarde, op dit woest, behekst brok aarde,
Op dit huis, het schrik-omwaarde - zeg 't me, eerlijk, o, 'k bezweer
U, is er in Gilead balsem, zeg 't me, 'k smeek u, wêr en wêr!'
Sprak de Rave: 'Nimmermeer!'*

*'Ong'luksPELLER, deernislooze, toch profheet, 't zij beest of booze,
Bij den hemel die daar ombuigt, bij den God dien 'k met u eer,
Zeg me, 'k sterf van smart en vreeze, of, ten hemel opgerezen,
'k Eéns omvat 't geheiligd wezen, als Lenoer in 's hemels heer,
't Zeldzaam, sterre-stralend wezen - d' eng'len zingend haar ter eer!'
Sprak de Rave: 'Nimmermeer!'*

[p. 39]

*'t Zij van uw vertrek het sein dan,' kreet ik en sprong op in pijn dan,
 'Weg! Terug naar storm en duister van het Onderwereldsch Meer!
 Laat geen zwarte wiek als teeken, dat die leugen g'uit dorst spreken!
 'k Laat mijn eenzaamheid niet breken! Van het Pallasbeeld daar scheer
 Wég je! Uit mijn hart je snavel, uit mijn woning trek je veer!'
 Sprak de Rave: 'Nimmermeer!'*

*Nooit bewoog sindsdien die gitten gier, hij zit en blijft daar zitten
 Op het bleeke beeld van Pallas, waar zijn zwartheid eens streek neer;
 En zijn oogen zijn als 't omen van een demon in zijn droomen,
 't Lamplicht komt hem overstroomen, werpt zijn schaduw bij hem neer;
 En mijn ziel wordt uit die schaduw, donker drijvend heen en wêer,
 Uitgeheven, nimmermeer!*

Cf. Disponível em: http://www.dbnl.org/tekst/_gid001193501_01/_gid001193501_01_0035.php. Acesso em: 12 set. 2017.

**“KORPEN”
TRADUÇÃO SUECA**

33 Tradução: Viktor Rydberg

*Trött en natt jag satt och drömde vid en gammal bok, där glömde,
bakom seklers förlåt gömde tankar hägrade förbi.*

*Knappt jag börjat slumra, förrän något knackade på dörren,
något pickade på dörren, — ticketick det ljud däri.*

Upp jag blickade och sade, väckt utur mitt drömmeri:

»nå stig in! Vem söker ni?»

Aldrig går det ur mitt minne: årets sista natt var inne,

i mitt rum, som i mitt sinne, skred dess skuggors tåg förbi.

Längtande till morgonstunden, höll jag mig vid boken bunden;

ack, men djupt i hjärtegrunden, ack, som alltid, ljud däri

hennes namn som här förklungit — Leonor det klingar i

änglasfärers harmoni.

Lampan fladdrande beskiner sidenböljande gardiner,

hör, det prasslar, hör, det viner i det tunga draperi!

Och vad annat förr mig hände, aldrig sådan skräck jag kände,

aldrig hemskare sig tände flammen i min fantasi,

och jag viskar, icke hörbart, blott att varda skräcken fri:

»stig då in! Vem söker ni?»

Dock min häpnad snart sig lade, lugn jag återvunnit hade,

då jag gick till dörrn och sade: »ack förlåt mitt bryderi!

Över nyss i slummer bragta sinnen smög så sakta, sakta

eder knackning, knappt att akta, knappt att uppmärksammas bli.»

Ut jag såg i förstugången, men vad såg jag väl däri?

Endast skuggors feeri.

Ut min blick i mörkret irrar, in i nattens djup han stirrar,

och en dröm min själ förvirrar, med onämnelig magi.

Ej den djupa tystnad störes, ej en bild för ögat föres,

»Leonor!» det viska hördes... O, vad smärta ljud däri!

Vilka äro de som växla detta kvävda hjärteskri?

Jag och eko, endast vi.

*Dörren knappt jag stänga hinner, knappt min bok jag återfinner,
och det knackar. Pulsen brinner... är det, är det trolleri?*

Hastigt rinner mig i hågen: å, det är på fönsterbågen!

Still, I tankar, I som frågen, vad av detta månde bli,

still, mitt hjärta, tills jag funnit, att det mystiska häri

var — en vind som flög förbi!

*Ha, då fönstret upp jag kastar, in en korp i rummet hastar —
Ståtlig fågel! Mystisk uppsyn! Sekler skönjas ju däri.
Ingen hälsning han mig bringar, då han straxt på svarta vingar
upp på dörrens karm sig svingar och slår ned så trygg och fri
på en Pallasbyst å karmen, fullt så hemmastadd och fri
som i skogens sceneri.*

*Vad? Jag tror att hans besatta uppsyn lockar mig att skratta.
Visdomsdryg syns han sig skatta. Läk då min melankoli!
Sändebud från nattens länder, dit du kanske återvänder,
gamle korp från Stygens stränder, säg, då du min gäst vill bli,
säg ditt namn i underjorden, säg, hur nämnes du däri?
Korpen svarade: Förbi.*

*Underligt jag fann det vara, att en fågel så kan svara;
fast hans svar var ett ord bara och med föga mening i,
ty bland alla mänskösöner vem har rönt vad här jag röner,
att en kolsvart fågel kröner dörrens karm så trygg och fri,
sitter på en bild av Pallas, som i skogen trygg och fri,
kallande sig själv Förbi?*

*Korpen, som allt jämt vill tjäna till en hjälmkam åt Athena,
sade detta ord allena; han har tömt sin själ däri.
Ej den djupa tystnad stör han, ingen enda fjäder rör han. —
»Hopp och vänner flugit från mig; snart väl skiljas även vi,»
så jag sade: »när är stunden, då vi skiljas även vi?»
Korpen sade då: förbi.*

*Att en fågel så kan svara, hör ju till det underbara;
dock, han säger ett ord bara, som han kanske övats i
av en skald, vars hårda öde, förrn han lades till de döde,
ville, att hans strängar ljöde till det enda ord: förbi —
att hans sång, den Brustna, ljöde i ett enda hjärteskri:
förbi, förbi!*

*Mitt för dörr och korp jag rycker soffan fram, ty, som jag tycker,
bör han lyss till mina nycker, mildra min melankoli,
och på soffans sammet sänker jag mig ned och eftertänker,
vad i fågelns ögon blänker, vad det är för trolleri
i hans dystra Hadesskepnad, vad det är för mening i
detta hesa rop: förbi.*

Så jag länge överväger, ej ett enda ord jag säger,
 korpen stirrar — hu, han äger i sin blick en hemsk magi!
 Tankfull lutar jag mitt sjuka huvud mot det sammetsmjuka
 hyende, vars purpur lampan sprider skiftningar uti.
 Ack, den tid, då henns huvud lutade i svärmeri
 mot dess purpur, är förbi!

O, igenom rummet simma ambraskyar som en dimma!
 Lyss, jag tycker mig förnimma änglars tysta steg däri.
 Fören I från Gud en hälsning, kommen I med hopp och frälsning,
 frälsning, ack, från hennes minne, som min ande fångslats i?
 O, är ögonblicket inne, då min själ kan varda fri? —
 Korpen ropade: förbi!

Du profet och leviatan, kanske fågel, kanske satan,
 slungad hit av mänskohatarn eller stormens raseri,
 säg min arma själ, som lider, som besegrad ännu strider,
 i vars spår förtvivlan skrider — säg vad änden måne bli!
 Finns i Gilead ännu balsam, finns ett hopp att varda fri?
 Korpen svarade: förbi!

Du profet och leviatan, kanske fågel, kanske satan,
 säg, du bud från mänskohatarn, vid den Gud vi leva i,
 väntar ingenstädes freden? Förer ej den tunga leden
 till ett fjärran saligt Eden, där jag åter slutes i
 hennes famn, vars namn nu klingar ljuvt i himmelsk harmoni?
 Korpen svarade: förbi!

Bort från mig, demoners like! Till ditt dystra avgrundsrike
 hän i storm och natt du vike! Höj du där ditt hessa skri!
 Lämna ej ett dun till minne av det ord, som kvalt mitt sinne!
 Är ej ögonblicket inne, att du lämnar dörren fri,
 fritt mitt hjärta, som du borrar djupt din rovdjursnäbb uti?
 Korpen svarade: förbi!

Vingen ej han röra gitter; — kvar sen åratat han sitter,
 och hans drömblicks hemiska glitter stirrar jämt med häxeri.
 Skimrar lampan, skiner månen in på mig och Hadessonen,
 ser jag honom, korp demonen, skugga golv och draperi.
 O, den svarta, svarta skuggan dväljes jämt min själ ini,
 suckande: förbi, förbi!

Cf. Disponível em: https://sv.wikisource.org/wiki/Korpen_%28Poe%29. Acesso em: 12 set. 2017.

“KORPPI” TRADUÇÃO FINLANDESA

34 Tradução: Valter Juva (1926)

*Murhein istuin puoliyöhön, jääden kirjain ääreen työhön,
muinaisajan unhotettuun salaistietoin harkintaan.*

*Pääni kun jo painui melkein, kuului takaa oven telkein
nakutus, mi oudoin elkein tikutteli hiljaa vaan.*

»Joku vieras siellä», mietin, »nakuttelee sisään vaan.

– Muuta ei se olekaan».

*Menneet oli, tuskaa tuoden, viime hetket vanhan vuoden,
hiillos vielä lekkui, luoden virvakuvat lattiaan.*

*Istuin kiusaantunein aivoin, turhaan kirjojani kaivoin,
murhein muistin, sielun vaivoin, mennyttä Lenoora vaan,
sähköyvä, mi taivahissa Lenoorana tunnetaan,*

mut on täällä nimi vaan.

*Hiljaa heilui silkkikaihdin, kahinat ja kuiskeet aihdin, –
mieli salaa tunsi kammon, jot' ei ennen konsanaan.*

Viihtäin sykähdyistä somaa, vakuuttaa koin alinomaa:

*»Vieras, joll' ei suojaa omaa, pyrkii siellä sisään vaan,
joku myöhästynyt vieras pyrkii siellä sisään vaan.*

Muuta, vai, se oisikaan?»

Päättävästi, ilman muuta lähestyin mä oven suuta:

»Herra, taikka rouva», lausuin, »mieleni on pahoillaan;

mutta uinahtaa ma taisin, – ehkä sisään pyytää saisin;

en mä ensin kuullut laisin, – nakutettiin hiljaa vaan,

tuskin nakutuksen kuulin»; – selälleen jo oven saan:

yö se vain loi varjojaan.

*Katsoin yöhön hämmästyksin, haavein seisomaan jäin yksin,
toivon, pelon värähdyksin heityin hurjaan unelmaan.*

Syvä hiljaisuus ei laannut, merkkiä en yöstä saanut:

»Pois», ma mietin, »varjoo taannut», – ja »Lenoora?» äänsin vaan,

äänsin nimen tuon, ja kaiku soi, »Lenoora!» hiljaa vaan;

muuta en mä kuullutkaan.

*Huoneeseen ma hoippuin kuljin, kiihtyneenä oven suljin;
taas jo siinä nakutettiin, vielä melkein lujempaan.*

»Varmaan», sanoin, »joku tuolla ikkunan on ulkopuolla;

katsotaan, – vois viluun kuolla! – selon tästä kyllä saan!

Hetkeks, sydän parka, tyynny! – selon tästä kyllä saan:

Varmaan se on tuuli vaan!»

*Lasin auki revin riuhtoin; – sisään, siipiänsä viuhtoin,
mahtavana korppi lensi ikäkaudet harteillaan.*

Minuun tuskin katsoi kohti, liikkeitään se tyynnä johti,

kuin ois herra, joka tohti, suoraan oven kamanaan;

*Pallaan kuvapatsaan päälle leijas oven kamanaan,
kääntyi päin, – jäi istumaan.*

*Lintu siin' ei hievahdakaan; vaikka tunsin tuskan vakaan,
niin tuo arvokkuus ja pöyhkeys sai mun ääneen nauramaan:*

*»Kävit mustatakkein pukuun, mut et pääse pyhään lukuun;
vanha korppi, hornan sukuun kyllä kuulut öisen maan! –
Saisko nimes ehkä tietää, julma aave öisen maan?» –*

Korppi huus: »Ei milloinkaan.»

*Oudoltahan lintu näytti, joka noin vaan kieltään käytti,
joskin lie sen puheess' ollut sisällystä vähän vaan;
sillä siit' ei pääse arvoin, jotta kuolevaisen karvoin
vastaanotat linnun harvoin oves päälle istumaan,
Pallaan kypärälle linnun, joka väittää tolkussaan
nimekseen: »Ei milloinkaan.»*

*Korppi istui arvokkaasti, patsaaltaan se tuon vain haasti,
vain tuon lauseen, kuin ois siihen tyhjentänyt sieluaan.
Hiljaisuus tuo painostusta, – liikukaan ei lintu musta, –
en voi estää huokausta: »Veikot meni menojaan;
pian tuokin lähtee, niinkuin toivo meni menojaan! –*

Lintu huus: »Ei milloinkaan.»

*Vastaus, soiden puhein selkein, sai mun äimistymään melkein,
mut jo mietin: »yhteen sanaan supistuu sen tiedot vaan;
herra sillä ollut lie nyt, jolt' on onni kaikki vienyt,
jok' on elon tuskat tiennyt, kunnes huutoon ainoaan
puhkes toivo mennyt, puhkes vaivat, pettymykset maan,
– huutohon: 'Ei milloinkaan'».*

*Kesken tuskaa tavantakaa hymyyn sai mun korppi vakaa,
siirryin sohvaani ja istuin vaiti sitä tarkkaamaan.
Patjain kirjosiikkiin vaipuin, haaveihin ja suruun taipuin,
mietin unelmin ja kaipuin, mikä ennen olikaan
tulo linnun aavemaisen, mikä mieli olikaan*

huudon tuon: »Ei milloinkaan.»

*Istuin, tehden arveluita, sanaakaan en haastaa suita,
korpin tuiottavat silmät tunki sydänsopukkaan,
Seikkoja vain mietin noita, päätäni en nostaa koita,
painoin patjain purppuroita, lamppu kun loi valoaan;
oi, ei näitä purppuroita, kun luo lamppu valoaan,
hän nyt paina milloinkaan!*

*Ilma tahmenevan näyttää, ambratuoksut huoneen täyttää,
on kuin jalat enkeleiden helkkyis kivilattiaan.*

*»Oi», ma huusin, »sieluus soivat taivaanviestit, jotka voivat
sulle tuoda rauhan hoivat, – jätä lempes unhoon vaan!»*

Hengitä, saa sielus hoivat, – jää Lenoora unhoon vaan!»

Korppi huus: »Ei milloinkaan».

*»Profeetta sa hurjamainen! – lintu, taikka paholainen! –
lienet Kiusaaja, tai lienet säiltä tullut suojustaan:
– Kaikki multa alas raasta! – pois saat lumeet riistää maasta,
pois tän kauhuin kodin laasta, – mutta suo mun tietää vaan,
eikö balsamia löydy, – saako hoivaa teillä maan?»*

Korppi huus: »Ei milloinkaan.»

*»Profeetta sa hurjamainen! – lintu, taikka paholainen!
kautta taivaan, kautta Luojan, vannotan sua sanomaan:
Jälkeen elontieni karmaan, sielu Eedenissä varmaan
vielä kohdanee tuon armaan, mi Lenooraks mainitaan.
immen säihkyvän ja armaan, mi Lenooraks mainitaan?» –*

Korppi huus: »Ei milloinkaan.»

*»Pois, sa hornanviesti uusin, lintu, paholainen!» huusin,
»ulos myrskyyn jälleen lähde, öiseen maahas kamalaan!
Ei saa höyhen jäädä tuonne, – pois sun valhees joka juonne!
Jätä rauhaan tämä huone! – patsaan päältä pois nyt vaan!
Et saa sydäntäni raastaa, – ulos ikkunasta vaan! –*

Korppi huus: »Ei milloinkaan.»

*Liikkumatta korppi siellä yhä vielä, – aina vielä, –
Pallaan valjun kuvan päällä istuu tyynnä paikallaan.
Aavemaisen kiillon luovat korpin silmät pahansuovat,
kun lyö lampun valojuovat linnun varjon lattiaan.
Ja mun sieluni, min varjo lannistaa on lattiaan,
ei voi nousta – milloinkaan.*

Lähde: Juva, Valter 1926 [1916]: *Sata runoa: valikoituja maailmankirjallisuudesta*. Werner Söderström Osakeyhtiö, Porvoo.

Cf. Disponivel em: <https://fi.wikisource.org/wiki/Korppi>. Acesso em: 12 set. 2017.

**“CORVUS”
TRADUÇÃO EM LATIM**

Edgar Allan Poe
CORVUS

LEWIS LUDOVICUS GIDLEY convertit ex anglico, septenario trochaico
plerumque usus.

35 Tradução: Lewis Ludovicus Gidley *et al.* (1863/1866)

Corvus

*ALTA nox erat; sedebam tædio fessus gravi,
Nescio quid exoletæ perlegens scientiæ,
Cum velut pulsantis ortus est sonus meas fores—
Languido pulsantis ictu cubiculi clausas fores:
“En, amicus visitum me serius,” dixi, “venit—^{III}
Inde fit sonus;—quid amplius?”*

*Ah! recordor quod Decembris esset hora nubili,
In pariete quod favillæ fingerent imagines.
Crastinum diem petebam; nil erat solaminis,
Nil levaminis legendo consequi curæ meæ:—
De Leonina dolebam, cælites quam nominant—
Nos non nominamus amplius.*

*Mæstus aulæi susurros purpurati, et serici,
Horruï vana nec ante cognita formidine;
Propter hoc, cor palpitans ut sisterem, jam dictitans
Constiti, “Meus sodalis astat ad fores meas,
Me meus sero sodalis hic adest efflagitans;
Inde fit sonus;—quid amplius?”*

*Mente mox corroborata, desinens vanum metum,
“Quisquis es, tu parce,” dixi “negligentiæ meæ;
Me levis somnus tenebat, et quantis tam lenibus
Ictibus fores meas, ut irritum sonum excites,
Quem mea vix consequerbar aure”—tunc pandi fores:—
Illic nox erat;—nil amplius.*

*Has tenebras intuebar tum stupens mentu diu,
Hæsitans, et mente fingens quodlibet miraculum;
At tacebat omne limen ferreo silentio,
Et, “Leonina!” inde nomen editum solum fuit;
Ipse dixeram hoc, et echo reddidit loquax idem;—
Hæc vox edita est;—nil amplius.*

*In cubiculum mox regressus, concitis præcordiis,
Admodum paulo acriorem rursus ictum exaudio.
“Quicquid est, certe fenestras concutit,” dixi, “meas;*

*Eja, prodest experiri quid sit hoc mysterium—
Cor parumper conquiesce, donec hoc percepero;—
Flatus hic strepit;—nil amplius.”*

*Tunc repagulis remotis, huc et huc, en, cursitans,
Et micans alis, verenda forma, corvus insilit.
Blandiens haud commoratus, quam celerrime viam
Fecit et gravis, superbus, constitit super fores—
In caput divæ Minervæ collocans se sculptile
Sedit, motus haud dein amplius.*

*Nonnihil deliniebat cor meum iste ales niger,
Fronte, ceu Catoniana tetrica me contuens:
“Tu, licet sis capite lævi, tamen es acer, impiger,
Tam verendus,” inquam “et ater, noctis e plaga vagans—
Dic, amabo, qui vocaris nocte sub Plutonia?”
Corvus rettulit, “Non amplius.”*

*Ales iste luculenter eloquens me perculit,
Ipsa quamvis indicaret pæne nil responsio;
Namque nobis confitendum est nemini mortalium
Copiam datam videndi quadrupedem unquam aut alitem,
Qui super fores sederet sculptilem premens Deam,
Dictus nomine hoc, “Non amplius.”*

*At sedens super decorum solus ales id caput,
Verba tamquam mente tota dixit hæc tantummodo.
Deinde pressis mansit alis, postea nil proferens,
Donec ægre murmurârim, “Cæteri me negligunt—
Deseret me cras volucris, spes ut ante destitit.”
Corvus tunc refert, “Non amplius.”*

*Me statim commovit apta, quam dedit, responsio:
“Ista,” dixi, “sola vox est huic opes, peculium,
Quam miser præcepit actus casibus crebris herus
Ingruentibus maligne, donec ingemisceret,
Hanc querulam, destitutus spe, redintegrans diu,
Vocem lugubrem, ‘Non amplius.’”*

*Mox, nam adhuc deliniebat cor meum iste ales niger,
Culcitis stratum sedile colloco adversus fores;
Hac cubans in sede molli mente cogito mea,
Multa fingens continenter, quid voluerit alitis*

*Tam sinistri, tam tigrantis, tam macri, tam tetrici,
Ista rauca vox, "Non amplius."*

*Augurans hoc considebam, proferens vocis nihil
Ad volucrem, jam intuentem pupulis me flammeis;
Augurans hęc plus sedebam, segniter fulso meo
Capite culcita decora, luce lampadis lita,
Quam premet puella mollem, luce lampadis litam,
Illa lux mea, ah! non amplius.*

*Visus aer thureis tunc fumigari odoribus,
Quos ferebant Dę prementes pede tapeta tinnulo.
"En, miser," dixi, "ministrant—Dę tibi nunc exhibent
Otium multum dolenti de Leonina tua!
Eja, nepenthes potitor, combibens oblivia!"
Corvus rettulit, "Non amplius."*

*"Tu, sacer propheta," dixi, "sis licet dęmon atrox!—
Tartarus seu te profundus, seu procella huc egerit,
Tu, peregrinans, et audax, hanc malam visens domum,
Quam colit ferox Erinnys—dic mihi, dic, obsecro,
Num levamen sit doloris, quem gero—dic, obsecro!"
Corvus rettulit, "Non amplius."*

*"Tu, sacer propheta," dixi, "sis licet dęmon atrox!—
Obsecro deos per illos queis uterque cedimus—
Dic dolenti, num remotis in locis olim Elysę
Sim potiturus puella numini carissima,
Num leoninam videbo, cęlites quam nominant."
Corvus rettulit, "Non amplius."*

*"Ista tempus emigrandi vox notet," dixi fremens—
"Repete nimbium, repete noctis, tu, plagam Plutonium!
Nulla sit relicta testans pluma commentum nigra!
Mitte miserum persequi me! linque Palladis caput!
E meo tu corde rostrum, postibus formam eripe!"
Corvus rettulit, "Non amplius."*

*Et sedens pennis quietis usquem corvus, indies,
Sculptilis premit Minervę desuper pallens caput;
Similis oculos molienti luctuosa dęmoni:
Sub lychno nigrat tapetes fluctuans umbra alitis;
Et mihi mentem levandi subrutam hac umbra meam*

Facta copia est—non amplius!

L.G.

Alternate Readings

1.

Visitum is not a good Latin word. Doubtless for this reason, a previous owner of the copy I used wrote his own suggestion in pencil beneath the line: "Me meus," inquam, "sodalis serius visum adest", which is better Latin, but does not scan. In private correspondence, Dr. James McKeown of the University of Wisconsin-Madison has suggested a better emendation: "Me meus," dixi, "sodalis serius visum venit."

Cf. Disponível em: <https://la.wikisource.org/wiki/Corvus>. Acesso em: 12 set. 2017.

העורב
TRADUÇÃO HEBRAICA

36 Tradução: Ze'ev Jabotinsky (1914/1923/1924)

העורב

פו אלן אדגרמאת:

תרגום: זאב ז'בוטינסקי

הצער-שבור, עת אני, פחצות ליל קר וסער,
ויער-בספרי חכמה נשפחת הסתפלותי נים
— קל כדפק יד נחשלת, בא קשקוש סתום בדלת
יד שואלת מחסה ליל או גר — יד חוששת
— זר או גר, זה אורח" — כה לחשתי — "זה אורח"
"לא יותר, זה אורח".

— בתחרף מיב-סופת — עצבת-ליל: זכורני
גוססה באור חור, נעצבת, אש פירים
הבל-לא הועילו ספרי — אין קץ לחבל, סוף-ליל אין
— את הצער הבוער — השכיחני את האבל
— את לנורה שנמוגה כהמג תלום עובר
— ולא יותר, פתלום.

— נחש-הגו, לונות הומים ברחש צקו לחשוני
ארגמן יריע משי נף אימטה בהסתר.
אל עצמי בקול בוטח, להרגיע לב קודח
— לילה מאחר-הלך, זה אורח": שוב אמרתי
— זר בנשף מאח, גר אקד תועה בדרך
— "זה ולא יותר, זהו".

שב לבי להרגע, נח לרוח היגע,
לא יכלתי לברר — נא — הו' סלח": וקראתי
יד קלה דופקת או רצפת חדרי שונקת, מה זה
— "פי נרדמתי לי בשקט תרדמה בין נים וער
:חתי את הדלת בעודני מדברופת
— ולא יותר — אפלה.

— ונהרתי, ונהרשתי, ובתהם רבה סקרתי
חלד מעולם עוד לא הרהר-הרהורים שפה בן
; ולא נעורה — דמיה; ולא נאורה — אפלה
את שלות הליל נקר "רהלנו" ופתאם השם
— הד באפל התנער: את השם אני לחשתי
— לא יותר, הד באפל.

— להבת-ולבבי אפל, ותרתי דם לשבת
אך כעת מצד אחר, ופתאם שנה הדפק
— ריס פתוחנה הרוח מנדנדת: אז אמרתי

סוד הפֶּשֶׁף מתְבַרֵר: על הקיר מקיש הלוח
 – והפֶּשֶׁף יתְבַרֵר, חלונֵי אַפְתַּח אֲבִיטָה
 "לא יותר, זה הרוח".

תְּפֹאֶרֶת-וּגְדֹל – הִרְיֵמְתִי אֶת מְסַגֵּרַת הַחֲלוֹן
 קוֹדֶרֶקָא גְבֵהָ וְ – בָּא עוֹרֵב יִשִּׁישׁ כְּנִצָּח
 בְּקֶדְדָה לֹא בְרִכְנֵי, בָּא יְהִיר כְּלוֹרֵד בְּרִיטְנֵי
 – הֵנֶר-לְתַבְנִית תַּחַת, זְכוּרְנֵי, וְהַמְרִיא לוֹ
 – לְתַבְנִית שֶׁל רֹאשׁ אֲתוֹנָה עַל קִירֵי בְּאוֹר הֵנֶר
 וְלֹא יוֹתֵר – שְׁמָה נַח.

– חֲקִמְתִּי בְּעֵינַיִם בּוֹ דְּבַקְתִּי וּמִתּוֹךְ עֲצָבֵי שִׁי
 עַל גְּאוֹת פְּנֵי שִׁחְקִתִּי וְהִתְלַתִּי בּוֹ לֵאמֹר
 פֶּחַד-אֵךְ לְבוֹ הוּא לֵב אֵל, כְּרַבְּלָתוֹ מְקַצֵּת נְקֻרַחַת"
 !אֵלּוּפֵי מַעֲמֵק שִׁחַת בּוֹ הַלִּיל שְׁלֵיט יִשָּׁר
 "בְּאֵפֶל גֵּיא עֶכוֹר, שָׁם, תִּפְת־מָה שְׁמָה בֵּין שְׁרֵי
 "דוֹר-אֵין-אֵל עַד": וַיִּקְרָא

וְתַמּוּהָ לוֹ תְּמַהֲתִי, בְּרוֹר שְׁמַעְתִּי – כִּהָ אָמַר
 :לֹא יִכְלַתִּי עוֹד לְפַתֵּר – כִּי טַעַם לֹא הִבְנֵתִי – אִם
 ?מְעוֹנָה-טָרֶף תּוֹךְ-מִי שְׁמַע כִּי בּוֹא תְּבַאֲנָה כְּנִפֵי
 – וּרְחֹזָה צַפ, כִּהָ בְּלִיל, מִי עַל סְמָל רֹאשׁ אֲתוֹנָה
 שְׁחוֹר, קְדַמוֹן, מְרֹאֶה-עֵז, קוֹדֶר כַּחֲשֶׁךְ, עוֹף מוֹזָר
 ?"דוֹר-אֵין-אֵל עַד" וַיִּנְקְרָא

– וְאַחֲרַת לֹא הִבִּיעַ, לֹא רֹאשׁ הִנִּיעַ, אֵךְ לֹא זָע
 כִּי אוֹלֵי בִזְאֵת לִבְהוֹ נִשְׁתַּפֵּךְ עַד הַמְקוֹר
 ?לְמָה בָּאֵת": וַיִּלְחַשְׁתִּי – נַח קְפוּא עַל הָאֲנִדְרָטָא
 – צָרְתָה עוֹף תְּעוֹף אֵל אוֹר וּדְרוֹר-כִּי מְחַר מִבֵּית
 "נוֹס תְּנוֹס אֵל אוֹר וּדְרוֹר, כְּפֹאֵחַ וְרַע, כְּתַקּוּוֹת
 "דוֹר-אֵין-אֵל עַד" הוּא קָרָא

– טַעַם-כִּי הַפַּעַם בָּא אֲמַרְהוֹ אָמַר – גִּזְדַּעְזַעְתִּי
 – הָ בֵּיּוֹם מְצוֹרֵבֶעֱלִיךְ לְמֹד": וַאֲמַרְתִּי
 ,מְעַנָּה יְגוֹן וְשֶׁכֶר, אֵיזָה דָךְ נוֹאֵשׁ מְסַכֵּר
 – שְׁצֻמָּא שְׁלוֹת הַקֶּבֶר וּפְרֵשׁ מְגִיל וְאוֹר
 עַד הָיוּ לוֹ לְמִזְמוֹר, שְׁחַדֵּל שִׁירֵי תוֹחֵלֶת
 "דוֹר-אֵין-אֵל עַד" הַמְלִים

שִׁחְקִתִּי בְּעֵינַיִם בּוֹ דְּבַקְתִּי וּמִתּוֹךְ עֲצָבֵי
 ,וְכִסָּא סְגַל כּוֹנְנֵתִי מוֹל הֵנֶר וְהַצְּפוֹר
 ,לְקַטִּיפַת כְּרִיו לְנוֹחַ, רוּחַ-גְּלָאָה, וְנִשְׁעַנְתִּי
 – צֻמָּא לְפַתֵּר, וְהוֹסַפְתִּי דָם לְשׁוֹחַ עִם נַפְשִׁי

מה נבא לי האורח המוזר והשחור
 "דור-אין-אל עד" בקריאת?

דם בזיו עיניו סקרתי, דם חקרתי והרהרתי
 נפש חדרני עד לבעור-מבטו לעמקי
 ...דמיונות ללא הגיע... חזיונות ללא הביע
 — אור-על פסאי לאט הרתיע גר השמן גלי
 אור-י הסגל בגליאותה על פר המש, הוי
 ...דור-אין-אל עד — לא אראה

הד פנפי אראל פורח? הקטרות ריח? מה זה! הס
 !נהור-אם עיני סגי, רחשן אזני מרגשת
 זה צירו מביא לי הנה — לא נדני אל עדנה "
 — כי ארוה ובל אזכר, נא-תן, נא-תן — כוס מרגע
 " !תן לשכוח ולשפר — תן למחות זכרון לנורה
 "דור-אין-אל עד" סח העוף

!כנביא עונה לי אתה, מטה-של-כנף או שר-עוף!
 — ,אם סופה או צר שחור, מי שקהטילך-ויהי
 לנתי שפר ממנה — כן נדחת הנה -על-כי
 :אמר, בי — ,צלמות-ויכסנה ליל, גיל ואשר
 "המר-האמצא את הר? ה:פרח צרי הישע
 "דור-אין-אל עד": ויקרא

!נתת מעני נביא, מטה-של-כנף או שר-עוף!
 ,נא ללבי רווי ממרוך-והודע, נא חנני
 המסתורה, יעדן-אם מקבר אעברה אל גן
 — אור-עלמת, אלמות-בת, בו תופיע לי לנורה
 "אור-אם אראנה ברקיע מזהירה בגור
 "דור-אין-אל עד": ויקרא

— ,וקמתי, רעמתי בחרון אפי " !שטן, א ולרצ"
 !שם יאה לה מדור —שוב לתפת, שוב לסער"
 !אות לשקר זו נבאת —אל תשאיר נוצה שמתה
 — אל ביתי פרצת פתע והבאת בו מגור
 " !ירי בדמי ודרורעזבני ע, צא, אל תפריע
 "דור-אין-אל עד": ויקרא

לא יזוע, לא ינוע —נשאר נטוע, ונשא
 ;לא יסור מראש אתונה ולנצח לא ימור
 ,ומבט עיניו מביע חלומות שטן מריע
 ;שחור והגר אותו מגיה ומרתיע צל
 ונפשי לאור וחפש מהכתם השחור
 !דור-אין-אל עד —לא תקום

Autores

Helciclever Barros da Silva Vitoriano

Doutorando e Mestre em Literatura e Práticas Sociais (UnB). Pesquisador do Inep. Membro do Grupo de Pesquisa em Dramaturgia e Cinema, da UNESP (Araraquara) e do Grupo de Pesquisa LIAME - Literatura, Artes e Mídias, da Universidade de Brasília. Este trabalho dialoga profundamente com a tese de doutoramento em fase final de escrita e que discute a influência decisiva do poema “The Raven” para o desenvolvimento das artes midiáticas e para os intercâmbios formais e estéticos promovidos no diálogo intermidiático, especialmente na linguagem cinematográfica. E-mail: helciclever@gmail.com.

André Luís Gomes

Doutor em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo (USP) e Professor Adjunto da Universidade de Brasília (UnB). Membro dos Grupos de Pesquisas em Dramaturgia e Cinema, da UNESP (Araraquara) e Coordenador do Grupo de Pesquisa LIAME - Literatura, Artes e Mídias, da Universidade de Brasília. E-mail: andrelg.unb@gmail.com.

Sidelmar Alves da Silva Kunz

Doutorando em Educação e Mestre em Geografia pela Universidade de Brasília (UnB). Pesquisador do INEP. Membro dos seguintes Grupos de Pesquisa: Nepet/UnB; Gepat/UnB; Nepie/UFG; Financiamento da Educação Básica/UCB E-mail: sidel.gea@gmail.com.

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-923905-0-1

